

Anexo 19

Entrevista Luís Costa

Ex-padre timorense, Luís Costa esteve a viver nas chamadas “zonas libertadas” e fugiu para as montanhas com os guerrilheiros quando as Forças indonésias chegaram à região onde se encontrava. Aí será assistente do comissariado da FRETILIN fazendo trabalho político junto da população. Depois de se render em 1979, vai leccionar no Externato de S. José e integra uma equipa de padres que vai traduzir para tetum o missal romano, o ordinário da missa e os rituais do baptismo, casamento e funeral. É irmão do padre José António da Costa que foi vigário-geral de D. Carlos Ximenes Belo.

A entrevista realizou-se em quatro partes, em Lisboa, nos dias 13 e 20 de Dezembro de 2014 e 24 e 31 de Janeiro de 2015.

Nota: Entrevista de 4 horas, gravada parcialmente em audio. A primeira parte da entrevista não foi gravada. Esta parte é reproduzida a partir de notas tiradas

I parte

Data: 13/12/2014

Pergunta: Há quanto tempo está em Portugal?

Resposta: Há 30 anos.

P: Qual foi o seu percurso para chegar a padre?

R: Em 1967 estudei Filosofia e humanidades em Évora e depois Teologia em Leiria, tudo em seminários. Pertenci ao primeiro grupo de timorenses que veio estudar para Portugal. Voltei a Timor em Novembro de 1974. Apanhei o 25 de Abril em Lisboa. Depois, já em 1980, pertenci ao grupo dos padres que fez a tradução da celebração da missa para tetum antes da Indonésia concretizar a sua intenção de tornar obrigatória a missa em bahasa. Quando foi criada a equipa, Monsenhor Martinho da Costa Lopes nunca acreditou que o Vaticano aceitasse o tetum como língua de oração. Mas, em 1981 o Papa aprovou a celebração em tetum. Em Outubro de 1981 quando o núncio Apostólico foi a Timor já celebrou a missa em tetum. A partir daí a Indonésia não podia fazer nada. Aliás em 1964/65 já se fazia a leitura para o povo, no Seminário, em tetum.

P: Como viveu a invasão?

R: Antes da invasão estava em Ossú em missão. Estava em Díli quando foi o golpe da UDT e depois quando se dá o contragolpe da FRETILIN. A 25 de Agosto fui ao porto de Díli quando os militares portugueses estavam a embarcar. Eu não embarquei. Depois de Díli, fui para Liquiçá. Em Outubro ou Novembro voltei a Ossú onde estive até à invasão. Em Ossú, na parte central de Timor-Leste, os indonésios só chegaram a 12 de Janeiro de 1976. Quando os indonésios ali chegaram a população desapareceu toda. Quando me viram, bateram-me com as armas, pensando que era da FRETILIN. Isto porque num outro lugar um elemento da FRETILIN vestiu-se de padre, chamou a população e quando os indonésios chegaram, os guerrilheiros embuscaram-nos e receberam-nos à rajada. A mim preparavam-se para me levar para ser fuzilado quando um árabe (muçulmano) timorense lhes explicou que eu era padre. Quem mais respeitava os timorenses entre os indonésios, são so protestantes. Eu fiquei à responsabilidade de um capitão que era protestante. Depois, uma noite a FRETILIN

assaltou Ossú e eles fugiram. Vou então para a zona de Uato Lari com os guerrilheiros. Em Fevereiro de 1976 vou para Quelicai. Estas eram as “zonas libertadas”. Continuei a fazer o trabalho pastoral nas “zonas libertadas”. Fazia baptizados, casamentos e celebrava missas. Junto com a FRETILIN nessas zonas estavam mais 6 padres: Leoneto do Rêgo, Carlos Pereira (açorianos), Francisco Tavares, Mariano Soares e eu, todos timorenses. O padre Leoneto do Rêgo sabia muito de mecânica. Quando o motor da FRETILIN se avariava, ele arranjava. O padre Carlos Pereira era um nómada, não se fixava numa zona. Estava sempre em movimento. O padre Mariano estava na zona de Turiscail, o padre Tavares na zona de Soibada e eu na zona Centro Leste.

P: Qual pensa que foi a influência da Igreja Católica na independência de Timor-Leste?

R: Toda a interligação, a informação da resistência nas montanhas para as vilas ocupadas pelos indonésios, e de Timor para o mundo, passou pela Igreja. Dos líderes civis só 3 ou 4 é que não passaram pelas escolas da Igreja. A maior parte passou pelo Seminário de Dare.

P: Como era a sua relação com os guerrilheiros da FRETILIN?

R: Já nessa altura havia grupos radicais da FRETILIN que não gostavam da minha actividade e fui acusado de ter actividades de espionagem. Fui preso 3 vezes e uma vez fui julgado. A última prisão foi em Novembro de 1976. Em Setembro de 1976 começa a surgir uma facção mais radical marxista-leninista porque anteriormente era mais uma acusação exterior. A facção radical surge a partir dos estudantes que vieram para Portugal. Fui preso em Novembro, no monte Matebian, juntamente com o comandante Aquiles, fuzilado pela FRETILIN em Janeiro de 1977. Ele foi fuzilado porque se opôs à radicalização da FRETILIN. Ele dizia que era católico mas não queria a radicalização. Aquiles tinha sido sargento no Exército português. Então eles diziam que a ideia de Aquiles só podia ter saído da cabeça do padre. E eu fui preso e acusado de traidor à pátria.

II Parte

Data: 20/12/2014

P: Como eram as “zonas libertadas”?

R: Em 1976 eram as zonas das aldeias onde as pessoas viviam. Porque a Indonésia, no início da invasão, só entrou em Díli e depois Baucau e só controlou os centros urbanos de importância. Eles passavam pelos distritos e sub-distritos mas não se fixavam nessas zonas. Só se fixaram nas zonas estratégicas para poder controlar. Na zona onde eu estava, controlavam apenas Baucau, Laga, Los Palos e depois para o interior Ossú, Viqueque. Só se fixaram nas zonas onde antigamente funcionava a administração. Nos distritos eles fixavam-se ali, tinham residência. Mas nos sub-distritos só nalguns em que vêem que é importante para a sua manobra de liquidação das FALINTIL. Ficaram em Ossú e depois em Viqueque. Mas nas zonas para onde eu fugi, para Uato Lari e depois para Quelicai eles aí ainda não chegavam nessa altura. E ali a população vivia normalmente. Tinha as suas hortas, tinha a sua vida normal. Eu fazia as minhas actividades normais como se não houvesse guerra. Havia sempre aquele medo, receio de algum avião passar e poder bombardear mas havia calma, era tudo normal.

P: E viviam com os guerrilheiros?

R: Havia os grandes centros de acantonamento da resistência onde estava o comité central. Onde estavam elementos importantes como o Vicente Reis, o Xavier do Amaral ou o Nicolau Lobato. Mas o resto eram zonas normais.

P: Durante quanto tempo é que viveu assim?

R: Os indonésios quando começaram com as várias operações de aniquilamento, então as FALINTIL começaram a fugir de um lado para o outro. Estou a falar de uma zona específica. Porque na zona de Oeste, está tudo controlado pelos indonésios. Mas na zona onde eu estava, era a chamada Centro Leste, era essa situação. Os indonésios chegaram, ocuparam, assaltaram o posto de Uato Lari mas não chegaram a fazer, praticamente, o cerco de aniquilamento. Porque o cerco de aniquilamento no Centro Leste só começou praticamente em 77. Tanto assim que a população fazia a vida normal. Eu, por exemplo, em Fevereiro fui para Quelicai. Ali fiquei de Fevereiro de 76 até Novembro de 76. As pessoas faziam uma vida normalíssima. Tinha as suas hortas, as suas várzeas, os seus cultivos. Tudo isso. Eu quando estava em Quelicai, a força indonésia mais próxima era em Laga. Quelicai está num ponto alto e Laga está num ponto baixo. Vívamos nas zonas habitacionais habituais. Por exemplo, eu vivia ali, estava um comando juntamente como comando do Aquiles. Tinha as suas forças próprias. Depois mais afastado, outro pelotão. Mas a população, cada uma vivia no seu bairro. Nem sentíamos a presença da resistência, nem sentíamos a presença da

Indonésia. Agente só sentia a presença da resistência por causa da acção de alguns líderes médios da FRETILIN. As pessoas, muitos viviam com medo da FRETILIN. Era uma organização de tal maneira a querer dominar tudo e todos, que as pessoas tinham medo de falar ou de dizer quando era contrário à acção da FRETILIN. Porque se criticássemos a FRETILIN podíamos ser detidos e julgados por isso. Isto é uma realidade que ninguém pode negar. As pessoas não podiam ir aos grandes centros abastecer-se porque estava controlado pelos indonésios. Havia muitas zonas que não eram controlados pelos indonésios.

P: Mas não tinham liberdade de movimentação.

R: Claro que não. Só nos podíamos movimentar naquelas zonas e se queríamos ir mais longe, tínhamos que ter a garantia das forças de que não havia perigo de cairmos nas mãos dos indonésios, ou sermos assaltados e tudo isso. E as pessoas já sabiam só se movimentavam nas zonas livres. As pessoas faziam a sua vida normal só que era limitado naquela zona.

P: E como é que era em termos religiosos? Tinha contacto com os outros padres?

R: Eu estava em Quelicai e tinha contacto com o padre Locatelli em Fatu Maka. Só que Fatu Maka era já uma zona controlada pela Indonésia. Mas eu tinha contactos. Ele fornecia os materiais que eu precisava para os actos religiosos, mesmo até cadernos para fazer anotações ou mesmo para ensinar às crianças. Fornecia às vezes medicamentos. Se calhar por causa desses contactos é que mais tarde a FRETILIN me acusava de fazer espionagem. Eu, na altura, não tinha nenhum partido. Com o espírito de independência mas sem filiação partidária. E havia muitos jovens que trabalhavam comigo, pelo menos 4 que andavam comigo, nutriam o mesmo espírito que era: independência sim mas não partidária. Os outros jovens que era da FRETILIN e que eram colegas deles, não aceitaram muito isso. Aproveitaram todas as situações possíveis para os acusar de espionagem. A mim directamente.

P: Mas depois em termos religiosos, celebrava missa? Havia igreja?

R: Havia uma igreja. Quelicai ainda hoje tem uma igreja. Dava missa, catequese, reuniões com os povos, ia ver os doentes. Vida normal.

P: Havia mais pessoas que tinham fugido?

R: Havia mais população. Creio que Quelicai tinha cerca de 7 ou 10 mil habitantes. Naquela altura já estava em 21 mil habitantes. Outras pessoas de Laga, ou de Fatu Maka ou de Ossú fugiram e estavam todas concentradas em Quelicai.

P: E o seu trabalho religioso com os outros padres que estavam nessas zonas?

R: Os outros padres viviam muito longe de mim. Eu sabia que eles estavam lá mas nunca tive contacto com eles. O único contacto que eu tinha foi com o Locatelli.

P: Mas os padres também estavam nas “zonas libertadas”.

R: É melhor falar em zonas controladas pela FRETILIN. Antes da invasão, em 1975 quando houve conflito entre a UDT e a FRETILIN, a FRETILIN começa a ganhar mais terreno pela dinâmica dos seus líderes junto da população. E então algumas zonas de Timor eles consideraram “zonas libertadas” pela FRETILIN. A resistência propriamente dito só podemos falar de resistência a partir de 77/78. Porque antes disso, é a luta da FRETILIN contra a Indonésia. Sobretudo a partir de 77, a maior parte dos jovens que se filiaram na resistência quer clandestina, quer mesmo na resistência armada, não eram pessoas da FRETILIN. Eram pessoas independentes... a resistência tem uma maior abrangência. Eram pessoas da UDT e da APODETI, jovens que viram que os objectivos que eles pretendiam no seu partido não eram verdadeiros, então eles filiaram-se na FRETILIN e lutaram com a FRETILIN contra a Indonésia. Até Maio, Julho de 76 a Indonésia ainda não controlou a maior parte de Timor. Passava e não fixava. Por Ossú passou em Janeiro de 76 mas só se fixou lá 3 meses depois. Agora em Viqueque não. Em Viqueque chegou em Janeiro de 76 e ali estabeleceu a sua sede. Em Quelicai tinham atacado o posto mas depois nunca mais entraram. Em Uato Lari onde está a missão, atacaram o posto, passaram por lá mas depois saíram e nunca se fixaram. Só em 77 é que se começaram a fixar. Só se pode falar de resistência quando há uma ocupação do território. A FRETILIN começou a organizar-se e a defender as suas zonas. Quando começa a resistência, a Indonésia começa a avançar. Nós podemos dizer que a resistência começou a surgir quando começam as operações levadas a cabo pela Indonésia, as operações de aniquilamento. Quando a Indonésia avança, a FRETILIN o que é que faz? Como ainda não tinham entrado na fase de guerra de guerrilha, então estavam na fase de defesa de posição. Se a Indonésia tenta avançar a par uma determinada localidade, a FRETILIN (políticos e militares) obriga que toda a população abandone o seu local de residência: velhas, doentes, tudo isso, pessoas que acabarm de ter o bebé. Tudo foi obrigado. Depois surgiu o slogan que era assim: “Quem não é com a FRETILIN, é contra a FRETILIN. Logo é traidor”. Toda a gente é obrigada a abandonar mesmo que não queira. E então o que é acontece? A Indonésia entra nas vilas e aldeias, saqueia e depois queimavam e roubavam. É o estado de guerra. O avanço e recuo na zona Centro Leste só começou em Junho de 77 até 80 quando morrem os líderes todos.

P: Durante este tempo, esta zona nunca teve totalmente controlada pelos indonésios.

R: Até Junho de 77 não era controlada. Eu estava em Quelicai. Mas na altura como tínhamos falado em Novembro de 76 eu fui preso com o grupo do Aquiles. Eu saí do Centro Leste em Quelicai e fui para a centro de Cascol- uma organização política da FRETILIN. Eu e outras pessoas fomos presos por causa da prisão de Aquiles. Nós quando fomos presos, fomos acusados de traidores. Ficámos ali, trabalhávamos para a comunidade numa vida normal de presos. Em Dezembro de 76 fomos julgados e deram-nos liberdade. Podíamos ir para onde quiséssemos. Eu fiquei por lá. Fiquei na zona entre Liaruca e Uaimori (centro de acantonamento das FALINTIL depois de 99). Era um comité da zona.

P: Durante este tempo realizava missa....

R: Na zona de Quelicai sim celebrava missa. Mas depois quando fui para Cascol, já não havia condições, não havia material de missa tudo isso. Mesmo depois de libertado já não exerci porque não havia condições. E depois não tinha materiais para fazer a celebração. Só celebrei em Cascol depois de libertado. Fomos libertados no dia 23 de Dezembro. No dia 24, à noite, celebrei a missa do galo em Uaimori, à noite. À meia-noite. A população foi pedir ao Vicente Reis, ao comissário, se eu podia celebrar missa. Ele disse que sim, não tinha nada contra. E então Nós celebrámos debaixo de um gondoeiro, mesmo na margem da ribeira. As pessoas preparam os cânticos. As pessoas depois para iluminarem, faziam archotes. Depois preparam os cânticos mas tínhamos de ter material- vinho, hóstias. Vinho não temos, hóstias também não temos. Eu falei como responsável e disse: numa situação destas temos de lançar mãos aos produtos naturais. Então nós temos de fazer pão mas com farinha de mandioca. Depois vinho não tinha e eu disse: não é por causa disso que não vamos fazer a celebração. Celebrámos a palavra de Deus, depois fez-se a consagração do pão. Umas pessoas tinham a estátua do menino Jesus, lá se pôs ali e depois as pessoas beijaram. Foi uma celebração diferente.

P: E havia muita gente?

R: Estava. Não sei bem mas mais de 500 estavam.

P: E as homilias?

R: A gente tinha as leituras. Eu fui sempre daquelas pessoas que mesmo na situação normal sempre transpunha para a realidade de Timor. Nós falávamos da situação da vida e lembrava a situação do êxodo em que os judeus foram obrigados a sair da sua terra, à procura de uma terra da libertação. Falávamos nessa linha.

P: Portanto fazia um paralelo entre a situação em Timor e o povo judeu no Egito. Mas o que é que dizia?

R: O que eu falava mais era transpor para a realidade de Timor. Era sobretudo tomar consciência para que cada pessoa assumisse o seu papel na comunidade quer como jovem, quer como mãe ou pai de família, quer como político porque havia lá vários dirigentes políticos da zona. Os líderes da FRETILIN a maior parte deles eram cristãos mas não eram praticantes. Mas o resto estavam ali também militares das FALINTIL também. E falávamos: nós estamos aqui e temos um objectivo. O nosso objectivo foi interrompido pela invasão.

P: Incentivava à luta?

R: Não incentivava tanto à luta mas apelava para viver uma vida mais responsável dentro da comunidade. Não fazer só por causa do medo mas porque temos umas responsabilidades. Cada um tem as suas responsabilidades dentro da comunidade. Claro é uma situação difícil. As pessoas abandonaram todos os seus bens e viviam ali com, podemos dizer na linguagem de hoje, a mochila às costas.

P: Porque ali já não estavam em cidades.

R: Não. Era uma concentração.

P: E as pessoas viviam como?

R: Cada um vivia debaixo de árvores ou em tendas improvisadas com folhas de palmeiras.

P: E também vivia assim?

R: Sim, sim. Toda a gente. Ninguém tinha já casa. Casas que eram feitas eram improvisadas.

P: E isto foi de quando a quando? A missa foi já assim.

R: Sim. Nós estávamos em cima, em Cascol. Fomos assaltados e fugimos de Cascol que é uma zona alta para junto da ribeira. Quando já havia uma comunidade refugiada. Depois de sair de Quelicai, quando fui preso fui para Cascol e depois é só no mato. Desde Novembro de 76 para diante a gente só vivia no mato. Até Março de 79 a vida era sempre num vai e vem

P: E quantas pessoas é que estavam nessa situação?

R: Depende das zonas, depende de situações e depende da altura. Por onde eu passava creio que talvez 3 ou 4 ou 5 mil. Mas o maior grupo que eu encontrei e com quem vivemos foi quando fugimos para Natarbora. Talvez Dezembro ou Janeiro de 78. Sem exagero acho que umas 60 ou 70 mil. Nessa altura eu já não estava preso. Fui

convidado pela própria FRETILIN para trabalhar como assistente do comissariado. Já trabalhava com uma intervenção política mesmo. Já como assistente. Trabalhava na organização, na mentalização do povo, a explicar ao povo porque é que temos de fugir. Portanto já uma intervenção directa.

P: Portanto aqui já não exercia como padre.

R: Não, já não. A última vez foi a missa do galo, que não havia condições. Em 77 por exemplo antes de nós irmos da montanha para a planície ainda reunia com as pessoas, falava com as pessoas, dava catequese. Missa já não podia mas fazia a celebração da palavra aos amigos, falava com as pessoas. A gente lia leituras depois comentava, falava da situação para as pessoas viverem mais a sua realidade de cristão.

P: E tinha muita gente a reunir-se á sua volta?

R: Tinha muita gente. Para nós podermos entender um pouco o porquê esta reviravolta em Timor. Antes da invasão tinha entre 680 mil habitantes, tinha 250 mil católicos. E depois com a invasão, quando a Indonésia domina toda a situação, hoje nós vamos dizer que Timor tem uma população muito mais catolizada. 95, 96% . Porquê disto? Para já é uma situação de incerteza das pessoas. As pessoas não sabe se eu estou a falar e daqui a um segundo eu estou vivo ou não. Pode passar um avião e lançar uma bomba. Podem passar os inimigos e fazerem um assalto e sermos mortos. Depois as pessoas tinham aquela sensação de tenho de estar bem, tenho de estar reconciliado. Reconciliado comigo próprio, reconciliado com os outros, reconciliado com Deus e com os antepassados. E a melhor forma dessa reconciliação, se eu não sou católico era ser baptizado. Se eu vivia emancipado era casar pela igreja. E a razão não era só por causa da ocupação indonésia ou da obrigatoriedade de escolherem uma religião, era a sensação de terem o espírito em paz consigo próprio, com a família, com Deus e com os antepassados.

P: Mas porque é que eles foram para a Igreja Católica se eram animistas?

R: Mas é uma forma abstracta. É uma entidade abstracta, é uma entidade concreta em coisas que eles sabem que existem materiais mas que não é um espírito. E eles vêm pela tradição da Igreja em Timor é a única entidade que é capaz de dar esse conforto e essa paz de alma. Desde o início. Quando foi da entrada dos japoneses, os políticos fugiram, quem é que não fugiu? A Igreja não fugiu. Na invasão o mesmo.

P: Portanto a Igreja era uma referência.

R: Uma referência. Faz com que as pessoas aderissem à Igreja Católica. E depois porque segundo a lei indonésia uma pessoa ao registar-se tinha que escolher. Não

podia dizer que é ateu. Não podia dizer que é gentio. Tinha que escolher entre cinco religiões. Como o protestantismo não tinha muita tradição em Timor, eles registavam-se como católicos.

P: Mas quando estive no mato, as pessoas não eram registradas mas aderiam ao catolicismo

R: Aderiam ao catolicismo porque viam que a Igreja é a única força que era capaz de criar aquela paz de espírito. Era a única entidade ligada à espiritualidade. Pela tradição a Igreja, em Timor era única entidade que era capaz de dar esse conforto e essa paz de alma. Em 76 ainda quando estava em Quelicai, estavam pessoas idosas, adultos. Estava um casal de velhos. Naquela altura perguntei que idade que tinham e dava a impressão, pelo relato que o homem já tinha mais ou menos de 80 anos. E ele dizia assim: “senhor padre eu quero reconciliar-me, quero confessar mas eu não sei nada. Só sei rezar o “Pai Nosso”. E eu perguntei mas porque é que só sabe?.. Ah eu sou daquela geração em que os padres chegavam a uma zona, reuniam as pessoas, faziam uma pregação de uma, duas, três horas e depois diziam assim quem quer ser baptizado vá para a direita. E depois as pessoas iam e já estava.” E só ensinavam a rezar o Pai Nosso. A partir daí pensei a história é boa para registar tudo o que ia acontecendo no mato. E a mulher que estava ao lado diz assim: “eu não quero ir para o céu. Porque no céu vocês só comem flores. Noutros sítios eu posso comer arroz todos os dias”. Lá estive a falar e a explicar. E depois no fim disse: “eu gostei de ouvir o senhor mas mesmo assim não quero. Não quero comer só flores a vida inteira”. Eu disse assim: “Nós para estarmos com Deus hoje não é preciso saber muita doutrina. Basta estar bem com Deus e com os outros, é a vida mais feliz que podemos ter. Quando nós nos damos bem com os outros, estamos a dar-nos bem com Deus também”. E as pessoas estavam ali a ouvir. “Não é preciso saber muito. Eu sei muito porque eu estudei, os senhores não precisam.”.

P: Mas o que é que em termos de trabalho pastoral fazia?

R: Nesse período de Fevereiro de 76 a Novembro de 76, fazia a vida normal de pastoral. Fazia catequese, reuniões, preparava as pessoas, celebrava missa e tudo isso. Mas depois já não. Já não tinha condições nem para fazer a catequese nem para nada. Não fazia missa nem nada. Mesmo trabalho era só o testemunho que dava. Porque as pessoas já não estavam em condições para ter tempo livre para reunir uma meia hora. As pessoas estavam dispersas e nós estávamos numa situação sempre de inquietação

constante. Podemos dizer que a gente ficava numa zona mas as malas estão sempre feitas. Essa é a realidade. Por isso pouca coisa podia fazer a não ser de testemunho.

P: E o seu trabalho político era como?

R: Depois o que é que eu fazia? De vez em quando nas reuniões que a FRETILIN costumava fazer, nas reuniões de esclarecimento, a população conhecia a situação. A gente dava conta da situação nas zonas que nós considerávamos libertadas, que estavam sobre a protecção da FRETILIN, e nas zonas que estavam controladas pela Indonésia. A gente dava conta de como é que eles viviam, como é que era a situação e as zonas por onde a FRETILIN controlava e as zonas por onde a Indonésia ia passando. Sabíamos de tudo o que se passava em Timor quer nas zonas controladas pela FRETILIN quer nas zonas controladas pela Indonésia. Tanto assim que muitas vezes nós sabíamos mais e melhor as situações controladas pela Indonésia, que os próprios timorenses que estavam com os indonésios.

P: Porque é que sabiam?

R: Sabíamos porque nós tínhamos informações, estafetas que nos davam conta de tudo o que se passava no terreno. E íamos dando a conhecer, acho que uma ou duas vezes por semana, à população.

P: E chegou a lutar com armas?

R: Não, nunca.

P: Porque é que aderiu à organização política?

R: Porque eu vi que já não podia fazer mais nada. Está ali também sem fazer nada, e então acho que é uma forma de intervir, de participar. E depois essas informações que a gente dava nos esclarecimentos eu tinha uma equipa que coordenava tudo e escrevia umas cartas todas as semanas para a população que estava nas vilas.

P: E que cartas eram essas?

R: Era de esclarecer e de sensibilização às pessoas. Dizer que vocês estão aí, estão bem mas não se esqueçam de uma coisa, nós estamos todos a lutar. Não se deixem manobrar pela Indonésia. Não abandonem o vosso espírito de independência. Portanto a gente enviava cartas para todas as zonas.

P: Enviavam propaganda.

R: Propaganda. Eu tinha algumas mas todos os meus documentos queimaram. De Junho ou Julho de 77 praticamente até à rendição em Março de 79 é que fiz mais um trabalho político. Trabalhei como Aníbal que já faleceu. Trabalhei com o adjunto do Óscar que já faleceu. Eram adjuntos do comissariado. E depois trabalhei durante

algum tempo com o Vicente Reis que era o comissário político. E depois por último estive a trabalhar com o Hermenegildo Alves que era ministro da Defesa. Aquilo estava uma estrutura bem organizada desde a proclamação da independência de 1975. Quando em Julho de 77 o Xavier do Amaral foi detido, o Nicolau Lobato sobe logo.

P: Durante essa época em que fazia mais um trabalho político também dava aconselhamento religioso?

R: Isso sempre. Sempre falei. As pessoas sempre me viam como um padre. Embora os jovens da estrutura política chamavam sempre de assistente, mas toda a população chamava meu padre. Reconheciam-me enquanto tal. As pessoas sabiam que eu estava ali, tinham confiança em mim. Com os outros às vezes tinham medo de desabafar, comigo não falavam à vontade.

P: E o que é que lhe diziam? Era como um confessor?

R: As pessoas nos comentários de grupo até falavam. Lamentavam-se da FRETILIN por causa disso. É assim para se fazer uma análise da FRETILIN naquela altura eu diria assim: se a princípio a FRETILIN só conseguiu a implantação junto de jovens e de alguns líderes familiares, depois com a invasão as pessoas começaram a ver que os outros partidos o que fizeram foi usar-se da sua filiação mas que não tiveram como objectivo a independência. A FRETILIN foi a única. Mas depois quando a FRETILIN assumiu a radicalização para a esquerda, as pessoas começaram a pôr o pé atrás. “Mas como é que é o Comunismo? Como é que vai ser? Como é que vamos viver a nossa vida como timorense com esta ideologia que eles estão a pregar? “As pessoas estavam em dúvida. E depois quando a FRETILIN durante a invasão nos movimentos de cerco e aniquilamento obrigavam a população a fugir com eles para a montanha partindo daquele slogan “quem não é com a FRETILIN é contra a FRETILIN, logo é traidor”; as pessoas começaram a dizer então o que é que é isso? porque é nos obrigam? Porque é que hei-de abandonar tudo? A realidade é esta: as pessoas começaram a passar muita fome, muitas limitações, muitas situações de grande perigo, de saúde, tudo. Falo pela minha experiência. Na zona onde eu estava. Nessa altura estava na equipa do Hermenegildo Alves, ministro da Defesa, nós chegámos a, creio que sem exagero, durante uma semana ou mais não saber o que é um grão de arroz ou de milho.

P: Então o que é que comiam?

R: Só folhas silvestres. Fevia-se a folhas silvestres. Como não havia sal punha-se... para poder comer as folhas silvestres. Bebia a água das folhas silvestres. Folhas

silvestres que a gente nunca pensava comer, para tirar a amargura da planta, às vezes fervia-se 3 ou 4 vezes. Depois mudava-se a água, depois comia aquela fome. Naquela altura as pessoas doentes ou esperavam curar-se ou morriam. Em 77 ainda trabalhei com uma equipa de curandeiros para fazer medicamentos.

P: Havia enfermeiros?

R: Havia enfermeiros timorenses que estavam na organização e estavam no mato e nós trabalhámos com os curandeiros a fazer as plantas medicinais para fazer medicamentos. Fiz comprimidos e tudo à base de plantas. As plantas que eles usavam normalmente para fazer chá, a casca ou as raízes triturava-se, fazia-se em pó e depois fazia-se comprimido. E para poder fixar o pó ou punha um pouco de sagu, ou farinha de sagu ou mandica que são coisas comestíveis e tem um pouco de cola. punha-se um pouco para poder fixar as cascas das raízes. E depois comprimir num êmbolo. Ainda trabalhei nos comprimidos 4 ou 5 meses. E depois saí dali e fui para a actividade política. Eu estive no mato até 7 de Março de 79.

P: Os líderes da FRETILIN também não o viam como padre?

R: Eles sabiam sempre. Chamavam-me camarada mas tinham sempre respeito e consideração porque sabem que eu sou padre.

P: E havia alguma preponderância do Luís Costa sobre eles por ter sido padre?

R: Não havia diferenças entre camarads. Uma vez ouvi uns comentários. Quando ia fazer os esclarecimentos, eles viam que as pessoas aceitavam melhor as minhas explicações, aquilo que eu dizia, do que os outros políticos. Pois como eu já tenho o hábito de falar em público é mais fácil.

P: E por isso tinham mais consideração por si ou não? ou pediam-lhe uma intervenção maior?

R: Não porque também não aceitavam.

P: Mas sabiam que tinha uma influência maior junto das pessoas.

R: Para mim era normal.

P: A sua experiência de padre foi útil para a sua experiência política.

R: Foi muito útil. Além disso eu quando estava a estudar fiz muito teatro. As representações teatrais, da oratória, ajuda muito. Mas o meu trabalho foi sempre contactar as pessoas mesmo na parte de política, a parte humana nunca abandonava. Trabalho político é um trabalho humano também. Vi que as pessoas me aceitaram. Sabiam que eu era assistente mas que tinha uma formação diferente e superior a todos os líderes que lá estavam e isso ajudou muito.

III parte

Data: 24/01/2015

P: Disse-me que o seu trabalho político era de sensibilização. Pode contar-me mais o que fazia?

R: Rememorizando. Desde Janeiro de 76 quando saí da missão de Ossú e fui obrigado pela guerra a ir para Uato Lari e depois para Quelicai, eu fiz uma actividade pastoral normal. Porque eu tinha apoio e contacto com o padre Locatelli em Fatu Maka. Tinha contactos quase semanais com ele. É um padre italiano, dirige a Escola de Fatu Maka. Se encontrar na rua não parece um padre, depois da missa ele vai lavrar a terra e tudo. É um salesiano. Naquela zona de Baucau para a Ponta Leste, são salesianos. Em Baucau estava o padre Manuel Magalhães, também salesiano. O João de Deus está em Laga também é salesiano. Locatelli é salesiano. Era conhecido o Afonso Nacher, espanhol salesiano. Na zona de Quelicai fazia trabalho pastoral normal. Ia um estafeta até Fatu Maka e o padre Locatelli fornecia hóstias, vinho, os santos óleos, um livro que eu precisasse. Depois é aquela fase, em Novembro de 76, a fase da crise dentro da FRETILIN entre o sargento Aquiles e os elementos do comité central da FRETILIN. Então o Aquiles foi preso e eu também fui preso. Aquiles era um católico praticante e na altura já estava a nascer naquela zona um grupo da FRETILIN liderado por elementos que estiveram em Lisboa, mais radical. Então eles queriam fazer da FRETILIN um partido marxista-leninista. O Aquiles defendia que lutava pela independência mas não isso. Foi o grupo de estudantes que estiveram aqui em Lisboa que são responsáveis pela radicalização. Então eles prenderam o Aquiles e aquelas pessoas que estavam com o Aquiles e eu como estava com o Aquiles prenderam-me também. E prenderam bastantes pessoas. A lógica deles é assim: “Aquiles é um sargento, quem podia ter essa ideia era o padre. Portanto ele é que deu essas ideias ao Aquiles.” Então eles prenderam-me também. E passámos alguns tempos como presos. Depois saímos da zona de Quelicai e fomos para outra zona e ali fomos julgados. Fomos presos na zona de Uaibitai, um vale no alto do monte de Matebian. Porque entretanto o inimigo começou a avançar para a vila de Quelicai e nós tivémos que fugir. Dia 2 de Novembro fomos detidos. Depois enquanto o Aquiles ficou em Quelicai na casa de um sobrinho que era do comité central, eu fui com outro comandante para a zona de Baguia. Ali ficámos detidos. Na zona onde eu estava detido em Baguia, nós éramos cerca de 60. Simpatizantes que apoiavam o Aquiles.

Meteram-nos todos na capela de Afaloicai. Talvez durante dois ou 3 dias. Depois dali é que nos levaram para o posto de Baguia. Ficámos presos no antigo comando de segunda linha de Baguia. Ali já éramos mais de 60. Todos os dias trabalhávamos como presos a fazer limpezas na vila. Até dia 12 de Novembro quando me levaram para Quelicai outra vez para uma reunião. Não houve reunião e ali é que me deram voz de prisão efectiva. E depois dali nós saímos de Quelicai fomos para uma zona de Ossú chamada Nahareca e ali passámos uma noite. No dia seguinte, Aquiles mais... João Teodósio e outro rapaz chamado Tomás foram para uma zona conhecida como comando Baía junto do monte Birac. E eu mais uns dois fomos para outro comando, fomos directamente para o comando da sede da Cascol. Ali fiquei com aqueles dois rapazes e entretanto levaram mais outras pessoas. Éramos 13. Ficámos ali a trabalhar normalmente e foram chamando um a um para fazer inquéritos. Cinco ou seis pessoas da FRETILIN faziam os inquéritos e fomos respondendo. Entretanto no dia 23 de Dezembro foi quando saiu a sentença final. A nós que estávamos ali deram-nos liberdade condicional. Podíamos ir para casa ou ir ter com pessoas conhecidas. Ali Aquiles e aos outros 3 a decisão foi fuzilamento.

P: Foi aqui que depois celebrou a missa do galo.

R: Foi ali que no dia 24 os cristãos foram ter com o Vicente Reis que era o mais alto elemento da FRETILIN ali e perguntaram se estando eu ali eu podia celebrar a missa. Ele disse que sim que não havia problema nenhum. As pessoas foram ter comigo, nós combinámos e eu celebrei a missa do galo. Depois nunca mais tive condições. Porque nós estávamos numa zona, o máximo que podíamos estar à vezes era uma, duas semanas numa zona. Depois vinha o inimigo, tínhamos de levantar o acampamento, fugir de um lado para o outro. E mesmo assim não tinha condições, não tinha materiais para celebrar a missa e não tinha condições para exercer uma actividade pastoral. Porque não havia condições as pessoas estavam mais preocupadas com a sua vida. Mas eu tinha sempre uma oportunidade de falar com as pessoas, de acompanhar, isso fazia sempre.

P: Fazia sempre uma parte do trabalho pastoral.

R: Sim. Não tanto pastoral activa de catequese porque não havia condições

P: E extremaunções fez?

R: Durante a zona de Quelicai ainda fiz. Mas depois no mato ainda fiz duas vezes mas não é bem a santa unção com o óleo porque não havia óleo nenhum. Mas ainda acompanhei duas ou 3 pessoas na hora da morte.

P: Morria muita gente de doença e fome?

R: Até meados de 77 não tanto. Mas depois da segunda metade de 77, 78 e 79 ainda morreu bastante gente de doença e de fome. Muitos não conhecíamos. Ver mesmo com olhos a morrerem, foi em Dezembro de 78 quando estava em Natarbora. Os inimigos assaltaram-nos e nós a fugir outra vez para as montanhas, passámos por sítios onde estava a viver a população, vi meia-dúzia de pessoas assim... uns assim deitados na esteira lá nas barracas. Estavam mortos devia ser de fome. Estavam mortos com a pele seca. Mas naquela altura o inimigo vem a perseguir-nos, a gente nem tempo para os enterrar.

P: Os guerrilheiros qual era a sua relação com eles? Eles eram devotos?

R: Podiam ser devotos mas naquela altura estão obcecados com a ideia da revolução, aquela ideia impigida pelos políticos, para eles não existia mais nada. Eu lembro-me perfeitamente numa missa que celebrei em Uato Lari, depois as leituras comecei a fazer considerações sobre as leituras, um dos comandantes que estava lá foi lá dizer ao Xanana: “oh pá porque é que o padre em vez de falar de política, de falar de revolução, está a falar do Evangelho para quê?” Isto quem contou foi o próprio Xanana. Depois o Xanana vira-se para ele: “esta é a missão dele, ele não é político. Para a política somos nós. Para a guerra somos nós. Ele tem de falar de Cristo, falar do Evangelho.” Para eles a revolução está acima de tudo, a FRETILIN está acima de tudo. Para já como não dominam bem a religião, a revolução acima de tudo e não há mais nada acima da revolução.

P: Portanto não eram... a sua relação era mais com o povo.

R: Com o povo era outra coisa. Com alguns guerrilheiros que me conheciam era uma relação de amizade de boa relação. Mas pode-se dizer que se eles tinham fervor, de vida de cristão antes da guerra, já não se pode dizer. Mas eles vão à missa, comungam e tudo isso.

P: Mas depois nas montanhas estava com eles?

R: propriamente com eles não. porque eles estavam sempre nas linhas da frente. Estive mais na zona de acampamento, mais com a população, comité central, organizações políticas e tudo isso. com os guerrilheiros quase nada porque eles estão sempre na linha da frente. Quando eles passavam por lá é que a população dava de comer.

P: E nesta organização política, eles procuravam-no para aconselhamento pastoral?

R: Naquela altura eles já não pensam nestas coisas. Eles era só preocupações política, como organizar as organizações das mulheres ou dos jovens, como organizar o comité central, como organizar o associativismo na sociedade.

P: O senhor enquanto padre chegou a ter alguma influência enquanto padre? eles respeitavam-no mais por isso?

R: Respeitar, respeitam sempre. Às vezes nas reuniões eles gostavam de ouvir a minha opinião. Em 77 quando já era assistente do comissariado, nos esclarecimentos que fazíamos à população sobre a situação, sobre o sentido de responsabilidade, sobre como deve actuar junto do inimigo se amanhã for capturado, e muitas vezes eles convidavam-me para eu fazer esse esclarecimento. Como assistente do comissariado tinha um peso maior do que uma pessoa normal do grupo. E eles gostavam de ouvir porque estou habituado a falar em público.

P: E usava os seus conhecimentos evangélicos também?

R: Sim, sim. Tudo aquilo que eu podia acompanhar para ver a responsabilidade cristã e depois para sermos homens.

P: Como é que era de facto esse trabalho.

R: Fui proposto para o cargo por um enfermeiro, Eduardo Ximenes. Ele é que propôs ao comité central e eles aceitaram e trabalhei sempre no grupo. Eu estou a falar só do grupo onde eu estava inserido que é Centro Leste que era a zona de Baucau, Viqueque. Os responsáveis eram Vicente Reis, António Carvarino e mais outras pessoas. Eram responsáveis do sector Centro Leste. Trabalhava com eles. Nesta altura, posso dizer que enquanto o povo vivia sempre ligado à sua fé e à sua crença católica e animista e tudo aquilo que fazia tinha sempre aquele pensamento de que este sacrifício, esta luta só com a ajuda de Deus é que nós podemos ultrapassar, esse pensamento já não figura muito na maioria dos elementos da organização. Para eles a luta é a força do povo, as armas é que hão-de vencer. Embora individualmente os guerrilheiros possam ter a ideia de que a luta só a ajuda de Deus. Alguns continuavam a pensar mas a boa parte já não pensa nisso. Para eles só a força das armas. Naquela altura os políticos ao fazerem a política junto do povo, a força da Igreja para eles já não...nem sequer falavam nisso.

P: Mas quando o utilizavam para falar à população, havia uma utilização política.

R: Naquele grupo. Eles sabiam que o povo gostava de me ouvir.

P: Usavam-no politicamente porque era um líder religioso.

R: Isso sim.

P: E o senhor usava a linguagem religiosa?

R: Eu não usava muito a linguagem religiosa como se estivesse numa situação diferente como padre. mas usava uma linguagem que talvez despertava na população uma maior abertura e um maior conhecimento porque tenho mais conhecimentos, a minha linguagem move mais o povo a acatar aquilo que eu digo.

P: Mas usava referências religiosas?

R: Era raro. Porque temos de ver uma coisa, e o povo muitas vezes criticava a FRETILIN por causa disso. Eu mesmo que queira utilizar referências religiosas tinha que ter muita cautela. Porque se o povo aceitava, muitos líderes da FRETILIN não concordavam. E eu como sendo elemento político naquela altura tinha que lidar subtilmente. Tinha de usar uma linguagem religiosa subtilmente porque eles não iam tolerar a minha linguagem mais religiosa do que política. Agora falava normalmente, esclarecia as coisas dentro da situação, consciencializava as pessoas para a realidade de Timor.

P: E durante esse tempo chegou a converter algumas pessoas?

R: Converter, converter como um ateu para o catolicismo. Não diria tanto. Mas sobretudo naquele tempo em que, 76/77, por causa da situação da guerra, podemos dizer que as pessoas viviam mais a sua vida como cristãos do que como indiferentes. Porque pela situação da guerra, as pessoas estavam indecisas, não sabem se daqui a um ou dois minutos estamos vivos ou não. E então muita gente o que é que faz? Aqueles que não eram baptizados aproximavam-se da igreja para aprender a catequese e serem baptizados. Muitos que viviam emancipados, preparavam-se e punham os nomes para casarem pela igreja. Tanto assim que esse salto enorme de 25% para 90%....isso começou logo com a guerra entre a FRETILIN e a UDT. Em Agosto/Setembro de 75, as pessoas começaram a aproximar-se da Igreja. Porque era um refúgio, era um refúgio e ao mesmo tempo uma tranquilidade para a própria vida. Porque a incerteza de viver faz com que a pessoa se aproxime e começaram a viver e a praticar a sua fé.

P: No seu trabalho político, chegou a ter pessoas que se chegavam ao pé e se confessavam?

R: Isso sim. As pessoas vinham falar comigo particularmente. Às vezes em grupos nós falávamos. Fora da situação política, as pessoas vinham falar.

P: Portanto ainda o procuravam como padre?

R: Sim, sim. Quando eu vivia com uma família, as pessoas iam para lá, comíamos, conversávamos à tarde. Falávamos de tudo. Mas podemos dizer que não é uma coisa normal o dia à dia.

P: Chegou a fazer confissões no mato?

R: Sim, fiz. Mas também naquela altura temos que ver a situação. As pessoas às vezes vinham ter comigo, falavam, mas mesmo assim as pessoas viam em que situação ou em que local é que eu estava. As pessoas ou talvez por medo ou receio, diante de um político, ou diante de um membro do comité central, eles não faziam. Mas às vezes em casa vinham ter comigo, falar particularmente. Isso fazíamos sempre.

P: E davam indicações sobre os esclarecimentos à população?

R: Normalmente é assim quando eu faço esclarecimento ao povo, era sobre como é que era a situação em todo o Timor, nas zonas que eram controladas pela FRETILIN. Se estavam bem ou não. Se houve assaltos aqui ou acolá ou não. E depois saber da situação das pessoas que foram capturadas ou que se foram entregar à Indonésia, como é que eles vivem lá nas aldeias ou nas zonas onde eles vivem. Então dava esclarecimento sobre essa situação e movimentação. E depois sensibilizar os que lá estão para o dia quando, se forem capturados ou se se renderem como é que devem actuar.” Quando chegar a altura em que a situação obriga a renderem-se ou são capturados, nunca enfrentar o inimigo. Claro vão encontrar uma situação diferente daquela que vivemos aqui no mato mas mesmo estando ali, debaixo do inimigo, não se esqueçam do vosso objectivo que é a luta pela libertação. Portanto façam as coisas com calma, paciência mas sempre a convicção que um dia havemos de vencer.” Era esse o esclarecimento que a gente dava às pessoas. (...) Nós podemos dizer que cerca de 80% da população vivia no mato. Era uma instabilidade, sem condições mas as pessoas viviam com muito medo. Medo não apenas da guerra mas sobretudo da direcção da FRETILIN, medo dos guerrilheiros. Mesmo que haja qualquer coisa que nós não concordemos, não podemos manifestar.

P: E fazia ver isso aos guerrilheiros que não podia ser assim?

R: Eu com os guerrilheiros nunca falava. Mas com alguns membros com quem eu trabalhava, eles sabiam isso. Mas eles querem reverter para uma atitude de mais confiança. Mas a acção que eles faziam vai contradizer aquilo que eles pretendem. O povo sente medo. Não podem dizer nada. Se disser qualquer coisa ou que não lhes agrade ou que vá contra o espírito que dizem que é revolucionário, uma pessoa é tida

logo como reaccionária. Pode ser presa, pode ser detida para ajuste correctivo. É um termo que eles usam muito. Para correcção. Ou se for com um guerrilheiro a gente pode ouvir logo a apuxar pelo gatilho. Essa situação de medo existiu muito. Logo pela situação quando vem o inimigo na minha aldeia, estamos ali e já não tenho forças nem capacidade para continuar a fugir quando vem a ordem a dizer que temos de evacuar, eu tenho de sair. Se eu fico ali, sou tido como um traidor. Não posso ficar. É o slogan: “se não estás com a FRETILIN, és contra a FRETILIN. Logo és traidor.”as pessoas têm medo

P: Mas equanto padre conseguiu ter alguma influência junto dos líderes com quem trabalhava?

R: Era difícil. Porque eles têm ideia já estabelecidas. Falei com alguns para mudarem de atitude. Eles também tentavam. Depois no dia à dia vão fazer as mesmas coisas e se calhar porque eles também não podem fazer outra coisa.

P: E porque é que aceitou fazer trabalho político?

R: Eu aceitei aquele trabalho porque pensei assim: “eu podia ser útil nesta luta pela libertação.” Estar ali sem fazer nada, também...

P: Porque acreditava ou porque também tinha medo?

R: Medo eu não tinha prque já tinha sido detido e julgado. Fiz por convicção porque acho que é uma forma de contribuir, de estar mais perto da população e mais activo. E é uma forma de agir também porque acreditava, acreditava que era possível nós um dia sermos independentes. E depois a minha acção como político tinha a liberdade de poder andar de um lado para o outro e ir ter com as famílias. E podia deslocar-me de uma zona para outra. Sem isso não podia. Tinha de estar ligado a uma família.

P: E nesse seu trabalho chegava a falar com elementos da Igreja no activo?

R: Uma vez encontrei-me com o padre Carlos Pereira. Já foi em 78 em Natarbora. Encontrei-me com ele, um padre açoriano. Ele estava a trabalhar numa zona que recolhia os doentes ou pessoas com feridas. Ele é que estava lá como capelão. A situação da guerra também não favorecia muitas actividades. [...] Por exemplo o padre Leoneto lembro-me que também estava ali, não sei o que é que ele fazia. Mas ele também apoiava mais a parte técnica, da electricidade, dos geradores que a FRETILIN tinha na zona de Soibada. O padre Carlos é que como ele andava de um lado para o outro. Foi para ali para a zona de Barique, encontrei-me com ele, falei com ele uma vez só.

P: Mas não tinham ligações à hierarquia da Igreja, estavam por si próprios.

R: Cada um estava por si próprio. Naquela altura cada um estava por si próprio. A ligação às vezes é com algum familiar ou com algum padre que estava ali assim.

P: Houve alguma desestruturação da Igreja naquela altura?

R: A Igreja continuou com a sua estrutura mas a maior parte da Igreja quando os indonésios chegaram, ocuparam sítios onde estavam e as coisas continuaram a funcionar como antes. Por exemplo na zona de Díli, Baucau, Same, centros administrativos, onde o inimigo entrou e fixou, a estrutura da Igreja também continuou a funcionar como antes. Só nós os seis é que andámos assim.

P: E porque é que isso aconteceu?

R: Por circunstâncias da guerra. Nada mais porque eu estava em Ossú e o inimigo assaltou Ossú, ia sendo morto. Depois quando a FRETILIN assaltou outra vez Ossú, eles fugiram. Eu fiquei ali.

P: E depois em 79 decide sair.

R: Quando chega 79 já começo a andar com o Hermenegildo Alves. Acompanhei de Natarbora para cima fomos até alto de Barique. E nós fomos para uma encosta numa aldeia porque ele era conhecido lá porque cafo que a mulher dele era daquela zona. Ficámos ali bastante tempo (duas ou 3 semanas). Antes de nos fixarmos naquela aldeia, andámos a fugir de um lado para o outro porque o inimigo estava sempre em perseguição ao nosso grupo. Nós estávamos, da última vez que fomos assaltados, estávamos a viver no regato. Na parte alta foi posto um vigia. Os indonésios chegaram, mataram o rapaz que estava lá de vigia e foi a nossa safra. O rapaz morreu mas nós conseguimos fugir. Depois de dar muitas voltas fomos parar a essa aldeia. Foi já em Fevereiro de 79. Um tempo muito difícil. Se calhar o tempo mais difícil. Era já pouca gente, talvez só o grupo estava ali. Depois sobretudo por causa da fome. Não havia hortas, não havia nada. A gente chegava a semana inteira sem ver o que é um grão de milho ou de arroz. Depois comíamos só ervas silvestres. Cozia-se para depois comer. Entretanto a gente sabia que o Hermenegildo Alves que a mulher que estava na zona de Barique foi capturada pelos indonésios. Os indonésios, através da mulher, começaram a contactar o Hermenegildo Alves. E ele dizia-nos sempre que ele ia ter com a mulher, que a mulher ia dar informação para saber qual é a situação dos indonésios naquela zona para fazer um assalto. Mas qual assalto, depois de uma semana de encontros com a mulher tudo isso, um certo dia manda-me a mim e mais 3 elementos para irmos comprar comida numa zona distante. E nós fomos em que por acaso havia comida. Fomos quando à noite regressámos, veio o estafeta a dizer: “

olhe o senhor comandante já se rendeu”. Isto já foi em Março, acho que dia 7 de Março de 79. “o que é que vamos fazer agora?” fomos andanado. A gente já desconfiava que aquilo era demais. Ia encontrar-se com a mulher, a mulher trazia-lhe medicamentos. Ele estava a preparar-se para se render. A gente já desconfiava mas nunca pusémos essa hipótese. Era um indivíduo quando foi o gole e contragolpe era um tirano de primeira classe. Então ele foi-se render e nós chegámos ao acampamento. Entretanto, um dos rapazes que andava comigo sabia a língua daquela zona. Ele tinha ouvido ele recomendar: “olha nós vamo-nos render e se vêm que há qualquer perigo, o melhor é matar o assistente e mais esses 3 porque eles podem ser perigosos para vocês”. Eles estavam a falar. Nós estávamos na parte debaixo, com medo: “eles sabem o nosso acampamento, qualquer dia vêm com os outros para nos apanhar”. Saímos também dali fomos acampar para um cova numa horta e depois através do dono da horta, nós contactámos os boinas vermelhas dos indonésios. Já não aguentávamos mais. E rendemo-nos. Uma semana depois dele. A 12 ou 13 de Março de 79.

P: E depois volta à sua actividade pastoral?

R: Não ainda não. Rendemo-nos. Fiquei ali ainda juntamente como os outros elementos da resistência e da FRETILIN. Ficámos na mesma zona. Todos os dias a aprender a “pancasila” indonésio, e depois a fazer trabalhos. Éramos obrigados, tínhamos de saber aquilo tudo. São os cinco princípios filosóficos da nação indonésia: um único Deus, justiça social, igualdade... E então à noite, depois de jantar, chamaram-me, o comandante...

P: Ficaram detidos quanto tempo?

R: Fiquei ali não sei se duas ou 3 semanas. Fomos detidos 13 Março. Naquela noite fui chamado ao comandante da polícia política para o interrogatório. Começámos às 9 da noite até às duas da manhã. Queriam saber tudo como era a organização da FRETILIN. Eles sabiam que eu era padre, sabiam que era assistente do comissariado. Sabiam tudo: como é que eu vivia, com quem andava. Sabiam tudo. Então diziam assim: “o senhor como assistente deve saber como funcionava a FRETILIN no mato”. Depois eu disse: “ eu não sei. Os membros do comité central é que sabem essas coisas. eu não. eu sou um mero assistente. Só executo as ordens que eles dão para fazer”. Eles perguntavam isto, perguntavam aquilo e eu dizia: “desconheço. “ Porque os dois comandantes que me interrogaram um era major, outro era tenente-coronel. O

tenente- coronel era católico e o major era protestante. Mas o protestante respeitava e ele conhecia que a nossa luta era justa.

P: Dizia-lhe isso?

R: Depois. Mas o católico não. Dizia que nós os comunistas temos de ser todos abatidos, desaparecer tudo. Para ele todos os da FRETILIN são comunistas. Porque a intenção dele era que eu também devia ser abatido porque era elemento da FRETILIN porque para ele todos os elementos da FRETILIN são comunistas. Inclusive fui professor de moral no Seminário. Mas eu dizia: “professor de moral isso não quer dizer nada. “ Eles falavam em indonésio e eu falava em português e estava lá um rapaz que traduzia. Eu dizia: “tens de traduzir tal e qual como eu digo. Isso tu querias”. Eu depois só vim a perceber que ele não traduzia tudo o que eu dizia. Porque ele sabia que se traduzisse tudo o que eu dizia contra eles, ele enfurecia mais o comandante católico. Mas o protestante era muito simpático. Trouxeram um copo de leite para eu beber. Eu não quis. Depois o comandante bebeu um pouco e só depois é que eu bebi. Estivemos a falar até às duas, 3 da manhã. O Alarico Fernandes que era ministro da Informação também estava ali detido na zona. Foi lá pedir ao comandante, queria confessar-se. Depois o comandante disse a ele: “ ah não pode ser porque ele está excomungado. Ele é comunista. Portanto estão todos excomungados.” Fiquei a trabalhar com os outros detidos. Ficámos ali duas semanas. Depois disso, aquele comandante queria mesmo que eu fosse fuzilado com os outros membros da FRETILIN. Mais uma vez o comandante da polícia que estava em Natarbora, também protestante e psicólogo, ele esteve a discutir como outro comandante por minha causa. Depois o outro comandante não conseguiu convencê-lo e disse: “então se queres levas tu lá para o teu comando”. Então ele levou-me de Barique na montanha para Natarbora, na planície. E ali fiquei uma semana ou duas. Lá comecei a fazer os trabalhos normais. [...] eu não espunha muito porque, os indonésios sabiam que eu era da FRETILIN, era assistente. Ir-me expôr demasiado, também era imprudência. Podia alguma pessoa não compreender ou podem não gostar. Então fiquei ali assim. Uma vez os comandantes vieram ter comigo. Eu fui com outros timorenses para aquelas zonas onde nós estivemos. Eles queriam encontrar onde é que a FRETILIN tinha escondido as armas. A gente saiu de manhã. Pediu-me e eu fui com dois timorenses. Demos umas voltas por ali, tivemos de passar a noite no mato. No dia seguinte voltámos mas não encontrámos armas nenhuma. Eu disse: “não encontrámos nada.” Antes de chegarmos veio um ao nosso encontro e disse: “ vai depressa porque vem ali

um helicóptero para levar da Díli”. Na altura coincidiu com a visita do núncio apostólico a Timor, a Díli. Todos os outros padres que estiveram no mato já lá estavam em Díli, eu era o único que não estava. Ninguém sabia o meu paradeiro. As pessoas sabiam que eu me tinha rendido porque eu escrevi uma carta ao meu irmão em Díli a dizer onde estava. Quando o núncio apostólico foi ao comandante para saber informações de mim, uns diziam que estava em Same, outros diziam que estava noutra zona qualquer, outros diziam que não sabiam. Então ele disse: “eu como núncio têm de dizer onde é que ele está. Vivo ou morto, mesmo morto tragam o corpo.” Então foi um helicóptero de Díli para Natarbora. Então eu fui tomar banho, vesti-me, peguei nas minhas coisas. as minhas coisas o que eram? Na altura tinha um calção e um thais pequeno. Tomei banho, vesti aquilo, peguei nas coisas que entretanto o meu irmão tinha mandado para mim, meti-me no helicóptero e fomos para Díli. Quando chegámos a Díli, o helicóptero parou no comando da Indonésia, depois um oficial levou-me para a Câmara Eclesiástica. O meu irmão foi lá receber-me, depois fui falar com o núncio. O Monsenhor Martinho Lopes estava junto. Depois daquilo retomei a actividade. Fui viver para Balide. Fui viver com o padre Leão e o padre Cunha lá no externato de S. José.

P: E retomou a sua actividade normal?

R: Dava missa. Mas como eu não estava ligado a nenhuma paróquia, colaborava no Externato de S. José. Dava aulas não sei se era português. Sei que dava dar aulas de português e matemática.

P: E foi de alguma forma criticado pela Igreja Católica por ter feito trabalho político?

R: Ninguém me acusou.

P: Nem Monsenhor Martinho?

R: Nunca disse. Ninguém criticou. Agora quando eu estive a trabalhar no externato S. José depois ele uma vez chamou-me. Disse assim: “tu estiveste no mato, mas conheces muito bem aquela zona de Baucau, de Ossú sobretudo e as pessoas gostam muito de ti, do trabalho que fizeste por lá. Tu tens que voltar para lá”. Eu disse: “Monsenhor, desculpe mas eu não vou para lá. Se quiser que eu trabalhe, tenho algum trabalho aqui em díli. Em qualquer paróquia, e qualquer serviço aqui na paróquia de Díli eu faço. Agora ir para lá para Ossú é ir meter-me na boca do lobo. Isto eu não faço”.

P: Porque é que era meter-se na boca do lobo? Tinha medo dos guerrilheiros ou dos indonésios?

R: Pela minha situação. Tinha medo dos indonésios. Dos guerrilheiros eu sei que não tenho medo. Eles sabem quem eu sou.

P: Tinha medo que o prendessem outra vez?

R: Prender-me não. Podem matar-me. Podem matar. Ele não aceitou bem e depois vira-se para mim e diz assim: “A minha vontade é a vontade de Deus”. Eu disse: “a sua vontade é a sua vontade. Não é a vontade de Deus. Agora eu ir para aquele sítio que eu sei que é perigoso. Os indonésios estão lá e sabem muito bem da minha actividade no mato é ir-me expôr ao perigo. E eu não vou. Se o senhor quer ser mártir pode ir.. mas eu não.” ele ficou todo danado. Depois fiquei lá em Díli. Sem nenhuma nomeação nem nada. Estava no Externato e ia fazendo outros trabalhos. [...] dei aulas ali no externato. Entretanto finais de 79, já se falava em Díli que a Indonésia em 80 já ia proibir o uso do português nas missas...

P: Usaram sempre o português nas missas?

R: Nas missas sempre o português. Havia padres que rezavam em bahasa mas a maioria dos padres timorenses... e então criámos uma equipa (éramos 8). A base de trabalho era mesmo o Externato de S. José: era o Leão e Cunha, um deles era o actual bispo, o Ricardo, o Francisco Tavares, Agostinho e Mariano Soares. Nós éramos 8. Havia mais outros que nos apoiavam mas nós estávamos no trabalho específico. Então começámos a traduzir tudo da missa para tetum. Quem fez toda a tradução fui eu. Os outros era para fazer apenas a revisão. E depois o padre Cunha é que escrevia a estêncil. Algumas dúvidas que eu tinha ia perguntar aos timorenses que estavam lá. A maior parte eram da família, primos e sobrinhos.

P: Só fizeram a tradução da missa? Não fizeram da Bíblia.

R: Bíblia geral não. mas as partes de leituras sim. As leituras dos Evangelhos, do Novo Testamento (...) tudo aquilo que era usado na missa. Essas leituras dominicais. Orações traduzimos tudo. Eu traduzi tudo, depois o Leão dava uma vista de olhos e depois o Cunha é que passava a estêncil. Depois de ter feito tudo, para poder ter validade, tinha de ter a aprovação do monsenhor, ele como era bispo na altura, ele é que tinha que aprovar. Mas tinha que haver uma revisão posterior. Então escolhemos Monsenhor e mais um outro padre que se chama António Maia, depois morreu em 81 ou 82. Eles fizeram a revisão. O Monsenhor queria corrigir umas coisas. e nós fomos dizer: “o Monsenhor só pode corrigir aquilo que for contra o dogma. Fora isso não pode corrigir nada”.

P: Não gostava do Monsenhor Costa Lopes?

R: Não era não gostar. Mas nós sabíamos que se ele fosse corrigir punha aquilo de uma forma que não era correcta. Com uma tradução tão bem feita, não pode corrigir nada. Então ele assinou. Entretanto nós contactámos o núncio apostólico, e núncio pede-nos dois exemplares de trabalho. Nós fizemos duas cópias entregámos duas cópias a ele. Uma ficou com ele e Jacarta e outra trouxe para Roma. E o Vaticano diz que consultaram mas não sei quem é que consultaram porque, na altura não estava nenhum timorense em Roma, o Paulo VI (na altura era Paulo VI) deu ordem ao cardeal da liturgia para aprovar. Em Abril de 81 recebemos a aprovação e em Outubro de 81 quando o núncio foi para Timor (nessa altura já era o espanhol Pablo Puente), nessa altura celebrou a missa em tetum. A partir daí os indonésios não fizeram nada.

P: Portanto a Igreja também aí resistiu à imposição Indonésia. Então a partir daí a missa passou a ser em tetum?

R: E a partir daí nós fizemos várias cópias. E sabe onde é que nós fizemos as cópias dos livros, dos manuais? No departamento de Informação da Indonésia. Tinha lá um primo que era responsável pelo sector do departamento de informação. Dávamos-lhe a ele então ele é que mandou fotocopiar.

P: A Igreja não tinha condições?

R: A Igreja naquela altura não tinha material suficiente e papel para fazer e não tínhamos dinheiro.

IV parte

Data: 31/01/2015

P: Como é que viu a nomeação de Carlos Filipe Ximenes Belo como administrador apostólico?

R: Já se sabia em princípio de 83 que Monsenhor ia sair. Apontou-se muitos nomes. Inclusive já se falava do D. Basílio mas só depois é que ele é nomeado. Então de repente sai o nome de Ximenes Belo. Eu quando estava em Díli, em Março, as pessoas começaram a falar. Mesmo os católicos que estavam ligadas à Igreja e à resistência também não compreenderam bem o porquê dessa decisão. Para já ele é salesiano

P: O que é que isso quer dizer?

R: Normalmente se formos a analisar a história da Igreja, são poucos os religiosos que são bispos. É sempre normalmente diocesano. Normalmente são os diocesanos.

P: Mas não foi por causa disso que vocês se espantaram.

R: Era mais pelo facto da experiência que ele tinha da pastoral. Porque ele não estava ainda a trabalhar, tinha acabado de formar. Começou a trabalhar um pouco fora não sei se foi nas Filipinas ou noutra sítio qualquer. Mas na pastoral não. E era um rapaz novo na altura. Tinha uns 34 ou 35 anos. Era da minha idade mais ou menos. A diferença era uns 3 ou 4 anos. Talvez não acreditassem que ele pudesse tomar uma posição favorável à resistência. Porque ele nunca mostrou uma atitude assim de quem estivesse a favor da resistência. Não se manifestava e as pessoas também não o conheciam. Isto tudo criou um pouco de dúvida e decerto maneira, desconfiança e contestação da parte dos padres que estavam em Timor., sobretudo dos timorenses com a nomeação dele.

P: Nessa altura ainda estava em Timor?

R: Eu quando ouvi falar estava em Timor. Por isso é que sei dessas conversas. Eu como conhecia mais ou menos, eu também disse. Normalmente a Igreja escolhe para bispo alguém que já tenha experiência pastoral, bastante activa e notória.

P: E acha que ele foi escolhido porquê? Porque era mais moderado?

R: Não sei qual é a razão do Vaticano. Talvez por ser mais moderado ou talvez tenha assim um consentimento tácito da Indonésia. Por ser novo, ser capaz de ser manejável. Ou talvez por os salesianos na Indonésia garantirem que ele era pró-indonésio. Não sei. Isto são suposições que podemos hoje fazer. Ele foi para lá. foi como Monsenhor, depois foi sagrado bispo. Começou a trabalhar. Agora depois como foi o trabalho dele com os padres, na Igreja, já não sei dizer.

P: Depois daquilo que conhece, acha que ele mudou de posição ou não?

R: Tomou atitudes positivas a favor da Igreja e a favor da resistência. Agora se é uma dinâmica que possa levar as pessoas a dizer que ele seguiu as pisadas de D. Martinho, eu acho que não. Tanto assim que ele foi flexível e em 92 mandou fechar o Externato.

P: Como é que foi essa história?

R: O Externato de S. José é o único colégio católico que desde a invasão, até ao fecho sempre a língua base foi o português. Na altura não tinha materiais escolares mas os alunos e os professores fotocopiavam os manuais.

P: Mas o português já era interdito.

R: Sim, sim. Já era proibido. Tanto assim que é a única escola que ensina português. O programa até 92, é totalmente em português.

P: E portanto acha que isso foi uma cedência às pressões indonésias.

R: Eu acho que sim porque ele cedeu. Basta ver o caso do cemitério de Santa Cruz. Quem são os jovens? Se formos a ver são todos do Externato. Além daqueles que faziam parte da rede clandestina, mas a maioria eram alunos do Externato.

P: Mas estava-me a dizer que os padres não tinham material didáctico...

R: Fotocopiaram os livros antigos de 75 e os alunos aprendiam todas as disciplinas (matemática, ciência, geografia) com os manuais antigos que iam fotocopiando.

P: Quem eram os padres que estavam na direcção?

R: Na direcção era o padre Leão da Costa. Antigamente era em Balide (hoje é o Seminário Menor).

P: Aqui eram sobretudo padres que davam aulas.

R: Eram padres, alguns professores antigos. Timorenses. Até 83 quando eu saí, só eram timorenses e havia um padre jesuíta indonésio. Ele ensinava em bahasa. E o outro responsável é o padre Domingos Cunha que agora está nos Estados Unidos da América.

P: Mas estávamos no D. Ximenes

R: Depois o D. Ximenes começou a trabalhar (isto fui sabendo pelos contactos) mas depois em 92, depois do massacre de Santa Cruz então ele manda fechar o Externato. Os pais queriam mas ele disse: “se querem continuar eu não dou o meu aval para abrir. Portanto eu não autorizo a abertura.” Então fecharam o Externato.

P: Ele já não foi um líder como Martinho da Costa Lopes que incentivou a guerrilha.

R: Não sei se ele chegou alguma vez a incentivar a guerrilha. [...] Xanana a certa altura, depois de 83, 84, e sobretudo nos anos 90, ele era comandante da guerrilha mas de vez em quando estava em Díli. Às vezes uma semana, 3, 4 dias. Escondido claro. Escondido na casa das pessoas que ele sabe que para já estão ligadas à resistência. Em Ermera, por exemplo, sabia que o Xanana uma vez estava na residência do padre de Ermera. Ele estava lá, estava num quarto, e o padre a receber os indonésios na sala. Isto foi o padre Mário Belo que me contou (já morreu). E ele contou. Era de noite, os indonésios costumam ir lá às vezes porque é pastor, é um indivíduo mais importante. Os comandantes foram para lá para falar com ele. Estavam a beber café na sala e o Xanana escondido lá num quarto.

P: E há também a ideia de não ter sido tão corajoso como D. Martinho.

R: Acho que não. Na altura em que ele saiu. Ele começou a meter-se um pouco mais na política. Na política não. Na defesa dos direitos humanos já tornou-se uma pessoa não agradável para os indonésios. Quando foi do massacre Ximenes Belo ficou de

certa maneira perdido, sob uma pressão muito grande. E quem o obrigou a sair foi o D. Basílio.

P: Mandou sair quando?

R: Quando é que ele saiu? Mais tarde no anos 90. Acho que foi em 99. Depois do referendo. Ele estava de tal maneira sob pressão...

P: Mas durante a ocupação não atacavam a Igreja. Porquê?

R: Eles nunca atacavam a Igreja porque sabiam que a Igreja tem muita força em Timor e também porque eu acho que de certa maneira, a maior parte dos chefes, comandantes em Timor ou eram católicos ou eram protestantes. O Benny Moerdani era católico. Então eles sabiam da situação e da responsabilidade de Timor. Mesmo os governadores de Timor, O guilherme Gonçalves, era liurai, chefe de Atsabe, muito ligado à Igreja também. Eles faziam sempre pressão. O Arnaldo de Araújo era catequista, era um indivíduo sempre ligado à Igreja. Depois o Francisco Lopes da Cruz foi seminarista e é católico. Em Timor é assim todo e qualquer chefe, qualquer responsável que seja católico ou protestante ou ateu tinha que ter sempre uma atitude favorável à Igreja porque se não era o povo contra ele. Isto era uma realidade porque o povo estava muito do lado da Igreja.

P: E porque é que isso acontecia?

R: Eu acho que acontece porque o povo via sempre na Igreja uma voz que o possa defender ou uma presença em que ele pode ir desabafar-se e uma presença em que ele pode obter protecção. É uma força, uma presença reconfortante. Em todos os aspectos: quer religioso, quer político, quer tudo. Eles sabem que indo dizer ou falar à Igreja, a Igreja sempre toma uma posição e vai defender ou vai dizer e vai pedir para não fazer isto ou aquilo. O povo sempre confiou nessa capacidade de intervenção da Igreja ou das pessoas da Igreja a favor. Por isso que o povo viu na Igreja sempre uma força. Uma presença de travar um pouco a fúria do inimigo. Eu penso que é assim.

P: Quando vai ter com os guerrilheiros, porque não fica com os indonésios?

R: Quando os indonésios entraram no dia 12 de 76 em Ossú onde eu estava, as forças e a população fugiu toda e eu fiquei ali sozinho com o senhor que era meu cozinheiro, um timorense. E quando eles entraram passaram pela minha residência, eu estava vestido de batina porque era a única forma de eu me identificar mas apanhei. E depois quando iam levar-me para o fuzilamento aparece um árabe e fui libertado. Fiquei ali uma semana. No dia 20 ou 21 a FRETILIN assaltou aquela zona onde estavam os indonésios e os indonésios fugiram para trás. Quando fugiram deixaram-

nos ali. Esatva eu, estava este árabe, estava o rapaz que era meu cozinheiro e estava uma família chinesa. Deixaram-nos ali. E quando a FRETILIN chega, eu estava lá com o grupo. E depois como estava naquela situação, no meio da linha de fogo, entre a Indonésia e a FRETILIN, entao saí com a FRETILIN. Não foi or opação política nem nada. Foi por uma casualidade.

P: Mas depois fez uma opção política ou foi sempre empurrado...

R: Depois senti-me bem com a população, trabalhei com eles normalmente e não pensei em ir render-me nem nada. Estava bem ali com o povo, trabalhei com eles até depois nós sermos presos.

P: Mas achava que era uma missão ou era já uma opção política da sua parte?

R: Na altura ainda não, ainda não era uma opção política nem nada. Acho que era uma possibilidade de poder estar ali a acompanhar aquelas pessoas. Era uma missão de certa maneira. Então só em Julho de 77, quando propõem ao comité central para eu entrar como assistente político, então eu aceitei. Eu disse: “não tenho mais nada para fazer. Estar aqui sem fazer nada também aborrece-me.”

P: Mas achava que era importante a independência?

R: Sim. Acho que Timor tinha toda a possibilidade de ser independente.

P: Mas era por aquilo que via os indonésios fazer?

R: Não era só isso. Já em 72, 73 quando estava aqui em Portugal a estudar, reuni muitas vezes com alguns líderes que hoje já morreram na casa de Timor. Já falava nisso na possibilidade de independência de Timor. Eram timorenses que estavam cá a estudar: o Vicente Reis, Abílio Araújo, Carvarino. Na altura lembro-me bem que reuníamos, falava e eles gostavam muito de ouvir a minha opinião.

P: Sempre defendeu a independência.

R: Sim. Quando surgiu a oportunidade de poder trabalhar pela independência, pela FRETILIN, não duvidei. Porque os da UDT também vieram atrás de mim. Mas eu nunca aceitei. Disse que era neutro. Mesmo pessoas da APODETI, meus amigos vieram falar comigo, viam sempre em mim como uma possibilidade mas eu nunca fiz uma opção. Mesmo com a FRETILIN a princípio também não fiz.

P: E como é que foi o papel dos padres?

R: A maior parte dos padres timorenses apoiava a resistência, defendia a independência e depois apoiava da maneira possível. Eu muitas vezes enviava medicamentos para as montanhas. Mas também havia talvez 3 ou 4 que eram favoráveis à integração. Mas eles nunca iam contra a resistência. Depois os

salesianos, na zona de Baucau, praticamente eram todos a favor da independência. Era um italiano que estava em Fatu Maka mas o resto em Baucau e em Los Palos. Em Los Palos era um português e um italiano, Nacher. Em Baucau eram portugueses. Sei que todos eram a favor da independência. E depois claro os padres indonésios estavam lá alguns como indonésios defendiam a Indonésia mas também se mostravam compreensivos com a luta. Achavam aquilo como natural. Eu acho que em Timor mesmo os militares que estavam em Timor aqueles que eram ferranhos a defender os interesses da Indonésia são os soldados javaneses, da ilha de Java. Porque os soldados das outras ilhas não. [...] Aquilo era uma luta de David e Golias. A quantidade de forças da resistência que Timor tinha e a quantidade de Forças Armadas que a Indonésia tinha com armamento pesado que existia em Timor. A Igreja fez aquilo que pôde mas começou a afirmar muitas vezes essa grande resistência quando em 81 o Papa aprovou a língua tetum como língua oficial. Acho que isso foi um passo decisivo para uma afirmação e uma separação da Igreja de Timor. Em 89 quando o Papa foi a Timor acho que isso foi o reconhecimento de certa maneira que marcou decisivamente a luta de Timor. Tanto assim que umas pessoas criticaram, outras não por ele não ter beijado a terra de Timor. Mas foi a explicação de Roma se fez: que era uma terra ocupada. Se for beijar a terra está a reconhecer o domínio do invasor. Tanto assim que ele beijou a almofada. Pôs uma almofada e não beijou o chão.

P: E depois vem para cá? Quanto tempo está em Timor depois de se entregar?

R: Foi em Abril de 79 que com o meu grupos nós nos rendemos. Depois saí de Timor em Março de 83. Durante esse tempo estive de 79 até princípio do começo do trabalho de tradução, ainda dei aulas, no Externato de S. José. E depois do esforço da tradução, tive uma recaída, quase que ia ficar com um esgotamento. Depois consegui recuperar ainda continuei com um pouco de aulas em 81, no Externato. E depois em 81 acabei os trabalhos, pedi um subsídio de licença para me ir tratar. Fui a Jacarta fazer o tratamento. Depois do tratamento, recuperei. Depois regressei, queria trabalhar e fui falar com o D. Martinho (antes disso já tinha falado com o D. Martinho para ver se me dava um trabalho mais concreto ele disse que não tinha lugar em Díli). E depois senti uma depressão muito grande. E claro a pessoa humana tem os seus limites. [...] Antes disso D. Martinho quando falava com as freiras dizia: “o padre Luís não faz nada. Está ocioso.” “Mas quem fez todas as traduções é ele que está a fazer”. “Mas isso não é a vontade de Deus”. Era uma grande pressão por parte do bispo. (...) nós trabalhávamos em grupo, os outros colegas podiam dar uma palavra ao bispo, mas

ninguém foi capaz. Todos se lamentavam da posição do bispo mas ninguém era capaz de dar uma palavra. Como ali em Timor aquilo é tão pequeno, no ano de 82 eu estava ali no Externato com o Leão e o Cunha, eles iam fazer a inscrição e o D. Martinho terá dito aos dois que se eu continuar ali ele não autorizava a abertura do Externato. Então os dois vieram ter comigo a contar. Então sendo assim eu saio daqui e vou a casa da minha irmã. Hoje são meus amigos mas isto ficou. Fui para casa da minha irmão e com essas coisas afastei-me da Igreja. A minha família compreendeu. Em 82 estava sem fazer nada só escrevia algumas memórias, então o Chico Lopes é que me convida para ir viver em casa dele. Ele na altura era vice-governador. E ele convidou-me para ir viver em casa dele. Lá organizei uma coisas em casa dele. Fui pintor também e estudei também aqui em Portugal, tirei o curso por correspondência de desenhador técnico da construção civil das máquinas. Sei essas coisas da construção civil. Ele estava a recuperar a casa, eu orientei um pouco os trabalhos para melhorar a casa dele.

P: E não foi mal visto por estar a ajudar o Francisco Lopes?

R: As pessoas ninguém disse nada contra porque as pessoas começaram a compreender também, porque naquela altura as pessoas já sabiam que, por causa do meu trabalho de tradução, a Indonésia tinha elementos para provocar um acidente comigo na rua. Por isso as pessoas acharam normal que para mim era mais seguro estar ali do Chico Lopes. Quando estava em casa da minha irmã também estava seguro porque o marido da minha sobrinha era timorense mas era comandante da Indonésia. Estive ali sempre. Com o Chico Lopes ainda organizei os bailes nas festas. Organizava as filmagens. Tenho vários videos sobre as danças timorenses. Participava na coreografia de certas danças. Em março de 83 quando tive a oportunidade de poder vir sair de Timor, saí.

P: E como é que teve essa oportunidade?

R: Foi o Chico Lopes que organizou, falou com o meu irmão. Arranjou uma passagem. Fui para Jacarta. Estive 7 meses em Jacarta lá em casa dele também. Ali vivi, ali aprendi um pouco a língua indonésia. Entretanto fui tratando do passaporte para poder sair e consegui sair de Timor. Foi em Novembro de 83 é que vim para Portugal.

P: Porque é que vem para Portugal?

R: A vida lá na Indonésia também não interessava. O único país que conheço é Portugal, já aqui estive a estudar.

P: Então e depois integrou-se na Igreja?

R: Primeiro cheguei estavam os timorenses no Vale do Jamor. Fui lá ver como era a situação dos refugiados.

P: Mas estava a viver no Vale do Jamor?

R: Não. quando saí fomos recebidos numa pensão no Vale Flor, ali na Alameda. Pela Segurança Social. E depois dali mudámos para uma pensão em Oeiras.

P: Mas contactou a hierarquia da Igreja?

R: Depois comecei a contactar, fui falar com o padre dos Anjos. Porque eu em 74 , quando acabei o curso fiz o estágio nos Anjos com o padre João Sousa e fui falar com ele. “Podes vir à vontade” e comecei a trabalhar. Antes também fiz estágio nas Oficinas de S. José e então fiquei ali a trabalhar. Portanto 84, finais de 84 fui nomeado pelo bispo para colaborar na Ajuda. Fui lá para trabalhar como padre, a desenvolver a pastoral. Éramos uns 3 padres. Depois comecei a inteirar-me das actividades da pastoral e depois perguntei como é que é a minha actividade. “Ficas a acompanhar a catequese e preparação dos baptismos”. Fui pesquisando os manuais para me actualizar. Tentei colaborar dinamicamente na paróquia e a resposta do pároco era não faças isso. Era um velhote com 20 e tal anos e não quer mudanças. “A pastoral tem de ser mais jovem”. “Isso nem pensar”.

P: Depois quando estave cá como padre também se envolveu na luta dos timorenses?

R: Sempre. Mesmo como padre quer na Igreja dos Anjos, quer na paróquia da Ajuda sempre participava todas as actividades que existissem sobre a luta de Timor para esclarecer a situação de Timor, para esclarecer nas aulas aos alunos, quer ensino primário, secundário, universitário, eu sempre participava e dava o meu testemunho.

P: E era convidado por quem?

R: Para já conhecia muita gente. Sobretudo convidado por uma associação com quem trabalhei durante alguns anos: “A Paz é Posível” com quem eu trabalhava. Depois entretanto comecei a frequentar círculos de professores que estavam envolvidos com a resistência e então foram-me conhecendo e a partir daí convidavam-me. Muitas vezes não me convidavam através da associação mas convidavam-me directamente. Eu ia contar como é que a gente vivia no mato.

P: E tinha alguma relação com Timor e com a resistência?

R: A gente tinha sempre porque eu estava aqui, estava enquadrado no comité da FRETILIN. Eu dava informação de todas as minhas actividades aos elementos que estavam aqui: o Horta, o Alkatiri, o Roque Rodrigues, Abílio Araújo.

P: Quantas vezes é que reuniam?

R: A nível de responsáveis máximos, talvez duas ou 3 vezes por ano. Mas a nível do comité de apoio da FRETILIN em Portugal, a gente reunia todos os meses. Para analisar os documentos, para definir estratégias, para ver como é que se pode apoiar a rede clandestina em Timor. Depois destas reuniões as informações chegavam aos jornais. Só que muitas vezes naquela altura, os jornais não recebem documentos através de nós pequenos mas só se relacionam com os grandes. Ou só com o Horta, ou só com o Alkatiri ou só com o Abílio Araújo. Ninguém nos ouvia a nós.

P: Porque é que acha que a Igreja se envolvia?

R: Eu acho que a Igreja de Timor envolveu-se na resistência e na luta, falando por mim, acho que é uma coisa natural. Porque nós vivíamos aquela situação de Timor em que sabíamos a capacidade de Timor mas que foi sempre renegada de poder ser como cidadão ou de se poder ser como pessoas dignas na sociedade. Timor é um sítio onde os portugueses chegaram e embora possamos dizer que eles não fizeram desaparecer ou proibissem os aspectos culturais mas também nunca deram oportunidade do povo se desenvolver mais. Quer a nível intelectual, quer a nível económico, quer a nível social. Timor habituou-se a viver uma vida que o que fazia durante os 500 anos, aquilo que há dois mil anos os seus avós faziam. Estagnou no tempo. A igreja envolvia-se para poder mudar a situação. Já que Portugal saiu e a Indonésia está a reprimir era uma forma de poder ser alguém ou ser melhor. A igreja sabe que com a Indonésia seria pior do que estar com Portugal. Por causa da violação dos direitos humanos. Se formos à Indonésia é o mesmo. O timorense sabe que se continuar com a Indonésia seria pior. Com Portugal mesmo que a gente não se desenvolva intelectualmente, sentimo-nos livres. Com a Indonésia não.

P: E porque é que a Igreja não podia ficar no seu canto?

R: Acho que era impossível. A própria vida da Igreja e o povo que estava envolvido com a Igreja não deixava que a Igreja ficasse parada no seu lugar. A vida de envolvimento com o povo. Podemos dizer que a Igreja se identificava com o povo e o povo identificava-se com a Igreja. E isso faz com que não pudessem ficar indiferentes. Podemos dizer que era uma missão individual, do que é ser padre em Timor.

P: E o que é que é ser padre em Timor?

R: É estar envolvido com a realidade cultural e social, é trabalhar para o povo, ser como o povo.

P: Portanto acha que em Timor, a Igreja é diferente.

R: É diferente. Sim em Timor há maior envolvimento com o povo. Sobre tudo no tempo português, a maior parte dos padres que foram para lá, têm uma vida, uma pastoral idêntica à Europa. Em Timor talvez pela situação, indo para as aldeias, indo para os locais sabem que quando vão o povo vem ter com eles. Não se relacionam só porque ele é padre mas também porque ele é timorense. E quanto maior a dinâmica do padre para com eles, eles mais retribuem. A actividade do pároco açoriano que estava em Ossú, era uma atitude pastoral estática. O padre estava na igreja e os cristãos vêm à igreja ter com ele. [...] com a guerra teve muito mais influência. Porque as pessoas começaram a ir para a Igreja e os padres começaram a sair.

P: Portanto foi a guerra que obrigou a Igreja a sair.

R: De certa maneira. A guerra e sobre tudo a invasão. Porque os padres sabem que as pessoas querem vir ter com eles mas para não dar azo a que os indonésios possam pensar que eles vêm ter com os padres para dar informações, os padres é que iam para as famílias, iam ter com as pessoas. Creio que a guerra contribuiu muito para uma Igreja mais dinâmica, mais voltada para fora.

Anexo 20

Entrevista Luísa Teotónio Pereira e Jean Pierre Catry

Luísa Teotónio Pereira pertence ao conselho directivo do actual Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral (CIDAC- Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral, antigo Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral). Jean Pierre Catry integrou a equipa de “A Paz É Possível Em Timor-Leste” (APPTL). Os dois foram importantes activistas na defesa da causa timorense.

As entrevistas foram realizadas em Lisboa, a 14 de Abril de 2015

Pergunta: Estava-me a dizer que a Igreja Católica no início...

Jean Pierre Catry (JPC): É preciso ver que nas colónias portuguesas havia a concordata e o acordo missionário. Isso dava um quadro muito específico à Igreja de Timor. Dependia da Conferência Episcopal Portuguesa e era muito no sentido da colonização. Quando acontece o 25 de Abril há um certo receio do que é que vai acontecer. E houve dois partidos logo no início, dois partidos principais: a UDT e a FRETILIN. A UDT era no sentido de conservar não digo a colonização mas as elites. Continuar na linha anterior. Enquanto a FRETILIN era a revolução apelidado pelos inimigos de comunistas. Portanto a Igreja era profundamente anti-FRETILIN e nesse sentido receava mais a FRETILIN do que a própria Indonésia. A Indonésia tinha passado, depois da independência, em que tinha um presidente que era tido como comunista e houve um golpe de estado. Os Bips indonésios tentavam convencer a Igreja de Timor que o melhor para a Igreja de Timor era aceitar a ocupação indonésia.

P: Há documentação?

Luisa Teotónio Pereira (LTP): No site do CIDAC nós temos um campo que diz Timor online que vai dar a uma base de dados que tem milhares de documentos sobre Timor. Digitalizaram a documentação com o apoio da Fundação Gulbenkian.

P: A Igreja a determinada altura é uma voz mais audível que a própria resistência. Até porque tinha uma estrutura e a resistência a determinada altura fica desorganizada.

LTP: Fica desorganizada durante muito pouco tempo porque justamente... Por isso é que eu acho que é mais importante falar em fases da organização da resistência porque eles foram conseguindo adaptar a sua capacidade de organização. Primeiro era uma guerra aberta como disse o Jean Pierre. Depois foram sendo dizimados, a população foi obrigada a render-se ou foi morta e portanto eles ficaram um grupo de guerrilheiros já com muito menos população. E mesmo esse grupo foi em grande parte dizimado também. Isso levou a uma reorganização da resistência que se adaptou a uma guerra de guerrilha em vez da guerra de posição anterior. Essa manutenção foi importantíssima para a população e para a própria Igreja porque foi a certeza de que a resistência não tinha morrido. Que valia a pena lutar. Porque senão a Igreja nunca tinha mudado de posição. Porque a Igreja efectivamente mudou de posição. A hierarquia mudou de posição. Era a favor, como o Jean Pierre estava a explicar, quando chegaram os indonésios a Igreja viu isso como uma espécie de libertação do potencial comunismo que estaria a ser implantado.

JPC: Muito rapidamente porque viu as brutalidades das tropas indonésias. Isso foi o primeiro corte da Igreja em relação à Indonésia. Mas só nesse ponto de vista porque continuavam contra a resistência armada. O bispo português sai em 77 e entra D. Martinho da Costa Lopes e aí começa a haver uma verdadeira mudança. Porque o Martinho da Costa Lopes é um timorense sente as coisas na barriga, não é só na cabeça como o D. José. E o Costa Lopes começa a tomar posições. Primeiro alerta os indonésios de que não podem continuar assim. Fá-lo junto da Igreja indonésia. Fá-lo directamente junto ao Soeharto numa reunião que tem com a Conferência Episcopal Indonésia. Faz essa intervenção e põe-se a Igreja indonésia contra ele porque a Igreja indonésia não quer problemas com o poder. Na própria invasão a visão da Igreja indonésia de ocupar e integrar Timor é aumentar o peso da Igreja na Indonésia. Porque só isso duplicava os católicos. É um jogo de poder.

P: Socorriam-se da Igreja Católica para recolher informação?

LTP: O CIDAC foi a primeira organização que começou a trabalhar sobre Timor logo em Setembro, Outubro de 74. Mas a partir de 81 surgiu uma nova organização, A Comissão para os Direitos do Povo Maubere. O CIDAC começou em 74, antes da invasão. Depois foi crescendo. Em 79 houve uma conferência que o CIDAC apoiou. E em 81 apareceu a CDPM que se tornou a organização especializada no assunto. Que viveu sempre no CIDAC, foi sempre apoiada pelo CIDAC. Foi sempre coordenada por alguém do CIDAC mas formalmente era uma associação diferente. E portanto o CIDAC acabou por canalizar todo trabalho de Timor-Leste através da CDPM. A CDPM e a Paz é Possível eram as duas organizações mais activas durante mais tempo com esta mesma estrutura. O professor Barbedo de Magalhães foi uma pessoa muito activa até porque tinha estado lá, mas nunca criou propriamente uma organização. Tinha a Universidade do Porto, fez as Jornadas mas não era uma organização. Uma organização enquanto tal durante bastante tempo primeiro a CDPM, depois a Pa é Possível logo a seguir em 82. E as duas permaneceram até à independência de Timor e auto-dissolveram-se. Tomaram a decisão, uma vez cumprido o seu objectivo de se auto-dissolver. Portanto isto foram muitos anos de trabalho e o CIDAC ficou a partir de 81 um pouco mais invisível nesta estrutura. A Igreja conseguiu manter basicamente a sua estrutura. Não houve grandes modificações na estrutura eclesial em Timor. Era a única estrutura aceite pelos ocupantes. Mas com muitas restrições também. Por exemplo a informação que nós recebemos no início vinha sobretudo da Igreja porque apesar de tudo tinha alguns

canais que funcionava um pouco melhor mas com muitas dificuldades. Era informação que era passada clandestinamente. A informação que a Igreja passou para a Santa Sé, para o Vaticano, nunca foi distribuída. Ou seja o Vaticano não passava para fora. O arquivo do Vaticano deve ser interessantíssimo.

P: mas está fechado.

LTP: Mas deve ser interessantíssimo porque houve muita informação que foi directamente para o Vaticano com pedido de que as coisas fossem divulgadas e ficou sempre parado. Nós recebíamos isso através de pessoas que conseguiam apesar de tudo... umas freiras que não sei aonde e depois lá conseguiam trazer umas coisas.

JPC: A primeira carta que chegou, penso que do padre Leão. Uma vez que o núncio foi a Timor e ele conseguiu dar uma carta ao núncio por umas religiosas que tinham estado em Timor e tinham saído antes da invasão.

P: E era o núncio de Lisboa?

JPC: Não, o núncio da Indonésia. Enquanto esteve D. José Ribeiro a Igreja de Timor dependia da Conferência Episcopal Portuguesa. Quando foi nomeado D. Martinho da Costa Lopes foi nomeado administrador apostólico. Nunca foi bispo e dependia do Vaticano directamente mas de facto o Vaticano está longe. Portanto dependia do núncio da Indonésia e com o aconselhamento de ir à Conferência Episcopal Indonésia e combinar com eles o que se devia fazer em Timor. Ele foi mas recusou sempre ser considerado membro da Conferência Episcopal. Era um observador. E os indonésios esperavam muito mais da Igreja para obter a integração de Timor na Indonésia. E a Igreja sempre recusou.

P: Porque é que diz isso?

JPC: Porque há montes de documentos que mostram isso. Documentos da Igreja de Timor. Mais uma vez. Alguns documentos da Igreja Indonésia que mostram que a Igreja Indonésia quer ajudar a Igreja de Timor na perspectiva da integração.

P: No seu caso concreto não era tanto a Igreja o meio...

LTP: Nós tínhamos as mesmas fontes de informação. Partilhávamos as fontes de informação. Depois o tratamento que dávamos à informação é que podia ser diferente. “A Paz é Possível” fazia um tratamento da informação a pensar mais em destinatários ligados às igrejas, não só católica mas também igrejas protestantes por exemplo. O conselho ecuménico nas igrejas. Não só em Portugal mas fora de Portugal. Porque aqui não se tratava só de convencer as autoridades portuguesas. É preciso lembrar que durante muito tempo não estavam convencidas de que Timor podia ser independente.

Hoje há esta ideia de que os portugueses acompanharam a independência de Timor mas isso é falso. A história não corrobora isso. Portanto as autoridades portuguesas aliás facilitaram a entrada de Timor. Há um célebre acordo que nunca foi tornado público entre o Melo Antunes e o ministro dos Negócios estrangeiros indonésios Adam Malik e um pequeno facto muito curioso é que, quando o Melo Antunes, antes de morrer, deu uma extensíssima entrevista que foi publicada em livro a uma investigadora, Manuela Cruzeiro, do centro de estudos sociais da Universidade de Coimbra, ele recusou-se a falar de Timor. Ele falou de tudo. Do papel dele em todos os processos de descolonização. Mas não diz uma única palavra sobre Timor. Na entrevista isso não aparece mas na introdução que a Manuela Cruzeiro faz, ela tem uma linha muito discreta (devia ter sido uma coisa mais referida), ela tem uma linha muito discreta em que diz que ele não quis falar de Timor. Isto já era uns anos depois da invasão e provavelmente ele já tinha assumido o erro e não quis assumir esse erro. Eu acho isto muito importante. Por isso nós precisávamos não só de convencer as autoridades portuguesas e a população portuguesa que desconhecia Timor em absoluto. A colónia mais longínqua, mais pequena, mais desinteressante. Pouquíssimos portugueses passavam por lá. Era uma coisa que estava nos livros de história quando nos ensinavam que Portugal ia do Minho a Timor. Mas basicamente mais nada. Não tinha importância económica. Havia um desconhecimento muito grande aqui em Portugal da realidade de Timor. Havia todo o processo de descolonização das outras colónias que foi uma coisa muitíssimo mais importante de todos os pontos de vista. Político-militar, afectivo, económico, por aí fora... tínhamos que convencer a população portuguesa, tínhamos que convencer as autoridades portuguesas. Mas também tínhamos que convencer, através da informação que nos chegava... nós aqui éramos um canal privilegiado, nós em Portugal, porque as coisas nos vinham a maior parte das coisas em língua portuguesa. Portanto para podermos passar para outros países tínhamos que traduzir, tínhamos que tratar a informação. Portanto “A Paz é Possível” tratava a informação tendo em conta destinatários mais ligados às igrejas e a CDPM tratava a informação mais tendo em conta os movimentos de solidariedade, as Nações Unidas, etc. Mas por exemplo ao nível das Nações Unidas colaborámos sempre imenso porque de certa maneira “A Paz é Possível” deu um enfoque muito grande à questão dos direitos humanos, da violação dos direitos humanos. Dividíamos sempre um bocadinho o trabalho. Trabalhávamos mesmo em conjunto e a CDPM ficava com o trabalho mais político, diplomático porque tinha mais vocação para isso e

porque o outro lado estava coberto. E por isso as fontes na realidade acabavam por ser as mesmas mas víamos entre nós quem é que devi agarrar an informação e como é que ela devia ser tratada de forma a ser mais eficaz possível depois a sua difusão.

P: E as fontes eram? Já vimos a Igreja Católica..

JPC: A Igreja católica e maior a resistência seja armada, seja clandestina. Portanto que mandavam através dos estudantes na Indonésia.

P: Mas os estudantes na Indonésia já é muito mais tarde?

LTP: No início havia basicamente duas fontes. Uma fonte clandestina, que continuava a ser clandestina que era a da Igreja católica mas que não era directa. É a tal história do padre Leão que vai através do núncio para umas freiras que decidem mandar, a pedir publicação, sempre com muitos cuidados. Sempre com medo de represálias.

JPC: Três anos depois.

P: Essa primeira carta?

JPC: sim. Foi mais de 3 anos depois. Foi quando o Papa veio cá em 82 que eles decidiram lançar o apelo pelo padre Magalhães. São antigos portugueses que estiveram em Timor que fazem uma carta para o Papa.

P: Freiras?

JPC: Sim freiras e alguns padres como o padre Magalhães. Fazem essa carta e para difundir vêm algumas pessoas ligadas à Igreja. Movimento da Acção Católica e eu pertencia a um pequeno jornal que se chamava “Libertar “ com cristãos de base. E tomámos um bocado essa reunião em mãos para lançar mais informação e portanto fizemos um caderninho nessa altura para explicar tudo o que tinha acontecido até 82 para poder situar essa carta das antigas religiosas em Timor. E a partir daí conseguimos contactos com os jesuítas também e os jesuítas começaram a passar-nos muitas cartas dos padres jesuítas em timor que mandavam para cá e que eram arrumadas para ninguém saber. Porque o grande princípio da Igreja se dissesse qualquer coisa contra a indonésia seria ainda pior. Aliás foi um argumento que foi usado também pelo governo português. As diplomacias de outros países diziam a Portugal que o melhor era não falar do caso para não agravar a situação.

P: E portanto a Igreja tinha também isso em mente

JPC: tinha.

LTP: Tinha em mente de duas formas. Por um lado não queriam que própria Igreja Timorense sofresse represálias. E por outro lado que a situação da população fosse agravada. Porque normalmente o que eles faziam era denunciar o que acontecia.

JPC: Aliás as primeiras cartas dos jesuítas, muitas vezes eles dizem: Tenham muito cuidado que não se saiba quem escreveu essa carta. Nunca falem de nós.

LTP: Aliás as primeiras cartas eram um bocado vagas. Em termos da informação há uma coisa interessante. Tanto a resistência como a Igreja foram aprendendo a trabalhar a informação a que tinham acesso de modo a ela também ser mais útil no exterior. Porque eu lembro-me que as primeiras cartas por exemplo dos jesuítas eram uma espécie de desabafos. Não tinham elementos concretos quase nenhuns. Diziam isto está horrível. Isto é impossível. Nós sufocamos nesta atmosfera. A população sofre imenso mas não davam dados nenhuns concretos e portanto era muito difícil. Era o género de informação que podíamos difundir mas que tinha pouco impacto. E tanto a Igreja como a resistência aprenderam a ir recolhendo dados de modo a que eles fossem mais úteis cá fora. E portanto foram começando com muito cuidado para não expor as pessoas, para não dar lugar a represálias. Mas as represálias eram sempre tantas, a situação era de tal forma desesperante que a partir de certa altura eles começaram a ver que mais valia produzir esse tipo de informação acontecesse o acontecesse, porque era a única maneira de dar a informação

JPC: Aliás como fez o D. Martinho. Quando houve o massacre de Karas, o D. Martinho começou a criticar alto para a indonésia e o ministro da Guerra chamou-o para comparecer. Ele é transportado de helicóptero e eles dizem: senhor padre dá informações que são falsas. E ele tinha preparado e começa a dar a sua lista das pessoas que foram mortas.

P: Tinha-me dito que havia outras fontes. Era a Igreja

LTP: Era a Igreja e a resistência. A resistência armada e a resistência clandestina.

JPC: Há uma terceira fonte, menor mas é muito importante. São as igrejas que tentam ajudar a igreja em Timor. Essencialmente australianas e que têm acesso à indonésia mas não têm acesso a Timor. Porque toda a ajuda seja do governo, seja de igrejas tem de passar pelo governo indonésio. A Cruz Vermelha por exemplo, através da Cruz Vermelha indonésia e das igrejas, passa pela igreja indonésia. São eles que decidem como vai ser aplicada e tentam convencer os timorenses que são eles os indonésios que ajudam Timor, para poder tirar os frutos dessa ajuda. E esses australianos que têm acesso à Indonésia têm um contacto directo com indonésios que foram a Timor e

alguns timorenses que vivem na Indonésia, são autorizados a ir a Timor e que são de confiança. E através deles têm uma visão menos parcial da situação. Sobretudo alguns dos padres indonésios que conseguem ir a Timor que conseguem fazer relatórios também. E esses relatórios que nós conhecemos muito tarde já, são muito interessantes porque dão uma imagem muito concreta dos genocídios que acontecem em Timor. Porque acompanham os militares ou são autorizados pelos militares a ir a vários sítios e dizem: disseram-nos que no mês passado houve 200 mortos. A população nesse sítio era de 30 mil agora são 15 mil. Coisas desse tipo. Há um desses relatórios que sai na imprensa australiana depois.

P: É o primeiro relatório?

JPC: Sim. Não se sabe de quem é. Os que publicam isso com cuidado não dizem que é dos indonésios mas é evidente pelos relatos que são feitos. Pela utilização dos nomes. Eles deformam os nomes das povoações porque a língua indonésia é completamente diferente do português e do tetum. Portanto é fácil de identificar. E depois mais tarde sabemos mais tarde pelos padres jesuítas que houve o Superior Provincial Jesuíta indonésio, o Superior Provincial do Verbo Divino que foram a Timor e aparentemente foram eles que fizeram esse relatório.

P: Quem é que é?

JPC: Foi nessa altura do primeiro relatório. Portanto é fácil fazer a ligação entre essa visita e o relatório.

LTP: Era o Superior Provincial dos Jesuítas e o Superior Provincial do Verbo Divino. Duas congregações. As congregações religiosas tiveram, dentro da Igreja, para além dos bispos, houve algumas congregações religiosas que tiveram importância e houve alguns padres timorenses seculares que também tiveram importância.

P: Quem foram?

LTP: Os jesuítas.

JPC: Os salesianos que a partir de monsenhor Belo podem entrar novamente missionários para agradar ao monsenhor Belo. E para o comprar. Porque os dois primeiros entram em Timor nas vésperas de Monsenhor Belo.

P: E quem são?

JPC: São filipinos.

P: Os salesianos portugueses é que...

JPC: Qual é o nome do Salesiano que convidou a população a render-se? Um salesiano que no início faz grande esforços para a população. Porque houve uma

grande parte da população que fugiu para as montanhas. Até houve sete padres que acompanharam.

P: Eu entrevistei o Luís Costa que depois integrou a resistência

JPC: Não quer dizer que eram a favor da resistência. Fugiram com as populações. O caso de Luis Costa é típico.

LTP: Seria interessante ver algumas entrevistas de Luis Costa quando ele chegou a Portugal. Funo

JPC: Nunca ouvimos dizer que ele fez o que quer que seja nesse sentido. E ele nunca nos contou isso na altura em que chegou.

P: Há uma altura em que Luis Costa me diz que FRETILIN não deixava a população render-se

JPC: No início. Enquanto foi a guerra de posição digamos, aguerada aberta, é importante a população. A partir do momento em que a resistência vê que não vai resistir porque não tem os meios dos indonésios (Os indonésios têm transportes, aviação, barcos, etc.) vão fazer uma guerra de guerrilha. A partir desse momento dizem à população que está a ser massacrada: rendam-se. Para não ser massacrada e nós vamos continuar a resistência.

P: O que me diz Luis Costa é que ele se rende mais tarde e que no entretanto é aproveitado pela estrutura.

JPC: É muito difícil porque os que se rendem são reagrupados em campos de concentração. A população que se rende é posta em campos para os separar da população que ficou desde o início controlada pelos indonésios para não lhes transmitir o vírus da resistência. Ele não pode fazer essa ligação com os campos.

LTP: Às vezes as pessoas ao fim de algum tempo idealizam algumas coisas por um lado e porque a certa altura parece haver julgamentos morais sobre quem resistiu é que bom é que é o herói. E quem não resistiu é que... isto é sempre verdade. Mas no caso de Timor é sempre mais complicado porque houve muitas pessoas que estiveram do lado dos indonésios mas ao mesmo tempo faziam muito jogo duplo. Ao mesmo tempo faziam coisas para a resistência.

JPC: Eu estive em Timor ainda durante a ocupação. Fui em 91. Encontrámos o governador da província que fartava-se de dizer mal dos indonésios, era um funcionário dos indonésios. E um outro que era responsável pelo partido Golkar, o partido do governo, e que nos contou imensas coisas e disse: agora vão-me perguntar

o que é que falei com vocês. Mas eu estou preparado já sei o que hei-de dizer. Mas vão interrogar-me. Era o chefe do partido do governo indonésios numa zona.

LTP: Até o próprio bispo Belo. Quando o bispo Belo escreveu uma carta que assinou e depois negou. Assinou, mandou para fora e depois perante os indonésios que apertaram quando a carta foi divulgada, ele negou.

JPC: Não era uma carta só dele. Era uma carta dele e do clero. 31 de Junho...

P: É natural...

LTP: Mas se ele assinou, depois vai dizer que não. porque ao dizer que não assinou está a dizer que a assinatura é falsa.

JPC: E quando teve que dizer que não para se proteger, depois veio cá e continuou a divulgar essa carta

LTP: Eu tive essa experiência concreta porque ele foi a Roma. E eu fui daqui a Roma para falar com ele. Eu e mais uma pessoa. Fomos os dois falar com ele. Era importantíssimo ter uma carta a denunciar uma série de situações em que ele tinha posto a sua assinatura. Ele fez isso, uma carta e depois ele diz publicamente, e foi amplamente divulgado pelos indonésios, que ele não tinha assinado a carta, nós tínhamos que lhe perguntar. E ele diz eu nunca assinei. No fim da conversa com ele, ele diz assim: olhe sobre a carta continuem a divulgar, a carta é totalmente verdadeira. Podem divulgar à vontade. Eu até peço, divulguem. Até numa conversa com dois estrangeiros em Roma, protegííssima, ele oficialmente diz: não, não eu não assinei a carta. E depois no fim diz: a carta é totalmente verdadeira, está lá tudo, divulguem. Eu só peço que divulguem. Acho que é um exemplo máximo de como as pessoas funcionavam em Timor. E não era só ele. Era toda a gente. Porque era a maneira de se protegerem a eles e a muitos outros. Porque cada vez que um ia abaixo, punha muita outra gente. Por isso é muito difícil estar a classificar as pessoas entre quem apoiou e quem não apoiou e quem é bom e quem é mau. Só que no exterior, nomeadamente em Portugal, acabou por se criar uma atmosfera em que são melhor vistos aqueles que apoiaram a resistência. E os que não apoiaram não são assim tão bem vistos. É natural que as pessoas dêem um jeitinho quase até sem dar por isso... mas às tantas já contam as coisas de uma determinada maneira para ficarem na fotografia no bom sítio. Não estou a dizer que é o caso do Luis Costa mas estou a dizer que isto acontece com alguma frequência porque as pessoas no fundo, sobretudo aqui em Portugal em que a questão teve muito impacto... É o que faz o governo português. O governo português diz o tempo todo que sempre foi a favor da Independência de timor. A Assembleia da

República publicou uns documentos em que diz : a Assembleia da República foi não sei o quê. É falso.

JPC: A nossa primeira visita à Lourdes Pintasilgo? A Lourdes Pintasilgo tinha sido nomeada pelo Eanes para assessora.

P: Ele diz aqui que se rende em 79 e antes estava no mato e começa a trabalhar com o Hermenegildo Alves que era o ministro sombra da Defesa.

LTP: Também pode acontecer que tenha havido coisas que ele não nos tenha contado.

JCP: É que quase todos os timorenses foram resistentes contra os indonésios. Mesmo os que participaram nas milícias pró-indonésias quando podiam dar um tiro noutro sentido.

P: Podia ser importante em termos estratégicos

JPC: E até havia um que trabalhava com os indonésios num quartel general, em Díli. Recolhia informações e quando tinha todas as cópias de disquetes de informações quando já se discutia nas Nações Unidas entre Portugal e a Indonésia a retirada das tropas, que os indonésios diziam já retirámos quase tudo. Ele saiu de Timor e disse: cá estão os dados. As tropas continuam a entrar.

P: A Luísa teve bastante contacto com o Xanana.

JPC: Há muitas coisas que têm de ser explicadas. É uma longa história. Eu fiz uma história um bocado de tudo o que está relacionado com a Igreja. Desde 74 até à independência praticamente. E há muitas coisas que são delicadas de pôr em publico.

P: Essa história está publicada?

JPC: Não. fiz com a ideia de publicar. Depois vi que a Igreja de Timor actualmente não está pronta para se confrontar com essa realidade.

P: Mas porquê? É assim tão delicado?

JPC: É. Não é o que se diz hoje em dia. Mesmo o livro que os padres jesuítas publicaram (o João Felgueiras e o Martins) escolheram as cartas que não mexem muito. As críticas que fizeram estão nas outras cartas que não estão publicadas. No livro não há críticas contra a Igreja e eles são extremamente críticos da Igreja.

P: Da Igreja, Vaticano?

JPC: Da Igreja em Timor não. Do bispo sim. Do bispo Belo, do Vaticano completamente e dos núncios. Dos indonésios, da Igreja indonésia e perguntam muitas vezes aos jesuítas aqui e vocês será que vocês acreditam no que nós dissémos. Porque mandam cartas e os outros não dão respostas.

P: E essas cartas estão online no CIDAC?

JPC: Estão. Estão bastantes sim.

LTP: Porque a Igreja em Timor confrontava-se com um dilema terrível que era ver a população a ser dizimada de um lado. E do outro lado ver a cumplicidade do Vaticano da Igreja indonésia, o silêncio da Igreja Universal praticamente. A pouco e pouco começou a haver alguns sinais. Mas foi todo um processo. Mesmo o próprio bispo Belo foi um processo. O D. Martinho foi outro processo. Quer dizer as pessoas não nascem independentes.

JPC: O Monsenhor Belo como administrador apostólico faz críticas mas depois dá uma no cravo outra na ferradura.

LTP: O Belo dá muito uma no cravo outra na ferradura. É táctica dele mesmo

JPC: É muito criticado por causa disso. E quando é nomeado bispo então solta-se. Antes do Papa visitar Timor. Quando Papa vai visitar a Indonésia que era o grande desejo do Vaticano há muitos anos, o Vaticano quer visitar Timor que é a província indonésia que tem mais católicos, quer visitar Timor mas não quer ser recebido por um administrador apostólico e portanto nomeia um administrador apostólico, bispo. Porque ficava mal ser simplesmente um administrador. E o Belo uma vez bispo sabe que não vai ser mandado fora com toda a facilidade. É muito mais difícil demitir um bispo do que um administrador apostólico. E A partir daí sente-se mais autorizado para poder criticar a Indonésia.

LTP: Ao longo dos anos todos da ocupação, a mutação é muito grande. É muito grande.

JPC: Uma coisa que é fundamental se pusermos de um lado as Nações Unidas que sempre respeitaram o direito à autodeterminação

LTP: Nem sempre da mesma maneira

JPC: Tivemos um secretário-geral que foi péssimo. O Perez de Cuellar. O Vaticano por outro lado é constantemente a favor da Indonésia. Até ao fim. Até não querem que o Monsenhor Belo receba o prémio Nobel da Paz. Monsenhor Belo aceita quando é proposto como candidato e depois de repente não se sabe porquê diz que não quer nada receber o prémio. E recebe apesar de tudo. A única explicação é que o Vaticano faz pressão sobre ele.

LTP: Ele talvez seja das pessoas que pode dizer coisas mais interessantes porque ele esteve bastante tempo no cargo. Numa altura em que aconteceram bastantes coisas, em que se encontrou com o Xanana.

P: Mas para tentar que eles se rendessem, não?

LTP: (gesticula com tendo dúvidas)

P: Aquilo que eu tenho lido é que a postura de D. Martinho era mais aguerrida que a do bispo Belo?

LTP: No início do Belo.

P: Porque o bispo Belo terá sido colocado pelas suas simpatias com a integração

LTP: O D. Martinho também ao princípio não era assim... o D. Martinho foi deputado aqui na Assembleia Nacional. Não era um revolucionário. Ele fez um caminho. Talvez tivesse feito caminho mais rápido do que o Belo. Até porque o Belo tinha outra coisa estava enquadrado nos Salesianos. O D. Martinho só tinha o Vaticano com referência. O Belo além do Vaticano ainda tinha os Salesianos.

JPC: O D. Martinho no início tinha um núncio menos combativo. Depois houve o Pablo Puente que foi um núncio horrível e o Belo teve sempre muitos problemas com ele

LTP: E o D. Martinho sabia que estava lá também um bocado a prazo. administrador apostólico provavelmente nunca pensou que pudesse ser bispo.

P: Mas os relatos que há é que D. Martinho num encontro que tem com Xanana incentiva-os à luta e o Belo já não

JPC: O Belo não fazia sem o Vaticano e o Vaticano tinha já uma proposta que se os guerrilheiros aceitassem seriam transportados

P: Mas é proposta de rendição?

JPC: Sim é evidente. Mas não quer dizer que o Belo assuma essa proposta. Tem o recado de transmitir essa proposta. Mas penso que ele no fundo não a deseja.

LTP: Além disso, eles não aceitaram essa proposta, eles não os denunciou. Não os denunciou nem fisicamente nem politicamente. Portanto isto quer dizer que no fundo é a tal posição do Belo, está sempre ali entre vários.

JPC: Entre ser administrador apostólico e bispo há uma grande diferença. Tem medo no início. Ele é mais diplomático relativamente ao D. Martinho. Era muito novo. D. Martinho era de uma fidelidade espantosa. Nunca se pode ver uma palavra que possa beliscar um bocado a Igreja mesmo passando o pior.

LTP: Ainda por cima ele chegou aqui, ele trouxe as primeiras fotografias da guerrilha, o D. Martinho. As primeiras fotografias em que se viam inclusivé mulheres guerrilheiras. Foi ele que trouxe essas fotografias e ele aqui foi muito mal acolhido pelos padres portugueses.

JPC: Pelos bispos

LTP: Pelos padres nos sentido dos bispos. Ou seja, ele sofreu em Timor. Foi mandado embora que não era o desejo dele. E chegou aqui e em vez de ser acolhido, minimamente acarinhado nem que fosse do ponto de vista meramente humano, ele foi votado...

JPC: Havia uma vontade de calar a voz do D. Martinho. Deu uma entrevista no Diário de Notícias.

P: E ele além das fotografias, traz mais coisas?

LTP: Deve ter trazido. Eu por acaoso só me lembro das fotografias. Mas traz todas a vivência dele.

JPC: Muitos dos documentos que tivémos depois, tivémos através dele.

P: Era a utilização da estrutura da igreja pela resistência. Xanana chega af alar disso no seu livro

JPC: Ele escreve aos padres por exemplo. Ele queixa-se muito do Monsenhor Belo porque o Monsenhor Belo é uma vez de um lado, uma vez do outro. Ele tratava muito mal, mesmo nalgumas cartas.

LTP: Numa situação de guerra absoluta não há relações normais. Isso faz parte da nossa capacidade de olhar cientificamente para as coisas. É que não há relações normais. Eram relações de mútuo interesse mas de muita contradição. De uma grande...

P: Era natural quem estivesse no mato não compreendesse..

LTP: Às vezes até compreendia mas desejava que fosse de outra maneira. Importante é o contexto da coisas. É que nós hoje em dia temos muita dificuldade em perceber o que é que é um contexto daqueles. Podemos facilmente tratar das coisas abstraindo das enormes pressões a que as pessoas estavam totalmente sujeitas. Desde a realidade quotidiana que era uma realidade quotidiana de uma violência que nós não conseguimos imaginar. Muitas vezes parece ficção. É de uma violência extrema porque é de uma violência constante ao longo de anos. E o violência de muitos tipos. E por outro lado todas as pressões de várias partes sendo que muitas destas pressões até eram contraditórias. E não era só o bispo Belo. O governador, o Mário Carrascalão que foi governador durante anos e anos, era outro que dava uma no cravo e outra na ferradura permanentemente. Era capaz de dizer ao bispo Belo, olhe não faça isto porque não sei quê. E 3 horas depois olhe faça exatamente o contrário por uma razão qualquer. As pessoas estavam permanenetemente sujeitas a compressões

fortíssimas porque não eram compressões leves porque todas as pressões que recebiam eram nesse contexto de violência e podiam ter hipoteticamente consequências violentas para si próprio e para outros. E portanto as pessoas estavam sempre... vinha uma ordem do Vaticano, vinha um pedido do Xanana, vinha uma coisa do governador... e como é que as pessoas sobreviviam no meio disto? Pessoas com responsabilidades que tinham que decidir todos os dias o que é que faziam. Além das pessoas do dia à dia em que também tinham de decidir o que é que faziam.

P: E em que estava em jogo a vida delas.

LTP: E em que estava em jogo a vida de muita coisa. A vida do país mas também a vida delas e a vida de todas as pessoas à roda. Era preciso evitar alguns julgamentos fora do contexto porque nós não conseguimos imaginar o contexto. (...) numa meia ilha em que não havia qualquer possibilidade de escapatória. Eu lembro-me do genetal Eanes dizer publicamente numa conferência que fez no Clube de Jornalistas, em que ele disse: toda a teoria que eu conheci, todos os casos e tudo quanto eu tinha lido dizia que era impossível uma resistência armada subsistir num território completamente fechado em que não tinha qualquer ponta de ligação física com o que em teoria militar se chamam os santuários, com alguma escapatória. Algum sítio para onde as pessoas pudessem escapar, as pessoas, as mensagens, etc. Ele confessou depois mais tarde que demorou muito tempo depois a perceber que havia uma capacidade de resistência daquele povo, porque não era só da guerrilha, era de uma força que quebrava esta máxima militar de que era impossível uma resistência sem qualquer acesso a um santuário. Isso é outro dado que nós temos que ter em conta. É que não só a violência era extrema, não só as pressões eram enormes, mas era confinado num espaço que durante anos esteve fechado (houve pouquíssimos jornalistas que foram lá mas durante muitos anos) e portanto as pessoas sabiam que as consequências não havia como escapar. Estavam à mercê dos carrascos. Não tinham qualquer tipo de escapatória. Não podiam sair, não podiam denunciar. Não tinham acesso a nada. Se nós hoje começamos a trabalhar sobre esta questão sem expôr esta situação é muito fácil fazer juízos sobre as coisas e sobre as pessoas.

P: Mas a minha pergunta é porque é que foram os religiosos a ter um papel político?

JPC: Mesmo aqui há um contexto. Na Indonésia é obrigatório ter uma religião e a escolher vão escolher a religião católica. E a resistência armada é evidente que procura o apoio da Igreja também. E quando não corresponde como o Belo às vezes, o Xanana explode.

LTP: A resistência também aprendeu a utilizar a informação. Quando foi o massacre de Santa Cruz o Xanana mandou recolher informação sobre o massacre e conseguiu mandá-la para fora. Quem a tratou foi “A Paz É Possível Em Timor-Leste” porque era uma violação de direitos humanos.

Anexo 21

Entrevista a Professor António Barbedo de Magalhães

António Barbedo de Magalhães foi um importante activista da causa timorense, organizador das jornadas sobre Timor-Leste na Universidade do Porto. Esteve em Timor antes da invasão como militar e tinha a seu cargo a reestruturação do ensino na então colónia portuguesa.

A entrevista foi realizada no Porto, a 21 de Abril de 2015

Pergunta: Quanto tempo estve em Timor?

Resposta: Estive em Timor pouco tempo e teve poucos contactos directos com a Igreja. Um ou outro enquanto estive em Timor. Tive com o Padre João Felgueiras que estava à frente do ensino, a propósito da reestruturação do ensino em Timor. Nunca falei com o bispo da altura, D. José Joaquim Ribeiro, porque por coisas que ouviu e pelo seu anti-comunismo primário. Quando levei para Timor 19 pessoas para colabrar na reestruturação do ensino, deu instruções a um sacerdote que na rádio aconselhou que ninguém colaborasse connosco. Quando apresentámos o projecto na escola onde esse sacerdote era professor, ele ficou entusiasmadíssimo. Tenho impressão que era o padre Leão Costa. Ele foi um excelente colaborador. O próprio bispo ficou surpreendido porque entre as 19 pessoas... ficou muito admirado, porque vários membros do grupo foram cumprimentar o bispo. E várias delas tinham curso de cultura religiosa tirada no Porto, numa obra da diocese. A maior parte deles eram católicos. Depois também havia de vários partidos inclusivé simpatizantes do PCP. A maior parte eram do PSD e alguns do PS. Acho que levava um simpatizante do PCP entre 19.

P: Portanto já havia um certo problema com o partido comunista.

R: Aliás um sacerdote, um missionário português que esteve em Timor durante muito tempo, disse-me que quando os indonésios largaram pára-quedistas a 7 de Dezembro, o bispo teria comentado para alguém que estava ao lado dele: “Graças a Deus que estão a cair anjos do Céu para nos libertar do comunismo”. Passado cerca de uma semana a 15 dias, o bispo foi reclamar junto das autoridades militares pelas atrocidades que tinham feito. Afinal os anjos caídos do céu eram piores que os comunistas. Entretanto ele retirou-se, quem fica como administrador apostólico é Martinho da Costa Lopes. À partida não era um homem muito progressista. Era bastante conservador mas perante as atrocidades que houve ele próprio teve a vontade de se manifestar publicamente e aproveitou uma procissão em que publicamente protestou contra as atrocidades que eram muitas, cometidas ao longo dos anos e nomeadamente nessa altura de destruição das bases da resistência e de campanhas de cerco e aniquilamento em que participavam dezenas de milhares de timorenses obrigados que passavam imensa fome e muitos morriam nessas campanhas. E também contra a forma bárbara como eram assassinados os membros da resistência. No meio disso tudo havia padres que não falavam muito mas que clandestinamente davam apoio religioso, moral e às vezes material também à resistência.

P: Conhece histórias?

R: Por exemplo um militar indonésio pede boleia num carro de um sacerdote que tem muito gosto em dar boleia até porque ele foi na mala onde estava uma metralhadora.

P: Considerava que era uma voz importante na luta?

R: Claro que eram. Eram fundamentais. Eram quase a única que conseguia fazer chegar alguma coisa cá fora.

P: E Como é que eles faziam isso?

R: Houve uma vez que freiras dominicanas... Elas primeiro traziam um relatório muito extenso de um padre, não tem lá o nome dele. A questão é que mesmo as pessoas mais conservadoras no seio da Igreja ficavam revoltadas com as atrocidades que viam. Que sabiam que aconteciam. O próprio D. Ximenes, que não tinha acompanhado os primeiros anos da ocupação porque estava cá em Portugal, era um padre ainda muito jovem e quando foi sagrado bispo e mandado para Timor como administrador apostólico toda a gente pensava que ele ia ser manso com os ocupantes. Ele próprio não pôde calar. Era impossível quase fechar o olhos.

P: Acha que eles sobretudo não se calaram por causa da violação dos direitos humanos?

R: Era uma questão moral. Por mais conservadores que pudessem ser, dentro da realidade das coisas, sentiram a obrigação moral de tomar posição. E a posição obviamente foi muito crítica da ocupação e fez eco.

P: E porque é que acha que eles de uma forma geral foram mais ouvidos do que a estrutura da resistência que estava cá fora.

R: No plano internacional a credibilidade da Igreja era elevada. A resistência aparecia conotada com o marxismo-leninismo mesmo que não tivesse nada a ver com isso ou tivesse muito pouco a ver com isso. E portanto para muita gente não era credível. Nomeadamente os países Ocidentais que era aqueles onde era importante conquistar apoios. Cá em Portugal também se criaram movimentos católicos e cristãos em parte por causa disso. Era uma obrigação moral dos cristãos e por outro lado não tinham aquela imagem esquerdista que a FRETILIN teve durante muito tempo.

P: Portanto a questão ideológica foi importante.

R: Foi, nomeadamente numa altura em que EUA foram derrotados no Vietname e o comunismo parecia que ia invadir o mundo inteiro. O avanço do comunismo no Sudeste asiático assustou não apenas os americanos mas os australianos, europeus, ocidentais. Nesta altura estava-se no ponto alto da guerra fria. As coisas viam-se nesse

quadro democracia Ocidental/comunismo. A derrota americana no Vietname foi um choque terrível para os americanos e ocidentais. Foi mesmo uma razão. As imagens da fuga dos americanos foi assim uma coisa... o mundo está a ser conquistado pelo comunismo e a FRETILIN apreceia como se estivesse ligada ao comunismo

P: Não acha que a Indonésia invadiria sempre?

R: A Indonésia invadiu a pedido dos americanos, australianos e dos ingleses. Soube-se mais tarde que desde 1965 quando as potências ocidentais conseguiram por Soeharto no poder e derrubar Sukarno estabeleceu-se um acordo entre governo dos EUA, Inglaterra e Austrália, que quando Portugal saísse de Timor, Timor deveria integrar-se na Indonésia. Pessoalmente estou convencido que o governo indonésio fez isso porque a Austrália e os Estados Unidos estavam interessados. E não é por acaso que em Agosto de 74 o primeiro-ministro da Austrália vai falar com Soeharto a dizer que pode contar com todo o apoio. E dias antes Henry Kissinger passou por Jacarta para dizer que tinham o apoio. Aquilo foi uma invasão americana, australiana e inglesa com soldados indonésios.

P: Ainda estava lá?

R: Quando foi o golpe da UDT estava... vim embora 15 dias depois. Quando o governador foi para Ataúro porque ele não tinha forças militares praticamente nenhuma

P: Mas havia lá militares portugueses .

R: Havia militares portugueses como eu. Mas não estava interessado em fazer a guerra e não tinha preparação para fazer a guerra. A maior parte dos que lá estavam eram militares administrativos e coisas assim parecidas. Não havia hipótese nenhuma. Timor-Leste estava isolado. Não havia hipótese nenhuma. As potências foram muito claras. Portugal não mexe se não estão em maus lençóis.

P: Na sua opinião qual a importância da Igreja para que Timor tivesse a sua independência?

R: A Igreja continuou em Timor. Foi a liderança que se manteve em Timor. E a Igreja tem os seus instrumentos de apoio moral que era o mais importante de todos. E ouvia as queixas e no que podia fazer, fazia.

P: Mas por exemplo o Vaticano não apoiou.

R: Por razões compreensíveis. Porque a minoria católica na Indonésia na altura tinha muito poder na Indonésia. Muito superior à proporção de católicos. A Indonésia era o mais populoso país muçulmano onde a Igreja apesar disso gozava de ampla liberdade.

Para o Vaticano era fundamental que esse país de grande maioria muçulmana mantivesse uma boa relação com a Igreja e os católicos pudessem lá viver em Paz. Isso era importantíssimo. Sempre achei que era compreensível.

P: E quando é que acha que o Vaticano vira a sua posição?

R: A ida do Papa a Timor gerou muita controvérsia por causa do beijar ou não o solo. É evidente que tinha de ser muito prudente e fez as coisas de forma diplomática e até fingiu que não viu uma manifestação no final. Porque se claramente ele tivesse visto tinha que se pronunciar. Se ele se pronunciasse era a revolta da Indonésia contra a Igreja. Mas o simples facto de lá ir, de haver jornalistas que viram aquilo que ele não podia ver. Eu pessoalmente nunca intervi nessa controvérsia porque achava que o Papa não podia ter um comportamento diferente do que teve. O simples facto de lá ir mesmo que não dissesse nada, ao levar os jornalistas ele estava a abrir um caminho que depois a Indonésia e os Estados Unidos e a Austrália dificilmente podiam fechar. Isso veio dar muita força à juventude timorense.

P: E acha que isso foi uma viragem na Igreja ou foi o Cemitério de Santa Cruz?

R: Santa Cruz é um bocado fruto da ida do Papa. Porque os jovens sentiram-se encorajados em manifestar-se porque eles até aí estavam completamente fechados. Não iam lá jornalistas. Ninguém queria saber. A ida do Papa fez com que eles sentissem que havia quem quisesse saber de Timor.

P: A ida do Papa já virou em termos de opinião pública?

R : Claro. E deu muita força localmente. Finalmente sentiram que afinal não estavam tão fechados do mundo. Nisso o Papa foi de uma inteligência extraordinária. Fez tudo com muita diplomacia. Sem atirar uma única pedra às autoridades indonésias, com grande eficácia. É o que interessa nestas coisas. Não é fingir que se tem eficácia. É ter eficácia. O Papa felizmente foi prudente o suficiente para poder lá ir, levar jornalistas com ele e manter uma boa relação com a Indonésia.

P: Colocaria o ponto de viragem na ida do Papa ou em Santa Cruz?

R: Foram os dois mas o segundo tem a ver com o primeiro. Quem foi dar força à juventude timorense e aos timorenses em geral, foi a visita do Papa. Não quer dizer que a dilomacia do Vaticano tenha mudado. Sabe que a diplomacia do Vaticano tem muitos séculos de sabedoria acumulada. E ainda bem. Eu fiquei felicíssimo com a visita do Papa. E não entrei na polémica do beija o solo. Não tinha relevância nenhuma. Ele ali tinha que fazer aquilo que não ferisse as autoridades indonésias. Há mensagens mais fortes do que aquelas que se dizem. O Papa teve um papel

importantíssimo. É evidente que haver a manifestação e o massacre de Santa Cruz com os jornalistas lá, isso é efeito já dele. E ainda por cima serem filmados timorenses a rezar em português, para Portugal foi muito importante. O estarem a rezar também é importante para o mundo Ocidental.

P: Porque é que diz isso?

R: Basta ouvir. Se as pessoas dizem é porque pesou.

P: Porque acha que houve uma identificação?

R: Sim. E houve o desfazer daquela imagem: eles são todos comunistas. Porque essa imagem que foi construída exatamente para que no Ocidente ninguém os apoiasse, afinal era falsa. Monsenhor Martinho quando chegou a Portugal teve conversas com alguns políticos portugueses muito influentes, ficaram admiradíssimos. Porque esses políticos diziam: “mas eles são todos comunistas.” E o Monsenhor Martinho da Costa Lopes replicava: “eles são todos católicos.” O Ocidente criou uma imagem, contruída em tempos que era fácil contruir, em 75, na altura da derrota americana. Nessa altura o mundo estava cheio de comunistas. Via-se comunistas em todo o lado e em Timor naturalmente. Com o Monsenhor Martinho da Costa Lopes a título privado, alguns políticos portugueses perceberam que não era bem assim. Com a ida do Papa, a ida à missa mostraram que não era assim e com as orações no cemitério então confirmaram definitivamente que aquilo não era um país de comunistas.

P: O facto de haver imagens valeu a independência?

R: A independência de Timor é fruto de muitas coisas que são muitíssimo importantes. E é porque conteceram coisas importantes, que muitos timorenses deram a vida. Uma foi a ida do Papa, outra foi as imagens. Qualquer desses elementos foram extremamente importantes. Há muitos outros que não se vêem. Por exemplo a estratégia que eu segui que acabou por ser aceite pela FRETILIN em 1981. Eu achava que do ponto de vista de direito internacional estavam reunidas todas as condições para considerar legítima a declaração unilateral de independência. Ia às sessões da Associação de Amizade Portugal-RDTL. Sempre disse que discordava da estratégia porque se Portugal reconhecer essa declaração o povo timorense vai desaparecer das Nações Unidas.

P: Foi importante Portugal ter estado sempre nas Nações Unidas a apoiar Timor?

R: Em 1981, o próprio governo português preparava-se para deixar cair a questão de Timor nas Nações Unidas.

P: Com o governo AD.

R: Sim, mas na mesma linha dos governos anteriores. Houve mudança política em 82, sem mudar o governo. Vou-lhe dizer o que é que aconteceu. Durante muito tempo não falei disso. Em 81 eu sentia que o governo português preparava-se para deixar morrer a questão de Timor nas Nações Unidas. E chegou a vir uma delegação do governo indonésio para se discutir os detalhes de como é que se ia fazer. Claro que não apareceu nos jornais. Eu não soube disso a não ser muito mais tarde. Mas sentia no ar que o governo português a única preocupação que tinha era atirar as culpas para os chamados descolonizadores. E daí as grandes reportagens que passaram na Televisão. Antes de saírem essas grandes reportagens eu tinha conseguido convencer o Abílio Araújo, representante da FRETILIN em Portugal, a aceitar que eu trabalhasse numa base completamente diferente daquela que a FRETILIN sempre tinha exigido que era exigir o reconhecimento da RDTL e exigir o reconhecimento da FRETILIN como único representante do povo Maubere. Era isso que as Nações Unidas queriam. Era encontrar um legítimo representante a quem entregassem o poder. E portanto os movimentos de solidariedade que seguiam essa linha estavam de acordo com a FRETILIN e com as Nações Unidas. Eu via que a prazo ia fazer com que o povo de Timor-Leste e a sua luta não tivessem os apoios ocidentais de que precisavam para conquistar apoios dos países ocidentais.

P: Achava que eles precisavam de uma voz activa nas Nações Unidas e que seria a potência administrante?

R: Tinha que ser. Mesmo que não quisesse e tínhamos que ser nós portugueses a forçar o governo a deixar os acordos secretos que tinha estabelecido com as grandes potências e cumprir as suas obrigações como potência administrante. A terceira coisa que eu disse ao Abílio Araújo foi: “Timor não é uma questão da esquerda ou da direita. É um questão nacional. Portanto eu não vou falar com os partidos que não têm representação no parlamento com quem vocês falam, vou falar com todos do CDS à UDT que têm representação parlamentar.” Perante a surpresa, o Abílio aceitou e passados uns meses numa reunião em Maputo foi confirmada a aceitação dessa estratégia. Eu não podia fazer nada se tivesse a FRETILIN contra e já que o governo estava a fazer o jogo da Indonésia, dos Estados Unidos, da Alemanha, da Inglaterra, de todo o Ocidente, já que o Presidente da República queria fazer alguma coisa mas não tinha meios para isso, a solução era trabalhar com o parlamento. Demorou cerca de 9 meses para ter uma mesa redonda representantes dos 9 partidos com assento parlamentar. Comecei os contactos pelo CDS. Todos estiveram presentes nessa

sessão, em 8 de Maio de 82, na Escola Superior de Belas Artes no Porto. Encontrei no parlamento um deputado timorense da ASDI, Manuel Tilman e quando eu descobri comecei a falar muito com ele. E a partir de certa altura ia a Lisboa todas as semanas visitá-lo. Depois ele um dia fala-me que no regulamento do parlamento havia possibilidade de haver comissões eventuais. Fiquei interessadíssimo. E foi assim que em Maio de 82 tomou posse a primeira comissão eventual. Numa altura em que os acordos já estavam estabelecidos entre Portugal e a Indonésia e os Estados Unidos para a coisa morrer em 82, houve um grupo de 3 deputados (um do PPD, Outro do PS e outro, o Manuel Tilman, da ASDI) estando na Austrália a falar com refugiados começaram a falar em genocídio. Foram às Nações Unidas e aí é que foi o fim da picada. Porque o governo português dizia que tinha feito tudo o que estava ao seu alcance em todas as missões das Nações Unidas diziam o contrário. Nós recebemos aqui relatórios da Indonésia a dizer que estão a fazer escolas, hospitais, etc, nunca recebemos uma palavra do governo português. O governo português tinha obrigação de fazer pelo menos um relatório anual sobre o estado do território. De maneira que o governo sentiu-se desmascarado e pensou se perdemos a votação daqui a uns meses, há aqui gente de vários partidos que sabe porquê.

P: Votação que teve quase para ser perdida.

R: Quatro votos de diferença. Mas os indonésios, os americanos, os australianos ficaram de tal maneira porque havia o acordo total, o governo português estava de acordo não havia nenhum obstáculo. Ficaram tão perplexos. Porque o governo à última da hora sentiu-se na obrigação de mandar delegações a 80 países para mudar o sentido de voto. A maior parte não mudou. Mas alguns, os suficientes. Nunca mais a Indonésia, nem nenhum desses países quis que houvesse votação na AG. Estava o ex-PM da Austrália. Era a última vez que se ia falar de Timor e era para arrumar o assunto definitivamente. O MNE tinha o filho como jornalista em Nova Iorque. Franco Nogueira defendia que o melhor que podíamos fazer era preservar uma relação cultural com Timor e através de Timor com a Indonésia. Preservar a Igreja. Era seguida por toda a gente porque assim acabava-se o conflito.

E nessa altura em 81, as bases da resistência tinham sido eliminadas. Não havia notícias da resistência. Aliás eu acho que foi por isso que o representante da resistência em Portugal aceitou a minha estratégia que era completamente oposta à que a FRETILIN tinha seguido. E as pessoas da Associação de Amizade Portugal-RDTL ficaram chocadíssimas.

P: E o Ramos-Horta não dizia nada nessa altura?

R: O Ramos-Horta estava perfeitamente de acordo. Mas não era a voz mais ouvida. O Ramos-Horta teve sempre uma posição mais moderada.

P: E nessas consultas nunca ouviram os religiosos?

R: Os religiosos tiveram um papel muito importante porque de facto faziam chegar notícias. E enfim era notícias...eles falavam da verdade. Não douravam a pílula. Há pessoas entre os religiosos que tiveram um papel importantíssimo e também a maior parte das pessoas não imagina. São pessoas muito piedosas, muito religiosas, no sentido tradicional. Mas ao mesmo tempo fizeram um trabalho extraordinário junto da população.

P: Mas um trabalho extraordinário em mater as estruturas da educação ou para além disso?

R: Também. O apoio moral às populações é fulcral. Por exemplo o padre João Felgueiras é um pilar importantíssimo da Igreja em Timor. E ele é o religioso a 100%. Retiram o Seminário. Puseram a visitar as cadeias. Está a ver o que isso é. Está a ver o que isso é. Imagine o que isso possa significar da relação entre a resistência nas montanhas e a resistência juvenil, etc. Ainda por cima a Igreja tem as confissões. O que é que significa as confissões? Às vezes têm muitos pecados. Precisam de falar muito tempo com os padres. Nenhum padre me disse de qualquer confissão. Imagine. Ser padre e visitar as cadeias. Acha que há alguém mais bem posicionado para ser correio? Eu não preciso que nenhum padre me diga que fez isso. Foi a missão que lhe incumbiram para o retirar do Seminário. E ele feliz.

P: E em relação ao papel de padres que estiveram com a resistência, como o Luis Costa?

R: Mas o Luis Costa veio-se embora muito cedo. Tem importância quando organizou um congresso de “feiticeiros” e tinha imensa documentação sobre as práticas de saúde tradicionais que eram importantes para poderem sobreviver. Agora também não lhe sei dizer exactamente porque há muitos que estavam nas zonas controladas pela Indonésia e depois iam fazer as suas visitas pastorais, mais ou menos clandestinas.

P: Aquilo que me está a dizer é que havia uma utilização da Igreja por parte dos guerrilheiros.

R: Havia uma utilização. Eles trabalhavam solidariamente. E houve vários padres que de vez em quando davam boleia ao Xanana e o Xanana eventualmente teria que cortar o cabelo ou outra coisa qualquer para não ser reconhecido.

P: E a posição do bispo Belo?

R: Ele aí teve a inteligência suficiente para fazer o que o próprio Xanana também fez e recomendava a toda a gente que fizesse. A estratégia do Xanana era, dizia entreguem-se, colaborem com os ocupantes e continuem a trabalhar connosco. A arte da mentira que é fundamental nestas circunstâncias foi muito bem trabalhada. Quase toda a gente tinha um papel duplo.

P: Acha que é cultural no timorense?

R: É muito fruto das circunstâncias. Eu também fui sempre um anjinho no tempo da ditadura.

P: Mas Monsenhor Martinho da Costa Lopes era mais directo

R: Monsenhor Martinho tornou-se directo a certa altura. Quando já não aguentava mais com aquelas atrocidades. Mesmo até o facto de Portugal dar sinais imensos de compreensão da posição indonésia e americana e australiana, de cooperação com essas posições acabou por ser terrível para a Indonésia, para os Estados Unidos e para Inglaterra. Realmente depois de fazer todo o jogo para arrumar o assunto de Timor nas Nações Unidas, a mudança de posição ocorrida em 82 em Portugal, apanhou-os de surpresa. Até as traições portuguesas foram úteis. Não foram com intenção de enganar. Mas como o governo depois teve que mudar, acabou por andar a enganar toda a gente até princípios, meados de 82, e depois foi uma viragem total aqui e consequentemente onde a diplomacia portuguesa chegava. Acabou por ser positivo embora não fosse intencional. A ideia não era enganar os indonésios, nem os americanos, nem os australianos. Mas acabou por ser positivo porque eles andaram naquela conversa em águas mornas. Quando estava tudo para ser resolvido, de repente uma mudança de posição.

P: Em relação a D. Martinho...

R: Mais uma vez por causa das atrocidades. Ou se é de uma total insensibilidade ou então não se pode fechar os olhos

P: Chegou a falar com ele? Era isso que ele dizia?

R: Ele sabia muito do que se passava e não podia pactuar.

P: E como é que ele encarava o afastamento dele?

R: Eu acho que ele encarava com preocupação. Em relação ao Vaticano, houve uma altura, o bispo de Setúbal fez muita coisa em defesa de Timor. E a certa altura houve um abaixo-assinado que o D. Manuel se comprometeu a levar às Nações Unidas. Tinha um apelo do bispo Ximenes Belo para que se fizesse um referendo e houve

muitos milhares de católicos que assinaram de todo o mundo. E da Europa quem ficou de levar foi o D. Manuel Martins. Quando ele devia ir às Nações Unidas entregar não só não foi como não permitiu que outras pessoas da Pax Christi as levassem

P: Foi da iniciativa dele?

R: Nessa altura cortámos relações. Ele tinha-me dito antes que estava sob pressão para se calar. Eu sem ter informação nenhuma disse ao Expresso que ele não levou aquilo por ordens do secretário de Estado do Vaticano. Foi por simples dedução lógica. O empenho de D. Manuel Martins na causa era genuíno.

P: A estrutura que fica no território é a Igreja e com rede pelo mundo...

R: Claro que sim. A RENETIL era um movimento muito católico. Eles começavam as reuniões a rezar o “Pai Nosso” e a “Avé Maria”.

P: A estrutura da Igreja Portuguesa não estava com Timor.

R: Houve uma nota pastoral da Igreja Portuguesa a certa altura em que a Igreja manifestava uma real preocupação com a questão de Timor. Foi uma posição única. Não sei as circunstâncias.

P: Havia focos de católicos

R: O padre José Lopes Baptista teve papel importante aqui na Igreja da Pasteleira. Ele em relação à guerra colonial pregava o Evangelho.

Anexo 22

Entrevista a Padre José Lopes Baptista

O Padre José Lopes Baptista dinamizou, a pedido do professor António Barbedo de Magalhães, a organização “Paz e Justiça para Timor-Leste “(PJTL). Na capela da Pasteleira fundou a PJTL integrada por cristãos de várias correntes religiosas. O padre José Lopes Baptista integrou também a missão “Paz em Timor” organizada pelo “Forum Estudante” e que ficará conhecida como Lusitânia Expreso.

A entrevista foi realizada no Porto, a 2 de Julho de 2015

Pergunta: Como chega à ideia de criar a Paz e Justiça para Timor-Leste?

Resposta: Em 1977, 78, o professor Barbedo de Magalhães chegou-me a casa, no Porto, para me ler umas cartas que as irmãs dominicanas tinham enviado para Portugal como grito de alerta daquilo que se passava em Timor. Por outro lado também, por essa altura ele próprio estava a editar o seu primeiro livro: “Uma mensagem aos vivos de Timor.” A minha relação com o professor Barbedo já era anterior... sugeriu-me na altura se podíamos fazer alguma coisa e empreendemos uma determinada caminhada e chegámos depois mais tarde a esta decisão de criar um movimento na Igreja de alerta à própria Igreja e não só e à sociedade civil sobre o que se passava em Timor-Leste. E assim foi quando surgiu numa das salas da pequena capela da Pasteleira, o grupo Paz e Justiça para Timor-Leste. Composto essencialmente por cristãos e católicos e um ou outro não católico mas dentro também do cristianismo. Mas essencialmente católicos. Alguns deles membros destacados na Igreja do Porto pelas suas lideranças e movimentos

P: Quem eram?

R: Havia um que era presidente de leigos da diocese do Porto. Todos os outros andavam disseminados por áreas. Éramos um grupo de dez, 12 pessoas.

P: E em que é que constituía o vosso trabalho?

R: Constituía na reflexão sobre o que se ia passando em Timor e desenvolvermos maneiras de chegarmos também à Igreja na sua totalidade. O que é que se fez? Para além desses encontros foram algumas acções e essas acções visavam, com o professor Magalhães, participar em mesas de trabalho com deputados da Assembleia da República aqui sediados no Porto. Sediados, estou a referir-me não aos deputados mas às acções é que eram sediadas no Porto. Segundo lugar fizemos o grande encontro na Igreja de Cedofeita para o qual sensibilizámos pessoas, as várias comunidades da diocese. Deste encontro saiu mais reforçada este trabalho. Editamos por isso um pequenino jornal onde, mensalmente, iam dando conhecimento das acções e daquilo que se passava em Timor e esse jornal era enviado para várias comunidades mas com particular relevo para os bispos da igreja em Portugal. Depois ainda procurávamos ir em direcção a uma ou outra comunidade para sessões de esclarecimento. Essencialmente foi este trabalho simples.

P: E este Jornal editou-se quantas vezes

R: O Paz e Justiça para Timor-Leste... bastantes, vários anos. Ele depois fez uns cadernos com isso. Eu sei que tenho isso guardado.

P: E o que é que publicavam neste jornal?

R: Era isso como eu dizia há bocado. Quer as acções que íamos fazendo. Era uma coisa muito simples. Uma folha de A4 dobrada. Mas era essencialmente pequenos textos de alerta, pequenos testemunhos de pessoas que chegavam de Timor. Estamos a falar de timorenses que vieram para a diáspora. Depois algumas acções que íamos implementando com os timorenses. Havia qui uma conjugação, mais tarde, muito forte entre Paz e Justiça e as Jornadas da Universidade do Porto. Embora este grupo seja um bocadinho anterior às jornadas. Mas confundia-se também um bocadinho. Mas era essencialmente visado para esta consciência que queríamos provocar na igreja em Portugal e sobretudo nos seus bispos. A grande razão e motivação

P: Que era sobretudo influenciar a Igreja.

R: Era nos seus bispos. Na tomada de consciência.

P: E porque é que havia essa necessidade de influenciar os bispos?

R: Era a mesma coisa. Porque é que havia a necessidade de influenciar os nossos políticos? Havia um certa consciência, não digo adormecida, menos atenta ao que se passava em Timor. Depois este grupo mais ele esteve num outro encontro, no Ministério dos Negócios Estrangeiros onde íamos alertar também sobretudo o Ministério para as questões do que se passava em Timor. Este grupo eu lembro-me perfeitamente reuniu com o adido do Ministério a mando, na altura o governo do partido socialista, nos anos 80.

P: Era o Bloco Central

R: Era o Jaime Gama que estava lá na altura. O embaixador Barros que era o adido económico. Tinha a ver com a área económica para aquelas zonas da Ásia se não me engano. E nessa altura saímos dali bastante confundidos com a posição ali manifestada porque nos pareceu um certo distanciamento. Só mais tarde... isto tem a ver com as jornadas. O que é nós fazíamos parte do mesmo grupo, Paz e Justiça . E depois ele próprio como é o grande coordenador das jornadas, eu passei a ser um pouquinho a ser aquele que estava a conversar com ele sobre aquilo que se passou nas jornadas, em acções promovidas pela Universidade, ele quis-me sempre escutar. E a partir de um certo momento, o grupo manteve-se sempre neste tipo de apoio. Sobretudo a partir do massacre de Santa Cruz.

P: Quando me diz que era preciso influenciar os bispos e a Igreja Católica, quer dizer que a Igreja em Portugal não estava tão empenhada em Timor quanto os padres e a Igreja de lá mostravam a necessidade?

R: Nós, a Igreja em Portugal eu chamei-lhe que estaria um bocadinho talvez adormecida. Um ou outro bispo poderia pensar que não havia solução outra para Timor. Mas houve sempre uma relação da Igreja de Portugal e a Igreja que está em Timor. Mas isso o melhor que eu era certamente... quando o monsenhor Martinho Lopes veio para Lisboa, ele também esteve durante muito tempo sob o acompanhamento da Conferência Episcopal Portuguesa, de alguns bispos em Portugal. Havia sempre uma relação. Por outro lado, os sacerdotes timorenses que estavam na diáspora, estavam inseridos em dioceses várias. Eu refiro-me sobretudo a duas grandes dioceses que era a de Évora e era a de Braga. Havia seminaristas. Não me esqueço de que é de Évora que vai sair o D. Basílio que então estava aqui. Não me esqueço que em Braga que havia com D. Eurico havia muitos seminaristas a frequentar e padres na diocese. Padres timorenses. Isso manifesta que havia uma atitude de acolhimento. E portanto sabiam o que é que se ia passando. Isso é uma questão. Outra questão é se punhama público ou não muitas destas coisas. penso que a Igreja em Portugal pautou mais por um trabalho na retaguarda do que propriamente aparecer de uma forma visível e pública. Não nos esqueçamos que nesse aspecto que os padres jesuítas em Portugal que sempre fizeram um acompanhamento até porque tinham uma comunidade jesuíta como o padre João Felgueiras, o padre Martins que ainda hoje estão em Timor. Eles também tinham este trabalho. Era preciso saber ler isto também na história. É verdade que há uma visibilidade maior quer através de alguns bispos como D. Manuel Martins que era então bispo de Setúbal, D. Januário, na altura auxiliar de Lisboa e bispo das Forças Armadas Portuguesas. E naturalmente que outros como eu referi o de Évora e o D. Eurico. Também não estranhemos que algumas situações dos bispos estavam interpeladas pelo jeito e a maneira como o então bispo de Díli de 1975 falava em relação à ocupação da Indonésia.

P: E como é que ele falava?

R: Aquilo que ele ia dizendo...

P: Por exemplo a Igreja não via com bons olhos a intervenção de D. Manuel Martins

R: Em todas as causas e todas as lutas, uma coisa é a intervenção pessoal que depois vai fazendo o seu caminho na relação com os outros e depois é o “happy ending” quando há uma posição colectiva. Portanto, nós não podemos ser tão absolutos a dizer que a Igreja Portuguesa aderiu de alma e coração a um país que queria libertar mas também não podemos dizer o contrário. O contrário não é verdade. Agora para aqueles que estavam mais empenhados, gostariam que houvesse uma posição muito

mais clara, muito mais visível. Isso é normal. Nós também gostaríamos que o governo português e outras instâncias o tivesse. Era preciso saber ler a História. E a História é feita assim de pequenos nada que vão crescendo. Não nos esqueçamos também da co-relação entre o pensamento do episcopado português na sua relação com a Santa Sé. Daí pode-se colocar um outro episódio. Mas também não devemos esquecer que quando o Papa, primeiro nomeia D. Ximenes Belo- que na altura de princípio era visto não com bons olhos pela oposição e depois tornou-se o Prémio Nobel da Paz. Naturalmente que a passagem do Papa João Paulo II que passaram a criticá-la por ele não ter beijado directamente o solo mas o ter feito através de uma cruz, muita gente fez críticas extemporâneas porque não entende na simbólica da cruz. E isto digo também em relação a própria gente dentro da Igreja. Tornou-se muito mais actuante para o mundo o gesto dele beijar a cruz, a cruz em que vivia aquele povo, o Cristo ali muito inserido, abertura que ele fez da questão de Timor ao Universo todo, as capas de jornais e outras coisas. Fez muito mais. Portanto havia plenamente um conhecimento e uma comunhão no subterrâneo entre a Igreja no exterior e a Igreja no interior.

P: Portanto havia um maior entendimento nos bastidores.

R: Estas coisas são assim. Para nós que queremos que as coisas sejam mais... podemos gritar mais ou gritar menos. Aqui a Paz e Justiça para Timor-Leste teve sempre um papel sensato e crente. Daí se entendeu que o governo de Timor quando fez os dez anos da sua independência tenha atribuído uma medalha, uma condecoração ao Paz e Justiça para Timor-Leste. E a algumas pessoas entre as quais também a mim enquanto homem desse grupo. Nem sequer estou agora a referir o trabalho nas universidades, com a oposição... depois há uma segunda fase que é a minha participação pessoal no Lusitânia Expresso.

P: E como é que foi?

R: Fui convidado pelo Dr. Rui Marques que não conhecia, a integrar essa grande jornada de sensibilização ao longo que foi o Lusitânia Expresso. Estive lá na minha função. Enquanto sacerdote estava com os outros membros sem ser os estudantes e participei com aquilo que me iam pedindo.

P: E o que é que lhe iam pedindo?

R: Mais uma presença, mais uma palavra, mais uma atitude. Que estivesse no barco, que animasse um bocadinho quando fosse, que ajudasse as pessoas na oração no lançamento das flores.

P: Foi o senhor que fez a oração?

R: A oração. A oração das bem aventuranças. Mas foi o Rui Marques que lançou. Mas a oração depois, a “Avé Maria”, aquelas coisas simples que se fizeram. Acompanhei o Dr. Rui Marques noutra delegação em negociações. Mais tarde ele quis que eu estivesse com ele na grande obra que ele realizou que foi o Centro Juvenil Padre António Vieira. Se Lá for, verá que a capela fui eu que ofereci. Os paramentos e a diocese do Porto para ser mais correcto.

P: E histórias concretas daquilo que objectivamente tenham conseguido.

R: A nossa actividade foi sempre muito incisiva mas muito discreta. Nunca nos pusémos em bicos de pés para dizer que fizémos o que conseguimos. Mas rezámos, promovemos reuniões, enviámos pequenas folhas aos bispos, estivémos presentes com líderes timorenses na diáspora, ouvimos, participámos sempre numa perspectiva de recriar sempre a esperança e numa perspectiva de comungar crente no futuro e no Senhor Deus que não abandona os seus.

P: E naquilo que publicavam, publicavam também cartas de padres de Timor?

R: É verdade que este grupo não cuidou bem do seu espólio, porque esse não era também o nosso objectivo. Por isso é que eu dizia no início da conversa que eu não sou uma pessoa para recordar os factos. Eu valorizo a leitura da História, não valorizo tanto as pessoas.

P: E qual é a leitura que tira desta História?

R: Foi isto que lhe fui dizendo. Mais uma interpretação da História e hoje faço com mais distanciamento

P: E acha que os padres foram essenciais? Sobretudo os padres timorenses?

R: Evidentemente que muitos ligados à Igreja não acreditariam na possibilidade da pequena semente feita sangue do povo timorense. Daí que depois como acontece na sociedade em geral, quando as coisas se modificam haja adesões fortes, muito sensíveis. Mas isso é da História. Quando muita gente se oferecia para ir para Timor quer no seio da Igreja, quer para trabalhos é verdade que sempre era meu gosto ter-me dedicado a Timor alguns anos lá. mas nunca recebi o convite. Aqui permaneci. Ao nível da Igreja e eu penso que a Igreja foi sabedora porque a vida é outra.

P: Tem mágoa?

R: Não tenho mágoa. Gostaria de lá ter passado um ou dois anos. Mas entendo perfeitamente que então a Igreja que estava em Timor era senhora da sua História. Embora conhecesse muitos sacerdotes. Aqui uma das notas salientes é que no Porto

todas as celebrações em relação ao timorenses foram realizadas na pequena e simples Igreja da Pasteleira. Os seus convívio, as suas artes e as suas canções. D. Martinho Lopes a primeira vez que ele veio a Portugal, foi precisamente na Igreja da Pasteleira a sua comunicação. No dia da independência celebrámos com simplicidade a Eucaristia com os timorenses aqui do Porto. A Pasteleira é uma terra de bairros camarários, personificou um bocadinho este trabalho simples, discreto mas crente. Se isso traduz um bocadinho a minha forma de estar, mais do que a mágoa- mágoa a palavra não é bem mágoa. Havia tanta gente interessada. Continuei a visitar Timor várias vezes. Quando fez 10 anos foi a última vez que lá fui. Pessoas que trabalharam comigo na Pasteleira estão em alguns trabalhos ainda hoje em Timor.

Anexo 23

Entrevista D. Manuel Martins

D. Manuel Martins foi bispo de Setúbal entre 1975 e 1998. Foi dos poucos bispos portugueses a agir em defesa de Timor-Leste. Foi a ele que D. Carlos Filipe Ximenes Belo pediu para enviar a carta que escreveu para o secretário-geral da ONU onde reclamava um referendo para Timor-Leste.

A entrevista foi realizada no Porto, a 2 de Julho de 2015

Pergunta: Como é que chegou a Timor-Leste e à questão de Timor-Leste?

Resposta: Não posso esquecer, nem posso deixar esquecer ninguém que sou português, que antes de ser português, sou cristão. E sendo português e sendo cristão, eu tenho responsabilidades educativas no povo que Deus me concedeu, como herança e até com esta agravante de que esse povo tinha a dimensão de uma diocese. Por conseguinte, a minha responsabilidade como educador de uma Igreja inteira, portanto de uma diocese, é muito grande. Não podia esquecer estes pormenores. Porque nós muitas vezes pensamos que a Igreja tem só uma finalidade só cultural, devocional ou cultural. E a Igreja está no mundo. A Igreja continua Cristo encarnado. É por isso que se diz que Cristo é o maior provocador da História. E a igreja para continuar Jesus Cristo neste mundo, tem de ser também uma grande provocadora. E quando é que ela é provocadora? Ela é provocadora principalemnte quando vê o homem ofendido na sua dignidade, na sua liberdade, naquilo que nós chamamos os direitos humanos. E Isto não só no que diz respeito aos homens como também no que diz respeito a países ou a comunidades de maior porte, etc. Nós no Porto tivémos a sorte de ter como reitor neste Seminário e como professor neste Seminário, um homem que nos despertou para esta dimensão da Igreja. De tal forma que colocava em todas as salas de aula, um cartaz com estes dizeres bem visíveis: “De joelhos só diante de Deus. De pé diante dos homens.” De maneira que a Igreja quando vê a dignidade da pessoa ofendida, a dignidade de um povo ofendida, a Igreja não cumpre o seu dever se não saltar para o mundo, se não vier para o mundo e se não denunciar corajosamente estas situações em que o povo é agredido, em que as pessoas são agredidas, em que a liberdade é negada. De maneira que esta sensibilidade veio-me não só, de uma certa natureza (já vamos imaginar que eu que nasci assim com esta sensibilidade), depois tive a sorte de no Seminário ter um mestre que nos chamou a atenção para isto. E um mestre que selou o seu magistério com o exílio (esteve exilado durante 10 anos) por cantar a dignidade de um povo, por cantar a dignidade do homem e por cantar a liberdade da Igreja. Esteve Exilado, D. António Ferreira Gomes. Dez anos. E ele também contribuiu muito para nos activar a sensibilidade para estas áreas da humanidade, para estas áreas em que se passa, em que se vive a vida do homem. Agora vamos deixar a situação de um país, Portugal, onde se cometiam as maiores atrocidades no que diz respeito à liberdade da pessoa humana e só por isto, só pelo sistema corporativo. O sistema de colaboração em Portugal dos homens da sociedade com o poder em Portugal, manifestava-se ou tomava a forma do corporativismo. E o corporativismo é

uma sociedade que nasce de cima para baixo e que não nasce debaixo para cima. Por exemplo, era estritamente proibido haver sindicatos. Havia os chamados grêmios que eram tutelados pelo governo, mediante uma pessoa que era nomeada para isto. E portanto praticamente os direitos ofendidos das pessoas nunca seriam ressarcidos porque a pessoa que estava à frente do grupo, ou da classe de trabalhadores, era uma pessoa já que tinha a confiança do governo. Estava nomeada pelo governo para calar. Já não falo portanto do que diz respeito a Portugal, com toda a outra série de injustiças de tornar a Igreja escrava do poder, a Igreja era uma escrava do poder, tinha que estar em consonância com o poder se não obedecia ao poder, o governo fazia-lhe todas as ameaças. E a ameaça mais evidente, mais forte foi esta do exílio do bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes. Foi uma das grandes figuras da Igreja do século XX, e uma das grandes figuras do povo português no século XX.

Mas agora deixando esta parte cultural que podia ser objecto de uma entrevista muito rica. Não só no que diz respeito a ontem mas no que diz respeito a hoje. Nós hoje podemos dizer assim mas é que tudo mudou. Houve um 25 de Abril. Houve realmente um 25 de Abril. Mas o que era mau e era muito do 24 de Abril, passou todo para o lado de cá com o 25 de Abril. E é por isso que aquela sociedade pobre e arrumada e esquecida e ofendida em tantas áreas na sua personalidade, continua agora e se calhar em maior número e se calhar em maior intensidade. E digo isto porque, esta sensação da fome, do desprezo, da arrumação está também muito em razão da cultura que a pessoa tem. No outro dia ouvi uma entrevista de uma da ilha do Príncipe e as pessoas que vivem na miséria confessavam-se todas muito felizes com a cubatazinha que tinham, com a hortazinha que lhe fornecia os frutos indispensáveis para poderem viver, etc. Nós hoje consideramos aquilo um submundo. Portanto a cultura tem muito a ver com aquilo que nós chamamos os direitos humanos. Ofensa ou respeito pelos direitos humanos. Vamos imaginar que nós que ficávamos aqui por Portugal e esta entrevista ficava-se por aí e tínhamos muito por andar. Amanhã vou apresentar um livro que tem como título *Exilados* e o autor é um coronel do Exército que chegou a estar também deportado. Embora depois fosse recuperado. Esse autor, ao fim ao vem dizer-nos que não estando tudo e se nós quisermos observar cada situação em particular, não há ninguém que não viva exilado. Por esta forma, por aquela forma. Com mais evidência, com menos evidência. Com mais injustiça, com menos injustiça. Mas todos nós somos uns exilados, quanto mais não seja a partir de um ideal que tenhamos e não podemos realizar, de uma conquista que queremos fazer

ou de uma situação empresarial que gostaríamos de conquistar e não podemos por causa das leis que não permitem. Mas, nós estamos a dar o salto. Esta entrevista tem como objecto Timor. Timor era uma colónia portuguesa. Não lhe vou fazer a história mas vamos imaginar que foi assim uma história como as outras de um povo que chega e que toma posse. Não descobre, apodera-se. Quando o Santo Padre João Paulo II foi ao Brasil, nos discursos oficiais a expressão que aparecia era sempre esta: “quando o Brasil foi descoberto pelo portugueses em tal data.” Houve um senhor muito simples mas sensível e inteligente que arranjou que lhe dessem a palavra. E as pessoas julgavam que ele ia usar da palavra para enaltecer estes feitos dos portugueses que os descobriram e tendo-os descoberto, abriram assim as portas do futuro e da civilização. Esse cavalheiro subiu ao estrado e disse ao Santo Padre: “Santo Padre, toda essa gente que ouviu esteve para aí a dizer que nós fomos descobertos. Nós não fomos descobertos, nós fomos conquistados.” E com esta história toda da conquista, nós temos até uma grande prova que é a escravatura. A escravatura que andou daqui para acolá. Aqueles sistemas de vida que são ... por exemplo, Portugal está cheio de escolas, temos hospitais, instituições de serviços sociais que são dedicados ao conde Ferreira. Em toda a parte o conde Ferreira tem uma escola, ou tem uma estátua, tem um hospital. De Norte a Sul do país para não falar em pinturas. E aquele dinheiro com que ele construiu tudo isto, era sangue, era sangue de escravos que ele vendia para outros países. Naquele tempo não se notava, era uma venda. Uma pessoa não valia nada e por conseguinte havia a escravatura. E a escravatura era um negócio legítimo. Portanto ele fazia aquele negócio, tinha grande capacidade de fazer aquele negócio de escravatura. Vendia escravos. Mas aquela venda era sangue. Era sangue não só porque se vendia um homem e era sangue também porque muitas vezes, a sorte daqueles escravos, por isto ou por aquilo, ia ser a morte. E havia até a venda dos escravos. Na História já do Império Romano e por aí fora, havia a venda dos escravos e havia a feira dos escravos. Ainda hoje há reminiscências por aqui e por acolá aqui bem perto. Na terça-feira de carnaval há a feira dos escravos. Agora diz-se o moço de servir. E o patrão que queria comprar dez escravos para explorar lá as suas quintas, marcava-os com um ferro em brasa para assinalar a pertença. De maneira que vamos imaginar que Portugal descobriu mas descobriu com o sentido de conquistar. A conquista era assim com letras muito magrinhas porque o povo deixou-se apanhar. O povo deixava-se facilmente apanhar. Depois com uma raça nova, brancos, era também motivo para se deixarem apanhar. E depois também as armas que levavam.

Um tiro fazia estoirar, era tudo motivo de medo. Medo, curiosidade, incapacidade, tudo isso fazia aquilo a que nós chamamos pomposamente as nossas descobertas. Portugal descobriu o mundo. O que acontece, é que partes deste mundo “descoberto por Portugal”, foi objecto em várias circunstâncias, foram objecto de cobiça de outros países. O mapa cor-de-rosa... muitas das nossas ocupações em África foram objecto da cobiça de outros povos da Europa como Holanda e Inglaterra que tomou conta. O mapa cor-de-rosa... aquela gente conquistada e dominada por um povo novo, por um povo que se calhar até nem era tão mal recebido como se pode imaginar à posteriori, por estas questões culturais que acabei de apontar. Só depois é que fui despertando. Mas este povo que foi sendo descoberto ou conquistado, foi tomando consciência mercê de uma cultura universal que foi avançando, mercê da sua própria cultura e de elementos especialmente preparados que surgiam no seu povo. Portanto foram despertando para uma situação injusta. Quer dizer a terra é nossa, estamos a enriquecer estranhos à nossa custa.

P: Mas como é que o senhor bispo toma contacto com a questão de Timor?

R: E depois se isto era assim. Se havia esses povos que eram povos íntegros com o seu passado, com a sua história, com os seus costumes, com a sua religião, com os seus sonhos, as suas perspectivas, etc. E portanto com a sua perspectiva e condução da independência, isso foi acaontecendo um bocadinho por todo o lado. Depois teve a explosão no 25 de Abril como todos aqueles complementos circunstanciais que já andavam à volta, e à volta do 25 de Abril. A maior parte das independências deram-se por aí. Algumas já tentadas antes, como na Guiné. E a independência é um direito natural de um povo. Um povo que tem a sua história, que tem a sua religião, que tem a sua língua, que tem os seus costumes, que tem as suas tradições, que tem as suas ligações, que tem a comunidade de sangue, etc, este povo tem direito a escolher o seu futuro. Ora aconteceu que a Indonésia -agora aqui felizmente já não entramos nós- mas houve uma altura que Timor sendo considerado parte da pátria portuguesa (colónia) foi invadida por um povo muito maior e com maior capacidade e com interesses em juntar aquele pedaço de terra a todo o seu conjunto. Porque realmente Timor fica ali assim numa situação um bocadinho inexplicável à luz de quem não sabe a História. Houve essa invasão sangrenta mil vezes por parte da Indonésia. E então se houve esta invasão sangrenta, destruidora, assassina por parte da Indonésia, qualquer cidadão livre, consciente em geral. Mas portugueses em especial uma vez que Timor tem uma relação especial que a manteve sempre, uma relação de muita

amizade, de muito carinho por Portugal. Não obstante tudo, manteve uma boa relação com Portugal. Uma pessoa com responsabilidades educativas, como é um padre, como é um bispo, não podia calar uma situação daquelas. E quando o povo timorese assim agredido começou a pensar no seu direito à independência, nunca pensou em libertar-se do povo português. Pensou em libertar-se da Indonésia. Quando começou vivamente e expressamente a querer libertar-se de um poder que a escravizou, e escravizou até ao sangue...

P: Mas o senhor bispo começou logo a defender a causa?

R: Comecei logo a defender a causa. Quando vi aquilo, claro que começaram a surgir movimentos. Não fui eu o primeiro. Mas quando começaram a surgir esses movimentos, eu tenho que intervir. Eu sou bispo. Eu tenho obrigações educativas.

P: E de que maneira é que intervinha? Em homilias?

R: Muito. Por exemplo se vinha a propósito, nas homilias falava. Mas normalmente a minha maneira de actuar era mais em entrevistas de rádio e de televisão. Entrevistas de jornais, em conferências (muitas) em escolas. Nós temos uma assembleia diocesana, em reuniões dessa assembleia diocesana acordávamos as pessoas para esta situação que nos dizia respeito e na qual nós devíamos tomar posição. E depois escudados pela doutrina do João Paulo II que depois da queda do muro de Berlim e do desmoronamento das repúblicas soviéticas, o João Paulo II não defendia senão... quer dizer defendia muito e em toda a parte o direito a estes povos que estavam escravizados pela Rússia, o Santo Padre que levantou a sua voz imensas vezes pelo direito que estes povos tinham à sua independência relativamente à Rússia. Porque a Rússia queria mantê-los debaixo do seu poder. Portanto o Santo Padre com este pretexto que era um povo que teve história (foi apanhado em determinada altura por invasões), um povo que teve história, um povo que teve passado, um povo que tradições, um povo que teve o mesmo sangue, este povo tinha direito em escolher o seu futuro.

P: Mas ele em relação a Timor ele não defendeu assim tanto.

R: Quanto a respeito a Timor, nós temos que fazer um rodapé. E eu também o faço com muita dor. É que normalmente quem dirige a política da Santa Sé (a política religiosa e política e diplomática), quem dirige é o secretário de Estado que é a segunda figura da Santa Sé. Praticamente tudo isso lhe é confiado. O Papa tem muito mais que fazer. O secretário de Estado que se chamava Casaroli era de opinião e defendia acerrimamente que Timor devia ficar anexado à Indonésia.

P: Mas isso disse-lhe ele a si pessoalmente?

R: Não, nunca falei com ele a este respeito. Ele defendia isso acerrimamente tanto assim que quando ele morreu apareceu um livro póstumo dele em que ele apresentava (era uma espécie de diário) em que ele apresentava as razões porque Timor devia ficar anexo à Indonésia. E a grande razão era o respeito que a Indonésia tinha pela Igreja Católica. Porque sendo um enorme país com 1% de católicos, tinha 10 universidades católicas e nunca tinha havido nenhum problema de relação (e era muçulmano ainda por cima), nunca tinha havido nenhum problema de relação entre a Santa Sé e a Indonésia. E andando agora um movimento comunista como era a FRETILIN a querer tomar conta de Timor, a Santa Sé pôs-se a favor da anexação para libertar Timor do poder comunista. Ficava ali uma zona comunista cujas consequências estamos longe de imaginar quais seriam.

P: Mas o senhor nunca tendo falado com Casaroli, foi ele que o interditou a entregar as cartas dos bispos?

R: Não é nada disso. Portanto eu fiz tudo o que podia porque estava convencido disso. Fiz isso como missão episcopal porque o mundo, sobretudo o mundo que sofre é o altar da Igreja. O altar da Igreja é o mundo que sofre. Jesus Cristo encarnou por nós homens, sobretudo nós homens que sofremos. E a Igreja que a continua não pode proceder de outra maneira. Entretanto fui escolhido para presidente da secção portuguesa da Pax Christi. A Pax Christi é um movimento internacional católico de sensibilização para a Paz. Quem era no meu tempo, o presidente era o arcebispo de... Havia um grupo muito activo da Pax Christi e por incentivo da Pax Christi de que eu era presidente em Portugal, eu tomei duas atitudes que são marcantes. Um das atitudes foi ir à ONU. Eles têm lá a Assembleia dos Direitos Humanos que reúne não sei quando e tal e eu fui à ONU fazer um grande discurso. Claro que estava cheio, uma Assembleia fantástica e lá estavam também os indonésios. Não me ligaram nada. Ninguém me ligou nada. É o costume nestas grandes assembleias. Ninguém liga nada a ninguém.[...] E depois outra coisa que eu fiz, dentro da filosofia da Pax Christi, foi escrever cartas a 200, 300 bispos (a gente escolhia, escrevia e mandava) . Não era eu que fazia isso mas claro eu é que assinava, eu é que pedia embora ajudado e incentivado pela Pax Christi. Eu era capaz de nem descobrir esse processo de escrever. O que é certo é que mandámos umas centenas de cartas para a ONU. Mas era todas as acções eram dirigidas à ONU.

P: Mas explique melhor. Mandavam as cartas para os bispos para eles depois...

R: Para eles nos mandarem a dizer se apoiam se não. E as cartas em que recebíamos esse apoio é que seriam depois mandadas à ONU. E então foi aqui que se passou já um incidentezinho. A nunciatura queriam-me as cartas.

P: A nunciatura aqui em Lisboa.

R: E eu não dei as cartas. Desculpe senhor núncio mas as cartas eu não as dou. Posso não as mandar se me der ordens lá para a ONU. Mas agora as cartas que me escreveram eu não lhas dou porque eu escrevi e as respostas foram para mim. Esta lógica de honestidade. Isto foi um incidente

P: Mas acha que o núncio disse isso porquê? Por sua iniciativa própria ou a mando do Vaticano?

R: Podia ter sido por sua iniciativa própria. Com certeza que não. Mas eu um dia recebi uma carta do Casaroli a proibir-me de me meter nesta questão de Timor.

P: Depois deste incidente com o núncio?

R: Não sei quando foi. Sei que houve 3. Uma, digamos insignificante que, um dia, recebo da nunciatura uma carta, tinha vindo da Santa Sé a perguntar se era verdade que eu tinha dito aquilo. Dizia respeito à independência de Timor. E foi uma entrevista que eu dei no Colégio Pio XII. Eu não fui lá para isso, fui lá para uma actividade qualquer de rapazes, de estudantes e estava lá uma rádio pirata e como Timor andava na ordem do dia, perguntaram-me o que é que eu pensava a respeito de Timor. E depois a rádio pirata foi ter lá não sei aonde e recebi uma carta que me foi transmitida pela nunciatura, uma carta a perguntar se era verdade que eu tinha dito aquilo. E eu disse que era verdade e tinha dito aquilo e tinha muito gosto em ter feito aquilo. Aquilo morreu ali. Depois houve a questão das cartas. Depois ou antes ou durante ou sei lá, houve a recolha de não sei quantas milhares de assinaturas que nós fizemos em Setúbal e mandámos também para a ONU. E depois então é que eu teria recebido uma carta do Casaroli. Mas agora é preciso focar bem isto. O Casaroli não é a Santa Igreja. É o homem encarregado de conduzir a política, a diplomacia da Igreja. E ele estava convencido, com medo dos comunistas, ele estava convencido que Timor devia ficar anexo à Indonésia onde já andavam os seminaristas e, em Timor já era a língua das escolas. A indonésia construiu ali a Catedral, fez muitas obras. Tudo como já se aquilo fosse seu e a criar clima. E depois, como o Casaroli tinha medo, como diplomata... e realmente é perigoso implantar uma república comunista aqui ou ali ou acolá. Foi o que aconteceu com Cuba. É perigoso, é muito perigoso. De maneira que

ele estava no cumprimento do seu dever. Nessa altura é que ele me escreveu a proibir-me de falar em Timor.

P: Então a segunda carta foi sobre o quê? Ou a terceira?

R: Houve 3 cartas. Uma carta foi a perguntar se eu tinha dito aquilo. Outra carta que não sei se foi carta foi o núncio a chamar-me por causa das cartas. Mas essa não sei se houve carta por detrás. Se calhar houve mas o núncio isso não mostrou. E a terceira foi esta a proibir-me de falar em Timor. Mas entendamo-nos bem qual é o papel do secretário de Estado e o medo que eles tinham na altura para a FRETILIN. Depois o bispo lá coitado que era o D. José Joaquim que era de Beja ou Évora, não podia ouvir falar neles. Eles de vez em quando apareciam lá. E depois o administrador apostólico. Esse D. Joaquim quando viu a FRETILIN fugiu veio-se embora e foi nomeado um bispo, um bispo padre, que não era bispo ficou com o nome de administrador apostólico Martinho Lopes.

Martinho Lopes entretanto aderiu também à FRETILIN e foi mandado embora e veio aqui para Portugal. Depois até constou que ele que estava a passar muito mal.

P: Contactou com ele?

R: Fui a Lisboa porque constava-me que ele que estava a passar mal. Eu fui lá com dinheiro. Não sei se foi muito se foi pouco. Mas fui lá com dinheiro para lhe dar no caso ele... conduzi as coisas com diplomacia e ele jurou-me que economicamente que estava suficientemente seguro. Que me agradecia muito mas que por favor eu que não me afligisse com isso.

P: O cardeal Casaroli proibiu-o. E o senhor o que fez?

R: Eu disse que primeiro que obedecia a Deus e depois que obedecia aos homens. Isto está no Evangelho. E se a minha consciência me dizia que, eu tendo em conta estas situações humanas...porque se fosse entre o sim e o não, entre a verdade e a mentira, entre a fé e a heresia, se fosse assim uma coisa, dava a minha vida. Mas agora assim por uma coisa destas não dava a minha vida. Tinha que cumprir o que diz a minha consciência. Mas agora aconteceu uma coisa engraçada. Entretanto, o Casaroli não sei se se dispensou ou foi dispensado da secretaria de estado, se morreu. Eu na primeira vez, ou o cardeal morto ou o cardeal dispensado, na primeira vez que fui a Roma, fui procurado pela rádio Vaticano para ser entrevistado na Rádio Vaticano e dizer na rádio Vaticano, defender na rádio Vaticano tudo aquilo que tinha defendido como bispo de Setúbal.

P: Inclusivamente Timor!

R: Era para isso, era por causa de Timor. A Igreja como Igreja não sentia. Era a diplomacia da Igreja.

P: Portanto iliba o Papa de culpas...

R: O Papa coitado era também... podia raciocinar um pouco. O Papa se era assim lá o cardeal Casaroli dizia por favor a política é esta. A diplomacia que temos lá então é esta. Por favor não beije lá o chão. Porque em princípio já está beijado na Indonésia.

P: E enviou as cartas ou não enviou as cartas?

R: As cartas terá de perguntar à Pax Christi o que foi feito das cartas. O núncio queria ficar com eles. Eu disse por uma questão de honestidade e lealdade. Depois quanto a Timor defendi a causa. O assunto foi resolvido. Foi engraçado que o D. Ximenes Belo pediu-me para ir lá pregar um retiro ao clero. Eu fui.

P: Depois da Independência.

R: Fui, já tinha sido assinado a independência mas estavam no período de propaganda eleitoral. E eu fui lá fazer o retiro. Gostei de ver aquilo. Fui lá pregar um retiro. Ainda cheirava a fumo. Ainda cheirava a fumo. Eu fui prevenido em Sidney que as minhas malas teriam ficado retidas. [...] De maneira que depois aquilo entretanto tornou-se independente, o Xanana Gusmão veio inaugurar uma avenida. Nunca houve reconhecimento ou alusão.

P: Mas foi reconhecido agora.

R: Agora mas aquilo passou passou.

P: Mas o senhor era das poucas vozes na Igreja portuguesa que falava de Timor. Recebeu comunicações de padres de Timor?

R: Nunca recebi estímulos de parte nenhuma. Uma vez um bispo: “veja lá o que anda a fazer. A comprometer-nos a todos. “Eles era por obediência. Para eles a Santa Sé não é a Santa Sé. A Santa Sé são países. Papa é aquele Papa.[...] é aquele mundo de serviços cheio de pecados e tudo isso que andam a afligir vivamente o Papa. Desde dinheiros até comportamentos sexuais e essa coisa toda dentro daquela cúria com 200 ou 300 pessoas. De maneira que quando a gente diz a Santa Sé, eu custa-me dizer a Santa Sé porque a Santa Sé é aquilo que está ali. A Santa Sé é a forma estruturada do modo de ver da Igreja. Aquelas congregações todas que tratam disto, tratam daquilo. Estão lá muitos patifes, cardeais. Isto tem sido dito. O Papa já pôs alguns de parte. Os cardeais contra ele. Já chamou uma comissão de cardeais do fim do mundo, cardeais de quem ninguém falava. Mas valentes fortes que já fizeram uma grande limpeza da parte económica da Santa Sé que era também máfias e essas coisas todas.

P: Foi só uma vez à comissão de descolonização da ONU?

R: Sim

P: E lembra-se do que disse?

R: O que estou a dizer aqui. Aquilo tem uma tese. É o direito das pessoas. É uma situação de uma pessoa que tem o direito a uma situação e portanto a posição que nós temos de teimar contra esta situação e os responsáveis deste mundo e essa coisa toda.

P: Há quem considere que isso é assumir um papel político. Acha que é um papel político?

R: Diz-se que tudo o nós dizemos ou fazemos é político. Todas as nossas acções, sobretudo a este nível, são políticas. Há aí um livro que tem como título: “A Igreja é política”. Se a Igreja tem como finalidade defender os direitos humanos, se a Igreja tem como finalidade cantar em toda a parte e por todos os modos a dignidade, a grandeza e a importância do homem, sempre que esta dignidade, grandeza e importância do homem não são respeitados, a Igreja tem de falar e ter de falar é entrar numa área que nós chamamos política. A nossa área tem de ser política. Se eu digo numa homilia ou escrevo num artigo – todos os artigos que eu escrevo todas as semanas ao fim ao cabo tratando de temas culturais, religiosos ou coisa parecida, no fundo vão a dar em termos políticos. O político infelizmente é um descrédito hoje. É uma atitude política no sentido nobre da palavra porque é uma preocupação pela sorte, pelo respeito da dignidade das pessoas. O Santo Padre João Paulo II numa exortação apostólica chamada “ Os cristãos na Igreja e no Mundo”, o Santo Padre disse lá umas coisas muito importantes. Disse 3 coisas muito importantes: em primeiro lugar que compete à Igreja como sua missão medular e essencial cantar em toda a parte oportuna e inoportunamente a dignidade da pessoa humana. Portanto se eu a vejo ultrajada agora com o direito disto, direito daquilo, eu não posso estar calado. E a Igreja tem estado muito calada. Já o tenho dito muitas vezes: a Igreja está muito calada. E o Papa diz que prefere uma Igreja acidentada no meio do mundo, do que uma Igreja muito bonita cá dentro das 4 paredes. A Igreja tem de cantar em toda a parte oportuna e inoportunamente a dignidade da pessoa humana. Segundo: a Igreja tem como função medular também importante, essencial ajudar as pessoas a descobrir a sua dignidade para que em nenhuma circunstância possam ser aproveitadas ou manipuladas. Está a ver o que está a acontecer nesta política que estamos a viver? O que é acontece? E a Igreja está calada. As pessoas são enganadas, são manipuladas mesmo com estas propagandas políticas e partidárias, o homem que conta? Conta

alguma coisa de sério, de positivo? Não conta nada. Conta como objecto que me pode aproveitar, manipular, enganar, usar. Portanto a Igreja tem que ajudar as pessoas a descobrir a sua dignidade mesmo que seja para pôr em prática dentro da mesma Igreja. Até o código de direito canónico pela primeira vez, o código novo que é de 1983, consagrou um capítulo aos direitos dos cristãos, que não havia. O cristão tem o direito de bater o pé diante do padre se ele não lehe concer isto ou aquilo ou aquelotro a que ele tem direito.

P: E a terceira...

R: E a terceira é: a Igreja tem como missão medular e essencial denunciar com coragem e sem medo as agressões que forem cometidas contra os direitos humanos. E agora vá à Constituição Portuguesa do 25 ao 79, são 55 artigos, sobre os direitos liberdades e garatias e a maior parte deles estão lá consignados mas não são minimamente respeitados. Eu lá em Setúbal tinha uma assembleia diocesana que discutia estas coisas todas e pedia aos cristãos que se reunissem, sei lá, uma vez por mês, duas vezes por mês em assembleia paroquial para estudar os direitos humanos que vem na constituição e ver se eles são respeitados ali na sua terra. Se não tiverem a ser respeitados que vão ter com o presidente da junta ou com ou com o presidente da câmara ou com quem for. A bem ou a mal. Vossa Excelência ou senhor. Faço muitas vezes isso e continuo a dizer às pessoas: reunam-se, é um pecado que não conheçam os direitos humanos. Estão consagrados numa Constituição civilizada que é nossa, está lá tudo. Os direitos, liberdades e garantias no que diz respeito à igualdade, à justiça , à educação, à doença... está lá tudo. E nós devíamos saber aquilo como quem sabe o credo. E depois viver em harmonia.

Anexo 24

Entrevista D. Carlos Filipe Ximenes Belo

D. Carlos Filipe Ximenes Belo foi nomeado administrador apostólico de Timor-Leste em 1983, substituindo no cargo Monsenhor Martinho da Costa Lopes. Em Junho de 1988 é nomeado bispo de Lorum. Pela sua actuação em defesa do povo de Timor-Leste, recebe o Prémio Nobel da Paz em 1996 juntamente com Ramos-Horta. Em 2002 resigna ao cargo de bispo de Díli.

A entrevista foi realizada no Porto, a 3 de Julho de 2015

Pergunta: Como viveu a Invasão?

Resposta: Eu estava lá em 74/75 estava em Timor no Colégio de Fatu Maka. A gente via logo que os timorenses. Houve portanto a guerra civil e o resultado na invasão porque o partido que estava a protagonizar os acontecimentos era a FRETILIN e na altura era um bocadinho de esquerda, radical e a Indonésia não podia aceitar a presença do Comunismo naquela zona. E por isso nós prevíamos que mais cedo ou mais tarde a Indonésia ia entrar. O que de facto se veio a verificar

P: O D.Carlos na altura sentia que isso era possível?

R: Para já os timorenses já na altura não estavam bem organizados. E depois nós ouvíamos dizer que os portugueses se iam retirar. Eu próprio via as camionetas que iam de Ossú (onde havia uma companhia) estavam já a transportar material de guerra para lançar ao mar e os portugueses ficavam com as armas tradicionais as catanas e as zagaia. Não podiam lutar contra a Indonésia. E por isso a previsão era essa. A FRETILIN declarou unilateralmente a independência recorrendo ao direito mas de facto não tinham forças para deter a invasão da Indonésia.

P: Na altura o senhor bispo estava em Fatu Maka

R: Eu não era ainda padre nem isso. Eu era seminarista, fazia o estágio. Como sabe depois de Filosofia, os estudantes salesianos, os religiosos temos de interromper os estudos para fazer estágio e eu então fui para Timor fazer o estágio de 2 anos. Estava previsto 2 anos e portanto em 1974/75 fi-lo em Fatu Maka. E acompanhava essas movimentações lá em Díli. Depois com o golpe de estado da UDT e o contragolpe da FRETILIN, eu fui também com os outros para Timor indonésio e daí fui para Macau para terminar o estágio no Colégio D. Bosco de Macau e já estava em Macau quando ouvi pela rádio de Macau a invasão pela Indonésia. 7 de dezembro de 1975. Eu estava no Colégio D. Bosco em Macau.

No dia 22 de Agosto eu segui com um padre açoriano para Maliana parte ocidental. Depois eu querendo voltar para Fatu Maka já não podia. Havia a Guerra civil entre a UDT e a FRETILIN e então eu, juntamente com os padres de Maliana e autoridades e algumas freiras seguimos para Atambua, do outro lado em Timor Ocidental. E dali estive um mês a aguardar a situação que melhorasse para regressar a Fatu Maka e então entretanto escrevi ao provincial dos salesianos em Lisboa. Escrevi uma carta estou aqui não posso regressar a Fatu Maka, espero ordens. E ele disse fala como bispo de Atambua, pede dinheiro e vais fazer o estágio em Macau. Em Setembro parti para Macau. Não, em Outubro. Fui para Jacarta e depois fui para Macau e continuei o

estágio a dar aulas... depois em Julho tentei ir às Filipinas para frequentar Teologia na Universidade de S. Tomás em Manila. Mas como os programas daqui de Lisboa e de Manila não eram coincidentes e eles disseram que eu tinha de repetir toda a Filosofia e então eu disse então se é assim eu vou continuar os estudos em Lisboa. E então em Julho de 76, regressei a Portugal. Fiz aqui a Teologia na Católica, continuei em Roma e depois fui para lá já ordenado padre em 81. Julho em 81.

P: Em Maio de 83 é nomeado administrador apostólico Mas tinha poder de governar a diocese.

R: Monsenhor D. Martinho também era administrador apostólico, eu também fui nomeado administrador apostólico. Esta questão do administrador apostólico é uma situação em que a Santa Sé recorre quando a situação é difícil. Nomeia-se administrador apostólico dependente da Santa Sé e então quando a situação se normalizar se nomeia bispo residencial.

P: E na altura o bispo português, ele rapidamente saiu de lá e ficou D. Martinho.

R: Ele saiu porque os indonésios queriam utilizá-lo como arma de uma integração mais fácil. Na medida em que era português. Isto dizia ele nos encontros que tive. Os indonésios pressionaram o bispo português. Este bispo viria a Lisboa para forçar o seu governo para reconhecer a integração. E ele prevendo isto pediu para sair em 78 e então a Santa Sé como dizia em vez de nomear um bispo timorense, nomeou Monsenhor Lopes que era o sacerdote sénior na altura, administrador apostólico. Aquele que governa a diocese numa situação especial.

P: Como é que vê a actuação dele? Porque a actuação dele é eleogiada por uns. A igreja critica. Foi um administrador muito interventivo.

R: É preciso ler bem as situações. Porque a princípio, em 74 e 75 ele também era um bocadinho pró-indonésio não sei se já ouviu falar disso? Isso por causa da situação da FRETILIN. Depois do 25 de Abril a FRETILIN fez uma campanha tal que chegaram a meter medo ao bispo Ribeiro. Ele era vigário-geral tinha de comungar. E ele então foi enviado para Flores. Dois grupos de seminaristas foram enviados para Flores. Aliás o bispo actual de Maliana foi estudar para Flores (D. Roberto Amaral). Esteve a trabalhar intimamente ligado a D. José e em Dezembro quando viu as barbaridades cometidas pelos indonésios, logo em Dezembro, D. José também protestou também escreveu uma carta ao presidente Soeharto. Eu tinha lá uma cópia mas as formigas brancas comeram. E monsenhor Martinho também comungava as mesmas ideias ao ver as barbaridades. Os indonésios entravam (só para contar em Bacau)- contavam

minha mãe e minha irmã- no hospital de Bacau e a casa do médico, eles entravam e levavam os balneários, os espelhos, as camas. Mandavam para lá criminosos, gente que não tinha ética. E por isso, com essa barbaridade toda, Monsenhor Martinho Lopes foi recuando, tomando outra posição não muito simpática com a Indonésia.

P: E tornou-se um bispo, um administrador apostólico incómodo.

R: Sim depois em 78, 79 a situação estava mesmo fechada com aqueles aviões a bombardear as populações refugiados nas florestas. Com um círculo fechado e depois com a falta de alimentação ele começou a protestar, sobretudo por causa dessa situação. Foi mais pela defesa das pessoas.

P: Mas ele é também visto como um administrador que esteve ligado incentivando a luta armada.

R: Bem eu não digo que ele incentivou. É preciso ter provas para dizer que ele incentivou.

P: Mas há guerrilheiros que no encontro com Xanana ele apelou à luta...

R: Isto é muito delicado para dizer que D. Martinho incentivou. Ele... eu estive com ele, é mais para defender as pessoas. Ele como administrador apostólico não podia dizer lutai. Era a denúncia da violação dos direitos humanos.

P: E direito de defesa?

R: Pois.

P: Manteve ligação epistolar com D. Martinho?

R: Não muito, escrevi na medida do possível. Em Fevereiro de 1984, quando comecei as visitas pelas aldeias, também lhe escrevi uma carta a dizer coisas que eu tinha sentido para ele continuar cá fora a falar. Mas depois por causa de dificuldades de comunicações...também as minhas cartas eram abertas e lidas. Portanto não tinha mais comunicações. A não ser em 1985 quando vim cá uma vez falar com ele ali em Algés.

P: E o que é que lhe disse?

R: A situação era na mesma era de dificuldade, de sofrimento para o povo e que a situação militar e de controlo era a mesma.

P: Mas pediu-lhe também que intercedesse por Timor?

R: Intercedesse na medida do possível, contactasse as pessoas, as autoridades para influenciar a Indonésia a respeitar mais os direitos humanos.

P: Quando é nomeado administrador em substituição de D. Martinho. Padres nem sequer vão à sua ordenação.

R: Isto compreende-se porque eles já eram... Para já eram todos seniores e alguns deles trabalhavam já há anos nas paróquias e eu era um religioso. Era um religioso de uma congregação salesiana. Sabe que em algumas zonas os padres seculares diocesanos não se dão bem com os padres religiosos. E então quando vem um religioso é bispo, isto não cai bem. E depois diziam que era novo não tinha experiência, ok. A experiência vai-se ganhando mas eu aceitei tudo e procurei dialogar com eles. Ouvi-los

P: Mesmo na altura compreendeu?

R: Quando eles não estiveram no dia 12 de Maio que era a cerimónia, no dia 13 fui à Câmara Eclesiástica, situada à frente do Porto de Díli, falar com cada um deles. Compreendi perfeitamente a vossa situação mas a situação é esta que Monsenhor Martinho já não pode voltar. Nós temos que ver juntos, olhar para a frente e trabalhar por este povo e salvar este povo. Agora andar com politiquices...

P: E eles compreenderam?

R: Compreenderam muito mais tarde. Para mim, humanamente falando e espiritualmente falando a gente aceita tudo. Embora naquela cerimónia estiveram alguns e as freiras e os timorenses, os leigos e depois da missa alguns cristãos disseram a esses padres: “então vocês não têm fé, não vêem isto fora da política. Ah nós não temos fé e portanto esta é a nossa posição.”

P: Mas acabou por os convencer?

R: Não imediatamente porque depois em Julho... Eu tomei posse em Maio e em Julho e Agosto comecei a visitar as paróquias e eles diziam também: “Monsenhor não vá visitar as missões, as paróquias. Não vá porque nós ainda estamos à espera de uma carta de Roma.” Naturalmente ainda estavam à espera que Roma respondesse às exigências deles. E eu disse: “pronto eu vou na mesma por causa do povo, dos cristãos. Se vocês não estiverem lá eu vou na mesma”.

P: Foi aí que consciencializou que Timor ia lutar pela sua independência, pela sua auto-determinação?

R: Não era assim logo no início. Para mim o que me interessava na altura era viver o dia à dia. Ir ver as pessoas, ouvir as pessoas, procurar falar com os indonésios sobre a situação das pessoas. É por isso, também fui criticado pelos indonésios. Porque é que ele está andar muito, a sair sempre de Díli e ir pelas aldeias. Para de facto constatar que a situação das pessoas era difícil. As primeiras coisas que eu ouvi quando entrava nessas aldeias é que as aldeias estavam cercadas. A entrada na aldeia era sempre um

bambu ou um pau parece desses eucaliptos compridos que põem na estrada, barravam. Ninguém podia passar. Só passávamos com um salvo conduto. Portanto as pessoas saíam das suas aldeias para ir aos cafezais ou às suas hortas ou campos de arroz a partir das 9 ou 10 e voltavam às 3 da tarde. E à noite toda agente devia estar dentro das aldeias. Isto era a política dos soldados indonésios. Eu fui até lá em Dare e eu próprio desci e fui arrancar aquele bambu e ralhei lá com o indonésio que estava a guardar o posto de controlo. Isto não é a vida humana. Isto aqui é a nossa terra nós temos liberdade de andar e circular. Porque é que temos de estar cercados?

P: Como se fosse uma prisão?

R: Pois.

P: E o que é que eles lhe disseram?

R: Pronto anotaram mas depois fazíamos os seus relatórios para os comandantes

P: O livro de Arnold Khoen diz que assumiu uma posição mais diplomática do que D. Martinho. Todos dizem que D. Martinho foi mais interventivo. Arnold Khoen diz que tomou uma posição mais diplomática porque estava muito condicionado ou porque podiam não o deixar reentrar ou pelas ameaças dentro do território.

R: Primeiro, nós quando um é nomeado bispo ou administrador apostólico não é para fazer política nem é para tomar posição de um partido.

P: E acha que D. Martinho tomou?

R: Pergunta a ele...

P: Não posso e quero saber a sua posição.

R: A minha posição eu já disse era defender as pessoas, os direitos humanos.

P: Mas vocês intervinham de maneira diferente.

R: Agora aqueles críticos pensavam nós estávamos lá para ser porta bandeiras. A Santa Sé ou o Vaticano não nomeia um bispo para ser porta-bandeira de um partido. Primeira coisa nós estamos lá para servir a Igreja, servir o povo e anunciar o Evangelho, anunciar os valores cristãos. Portanto... claro nós... Além disso, além do povo nós tínhamos uma força exterior, uma administração exterior que não era de jure mas de facto. E também tínhamos de lidar com eles. O que é que diz a civilidade das pessoas, a civilidade de uma boa ética, uma boa civilização? Respeitar a todos, respeitar e falar e dialogar. E por isso é que a minha atitude é esta. Vamos servir as pessoas visitando, defendendo os seus direitos mas ao mesmo tempo está aqui esta autoridade de facto e vamos falar.

P: Que é a autoridade indonésia. E portanto tentou falar pela via diplomática...

R: Tentei muitas vezes. Todas as semanas ia falar como governador Mário Carrascalão e depois todos os meses ia ao comando militar falar com o comandante militar e falar com o chefe da polícia. Ia pelos conselhos falar com os administradores indonésios, com os comandantes indonésios. Quando ouvia dizer que nalguma zona, por exemplo em Baucau, a caminho de Baucau, em Fatu Maka, havia lá uma prisão, os comandos militares. Ouvia pelos timorenses que alguns estavam presos, ia lá tentava ir visitar, falar com eles. Muitas vezes não conseguia porque os comandos militares diziam eles foram cortar lenha, ou foram ao bazar. Não estão cá. Mas eu sabia perfeitamente que eles estavam a mentir.

P: Não acha que isso é também uma intervenção política?

R: Não sei, não sei. O que é que a senhora entende por intervenção política? Eu para mim era isso: é um timorense que está preso, que é torturado, que é espancado e as mulheres, os filhos os parentes estavam a queixar-se eu tinha de ir melhorar a situação deles, melhorar o sofrimento.

P: E porque é que acha que foram os religiosos que assumiram esse papel?

R: O religioso, muita gente pensa que o religioso é para estar na sacristia a rezar. O religioso é servir as pessoas. Se nesta dimensão social e humana há isto, os religiosos têm de intervir

P: E como é que reagia às críticas

R: Para mim aquece ou não aquece. O mais importante é que eu faço o meu trabalho.

P: Portanto não reagia.

R: Reagir para quê? Eu não sou um líder político para estar a lutar contra a oposição ou para ser oposição.

P: Mas achava que era injusto?

R: Faço o meu trabalho. Um trabalho que eu chamo um trabalho pastoral pelas pessoas. Pela igreja e daí terá depois as suas consequências, as suas leituras que os outros podem fazer.

P: E esse trabalho pastoral acha que passa também pela defesa das pessoas?

R: Se não defendemos as pessoas o que é que estamos a fazer. O que é que significa a palavra pastor? A palavra pastoral? Olhe para dizer à doutora depois de receber o prémio, não sei se já ouviu falar disso?..

P: O prémio Nobel?...

R: Passei por Roma e um cardeal na altura disse-me: “ah ouvimos dizer ganhaste o prémio nobel, agora falta tu ganhares o prémio da pastoral.”

P: Foi o Casaroli?

R: Não é não. E eu disse:” oh Monsenhor, Excelência, trabalhar defender os direitos humanos, a justiça, a dignidade humana, isto não é pastoral. O que é que o senhor entende que é pastoral?” É a mesma pergunta que lhe faço a si. Muitas vezes nós vimos somente por fora. Exposições, críticas ousadas. Eu não vejo bem assim.

P: E esta análise do Arnold Khoen está certa ao dizer que o senhor está muito condicionado?

R: Olhe era mais fácil falar alto lá do púlpito, gritar e criticar e depois dizem agora vai-te embora. E o povo que lá está? Eu também não era estúpido para fazer isto. A gente tem de ver as coisas localmente e também fora. Muitas vezes os críticos que falam assim estão cá fora. Não estão lá dentro. Estando cá fora podes gritar. Experimente estar lá dentro. É preciso compreender cada contexto.

P: E o senhor era ameaçado e sofria pressões?

R: Primeiro como eu já dizia nessas deslocações, eles seguiam-me. Os serviços secretos seguiam-me. Seguiam sempre e até nalguns casos eles entravam no meu carro, sentavam-se lá atrás e eu cheguei a expulsar alguns. Mas iam sempre atrás. Eles nos serviços secretos são muito espertos. Às vezes não são eles são os timorenses, os jovens, catequistas, cristãos, e que diante de ti sorriem e fazem salamaleques e tal mas estão a vigiar e a controlar as palavras, as acções e tudo. Portanto os meus movimentos eram todos controlados. Depois os telefones, os telefones nós recebíamos telefone fixo sabíamos que na central estava ligado a um fio para o comando dos militares. Portanto eu quando levantava o telefone lá em casa e recebia a Rádio Renascença ou a RDP internacional, estavam também a gravar e as cartas também eram controladas. Mas ameaças assim de morte só havia duas ou três. Quando depois de escrever a carta a Pérez de Cuellar sobre o referendo então tentaram assassinar.

P: Tentaram mesmo?

R: Quer dizer armaram emboscadas. A primeira emboscada foi em junho. A carta saiu em Fevereiro e percorreu o Mundo e em Timor também. Abril, Maio começou as pessoas a saberem disso. E em Junho já é tempo seco para fazer as visitas e havia já preparado uma emboscada entre Manatuto e Laleia.

P: Como é que soube?

R: Soube porque algum soldado timorense veio dizer.

P: E depois não foi?

R: Pronto estava a preparar e algum timorense veio dizer. Eu fui falar com Mário Carrascalão que é o governador para dizer: “olhe senhor governador só para dizer que eu amanhã vou fazer uma semana de visita ali para a zona Leste. Mas eu tenho esta fonte fidedigna que é neste sítio que estão a preparar uma emboscada para me matarem para atirarem sobre mim e se acontecer qualquer coisa já sabe o que é que aconteceu.” E o governador também disse: “também a mim me fazem muitas emboscadas. Mas senhor bispo veja lá é melhor ir do que não ir.” Eu também disse: “é melhor ir do que não ir. Se morrer, morremos ali.” Fui na mesma. Portanto depois de ter passado é que soube que eles estavam ali mas não atiraram.

P: O senhor a lançou a ideia do referendo. Como é que pensou nisso? Concertou-a como clero timorense? Concertou com a resistência? Informou Roma?

R: Não, esta posição não consultei com ninguém. Consultar com clero timorense é perder tempo.

P: Porquê?

R: Porque ali há prós e contras e eu quero tomar a minha posição sozinho. Nos dias anteriores veio falar comigo um estudante do liceu da zona de Becora. Veio chorar dizer que foi maltratado pelos professores da ilha de Flores, indonésio a dizer que os timorenses eram orgulhosos, vaidosos, não tinham sentido de gratidão, não sabiam dizer obrigado aos indonésios que estão lá para fazer a construção material. E então veio chorar, eu ouvi o rapaz e aconselhei-o e fiquei cá por dentro. Quando é para humilhar o estudante timorense dizendo estas coisas que o professor dizia era contra o povo. E por isso, depois dele regressar fui ao meu escritório (não tinha computador, ainda não sabia trabalhar com o computador, só aqui é que aprendi) e comecei a escrever. A quem é que vou escrever? Ao secretário-geral das Nações Unidas para decidir isto, ou sim ou sopas.

P: Portanto foi uma decisão individual (e solitária)?

R: Individual sem dúvida

P: Mas não a tinha maturado antes?

R: Aquilo surgiu, surgiu naquele dia naquela tarde e que de facto é preciso ouvir os timorenses se queriam a independência ou queriam a integração.

P: E como é que mandou a carta?

R: Eu lá em casa não tinha papel químico, tinha somente aquela máquina velha e mandei a um rapaz para ir fotocopiar numa loja chinesa. Todas as lojas chinesas que tinham fotocopadoras tinham já recomendações dos serviços secretos para ficar

sempre com uma cópia. Veja lá (risos)...E então o rapaz trouxe a carta e eu meti num envelope. Mas também tinha uma estratégia não ia ao correio. Esperava por alguém que fosse a Java, a Jacarta, ou Soarabaia. Depois dali então tinha uma carta para Pérez de Cuellar, outra carta para uma pessoa aqui de Portugal por exemplo (D. Manuel Martins) e depois para esta pessoa. Portanto 3 envelopes. 3 envelopes. Entregava a uma pessoa. Ele foi a Jacarta. Não foi a Jacarta, ele foi para Malang, cidade na Java Oriental. E ele despachou para D. Manuel Martins e depois... entretanto não sei se as cartas chegavam... entretanto no dia seguinte os serviços indonésios já estavam a para do assunto.

P: Mandou uma carta para o D. Manuel Martins ou mandou a carta do Pérez de Cuellar para o D. Manuel Martins para ele mandar?

R: Para Pérez de Cuellar um envelope. Fora deste envelope uma outra carta para D. Manuel Martins. Depois dentro de outro envelope para este rapaz que foi depositar.

P: Meteu tudo dentro uns dos outros? E foi o D. Manuel Martins que depois mandou a carta para Pérez de Cuellar?

R: Eu mandei para cá não sei como é que a carta chegou lá. Foi isso que fiz.

P: Portanto ninguém sabia que havia uma carta para o Pérez de Cuellar dentro daquelas cartas todas?

R: Não, não sabiam. Portanto são três envelopes.

P: Uns dentro dos outros.

R: Pois.

P: E quem foi a pessoa em Timor a quem pediu?

R: Foi a um seminarista. Agora não me lembro bem quem é que foi.

P: Foi sempre alguém da Igreja.

R: Foi.

P: Foi portanto a rede da Igreja que utilizou. Utilizava muito a rede da Igreja ?

R: Sim, sim.

P: Como é que utilizava?

R: Aproveitando as pessoas que iam para Kupang ou Timor Ocidental ou para Bali ou para Jacarta.

P: Para poder passar as cartas?

R: E depois dali eles escreviam de novo a direção, pondo o nome deles e lá dentro levava as nossas cartas.

P: Como é que lhe surgiu depois o Diálogo intra-timorense?

R: Como eu via que as coisas não avançavam, a guerrilha não tinha grandes resultados dentro e cá fora os timorenses também não se entendiam... entretanto os timorenses lá dentro também queriam ser protagonistas, os pró-integração. E então pensei nessa ideia. Antes de falar com os indonésios e falar com portugueses, falar com os próprios timorenses de todas as sensibilidades. Pró-indonésios e pró-independência. Por isso que organizamos o primeiro encontro em Dare.

P: Mas isso foi mais tarde. Mas antes houve os diálogos intra-timorenses na Áustria. Também foi da sua iniciativa?

R: Ai foi mais iniciativa das Nações Unidas mas claro depois de ouvir-nos a nós. Foi sobretudo secretário-geral e os seus colaboradores.

P: E os encontros com Xanana Gusmão. Teve pelo menos dois enquanto ele era líder da guerrilha.

R: Só dois, só dois.

P: E a princípio Xanana não gostou do seu primeiro encontro.

R: Não gostou quer dizer, era muito desconfiado.

P: Pode contar como foi esse encontro?

R: Porque ele já sabia da posição do Monsenhor Lopes mas a minha posição para ele pensava que eu já estava vendido para a Indonésia.

P: Mas foi-lhe propor a rendição?

R: Fui propor o seguinte: tinha falado antes com o núncio. O núncio dizia se há aí um grupo de guerrilheiros que estando já apertados, sempre perseguidos querem sair, a Santa Sé pode, através dos seus canais e da Cruz Vermelha Internacional, fazer sair. Os outros que quiserem continuar, continuem. Portanto foi isto que eu fui falar com Xanana.

P: Portanto a Santa Sé mediava.

R: Mediava, sim. Seria mediadora. E eu era a pessoa para contactar como comandante Xanana. E além disso disse-lhe isto... portanto a resposta dele foi “nós somos como árvores morremos de pé, ninguém vai sair.” E eu disse: “muito bem a vossa posição é isso, gostei de ouvir.” Mas depois disse-lhe mais: “eu não sou político, não sou guerrilheiro, não sou comandante mas eu digo que esta guerra assim vai ser difícil para vós. Dizem que há 200 guerrilheiros. 200 guerrilheiros o que é isso contra uma nação com 200 milhões de habitantes? Portanto é melhor de estratégia de guerra.” E ele ficou a pensar, ficou a pensar. Só muito mais tarde é que me disse: “afinal este bispo é mais político do que eu para propor isso.”

P: E o segundo encontro quando é que foi?

R: O segundo encontro foi em Ossú.

P: E foi em que ano?

R: Foi já em 91... Foi em Julho de 92.

P: Porque o primeiro foi em 86.

P: O outro em 25 de Abril de 86, no colégio de Fatu Maka pelas 11 horas da noite. Foi o padre Locattelli que preparou ambiente para nós nos encontrarmos.

P: E o segundo encontro foi em 92?

R: Não foi em Julho de 91. Isto antes. Porque se falava na altura da visita de uma delegação de deputados portugueses e a resistência, portanto Xanana e comando da guerra queria que a Igreja mobilizasse jovens para manifestações em Díli. Tomasse a iniciativa e sobretudo com esta celebração da missa na Catedral. Eu opus-me totalmente. Para já não podemos utilizar a Igreja para fins político/militares. Segundo eu não quero ver banho de jovens ali. Esta manifestação de jovens é um atizar os jovens para gritarem, manifestarem-se e a resposta será naturalmente tiroteio da parte dos indonésios. Eu disse ao Xanana. Desculpa mas não posso aceitar essa proposta.

P: E ele o que é lhe disse?

R: Senhor bispo não aceita, pronto. Mas não podia aceitar.

P: Mas ele ficou na dele?

R: Sim.

P: Mas quando foi da visita do Papa houve também manifestações? Aliás muitas vezes as manifestações religiosas são utilizadas para as manifestações...

R: Não são manifestações religiosas. São manifestações organizadas por iniciativa do comando da guerra aproveitando-se desses jovens manifestando-se na igreja Catedral, em Lecidere diante do monumento de nossa senhora e da visita do Papa. Mas isto não são manifestações religiosas organizadas pela igreja.

P: Não. Muitas vezes usavam as celebrações religiosas para essa utilização política.

R: Pois. Por isso eu também dizia. Dizia a ele porque é que estão sempre a proteger-se debaixo das saias do bispo e dos padres? Porque é que não fazem manifestações religiosas no campo da bola ou numa praça qualquer? Porque é que...

P: E porque é que acha que eles faziam isso?

R: Porque é que tinham de recorrer à Igreja?

P: E porque é que acha que eles faziam isso?

R: Faziam isso porque já sabem que o bispo vai defender. Comprometer o bispo, puxar o bispo à sua sardinha, à sua brasa. Portanto como vê. Há isto de influências. Nós temos de saber as nossas posições. Somos da Igreja temos uma maneira de agir, temos uma maneira de falar.

P: E os seus encontros com os líderes mundiais. Como é que correram? Encontrou-se com quem ?

R: Portanto encontrei-me com Kofi Annan, com Clinton, com Boutros-Ghali, com a presidente da Irlanda...

P: E o que lhes dizia?

R: Dizia isso. É preciso defender o povo timorense, a sua dignidade, os direitos humanos. Exercer pressão sobre a Indonésia para retirarem as suas forças, para respeitarem as pessoas. E depois pedia também para não fornecerem material bélico ao Exército indonésio.

P: E com Portugal, as relações com a Igreja e com o governo como é que eram?

R: Portugal, a primeira vez que vim cá foi em 85. Fui fazer a visita ao Papa. Depois aproveitei para vir e o primeiro encontro que tive foi com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Jaime Gama. E ele ali disse-me: “senhor bispo veja lá se a FRETILIN não fala tanto mal de nós.” Parece que na altura, FRETILIN estava a criticar o governo português. E depois disse-me: “se lá em Timor as pessoas já aceitavam a integração.” Eu disse: “senhor Dr. é precisamente o contrário. As pessoas querem que Portugal regresse para exercer a sua função de país colonizador e descolonizar. Ah sim os timorenses ainda estão à nossa espera?” Ficou todo admirado o Dr. Jaime Gama. Depois eu dali fui para a nunciatura apostólica em Lisboa. O núncio arranjou ali um almoço onde estive também o Dr. Mário Soares que era o primeiro-ministro. Eu também apresentei o meu problema. “Senhor Dr. os timorenses ainda estão à espera de Portugal. Cá fora dizem que está integrado mas cá fora não estão.” E então o que é que disse-me o Dr. Mário Soares? “Oh senhor bispo o problema de Timor é muito complicado. Parece uma pirâmide virada ao contrário. Temos de começar cá por baixo, pela ponta. Pouco a pouco. Com muita diplomacia, muito esforço.” Mas eu disse: “então pronto façam lá que as pessoas ainda estão à espera de Portugal.

P: E em Timor tinha conhecimento de padres que fizessem ações próximo da resistência

R: Sabia.

P: Existia então?

R: E alguns faziam atrás de mim. Quando eu estava fora.

P: Mas faziam o quê?

R: Iam contactar com os guerrilheiros. Transportavam nos carros deles. Porque depois havia catequistas que me vinham contar.

P: Transportavam o quê? Os guerrilheiros?

R: Transportavam. A senhora nunca ouviu dizer que transportavam o Xanana para Ossú e para Ermera. Eu sabia disso mas pronto, deixava passar.

P: E houve intimidações e prisões a religiosos e até mortes no referendo. Antes do referendo?

R: No referendo nós publicámos uma carta pastoral apelando às pessoas para votarem segundo a sua consciência. Mas depois pronto como digo havia muita pressão e houve consequências na Igreja. Algumas igrejas incendiadas, capelas. E depois aqueles padres assassinados em Suai. Dois seculares diocesanos e um jesuíta, e também um jesuíta em Díli que tinha sido reitor do Seminário. E depois as freiras canossianas na zona de Baucau.

P: E antes do referendo tem ideia porque eu li que o padre Locatelli chegou a ser preso.

R: Preso não mas ameaçado sim. Agora houve padres que como Padre Domingos Soares que agora está em Macau, padre Walter, um belga que está em Bruxelas, o padre João de Deus que ainda está em Timor. Pronto apanharam pancadaria, bofetadas e murros dos soldados indonésios.

P: E como é que resistiam a essas ameaças?

R: Isto a gente já sabe, nós estamos com o povo. Isto é o nosso sofrimento.

P: Religiosos foram sempre um porto de abrigo para as populações. Acha que foi isso que foi decisivo para a catolização maciça? Ou foi o facto da indonésia impor uma religião?

R: Há de tudo. No início quando se pergunta porque é que muitos timorenses no tempo dos portugueses, eram todos animistas e depois se converteram em massa? O povo. Isto porque também sentiam uma certa necessidade em afirmar-se. Nós os nossos avós foram sempre católicos. Saber ou não a doutrina, nós queremos pertencer a isto.

P: Era uma forma de identidade? E de luta também?

R: Pois, pois. De maneira que isto é uma afirmação da própria identidade.

P: E de separação em relação aos próprios indonésios, que contribuísse para afirmar a sua diferença e a necessidade de uma autodeterminação?

R: A autodeterminação não poderei dizer.

P: De uma forma geral diz-se que os timorenses usaram a língua e a religião para afirmar a sua diferença e como argumentos na defesa da autodeterminação.

R: Sim podemos concluir isso. Mas depois podemos dizer que de facto no seu global a Igreja tomou essa posição. Se não fosse a Igreja com estas tomadas de posição, da possibilidade de um povo isto hoje não ficaria independente.

P: Ouvi dizer que houve tentativa de islamização do território?

R: Houve e não só de islamização como de introdução de seitas. Quando, sobretudo os comandantes militares sabiam que eu visitava muito as paróquias, as missões como nós chamávamos, quando o número dos cristãos estava a aumentar, eles o que é que tentavam? Tentavam introduzir professores, em primeiro lugar professores muçulmanos ou de igrejas protestantes. Segundo construía nós chamamos os cholas. Os cholas são aquelas capelas pequeninas dos muçulmanos e também dos protestantes. Portanto onde havia capelas católicas, eles procuravam também construir capelas protestantes e estes locais de oração muçulmanos. E outra coisa era favorecer os casamentos entre timorenses e indonésios. Os timorenses sobretudo mulheres, eram pobres, casavam com indonésios, ficavam já com algum bem. E sobretudo com a introdução nós chamamos de transmigrantes. Pessoas que eram deslocados para lá. Chamavam região de transmigração de Bali de Java. Já mais tarde é que metiam algumas famílias católicas pelo meio. Mas na maioria muçulmanos e protestantes

P: Visita do Papa foi encarada com expectativa. Quiseram usar politicamente tanto de um lado como de outro. A Indonésia queria ver naquela visita o reconhecimento da integração. E por outro lado os independentistas queriam que o Papa falasse. O que acha que aconteceu?

R: Primeiro dizer que independentistas falassem não corresponde muito à verdade. Porque havia sacerdotes, pessoas, cristãos ligados à resistência que não queriam que o Papa fosse visitar. Porque diziam isso mesmo o Papa vem para reconhecer a integração. Portanto eles são os primeiros contra. E depois naturalmente os indonésios queriam que o Papa indo a Timor iria reconhecer a integração. Nós o clero reunimo-nos sabendo que algum sacerdote se opunha à ida do Papa. Eu também escrevi uma carta pastoral à diocese a dizer: “o Papa não vem para reconhecer a integração ou reconhecer a independência. O papa vem para visitar o seu povo, a igreja de Timor-

Leste. Como pastor universal, como sucessor de Jesus Cristo vem para nos visitar, consolar e animar. E por isso é melhor que o Papa venha do que não vir.”

P: E acha que foi útil ou não a visita do papa.

R: Creio que foi útil. Pelo menos naquela ocasião tínhamos alguém que vinha ouvir-nos, ver-nos e consolar-nos.

P: A ideia com que eu fico depois do que li é que a visita do Papa é o primeiro grande acontecimento que transporta a questão de Timor para o Mundo.

R: Sem dúvida na sua qualidade de Papa, qualquer Papa que vá a uma terra... visibiliza as coisas. A viagem dele lá foi nesse sentido.

P: Acabou então por ser bastante útil para o reconhecimento da causa.

R: Para mim é o tornar mais visível a nossa situação.

P: Como é que avalia a posição do Vaticano ao longo destes anos? Dizem que foi muito ambígua. Muitos dizem que devia ter sido mais afirmativa na defesa dos direitos humanos. Gostava de saber se era possível ser..

R: É melhor os senhores perguntarem ao Vaticano.

P: Não responde.

R: Aí devem compreender porque é que o Vaticano age assim.

P: Ontem o D. Manuel Martins dizia-me que a posição era dos diplomatas não era do Papa.

R: Esta é ideia do D. Manuel. Eu tinha essas visitas como eu dizia de cinco em cinco anos e falava com o Papa e descrevia a situação. E ele também uma vez me chegou a dizer: “Monsenhor Belo lembre-se que nós na indonésia também temos católicos. São 6 milhões católicos lá. Compreendemos a vossa situação, rezamos por vós mas também eles também são católicos. Timorenses e indonésios somos todos irmãos.” Depois o Vaticano como acabou de dizer tem a sua vertente diplomática que trata dos assuntos deste género com os governos. Por isso havia o núncio de Jacarta e continua a haver para tratar desses problemas. Por isso essas questões ultrapassavam-me muito a mim. Não estava preocupado com o que o Vaticano dizia ou não dizia. O que eu queria era à minha maneira resolver os problemas lá dentro.

P: Mas gostava que tivesse tido uma posição mais interventiva?

R: Interventiva em que sentido?

P: No sentido pastoral e de denúncia

R: Por motivo pastoral acabaram de dizer que o Papa ao visitar foi muito mais forte que outros passos da pastoral que se fizessem.

P: E de defesa dos direitos humanos em Timor, não gostava que o Papa tivesse falado mais disso?

R: Basta ler algumas intervenções que ele disse quando recebia os embaixadores de Portugal, recebia os embaixadores da Indonésia, na entrega das cartas credenciais tocava sempre este assunto de Timor.

P: E portanto acha que foi suficiente então?

R: Fez aquilo que ele devia fazer que é o trabalho dele.

P: Mas quando diz que o papa o recebeu e disse eu rezo por Timor mas há 6 milhões na Indonésia...

R: Isto a gente compreende perfeitamente. Ali o que é que o Papa vai dizer. Vai dizer Timor vai ficar independente. Não isto não é papel do Papa. Isto é da diplomacia, da política.

P: E havia de facto vontade de integrar Timor... a Igreja timorense na Igreja indonésia?

R: Isto havia, quer dizer, não assim claramente. Não havia claramente. Mas naqueles anos eu era sempre convidado a participar nas reuniões do episcopado indonésio. Em Jacarta de facto ouvia alguns bispos, também ouvia alguns religiosos, alguns leigos que diziam é melhor Timor, diocese de Díli estivesse pronto mais perto deles, mais na esfera deles. Eles diziam estando mais perto, dentro da esfera da Igreja da Conferência Episcopal indonésia, nós teríamos mais ajudas, teríamos mais pessoal indonésio a trabalhar na diocese de Díli. Eu também respondia sempre: “Isto não depende de mim. Depende da Santa Sé, do Vaticano. Eu sou administrador apostólico é que nunca decido nada.”

P: Mas nunca defendeu a integração?

R: Se eles disserem que sim eu sigo. Enquanto eles não disserem também não vou antecipar-me. E eles diziam: “não tu és o bispo. Eles lá dizem que depende também de ti.” Empurram o problema para mim. Mas eu digo: “Enquanto eles não disserem...”

P: Mas também nunca defendeu a integração. A integração na Igreja Indonésia, nunca?

R: Trabalho em cooperação sim porque eles também são igreja e nós como igreja temos que cooperar. Mas eu nunca disse para ser membro da Conferência Episcopal Indonésia. Dizia: “isto não depende de mim pertencer à Conferência Episcopal. Isto depende da Santa Sé. Se a Santa Sé disser que sim, entramos. E eu não digo porque o problema está ainda no forum internacional. Está nas Nações Unidas. Enquanto não

se resolver o problema político de Timor. O estatuto de Timor não podemos a Igreja antecipar e já estamos integrados.”

P: Ao nomearem-no bispo, a si a D. Basílio bispos de dioceses extintas de alguma maneira o Vaticano estava a corrigir a sua posição em relação a Timor apoiando a autodeterminação?

R: A coisa não se pode pôr assim. Como eu dizia, os administradores apostólicos nomeiam-se...os que governam a diocese em situações difíceis são nomeados administradores apostólicos.

P: Mas ao nomearem-vos bispos estavam a dar-vos mais força...

R: Estes administradores apostólicos podem ser padres ou bispos. No meu caso fiz 5 anos de noviciado para ser bispo (ri-se). Cinco anos. Portanto quando os administradores são nomeados bispos dão-lhe um título porque não é daquela diocese, porque ele não é residencial. Isto é linguagem de direito canónico. Dá-se-lhe o título de uma igreja antiga cá em Portugal, em Itália ou na Espanha. Dá-se-lhe um título mas ele é bispo. É administrador e governa a diocese.

P: Porque é que lhe tiveram que dar o cargo de bispo muito mais tarde. Porque é que não lhe deram logo?

R: Isto são razões da Santa Sé. Não me compete a mim responder.

P: Mas como é que interpreta?

R: Não interpreto nada. Não tenho nenhuma interpretação. A mim nomearam-me administrador e vou trabalhar. Obedecer e trabalhar.

P: Não viu nenhuma posição mais política aí de defesa de Timor?

R: Mais quer dizer. Quando se nomeia bispo, nós não devemos ver aspecto político. Devemos ver que assim ele pode exercer na plenitude a sua função de bispo. Pode crismar, pode benzer as igrejas, pode ordenar sacerdotes que eu, na altura, não podia ordenar sacerdotes. Havia seminaristas nossos que deveriam ser ordenados sacerdotes eu tive de convidar sempre algum bispo indonésio, tive de convidar o núncio. Nomeação do bispo não é para ser... para fazer política.

P: Mas de qualquer forma um bispo é mais importante que um administrador apostólico.

R: Não é assim tão importante. O administrador apostólico a Santa Sé dá todas as faculdades para governar, governa. Somente que depois tem esta limitação de não poder ordenar sacerdotes.

P: Então não vê aí nenhuma questão mais?

R: Eu não vejo

P: A rede da estrutura da Igreja foi importante para a divulgação do que se passava em Timor-Leste. Não sei se concorda ou não?

R: Sim na medida em que sobretudo vemos mais no aspecto do apoio moral em primeiro lugar, de sensibilização nas próprias dioceses, no apoio moral em que muitos bispos me escreviam. D. Manuel , o cardeal Sin e outros bispos do mundo e depois pronto eles nas suas conferencias falavam. E depois sobretudo um caso específico que é dos Estados Unidos fui também duas vezes participar na Conferência Episcopal da América do Norte dos Estados Unidos. Eles depois iam falar na secretaria do estado sobre Timor. E depois eles nalguns países favoreciam muito a organização da Cáritas, a organização da Justiça e Paz. Aí já começaram as coisas falar a divulgar-se mais sobre Timor. Portanto podemos dizer que sim. Esta estrutura ajudou.

P: E havia essa consciência de de utilização da estrutura. Tinha essa consciência. Vocês em Timor, os padres, o bispo, tinham essa consciência que era necessário utilizar esta rede

R: Sem dúvida. Tínhamos.

P: E havia alguma concertação entre o clero de Timor-Leste na forma como actuavam na defesa dos direitos humanos? Falava com os padres, concertava-se com eles?

R: Nós tínhamos as nossas reuniões. Tínhamos a reunião do conselho presbiteral, do conselho pastoral. Como digo os assuntos são muito mais eclesiais, pastorais, para o bem das almas, para o bem das pessoas, do que propriamente para falar de assuntos políticos.

P: Mas concertavam-se para dizer como é que podiam denunciar cá para fora a violação dos direitos humanos que verificavam?

R: Isto na reunião quer dizer a posição em comum era essa. Mas depois cá fora cada um fazia como entendia.

P: Considera-se muitas vezes que foi o massacre de Santa Cruz que foi o ponto de viragem na causa Timorense. Considera que assim foi? Ou foi a visita do Papa?

P: Para mim foram três coisas. A visita do papa, o massacre e a concessão do prémio Nobel. E depois mais tarde já a prisão de Xanana em Jacarta. O massacre de Santa Cruz sobretudo com aquele filme de Max Stahl que deram nas televisões do mundo também mobilizou as pessoas.

P: Há quem defenda também que foi de facto a televisão mas foi porque se ouviu... Porque o massacre se verificou num cemitério cheio de cruzeiros e ouvia-se as pessoas a rezarem também a identificação religiosa com as pessoas a rezarem.

R: Para mim é mais a morte. É mais o massacre, o assassinato daqueles jovens. Depois estas condicionantes de rezar em português ou num cemitério. Isto aconteceu. Em Díli. Aliás naquela manhã eles foram à missa e depois fizeram a procissão. Mas o facto mais relevante é que são vidas de jovens assim ceifadas daquela maneira.

P: Li várias vezes que não sabia que ia acontecer uma manifestação.

R: Pois não, não sabia. Só soube depois de ouvir os tiroteios.

P: E o que é que pensou na altura?

R: O que é que pensei? Como eu digo estas reacções. Primeira coisa foi aceitar os jovens que se tinham escapado do cemitério para minha casa e procurar levá-los às suas aldeias e em segundo lugar ir ao local, visitar o cemitério, ir ao hospital e no dia seguinte falar com as autoridades.

P: Portanto teve mais uma vez uma intervenção que considera que foi pastoral.

R: Sim é a defesa das pessoas e manutenção da ordem e do respeito.

P: E foi mais uma vez a utilização da religião para fins políticos.

R: Aí não podemos dizer que foi a utilização da religião. Foi a utilização de uma cerimónia em honra do Sebastião Gomes, do Sebastião Rangel. Porque em Timor como sabe ao 7º dia, ao 14º dia ou no 30º dia fazem sempre missas e vão ao cemitério. E organizaram de facto essa missa para o 14º dia da morte do tal rapaz Moisés. E pronto aconteceu. Os timorenses fazem sempre isso. De manhã vão à missa, depois vão a casa preparar as flores, preparar comida para os hóspedes e à tarde todos juntos em procissão para deposição das flores. Isto é o costume que se faz. Portanto naquele dia aconteceu isso. Somente que eles já tinham os seus planos. Já tinham combinado os jovens da resistência com o Xanana e foram gritando pelo caminho viva Xanana e via povo maubere e mostrando os dísticos. E ataçaram os indonésios. De maneira que aconteceu.

P: Mas ao longo desses anos todos já tinha havido muito mais massacres.

R: Muitos, não sei se podemos dizer muitos massacres. Mas havia mortes em muitos lados.

P: Sim os massacres foram iniciais. Foram durante aquele período até aos inícios de 80. Mas depois havia mortes.

R: Sim havia. Cada passo a gente ouvia que morreu aqui, morreu ali. Uma emboscada aqui, uma emboscada ali

P: Portanto era o seu dia à dia ouvir essas coisas?

R: Sim.

P: E o que é que sentia? Sentia que alguma vez isso poderia acabar?

R: Primeira coisa era a raiva. Sempre ouvir as mesmas coisas. vinham muitas vezes a minha casa viúvas, orfãos, pessoas todos os dias com a mesma cantilena. E depois não só falar disso. Tinha de dar comida, livros, lápis, cadernos roupas. Tinha que distribuir isso. Fazia mais de um pessoal da Cáritas do que dum bispo. Além disso ouvia dessas mortes e procurava verificar. Marcava uma visita, dizia que ia crismar ou benzer uma igreja. Aproveitava para visitar os cemitérios para ver realmente e ouvir as pessoas.

P: E constatava que assim era?

R: Sim.

P: Como é que interpretou o Nobel da Paz ao bispo? Como uma forma de justiça a quem sempre defendeu o diálogo?

R: É melhor a senhora perguntar ao Comité Nobel. Pergunta lá os membros que ainda vivem.

P: Como é que foi esse dia em que soube?

R: Eu sempre afirmei que isto é mais um prémio mais para o povo do que para mim próprio. Portanto naquele dia era Outubro quando foi o anúncio. Cinco horas da tarde nós tínhamos uma missa, no pavilhão dos salesianos em Comoro, perto do aeroporto. Estávamos a celebrar a presença dos Salesianos em Timor. Eu fiz a homilia. Depois estávamos a fazer a oração dos fiéis, enquanto preparavam a procissão das oferendas. Eu sentei-me e nisto vem um irmão co-adjutor, um leigo, um irmão salesiano que agora está em Roma. Trouxe-me um bilhetezinho diz assim: “olha ganhaste o prémio Nobel da Paz.” Estava escrito lá num papel. Eu peguei no papel meti no bolso.

P: Mas leu?

R: Sim vi. Meti ao bolso e continuei a missa. Depois veio a comunhão. Depois da comunhão estávamos em acção de graças ali sentados e então ao meu lado, o padre José António que é o vigário-geral, que é o pároco da Catedral, quando for a Timor pode falar com ele, disse: “Oh bispo, nós já sabemos pela rádio que acabou de anunciar que o senhor ganhou o prémio Nobel da Paz agora vamos anunciar aqui para as pessoas saberem.” Eu disse: “oh padre não faça nada disso.” Continuei a missa e

depois da missa regressei a casa. Portanto não houve assim nada de especial. Não celebrámos, não bebemos, abrimos champanhe, não cortamos bolo.

P: Mas as pessoas não começaram a saber? Começaram a saber, não?

R: Começaram. Quando já começaram a saber é um passo que Timor deu na sua vida e as pessoas lá no mundo exterior reconhecem a nossa luta, o nosso sofrimento. Por isso que deram este prémio.

P: Chegados às negociações entre Portugal e Indonésia para a realização do referendo, foi consultado por Portugal. Ou a Igreja foi consultada?

R: Não, não fomos consultados. Nós só sabíamos pela imprensa.

P: E acha que deveriam ter sido?

R: Isto são coisas da política como é que exigiríamos uma consulta.

P: Quem propôs o referendo foi o senhor.

R: Quem somos nós para ser consultados. Isto é do governo para o governo. Agora uma coisa a que me opus e que falei abertamente também foi da questão de, na realização do referendo, pôr a polícia indonésia a tomar conta da segurança. Eu até afirmei isto publicamente porque já se sabia que eles não iam ser neutrais. E que ia haver violações, havia mortes e que de facto se deu. E algum diplomata português me disse: “senhor bispo, isto não podemos evitar. Já se sabe que vai morrer alguém. Mais vale morrer do que perdermos esta oportunidade.”

P: E o senhor bispo o que é que disse?

R: A política é assim mesmo. Às vezes a política e a diplomacia é cega. E de facto se verificaram aquelas violências e as mortes.

P: E o senhor foi um dos alvos.

R: Sim, fui

P: A sua casa foi completamente queimada.

R: Completamente. Perdi todo o acervo histórico e dos arquivos. Tudo.

P: E como é que viveu essa altura?

R: Vivi, pronto esta situação tinha de encarar. Tinha de encarar. Hoje sinto pena que isto aconteça, que não respeitem os bens, as pessoas. Nós passamos tanto tempo a falar do respeito pelos direitos humanos. Mas afinal o cúmulo foi ali.

P: E depois veio para Portugal e foi recebido em apoteose.

R: Eu não esperava. Mas foi a simpatia do povo português.

P: E o que sentiu na altura?

R: O que senti? Pronto agradei às pessoas mas o meu coração estava lá dentro com as pessoas.

P: Teve pena de se vir embora, na altura?

R: Tive pena. Eu tomei aquela decisão. Quando estava em Baucau já tomei a decisão tenho de ir a Roma já falar com o Santo Padre João Paulo II. Por isso é que saí.

P: Na preparação do referendo tanto D. Carlos como D. Basílio promoveram os encontros de Dare. O que é que pretendiam?

R: Pretendíamos que se evitassem as violências. Que deixassem as pessoas votarem pacificamente e que aceitassem as decisões do referendo. Isto era o nosso objectivo. Que os dois grupos, tanto do lado da independência como do lado da integração respeitassem os resultados e pelos vistos não foram respeitados.

P: Mas esses encontros decorreram bem.

R: Em Dare foi bom e em Jacarta também. Isto no fundo o interior das pessoas nós não conhecemos. Mas nós promovemos. Pelos menos fazemos alguma coisa. Reunir as pessoas e dizer-lhes estas ideias. Transmitir estas ideias.

P: Foi mais uma intervenção pastoral, política? Politico-pastoral?

R: Aí a senhora é que poderá dizer se política pastoral, se pastoral política.

P: Depois o referendo não correu muito bem e houve até mortos entre os religiosos. A Igreja foi mais uma vez um porto de abrigo.

R: Foi, foi. Eu sabia que na minha ausência quando vim, sabia que havia lá no interior sabia que freiras e sacerdotes que fugiram também para o mato com as pessoas. Mesmo indonésios, freiras e padres e que durante aqueles meses 1999 e 2000. Sobretudo 89... 98 e 99 até cozinhavam panelas de arroz, punham pelo caminho, no mato, nas encruzilhadas para os guerrilheiros comer. Eles também viam que mais dia menos dia a Indonésia ia perder.

P: Houve também intervenção de freiras? Porque normalmente só se ouve falar de padres nesta defesa dos direitos humanos e na colaboração com a resistência. Houve também de freiras?

R: Sim as canossianas, canossianas e também as irmãs carmelitas, as espanholas. Aquelas a que me refiro são as irmãs da congregação do Divino Espírito Santo. O ramo feminino dos padres Verbitas. Os padres franciscanos de Sumatra. Havia esta solidariedade. Porque via-se claramente, eles também viam, indonésios. Estando em Timor também viam os seus concidadãos, funcionários e militares estavam lá somente

para defender o lado militar politica mas não viam as pessoas. Por isso alguns chegaram à conclusão que isto é melhor estar livre.

P: Isso os indonésios. E as irmãs timorenses também tiveram participação?

R: Também.

P: Tem ideia de algum nome.

R: Pode falar com uma madre Canossiana chamada Rosa Sarmento.

P: Temeu a morte na altura do Referendo?

R: Não não temia. Os timorenses já muitos morreram porque é que eu vou temer. Eu a minha posição foi sempre esta: morres. Se morreres morres uma vez só. Portanto qualquer momento pode atirar. Eu naquelas noites andava sozinho ali à volta da casa que foi incendiada a rezar o meu terço, pois também ali podia ser abatido. Mas vamos ter medo para quê?

P: Como definiria o papel dos religiosos no processo que levou Timor-Leste à independência?

R: Primeiro trabalharam para a igreja manter a fé, ensinando, educando, promovendo. E depois pronto trabalhando pela justiça e pela paz.

P: E acha que não trabalharam pela independência?

R: Isto a senhora faz a sua conclusão. Como digo como membro da igreja hierárquica ninguém toma partido de “a” ou de “b”. Não, fazemos o nosso trabalho apostólico.

P: Acha que os religiosos devem ter um papel neutral?

R: Sem dúvida essa deve ser a posição da Igreja. Aqui em Portugal quem é que é do Partido Comunista? Quem é que é do PSD? Fazer o seu trabalho de neutralidade, mas de uma neutralidade que depois terá as suas influências nos leigos, nos jovens,....

P: Teria aceitado da mesma forma a integração?

R: A senhora falou da carta a Pérez de Cuellar e ainda não compreendeu isso? O que é que diz a carta a Pérez de Cuellar?

P: Quer que se faça a descolonização e que seja feito um referendo porque o povo não foi consultado.

R: Quer que se consulte as pessoas, que as pessoas digam. Não sou eu que vou dizer. Que as pessoas digam, que o povo diga.

Anexo 25

Entrevista Padre Francisco Tavares

O padre Francisco Tavares é um sacerdote timorense que era coadjutor do padre açoriano Leoneto do Rêgo em Soibada quando se dá a invasão de Timor-Leste. Foi um dos padres que esteve a viver nas “zonas libertadas” e depois esteve fugido nas montanhas com os guerrilheiros e a população.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 14 de Julho de 2015

Pergunta: Como é que viveu a invasão? Onde que estava?

Resposta: Eu estava em Soibada. Soibada é no interior da ilha. Parte Leste, Centro Leste.

P: Portanto não apanhou a invasão logo, logo.

R: Não eu estava fora, estava na montanha.

P: E quando os indonésios entram sabe por portas e travessas.

R: Sim.

P: Havia clero a favor da integração?

R: Praticamente não. O clero autóctone, timorense, não era favorável à integração.

P: Mas depois quando se deu a ocupação, passou a haver clero favorável ou não?

R: Talvez um ou outro simpatizante. Talvez.

P: Mas nenhum timorense.

R: Não. Geralmente timorense contra a integração.

P: O senhor esteve nas chamadas “zonas libertadas”. É isso que se diz quando se estava nas montanhas. Como foi a vida nesses tempos?

R: Esses tempos anterior ainda calmo. Quando entraram aqui em 1975, precisaram de um ano praticamente para chegar ao interior, até à missão de Soibada onde estava lá com o padre superior Leoneto Vieira do Rêgo que era dos Açores.

P: Mas estiveram mais padres, não era?

R: Não só dois. Eu fui enviado pelo bispo D. José Ribeiro para ser co-adjutor do padre Leoneto Vieira do Rêgo em Janeiro de 1975.

P: Mas depois da ocupação o senhor esteve nas “zonas libertadas”.

R: Continuei lá. Não me foi possível vir aqui.

P: Em Soibada?

R: Em Soibada.

P: E continuou em Soibada e estava com o padre Leonto à mesma?

R: Com o padre Leoneto.

P: Mas nessas “zonas libertadas” havia mais padres.

R: É o seguinte: os dois éramos fixos lá na missão de Soibada. Ele superior, eu como co-adjutor. Entretanto padre jesuíta João Felgueiras tinha ido lá com 33 seminaristas para um... para ali ter...um retiro e estarem mais descansados com o retiro. Então nessa altura o padre João Felgueiras estava lá connosco. Deu-se entretanto esta sublevação dos povos por causa dos partidos.

P: A guerra civil.

R: A guerra civil. Foram os de Turiscai que eram da FRETILIN contra outros que estavam da UDT em Soibada, naquela altura. Ainda me lembro que a iniciativa foi de um senhor chamado Jaime Lopes professor da missão que me disse assim: “Padre sabe uma coisa parece que a UDT vai fazer um golpe, golpe...O quê?! Que é isso?! Vai fazer um golpe contra a FRETILIN que é comunista. O quê?! Comunista?! Sim, sim comunista.” Isto que ouvi. Eu não sabia nada daquilo. Que havia de ser isto... novidade, comunista. Então eles começaram, o povo, com armas brancas e uma outra arma, G3... para irem atacar Turiscai. Queimaram lá umas casas. Então a resposta, os da FRETILIN tiveram reação. Eu estava lá exatamente com o padre João Felgueiras que também estava lá com os seminaristas. Eram 33 seminaristas. Eles apavorados. Vêm matar todos. Entraram na igreja a rezar. Uns a pedirem a confissão. ... Depois lá se entenderam não mataram ninguém. Fizeram podemos dizer terra santa da missão de Soibada... em paz. Apenas dialogaram. Fizeram realmente uma reunião com o povo no grande campo de futebol da missão de Soibada e então disseram: “nós viémos aqui para fazer justiça porque queimaram muitas casas e isso não é justiça.” Nós ouvimos apenas. Era o povo simples que foi mandado.

P: Mas falando já da época da invasão. Na época da invasão, houve uma meia-dúzia de padres que ficaram nas “zonas libertadas”.

R: Exatamente. Éramos seis. Três timorenses e três estrangeiros.

P: E três portugueses?

R: Portugueses.

P: E depois como é que eram vividos esses tempos em termos religiosos? Continuavam a dar missa?

R: Vida normal. Eu continuava a ajudar o superior da missão em Soibada. Como era mais novo, visitava as estações missionárias. Ia a cavalo visitar aquilo tudo.

P: Conseguiram ter tudo o que era preciso para realizar missa?

R: Sim porque a missão era bem montada. Tinha lá dentro da missão tudo o que era necessário para atender os fiéis. Eu levava o que era necessário para atender, para sacramentar podemos dizer a vida do padre e dos missionários, porque ia às estações missionárias naquele tempo: Barique. Percorri aquelas zonas e volatva à missão central de Soibada. Fazia esse trabalho. Aqui em guerra mas nós ali estávamos em paz praticamente.

P: E portanto a vida decorria como normal?

R: A guerra era aqui

P: Mas depois passado algum tempo, foi ocupado.

R: Foi um avião a dar a volta à missão e então o avião metralhou. “Oh pá há guerra.” (ri-se) Lembro-me que o padre Leonto Rêgo era muito corajoso pôs-se atrás do muro a observar. “Ah isso não é nada, isso não é nada.” Corajoso. Não eles estão a metralhar, uma bala perdida dá cabo de uma pessoa. Pode matar.

P: Mas depois aquilo foi ocupado.

R: Aquilo foi o primeiro aviso. A gente em paz. Não sabendo nada. Sabia que aqui os militares indonésios entraram. Ali na montanha não havia nada. Quando o comité central da FRETILIN já entraram lá então começaram esta busca dos militares. Certamente já tinham ligações ali, informaram que iam fazer a primeira reunião do comité central da FRETILIN na missão de Soibada.

P: Na missão? Portanto os religiosos serviram para...

R: usaram a missão serviu para a reunião política.

P: E os padres participaram nessa reunião política?

R: Não eu declarei-me logo neutral. Eu disse assim: “a Igreja, nós não somos toda a Igreja mas a parte da Igreja, isso de partidos não nos metemos nisso. Vocês são livres.” Sabemos que os cristãos saíram do partido da UDT, da FRETILIN e da APODETI.

P: Mas nenhum padre se meteu na política?

R: Nenhum. Tanto assim que eles perguntavam. João Manuel Afonso perguntou: “padre porque é que o bispo D. José Joaquim Ribeiro disse que nós da FRETILIN somos comunistas? Ele era ex-seminarista. Eu disse assim: o quê? Vocês são comunistas? Não o bispo D. José Ribeiro é que disse. Perguntem ao bispo. Eu nunca disse isso. Perguntem a ele, ele que sabe a razão.” Então calaram-se. Aqui na missão, o padre LeonetO, superior da missão, e eu nunca falámos de partidos políticos. Nós tratamos dos cristãos. Agora servir-se da casa missão para a sua reunião política sim, os da FRETILIN, o comité central da FRETILIN.

P: Portanto ajudaram que a reunião fosse feita

R: Deixaram à vontade. Aqui é uma casa para todos. A igreja é de todos. Não é porque vocês da FRETILIN vieram aqui. Muitos deles são ex-seminaristas. Nicolau Lobato, é de Soibada mesmo, é natural...

P: Portanto como tinham sido colegas, conheciam-se?

R: Agora se eram comunistas ou não comunistas, não falamos disso.

P: O senhor padre depois ajudou na resistência? Ajudou a transportar material?

R: Eu transportar material de guerra, não. Eu transportava material religioso porque fazia o meu dever de sacerdote missionário no meio do povo.

P: E que material religioso era esse que transportava?

R: Além dos livros necessários para a missa, os paramentos etc, levava de um lado para o outro e o trigo.

P: Mas transportava para a resistência?

R: Depois da reunião, houve incursão dos indonésios lá. ... estive lá o comité central da FRETILIN. Então em Maio de 1976 recebemos ordem de evacuação. Todos tínhamos que sair de lá. Levámos muito tempo para chegar até à montanha.

P: A população aí vai para a montanha.

R: Nós já estávamos na montanha mas ainda tínhamos que nos refugiar na montanha.

P: Mas portanto há aquele período de 75 a 76 que não estavam ocupados, não é?

R: Exatamente.

P: E esse período é vivido naturalmente.

R: Naturalmente.

P: Quando os indonésios ocupam aquilo, fogem todos para a montanha, ou os senhores padres ficam?

P: Fugimos todos porque eram ordens que tinham de ser cumpridas. “O padre Leoneto, Tavares tem de ser retirado da missão central porque quando chegarem os indonésios e trocarem as balas então não sabemos, podem ser vocês as vítimas.”

P: Portanto fogem todos, fogem com a população para as montanhas?

R: Exatamente.

P: E nessa altura davam missa ou não? Já não exerciam o serviço pastoral?

R: Eu dava missa continuamente.

P: Nas montanhas mesmo?

R: Sim porque eu levava o livro da missa, os paramentos e a gente boa que são meus parentes que me ajudaram nisto também.... o trigo e o vinho de uvas, tinha até um ferro para fazer hóstias. Por isso fabricávamos hóstias continuamente para a eucaristia, para atender os cristãos e a missa continuava.

P: Mas na floresta?

R: Sim na floresta.

P: E dava missa para a população ou para os guerrilheiros?

R: População e guerrilheiros. Claro havia a presença de alguns guerrilheiros. Outros faziam a segurança mais afastada. Porque ali à frente era a zona da guerrilha. Vinha depois a zona da transição e eu fazia a missa na retaguarda.

P: Quais é que eram as zonas?

R: Zona da guerrilha. Segunda a zona da transição. Terceira a zona da retaguarda que era calma. Onde eu podia celebrar missa à vontade.

P: E era só o padre que celebrava ou o padre Leoneto também celebrava e os outros padres?

R: É assim, o padre Leoneto a princípio teve dificuldades porque não tinha parentes da terra, não lhe ajudavam. Foi difícil ele dar a missa. Eu como tinha ajuda dos parentes da minha mãe que são de Soibada, então ajudaram-me em tudo. São cristãos fervorosos. Eles que me defenderam e me ajudaram a levar tudo o que era necessário para celebrar a missa por aí fora. Nas andanças, nas contínuas andanças a celebrar a missa.

P: Depois houve uma altura em que a população se rendeu, e o senhor padre também se rendeu?

R: Isso muito depois. Em 79.

P: O senhor padre também se entregou?

R: Sim foi no dia 6 de fevereiro de 1979. Num local alto de Barique... chamado “Nocoleugo”, quer dizer coqueiro torto. Ali que me apresentei ao batalhão da Indonésia. Eles baixaram de helicóptero com os chamados “partizan”, são os ajudantes timorenses que pegaram em armas. Tinham ajudas deles. Apanharam alguns dos meus parentes. Eu não sabia. E dizem: “sabemos que há aqui um padre. Se vocês não apresentarem o padre, morrem todos. Matamos a todos.” Eu não tenho nada a ver com esta política, fui-me apresentar descalço como estava no mato. A minha batina estava na sacola e o militar, um alferes de Java que tinha um intérprete chamado Paulo. O Paulo era timorense daquela zona de Baucau, de Venilale. Ele conhecia-me. Onde ele tinha me conhecido? Em Same que é longe. Na altura, quando fui convidado a Same. Então, ele foi ali em Same em 13 de Maio de 1977, que ele tinha sido enviado como espião pelos militares indonésios. Ele foi enviado para lá. Sabia que estávamos a celebrar a missa campal de 13 de Maio. Depois galgamos a montanha de “Cabelaque”, de Same e eles sabiam que estávamos a rezar a Nossa Senhora, a cantar. Ele voltou informou os indonésios que o padre Tavares estava lá. Então pararam com o bombardeamento que de vez em quando faziam. Porque

segundo a reza tem um primeiro ponto da Pancasila e que primeiro está Deus. Como padre está a fazer a missa, não podemos fazer a guerra. Então ele é que foi dizer, este chamado Paulo, foi ele que encontrei quando me fui apresentar ao comandante. Então ele veio ter comigo e abraçou-me. “Padre não tenha medo, sou eu o Paulo. Na altura da sua missa estava presente”. Então fez um sinal ao colega que é o comandante do “partizan”. Veio o comandante do “partizan” abraçou-me também. O comandante deve ter pensado este padre é conhecido. Os dois levaram-me ao comandante. Este é nosso conhecido. Este é o padre mesmo. Portanto eu não tinha que me apresentar mais mas queria saber o que levava ali na sacola. “Leva pistola?” Tinha catana para trabalhar na horta. “Eu não tenho pistola. Tenho catana. Ah o padre tem catana? Porque eu tenho que trabalhar com os meus parentes porque temos de comer. Ah vocês trabalham. Sim eu trabalho com eles. Então que mais tem?” Abriram viram a minha batina, o meu breviário. O resto pronto, agora pode ir descansar na barraca do comandante Bernardo e depois pode celebrar missa.

P: Esteve no campo de concentração. Onde esteve no campo de concentração?

R: Eu estive em Natarbora no campo de concentração. Aquilo foi o primeiro encontro com os comandantes militares.

P: Quanto tempo esteve no campo de concentração?

R: Quase dois meses.

P: E celebrava missa nessa altura também?

R: Sim porque os parentes sempre levavam além da máquina, o ferro para fazer hóstias, ainda trigo. Tinham também o vinho de missa. O meu missal estava lá com os paramentos.

P: As pessoas pediam-lhe para celebrar a missa?

R: Sim. O próprio comandante é que pedia.

P: Porque é que era assim tão importante celebrar missa? Numa altura daquelas de guerra?

R: Porque eles tinham o princípio religioso.

P: Isso para os indonésios. Mas para a população? Eles não eram muito católicos.

R: Havia bastantes católicos. Eram gentios. Mas muita gente também com a guerra se converteu.

P: E porque é que acha que eles se convertem? Porque os indonésios obrigavam a escolher uma religião ou não?

R: Naquela altura ainda não obrigavam.

P: Então porque é que acha que há uma catolização maciça a seguir à ocupação?

R: Essa catolização primeiro porque era natural os cristãos virem da administração central misturavam-se com os que estavam, e com isso eu penso falavam e depois queriam ser cristãos. Porque no fundo, no fundo era mais um contacto que faltava com aquelas pessoas. E então quando fui... alguns dos meus parentes como a minha avó da parte da minha mãe ainda estava gentia. Mas depois manifestou o desejo de se baptizar. Mas depois quando me desloquei a outra parte, ela faleceu.

P: Mas porque é que acha que eles procuraram a Igreja Católica?

R: Porque eram religiosos. No fundo são religiosos. Era só uma questão de tempo. Eles diziam: “depois. Não queremos morrer gentios, queremos morrer cristãos.”

P: Portanto a guerra dava-lhes conta...

R: A guerra era perigo de vida e eles pediam para ser baptizados. E havia casamentos também.

P: Tanto no mato como nos campos de concentração?

R: Nos campos de concentração não houve casamentos.

P: Mas no mato havia?

R: No mato eu fui fazer a Same a convite de camarada Amisara(?) ... 300 pares de casamentos. Sobretudo de comandante das FALINTIL e cerca de mil baptismos. O que mais fiz foi em Same.

P: Na montanha?

R: Na montanha. Outro distrito. Fui convidado.

P: Mas quando ainda não tinham sido ocupados ou já quando estavam em fuga?

R: Já na fuga. Estávamos no mato. Deslocação a cavalo. Já os militares indonésios dominavam os centros urbanos. Mas a montanha era livre, era das FALINTIL, Forças Maubere podemos dizer assim. Então fui convidado a ir até lá para ajudar o padre, colega o padre Rafael dos Santos que não podiam sair do centro da missão de Same. Porque era proibido. Mas eu é que percorri as montanhas.

P: Depois vocês passaram a ficar nas zonas ocupadas e passaram a exercer a vossa missão normal.

R: Depois daquilo de concentração. Porque em concentração eu estive em más condições. Como era padre católico, celebrante católico e ali era do Islão. Eu não podia misturar-me com os do Islão. Eles não queriam. Aprincípio estava no comando um protestante mas trocaram. Vieram os do Islão e não queriam o católico perto deles. Então deram-me uma cabana para estar sozinho. Foi ali que comecei a ficar

doente. Eu estive doente de malária três noites e três dias. Estava mesmo, mesmo muito afectado. Então tinha de ser evacuado para Baucau. Pedi. Eles deram-me autorização. Num helicóptero levaram-me até Baucau onde fui atendido ali com os padres salesianos.

P: Mas depois voltou à sua vida normal de padre. E durante esse período muitos padres chegaram a ajudar a resistência. O senhor também ajudou ou não?

R: Eu tinha o compromisso do mato.

P: Qual era o compromisso?

R: O compromisso era que todos os que estão no mato já éramos mentalizados de que nós temos obrigação de ajudar os “Liman Kro’at”. “Liman Kro’at” é o braço armado. Enquanto houver os das FALINTIL, as nossas forças no mato, sempre teremos de ajudar tanto com alimentação como com remédios.

P: E como é que fazia? O que é que fazia?

R: Fazia através de outras pessoas. Eles precisavam de comida e de remédios. Então uns vinham doentes ou sem serem doentes também, recebiam os remédios. Voltavam lá para casa das hortas. E então havia contactos entre eles. Levavam remédios, arroz.

P: O senhor padre dava comida e remédios para entregar à resistência?

R: Eles depois encarregavam-se de entregar à resistência.

P: De intermediar?

R: Sim senhor.

P: Durante a ocupação, Timor teve dois administradores apostólicos. D. Martinho e D. Ximenes. Como define cada um deles?

R: O perfil deles. O D. Martinho era mais idoso, experimentado. De Laleia. Era um padre inteligente mas era muito simpatizante da FRETILIN. Então os indonésios não o queriam: “bispo simpatizante não pode. Ou matamo-lo ou mandam embora.” Então os indonésios obrigaram-no a sair de Timor onde faleceu. Ao passo que o D. Carlos Filipe Ximenes Belo era novo. E também a religiosidade. Não era diocesano. Porque também nós diocesanos, nós sabíamos como apoiar a nossa independência. Então pensaram: “vamos a um religioso novo que talvez nos favoreça.” Mas o pior foi que eles que apresentaram ao Vaticano, podemos dizer, quando o nosso grupo soube disto nós protestámos. Os militares não podem influenciar a igreja. Nós protestámos... um grupo desses que era tido revolucionário, podemos dizer: “bispo D. Carlos Filipe, você aceitou ser bispo? Eu aceitei. Ou vocês me obedecem ou não.” Então o nosso grupo, nós que protestávamos: “Nós não viemos aqui não porque não queremos que

você seja bispo. Mas por ter sido influenciado pelos militares. Ah tenham calma. Ou vocês trabalham comigo ou não.” Porque ele é mais novo. E é religioso

P: Mas não foram à ordenação dele?

R: Não, não. Então ele notou que havia descontentamento entre os padres. Devido à influência dos militares. Mas afinal ele foi depois contrário aos militares.

P: Portanto gostou da actuação dele. Acha que ele no final actuou bem?

R: Sim actuou bem. E nós ficámos satisfeitos porque de facto aquele que parecia a favor dos indonésios, não, era contra eles. Ou tinham escolhido mal.

P: Acabou por ser aprovado embora muito criticado?

R: Criticado?

P: Mas o Xanana por exemplo não gostava dele. Criticava-o porque em reuniões que teve com ele pediu para ele se entregar.

R: Isto é o jogo da política. Sabemos. A política vai por linhas tortas mas tem sempre...tem que favorecer a independência. Porque mesmo os que estavam aqui a trabalhar, faziam dois trabalhos: uns são favoráveis à Indonésia mas por trás davam ajuda aos da resistência..

P: Porque é que a Igreja teve um papel importante na denúncia. Porque foi atingida também, ou porque era esse o seu dever?

R: Segundo a minha opinião, o povo timorense ele é já muito religioso. Mesmo muitos pagãos, gentios mas muito religioso também. E então houve muita gente que foram obrigados a entrar no islamismo. Isto é verdade.

P: Ai é?

R: Sim. Por exemplo, em Same eu soube que quando se renderam, os comandantes: “Vocês têm de escolher uma religião. O melhor é entrar par o Islão.” Então muitos foram para a Igreja para serem baptizados. Subiu rapidamente o número dos cristãos porque a guerra também já favoreceu. Porquê? Era a Igreja que os recolhia, os acolhia. Porque eles sentiam-se defendidos pela Igreja contra o poderio militar dos indonésios. Eu creio que foi mais por causa disso. Pela qualidade do amor, pela protecção. Então eles encontravam na igreja o seu baluarte. O seu apoio Não só apoio moral mas também físico.

P: A protecção. Mas porque é que a Igreja defende porque também é atingida, porque o povo procura e é esse o dever da igreja?

R: Não, porque é a missão da Igreja. É a missão da Igreja olhar pelo mais pobre, pelo rejeitado, pelo que está em perigo, pelo que está na prisão. É essa a missão da Igreja. Então cada padre era o pai deles. O pai tem que proteger os filhos.

P: E havia perseguição a religiosos também?

R: Havia, havia.

P: E o senhor foi perseguido também, foi torturado?

R: Eu não fui torturado talvez porque o meu pai era do partido da Apodeti, era o chefe das religiões no governo provisório da Indonésia. E eu fui criticado pela FRETILIN. Porque na missão de Soibada eles criticaram o meu pai. Que o seu pai não valia nada. Criticaram por meio de um rádio gravador que lhe tinham dado. Falaram contra o meu pai, que o meu pai vendia Timor aos indonésios. Meu pai antes da FRETILIN era doutro partido... do outro partido.

P: Da ASDT? A FRETILIN era anteriormente ASDT.

R: Exatamente. Então a FRETILIN aproveitou. O meu pai estava em Atulia, era professor catequista. O meu pai era professor catequista e então tinha dois filhos padres. O filho mais velho padre agora na América. Nos Estados Unidos da América e eu estou aqui. Mas na altura o meu irmão, na América. Tem dois filhos padres agora vem com ideologia Marxista-leninista. Eu não posso aceitar. Quando escolher não escolho UDT, escolho outro partido. Então foi preso aqui em Díli. Foi metido no hospital militar aqui em Lahane. Graças a Deus não foi retirado para Aileu. Os doentes que foram retirados para Aileu foram todos mortos pela FRETILIN. O meu pai escapou-se. Escondeu-se lá no quarto de banho. Ficou calado bem caladinho. Quando levaram todos os doentes fugiu. Foi o que valeu. Então foi aproveitado pelo colega dele que o escolheu como... O colega dele foi o primeiro governador do governo provisório indonésio, na altura. Ele é que o escolheu como chefe do serviço social.

P: Então foi pressionado pela FRETILIN pelo seu pai ter sido... você sofreu?

R: Criticaram. Mas eles viram que eu não tinha nada a ver com a Apodeti, nem com a FRETILIN, nem com a UDT. Eu sou padre.

P: Porque dizem que a FRETILIN também teve actos de violação dos direitos humanos.

R: Sim.

P: O que é que a FRETILIN chegou a fazer?

R: Começaram com a juventude aqui em Díli. Era UNETIM e LESVALT. UNETIM, a juventude revolucionária da FRETILIN e o contrário LESVALT era da UDT. Pegaram-se aqui os jovens e foram até Soibada. Os outros que vinham de Ermera e de Laleia eram LESVALT. Mas na missão, aqui olha por todos vós. Não há divisionismos. Foi assim que eu estava lá comia com os da UNETIM porque eram meus sobrinhos e primos. E também com os do LESVALT, que entraram na missão. Tinham medo dos da UNETIM. Comia com eles porque vinham de longe e fugiram da cidade. O momento foi entre os jovens mataram-se uns aos outros.

P: E a FRETILIN também castigava aqueles que não estavam do seu lado.

R: Exatamente.

P: A igreja teve um papel muito importante na denúncia do que se passava em Timor e utiliza muito a rede que tem no mundo. Isso era consciente da vossa parte para fazer passar a mensagem? Havia alguma combinação entre vocês que tinha de ser assim?

R: Não havia propriamente entre nós uma combinação. Mas os que podiam fazer alguma coisa, sair daqui ou... mensagens dos guerrilheiros, poderem ir até ao estrangeiro então levavam essas informações todas.

P: O senhor chegou a fazer alguma coisa dessas?

R: Eu pessoalmente nunca saí daqui. Era desconfiado na altura. Nunca saí daqui. Mas o próprio bispo D. Martinho ele levou muita informação para lá.

P: O que é que ele levou? Sabe de alguma coisa que ele tenha levado?

R: Eu sei que as cartas de ajuda. Não sei se também alguma fotografia. Mas ele apoiou fortemente a FRETILIN porque era o rejeitado dos militares indonésios aqui.

P: Depois há uma utilização muito grande das celebrações religiosas para as manifestações políticas. Isso foi ideia de algum padre?

R: Não é ideia de padre mas da Igreja em geral. Mas aqui manifestação política em que sentido quer falar?

P: Por exemplo quando o Papa vem cá aproveitam para fazer uma manifestação política. E várias celebrações religiosas foram aproveitadas para isso. O massacre de Santa Cruz segue-se a uma missa de 8º dia...

R: Era um sentimento natural entre o povo. Aquilo fervilhava entre o povo. E então como tinham apoio também da Igreja, os padres que estavam lá. Eles também os jovens afoitaram-se, saltaram... e avançaram ao Santo Padre que não estavam contentes com a situação.

P: Mas os padres colaboravam nisso ou não?

R: Não. Não colaboravam visivelmente. Mas sabiam que apoiávamos.

P: Eles sabiam que isso ia acontecer?

R: Alguns já desconfiavam mas não sabia concretamente. Eu não sabia concretamente. Mas sabia que havia de acontecer alguma coisa. Estava precisamente lá a tomar conta das hóstias com o padre Sanches do Amaral ao lado. E eu desconfiava. Isto daqui a nada há-de acontecer alguma coisa e houve realmente.

P: Na visita do Papa?

R: Exatamente. Saltaram para a frente...

P: Muitos como Ximenes Belo criticaram essa atitude. Qual é que é a sua posição?

R: Acho que uma coisa providencial. Porque é a única ocasião para o povo manifestar o seu desejo. Mesmo lá contra a autoridade. O desejo do povo é o que mais sobressai. O povo manifestou o que queria e nós apoiávamos esse desejo do povo. A vontade do povo é a vontade de Deus.

P: O senhor aprova a utilização das celebrações religiosas para uma manifestação política?

R: Não. Não são um meio para uma manifestação política. Não era essa a nossa intenção. Mas esses jovens que estavam... tiveram uma iniciativa para revoltar-se contra os indonésios, aproveitando aquela ocasião. Aquilo foi uma ocasião. Já tinham preparado tudo, claro.

P: Portanto não critica.

R: Não critico porque é a única ocasião.

P: Quando se analisa o papel que os padres tiveram há também aqui um papel político dos padres na denúncia.

R: Era. Politicamente nós denunciámos a opressão deste povo, os prisioneiros maltratados. Temos de denunciar. É aquela força bruta dos militares indonésios, a gente tem de levantar a voz. Não pode calar-se. Porque calar-se é pecar. Aceitar que o irmão timorense seja espezinhado, maltratado, oprimido.

P: Acha que há um papel político também na função de padre.

R: Também há nesse ponto. Porque o timorense era contra o militar indonésio. Não havia quem era favorável.

P: Quando se escolhe o tetum para língua religiosa, também não é uma atitude política que se está a ter?

R: Isso o tetum não é propriamente. Este tetum vem do concílio Vaticano II que deu instruções para que a missa seja entendida pelo povo na sua linguagem vernácula.

Então naquela altura fizémos todo o possível para traduzir o português a tetum para ordenar a missa. Aquilo foi aprovado pelo D. Martinho Lopes. Então pensaram que era o D. Martinho Lopes que andava a fazer a política. Não. Era o nosso trabalho na liturgia.

P: Mas podiam dar a missa em bahasa que era como os indonésios queriam?

R: Não isso. A linguagem vernácula da maioria não é indonésio. É tetum. Hoje em dia é língua nacional.

P: Como viu o papel do Vaticano?

R: Actuou bem tanto assim que o Santo Padre João Paulo II veio e falou em tetum.

P: Mas muitas vezes critica-se o Vaticano dizendo que não apoiou devidamente a causa de Timor.

R: Havia alguma crítica. Isto porque na política, o Vaticano tinha também a sua política. Queria ver até onde as coisas iam mas também era, como Igreja era contra o poderio militar. Era contra. Mas politicamente não podia...

P: O que é que acha que foi importante para dar a volta à causa de Timor. A visita do Papa, o massacre, o Nobel?

R: Primeiro temos o massacre de 12 de Novembro que foi uma... Isto foi para o mundo uma primeira abertura. Depois foi exactamente a visita do Papa

P: Que foi antes do massacre.

R: Os dois acontecimentos ajudaram-se um ao outro para tornar Timor conhecido no mundo.

P: E o Nobel?

R: O Nobel contribuiu também para isto. O bispo D. Carlos quando recebeu o Nobel contribuiu para ser respeitado. Não podia ser outro. Favoreceu muito a independência.

P: Como é que viveu o referendo?

R: Estava em Maliana como pároco de Maliana.

P: E como é que viveu?

R: Era altura de morte ou de vida. Então eu além de assinar a certidão de baptismo... assinava também outros documentos comprovativos para votar favoravelmente pela nossa independência. Éramos dois. Era eu e o actual pároco de Balide que era o meu vigário, o padre Adriano Ximenes. Nós fizémos esse trabalho de votações numa capelinha chamada Orumau(?) no caminho de Maliana a Bobonaro. Então Orumau era na Montanha, vinham alguns camaradas lá do mato metidos lá também para fazer a votação. Mas estavam no mato.

P: E depois houve uma grande violência também.

R: Fomos perseguidos. Eu inclusivamente o meu nome estava lá entre os que deveriam ser mortos. Eu fugi. Não podia fugir pela montanha. Fugi pelo lado de Atambua até Kupang onde fui procurado por dois militares.

P: Em Timor Ocidental?

R: Sim, em Kupang. Depois fui até Flores e quando estive lá em Flores, numa cidade do lado sul de Flores então soube que os padres, religiosos do Verbo Divino fizeram... fizeram uma coisa boa. Os padres perigosos que eram do nosso grupo, que eram da lista negra, disseram: “já foram mortos.” Eu ainda estava vivo. Mas estava na lista dos mortos. Assim os militares não me procuravam mais. Eu mudei o meu nome. De Francisco Tavares para outro nome que não era reconhecido lá.

P: Como é que se chamava?

R: O meu nome na altura era “Nahak”

P: Mudou o nome.

R: O Tavares desapareceu porque o meu padrinho, o filho era um comandante pro-indonésio e então ele podia procurar-me por Tavares. Mas depois do lado da Indonésia eu tinha de mudar o meu nome de Tavares para o “Nahak”. Então fugi com esse nome, fui desconhecido. Fui para a Ilha de Flores. E depois o Pároco de Maliana Francisco Tavares dos Reis já foi morto. Graças a Deus.

P: E depois voltou?

R: E depois voltei. Voltei para Kupang. E de Kupang tomámos o avião...Muitos padres e madres. Tomámos o avião de regresso a Díli.

P: Durante a ocupação o senhor padre protegeu muita gente? Porque normalmente a igreja era um porto de abrigo.

R: Sim. Muita, muita gente. Mas algumas pessoas

P: Mas o que é que fazia?

R: Primeiro eu tinha que falar com os chefes militares. Porque o perigo era militar..não eram os outros. E então chamávamos de *Kodim*. Então em Maliana eu tinha contacto com o *Kodim*, comandante. E alguns jovens de quem desconfiavam eu fui lá. “Vocês não vêem são os dois normais, não seguram em armas. Vocês não podem bater neles. “Outros são presos. “Os senhores fazem o favor de soltá-los. Que mal fizeram? Levaram aqui sinais de contra-balas. O quê? Pobres dos jovens. “Porque no meio do perigo faziam coisas para se protegerem. Natural. Eu peço que os libertem. Até o meu catequista foi preso por ter rezado na capela. “Oh senhor

comandante porquê o meu catequista. Eu já liberto.” Consegui liberdade do meu catequista também.

P: Intercedeu?

R: Sim tinha de interceder. Então eles vendo que eu tinha razão, porque não podemos castigar à toa, soltaram. Além de outras ajudas... recebia cartas do mato pediam remédios, arroz e eles davam através de catequistas. Mas remédios eles vinham mandavam estas pessoas que faziam de intermediários, levavam os remédios do centro da paróquia. A paróquia tinha remédios.

P: Qual era a sua paróquia durante a ocupação?

R: Eu durante a ocupação primeiro Soibada. Em 79 quando cheguei, eu explico melhor. O bispo D. Martinho mandou-me de novo para Soibada. Ser pároco de Soibada de 79 a 84. Depois de Soibada fui transferido, o bispo D. Carlos Filipe (Já era outro bispo), de Soibada para Suai. De 1984 a 90 em Suai. Depois 90 fui transferido para Maliana onde fiquei pároco 10 anos. De 90 até 2000. 2000 vim a Motael como Pároco apenas seis meses. Porque entretanto tinha que ir trocar o bispo defunto D. Alerto Ricardo da Silva que veio abrir aqui o Seminário Maior. Eu fiquei aqui como director da escolaridade. Dois anos . 2002 fui transferido como pároco a Ainaro onde estive seis anos, até 2008. 2008 o bispo chamou-me encarregado, director espiritual do Seminário Maior S. Pedro S. Paulo de Fatumeta. Depois há 3 anos fui transferido de Fatumeta para aqui o Seminário Menor como director espiritual na mesma. Muitos rapazes. 254 rapazes, seminaristas.

P: E durante o tempo em que estive com a guerrilha no mato, nunca pegou em armas, nunca combateu?

R: Nunca, nunca. Nem em pistolas. Eu vi o padre Luís Costa, na altura era padre: “oh pá que é isto. Eu sou um assistente. Eh pá eu não quero nada disso.”

P: Portanto o padre Luís Costa participava na guerrilha, na organização?

R: Na organização. Ele tinha pistola. Entregaram-lhe a pistola.

P: Mas ele não era combatente.

R: Não era combatente. Fazia as reuniões com os outros camaradas mas não ia combater não.

P: Fazia mesmo trabalho político.

R: Sim entretanto ele tinha passado por Barique. Escreveu uma carta, de que transportava balas a Fatuberliu. Ele por sinal é filho do liurais de Fatuberliu e então conhecia Fatuberliu. É irmão menor do pároco José António da Costa, da Catedral. O

Luís Costa escreveu uma carta a tinta vermelha: “oh Tavares eu sei que tu estás por aqui mas agora estou a transportar balas.” Portanto era o responsável. Davam-lhe a responsabilidade disso. De resto não sei o que é que ele fazia.

P: Ele estava envolvido na guerrilha, com a FRETILIN?

R: Estava.

P: E foi o único padre que esteve envolvido?

R: Não. Padre Mariano Soares, já faleceu

P: Também esteve envolvido?

R: Não, foi preso. Estava na prisão de Fatuberliu.

P: Mas ele esteve envolvido com a guerrilha?

R: Não, ele foi preso pelos da FRETILIN.

P: Era padre também?

R: Sim.

P: Nas montanhas, nas montanhas só esteve você e o Luís Costa, ou estiveram os seis?

R: Seis. Éramos três timorenses: Luís Costa Mariano Soares e eu e depois outros: Leoneto do Rêgo, Padre Carlos Rocha Pereira e padre João Fagundo Martins. Éramos seis.

P: Mas esses estavam nas “zonas libertadas”. E depois foram todos para a montanha?

R: Todos foram para a montanha.

P: É que o Luis Costa diz que não foram todos para a montanha. Só se entregaram todos em 79?

R: Sim exatamente. Se ele disse talvez tenha razão porque o Luís Costa estava em Ossú. Portanto na zona dele. Mas depois teve de ser retirado. foi até Barique, Ortobora(?). Portanto o que disse era certo. Eu também não saí da minha missão. Porque Soibada tomava conta de Barique, estação missionária. Esta a minha zona.

P: Sim mas estava nas montanhas. Não estava na igreja nem exercia na igreja.

R: Não podia estar na igreja porque...

P: Aquilo estava ocupado.

R: Estava ocupado. Se viesse era morto.

P: O que é que diria que foi o papel da igreja durante a ocupação?

R: A igreja era apoio moral. Isto sempre houve. E portanto os padres andavam com eles, eles viam-se acompanhados. Porque coitados. Sobretudo aquela zona aqueles

sem pastor, podemos dizer sem quem os acompanhe. Então nós somos todos fugitivos no mato. Eu estou aqui mas sou padre. Atendo-vos naquilo que é meu dever.

P: E eles pediam muito aconselhamento religioso, os guerrilheiros?

R: Sim, sim. A parte do comité central , uns seis , sete ou oito que eram influenciados por pensamentos comunistas. Sim é verdade. Mas o povo não, o povo era mesmo religioso e os militares também eram todos religiosos.

P: De uma forma geral.

R: De uma forma geral. Porque não faziam nada, nada contra os padres. Até este camarada Islão que era meu amigo, ele falava lá para fora contra os padres. Tanto assim que o padre Mariano Soares também foi preso por ele porque fez... um juízo do povo para condenar o padre. Então o povo teve medo ninguém levantou a mão contra, o padre foi condenado para ser preso.

P: E onde é que isso foi?

R: Isto foi em Alas. Era o pároco superior da missão de Alas.

P: Isso quando ele foi preso pela FRETILIN?

R: Pela FRETILIN. Eu não fui preso.

P: Mas de que é que a FRETILIN o acusava?

R: Segundo ouvi da boca do próprio padre Mariano porque ele pediu algum dinheiro. Não dava dinheiro à toa da missão. Depois outros objetos que ele tinha lá como violas, cordas e botinhas ele não. Então não simpatizantes deles e então fizeram tudo por tudo para ele ser preso. Então através deste juízo do povo. O povo diz que ele vai ser condenado, vai ser condenado. Então foi um julgamento popular. Então ali eles têm medo porque é o seu próprio padre. É essa referência. Tinham medo todos que ele seja preso. Ao princípio preso com residência vigiada. Quando eu passei por Fainei (?) estava numa casa vigiada, estava toda a noite a conversar com ele,. Soube do caso. Trago aqui os documentos da Igreja. Todas as suas coisas. Não quis deixar ali porque eles queriam exatamente isto... não estava na guerra. Quando você não quer desenvencilhar-se destas coisas... é claro não é simpatizante. Por isso é que é castigado. Depois da residência vigiada, foi para Fatuberliu, onde foi mesmo preso. Foi batido, espancado, três vezes, quase morto. Deitaram água para cima dele

P: Os indonésios ou a FRETILIN?

R: Não, a FRETILIN. As forças da FRETILIN. Estava meio morto três vezes mas não faleceu.

P: Senhor padre o Luís Costa também esteve preso.

R: Também sofreu

P: Pela FRETILIN.

R: Pela FRETILIN.

P: O que é que dizia nas homilias, nas missas nas montanhas? Falava do quê?

R: Eu falava daquilo que a liturgia pedia para eu falar naquele dia segundo a palavra de Deus. Mas dizendo que mesmo estando naquela situação, estamos com Deus. Deus acompanha-nos nessa peregrinação que é forçada. É uma peregrinação forçada. Mas sobretudo os peregrinos de antigamente, os israelitas levaram 40 anos. Nós não... Deus queira que isto passe depressa. Falava mais ou menos assim. Mas tenham fé em Deus.

P: Portanto fazia sempre uma comparação com Moisés?

R: Estava numa comparação. Estamos numa peregrinação. A vida do homem na terra é uma peregrinação contínua. Só que não podemos estar calmos, quietos na nossa casa. Estamos em contínua andanças. Uma semana outra semana. Sempre às reviravoltas. Mas tem que ser, estamos a combinar com a guerrilha.

Anexo 26

Entrevista a Benjamin de Araújo e Corte-Real

Benjamin de Araújo e Corte-Real estudou no Externato de S. José, a escola que manteve o ensino em português. Timorense, tinha 13 anos quando foi a invasão. Depois de completar os estudos em Díli, fez a universidade na Indonésia e mais tarde, já perto do referendo, foi secretário-geral da FORSAREPETIL, Forum de Académicos Timorenses para a realização do referendo e o desenvolvimento de Timor-Leste.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 15 de Julho de 2015

Pergunta: Como viveu a invasão?

Resposta: Um pouco antes do golpe eu estave em Díli porque coincidiu com o período das inscrições para o novo ano lectivo

P: Que idade é que tinha?

R: Eu tinha 13 anos mas já na passagem para 14 porque eu ia fazer 14 anos no dia 23 de Agosto. Como somos do interior, eu sou de Ainaro, então a gente está em Díli apenas para as aulas. Depois nas férias vamos para o interior. Só que nas vésperas do golpe, nós não sabíamos, não tinha noção nenhum dos movimentos. Vinha ali para me inscrever e tinha cá os irmãos. Quando acabou o processo das inscrições, na véspera do golpe da UDT que era 11 de Agosto. Penso que as inscrições acabaram a dia 9 ou 8. No dia 11 fomos surpreendidos pelos tiroteio. Permaneci aqui. Houve também o contragolpe. Tinha os familiares envolvidos sobretudo no contragolpe porque a maior parte deles, com quem eu lidava, não eram necessariamente da FRETILIN, eram das Forças Armadas. Portanto aderiram quase espontâneamente porque o susto que o golpe fez não deu para as pessoas deciframem as coisas, mas quando se deu o contragolpe, as pessoas já sabiam como orientar-se. Então eram militares que tinham uma visão agora cada vez mais clara das coisas. Então nós passámos estes primeiros tempos (Agosto, Setembro)e já a entrar quase em Outubro voltei para Ainaro. Então não vi, não assisti à invasão mas acompanhei a vida no interior do país naqueles meses. Sabia-se que se estava em guerra, que a Indonésia continuava a perturbar a fronteira. E as nossas forças iam à fronteira a partir de Díli ou regressavam à fronteira em Ainaro. E paravam em Ainaro. Tinha uns primos, todos comandantes, lideravam companhias para ir fazer frente à Indonésia, na fronteira. Quando se deu a invasão, sabíamos que os familiares começaram a evacuar daqui, de Díli, para o interior. Foram todos parar a Ainaro. Agora já não era o movimento de ir para a fronteira mas era recuar de Díli. De Díli, depois de Aileu, depois de Maubisse. Tudo a concentrar em Ainaro porque as forças ainda estavam a avançar. E nós víamos o drama humano. Quando cheguei a Ainaro não havia ordem, com comando fixo. Havia cada grupo com as suas forças. Tinha de haver um reordenamento mesmo da ordem pública. Então havia que definir quem é que devia ter o comando para merecer obediência de todos os outros grupos que entretanto se formaram. As pessoas tinham armas, cada um tinha o seu grupo as pessoas reclamavam o comando da situação. Foram meses de ajustamento a nível interno. Mesmo a nível do distrito, sub-distrito. Porque deu-se uma ausência de autoridade subitamente. As pessoas estavam a reorganizar-se, a

perceber da própria mudança. Depois deu-se a invasão. Em Fevereiro de 76 penso que foi no dia 22 quando as forças indonésias entraram na vila de Ainaro. Estávamos todos recuados nas montanhas. Ainaro, a vila é rodeada de montanhas, então a população recuou para as montanhas para ver a entrada. O helicóptero que nesse dia aterrou em Ainaro fez esse maneoio de descer em espiral porque não podia aproximar-se do arco montanhoso porque podia ser atingido. Ficava em cima da vila, descia em espiral, para evitar pressionar as partes mais altas da localidade. Três dias depois rendemo-nos. Lá para 25 ou 26 de Fevereiro já estávamos rendidos. Porquê? Porque permaneceram na vila 3 pessoas destacadas.

P: Quem eram essas 3 pessoas?

R: No esconderijo claro. Havia um nosso tio chamado Teófilo.

P: Mas eram pessoas com cargos de liderança na vila?

R: São pessoas de certo respeito, referência. O pai do actual bispo de Maliana. E ele dizia claramente que não ia fugir para o mato, que se ia render pura e simplesmente. E depois um senhor que tinha sido prisioneiro, o senhor Lúcio da Encarnação que era administrador do posto do distrito de Ainaro.

P: Tinha sido preso porquê?

R: Pela FRETILIN porque era da UDT como o senhor Teófilo que era da UDT. O senhor Teófilo não tinha medo porque tinha os sobrinhos, tinha os familiares da FRETILIN. Ele avisava: “olha eu vou render-me”. Porque não havia condições de fugir. A idade... e depois havia um outro senhor prisioneiro. Esse já era da APODETI também ficou lá. Penso que havia mais gente mas não se declarava. Então pegaram em auto-colantes 3 dias depois com a juda dos indonésios, foram por cima do monte, fizeram um apelo e nós saíamos e vínhamos render-nos. Claro que a resistência passou a nascer dentro da população controlada. Essa fácil rendição significou apenas criar um ambiente de contacto de permeabilidade com a resistência porque eram pessoas da família que estavam no mato. Eram sobrinhos, eram cunhados, eram tios. Estavam no mato, os familiares rendidos. A comunicação continuou assim até que um dia deu-se uma surpresa quando parte dos meus familiares de repente fizeram um recuo com a população toda para o mato.

P: Outra vez?

R: Outra vez. Depois de saber os comportamentos dos militares indonésios, meses depois um tio meu organizou a população de várias povoações e atravessaram a ribeira e foram juntar-se às FALINTIL.

P: E o senhor também foi?

R: Eu não fui. Eu estava na vila já. Tinha 14 anos e assisti que com eles levaram muitos dos nossos bens. Os cavalos, os nossos pertences que tinham ao cuidado deles, levaram tudo porque precisavam dos cavalos para transporte. Levaram tudo para o mato. E a partir daí eram bilhastes para cá, bilhetes para lá. mas sempre naquele sigilo. A gente sabia que havia cartas que entravam. Eles vinham espetar as cartas, depois vinham espetar na horta. Quem de dia fosse visitar a horta depois havia uma carta em cima da estaca.

P: Que cartas eram essas?

R: Para transmissão de mensagens cá para Díli. Era lido ali e depois quem lesse destruía logo. Isto porquê? Porque havia uma zona de transição que nem era deles, nem eram dos indonésios. Então as pessoas só iam lá para se abastecer. Apanhar batata, madioca. Não havia segurança- um indivíduo se é apanhado ali pode matar. Era um jogo de gato e rato. Para a sobrevivência da população porque a vila não tinha condições para autosustento. Então a população tinha de recorrer às suas hortas que eram exactamente nessa zona de transição. Aí é que se vê o drama, a fome, a doença. Pouco tempo depois, as freiras e o pároco...

P: Quem era o pároco?

R: Era o senhor padre Demétrio Barros Soares. Tinha sido vigário do pároco que tinha sido o padre Francisco Fernandes. Depois veio estacionar-se em Macau durante muitos anos. Antes disso, em Perth na Austrália e jogou muito pela figura dos refugiados timorenses. Eu penso que permaneceu em Macau até à entrega de Macau à China. E sempre foi uma pessoa de referência.

P: Ele era timorense?

R: Sim. Dos padres mais antigos com muita exposição política, um homem muito solicitado para a solução final do problema de Timor. Era da UDT, o padre também. Atravessou a fronteira nunca mais quis voltar. Tratou com o governo holandês para poder repatriar os timorenses refugiados na Indonésia para Portugal. Toda aquela leva de gente que foi para Portugal em 1977 foi graças ao trabalho expedito do senhor padre Francisco Fernandes. Enquanto que o vigário dele voltou a Timor e voltou à paróquia. Era o Demétrio que passou a ser então o pároco. Todos aqueles anos a seguir à invasão, o pároco ficou em Ainaro e as madres começaram a regressar da Austrália e foi um grupo parar a Ainaro. Quando essas madres saíram, nem sequer

eram madres, eram apenas candidatas. Fizeram os votos, penso que foi na Austrália e depois aqui fizeram os votos perpétuos. Já havia um núcleo da presença da Igreja.

P: Enquanto foi o processo da invasão, Ainaro ficou sem padre?

R: Ambos os padres retiraram-se para Suai e depois eu penso que o padre Demétrio ficou pouco tempo no outro lado do território e depois regressou. E regressou logo a seguir à entrada das tropas em Ainaro. Eu tinha estado no colégio, internado, antes de vir a Díli.[...] e aí é que fiquei a ajudar o padre na paróquia como sacristão. Durante dois anos a minha vida era com o padre. As primeiras actividades matutinas, o toque do sino, como colocar os paramentos para o padre se vestir para a missa da manhã de cada dia, como os anjos da tarde. Fazia isso paulatinamente todos os dias. Ajudar na administração dos sacramentos, desde o baptismo até à extremaunção. Sabia tudo. E comigo fui arrastando os colegas. Depois quando vim para Díli ficaram eles responsáveis, a paróquia ficou carente de jovens para ajudar, foi durante esse período intenso de quase dois anos que a população que estava centrada em Ainaro recorria aos préstimos da missão. Quer da parte de assistência clínica, da parte das freiras, como os sacramentos. O abrigo moral- havia prisioneiros cujos familiares precisavam de consolação. Havia pessoas, que não presos, mas eram perseguidos por terem sido da FRETILIN. Renderam-se em pouco tempo e alguém foi apresentar uma queixa contra eles. Havia gente muito perseguida. Umas porque tinham um papel preponderante naqueles meses de domínio da FRETILIN e então foram alvo de queixas, de perseguição. Às vezes as queixas partem dos próprios timorenses e até dos próprios familiares, quando as escolhas partidárias eram diferentes. Então o padre era aquele lugar da consolação. E para mediar com as autoridades, porque havia famílias que estavam a ser abordadas porque tinham...

P: Mas via que o padre Demétrio fazia essas acções?

R: Eu via. O padre tinha que fazer nas homilias apelos abertos às comunidades para se comportarem como deve ser. As famílias protegerem as suas filhas, as jovens.

P: Porque?

R: Porque temos unidades em todo o lado e o padre chegou a ser ameaçado de pistola. Quantas vezes é que o padre não sofria pressões. No início, o padre tinha protecção porque havia um capitão católico que vivia com o padre na mesma residência. E o capitão ia à missa todos os dias, o militar. Aí havia uma certa proximidade entre a Igreja e o comando mais no sentido de não se perpetuarem abusos. E o capitão era muito sensível a isso então, em pouco tempo, ficou amigo do padre e da juventude.

Então o padre organizava festas em que eles participavam, cantávamos. O comandante convidava os jovens para o jogo desportivo.

P: Portanto viviam pacificamente.

R: Porque os comandos indonésios não eram só uma unidade. Era infantaria, depois tinham artilharia pesada, depois tinham polícia, depois tinham os comandos e depois do comando distrial que era uma coisa orgânica da administração. Quem supervisiona tudo isso? Quem tem poder sobre o outro? Portanto era uma complicação dos diabos e o padre tinha de lidar com todos eles. A administração indonésia num território em guerra tinha de ter um administrador do distrito civil e depois o chefe de polícia e depois o comandante militar. A acrescentar o comandante do batalhão. E depois aquelas unidades que estão de passagem: a cavalaria, os tanques de guerra, os carros de assalto. Depois os homens de combate, os boinas vermelhas, parece que ninguém toca neles. De maneira que gerir tudo isso é complicado. Portanto tinha-se que estabelecer uma relação de amizade pelo menos com uma secção deles para poder garantir que a população não saía atingida. No entanto, o padre nos domingos, quando vai reflectir na homilia, faz mesmo esse apelo para que não comece a proliferar os namoros e os abusos. Houve casos em que um batalhão inteiro é posto em formatura e um pai e uma mãe com a filha para tentar identificar quem foi o soldado que abusou. Claro como é que um timorense pode distinguir entre centenas de militares indonésios o tal fulano? Nós confundimos as caras. Assim penso que foi por duas vezes. Mas isso abusos de menores. Agora depois há outros casos em que as pessoas são trazidas do mato e são retidas no lugar. Para além da concentração das pessoas com doenças contagiosas porque não se garante a segurança quando se vai para além do perímetro da vila. A população toda é concentrada só no perímetro da vila. Tem de se construir a vedação.

P: O que me está a contar é que mais ou menos viviam pacificamente com os indonésios nessas zonas.

R: Pacificamente. Isto é sob o domínio da força. A presença dos militares era coisa fora. De tal maneira que a população estava quase estrangulada, no sentido de não ter liberdade para nada. Estar ali sob o controlo diário, intenso dos militares. Hoje você vê as ruas na vila, com um jardim ao lado. Antigamente não. As ruas eram limitadas por essas casas de terra batida até meio metro de protecção porque os tiroteios cruzavam. A própria população tinha que fazer o seu abrigo. Até mesmo em frente da igreja por aí abaixo, pela vila toda. Claro as doenças alastravam-se com muita

facilidade. Havia o berebere por todo o lado. O berebere, as pessoas que se rendiam com má nutrição, de repente há um contacto com o sal. De repente há um contacto com os alimentos da vila. Estão a inchar a barriga mas muito mal nutridos. E as crianças e as pessoas morrem. A gente percorre aqueles corredores mas com muita atenção porque os cuidados sanitários não existem.

P: O que me está a dizer é que o padre de uma forma geral fazia ali de intermediário entre a população e os militares.

R: Fazia o quanto possível para sobretudo fazer prevalecer a vida normal e o respeito pelas pessoas.

P: E conseguia?

R: Eu penso que ele fez tanto quanto possível. Ia às cerimónias, agora já nos moldes dos indonésios. Em cada cerimónia os líderes religiosos têm de estar todos presentes. O pastor protestante, deles, do similitar, o padre, nosso. E depois alguém muçulmano. Naquelas cerimónias semanais, de segunda-feira, do içar da bandeira, repetia-se aqueles cinco princípios do estado, da pancasila. E quem era recrutado para fazer essas cerimónias, içar a bandeira, cantar, ler o preâmbulo da constituição de 45 e dizer a pancasila, era ou os funcionários ou os estudantes e a “promuka”, era tipo a mocidade indonésia. E nós éramos recrutados ou como estudantes ou então membros da mocidade.

P: Portanto nunca fez parte da resistência propriamente dita.

R: Não, eu não estive no mato. Eu estive no mato 3 dias e depois rendi-me mas sempre vivi no interior.

P: Mas podia ter feito parte da resistência estudantil. Nunca fez?

R: Mas eu assisti aqui à formação desses grupos estudantis. Eu tinha 13 anos. Eu via-os andar à bulha. Nós na nossa idade, nós corríamos para um lado a ver como é que se batiam. Depois corríamos para outro lado para ver como é que se batiam. Entre os LESVALT (Liga dos Estudantes Válidos de Timor-Leste) e UNETIM. LESVALT da UDT

P: Mas isso antes da ocupação.

R: Mas isso depois arrastou-se para o mato. UNETIM depois foi-se organizando, ramificando.

P: Mas você não fez parte de nenhuma organização.

R: Eu mais tarde só. Mas era já nos moldes da preparação cultural, associei-me o escutismo católico e sendo estudante no Externato de S. José.

P: Foi estudante no Externato de S. José.

R: Em 79, foi quando eu ingressei, outra vez em Díli, na escola do Externato de S. José. Anos depois entrei no escutismo que era promovido dentro da mesma escola. Fiquei em Ainaro até início de 78. Já não havia escola para mim porque tinha cumprido o ensino básico dos indonésios. Não havia também em Díli ensino secundário indonésio em Díli.

P: Então foi para o Externato?

R: Joguei futebol o ano inteiro sem saber que o Externato existia. Fiquei a jogar futebol no bairro. E depois uma tarde um primo meu veio dizer: “eh pá vocês só passam a jogar futebol. Mas há uma escola lá em baixo que os padres ensinam e dão aulas em português.” Então vamo-nos matricular e em Janeiro de 79...

P: E vivia onde? Em casa de quem?

R: Com os irmãos. Estava em Lahane, perto dos padres e perto da escola sem saber que havia essa escola. Havia as escolas em indonésio mas eu já tinha o ensino básico. Para mim em Timor não havia onde continuar os estudos e tinha que ir à Indonésia. De facto deram-me uma bolsa por ter sido o melhor aluno em Ainaro. Só que eu vim a Díli, o meu irmão olha para o papel e diz assim: “você vai à Indonésia? Daqui a poucos anos volta um javanezinho.” Então fiquei. Tinha condições para continuar a estudar só que ia fazer o secundário na Indonésia. “Secundário na Indonésia? Não vai, volta um indonésio, volta um javanezinho”. Então fiquei. Só no ano seguinte é que ingressei no Externato, quando o Externato sempre funcionou desde 77. Só que não era do conhecimento deles, dos irmãos, primos. Ingressei. Agora veja a diferença: 4 anos de atraso. Voltei ao grau que em 75 estaria. Portanto eu entrei já mais maduro. Muito boa preparação. A satisfação foi de ser ensinado só por padres ou leigos mas ...

P: Então aí envolveu-se?

R: Arrastados. Arrastados porquê? Porque o Nicolau Lobato tomba em finais de 78. Não havia fonte de inspiração no meu caso para dizer: “Não há ainda nada a perder. Ainda temos a ganhar. Parece que agora ficou o fim da luta. “Só que a gente vai para a escola, os padres começam a falar, pouco a pouco a gente aperecebe-se que afinal a luta agora entra noutro nível.

P: Eram os padres que informavam? O que é que eles diziam?

R: Eles ensinavam aos mais jovens a matéria normal. Só que sempre em português.

P: E o que é que diziam para vocês perceberem que a luta continuava?

R: Fomos percebendo mais tarde. Só mais tarde. Quando cheguei ao sexto e sétimo ano que hoje é 11º e 12º, aí já éramos uma elite. Aí os padres já nos falavam com mais abertura e confiança.

P: E o que é que diziam?

R: Quando se aprende a História Universal, a luta de afirmação dos povos era matéria de reflexão. O que eles faltavam dizer era contínuo. Mas era tudo reflexão. Dava para ver que em Timor eu tenho um papel a exercer. A certa altura os padres dizem: “você são 50% da população do mundo que têm o privilégio de serem educados desta maneira.” Já pertencemos a 50%. Quer dizer que é para inspirar a noção de responsabilidade e de projecção. Mas nós na altura já tínhamos uns 20, 21 anos de idade. É como a idade da tropa.

P: O discurso deles era ligado à resistência e de confiança de que havia a necessidade de lutar por um Timor independente?

R: A convicção de que se deveria ver a luta continuar e a independência concretizar-se, esta convicção existia sempre neles e na camada jovem.

P: Mas eles transmitiam-vos essas ideias?

R: É por isso que estou a dizer a finura do trabalho deles é fazer de tal forma que isso no fim é que venha a concretizar-se. Então não imagina que nós estávamos a ser perseguidos? Sendo a única escola a manter o currículo português de 75, nós tínhamos de ser alvo de perseguição, de observação, de vigilância todo o tempo. Os padres nunca poderiam falar tão abertamente como hoje nós falamos. Os seus actos, o seu plano de formação, a escolha dos temas para reflexão, isso é que paulatinamente vinha a construir essa consciência.

P: E que temas é que eles punham à reflexão?

R: Na História universal, a luta dos povos do mundo desde os povos do Médio Oriente, os povos da Europa para conseguirem a sua independência. Esses processos de afirmação dos povos era matéria constante de reflexão. Bastava dizer olha façam o mesmo com Timor. Ética e moral: reflexão sobre os direitos humanos, constatar toda a violação dos direitos humanos que cada um de nós fosse testemunha nos seu distrito, na sua aldeia, no seu sub-distrito, desde Los Palos a Suai. Os alunos eram proveninetes de todos o lado de Timor, de pais, de familiares simples, de famílias modestas que sofriam, que tinham membros da família já consumidos pela invasão, pela ocupação, de uma forma ou de outra. Um irmão que morreu na guerra, um irmão que foi traído, uma irmã que foi violada, uma família vizinha que foi dizimada. Era

todo o tipo de drama que era matéria de reflexão. Tínhamos Ética e Moral, História Universal, Geografia e mais tarde Psicologia, Filosofia. Foram para consolidar o conhecimento sem muita exposição à língua portuguesa no sentido literário. Mas sabíamos, conhecíamos os grandes autores da literatura portuguesa e o português não era muito exibido em público. Mas no âmbito da escola e os trabalhos de casa para desenvolvimento, nós fomos interiorizando o português, a nível de abstracção, de raciocínio. Só não podíamos exhibir em público. Não porque ou faltavam interlocutores do mesmo nível porque as pessoas já não estavam, ou então podíamos facilmente detectados para não sermos perseguidos.

P: Mas o que me está a dizer é que a consciência do direito e da violação dos direitos humanos que vocês sofriam, era-vos dada pelos padres? Foi assim que começou a ganhar consciência?

R: Exactamente. Mas veja uma coisa, nós temos aqui em marco, a postura da Igreja. Estas coisas não escapam com facilidade. Em termos de marco a confiança popular para com a Igreja era um dado assente. Agora dentro desse âmbito maior, quando se vai ao núcleo escolar, ali aprofunda-se muito. Dentro ou fora, nós estamos mergulhados nessa missão profética da Igreja que a figura do padre, a figura do bispo para nós é a tal do apelo constante de que afirmem-se, tenham esperança, preparem-se, formem-se, valorizem-se. Tanto assim que mesmo aqueles que depois sem passar pelo Externato (só passaram pelas escolas indonésias) e depois foram estudar na Indonésia, nunca se deixaram levar pelas campanhas indonésias. E a comunicação desses objectivos embora fossemos provenientes de escolas diferentes, foi um processo muito fluente.

P: E você manteve sempre a ligação aos padres?

R: Sempre. Eu quando acabei o 12º não havia mecanismo do governo para nos colocar nas universidades indonésias. Nós éramos uma escola privada, o governo não se responsabilizava por nós. Mas nós íamos fazendo os exames de equivalência, anulamente. Outros aguardavam até acabar o 12º e iam propôr exame de equivalência. Claro ali nós brilhávamos porque tínhamos melhor preparação em quase tudo. Só que os indonésios têm um complexo: de não querer fazer transparecer em notas essa nossa superioridade. Então colocavam-nos um bocado abaixo. Menos mal porque nós íamos provar o contrário nas universidades indonésias.

P: E depois foi formar-se à Indonésia?

R: Fui formar-me à Indonésia, em Java Central. Fiz o que em português seria formação de professores e a minha especialidade era a língua inglesa. Eu fui com outros colegas (5). Os primeiros alunos do Externato que concluíram o 12º no Externato que foram permitidos a beneficiar da bolsa do governo local, provincial. Éramos 6. Hoje um deles é o primeiro-ministro, Rui Araújo. Outro era o actual Reitor (da UNTL).

P: E o senhor que também já foi reitor.

R: Eu já fui reitor. Temos outros 3. Um que anda aí em ONGs que trata de dar água para a população mas também cursou magistério. A nossa especialidade era língua inglesa, 3 de nós. Um cursou Direito que era o embaixador em Portugal, Manuel Abrantes, antes da Carrascalão. Depois um fez agricultura agora é nosso adido da educação, na embaixada na Austrália. O primeiro-ministro ficou connosco um ano só. Decidiu mudar para uma outra cidade para fazer Medicina e só vinha nos fins de semana visitar-nos porque era uma hora de carro. Ficámos assim até quase 4 anos. Depois ele decidiu ir para Bali. Nós estávamos em Java, ele decidiu ir para Bali. Depois de nós foram outros todos. Hoje são engenheiros...

P: O Externato não só formava, como alertava para a consciência dos direitos humanos. E depois esteve envolvido na resistência estudantil ou não?

R: Na resistência tinha outro combustível. Sendo do Externato e sempre a viver em comunidade (os seis sempre juntos, depois éramos 4 na mesma casa), esta orientação nunca deixou de existir. Só que eu nunca me metia nas redes da RENETIL. Mas muita documentação passava por nós, nós comunicávamos muito porque era preciso manter um certo sigilo. Eu já receava a forma como eles estavam a trabalhar. Era quase à vista. Eu tinha muito medo. Então o nosso grupo trabalhava de outra forma. A comunicação por escrito para o Vaticano, para as Nações Unidas, para a Amnistia Internacional, para Portugal e curiosamente também para a África do Sul.

P: O seu grupo era esse grupo que estava consigo em Java?

R: Só que os meus colegas além disso tinham ligação com a RENETIL.

P: E você não.

R: Eu não.

P: Mas fazia as cartas?

R: Fazíamos nós. O meu colega que foi embaixador em Portugal era o mobilizador. Quando eu concluí o curso e vim para Timor, meses depois o nome dele saiu nos jornais como perseguido oficialmente pelas autoridades indonésias.

P: E depois manteve sempre o contacto com os padres ou não?

R: E de que maneira. Nós anualmente vínhamos a Timor. E isto porquê? A universidade onde nós estudávamos, era uma universidade protestante, que tinha ligações com o que eles chamavam “World Council of Churches”, isto é “Conselho Mundial das Igrejas” cujo centro era em Bochum, Alemanha. E então o reitor dessa universidade protestante que agora é um dos assessores aqui do Ministério da Educação, desenvolveu um plano que remetia os estudantes timorenses da Universidade dele para Timor anualmente para trabalhos de campo. Com o financiamento do “World Council of Churches”, Conselho Mundial das igrejas. E nós vínhamos. Eu como preenchia os critérios todos, durante os meus 4 anos e meio de estudos, eu vim 3 vezes, beneficiando desse esquema de cooperação. Então para ficar aqui um mês durante um ano, eu não gastava dinheiro. Até recebia dinheiro para poder estar aqui e aproveitava para passar férias com os meus familiares e visitar os meus mestres. Portanto essa ligação nunca deixei.

P: E foi importante também para fazer passar a informação?

R: De que maneira. Nós tínhamos amigos, padres timorenses. O Seminário (de Dare mas que tinham descido para Lahane) e Externato funcionavam... e nós éramos cúmplices na verdade dos seminaristas que se iam formar para padres e nós os leigos que íamos estudando. E depois havia essa comunicação interna e então havia uns que já estavam a estudar na França ou em Roma.

P: E iam passando as informações, as cartas e isso tudo?

R: Sim.

P: E alguma vez colaborou numa acção dessas?

R: Talvez levar coisas daqui para Java e mandar para fora. E trazer da Indonésia para mandar para o mato sim.

P: E mandava para o mato através de quem?

R: Não sei. Eu trago de Bali aparelhos de comunicação, embrulhados para um destinatário já identificado cujo nome de guerra... portanto eu sabia o nome de guerra mas não conhecia a pessoa. E à noite, antes de eu partir de Bali, bate-me à porta o colega e diz: você leva isto para Timor. E diz-me o nome dele: É para este senhor. Mas quem é esse senhor? Você leva. E depois como é que vou entregar? Alguém há-de ir a casa. Eu tinha receio mas trouxe. A descer no aeroporto, tinha receio. Porque nessas coisas a informação pode ter fuga. E chego, ninguém me diz nada, vou a casa. Depois de dois dias, aparece um senhor de motorizada e manda-me parar. Sabe quem

é? É o Constâncio Pinto, o vice-ministro do Turismo. “Trouxeste qualquer coisa para mim? Não sei.” Era para mandar para o mato. E foi parar nas mãos de um senhor que era da estrutura da FRETILIN, terá sido uma pessoa muito alta que eu vim a conhecer já em 98, aqui nos encontros com os enviados das Nações Unidas. Porque eu já estava a liderar um grupo de académicos que reclamava a realização do referendo. A FORSAAREPETIL eu era o secretário-geral e o Domingos de Sousa que foi nosso embaixador no Brasil foi o nosso presidente. Estabelecemos em Setembro de 98, para reivindicar a realização do referendo. Em 98, a seguir ao encontro de Peniche, quando a delegação timorense voltou de Portugal eles formaram abertamente aqui o CNRT. Em consequência disso, nós também lançámos a FORSAAREPETIL, Forum de Académicos Timorenses para a realização do referendo e o desenvolvimento de Timor-Leste. E indicaram-me como secretário-geral. Porque eu ia às reuniões clandestinas com o padre Barreto, foi um dos líderes dos movimentos aqui.

P: Porque é que diz isso?

R: Porque ele mobilizava as forças clandestinas dos jovens. Ele era o presidente da Cáritas Católica. E dentro da Cáritas ele mobilizava. O Dr. Rui Maria que é agora primeiro-ministro foi um dos coadjuvados dele na área de saúde. E ele promovia esses encontros até que se estabeleceu um grupo para entreter as delegações que vinham de fora para consultar. Nós tínhamos um grupo à parte. Porque as delegações quando vinham, os militares acompanhavam para o governador, mas as delegações queriam também ouvir pessoas simples. E então na Cáritas católica, ao lado da Catedral, o padre tinha um espaço e acomodava-os aí e depois convidava.

P: Portanto tinha ligações com o padre Francisco Barreto.

R: Sim. Porque eu fui encorajado por ele, pelos colegas, para ser secretário-geral da FORSAAREPETIL. Porque eu tinha acabado de cumprir os meus estudos na Austrália, falava muito bem inglês, o português e então eles precisavam mesmo desse perfil. A FORSAAREPETIL não se fala muito. Muito pouca gente fala dela. Mas foi um grupo de elite.

P: E quem é que fazia parte desta FORSAAREPETIL?

R: Os académicos todos. Para frustração do indonésios.

P: E foi o padre Barreto que vos incentivou?

R: Ele voltou de Peniche. Eu penso que ele participou também em Peniche. Quando voltou disse assim: Nós temos que dar a nossa parte. Não podemos confiar só na solidariedade internacional. Nós temos que fazer a nossa parte. E aí promoveu muito

esses encontros até que se formou a FORSAREPETIL. Claro, eu não queria estar à frente. Eu tinha acabado de regressar da Austrália, dos bolseiros que partiram para o exterior até à ocupação, eu era o primeiro doutorado. Outros estavam a acabar também. A Austrália pela primeira vez, a partir de 90, concede bolsas a timorenses. Quem partiu primeiro foi o Dr. Arlindo Maia para a Nova Zelândia. Depois a senhora Isabel que é agora secretária de estado do Turismo. Depois foi o Hélder da Costa. Fomos seis um dos quais é o ministro da Justiça, eu e a Lurdes que agora é a chefe do primeiro-ministro.

P: E o que é que fazia esta FORSAREPETIL?

R: A FORSAREPETIL foi organizada para dar apoio académico ao CNRT. Porque nós éramos um Forum mas só de académicos. Para maior frustração da Indonésia. Nós crescemos na Indonésia, formámo-nos nas universidades indonésias. Agora estamos a reclamar a realização de um referendo.

P: E o padre Francisco Barrero quando vos organizou já pensou...

R: Ele disse: Vocês têm de se organizar, eu cedo o lugar, reunam-se

P: E onde é que se reuniam?

R: Na Cáritas. Ele era o presidente da Cáritas Católica. O padre era presidente. O Dr. Rui era o responsável pela parte de saúde da organização. Pouco tempo depois ele partiu para a Nova Zelândia para fazer os estudos de Saúde Pública o que lhe deu toda essa visão de governação. Ficámos nós cá.

P: Mas a participação do padre é o âmago da minha questão.

R: Mas ele foi a Lisboa acompanhado por outro padre colega que é o padre Domingos Soares, toma conta da Sé Catedral de Macau. Mais um outro que é jesuíta que é o Filomeno Jacob. Os 3 foram entre os padres timorenses. Mas se perceber o envolvimento dos 3 padres não acabávamos de contar a história. Estavam tão envolvidos em tanta coisa da resistência. O padre Barreto tinha sido pároco na minha terra, Ainaro. Foi ele que deu protecção nas suas redes, em esconderijos, a dois líderes da resistência. Um deles é o Konis Santana. O Konis Santana, nós de Ainaro reclamamos, se tivesse permanecido em Ainaro não morria. Foi parar a Ermera, teve azar. O Ma 'Huno, que hoje não fala, está aleijado, teve na residência do padre, mesmo na residência do padre. E o padre tinha que instruir um primo nosso para levar de motorizada, mas atravessando a vila. Porque já sabia que a residência ia ser passada em revista. Em questão de horas tem de escapar. Foi eventualmente capturado.

P: O Ma H'uno ou o Ma'Hudo?

R: O Ma 'Huno. O Ma 'Hudo foi o que morreu para quem eu trazia o rádio e o Constâncio foi apanhar em casa. Quem me deu em Bali foi o actual primeiro-ministro. Eu não estava registado em qualquer rede clandestina mas a confiança entre nós dizia tudo.

P: Esta ligação aos padres era normal?

R: Era normal. Eu estava em casa, não queria candidatar-me a esta coisa da FORSAREPETIL. Ele mandou-me chamar. Então fui lá à reunião. Eu tinha acabado de regressar da Austrália, estava a ser vigiado. Era o primeiro doutorado, retornado. E o que me custou foi ser despedido de um contrato que eu tinha assinado com a direcção das finanças do planeamento do governo indonésio mas pelo PNUD. Tinham um arranjo em Jacarta de que podiam operar em Timor. Quando vieram a Timor precisavam de um consultor cultural. E todos indicaram, esse só pode ser o Benjamim. Assinei o contrato por 3 meses mas como eu pertencia à FORSAREPETIL disseram:” você tem de pedir demissão”. Então eu disse ao homem do PNUD, um filipino que estava em Jacarta: “não, você escreve-me uma carta a dizer as razões porque me quero despedir. E depois eu escrevo uma carta de demissão consoante as suas instruções.” Ele tinha medo porque eu ia pegar na carta dele e enviar para as Nações Unidas. Mas então fizeram assim: “você pede a demissão e diz que não tem tempo para trabalhar mais. Você tem de escrever uma carta que quando tiver tempo, volta que nós voltamos a receber. “Eles tinham que escrever uma carta a dizer quando voltar a ter tempo e disponibilidade, nós teremos o gosto de o acolher novamente. Eles tinham medo simplesmente porque estavam a operar num território não autónomo mas não reconhecido pelas Nações Unidas como parte integrante na Indonésia.

P: Voltando ao Externato...

R: O sub-director da escola era o padre Domingos Mourato da Cunha, agora está nos Estados Unidos. Ele quando deixou de ser sub-director do Externato, passou a ser pároco de Motael. Quando era pároco de Motael, recebe instruções do Xanana. O Xanana queria catanas para resistência. E ele entendeu literalmente catanas, mandou um saco de catanas. Manda para o mato. Não, precisamos de armas. Tinham dito armas, mandou catanas. O Xanana veio pernoitar aqui na paróquia a conversar com ele. Ambos tinham-se conhecido no Seminário.

P: Mas essas histórias ouviu contar?

R: O padre contou-me a mim. O padre Domingos Mourato da Cunha escreve-me a mim e conta-me a mim. E vem cá com regularidade. O ano passado veio porque a mãe faleceu. E nós vamos ao encontro dele porque é o nosso padre, padre de 6 anos na escola. E todas as vezes que estamos com eles, não há nada que eles não saibam: o pensar, o agir. O padre tinha contactos com o mato. Dava máquinas de filmar para o mato. A certa altura os do mato já mandam documentos audiovisuais como? É porque alguém lhes forneceu.

P: E era o padre de Moatel?

R: Mas ele tinha, eu penso que ele tinha mandado mesmo antes de ser o pároco. Ele ainda era sub-director do Externato. Quando deixa de ser subdirector do Externato, é nomeado pároco de Motael, E quando era pároco de Motael, o Xanana veio pernoitar ali. Como o Xanana pernoitou em Ermera com outro padre, Mário Belo, que já faleceu. O Xanana como andou no Seminário nos anos 60, eles eram colegas. Tratavam-se como colegas. Muito mais tarde o relacionamento era de líder para líder. Por isso não se admire que há muito apoio da resistência porque a certa altura as pessoas da resistência são pessoas que passaram pelas mãos da Igreja desde os colégios até ao Seminário. E muitos dos líderes da Igreja afinal eram contemporâneos desses líderes políticos. Então quando você está a ser formado por esses padres, não pode deixar de ser discípulo do pensamento. Isso penso que não foi muito entendido pelos militares porque era foro quase inatingível para eles.

P: E o padre de Ainaro, o Demétrio, não colaborava com a resistência?

R: Nós não podemos dizer isso. Uma coisa é 1976, 77. São anos de sobrevivência. Outra coisa é oitenta e tal, noventa e tal. Portugal aderiu à União Europeia em oitenta e quê?

P: Oitenta e cinco, oitenta e seis.

R: Portugal só se faz ver na arena internacional a partir daí, praticamente.

P: Portanto só a partir daí é que...

R: É um paralelo. Os timorenses nos primeiros anos estão numa situação de sobrevivência. Mas timorense para timorense a gente sabe. Aquele padre conseguiu em Ainaro marcar as primeiras balizas. Os senhores respeitem as raparigas locais. Chama a atenção aos pais: atenção às vossas filhas. Isso vai repetindo, vai dizendo com a suavidade que é próprio dele. Mas vai chamando a atenção. E depois eles apresentam ao bispo relatórios regulares. O bispo depois entretém-se com o comandante e às tantas o militar no interior que se porta mal é retirado. O padre ali

continua baixo perfil, sem se ver. Nós temos de entender que a Igreja opera de modo diferente. Nós os leigos quando estamos descontentes já podemos gritar pelas ruas. Os nossos jovens em 89 começaram a sair pela rua.

P: Através das manifestações religiosas.

R: O Papa e depois o embaixador americano, as pessoas que vinham cá. E depois a partir daí quando faleceu o Sebastião Gomes. Eu estive aqui, fui o único docente timorense da UNTIM no cemitério. Saí de Motael para o cemitério de motorizada. Não fui a correr entre os jovens. Em meia-hora já estavam no cemitério. Eu cheguei um bocado antes. Os indonésios não conseguiram dizer se eu fazia parte da manifestação ou se eu era do tráfego. Porque mantinha uma distância, eu ia um bocado à frente. Eu de facto era o ponta de lança. Eu saí da missa mas ia um bocado à frente. Fui parar ao cemitério, estacionei a motorizada em frente ao portão. Depois a multidão começa a chegar. As minhas irmãs, os meus primos, aquelas miúdas de 13, 14 anos a gritar. E chega um primo e diz-me assim: “o senhor não estaciona a motorizada aqui. Porquê? Porque daqui a nada já vamos entrar em bulha com os indonésios. E quando a gente fugir, a sua motorizada vai ser apanhada e eles vão identificá-la. Então vai pôr naquela casa.” Onde está ali a escola portuguesa, fui colocar em frente numas casas. Fui colocar entre a cozinha e a casa. A motorizada ficou lá. Quando eu fugi, à tarde fui recuperar a motorizada. Todas as outras motorizadas que ficaram à frente do cemitério foram levadas. Os donos foram identificados todos nos dias seguintes. A minha não.

P: Está a dizer que os manifestantes iam provocar.

R: O máximo era bulha com os militares. Não antecipavam que os miliares tinham deixado já, no cemitério indonésio, armas. Já debaixo da relva. Estavam ali a capinar, quando receberam as ordens, pumba. Portanto foram ou por essa linha de tiros ou então por essa. Por isso morreram muitos. Como é que eu me escapei? Depois de deixar a motorizada aqui, os militares quando viravam para disparar, nós fugimos pela encosta. Mas nenhum deles se lembrou de disparar atrás de nós. Foram para a multidão. Depois fomos para a casa da mãe do Dr. Ramos-Horta. Eu mais o meu irmão fugimos lá para cima e depois um primo-cunhado transportou-nos para casa em Lahane. Mas já era meio-dia. Aquilo aconteceu era 8 da manhã. Quatro horas depois é que chegámos a casa. Todos os padres que eram nossos professores, percebíamos o envolvimento deles. Mas não era nada tão abertamente. Por exemplo os padres jesuítas, tinham os seus contactos com o mato. Eram portugueses. Mas eles não

vinham dizer: “olha eu mandei...” isso era falta de pudor. A gente sabia que tinham contactos. Eu até desconfiava que eles mandavam livros para o mato. Mas imagine se fossem apanhados? Temos de poupar a vida a essa gente. Essa gente precisa de ser pela força moral contínua para a população.

P: Porque é que acha que os timorenses se catolizaram maciçamente depois dos indonésios terem entrado?

R: Eu ia para os primeiros contactos entre portugueses e timorenses. Quem se dedica a perceber um bocado o animismo timorense, vai entender que quando os portugueses chegaram e começaram a falar do Evangelho eles certamente não se surpreenderam.

P: O animismo era próximo.

R: O animismo timorense, os catuas, os anciãos terão dito assim: esses malaios estão a dizer algo que nós também temos. No seu discurso lapidar, ritualístico, essas coisas transparecem. Três estrelas, 3 sóis. O sol, a estrela, a lua. Eles olham para cima e é sobretudo a reacção, digamos, ingénua, acientífica do timorense mas animista. Mas eles sabem que aqueles entes superiores estão lá em cima. Quando se fala de pai e filho e espírito santo, a trindade é isso. Eles fazem estas coisas assim (faz o sinal da cruz e de quem se está a benzer). Não necessariamente em forma de cruz mas colocavam um... como que a sangrar, a iniciação. Quem vai à guerra leva. O que a Igreja faz é isso, acreditando que isto vem do poder do espírito santo. Não estranha nada o timorense. Eles nem sequer percebiam que estavam diante dum diálogo diferente. Eles fazem tanto quanto nós fazemos. Corroborou ainda mais a fé deles, a oração, a educação mais tarde lhes veio informar que aqui se trata de uma inspiração divina. A diferença está aí. Vem de Cristo, apóstolo vai até... aqui é pensar que Deus criou o mundo e a cada terra ditou norma. Essas são as normas dos antepassados.

P: Mas os timorenses só são católicos oficialmente após a ocupação.

R: Depois de séculos de convivência, quem é que pode vir destruir esse à vontade de relacionamento. Para um timorense não é mais importante escrito no papel que ele é católico para ser oficialmente registado.

P: O que está a dizer é que já eram.

R: Para o timorense se tiver que transcrever para o formalismo burocrático a profissão da fé, e depois se colocarmos a escolher, então é o catolicismo.

P: Então foi porque os indonésios os obrigaram a escolher uma religião.

R: Veja que por vezes quando nós tentamos simplificar as coisas, a nossa lógica, vamos dizer que o timorense escolheu por esperteza. Podia ter sido por esperteza,

podia ter sido também por naturalidade. Ele vê que a religião está mais próxima dele, portanto nem é por esperteza. Agora os mais esclarecidos dizem: “querem obrigar-nos a escolher, então escolhemos o Catolicismo.” As estatísticas podem ser reunidas de várias maneiras. Mas para mim a não estranheza desde que a religião católica foi propagada qui em Timor, entre a religião Católica e o Animismo local, esta equiparabilidade dos conceitos predisbonibilizou os timorenses a, no momento da escolha formal... sempre foi a religião identificada connosco porquê? Os nossos avós sempre conviveram com essa religião independentemente se se converteram ou não. Mesmo o protestantismo surgiu em Timor mais por circunstancialismos, eu penso que no nosso caso foi mais de desentendimentos internos. Depois umas famílias decidiram afastar-se. Daí que o protestantismo em Timor seja como que uma seita em zanga com os católicos.

P: E como é que diria que foi o papel da Igreja na independência de Timor?

R: Eu diria que se não fosse a Igreja no passado, o percurso da luta timorense teria sido mais complicado. Um padre pode ter uma ideia totalmente anti-independência, pode até falar abertamente. O problema é como padre e como intérprete da Bíblia enquanto membro do clero, ele é visto como um servidor e um intérprete fiel da vontade de Deus. E a vontade de Deus nunca pode aliar-se à violência, ao abuso dos direitos humanos. As pessoas até olham para esse padre sendo uma opinião casuística. A verdade é que enquanto sacerdote e membro do clero, a própria existência dele está talhada para essa defesa.

P: Quer dizer que se não tivesse havido violação dos direitos humanos, nada disto teria caontecido?

R: Se não houvesse violação por parte dos indonésios, se não houvesse massacres, se não houvesse desrespeito flagrante pela dignidade das pessoas, a Igreja teria exercido um papel de deixar que o povo na sua consciência decida a sua escolha. E a escolha teria andado com maior pacificidade. Agora perante uma brutalidade tão grande, a Igreja acelerou-se na sua própria operação. Muitos padres nem tinham a convicção de que deviam estar a apoiar a luta. Mas como os padres muita gente... então vejamos os dois maiores partidos nacionalistas acabaram por entrar em choque. Então quem é que vai convencer? Se a UDT e a FRETILIN estivessem juntos, depois podíamos dizer: “não vale a pena, o timorense que tem orgulho de ser ele próprio como é que você vai curvar-se perante um povo assim, quase igual a nós?” Agora o nosso problema foi que os dois partidos nascionalistas maioritários decidiram entrar em bulha. E daqui uma

grande parte da população ficou apática, a ver, até ao momento em que já não podia continuar apática. Tinha que marcar uma posição.

Anexo 27

Entrevista a João Dias

João Dias tinha 6 anos quando foi a invasão. Timorense, estudou no Externato de S. José, a escola que manteve o ensino em português. Peretenceu á resistência clandestina tendo integrado a OJETIL. O seu pai era frequentemente preso e era uma das pessoas que levava hóstias a um dos padres que vivia nas “zonas libertadas”.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 16 de Julho de 2015

Pergunta: Que idade é que tem?

Resposta: Agora tenho 46 anos.

P: Tinha seis anos quando foi a invasão. E lembra-se de alguma coisa da invasão?

R: Lembro sim. No primeiro dia da invasão, voavam muito baixinho e deitavam os pára-quedistas. Era por volta das 4 e meia ou cinco horas assim bem cedinho. E nós raramente eu vira um voo assim tão baixo. Naquela altura era pior ainda. Naquela altura para uma criança era estranho. A primeira coisa que eu vi foi o meu pai sair. O meu pai era militar. Saiu sem farda nem nada, com um terço. Andava com um terço na mão. Depois os meus pais contaram a história sobre os pára-quedistas e esta história nós vimos quando vai crescendo, aumentando mais o que é o nosso conhecimento do que é páquedistas. Quando os indonésios invadiram, o voo era muito baixo. Já nadava na escola pimária.

P: Não foi à escola nesse dia.

R: Não. A partir daí a escola fechou. Não houve mais escola até a Indonésia começar a abrir outra vez a escola.

P: E quando é que começaram a abrir outra vez escola?

R: Eu acho que foi em 76 ou qualquer coisa assim.

P: E depois quando é que começou a ganhar consciência de que havia uma violação dos direitos humanos?

R: A consciência da violação dos direitos humanos naquela altura nós não sabemos, não ouvimos sobre os direitos humanos. Nem os nossos pais falavam nisso. Naquela altura, eu acho que o conhecimento da cultura geral sobre os direitos humanos era, eu acho que quase zero. Mas sentimos aquelas dificuldades porque o meu pai foi preso muitas vezes.

P: O seu pai deixou de ser militar. Era militar português.

R: Era militar português. Deixou de ser militar. E foi capturado muitas vezes. E quando o meu pai foi capturado muitas vezes, quase a família toda foi presa porque nós não deixamos o nosso pai ir sozinho preso. Porque normalmente quando era capturado ficava desaparecido sem voltar a casa. E então a nossa família não deixava. Então todos nós andávamos atrás do meu pai. Então naquela altura a gente percorre... e o posto da polícia ali em Becora lá em cima, era quase todos os meses a nossa casa. Pelos menos dormíamos ali 3 ou 4 dias seguidos.

P: E porque é que o pai era preso?

R: O meu pai era contra tudo aquilo que a Indonésia andava a fazer. Primeiro por causa da invasão. O meu pai era militar. Ele disse: militar é declarado (aquilo que ele contou quando depois de crescermos) é declarado internacionalmente para que o povo se deve preparar e enfrentar.

P: Quer dizer que o seu pai pertencia à resistência?

R: Sim, o meu pai pertencia à resistência.

P: O que é que ele fazia?

R: Ele fazia muitos trabalhos da clandestina. Dou um exemplo daquilo que nós conhecemos. Naquela altura ainda havia muitos padres que estavam nas montanhas, o padre Carlos, um padre açoriano que já faleceu, um missionário que esteve em Timor há muitos anos. Eu não tenho a certeza absoluta nem sei em que ano é que ele entrou em Timor. Mas é um padre muito conhecido em todo o Timor. Ele ainda naquela altura esteve no mato. Precisava de hóstias para ir fazer missa lá em cima. O meu ainda levava hóstias à igreja, escondidas até naquelas montanhas para entregar ao senhor padre. Não sei se foi o padre que veio receber ou se havia um estafeta que veio e recebeu.

P: Portanto ia entregar as hóstias aos padres que estavam nas zonas libertadas.

R: Exactamente era isso sim.

P: E era apanhado pelos indonésios?

R: O meu pai nunca foi apanhado. Ele sabe trabalhar bem porque era militar, era quadro. Naquela altura era primeiro cabo porque ele tinha conhecimento de como esconder, seguir os métodos para não ser apanhado. Nunca foi apanhado. O meu pai foi denunciado pelos outros. Foi denunciado, foi apanhado e depois muitas vezes ele andava a falar contra a Indonésia francamente. Politicamente ele falava contra. Ele não gostava da violação dos direitos humanos. Ele não gosta de ver o desaparecimento dos timorenses. Naquela altura muitos desapareceram. Depois foram capturados, torturados sem justiça. E mandaram os timorenses atacarem uns aos outros. Eles naquela altura, eles fizeram uma espécie de paramilitares ou milícias. Armaram os timorenses e atacaram os timorenses. O meu pai não gostava disso. Então quando criticou, não seguiu o que os militares indonésios queriam e foi preso.

P: E você quando é que toma consciência?

R: Enquanto criança aquilo que eu gostava mais era de brincar. Eu naquela altura gostava mais de jogar futebol e jogava berlindes. Mas como criança andava sempre preso e ver o pai a ser torturado à frente da criança, veio sempre aquele ódio. Fica

logo com rancor. Isto não desapareceu até agora. Eu muitas vezes encontrava aqui muitos indonésios, eu tenho a minha própria cunhada é indonésia. Muitas vezes eu andava a falar contra os indonésios, esquecendo que eu tenho os meus sobrinhos e a cunhada que é indonésia. Mas isto porque não é um ódio. Mas desde criança o pai é torturado, é castigado, com os filhos dentro de uma sala à frente da casa de banho, então isso parece que está sempre aqui no coração.

P: O que é que faziam ao seu pai?

R: O meu pai naquela altura não trabalhava. Só trabalhava nas hortas.

P: Mas o que é que eles lhe faziam?

R: Torturavam, batiam, pontapés e murros e com aquele cinto de militares (aquele grande) bateram ao meu pai, até sangue saiu por aqui (aponta para a cabeça), saiu pelos ouvidos, saiu pela boca.

P: Então e você entra na resistência quando?

R: Pertenci à resistência desde que vi com os meus próprios olhos quando batiam aos meus pais. Veio logo aquele ódio e resistência contra a Indonésia. Perante isso nós temos logo aquela preocupação de saber ouvir notícias sobre Timor, sobre qualquer coisa contra a Indonésia, informamos o nosso pai. E informei o meu pai. E nós éramos quase como estafetas. Levávamos a algum sítio para levar a qualquer pessoa da resistência sem sabermos.

P: O vosso pai utilizava-os.

R: Sim. Leva isso, tem lá um tio que está ali. A gente chegava ali entregava as cartas, medicamentos qualquer coisa, sem saber. Vai como uma criança. Parece inocentemente mas com aquela rejeição que já temos, desde criança rejeitamos isso. Depois isto vai crescendo. Crescendo também conforme o nosso conhecimento da História geral. Quando já estamos na Escola Secundária a própria constituição da Indonésia diz que a independência é direito de qualquer nação. Isso vai-nos ensinar mais para ficarmos a saber mais que aquilo que a Indonésia está a fazer não está correcto.

P: E onde é que estudou? Estudou no externato de S. José?

R: Eu não. No princípio estudava na escola que chamamos por SDE. Escola básica 07, lá em Becora. Mas o meu pai não gostava porque tudo era ensinado em língua indonésia. Quando eu andava a decorar matemática com a língua indonésia, o meu pai deu-me uma bofetada e eu caí. O meu pai também não sabia, pensava que a escola ensinava em português. Tirou-nos da escola. Ficámos acho que mais do que 3 ou 4

anos em casa. Depois o meu pai ouviu dizer que havia uma escola que ensina em português lá na residencial do bispo, antes era o bispo Belo, lá em Lecidere. Então levou-nos ali. Isto foi já no tempo do bispo Belo quando recomecei a estudar. Então foi a madre Margarida, a gente chama a boa madre, que já faleceu (acho que faleceu nos anos dois mil e tal). Então levou-nos ali e ali é que começámos a estudar a primária na Escola do Externato de S. José. Naquela altura quem entrou nessa escola é um símbolo de rejeição dos indonésios. E aí nós também sabíamos porque nós utilizámos a bata toda a semana. Muitas pessoas sabiam isso: aqueles que utilizavam a bata era um símbolo de rejeição da Indonésia.

P: E diz que no Externato havia também alguma educação nos sentido da luta pela independência, sentia isso ou não?

R: Eu tenho mais a consciência de começar a lutar, participei desde criança mas naquela altura era uma participação não activa. Criança é uma participação activa mas não é constantemente. Depende da necessidade dos pais ou alguém que quer falar com os nossos pais. Mas depois chega no momento em que nós chamamos de participação activa. Isto o nosso trabalho é constantemente pensar em Timor, lutar por Timor. Como fazer, puxar os nossos outros amigos e conterrâneos a lutar contra a Indonésia. Isto começou na escola preparatória. Começou no 7º ano para cima. Já temos aquela noção totalmente que é a participação activa na nossa luta. Éramos mas por exemplo nós copiamos aquelas frases que têm o seu significado. No Externato S. José quase a maioria das pessoas andavam a decorar isso. Eu não tenho a certeza, nem sei até agora quem é o autor desta frase que diz: “Não só com a arma se luta contra o inimigo mas também contra a caneta”.

P: E quem é que vos ensinava essa frase?

R: Isto nós encontramos nos livros. Nos livros e cadernos, alguns escrevem, a gente copiava e colocava nos vários sítios. Depois tem uma expressão de língua indonésia que em português significa: “É melhor morrer, do que viver abaixo dos invasores”. Isto já vem em crescendo e depois ainda mais na nossa escola, no Externato de S. José, os que andavam a ensinar ali, as professoras e os professores, os padres são todos aqueles que andavam a rejeitar a nossa independência. Mas não rejeitam como aquilo que nós já chegámos, na altura, a fazer manifestações ou gritar. Mas eles ensinam-nos pelo meio da ciência.

P: Acha que os padres naquilo que ensinavam também vos ensinavam a resistir?

R: Sim. Porque eles não ensinam directamente. Mas pelo meio das aulas, eles não nos dizem para resistir contra a Indonésia. Mas a lição, por exemplo uma das frases que eles diziam era: “para Timor ficar melhor , vocês têm de estudar e fazer qualquer coisa”. Eles não dizem para Timor ser independente, dizem para Timor ser melhor, para ficar melhor, para governar a vossa terra. Portanto, discretamente deu-nos a instrução de que a independência era a única, a melhor solução para viver melhor na nossa pátria, para no mínimo viver com dignidade. Porque naquela altura, no tempo da Indonésia, nós os timorenses não sentíamos que somos os donos da terra. Eu vivo aqui neste bairro, encontrar um indonésio parece superior que um próprio timorense.

P: Quando é que entra depois na resistência estudantil? Fez parte da RENETIL?

R: Não. Eu fiz parte da OJETIL (Organização Estudantil de Timor-Leste). A RENETIL era a resistência de estudantes de Timor-Leste mas era na Indonésia. A RENETIL assume mais a sua luta na Indonésia. Parece que como um intermediário entre o exterior e o interior. E a OJETIL era aqui em Timor.

P: E quantos é que vocês eram?

R: Naquela altura ninguém tinha coragem de dizer quantos militantes é que têm. Quase a maioria da juventude que nós encontramos, que estamos na escola ou que andam connosco, era tudo da OJETIL. Porque naquela altura era a única organização que sobressai mais. Portanto naquela todos os estudantes...

P: E o que é que faziam?

R: Nós fizemos várias coisas. Espécie de uma campanha contra a Indonésia. Muitas vezes a gente a fazer a campanha e a Indonésia sem saber. Porque naquela altura quando terminava o 9º ano para entrar no 10º ano tem de se fazer o teste. No Externato de S. José, não. Mas assim nas escolas públicas da Indonésia era assim. E muitas vezes, muitos timorenses não conseguiam passar nessas escolas que são públicas. Eram mais filhos de indonésios ou os que eram a favor da Indonésia. Então nós incentivávamos os estudantes, aqueles que não passavam a fazer manifestações. Bateram nos filhos dos indonésios nessas escolas públicas, atacaram aquelas pessoas. Nós juntávamo-nos com aquelas pessoas para fazer um protesto contra o próprio governo indonésio em Timor. Mas também incentivar os jovens a fazer as manifestações para que dessem lugar aos timorenses nessas escolas públicas. Depois nós vamo-nos organizando

P: E eram muitos?

R: Éramos muitíssimos sim.

P: quantos?

R: Não posso dizer.

P: E era por todo o Timor?

R: Era por todo o Timor. Porque naquela altura qualquer organização não tem a coragem de dizer quantos elementos tem. Nós temos imensos. Quase todos os timorenses. A minoria é que estava com a Indonésia. Mas quase todos não tinham coragem de falar mas eram a favor da libertação, da luta contra a Indonésia.

P: E vocês tinham ajuda dos padres?

R: Nós tínhamos imenso. Porque não havia nenhuma manifestação... lembro-me só uma manifestação que fizemos sem estar debaixo do tecto da Igreja foi no Hotel Turismo, 1990.

P: Quando veio o embaixador americano?

R: Exacatamente.

P: Também lá esteve?

R: Eu e a minha irmã. Era não sei se único, mas foi a primeira vez que fizemos fora do tecto da Igreja. Mas depois quando fomos atacados, torturam-nos ali, bateram-nos ali, todos nós fugimos para a residência do bispo. Havia um polícia timorense, que era polícia da Indonésia, cercaram-nos ali nesse sítio. Alguns dos nossos já foram levados para o hospital porque rebentaram a cabeça. Nós juntámo-nos ali e rezámos. Naquela altura já não me lembro se rezámos o terço ou uma Avé Maria ou qualquer coisa. Mas começámos ali a rezar e os indonésios bateram-nos à frente do Hotel Turismo. Depois juntámo-nos todos ali e vieram várias camionetas. Veio um polícia timorense, ele aproxima-se e fez um gesto para não sairmos do sítio. Ele chegou e disse assim: “vocês melhor fugirem já para casa do bispo porque nós vimos com aquele transporte para vos transportar para a polícia. “ Foi assim que nós nos levantámos e começámos a caminhar para a residência do bispo.

P: Mas primeiro levaram pancada?

R: Levámos. Levaram todos. Uns desmaiaram e foram levados para o hospital. Fomos para a residência do bispo, ficámos ali. O bispo no princípio também não queria abrir o portão. Ele ainda andava chateado connosco. “Mas quem é que vos mandou fazer manifestações?” Eu respondi ao bispo. Naquela altura eu disse que não tinha medo de morrer mas não quero que os indonésios agarrem nos nossos corpos e os levem para outro sítio e fazê-los desaparecer. O bispo entrou e depois mandou um

empregado abrir a porta e nós todos pudémos entrar. Mas quando entrámos ali vários com mãos partidas, pés partidos, cabeça partida. Eu e mais alguns não apanhámos.

P: Mas para passarem as vossas informações tinham ajuda dos padres ou não?

R: Tínhamos imenso. Nós fizémos um abaixo-assinado para entregar ao núncio apostólico, Canalini que era núncio apostólico do Vaticano para a Indonésia e para Timor. Nós entregámos aos padres.

P: A que padre é que entregaram?

R: Um padre de que eu me lembro bem era o padre João Felgueiras, era o padre José António e o padre Francisco Barreto.

P: O padre José António da Costa que era vigário-geral?

R: Sim, era um desses. O padre João Felgueiras e o padre Francisco Barreto. Depois entregou a outro padre. Eu não tenho a certeza mas acho que ele entregou a outro padre para entregar.

P: E documentos da resistência também passavam através dos padres?

R: Muitos. Lembrei-me uma vez quando o presidente da RENETIL foi capturado na Indonésia. Foi em 91. Quando acabámos aqui as manifestações de 12 de Novembro, eles fizeram lá na Indonésia e foram todos presos. Então eles renovaram a estrutura. Escolheram um novo presidente e esta nova estrutura mais alguns documentos (os documentos naquela altura era só os jornais que falavam sobre Timor em português em Portugal). Mandaram para a Indonésia e depois eles mandavam entregar para o interior. E então não conseguiram chegar à montanha aos guerrilheiros – porque naquela altura em que o Xanana foi capturado, acabaram com todas as redes clandestinas, ou ainda havia mas tinham receio. Então o único que eu lembrei era por meio da Igreja em Ainaro para entregar ao Ma ‘Huno.

P: Quem era o padre da Igreja de Ainaro?

R: Era o padre Francisco Barreto. Fui ali sem avisar. Ele viu que eu cheguei de repente, viu que eu tinha de levar qualquer coisa importante. Naquela altura eu não conhecia a residência do padre. Fui directamente para... o autocarro chegou era hora do almoço. Ele ainda almoçou com o actual bispo da diocese de Maliana, D. Norberto. D. Norberto era padre mas nós não tínhamos confiança com D. Norberto. Quando cheguei o padre virou a conversa. “Vem visitar algumas crianças, alguns dos teus amigos ou sobrinhos que estão neste colégio?” Eu disse: “sim”. Depois quando o bispo actual saiu: “há alguma coisa?” Eu disse: “sim.” Este é só um exemplo. Mas

todas as manifestações que nós andámos desde 89. A primeira manifestação em Timor é sempre debaixo do tecto da Igreja. Em 89 foi Taci-Tolu com o Papa.

P: Também lá estava?

R: Estive lá. Eu com o marido de D. Micató, ex-ministra da Segurança Social de Timor-Leste. Ela deu-me as folhas eu atirei as folhas nas ruas para incentivar as pessoas para fazerem a manifestação, para não ter medo.

P: E havia padres que sabiam que vocês iam fazer essa manifestação?

R: Muitos deles sabem.

P: Vocês avisavam-nos?

R: Não, havia uma combinação. Tenho a certeza disso.

P: Tinha a certeza porquê?

R: Porque naquela altura a maioria dos padres era a favor da independência.

P: E porque é que os padres estavam do vosso lado?

R: A Igreja Católica, eu não tenho o conhecimento sobre as outras Igrejas, mas a Igreja Católica aquilo sobre o que eles querem falar é verdade e contra a violação dos direitos humanos. Portanto a Igreja está mais perto da população. A Igreja Católica está em todos os sítios de Timor. Sabe e conhece muitíssimo bem a situação de Timor. Eles sabem das pessoas que desapareceram à noite, foram torturadas, levaram tarefa, os militares intimidaram. Eles sabem totalmente. O padre que não quer falar nisso, para nós naquela altura era um padre que não defende a lei de Deus, não defende a Igreja, não defende a moral da Igreja, não defende a doutrina da Igreja. Porque isto não é uma coisa escondida. Porque há pessoas que foram capturadas, como a nossa família. Nós à noite fugimos ou aproveitamos de dia a qualquer hora, vamos avisar a Igreja.

P: Avisavam sempre?

R: Avisávamos sempre os padres.

P: E porque é que era esta ligação tão forte?

R: Naquela altura não havia outra pessoa para nós a quem fazer chegar o nosso sofrimento. É quem defende a verdade. A verdade não é só a independência. A verdade é aquilo que a Indonésia fazia: torturavam as pessoas sem serem culpados. Capturaram pessoas que desapareceram. Eu tenho a certeza absoluta, os dados actuais de Timor, os que desapareceram no tempo da Indonésia não foram encontrados até agora. Portanto isto são coisas rejeitadas pela Igreja. A doutrina da Igreja católica não ensina isso. Portanto aquilo que nós fizemos chegar aos padres foi primeiro porque

acreditamos que eles são homens verdadeiros, o homem que defende a verdade, o homem que sente a dor do povo simples. E nós temos aquela esperança de que eles possam ir falar com a Cruz Vermelha Internacional ou pelo menos ir ter com os militares indonésios para não matarem.

P: Era isso que vocês falavam entre vocês? Que os padres vos protegiam?

R: Exactamente. Porque naquela altura quando se é capturado, quando se está preso a gente dizia graças a Deus ainda está na prisão. Ele está preso, graças a Deus. Normalmente os indonésios dizem que levam para o mar e mata ali. É engolido no mar. Naquela altura há uma frase muito conhecida em todo o Timor: “mandi lau” (?). E até muitos timorenses fugiram para a Igreja. Uns padres não tinham coragem, não receberam.

P: Havia padres que não tinham coragem?

R: Muitos que não tinham coragem. Lutam mas não tinham coragem de esconder. Alguns que fugiram dos maus tratos, fugiram do risco de vida. Mas alguns fizeram. Aquele que conheço de falar com ele e até da nossa família fugimos até lá, o nosso bispo D. Alberto Ricardo.

P: E fugiram para onde?

R: Naquela altura ele ainda era vigário-geral e estava na Câmara Eclesiástica. Era vigário-geral de D. Martinho. Foi ele que salvou. Se não éramos castigados e diziam que nos lavavam para Ataúro. A minha mãe não tinha a certeza de nos levarem para Ataúro. A minha mãe tinha a certeza que nos deitavam no mar. Então quando saímos da companhia da Indonésia, que agora é a sede da Casa Europa, ali era o quartel general dos militares indonésios em Díli. Chama-se CODI. Fomos ali castigados. Eram 5 horas da manhã. Saímos dali eu e a minha mãe, eu ainda era criança, fomos ter com o padre. Eram sete horas da manhã cedinho. Fomos para ali o bispo, na altura vigário-geral, ainda não tinha tomado o pequeno almoço. Fomos com ele no carro fomos para o Estado Maior dos militares indonésios em Timor. Fomos directamente encontrar com ele. Lá havia um padre indonésio, capelão, fomos ter com esse padre e o levou-nos ao encontro do Chefe de Estado maior indonésio em Timor.

P: E porque é que foram lá ter com ele?

R: Porque os indonésios nos querem levar a todos para onde? Disse para Ataúro ou para um sítio onde nós não sabemos.

P: E era você , o seu pai ...

R: A família toda.

P: Quantos irmãos é que tem?

R: Éramos 8. Com os pais 10.

P: E portanto vocês recorriam à Igreja porque os padres estavam do vosso lado.

R: Primeiro que tudo a Igreja defende mais a sua moral.

P: Acreditavam nos padres. E acreditavam porquê?

R: Tenho a certeza absoluta que eles ao verem a batina, era um símbolo da paz.

P: Quem os indonésios?

R: Sim, pensavam nisso.

P: Mas vocês, vocês recorriam ao padre porquê?

R: Não vai outra solução. A gente vai para onde? Para os militares indonésios ou vai para o governo indonésio. Se eles andavam atrás de nós!...

P: Mas por exemplo D. Carlos às vezes não vos quer abrir a porta.

R: A gente não queria saber. Por exemplo, quando ele não quer, nós discutimos. Mas depois ele voltou e mandou o funcionário abrir (na manifestação do embaixador americano, em frente ao Hotel Turismo). Nós sabemos a única pessoa...

P: E porque é que vocês acham que os indonésios não vos faziam mal quando estavam nas Igrejas?

R: Não faziam sempre. Mas nós sabemos que a única pessoa mesmo que nós tivéssemos morrido ou desaparecido, era a única pessoa que lá vai.

P: Sentiam que eles eram vossos representantes?

R: Eu naquela altura não sei o que posso dizer. Porque os padres naquela altura tinham várias funções. Podia ser como polícia. Havia vários problemas de família e nós podíamos ir ter com os padres para nos aconselharmos. As mulheres ou os homens com mulhere se maridos desaparecidos foram ter com os padres como conselho psicológico. Na vida social muito pior. Iam ter com os padres para sobreviver: educar, comer um dia. E eles fizeram tantos, tantos trabalhos que um padre naquela altura funciona como tudo. Naquela altura são os únicos com quem vamos ter e eles não matam. A gente ali não íamos receber pancada nem pontapés. Isso temos a certeza absoluta.

P: Portanto iam ter com os padres por causa da protecção?

R: Exacatamente.

P: E sentiam que eles de alguma forma vos representavam ou não? defendiam os vossos direitos?

R: Isso nós temos a certeza absoluta. Primeiro porque eles falam a verdade. Porque não há um padre, não há um freira que queiram ver as pessoas serem mortas, os seus próprios cristãos à frente deles, torturarem os cristãos na sua frente. Eles não gostam de ver desaparecer o cristão da sua paróquia sem saber o seu paradeiro. Isto nós temos a certeza absoluta. No mínimo eles iam ter com os militares a perguntar pelo que desapareceu. O mínimo eles podem fazer isso. De resto, nós não temos mais certezas, não temos mais ninguém. Naquela altura não havia lei. A lei era de quem tem mais força. Como os militares tinham mais força...

P: E os padres intermediavam.

R: Exactamente. Nós temos sempre a certeza absoluta que no máximo eles podiam intermediar. Havia um rapaz que não sei se está vivo ou morto. Também foi perseguido, ficou na casa do bispo. Nem o bispo conseguiu fazer de intermediário. Ele foi para a montanha.

P: E acha que os padres foram importantes na denúncia do que se passava em Timor?

R: Muito importante. Porque aquilo que eles andavam a dizer são os factos reais. No mínimo, na comunidade internacional sabiam que havia alguém que fala a verdade. Porque naquela altura, só um timorense é muito difícil.

P: Portanto acha que os padres credibilizavam as vossas denúncias.

R: Exactamente. Eu lembro-me que uma vez quando estive aqui um activista indonésio que trabalhava numa ONG indonésia. Para as pessoas que não têm a confiança nos defensores públicos diziam para ir ter com ele. Ele chegou cá, nós andámos a trabalhar parte da rede clandestina para levar todos os documentos em relação à captura e de pessoas torturadas. Eu tirei essas informações e entreguei e ele manda para a Amnistia Internacional na Holanda e outros sítios. Então ele acredita muito nos padres e ele é muçulmano. Acredita porque ele diz assim: “São aqueles que têm a possibilidade de ouvir a população a falar. São os únicos que têm coragem de chegar até ao centro da população.” Naquela altura qualquer pessoa não entra ali para falar e pedir qualquer informação. Nem a população tem coragem, nem eles têm coragem de ir lá ter com as populações.

P: Os padres eram as pessoas que estavam nos locais

R: Estão sempre no meio da população, digamos assim.

P: E o João é católico?

R: Sou católico praticante.

P: E é católico praticante porque viu a Igreja fazer o que fez por Timor-Leste ou seria sempre?

R: Eu desde criança que sou católico. Os meus pais levaram-me para a Igreja desde criança. Com dois ou 3 meses baptizaram-me. Desde que fui baptizado, os meus pais levaram-me para a missa todos os dias. No mínimo, todos os domingos. Depois quando tinha 6 anos andava a frequentar a igreja como acólito cruzada. Depois eu fundei um grupo lá na igreja vai fazer 30 anos. Na minha vida foi sempre assim. Não foi por ver os padres a lutarem por Timor que eu fui católico. Eu era já católico. Mas aquilo que os padres andavam a fazer veio-me confirmar a doutrina da Igreja, a fé da Igreja católica, daquilo que eles andavam a falar.

P: E acha que foi também por causa disso que houve uma grande catolização maciça da população? Ou foi porque os indonésios obrigavam as pessoas a escolher uma religião?

R: Naquela altura, nós quando temos um cartão de identidade, temos que ter a religião. Ou católico ou muçulmano. Todos aqueles que ainda não se baptizaram são todos católicos. Puseram o nome e deram-se como católicos mesmo que não fossem baptizados. Não é por isso. Eles sabem que a Igreja Católica é a única que defende a verdade. A Igreja também não obrigou. A igreja não viu o BI e disse: “já é baptizado? Ainda não. Então tem de ser.” Não a igreja nunca falou nisso. Eu também fui catequista. Eu era o único do grupo que andava a percorrer a nossa paróquia toda. A nossa paróquia era grande. Agora a nossa paróquia dividiu-se em 4 paróquias e 3 ou 4, quase 5 paróquias. Eu percorri tudo. Como católico. Mas aquilo que me deu mais vontade de ser católico era aquilo que os padres afirmaram.

P: Portanto as pessoas viam os padres defenderem e identificavam-se?

R: Exactamente.

P: E a rede da Igreja. Acha que foi importante a Igreja ter uma rede no mundo para passar o que aqui se passava?

R: Eu não sei no outro mundo eu não sei. Mas em Timor eu tenho a certeza absoluta que foi muito bem encontrar uma Igreja Católica muito bem estruturada. Em Timor ou em qualquer parte do mundo. Eu procurei fazer campanha por todo o mundo, qualquer Igreja católica está sempre com Timor. Mas também está sempre com o povo indonésio. Aqueles que sofreram mas não tinha alguém que tinha a coragem de denunciar. Naquela altura havia um bispo indonésio quando o bispo Belo escreveu a carta às Nações Unidas a pedir um referendo, havia um bispo indonésio que dizia

assim: “para acabar com a ditadura indonésia, deve haver outro bispo igual como o bispo Belo.” Aqui na Indonésia. Isto significa que é aquilo que vem afirmar que a Igreja Católica tem a sua doutrina, a sua filosofia de falar a verdade daquilo que eles viram. Ver por parte da Igreja Católica. O Vaticano por exemplo podia preferir que Timor ficasse com a Indonésia. Era a vantagem da Igreja Católica porque a maioria da Indonésia é muçulmana. Se tiver mais uma província com 90 e tal por cento de católicos, dentro de uma nação, era muito melhor para reforçar os católicos da Indonésia. Para a nossa filosofia de cristianização, poderia alargar mais. Mas não, a Igreja tem de falar a verdade. A verdade é que vem afirmar e foi assim que até o próprio bispo católico da Indonésia é que diz o que disse.

P: Mas o bispo Belo muitas vezes foi criticado em oposição a D. Martinho. Qual é a sua opinião?

R: O Xanana também quando foi capturado, todos não gostavam. Nós temos aquela sorte que havia duas pessoas que, intelectualmente, sabiam lutar contra o inimigo. Ganhar o inimigo sem esforço.

P: Quem eram essas duas pessoas?

R: O bispo Belo e o Xanana. Se o bispo Belo naquela altura tivesse lutado forte e feio contra a Indonésia, ele não chegava a bispo porque havia uma grande campanha no Vaticano para que Timor ficasse com a Indonésia.

P: Está a falar do Vaticano que teve uma posição ambígua. Achavam que o Vaticano vos devia ter defendido mais?

R: Exactamente sentimos isso. Mas temos aquela sorte que havia esta posição intelectual. Lutar com calma. Amansar as pessoas e depois então ir até lá e fazer chegar aquilo que nós queremos. Foi assim que o bispo Belo fez. Foi assim que o Xanana fez. No princípio o Xanana quando veio disse tudo que fez mal. Mas quando a Indonésia abriu a porta e vieram todos os jornalistas nacionais e internacionais ouvir, ele disse não. Foi a grande jogada. Foi assim também a jogada do Vaticano, João Paulo II. Fez tudo com calma.

P: E porque é que vocês usavam as celebrações religiosas muitas vezes para se manifestarem?

R: Não há outro sítio para fazermos manifestações. Se nós escrevermos uma carta à Indonésia a pedir a legalização para fazer não dá. Aquele que escreveu a carta é logo morto.

P: Portanto isso era consciente da vossa parte?

R: Temos a consciência que não há outro sítio para nos podermos juntar. Nós não podemos ir para um campo grande e leia agora o pedido de licença: “vamos fazer uma manifestação.” Aquele que escreveu a carta, ainda antes da legalização, já não tem cabeça. Portanto aproveitávamos. Temos consciência que fizemos mal mas temos a consciência também que a Igreja gostaria que o povo falasse a verdade perante de Deus.

P: Mas o bispo Belo não gostava nada disso.

R: Não gostou mas paciência. Porque a Igreja também não gostava que as pessoas fossem comungar com o pecado. Tem um remorso com a Indonésia, então vai comungar. Não é melhor mostrarmos que nós não gostamos. Uma vez o bispo até zangou, mas paciência.

P: Portanto vocês respeitam os padres, o bispo, mas também se tiverem que discordar dele discordam

R: Discordamos. Isto é uma características dos timorenses. Quando discordamos falamos à frente sem dor. Foi isso que nós fizemos. Muitas vezes nós achámos que era mal aproveitarmo-nos da Igreja mas não há outro sítio.

P: E acha que a Igreja foi fundamental?

R: Se não tivesse vindo o Papa João Paulo II talvez Timor não tivesse tido a independência.

P: Acha que esse foi o marco para virar a história?

R: O marco essencial partindo do princípio para a independência. Para ter o poder e a força de vontade. Porque ali é que chamou a atenção de todos os jornais internacionais à resistência em Timor. Incluindo a todos os timorenses de que a luta ainda está viva.

P: Não foi Santa Cruz?

R: Santa Cruz é a continuação. Foi a continuação da visita do Papa. Depois da visita do Papa, isto nunca parou. Santa Cruz foi a continuação. A vinda do Papa é o mais importante de tudo para mim em relação à independência, para afirmar aquilo que nós ainda temos aqui.

Anexo 28

Entrevista Padre Francisco Barreto

O padre Francisco Barreto, timorense, tinha 64 anos à data da entrevista e era pároco do Hospital Guido Valadraes, em Díli. Era seminarista no Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Dare quando se dá a invasão. É de lá que assiste à entrada dos indonésios. Foi um dos padres mais envolvido com a resistência. Foi devido à sua interferência que Konis Santana assume a liderança da guerrilha. Foi pároco em Ainaro, Aileu e foi presidente da Cáritas em Timor-Leste.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 17 de Julho de 2015

Pergunta: Onde estava e como viu a invasão?

Resposta: Na Invasão estivémos em Dare com padre Martins a 7 de Dezembro de 1975. De manhã cedo estivémos a preparar para a missa e essa coisa toda. No sábado à noite sempre as ameaças do rádio da parte de Timor Ocidental pelo senhor Chico Lopes que é presidente da UDT, passou para a Indonésia...sempre a dar-nos atenção, alertas:”A esta hora as forças indonésias vão entrar. Vocês têm de enterrar todos os objectos. As coisas preciosas vocês escondam porque senão os soldados é que fazem destruir.” A gente não deu muita atenção a isso. Para arrumar as coisas todas da casa é um bocado cedo. Venha o que vier. Cedinho mais ou menos às 3 horas de madrugada, os aviões vêm do mar da parte do Oeste a lançar talvez...por aí. Depois tiroteios daqui da terra. Toda a cidade de Díli, a electricidade apagou-se a gente só ver os brilhos das balas. Depois aí às tantas sempre assim. E às seis horas da manhã começam os barcos a aproximar. Tantos barcos... conseguimos contar naqueles momentos 28 barcos incluindo os barcos de transportes de cargas. Depois às 6 horas da madrugada, o barulho de aviões... de arma...os aviões entararam logo para cá. Os aviões sempre assim (faz gesto de aviões em linha). Primeiro chegam à praia... os pára-quedistas nas praias. Depois regressam. Avançando assim sempre até à encosta da monha, até às 11 horas mais ou menos. Onze, doze horas.

P: Então estava em Dare.

R: Estivémos em Dare e padre Felgueiras conseguiu filmar aquilo. Mas depois quando os soldados chegaram a Dare levaram toda aquela máquina grande, máquina antiga. Eles levaram tudo.

P: Assistiu também à ocupação de Dare?

R: Sim estivémos em Dare.

P: Sim mas depois os indonésios foram ocupar Dare, o Seminário. E estava lá

R: Sim, sim estivémos aí.

P: E conte lá como é que foi esse dia?

R: Depois começou a avançar. Dia à dia. Dia após dia sempre a avançar porque apoiado por tanques de guerra. Aqueles barcos de guerra a vomitarem canhões e por aí fora. Depois tanques de guerra. Mas eles chegaram lá em Dare 23 de Dezembro. Levaram umas semanas e tal para subir a encosta. Mas antes disso no dia 13 de Dezembro eles bombardearam. Mandaram bombas de tanques de guerra e de barcos e destruíram o Seminário. E deixámos o Seminário e ficámos aí nos arredores do Seminário porque o Seminário já estavam bombardeado sempre... então ficámos aí...

o padre Felgueiras. Ficámos aí perto do Seminário, lá dentro de Santa Cruz, em Lahane na casa de uma família. Padre Martins e irmão Ornelas ficaram ali na garagem... Lopes. Quando no dia 24... 23 para... 23 à noite eles ocuparam. As forças das FALINTIL, eles vão recuando à medida que as tropas indonésias com aquelas forças todas foram avançando por aí fora. Chegaram ali quando nós estivémos, eu com dois colegas estivémos num abrigo. Escavámos a terra dois buracos para poder salvar-se dos estilhaços. Alguns ficaram na residência, no Seminário Menor, no pré-seminário com padre Felgueiras e naquele momento era o pároco daquela Igreja o falecido bispo D. Ricardo. Era o pároco ali como outros padres foram. Ele era professor e depois ficou como pároco.

P: E o senhor padre era seminarista lá?

R: Era seminarista. Depois de acabar o sexto e sétimo ano pronto estivémos à espera para arrancar para Portugal ou outras partes do Seminário que o senhor bispo mandava.

P: Então assistiu à ocupação de Dare pelas Forças indonésias?

R: Sim

P: E isso foi dia 23?

R: Começou a Vinte e quatro.

P: E como é que foi ?

R: Eles passaram por ali. E quando estivémos para a missa de 24, os soldados entraram... toda a gente aí...”sentar-se. não pode mexer-se.” Eles continuaram a missa. Depois acabaram a missa. “Onde estão os FALINTIL?” Eles procuraram. Passaram por aí sim pelas montanhas fora. Eles foram atrás. Deixaram aí uma companhia para vigiar aquela população toda que estava no Seminário e os outros vão avançando por aí fora.

P: E o senhor padre sabia se havia padres a favor da integração antes da invasão? E mesmo depois?

R: Isto quer dizer são opções políticas que alguns preferem os indonésios e outras coisas.

P: Mas havia?

R: Havia, não sobressai. Isso com padres não tem partidos. Simpatias sempre há. Há sempre alguém que opta por isso. Eu como seminarista, os padres diziam: “o seminarista não pode ter partido.” Pronto eu não...

P: Nunca teve?

R: Nunca tive simpatia por qualquer partido embora nós queremos a independência, queremos a independência. Como um timorense...se vier a Independência, melhor. Agora como? Mas a independência como deve ser. Com regras normais. Naquele momento a UDT é que era contra disse que a gente devia ter uma federação com Portugal e depois vai ficar independente. FRETILIN queria independência imediata... mas com as suas ideologias, com as suas maneiras revolucionárias... toda a minha família quer a independência.

P: Toda a sua família?

R: Toda a minha família.... Em 74, quando fui de férias à minha terra, a Suai, eu disse à minha família: “Eu como seminarista não posso entrar em qualquer partido. Vocês têm a liberdade optar por partido que melhor parecer. Nós estamos já fartos do colonialismo, estamos a sofrer, queremos a independência seja como for.” Eu disse: “FRETILIN tem lá as suas ideologias depois a gente fica sofrendo, com as ideologias socialistas, depois o mundo não aceita bem naqueles momentos. Há aquelas guerras superpower.”

P: Está a falar do facto da FRETILIN se assumir como comunista?

R: Sim com ideologia comunista. Mais tarde é capaz da gente cair noutra ditadura. Mas não faz mal vocês lá têm. Eu quero a independência, quero ficar independente mas assim de boas maneiras. E depois a gente sempre à procura de uma maneira melhor para o povo. Não temos outras alternativa., aquilo que pode ser... Como sou seminarista não posso seguir um partido. Seja UDT ou seja FRETILIN... independência morte... morte ou vida, independência. Agora APODETI querem Indonésia através de um referendo, uma autonomia e depois um referendo mais tarde. Mas naqueles momentos a gente entende por integração com a Indonésia.

P: Contam-me que o senhor teve um papel activo. Que papel é que foi esse na ajuda aos resistentes? O que é que fazia concretamente?

R: Na altura quando fomos... em 77 fomos estudar na Indonésia e antes de ir também a gente via aquelas barbaridades da Indonésia. A gente via aquilo... um sofrimento. É um martírio para o povo. Então a gente fomos na Indonésia. Ali nos vêem como se fossemos um bicho estranho: “ah vocês são tão pretos como nós e tudo, moreno como nós. Nós pensávamos que timorenses eram como vietnamitas e essa coisa toda. Não, nós somos timorenses. Não somos vietnamitas ou qualquer outra.. ou português.” No Seminário não se mete nessas coisa.... a gente acompanha todo aquele processo.

Depois o mal estar dessa coisa toda, a discriminação. A gente... depois durante Seminário Maior, durante as férias a gente vinha aqui, vê a atrocidade toda...

P: Mas o que é que viu de atrocidades. Assistiu a alguma coisa em concreto?

R: Eles mataram essa coisa toda. Nesses primeiros dias. Dia 7, dia 8 e dia 9, matanças aqui em Díli. Eles fugiram lá para cima. Alguns com feridas essa coisa toda. Fizemos o tratamento, o curativo. Eu estava a ajudar o irmão Ornelas, enfermeiro. Então pronto estava a ajudar o irmão Ornelas porque eu também percebia um pouco dessa coisa. Ajudava a fazer curativos e também a dar injeções.

P: Assistiu?

R: Assistia e traumatismo, trauma daquelas barbaridades todas.

P: Portanto assistia a essas coisas e isso foi um dos motivos que o fez envolver na luta, que o levou a apoiar a resistência, é isso?

R: Sim, quer dizer a apoiar a resistência. Isto quer dizer é um ponto de vista. A gente como padre, tem uma missão profética. A missão profética do padre é dizer aquilo que não está certo. “Isto não está bem.” Então pronto com a doutrina social defender os mais pobres, os mais vulneráveis. Então pronto a gente defendia aquilo. Depois defendia o direito de cada povo. E também nós estudámos a própria constituição da Indonésia que no preâmbulo da própria constituição da Indonésia diz aí que a independência, a autonomia e a independência é o direito inalienável de todos os povos. Pegámos nisso e exigimos. “Vocês... a vossa constituição diz assim, vocês fazem de outra maneira.” Então pronto nós exigimos... embora pronto o processo da político continua.

P: Mas o que é que o padre fazia para apoiar? Dizem que lhe passavam informações a resistência.

R: Primeiro pronto depois de ser padre, depois de ser ordenado, eu fiquei um ano no Seminário como perfeito. Depois o bispo Belo mandou-me para ir a Nan(?). para ir aí procurar o padre Domingos, que é o falecido... tomar como pároco...Eu não tinha experiência de pastoral como pároco. Tive de enfrentar muitas coisas. E também naqueles momentos, Xanana também andava por aí. Nos primeiros momentos, a gente não sabia estas coisas todas. Quer dizer a gente sabia mas... depois começou a chegar as cartas, essas coisas todas, os livros da resistência.

P: Mas chegavam como, como é que chegavam as cartas?

R: Por meio de estafetas.

P: E entregavam-lhe a si para passar?

R: Sim.

P: Para passar para onde, padre?

R: Eles pediam algumas coisas, para pedirem algumas ajudas. Umas ajudas de informações ou umas ajudas de rádio, de comunicação. Ou géneros alimentícios, ou qualquer coisa, ou pilhas. Pilhas para a gente mandar. Pronto a gente mandava. ... a gente mandava para eles. E depois algumas vezes eles pediam para a gente se encontrar uns com os outros. Mas eu disse... uma vez eu disse, através dos estafetas, uma vez eu disse ao senhor Xanana: “Não podemos encontrar por enquanto mas se precisar de qualquer coisa manda informações ou cartas que eu procuro avançar ou ajudar. Agora encontrar é muito perigoso porque eu como padre se for apanhado dizem que a Igreja toda está metida, envolvida nisso. Agora tu como comandante da luta se for apanhado quem é que te vai substituir? É um pouco difícil, leva muito tempo a encontrar um líder como vocês. É melhor.. se Deus quiser amanhã ou depois a gente podemos encontrar.” Depois a gente passava informações. Aquilo que a gente sabia da cidade, sabia dos militares, os planos essa coisa toda a gente passava.

P: E passava informações para quem?

R: Para o mato, para os líderes da resistência.

P: Passava informações de Timor para os líderes da resistência. E que informações eram essas que passava?

R: Às vezes as estratégias de ataque dos militares a gente passava porque também a gente lidava bem com os comandantes da Indonésia... o meu princípio era lidar bem com todos para poder trabalhar...Trabalhar bem... eu também aprofundei um pouco aquelas tácticas, estratégias de Mossad, a inteligência de Israel. Li muitos livros sobre isto. Israel conhecia e também... de Palestina. A gente está a par destas tácticas e aplicamos... com todo o profissionalismo que a gente pode aprender. Com Isto a gente pode equilibrar as coisas.

P: O que me está a dizer é que como conhecia os comandantes, muitas vezes sabia por onde é que eles andavam?

R: A gente lidava bem com os comandantes indonésios, eles mostravam: “os do mato, FALINTIL escondia atrás da gente depois vai atacar por aí fora. “Depois de saber isto tudo a gente: “atenção o melhor é mudar para outro sítio porque de um momento para o outro...”

P: Eles já sabem onde é que vocês estão.

R: Estais localizados. Aprendendo com a vida.

P: E passava também informação lá para fora para as outras igrejas, para a Igreja Portuguesa e outras igrejas do mundo sobre o que se passava aqui dentro?

R: Sim mas isso quer dizer... Eu depois de saber isto, comunicava aqui em Díli, ao bispo ou aos padres. Depois eles passavam... é uma rede de trabalho. Eu posso... eu trabalho. O meu movimento é assim: eu entrego esta informação para aquele padre. Aquele padre é que sabe para onde é que vai. Ou eu entrego esta informação a este líder da resistência líder da clandestina e ele é que sabe, é que passa. O trabalho da clandestinidade é assim. Eu não posso ir mais para ele... Aquilo que faço aqui é com todo o jeito para não ser descoberto. O outro também assim... assim uma engrenagem que quando for apanhado eu só sei aqui eu não sei nada mais.

P: Portanto o que me está a dizer é que o senhor padre trabalhava e contactava com a rede clandestina da resistência?

R: Sim.

P: Portanto, não só dava víveres, alimentos, medicamentos, pilhas, rádios à resistência no mato, como depois também passava informação para outros para meter a informação lá fora.?

R: Sim... quer dizer sugere também alguns planos.

P: O senhor padre era um dos elementos que trabalhava clandestinamente?

R: Sim, sim, sim.

P: E pertencia à FRETILIN? Alguma vez pertenceu?

R: Não.

P: E dessas informações que passou, lembra-se de alguma que tenha passado que foi importante? Alguma história que se lembre?

R: Muitas coisas que passei....

P: Pode contar uma ou duas?

R: Por exemplo essa coisa de... de troca de liderança do Konis. ... quando Ma'Huno eu escondi lá na residência em Ainaro.

P: O Ma'Huno ou o Ma'Hudo?

R: O Ma'Huno, ainda está vivo, o Ma'Hudo é que morreu... eu escondi. Quando ele foi apanhado ... quando ele foi apanhado sabemos que depois dele Ruak. Ruak na hierarquia militar, é o Ruak que vai seguir no comando.... como Xanana é comité supremo mas agora como... quando um é apanhado é imediatamente...

P: Substituído.

R: Um outro fica de... a fazer outro serviço. O Ma'Huno foi apanhado. Pronto a gente manda procurar o Ruak, comandante. Depois, os jovens da resistência, mandei os cinco motorizados procurar durante cinco dias, não encontrou... depois de ouvir aquela notícia da captura do Ma'Huno ele foi à Ponta Leste para fazer a reunião com os comandantes deles para fazer a nomeação. Como os jovens, os grupos exigíamos que saísse mais rápido qualquer nome do líder para poder continuar. Konis estava mesmo escondido nos arredores de Ainaro. Então pronto eu mandei mensagem ao Konis. Mandei um seminarista que trabalhava comigo. Foi ao Konis pedir a opinião de Konis: "a gente procura o Ruak não encontra, tu podes assumir esse cargo. Só o teu nome, a tua assinatura. Nós queremos só isto. Depois regularizem melhor entre vocês. Vocês sabem melhor lá a estrutura do mato. Mas aqui para o público e para o mundo internacional precisa um líder, um líder como trunfo. Ah eu sou apenas um secretário da CCF, secretário do Comité Central. Eu não posso assumir. Eu disse pronto, é melhor do que os jovens ficam desanimados e frustrados e cometer erros e mostrar os vossos esconderijos e depois a gente fica à rasca." Ele aceitou esta coisa. Depois de aceitar a gente manda... aquela declaração de Ma'Huno estava comigo também... depois de Xanana ter sido capturado, Ma'Huno estava na minha área. Ma'Huno... ele fez a declaração de substituição de Xanana... eu tinha uma cópia porque mandou tipografar na máquina de escrever da minha residência. Eu fiquei com cópia dei a Konis. Lê esta cópia. Depois faz a tua versão e depois assinas aí. Depois Konis assinou... mandou publicar. Depois pronto... depois de uma semana o Lere diz quem é que meteu nos assuntos militares? Eu fiquei calado. Ninguém sabe.

P: Portanto foi o padre que mediou isto tudo da substituição do Konis, para ser o Matan Ruak o Líder.

R: Podia ser o Matan Ruak.

P: Mas não foi.

R: Não foi.

P: Foi o Konis.

R: Foi o Konis.

P: E só depois é que foi o Matan Ruak, quando o Konis morreu.

R: Sim, quando morreu. Depois em 2000. No tempo de Paz eu esclareci ao Matan Ruak. Se hover qualquer problema no caso de Konis, nomeação de Konis, essa coisa toda... é melhor não atirar a culpa. Porque naquele momento o Lehre começou a

protestar: “Quem é que meteu nos assuntos militares?” Porque aquilo eles disseram um golpe do civil a tomar o cargo militar... a assumir o cargo militar.

P: E afinal tinha sido o senhor padre a arranjar as coisas... por boa vontade.

R: Por boa vontade... por estratégia política internacional... não sabia de nada.

P: Não sabia de nada.

R: Depois de explicar ao Ruak, o Ruak disse: “de facto senhor padre, nos primeiros momentos...” Em 2000.

P: Mais tarde.

R: Mais tarde ele explicou numa carta. Naquela altura era diretor da Cáritas. Depois Ruak disse: “de facto houve desconfianças entre nós porque quem é que fez isso? Pensávamos que o civil, a parte da direcção civil da FRETILIN que fez isto para acumular estes cargos. Porque aquele cargo desde 81, 80... as FALINTIL despartidarizaram...

P: Separou-se da FRETILIN.

R: Separou-se da direcção da FRETILIN. Cada um administra embora politicamente FRETILIN lidera a guerra.

P: E alguma vez transportou material para eles? Ou só mandou por estafetas? Porque contam-me histórias de que houve padres que transportaram armas.

R: Não transportei assim diretamente, sozinho. Uma vez transportei um comandante de Baucau para cá, trouxe granadas e tudo o mais.

P: No seu carro?

R: No meu carro... até... eu disse: “é melhor disfarçar. Vocês põem chapéu essa coisa toda.” Eu abaixei todos os vidros para poder ser visto. Porque antes de ir eu fazia sinal muito aos militares... aqueles postos militares dos indonésios que passava por aí... eu disse: “logo regresso por aqui.” Então eles já conhecem-me. No regresso eu trouxe aqueles comandantes. Eu não sabia...

P: Não sabia que eles eram comandantes?

R: Sabia que eles eram comandantes porque o padre António pediu-me para trazer esses comandantes para cá e depois para ir para estes lados

P: Qual era o padre António?

R: O padre António Gonçalves.

P: Trouxe os comandantes de Baucau para Díli.

R: Sim.

P: Mas não sabia é que eles transportavam armas?

R: Eles: “nós levamos aqui umas coisas... Não faz mal. ... arrebentar com o carro”. Eu disse: “Põe em baixo das cadeiras.”

P: Mas sabia que eles levavam armas?

R: Sim. Mas eu com toda a minha convicção, eu com toda a calma e simplicidade. Quando chegava aos postos a gente cumprimentava... “Ah passa, passa, passa.” Sempre assim. Faz assim vénias e tudo. Os indonésios quando a gente mostrava amizade e respeito, eles...

P: Portanto o senhor padre sabia lidar com eles?

R: Sim.

P: E aproveitava isso para depois colaborar com a resistência?

R: Sim. De facto.

P: Foi colega de algum líder da resistência no Seminário?

R: Muitos, José Luis...

P: E foi colega do Xanana?

R: Xanana à frente, eles estavam mais adiante.

P: Estava mais à frente no Seminário.

R: Depois quando a gente conhecia aqueles resistente...

P: E foi importante para esta relação depois entre os padres e a resistência?

R: De facto sim. De facto foi muito importante porque com isto, esses líderes da resistência que passaram pelo Seminário- Xavier, Nicolau- aqueles que reconhecem sempre o papel da Igreja. Também os colegas que estão como padres, como bispos, essa coisa toda. A gente lidava bem. O princípio como passaram por seminaristas temos uma ligação especial.

P: Portanto, conheciam-se, eram amigos e ajudavam-se.

R: Era e quanto mais ...este nobre ideal de liberdade, para libertar o povo.

P: Já me disse que eles entraram em Dare. Eles também andaram a saquear em igrejas. E acha que foi por causa disso que a Igreja se colocou ao lado do povo. Porque também foi atingida?

R: Foi atingida também... E também o direito do povo.

P: Acha que foi a violação dos direitos humanos que levou a Igreja a colocar-se ao lado do povo?

R: Isto é que levou a Igreja a colocar-se do povo... em Roma naqueles momentos sempre apertávamos a Igreja de Timor. “Ai não se pode ajudar muito a resistência... abertamente porque senão a Indonésia acusava a Igreja.” Mas nós aqui vimos a

doutrina social depois o papel profético da igreja. Temos que defender o povo. Esta é a doutrina.

P: Mas quem é que dizia que não se pode? Era o Vaticano, era o bispo?

R: Pela actuação do Vaticano é que a gente sentia aquilo que a gente sentia.

P: Mas o bispo também dizia isso, ou não? o bispo D. Ximenes?

R: Não... quer dizer o bispo sente-se apertado como todos nós como algumas vezes sentimos traídos, abandonados pelo Vaticano. Isto é que a gente sente.

P: Timor teve dois administradores apostólicos importantes. D. Martinho e D. Carlos. Eles eram muito diferentes?

R: Sim.

P: Como é que via cada um deles?

R: Cada um deles tem o seu ângulo...

P: De actuação...

R: De actuação. D. Martinho antes era um homem político e também deputado no tempo do português. Tem aquela visão e conhecimentos... portanto ele trabalha. Defender o direito de autodeterminação do povo timorense, inalienável. Isto não se discute. Mas com estas atrocidades, barbaridades dos soldados indonésios isto não cabe na cabeça de ninguém.... Mas a Indonésia, o sentimento do indonésio se a gente atacar frontalmente eles ficam mais bravos ainda. Mas a gente depois quer dizer...fazer a táctica atacar um ou outro, atacar, recuar eles não sentem nada. Nós estudámos um pouco a Indonésia, sabemos estas... o espírito deles, a cultura deles para saber como é que a gente pode...

P: Mas o D. Martinho não actuava assim. O D. Martinho era um homem frontal?

R: Sim por isso é que eles queriam-no matar e depois a Santa Sé...

P: Correu com ele.

R: Mandou...

P: Mandou-o embora.

R: Mandou-o embora antes que a Indonésia o matasse.

P: Como é que sabe que o queriam matar?

R: Muitas fontes certas.

P: Os militares diziam-lhe isso?

R: Os militares também os timorenses pro-Indonésia também diziam. Eles pro-indonésios mas somos timorenses e também... eles também são cristãos e confessam

P: E o D. Carlos. Como é que era o D. Carlos, era diferente?

R: Era diferente. Os indonésios pensavam que o D. Carlos era da autonomia. Mas o D. Carlos, ele trabalhava como um padre, como um bispo profético

P: Mas os padres criticaram-no muito. Nem sequer foram à entronização dele nem nada?

R: Naqueles primeiros momentos houve de facto aquela contradição. Os padres não... não atacavam D. Carlos por ser bispo mas eles sobretudo fizeram pressão, pressão a ele porque no fundo, o Vaticano nomeou e ele aceitou.

P: Porque os padres não foram ouvidos.

R: Sim. Por causa...os padres não foram ouvidos. Só isto.

P: Mas depois acha que a actuação dele foi uma boa actuação?

R: Foi uma boa actuação... no caso mandou daquela mandou ...

P: A carta...

R: Para o referendo. Isto quando o Núncio veio chamou-nos a todos para fazer um encontro, reunião extraordinária lá na Sé. Depois todos nós demos apoio porque aquilo que ele escreveu e falou era aquilo que todos nós sentíamos unanimemente em defesa do povo e autodeterminação de Timor-Leste

P: E o Núncio veio cá reunir contra a carta?

R: Contra a carta e para...

P: Para ver se arranjava apoios...

R: Apoios e mandar fora o D. Carlos. Mas nós dissémos D. Carlos... os pastores todos atacaram o Núncio: “D. Carlos no princípio vocês é que escolheram D. Carlos. Não fomos nós. Mas depois dele cair no erro. Vocês é que vêm como erro, vocês abandonam. Nós apoiamos agora. Aquilo que ele escreveu em nome de todos nós, em nome de todos nós e do povo.... depois dele fazer a defesa para o bem vocês isolam-no assim. Não, nós defendemos.” Fomos ao lado do D. Carlos.

P: Portanto quando ele escreve a carta foi o momento de união entre todos?

R: Sim.

P: Até lá ele era muito criticado porque a maneira de fazer as coisas não era igual à de D. Martinho.

R: Sim ele tem lá as suas estratégias. Portanto a coisa não pode ser frontal. Se ceder um pouco e depois atacar. Isto é uma coisa humana... como hoje eu disse a minha maneira de ser...

P: Era dar-se bem com todos.

R: A minha estratégia de luta é diferente. Eu algumas vezes falava com os comandantes, comandantes gerais: “Senhor general se Timor reclama o seu direito de independência, aquilo é um pecado ou não? Oh padre não. Isto é uma coisa de direito.... normal.” A gente vai estudando pouco a pouco... a visão deles e depois é que a gente dá uma actuação para poder... para não ferir também frontalmente a eles. Entra pela lei e pelo direito, pela lei deles.

P: O que me está a contar é um papel um bocado político. Fizeram um pouco de política de apoio à resistência. Mas há quem recuse esse papel político. Acha que teve esse papel político?

R: De facto naqueles momentos aquilo que fazemos é um pouco de política. Mas quer dizer um pouco... desviar dessas actuações. A gente proclamar o Evangelho mas se a gente não resolver, ajudar a resolver as questões com medidas certas, a gente não ajuda nada. Eu uma vez disse... num momento, depois da organização... 98, 99... papel de CNRT. CNRT aqui em Timor nasceu, quer dizer formou-se... ficou oficialmente...

P: Implantada?

R: Implantada na minha.. na Cáritas.

P: Foi a CNRT ou a FORSAREPETIL

R: Foi a CNRT e a FORSAREPETIL também.

P: Portanto ajudou fornecendo o espaço.

R: Sim.

P: Foi presidente da Cáritas aqui, foi?

R: Sim. Eu falei com D-. Ximenes: “ah... senhor bispo se nós não os ajudarmos a montar a estrutura política, eles virão sempre chatear-nos. Nós não podemos ser imparciais porque é direito do povo a independência e com o povo a sofrer estas consequências, nós temos que defender sempre. Mas se ajudarmos a montar estas estruturas políticas, já podemos desviar e encaminhamos o povo para a organização política. Senão todo o povo vem sempre ter connosco..”.

Antes de eu passar... seguir o curso lá nas Filipinas em 96, eu passei por Xanana.

P: Encontrou-se com ele foi?

R: Sim.

P: Onde?

R: Lá em Cipinang. Na Prisão. Sempre que eu ia para fora eu sempre passava por aí a visitá-lo

P: E quando ele estava no mato chegou a encontrar-se com ele?

R: Não. Só mensagens... mensagens mas só oralmente. Escritas não. Podia ser apanhado.

P: Mas como é que fazia as mensagens orais. Encontrava-se com ele?

R: Não.

P: Manadava...

R: Porque eu usava os próprios... as próprias forças timorenses que trabalhavam para a Indonésia. E eles fazem a dupla agência. Passavam informações aos militares indonésios. E também passava as informações para os comandantes para poder mandar para fora ou para enviar para outras áreas do território.

P: Mas passava aos comandantes da guerrilha?

R: Sim... com isto a gente contactava normalmente assim. Eles desejavam encontrar-se comigo e eu dizia não é necessário.

P: Mas depois foi vê-lo a Cipinang quando? Já depois da prisão dele.

R: 94... eu fui em tratamento à Indonésia e fui visitar a ele. Mas fui visitá-lo com os activistas indonésios pro-timorenes...de solidariedade com Timor-Leste.... eu fui lá depois com a rede clandestina de Jacarta que estava aí...A rede já estava montada com os estudantes da RENETIL, a gente chegava a um ponto tocava neste, eles passavam a informação. Então eu fui ao encontro de Xanana, o Lassama...

P: E passava as mensagens dele lá de dentro da prisão cá para fora.

R: Primeira vez hesitei, em 94.... depois entrámos aí ele num primeiro tempo na hora do almoço comemos juntos numa mesa. Eu sentei ao lado dele. “Oh padre Barreto eu não sentia assim...” depois eu só disse: “senhor comandante lá em Ainaro pediu para nos encontrarmos e eu disse que por enquanto não era tempo mas mais tarde vamo-nos encontrar se Deus quiser. Este tempo é agora.” Ele abraçou-me a chorar.

P: Quando é que foi mandado para Ainaro?

R: Em 88 até 93.

P: E depois esteve onde?

R: Depois vim a Aileu 93 a 95 .

P: E depois veio para Díli?

R: E depois vim para Díli vir ser presidente da Caritas até 2000.

P: E nessas andanças todas houve padres que foram perseguidos e que até foram ameaçados. Alguma vez lhe aconteceu a si?

R: Ser caluniado, ameaçado caluniosamente sempre fui. Mas assim ameaçar assim...nunca porque eu sempre tive boas relações com o comando, os do top, os grandes, os generais indonésios.

Uma vez lá em Ainaro o general indonésio comandante.. o ministro do general indonésio veio também.. cancelei a hora da missa para mais tarde, para todo o povo cristão ir lá receber aquele.. o séquito, os ministros esta coisa toda. O administrador: “oh padre vamos receber. Não faz mal. Vou dizer aos cristãos para adiar a hora para irem...” Aí é que eu ganhei a confiança deles e pedi imediatamente uma ajuda para construir... aumentar o colégio da formação. O ministro deu imediatamente 73 ou 75 juntas. “Governador Mário aponta o padre quer formar os rapazes mas não tem casas para isto. Dá 75... oh padre quanto é que precisa a construção da casa? 75”

P: 75?

R: Milhões de rupias. .. imediatamente o ministro do interior, o ministro estatal manda. “Oh padre tem grande sorte, nós fizemos propostas anos e padre é só dizer...graças a Deus”

P: Portanto conseguia?

R: Consequia imediatamente montar aquele colégio.

P: Isso em Ainaro.

R: Em Ainaro. O ministro Ali Alatas também: “Oh padre vamos estar juntos para esta nação. Sim senhor juntos a formar a juventude para formar mais tarde esta nação grande Indonésia.”Depois o comandante general das forças armadas: “Oh padre vamos trabalhar juntos. Muito bem senhor general. Estamos a trabalhar...” depois o general prometeu: “padre se estes meus soldados fizerem qualquer coisa que... mal para padre... padre faça o favor de me contactar.” À frente de todos os comandantes. Então eu fiquei aí...

P: Bem visto.

R: Bem visto e eles também receiam.

P: Receavam?

R: Receavam.

P: Mas houve padres que foram perseguidos e até que lhes bateram.

R: Sim.

P: Conhece algum caso?

R: Padre João de Deus.

P: O Locatelli também?

R: O Locatelli.

P: Porque é que isso acontecia?

R: Eles desconfiavam... a maneira deles. Eu como sempre fazia vénias a eles, essa coisa toda... para a gente encontrar essas facilidades todas...

P: A igreja sempre usou a sua rede pelo mundo para divulgar a causa de Timor-Leste. Era consciente? Vocês faziam isso programadamente? Vocês tinham ideia de que havia uma rede lá fora que podiam utilizar para denunciar?

R: Sim de facto... com o andar do tempo, a gente descobria estes novos métodos e a gente está consciente disso. E também.. os padres que passaram por Timor que a gente conhecia... como o padre lá na América, padre Quintão, padre Reinaldo, eles fizeram...

P: E vocês pensavam nisso, sabiam que era por aí que tinham que ir?

R: Sim lá em Macau padre Chico... a gente.. e depois também os nossos líderes. O Ramos-Horta. Desde princípio um homem que...

P: Passavam-lhe informação?

R: Sim.

P: E era assim que conseguiam ultrapassar o isolamento que viveram até meados de 80.

R: Sim de facto. Até meados de 80 era difícil. Mas depois os padres aqui também... porque timorenses têm família grande. Como padre Cunha, padre Domingos Cunha que está agora na América , o tio dele era o reitor, o Guilherme. O sobrinho entrega a carta que vai entregar a este...com isto passava as coisas mais secretas podiam sair para fora.

P: Depois os timorenses usavam as celebrações religiosas para manifestações políticas. Isso foi combinado com os padres ou foi a resistência que por sua auto-iniciativa que se lembrou?

R: Algumas vezes a gente não sabia. Os jovens aqueles que trabalhavam connosco na paróquia eles tinham feito estes planos todos... padre amanhã vamos fazer isto. A gente fecha os olhos. Façam lá...

P: Mas o D. Carlos não gostava disso.

R: Pronto ele não gostava mas a realidade é isto. Mas quando isto aconteceu. Quando umas coisas aconteceram ele procura também salvar porque é o povo dele.

P: A primeira vez que se fez isso foi quando o Papa veio cá. E sabiam que eles iam fazer isso. Iam desfraldar bandeiras e gritar pela independência?

R: Eu sabia por alto. Porque eles... principalmente padre Locattelli mas outros da resistência aqui em Díli. Quando a gente olha... deixa lá. “Se acontecer a gente fazer meios para salvar os jovens.” Quer dizer passar essas informações, quando acontecer como que a gente salvar os jovens. Deixar os jovens escapar.

P: Foi contra a visita do Papa? D. Carlos diz que houve padres que foram contra a visita do Papa porque dizem que o Papa vinha cá reconhecer a integração

R: Ao princípio houve esses comentários, mas depois ...

P: Deixou de haver?

R: É.

P: E o senhor padre qual era a sua posição? Era a favor ou contra?

R: A favor.

P: E acha que foi positiva?

R: Para nós foi uma graça. Uma graça como ele é o chefe supremo da igreja e vem visitar o povo naqueles momentos isto é uma consolação muito grande.

P: E acha que no fim...

R: E também do ponto de vista político isto é para o mundo. O Timor mais ou menos o mundo pode...

P: Conhecer?

R: Pode conhecer melhor e também naqueles momentos... os jovens têm de fazer qualquer coisa para ao mundo conhecer melhor.

P: Acha que foi importante para a divulgação da questão de Timor?

R: Sim.

P: Já criticou aí um bocadinho o papel do Vaticano. O Vaticano teve sempre um papel muito ambíguo. Concorde?

R: Sim.

P: Acha que devia ter sido mais interventivo?

R: Sim por isso é que já disse que algumas vezes a gente sente-se abandonado pelo Vaticano. Nesses momentos...

P: Mas com a visita do Papa...

R: Mas as políticas lá do Vaticano sempre essas coisas para ter boas relações...

P: Porque é que acha que o Vaticano teve essa política para com Timor?

R: Tem as suas estratégias próprias para não deixar... para não fazer confrontações com a Indonésia.

P: Depois houve o massacre de Santa Cruz que também foi muito importante para a reviravolta da causa. Eu li que muitos jovens se foram confessar antes do massacre de Santa Cruz. Tem essa ideia?

R: Sim.

P: Porquê? Eles já tinham programado aquela manifestação e já sabiam o que é que ia acontecer?

R: Quer dizer. Não é só Santa Cruz. Em qualquer acção, os jovens confessavam-se primeiro porque vou talvez morrer ou voltar vivo.

P: Sempre que havia programação de uma acção dessas, os jovens iam-se confessar?

R: Sempre.

P: E portanto foi mais uma vez na altura da manifestação pelo Sebastião Gomes porque eles já sabiam que iam fazer uma manifestação.

R: Na altura de Sebastião Gomes eu estava aqui. Quando vim de Ainara falei com o bispo. Cumprimos o bispo de manhã. O bispo disse: “Ah não dormi porque ontem à noite fomos a Motael, aconteceu assim todos os jovens mortos aí. Os militares fazem grandes problemas aí. Mas logo a gente vai à missa lá em Motael ... Afonso Rangel, o colega dele pró-indonésio. Tu queres ir?” Eu também fui.

P: À missa do Sebastião, do 8º dia?

R: Não a missa do corpo presente.

P: O Sebastião tinha sido morto em Motael e depois fizeram a missa do corpo presente.

R: Sim. Eu também fui. Depois da missa os jovens já a fazer por aí fora a manifestação para o enterro. Eu depois da missa peguei no meu carro, passei... não fiquei no comboio. Fui primeiro ao cemitério. Rezei lá. Estava no cemitério também, os jovens já começaram com a emoção. Eu disse ao meu sobrinho: “a gente reza, já rezámos na missa. É melhor a gente ir embora, os militares são capazes de dar qualquer tiroteio, a gente fica apanhado e depois não vamos regressar para a nossa paróquia.” No dia seguinte a gente foi a Paróquia. Depois dia 12... No dia 11 os militares... querem-nos matar qualquer coisa parecida como Santa Cruz. Mas depois eles fizeram uns distúrbios entre dois jovens. Um jovem da minha escola e outro jovem de fora a entrar em bulha. Fizeram este jogo para poderem ter razão, poderem atirar. Mas como eu tinha boas relações com o comandante do concelho eu peguei no telefone: “senhor comandante agora vem depressa para aqui acalmar esta situação. Porque fazer distúrbios na minha área, você tem obrigação de fazer isto. Senão eu

telefone para Jacarta.” Então ele veio no carro e mandou os seus elementos acalmar. Ao passo que os comandos, aqueles comandos de choque estavam mesmo nos regatos a fazer a estratégia para atirar. Mas depois assim que eles viram o comandante da região veio fazer a intervenção, eles acalmaram. Salvei aquela situação destas barbaridades. Eles queriam fazer barbaridades antes daqui de Díli.

P: Depois não estava aqui no massacre de Santa Cruz?

R: Não.

P: Não sabe quem é que fez a contabilização dos mortos? A Igreja colaborava nessa contabilização?

R: Não sei .. cada um tem os seus.

P: Também foi importante a utilização do tetum na missa para a afirmação?...

R: Sim.

P: Porque a determinada altura foi proibido o português?

R: Sim.

P: Como é que foi esse processo?

R: Esse processo foi assim. Uma equipa dos padres , incluindo o bispo falecido...eles têm aquele grupo de traduzir... o texto todo da missa de latim para tetum. Então eles mandaram para Roma e Roma reconheceu aquilo em 83, ou qualquer coisa...

P: E o padre Luis Costa também estava nessa equipa.

R: Sim.

P: Religiosos foram muitas vezes o porto de abrigo. Acha que foi por causa disso que houve uma catolização maciça da população? Porque até lá só havia cerca de 30% de católicos em Timor.

R: Primeiro ponto na Indonésia toda a gente tem de ter uma religião. Se não houver uma religião, este é um comunista, um ateu, tem de ser eliminado. Aqui em Timor eles já notificavam que a FRETILIN é comunista. Se você não tem qualquer religião, você é FRETILIN, comunista. Tem de ser morto.

P: Mas porque é que as pessoas escolheram a Igreja Católica?

R: Porque a Igreja Católica é a que as pessoas conhecem mais. Já havia em todo o território. Maior parte do território havia missões. Os catequistas até em todas as freguesias. Embora em número ainda menor. Mas a estrutura já está até à base.

P: O que é que acha que contribui para a viragem da causa no mundo? Durante muito tempo ninguém ouvia falar de Timor. O que é que acha que fez virar? Foi a visita do Papa, o massacre, o nobel?

R: São todos estes elementos. A visita do Papa deu uma nova coragem aos timorenses. Uma nova era. Afinal o Papa também ainda pensa em nós e convida-nos a ser sal da terra e luz do mundo.

P: E isso significa o quê? Sal na terra e Luz no mundo ?

R: Que os timorenses têm uma missão... tem de mostrar que somos um povo e também demonstrar ao mundo, um povo que tem a sua identidade e tem de respeitar como os outros. E com isto ganhar com a juventude um novo ânimo, um novo ânimo de demonstrar... exigir. Depois com o massacre de Santa Cruz e depois com as imagens que mais tarde espalhou pelo mundo, provou que afinal há mesmo assim. Até à presente data, os indonésios dizem que tudo está bem, tudo está bem. Afinal há massacres, que a gente não pode negar. Depois com isto a gente trabalha para acontecer aquele nobel da paz para estes dois timorenses. Nós apenas exigimos o nosso direito. Não é lutar, por lutar para enfrentar a Indonésia. Apenas exigimos o nosso direito. Como eu já disse, exigir o nosso direito isto é pecado? Creio que não.

P: Houve tentativa de islamização do território?

R: De facto há. Houve.

P: Como?

R: Islamização do território, antes da Indonésia ocupar por aqui. Os bispos da Indonésia sabiam... nos primeiros momentos eles mandavam, professores católicos para pôr todo o Timor para poder enfrentar o islamismo. Com isto é que aumentou mais o catoliismo porque aqueles professores indonésios católicos que vieram para cá, eles já sabiam a tática de islamização da Indonésia. Então eles ensinaram os povos timorenses como é que devíamos enfrentar.

P: Mas como é que eles faziam para islamizar o território? Mandavam para cá missionários?

R: Missionários. Obrigavam as pessoas a entrar porque com esta situação é mais fácil. Se não entrar apanha um tiro. As pessoas com estas ameaças todas podem entrar. Mas aquelas tácticas dos professores indonésios destas ilhas vizinhas, de Timor Ocidental, vieram para cá, com os padres já estávamos alertas.

P: E depois houve o Referendo. Também provocou grande violência e mais uma vez os padres foram. Como é que viveu o referendo?

R: Vinha trabalhar na Cáritas mas estava na paróquia de Dare.

P: Estava em Dare?

R: Sempre de manhã é que vinha de Dare para Cáritas. Eles perseguiam mas como eu... aqueles milícias aqui em Díli... mandávamos os homens da resistência para poder entrar nas milícias para poder atar bandeira indonésia, e passar informações... podia passar sempre.

P: Era ideia vossa dos padres fazer isso?

R: Era da clandestinidade.

P: Sente que foi um membro da clandestinidade?

R: Não como membro oficial mas a gente trabalhava na clandestinidade... como padre sempre... mas eles contavam sempre comigo com o meu trabalho.

P: Como é que definiria o papel da Igreja neste processo de independência?

R: Ajuda à construção da pátria.

Anexo 29

Entrevista a padre José António da Costa

O padre José António da Costa é um sacerdote timorense. Tinha 75 anos à data da entrevista e era pároco na Catedral de Díli. Foi vigário-geral de D. Carlos Filipe Ximenes Belo. Quando foi a invasão estava em Timor Ocidental para onde tinha ido durante a guerra civil. Regressa a Díli depois da invasão. É irmão do ex-padre Luís Costa.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 20 de Julho de 2015

Pergunta: Estava-me a dizer que a Cruz Jovem foi criada quando foi a prisão Xanana?

Resposta: Depois, um ano depois. Ele foi preso em 91. E nós começámos em 92 mas com objectivo, para unificar o povo de Timor e sobretudo a juventude.

P: Com a Cruz?

R: A nossa campanha é oração para a unidade do povo timorense.

P: E isso foi decidido por quem? Pela diocese?

R: Pelo bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo.

P: E a ideia era unir a população?

R: Unir a população. Depois do golpe, que o Xanana foi preso e as pessoas podiam pensar que já era o fim. E também para para sincronização com a jornada mundial da juventude que o Papa agora Santo João Paulo II introduziu em Roma para todo o mundo pelo domingo de ramos.

P: Então anda de suco em suco?

R: De paróquia em paróquia e durante um ano percorre os sucos todos.

P: Agora está em Balide, fica lá quanto tempo?

R: Uma semana. Agora, este ano desde Agosto de 2014 a Agosto de 2015 é um projecto específico, especial para celebrar os 500 anos de evangelização de Timor. E então percorre todas as paróquias de Timor. Em cada paróquia fica uma semana.

P: Então está uma semana em Balide agora?

R: Em Balide. Depois passa para Comoro. Depois termina aqui na Catedral de 8 a 15 de Agosto.

P: Porque entretanto já esteve por Timor todo?

R: Já, já. O distrito de Díli é o último distrito e percorre cada paróquia.

P: O senhor tem que idade?

R: 75 anos e 48 de padre que vou fazer agora no dia 15 de Agosto. 48 de padre.

P: lembra-se bem da invasão?

R: No dia da invasão, não estava cá, não estava aqui em Timor. Estava refugiado em Atambua. Com muita gente lá. um grande número de timorenses, algum grupo de padres.

P: Não estava em Díli.

R: Não estava em Díli. Estava em Timor mas em Atambua.

P: E estava lá refugiado com um grupo de padres, como? Tinham saído com medo da invasão?

R: Não, nós saímos antes, com a guerra civil. Saímos antes da Indonésia entrar. A Indonésia entrou em Dezembro. Nós fomos em Agosto, 31 de Agosto se não me engano. E entramos lá na Indonésia em 1 de Setembro.

P: Atambua em Timor Ocidental?

R: Em Atambua, sim. De carro.

P: E já se falava da invasão.

R: A invasão foi em Dezembro.

P: Eles entraram em Outubro por Balibó. Mas a invasão foi em 7 de Dezembro

R: Entraram em Balibó mas escaramuças mas ainda não declaradamente. Foi a 7 de Dezembro...

P: Portanto estava em Atambua. E depois quando é que regressa?

R: Regressei logo depois dos indonésios entrarem em Díli, vim imediatamente, no barco indonésio. Com os “partisans”, com as forças civis que estavam refugiadas com a UDT.

P: O senhor padre na altura via com bons olhos a integração, não via?

R: Naquela altura a gente não sabia exactamente o objectivo da Indonésia. Porque os partidos que convidaram a Indonésia a entrar... é maneira de dizer, os partidos convidarem ou não eles entravam na mesma, entrariam na mesma porque tinham o apoio da América. Depois vim a saber essas coisas todas. Mas éramos indiferentes. O espírito de nacionalismo de um povo é sempre um povo...

P: O D. Carlos achava que a integração até poderia ser uma solução...

R: Naquela altura havia opiniões divididas.

P: Mesmo nos padres?

R: Mesmo nos padres. Havia quem acolhesse a solução da Indonésia, a entrada da Indonésia como uma solução. Sobretudo naquela altura por causa do trauma do comunismo. A ideia era que era preferível não ser comunista do que estar debaixo da Indonésia. Era a campanha que o partido que chamou, digamos assim.. a UDT

P: E a APODETI.

R: Mas depois quando os indonésios entraram e começaram a actuar e as actuações deles não satisfaziam os timorenses, os timorenses começaram a pensar quase unanimemente de outra maneira.

P: Os padres?

R: Os padres também. Inclusive o D. Carlos.

P: E o próprio bispo na altura que era o D. José?

R: Não, D. José tinha saído antes.

P: D. José estava em 75.

R: 75 estava cá.

P: E depois saiu em 76 ou 77?

R: Não me lembro bem.

P: Mas ele era favorável à integração?

R: Sim ele era por causa do comunismo.

P: Ele era contra a FRETILIN?

R: Na altura alguns líderes da FRETILIN disseram que se estivesse D. Jaime Garcia Goulart as coisas não teria acontecido como realmente sucederam.

P: Porque é que eles diziam isso?

R: Porque o D. Jaime foi bispo quando já era missionário em Timor, conhecia bem Timor, conhecia as pessoas. Os líderes todos da altura ele conhecia todos.

P: E portanto eventualmente teria evitado a guerra civil?

R: Teria evitado, teria evitado.

P: A guerra civil?

R: Sim a guerra civil que começou a 11 de Agosto porque a UDT declarou o golpe. Depois a FRETILIN é que foi a 20 de Agosto, o contragolpe. Depois dali começaram a perseguir mutuamente um ao outro. Primeiro, guerrilha na cidade em Díli. E depois a UDT retirou-se para a montanha por onde passava, onde havia os da FRETILIN. Fazia mal como podia. Depois como também a FRETILIN onde encontrava grupos da UDT fazia como queria.

P: Houve violação dos dois lados.

R: Dos dois lados. Consta pela história por ser sistemático, a FRETILIN...

P: A Fretilin naqueles primeiros tempos?...

R: Sim naqueles primeiros tempos.

P: A FRETILIN por comparação com a UDT porque em comparação com os Indonésios...

R: Com os indonésios era diferente. Mas com a UDT. Eu penso sobre a FRETILIN como timorense. A Indonésia não é timorense e estavam a ocupar.

P: O senhor teve um irmão, Luis Costa, que ficou nas “zonas libertadas”. Tinha contacto com ele?

R: Não, não. Não havia correio, nem telefone.

P: Mas havia pessoas que iam levar aos padres, as hóstias...

R: Isto na zona onde estavam. Os padres salesianos comunicavam com eles. Eu estava aqui.

P: Veio para aqui para Díli?

R: Eu sempre vivi...nunca saí de Díli.

P: Quando regressa fica numa paróquia aqui. Fica em que Paróquia?

R: Becora. Depois passou para escola de Externato de S. José Juntamente com o padre Leão da Costa e o padre Domingos da Cunha até ele sair para fora para Portugal.

P: Você?

R: Não o Luís Costa.

P: E você?

R: Eu sempre estive na Câmara Eclesiástica.

P: Nunca teve contactos com a guerrilha?

R: Contactos directos nunca. Sempre através de outro sacerdote.

P: E como é que eram esses contactos ?

R: Os contactos, eu como na altura ocupava um lugar na Câmara como chanceler, depois como vigário-geral, então eu tinha contactos com a autoridade indonésia. Conhecia-os bem. Depois o D. Carlos coordenava o nosso serviço assim. Eu com as autoridades, ele com a população. Sempre que havia qualquer problema com as autoridades era eu que enfrentava.

P: E conhecia portanto as autoridades todas?

R: Conhecia, militares.

P: E os contactos era para quê?

R: Para defender a população mas não de um modo directo, porque era muito mais perigoso... eu aprendi isto com a Cruz Vermelha.

P: O que é que aprendeu?

R: A Cruz Vermelha sempre diz o seguinte: “se nós queremos trabalhar nunca devemos atacar o criminoso. Vamos aproximar-nos dele assim ficamos a conhecer muita coisa que ele faça.”

P: E era o que fazia.

R: Era o que fazia.

P: E o que é fazia?

R: Conversava, inventava coisas. Sempre que intercedia. Eu sei que os padres incriminados, nunca levaram nada. Não eram incriminados por aquilo que eram

acusados. Tinha um poder natural, os indonésios militares mesmo que estejam indignados contra um padre mas quando vou acompanhar este padre eles ficam calmos. Muitas vezes acontece que não falavam do assunto para o qual era chamado o padre e falávamos de outras coisas.

P: Está a dizer que eles muitas vezes, havia padres que eram chamados também.

R: Não, eram poucos.

P: E porquê? Porque havia padres que cooperavam com a guerrilha.

R: Cooperavam ou mesmo desconfiados pelas autoridades.

P: Mas tem histórias de padres que cooperavam com a guerrilha e lhes davam armamento?

R: Armamento não me lembro porque era difícil encontrar armamento. A não ser roubando aos indonésios. A maior parte era apoio logístico. Sobretudo remédios e depois informações. Alguns padres eram mesmo activistas. Mas como eles pessoalmente já declaram a sua participação nessas suas actividades na Comissão de Justiça e Verdade que o governo constituiu

P: Já houve padres que foram lá confessar a sua cooperação?

R: Os padres no geral abstêm-se dessas coisas públicas. O governo quis condecorar muitos padres mas unanimemente, nós rejeitámos. Fizemos o trabalho humanitário baseado no amor do Evangelho.

P: E que padres é que tem conhecimento que estavam ligados à guerrilha?

R: Digamos assim, além daqueles que estiveram no mato como o Luís, o padre Francisco Tavares... Esses, alguns estão em Portugal já... o padre Leoneto que estiveram presos. Presos quer dizer andavam no mato. E durante alguns meses. O resto cá dentro, prestava informações, apoio em medicamentos. Suponhamos é muito grande a participação dos dois padres jesuítas Felgueiras e José Martins. Eles próprios escreveram alguns livros sobre a sua actuação, à maneira deles. Depois quem teve mais contacto frequente é o padre Domingos Cunha que está agora na América. Depois o resto dos padres novos, padres novos que começaram quando ainda eram estudantes. Filiaram-se ou participaram activamente nos movimentos juvenis anti-indonésia, como RENETIL...Agora estão em luta depois da morte do Lasama a querer sobressair para saber quem fez mais.

P: Mas havia também a OJETIL e a FORSAREPETIL também.

R: Eles há muito grupos e cada um... Agora quem quer apresentar-se como único é a RENETIL que os outros não aceitam.

P: Houve uma catolização maciça no tempo da ocupação indonésia. Porque é que acha que isso aconteceu?

R: Por dois factores. Primeiro a Indonésia tinha o seu bilhete de identidade

P: Sim, obrigava à escolha.

R: ...em que cada pessoa tinha de declarar a sua religião. Se era Islão era Islão, se era protestante era protestante, se era católico era católico. Na altura da invasão, os católicos eram poucos. Embora em Timor não houvesse outras religiões. Havia protestantes, havia muçulmanos mas em número muito pequeno. Mas os católicos não chegavam a cento e tal mil. Não chegavam a 200 mil.

P: Eram cerca de 30%.

R: E então como eles exigiam constar lá no bilhete de identidade, então os timorenses por uma rejeição ao domínio indonésio, puseram todos católicos embora não fossem todos católicos. E depois nalgumas zonas, sobretudo nas missões do interior, sobretudo para a Ponta Leste, os padres baptizavam em massa muitas pessoas para não serem simplesmente católicos no bilhete de identidade, mas católicos baptizados mesmo. Mas com muita pouca doutrinação. Muito rudimentar. Um trabalho que depois se reforçou mais tarde através da catequese e formação. Mas houve um aumento bastante...

P: Mas acha que foi portanto uma questão de resistência também?

R: É assim também. Porque até diziam: “ser Timor é ser católico, ser católico é ser Timor.”

P: Identificavam.

R: Identificavam.

P: Dizia-se muito isso na altura da ocupação?

R: Dizia-se na altura, dizia-se muito.

P: E o facto da Igreja ter sido um abrigo muito grande. Porque as pessoas quando havia os ataques dos indonésios refugiavam-se na Igreja. Acha que também contribuiu?

R: Contribuiu também por uma coisa, um pensamento... os indonésios tinham receio na altura de atacar frontalmente a Igreja porque a sua situação de domínio sobre Timor também não estava assegurada. E eles queriam o apoio da Igreja para dizer que o povo queria a integração. Depois tinham também receio da diplomacia vaticana que tinha peso naquela altura. E então eles não queriam criar melindres contra a Igreja Católica aqui em Timor.

P: Davam-se bem com a Igreja?

R: Davam-se bem com a Igreja por causa do interesse deles.

P: E a Igreja também apoiava o povo.

R: Apoiava o povo e punha-se muitas vezes, com intervenção dos bispos, frontalmente contra as autoridades. A começar pelo Martinho Lopes. Foi o que primeiro falou depois da procissão de 13 de Maio... 13 de Outubro, em Lecidere. O que foi motivo para ele ser retirado. Depois dali eles trataram logo de o afastar.

P: Timor durante a ocupação teve dois administradores apostólicos. Como define cada um?

R: O Martinho Lopes foi pouco tempo.

P: Foi de 77 a 83. Foram os anos de maior violência.

R: O Martinho Lopes falava e visitava e tinha contacto. Teve contacto com Xanana lá para Ponta Leste, perto de Tutuala. Ele encontrou-se com o Xanana e influenciou muito o Xanana para mudar a mentalidade. A luta pela independência não é luta ideológica entre os partidos que é a FFRETILIN e depois convenceu o Xanana a separar a luta pela independência e a luta pela ideologia que é da FRETILIN. E Xanana criou isto..

P: O CNRT? Cria-se a partir dos conselhos do D. Martinho?

R: Do D. Martinho. Porque D. Martinho disse: “se vocês que estão a lutar querem apoio da Igreja e da população toda, vocês têm que mudar a vossa postura quanto à ideologia política. Lutai pela independência só, todo o povo e a Igreja também apoia. Mas não pela ideologia.”

P: A ideologia comunista?

R: Comunista.

P: Mas eles só se encontraram uma vez, não foi?

R: Uma vez. Mas foi suficiente.

P: E o D. Martinho na altura até leva coisas que o Xanana pede?

R: Sim, sim.

P: E o D. Carlos? Como é que era o D. Carlos?

R: D. Carlos também fazia estes contactos. Pessoalmente eu com D. Carlos juntos encontrámos com Xanana uma vez.

P: Encontraram quando da primeira vez, ou da segunda?

R: Não sei se foi a primeira vez ou a segunda. Depois D. Carlos tinha uma coisa mais que D. Martinho. Escrevia. Escrevia cartas pastorais. E com muita frequência.

P: E as cartas pastorais diziam o quê?

R: Falavam dos direitos, da justiça, de tudo. Por ocasião das grandes festas da Igreja, ele sempre falava. Depois quando, por ocasião de eleições, ele sempre falava.

P: Nas cartas pastorais?

R: Sim.

P: Como é que foi o encontro que teve com ele e como Xanana?

R: Encontrámos não no mato, mas numa residência.

P: Onde é que foi?

R: Não podemos complicar a vida das outras pessoas.

P: Foi em Fatu Maka?

R: Foi em Fatu Maka

P: E o que é que disse o D. Carlos. A conversa foi sobre o quê?

R: Naquela altura D. Carlos levou-lhe a intenção do Vaticano.

P: Que era?

R: Para pôr à consideração... porque o Vaticano na altura pensava que devia-se evitar o sofrimento do povo e então se se podia recorrer a um meio de aproximação pacífica para acabar com a brutalidade militar. As mortes que causavam. Mas o Xanana manteve sempre na sua posição de luta pela independência.

P: Foi nessa altura que o D. Carlos propôs a rendição?

R: Mais ou menos isso.

P: Não foi rendição. Foi pacificação.

P: Foi o quê? Pacificação. E o Xanana rejeitou completamente ?

R: Rejeitou.

P: É que o Xanana diz que ele lhe propôs a rendição. O D. Carlos diz que não. Disse que quem se quisesse entregar a Santa Sé pode mediar. Foi assim?

R: Foi isso mais ou menos.

P: A nomeação do D. Carlos foi muito polémica, lembra-se?

R: Sim...

P: Estava cá na altura?

R: Sim.

P: Conte como foi?

R: Eu na altura era Chanceler. Primeiro porque achávamos que o processo não era normal. Não era normal. O normal seria a nunciatura contactasse os sacerdotes. Ou propusesse o nome do candidato escolhido pela nunciatura ou pelo Vaticano ou

pedisse, solicitasse aos sacerdotes para apresentar os nomes. Tudo isto não aconteceu, não é. Veio com o prato já feito. Então nós, o clero diocesano não aceitámos.

P: O senhor também contestou?

R: Sim eu contestei.

P: E não esteve na entronização?

R: Eu estive.

P: Por obrigação?

R: Por obrigação e por sistema. Porque se não estivesse com mais outro sacerdote, estariam outros que tinham apoiado. Está a compreender? Para marcar a minha presença, estou lá. Mas com a nota que não estou de acordo.

P: E depois houve alguma reconciliação do clero com D. Carlos ou não? Ou sempre foi visto de forma um pouco...

R: A princípio havia uma retração. Mas depois quando D. Carlos muda a sua atitude.

P: Quando é que ele muda a sua atitude?

R: Muda a sua atitude neste sentido. A princípio nós pensávamos que ele foi posto lá para fazer a vontade dos indonésios. Mas depois ele manifestou-se que era um homem que gostava de defender o direito de Timor, então era o que os padres tinham feito até ali.

P: Depois acharam que ele defendia os interesses de Timor?

R: Era. E depois ali ele teve todo o apoio.

P: E como é que ele reagiu às críticas dos padres?

R: Ele não se manifestou, depois não era um homem que se vingava e podia ter... Não, não. Não mostrou isto.

P: E o que é que ele pensava dos padres que colaboravam com a guerrilha?

R: Depois ele aconselhava para não se exporem demasiado ao perigo.

P: Mas ele não concordava?

R: Não, não. Concordava porque ele também participava?

P: Ele também participava?

R: Também participava quando ia às visitas procurava sempre informações das pessoas no mato.

P: Procurava sempre informações?

R: Como eu também tinha informações. Mas eu perante os indonésios eu era por eles. Eles consideravam que eu era por eles. De maneira que eu circulava livremente.

P: essa colaboração de muitos padres com a guerrilha pode também ter a ver com o facto de terem sido colegas no Seminário?

R: Não, não. Esses poucos eram colegas do Xanana.

P: Mas eram do Nicolau Lobato.

R: Sim mas os padres só os antigos.

P: Sim o D. Martinho também deu aulas a alguns.

R: Sim mas os padres novos não. Os padres novos foram todos formados na Indonésia.

P: Sim mas estamos a falar de uma geração anterior.

R: Na nossa geração sim.

P: E o D. Carlos demovia-os de colaborarem com a guerrilha ou não?

R: Pode ser que fosse em privado mas em público não.

P: Acha que a Igreja teve um papel político? Que estes padres o tiveram?

R: Acho que embora digam que a Igreja não pode meter-se na política, mas como disse um secretário da nunciatura (eu também quando falava com ele sempre falava coma reserva da diplomacia) ele sempre dizia: “sim mas você é timorense. Um deles era da Irlanda, eu também sou irlandês. A política de lá... Inglaterra é Inglaterra e Irlanda é Irlanda. “Está a compreender? De maneira que ele dizia, “você é timorense”.

P: Portanto tem o direito de participar?

R: Pode participar.

P: Porque o D. Carlos acha que os padres não deviam fazer?

R: Demasiado, expôr-se toda a gente aconselha para não fazer. Agora assim às caladas, a gente dá o apoio que eles precisavam.

P: A determinada altura a resistência começou a usar as celebrações religiosas.

R: A partir de Nossa Senhora Peregrina...

P: Nossa Senhora Peregrina foi quando?

R: Em 88. Eles muitas vezes para os lugares muito afastados em que não chegaria até lá, antes da população chegar lá, estava tudo preparado pelos caminhos. Os caminhos estavam todos preparados.

P: Usavam as celebrações religiosas para se manifestarem.

R: Pois manifestarem-se. Tudo sabe tudo começou com a visita do Papa. Depois da visita do Papa saíram mais com o peito ao léu. E todas as vezes que havia manifestação religiosa, sempre gritavam por Timor e depois aproveitavam-se da casa

do bispo, quando sabia que havia alguma visita de embaixador para lá. Eles juntavam-se na casa do bispo para se manifestarem, etc.

P: E o D. Ximenes não gostava disso?

R: Não gostava porque punha, digamos, em risco a sua credibilidade. Ele tinha que se manifestar que não apoiava. Porque muitas vezes até lembro do último acontecimento. Num domingo, num domingo quando o embaixador americano ia lá na sua residência, a madre que estava lá tinha acolhido os jovens lá dentro da casa, do recinto da casa do bispo. Isso o bispo só soube uma hora antes da hora marcada e telefonou-me. O bispo telefonou-me e eu fui lá. Resolvemos a coisa. Mandámos dizer que o embaixador fosse lá um bocadinho mais tarde enquanto esvasiámos aquilo.

P: E há quem conte que o bispo nem sempre deixava entrar na casa em Lecidere?

R: Sim como eu estou a contar este caso foi a madre que introduziu lá. Mas depois resolvemos, os dois resolvemos a coisa até com a colaboração da polícia. Eu como tinha boas relações com a polícia e militares eu telefonei ao comandante da polícia para mandar duas camionetas para a casa do bispo. Eu não disse para o que era.

P: Então, a Igreja no fundo fazia um bocadinho de jogo duplo.

R: Jogo duplo.

P: Sobretudo no tempo do D. Carlos que era menos confrontativo?

R: Sim.

P: Que significado é que teve a visita do Papa? Porque houve padres que se opuseram, não foi?

R: Não foi fácil, não foi fácil o Papa vir até Timor. As autoridades indonésias não queriam. Porque o Papa veio para a Indonésia e era na Indonésia. Mas lá nós conseguimos contactos com o Vaticano, tudo isto. O Papa veio até Timor. A comissão, “advance group”, do Vaticano veio até aqui, conversou connosco com a Igreja e depois veio até aqui. Algumas coisas que os indonésios não permitiram. Por exemplo, o beijar o chão ao descer do avião.

P: Foram os indonésios que não permitiram?

R: Não permitiram. Tudo o mais que dizem sobre isto é invenção porque eu directamente envolvido neste processo. Eles não permitiram mas depois arranámos outro processo combinado com D. Carlos, o Papa ajoelhou no chão de Timor e beijou, não beijou o chão, mas beijou uma cruz com a cara no chão.

P: Mas onde, em Taci-Tolu?

R: Em Taci-Tolu.

P: É a primeira vez que estou a ouvir dizer que foram os indonésios que não deixaram

R: Sim os indonésios é que não deixaram. Não é o Papa que não quis. Eu até estive lá no aeroporto, a saudar o Papa quando desceu do avião, com os militares. Estava lá.

P: E o Papa vem a Timor e há uma grande divisão. Há padres que não querem na altura porque acham que o Papa vem dar o aval à integração. Não acontece isso?

R: Pode ser que alguém tenha pensado nisto. Mas nós que organizámos queríamos que o Papa reconhecesse que Timor é Timor. Por isso que nós fizemos tudo para ele beijar o chão no aeroporto. Mas os indonésios não queriam. Mas inventámos, ele tinha de beijar a cruz colocada no chão.

P: Em Taci-Tolu.

R: Em Taci-Tolu.

P: Mas havia essa divisão. Os indonésios queria que o Papa reconhecesse Timor integrado quando viesse cá, e os independentistas e, por exemplo, Portugal queria que o Papa falasse dos direitos em Timor e do direito à autodeterminação.

R: Mas o Papa...A diplomacia vaticana é a diplomacia vaticana.

P: E o que é que quer dizer com isso?

R: O Papa não ia dizer uma coisa abertamente contra a Indonésia pelo bem dos poucos católicos que existem na Indonésia. Como também o caso de Palestina e Israel, o Papa, o Vaticano é sempre a favor dos palestinianos porque entre os palestinianos e Israel onde há mais católicos é entre os palestinianos. Aqui também a mesma coisa. Embora Timor fosse numericamente, proporcionalmente mais católico, comparado com a população. Não chega a um milhão e 90 e tal por cento é católico, ao passo que a Indonésia os católicos eram 3 milhões. Três milhões para 400 ou 200 milhões não é nada. No fundo também os bispos indonésios não viam também com bons olhos a política da Indonésia aqui em Timor. Os governantes vinham a Timor falavam de reconhecimento de minorias. Significa que a Igreja Católica não impedisse ou não hostilizasse a minoria islâmica aqui em Timor, quando ele falava aqui em Timor. Mas os bispos diziam porque é que ele não fala também disso em Ache para as minorias católicas?

P: Está-me a falar de duas coisa: uma é que havia maior preocupação com os católicos da Indonésia que eram mais do que em Timor?

R: Sim em número. Proporcionalmente a população era minoria mas numericamente era mais. Enquanto Timor não chegava a ter um milhão.

P: E acha que é por causa disso que a política do Vaticano em relação a Timor sempre foi muito ambígua, nunca foi muito clara na defesa dos direitos humanos?

R: Eu creio em parte é isto. Mas também quando o Papa sempre que falava, falava. Se se lembra pelas audiências pelo ano novo, o Papa falava, quando estava presente a embaixada Indonésia, o Papa falava que se respeitasse os direitos humanos.

P: E a homilia dele cá como é que foi?

R: A homilia cá foi centralizada no testemunho dos timorenses, como católicos para se imporem no meio desta sociedade se eles são católicos. Ser sal e luz do mundo.

P: E isso significa o quê?

R: Significa que os timorenses devem dar testemunho da sua vida cristã, catolicismo e prontificarem-se para poder conciliar todas as coisas pelo caminho da pacificação.

P: O facto do Papa ter vindo cá e de ter havido aquela manifestação, acha que foi importante para o relançamento da causa timorense?

R: Eu acho que contribuiu bastante porque dali para a frente foi uma abertura de Timor ao Mundo pela presença dos jornalistas que havia naquela altura. E depois os próprios timorenses e sobretudo a juventude ganhou coragem para se manifestar todas as vezes que houvesse ocasião ou motivo.

P: Foi importante a rede da Igreja no mundo para que fosse divulgada a denuncia daquilo que se passava em Timor?

R: Sim. Não é só isso e os padres muitas vezes também serviam-se de correio.

P: O que é quer dizer com isso?

R: As pessoas escreviam, depois os padres passavam para o estrangeiro.

P: Mesmo informação da guerrilha?

R: Mesmo informação da guerrilha, as cartas que eles passavam para o estrangeiro

P: E você alguma vez fez isso?

R: Eu no princípio fazia através da nunciatura. Eu levava daqui até à nunciatura.

P: Ia até Jacarta e dava à nunciatura?

R: Depois o próprio núncio a certa altura dizia: “para lá com isso porque nós não somos correio oficial de Timor.”

P: Quem é que lhe pedia para mandar?

R: Várias pessoas. Mesmo cartas particulares.

P: Chegou a fazer através do núncio, o primeiro núncio que esteve em Jacarta, porque o segundo dizem era mais pró-indonésio?

R: O Puente. Ele é que levou o Carlos Filipe para administrador apostólico.

P: O facto de terem adoptado o tetum como língua foi uma forma também de resistência?

R: Uma forma de resistência porque ou utilizámos português que na altura já se utilizava ou então...

P: Mas na altura estava interdito, o português!

R: Sim mas ou nós continuávamos a usar o português como usávamos até aquela altura, ou usávamos o indonésio. Então foi o recurso rápido de um grupo de sacerdotes traduziram a missa, sobretudo a parte, a missa dominical. Foi traduzido e usamos isso. Agora já estamos a fazer nova edição, a rever toda a tradução anterior para ser publicado.

P: E foi o seu irmão que esteve nessa....

R: Sim com um grupo de sacerdotes, não foi só ele.

P: Depois há outro marco na história de Timor que está também ligado à Igreja que foi o massacre de Santa Cruz. Saem de uma missa de homenagem e acontece o massacre. Como é que viveu esse dia?

R: Eu fui com um grupo de sacerdotes lá na Câmara Eclesiástica. Depois logo pela manhã quando passaram pela frente da Câmara Eclesiástica.

P: E estava lá o D. Ximenes também?

R: Não D. Ximenes estava em Lecidere. Eu até tirei algumas fotografias às pessoas que passavam no cortejo. Depois fui para o refeitório onde estava a tomar pequeno almoço e depois às tantas ouvi este tiroteio. E eu fui se não o primeiro, um dos primeiros que comuniquei a notícia para o estrangeiro.

P: Foi? Como é que fez?

R: Pelo telefone. Para uns parentes que estão lá em Lisboa e para um amigo que está em Jacarta. Telefonei: olha há tiros. Depois passado algum tempo fui a casa do D. Carlos, fomos os dois ao cemitério, ainda vimos lá muitos jovens feridos agrupados dentro da capelinha. Mas por trás da capelinha havia umas 300 pessoas ou mais. Às tantas vimos sair todos sem camisa com os braços à cabeça e os carros dos militares estavam lá à espera na rua para os levar, não sei para onde os levaram. Alguns ainda estão vivos. Conheço uns que ainda estão vivos. Depois dali fui de novo a casa do bispo, fui até hospital. Aí tirei fotografias aos feridos lá. Quando estava a tirar o polícia disse: “Padre não pode.” Depois eu disse assim: “você devia ter dito antes.” Então fui levei a máquina meti no carro, voltei de novo para o hospital.

P: O que fez a essas fotografias?

R: Essas fotografias fui mostrar ao engº Carrascalão que era governador. Sobre tudo para identificar uma pessoa que tinha passado em frente à Câmara Eclesiástica. Essa mesma pessoa eu vi ferido lá no hospital. Mas pelas características era um dos informadores.

P: Um dos informadores indonésios?

R: Da Indonésia. Um pormenor: durante aquela fuga das pessoas lá no cemitério. Havia um que ao fugir ainda tentou enfiar uma camisa da cor daquele que passou pela Câmara Eclesiástica...

P: Que era informador.

R: ... para se reconhecerem. Era informador.

P: E chegou a falar com os comandantes indonésios, na altura?

R: Não, indonésios não.

P: Diz que estava cá uma delegação da ONU, de direitos humanos.

R: Não me lembro.

P: Estávamos a falar do que é teve importância para a reviravolta de Timor. O massacre, o Papa?

R: Ambos tiveram influência. Agora o massacre despertou mais a consciência dos portugueses.

P: Acha?

R: Porque os portugueses ficara sensibilizados, bastante sensibilizados, por ouvirem aqueles jovens a rezarem em português. Dentro do cemitério quando eram atacados. Isto moveu bastante ...

P: porque é que diz isso?

R: Digo isto porque vocês lá na altura, depois de não sei quantos anos, aquela juventude não sabia português. Não estudavam português, estudavam indonésio. Mas rezavam em português.

P: Portanto houve uma identificação do povo...

R: Sim.

P: Mas para o mundo inteiro não foi assim?

R: O mundo inteiro foi ver ser vítimas de balas. Isto também foi uma vontade firme de ser alguém no mundo, eles próprios não com a Indonésia.

P: E depois acha que o Nobel também trouxe mais um impulso?

R: Sim, tudo concorreu para isto. Para um reconhecimento.

P: Na altura do massacre quem é que fez a contabilização dos mortos?

R: Oficialmente era a Indonésia.

P: Mas vocês contribuíram para a contabilização dos mortos?

R: Oficialmente não. Eu pessoalmente, infelizmente os meus dados ficou tudo destruído porque queimaram. Eu naquela altura chamava os jovens que conhecia para que cada um descrevesse a posição em que ele estava no cortejo. Eu seguia a par e passo a posição deles até o momento quando foram atacados. Eles contavam. Tinha tudo escrito mas os meus documentos foram todos ...

P: Estava a fazer isso porquê?

R: A minha intenção naquela altura, depois quando chegasse a liberdade, entregasse aqueles que eram responsáveis. Um deles era o Xanana. Por exemplo... a carta que ele escreveu e entregou ao pároco de Same.

P: Quem, o Xanana?

R: O Xanana, entregou ao pároco de Same.

P: Escreveu para onde?

R: Ao Papa. O padre, este padre, já faleceu, entregou-me a carta e a carta foi entregue no dia da chegada do Papa a Timor.

P: Ele escreveu uma carta quando o Papa veio? E quem foi o padre de Same que...

R: Rafael dos Santos.

P: E foi o senhor que depois entregou?

R: Através do bispo. Procurámos que o bispo fosse no mesmo carro que o Papa. Sem mais ninguém.

P: E assim foi.

R: E assim foi. Eu na altura... eu tinha boas relações e fazia parte do Comissão Nacional da Indonésia de segurança da visita do Papa. E então participava nas reuniões a nível nacional da Indonésia para estudar, analisar todas as circunstâncias dos lugares onde o Papa ia, na Indonésia. Sabia tudo e inclusivé de Timor. As reuniões internas de Timor também eu estava lá eu. Eu era o membro da Igreja que participava esta comissão de segurança.

P: E sabia que os jovens se iam manifestar no final?

R: Sim.

P: Como é que sabia?

R: Porque nós tínhamos o recinto,...Altar. Depois o recinto em leque, os cristãos. Depois nesta linha da frente a princípio os indonésios queriam colocar a juventude pró-Indonésia. Depois eu disse não, aqui só ficam escuteiros, porque os escuteiros

conhecem o que é a missa e estão preparados para assistir à missa. Os jovens... ficam nesta linha. Pus nesta linha atrás. De maneira que estes é que levavam as coisas para a manifestação. (aponta para a zona onde estavam os escuteiros)

P: E disseram-lhe?

R: Não, só eles é que sabiam. Só os escutas é que sabiam.

P: Mas não teve informações de que eles iriam fazer algmam coisa?

R: Na altura não. Mas sabia que eles iam fazer uma história.

P: Mas isso não foram os escuteiros que fizeram, ou foram?

R: Eles também estavam envolvidos. Porque a maior parte dos escuteiros eram de Motaél.

P: E o que é que isso quer dizer? Eram de Motaél.

R: Eram de Motaél porque em Motaél é que os jovens preparavam os seus planos de manifestação.

P: O padre de lá era?...

R: Era... eu até inclusivé para salavar o grupo deles, eu falei com eles e levei a apresentar-se ao comando miitar. Eu: “você pediram a minha colaboração eu trago estes jovens. Mas eu quero saber mensalmente o relatório da presença deles.” Esse grupo até agora, todos vivos, nenhum morto. Eles ainda sabem. Eles dizem se não fosse a intervenção do padre tínhamos morrido todos.

P: mesmo depois de terem feito a manifestação.

R: Isto é antes. Isto é muito antes. Foi na altura em que morreu o Sebastião. Eles também estavam lá. Mas como eu... eles dispuseram-se para apresentar ao comando eu levei.

P: E como é que foi o prémio Nobel, lembra-se? O D. Ximenes conta que estava a celebrar missa.

R: Sim estava na missa lá em Comoro, nos salesianos e foi-lhe comunicado isso.

Estava em Comoro com os Salesianos quando lhe foi comunicado.

P: E você também lá estava?

R: Não, eu não estava lá. Não me lembro se estava.

P: Ele diz que estava.

R: Se calhar eu comuniquei a ele.

P: Não, ele diz que foi um leigo que lhe comunicou através de um bilheteinho. E depois você foi ter com ele a dizer se deviam anunciar ou não e ele não quis.

R: Depois anunciámos aqui publicamente na Igreja.

P: Qual Igreja?

R: Igreja de Motael, uma semana depois.

P: Não tem grandes recordações?

R: Não tenho. Agora a preparação para o Nobel também eu estive na América 3 meses. Lá falámos bastante sobre...

P: Com quem?

R: Com os americanos.

P: Quem é que eram os americanos?

R: Era o arcebispo protestante e com um judeu pró-causa de Timor

P: Portanto estiveram a trabalhar...

R: Estivámos a trabalhar para...

P: Juntamente com o Ramos-Horta?

R: Não o Ramos-Horta nunca tive ocasião de me encontrar com ele. Quando eu estava na América, ele estava em Macau. Depois vim para Macau para me encontrar com ele, tinha saído. Naquela altura falámos nos círculos americanos com alguns membros do senado.

P: E falavam no sentido de lhe ser atribuído o Nobel?

R: De serem facilitados para serem eles os candidatos. Porque já no ano anterior, falhou. Devia ser um ano antes mas falhou. Depois naquele ano a seguir passou mais em segredo de maneira que a Indonésia não teve tempo para actuar contra.

P: E quando vai falar aos Estados Unidos com essa gente para ver se lhe é atribuído o Nobel o D. Carlsso sabe?

R: Eu fui lá por mandato dele para trabalhar... numa missão da Igreja mas o pároco que estava lá tinha organizado as coisas todas para encontrar ...

P: Mas ele sabia que se estava a trabalhar para o Nobel?

R: Sim, sim... eu naquela altura já era vigário-geral.

P: E isso da parte dele denota o quê? Que era um homem que planeava as coisas, que pensava?

R: Ele, eu creio que pensava.

P: Portanto era um homem que montava um estratégia, era isso?

R: Sim, sim. Depois lá em Lisboa também tive contactos com o Mário Soares que era presidente, com o Barroso quando ele era Ministro dos Negócios Estrangeiros.

P: Por causa do Nobel?

R: Falávamos de Timor.

P: E para trabalhar para o Nobel ou não?

R: Não, na altura não falávamos directamente. Porque na altura sobretudo o João (engana-se no nome) Barroso dizia o seguinte: “era difícil na altura dos timorenses que estavam em Lisboa, era difícil na altura saber quem é o nacionalista.” Porque havia vários grupos e cada um batia-se pelo seu grupo. Não havia unidade.

P: E depois conseguiu-se fazer o referendo. A Igreja não foi consultada na altura das negociações. Acha que deveria ter sido?

R: Consultada em que sentido?

P: Portugal e a Indonésia fizeram...

R: Na altura eu acho que era normal que a nível internacional, a Igreja nunca tomou parte nesse...

P: E depois como é que foi Referendo aqui?

R: Intensamente, com entusiasmo. Algumas passagens particulares que eu posso contar. Eu uma vez fui daqui a Aileu depois no caminho, na curva da estrada que vai para o Remexio, havia lá um plano antigo. Havia lá duas barracas. Mande parar o carro e fui lá ter com os dois homens que viviam. Depois perguntei: “você sabem a presença de tantos malaio agora aqui em Timor?” Naquela altura a ONU já estava cá para fazer a campanha. “Nós não sabemos. “ Sabiam mas Timor sempre não sabem. “Os malaio estão aqui para perguntar aos timorenses se querem continuar com a Indonésia ou se querem libertar-se.” Um dizia assim: “amigo senhor padre, 24 anos basta viver com a Indonésia agora é o nosso tempo.” De maneira que as pessoas tinham já consciência de que..

P: Malaio é branco?

R: Malaio é estrangeiro.

P: Senhor padre foi ajudar na divulgação do referendo. A Igreja também fez isso?

R: Na divulgação não oficial. Não só eu mas todos os padres.

P: Todos os padres ajudaram. E depois houve uma grande onda de violência outra vez?

R: Porque eles perderam.

P: E vocês já estavam à espera?

R: Sim violência nós já estávamos à espera que havia de vir. Porque eles... em 93 quando foi o último encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros em Roma, não sei se em Março. Março de 93 se não me encontro. Na altura eles diziam. Depois do encontro em Roma (na altura não se falava ainda do referendo)..depois do encontro

em Roma: “ou Timor fica na Indonésia, ou Timor liberta-se da Indonésia. Timor se ficar com a Indonésia, nós vamos limpar todos os anti- indonésios.” Na altura já diziam isso. “Se Timor se liberta da Indonésia, vamos destruir todas as facilidades que pusémos aqui em Timor e levar aquilo que... connosco.” Foi o que fizeram. E falta um terceiro. “E a guerrilha não acabará em Timor.” Isto falta provar para o futuro. Eu disse isto ao líderes políticos... para eles terem presente. Agora...

P: O que é que é isso a guerrilha não vai acabar em Timor? Quer dizer que continua?

R: Eles indonésios hão-de procurar provocar sempre porque eles ainda mantêm o estado de refugiados que estão lá e saíram em 99.

P: E ainda não regressaram?

R: A maior parte não.

P: Mas porquê? Porque não querem?

R: Ainda não sabem que política eles têm.

P: E onde é que eles estão?

R: Estão em Atambua, estão em outras partes de...

P: Ainda hoje há refugiados timorenses na Indonésia?

R: Sim, isto que faz admirar. Eles identificam-se como refugiados embora ACNUR, a organização Internacional de refugiados já não lhes reconhece. Mas eles ainda se consideram e são tratados por aqueles líderes políticos indonésios como refugiados.

P: E estão em campos de concentração?

R: Não. Vivem separados mas sem dono. Vivem em terras sem dono.

P : E como é que foi aqui? Eles queimaram só a Câmara Eclesiástica ou também queimaram a Casa do bispo?

R: Incendiaram. A casa do bispo ainda tiveram a sensibilidade de ir ajudar a retirar as coisas ainda antes de incendiar. Ao passo que a Câmara Eclesiástica incendiaram com todo o recheio.

P: Mas depois foi reconstruída a Casa do bispo, em Lecidere?

R: Foi reconstruída pelos portugueses se não me engano. A Câmara Eclesiástica com todo o recheio. Toda a documentação da Igreja...

P: E porque é que eles fizeram isso? Porque é que eles atacaram a Igreja?

R: Eu neste ponto tenho dois sentimentos. Um é o espírito antagónico deles contra a Igreja. Outro talvez por interesses: queimar toda a documentação de identidade dos timorenses. Porque na Câmara Eclesiástica tinha o registo de todos os timorenses. De todo o Timor. Não é só da diocese de Díli. Até pelo menos até 75 estavam todos

registados lá. Porque na altura ninguém se podia identificar a não ser os mais conhecidos.

P: E ajudou a preparar os encontros de Dare?

R: Por acaso eu, não era só ajuda mas era o actor. Eu que dirigia como moderador. Tanto de Dare aqui em Dare como em Jacarta, com os timorenses. Também tinha participado no encontro de Áustria. Quatro vezes. Eu fui ao segundo e ao quarto. O D. Carlos foi no primeiro e terceiro.

P: Os encontros de Dare acabaram por não dar grande resultado. Já na altura se podia ver que os timorenses não se iam entender?

R: Sim não se iam entender. Mesmo em Dare. Em Dare ainda se notava mais porque em Dare os pró-independência estavam cá dentro e os pró-integração estavam cá dentro. De maneira que os pró-independência não tinham aquela liberdade moral de se exprimir como queriam porque estavam cá dentro. Ao passo que Dare II, em Jacarta os de pró-Indonésia são de dentro e os de fora vieram todos de fora.

P: Exprimiam-se melhor.

R: Eu estava lá como moderador. E uma semana antes eu estive em Jacarta para tratar junto das autoridades indonésias, para facilitar a entrada de todos os que estavam na lista de D. Carlos para poderem participar nesta reunião. E consegui.

P: Como é que classifica o papel da igreja em todo este processo de ocupação e de independência?

R: Acho que na Igreja foi importante e indispensável.

P: Porque?...

R: Admitindo que a Igreja na altura, em bloco, dissesse que ficássemos com a Indonésia, era um grande trunfo na mão da indonésia no forum internacional.

P: Portanto como a Igreja não se pronunciou e até ajudou ...

R. De maneira que eles até nalgumas ocasiões, eles lamentavam .. diziam: “esta Igreja Católica de Timor o que é que nós não fazemos por eles. Construimos as escolas, damos material à escola, tudo, construimos igrejas, tudo. Mas ainda estão, continuam contra nós.”

P: Diziam eles? Diziam-lhe a si?

R: Não ao engº Carrascalão. E depois engº Carrascalão dizia a mim. “Senhores se vocês fazem tudo isto para a Igreja Católica para obter isto, vocês nunca vão alcançar. A igreja só pede a vocês uma coisa. Fazer justiça ao povo.”

P: Dizia o engº?

R: “Fazer justiça e então a Igreja colocará ao vosso lado. Pelo que vocês fazem nunca a Igreja aprovará a vossa presença.”

P: E os comandantes militares da polícia não lhe diziam nada disso a si? Não se lamentavam?

R: A mim não. A mim uma vez, não os militares mas um indonésio, civil, católico, muito perto dos militares, depois da visita de um ano, Nossa Senhora Peregrina percorrer todo o Timor, ele foi a minha casa que é a Câmara Eclesiástica antiga, ele apareceu lá... padre os indonésios, os militares ficaram muito impressionados e satisfeitos por este ano de peregrinação da Senhora, tudo correu bem, tudo, tudo. Também ficaram admirados por ver o povo a cantar, rezar, dançar, declamar e também a chorar perante a estátua da Virgem Maria. Mas uma coisa que eles notaram. Nunca nenhuma parte, pelos lugares por onde a estátua passou, houve um discurso, uma oração para agradecer o desenvolvimento que a Indonésia está a fazer em Timor. Depois eu dizia-lhe assim, espontaneamente: “O senhor é católico, senhor abra a Bíblia e leia os salmos. São cento e cinquenta orações que estão lá nos salmos. Você lá encontra tudo: alegrias, choros, lamentações, imprecações há lá nos salmos. O povo rezava conforme o seu sentimento da sua situação histórica real.” Só disse isso, ele calou-se foi-se embora.

Anexo 30

Entrevista D. Basílio do Nascimento

D. Basílio do Nascimento é bispo de Baucau. Estava em Portugal à data da invasão e durante a ocupação indonésia, passa ainda por França. Só regressa a Timor-Leste em 1994. Em 1996 é nomeado bispo de Settimunicia com diocese em Baucau.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 20 de Julho de 2015

Nota: A parte final da entrevista, por razões técnicas, não foi gravada. Ficou limitada às notas tomadas.

Pergunta: Foi-se embora em 1969?

Resposta: Sim.

P: Estava onde em 75, em Portugal?

R: Sim.

P: E soube da invasão lá?

R: Sim.

P: Portanto viu fora a invasão?

R: Sim.

P: E como viveu a invasão?

R: Por um lado preocupado, evidentemente. Mas por outro lado com a distância e sobretudo com a escassez de informação na altura, não se podia acompanhar as coisas tão de perto como eu desejava. Para situar no contexto, a primeira vez que vi uma reportagem concreta sobre o assunto Timor, a invasão, foi em 79, quando estava em França a estudar. Foi quando a France 3 fez uma reportagem. E foi a primeira vez que eu vi uma reportagem sobre a realidade timorense, aquilo que digamos assim acontecia, o dia à dia em Timor. Foi em 79.

P: Só em 79?

R: Só em 79 é que vi uma reportagem concreta sobre aquilo que se passava em Timor. A verdade é que durante o tempo da invasão, durante os primeiros tempos da invasão, os órgãos de comunicação portugueses deram alguma coisa, sobretudo a nível de informação escrita, mas na altura não se dava para fazer uma ideia do que tinha, o que aconteceu.

P: E não contactava para cá?

R: Para cá era difícil. O único contacto que tinha era com os refugiados que saíram daqui em 75 e depois chegaram a Portugal em 76, 77. As informações eram assim informações fracturadas e dessa fracturas eu podia fazer uma leitura porque as pessoas que para lá foram partiram de vários sítios de Timor. Portanto dá para a gente fazer uma ideia conhecendo Timor, mas era um conhecimento superficial. E depois ao longo dos anos fui acompanhando mas, como disse, um bocado à distância e à medida que os órgãos de comunicação de Portugal foram facilitando as coisas e também a nível internacional, sobretudo depois do governo ser chefiado pelo engº Mário

Carrascalão, foi quando o eng^o Mário abriu Timor ao mundo e só então se podia fazer uma ideia daquilo que se passava em Timor mas sempre muito...

P: Mas isso foi já nos anos 80.

R: Exacto.

P: Já nos finais de 80, depois do bispo Belo ter sido ordenado?

R: Sim 83, se não me engano.

P: E lá fora não se afirmava como voz? Não era utilizado para passar informação.

R: Não, nada. Contactava com os missionários que iam daqui, que iam daqui para lá. Foram-me dando informação os missionários portugueses. Mas na altura não tinha voz.

P: Conheceu o D. Martinho, não?

R: Sim. Conheci como padre.

P: Como padre. Mas ele já estava na diocese ou não?

R: Estava, estava a trabalhar.

P: Com D. José Joaquim Ribeiro.

R: Estava a trabalhar como sacerdote.

P: E como é que define cada um destes dois administradores apostólicos que Timor teve?

R: Tanto um como o outro foram gente de coragem. Acho que o senhor D. Martinho, a intervenção que fica para a História foi ter convencido a liderança de Xanana para renunciar à ideologia Marxista, que eles também não sabiam como hoje o Xanana diz, mas na altura era a ideologia que eles perfilhavam. E segundo as informações que eu tenho foi o senhor D. Martinho que o convenceu a deixar de lado essa ideologia. Porque se continuassem com essa ideologia, não teriam o apoio da Igreja e não tendo o apoio da Igreja local não teriam nunca o apoio internacional. E penso, e o senhor Xanana dir-lhe-á isso sem dúvida porque ele viveu em primeira pessoa. Todos os documentos e todos os testemunhos afirmam que foi a partir daí que o Xanana fez a viragem do ponto de vista ideológico e foi também a partir daí que a Igreja começou a dar o seu apoio de um modo muito mais aberto oficial .

P: Sempre deu. Porque o D. Martinho, inicialmente, pelo menos do que sei, é que o D. José até era favorável à integração e desse ponto de vista o D. Martinho também seria.

R: Não me parece que nem um nem outro sejam favoráveis. Por aquilo que conheço do senhor D. José, pelo menos testemunhos, testemunhos que eu ouvi. E aliás de

uma ou duas conversas que nós tivémos em Évora, o senhor D. José dizia-me isto: “3 horas antes da invasão eles eram desejados. Três horas depois foram odiados até hoje.”

P: Era o que estava a dizer, antes da invasão, por oposição aos comunistas da FRETILIN, eles até preferiam que a Indonésia entrasse.

R: Entrassem para pôr ordem não para se integrar. Para pôr ordem porque isto estava sem concerto. A preocupação era que houvesse alguma autoridade que pusesse um bocado de ordem nisto e que serenasse ou pacificasse o clima de rebelião total e de confusão que reinava. Mas duvido que tanto um como outro, o senhor D. José e o Senhor D. Martinho, não me parece que sejam pro-integracionistas. Embora hoje muita gente venha a recuperar isso. Mas se falar com a FRETILIN, também vai dizer que o senhor D. Martinho foi lutador pela independência convicto.

P: Sim mas ele não começa logo a falar. Ele ainda demora algum tempo a falar publicamente.

R: Sim. É possível que... bem nós também só estamos a medir as coisas pelo eco internacional que as suas palavras tiveram. Agora eu acho que o senhor D. Martinho aqui a nível local, o senhor Martinho falava embora exteriormente, as expressões dele não tivessem chegado. Aquilo que eu tenho ouvido que ele nas visitas pastorais que fazia, ele reunia o povo e falava ao povo abertamente.

P: Mas aquilo que normalmente se diz é que há um momento determinado em que ele resolve falar publicamente que é quando há uma cerimónia à virgem, em 81. Que até aí foi sempre tentando intervir junto das autoridades...

R: É possível.

P: Sobre o D. José fazem-lhe muitas críticas porque dizem que ele deveria ter intervindo quando foi a guerra civil, o golpe da UDT e o contragolpe da FRETILIN. Dizem que tinha autoridade para intervir para poder...

R: Que eu saiba ele falou. Ele falou com os chefes, que eu saiba ele falou, precisamente porque todos eles eram antigos seminaristas. Sei que o senhor D. José tentou intervir e chamou-os. Só que na altura não havia disposição para ouvir quem quer que seja e muito menos ao senhor D. José que era português. Portanto eles viam a intervenção de D. José como sendo uma intervenção de interesse, privilegiando o partido da UDT que era então pró-Portugal. De maneira que os chefes já não o ouviam. Agora sei que ele quis reuni-los. Isso é verdade.

P: É verdade? porque é a primeira vez que estou a ouvir dizer?

R: É que umas coisas, as pessoas fazem interpretação. E outra coisa é ouvir da boca do senhor D. José e eu tive esse privilégio de ouvir da boca dele porque ele passou os últimos anos em Évora. E nós falámos bastante tempo sobre muitas coisas. E ele tem vários escritos. Eu acho que ele deu indicações à arquidiocese de Évora para mexer nos escritos somente uns tempos depois dele morrer.

P: É na arquidiocese de Évora que estão os escritos?

R: Sim.

P: Em tudo o que li dizem que a Igreja devia intervir porque tinha um estatuto. O governador foi-se embora porque já não tinha autoridade mas que a Igreja ainda conseguia ter.

R: Mas como sabe também nestas coisas, as pessoas tomam as interpretações como sendo factos. E penso que muito pouca desta gente, Aliás também o senhor D. José não dava entrevistas. Nos últimos anos desde que foi a Portugal, entrou em silêncio e o senhor D. José não falava com toda a gente.

P: E ele vai-se embora porquê? Porque pede para se ir embora?

R: Sim por aquilo que ele disse. Porque a um momento dado a figura dele cá era mais um empecilho do que uma vantagem para a Igreja. Precisamente porque a presença da Indonésia via sobretudo a presença de portugueses cá, sobretudo um português como ele, evidentemente que não via com bons olhos. E acho que ele, ele próprio tomou a iniciativa de pedir a resignação. Porque, disse ele, era mais proveitoso ser a Igreja orientada ou governada por um sacerdote indígena, do que por um secular.

P: Como é que viu a acção de D. Martinho na relação com a luta do povo timorense?

R: Eu acho que a denúncia de um modo oficial (Depois o senhor D. Carlos veio dar ainda mais eco) mas penso que a denúncia- já o senhor D. José dizia alguma coisa, pelo menos naquelas poucas curtas mensagens que ele enviava para Portugal- mas o senhor D. Martinho eu acho que com o senhor D. Martinho começou a época denunciadora da situação. Eu costumo dividir sempre a presença da Igreja ou a acção da Igreja em três fases. Numa primeira foi a Igreja protectora, numa segunda fase foi a Igreja denunciadora. Na última fase a Igreja reconciliadora tentando levar os irmãos desavindos a tentar reconciliar-se. Ou então se não se reconciliavam, pelo menos tentavam diminuir o mais possível, os possíveis estragos que poderiam advir da guerra fratricida. A um momento dado já não era Timor/Indonésia, era timorenses/timorenses. E aí a última fase da Igreja, e aí também eu já participei, que foi a dimensão da Igreja reconciliadora. Fez o que se fez, alguma coisa terá ficado

mas evidentemente que muito sangue foi derramado em 99. Cá está, o senhor D. José no início tentou falar. Não ouviram. E nós, D. Carlos e eu, no fim também tentámos falar mas já não fomos ouvidos. Porque cada um estava de tal maneira convencido da sua posição que não via mais benefício absolutamente nenhum da outra parte. Cada um estava determinado a levar avante a sua própria visão e a sua própria convicção.

P: Eu já gostava de ir aí para falar dos encontros de Dare, mas gostava de lhe perguntar sobre os administradores apostólicos. Chegou a falar com D. Martinho quando ele foi para lá?

R: Eu quando o fui visitar... quando ele chegou não porque entretanto eu estava...

P: Estava em Paris?

R: Estava em Paris exactamente. E depois quando, quando estive mais estável depois em Évora ele já estava muito adoentado. De maneira que visitei-o poucas vezes.

P: Mas chegou a falar com ele?

R: Não sobre isto.

P: Não sobre Timor?

R: Ele também se calou. A um momento dado, eu penso que ele sentiu que estava a ser manipulado ou usado e ele calou-se. Como um outro missionário açoriano, padre Leoneto, que também na altura regressou e o padre Leoneto ainda falou no princípio mas...

P: Mas usado por quem? Manipulado?

R: Eu acho que era pela comunicação social. E eles a um momento dado também tinham receio da retaliação da parte dos indonésios em relação aos timorenses por causa daquilo que eles podiam confirmar. E afirmando coisas, os órgãos de comunicação social podiam difundir e exagerar ainda mais. Acho que tanto um como outro tiveram consciência que as suas declarações poderiam ser mais prejudiciais à paz timorense e acho que eles a partir daí calaram-se.

P: E o D. Carlos como é que viu o “reinado” dele, digamos assim?

R: Eu acho que D. Carlos foi, hoje em dia, dos responsáveis da igreja... era atirarmos um rapaz muito novo para a caverna dos leões. Mas ele foi um leão. Evidentemente teve consciência da sua juventude, da sua inexperiência, etc., mas ele acompanhou a invasão. Quando a invasão começou ele estava cá e depois foi para Portugal e depois quando regressou para trabalhar como sacerdote, evidentemente que acompanhava muito de perto as coisas. E ele aí com o carácter que ele tem evidentemente- nós

conhecemos dos tempos de criança quase, nos tempos do seminário e ele foi sempre assim este homem impetuoso. Diz primeiro as coisas e depois é que as pensa.

P: A sério? Não parece.

R: Agora, agora está mais maduro. Mas na altura o que vinha à boca a coisa saía. E isso, a gente só amadurece com a idade e com a experiência e com sovas que nós levamos na vida é que nos tornamos mais equilibrados. Mas D. Carlos foi... Se D. Martinho foi o denunciador, D. Carlos foi mais ainda que denunciador. E tomou iniciativas. Por exemplo esta carta que ele escreveu ao secretário-geral das Nações Unidas, foi muito criticada mas eu acho que foi um acto de coragem e se calhar hoje, começamos a dar-lhe importância mas se calhar a história do exterior dar-lhe-á mais importância por causa das várias atitudes que D. Carlos tomou. E penso que nessa altura houve duas pessoas em Timor que contribuíram e muito para o conhecimento de Timor: uma é o senhor governador Mário Carrascalão e a outra o senhor D. Carlos.

P: O senhor governador Mário Carrascalão?

R: Sim, Sim.

P: Mas porquê? Porque ele também denunciava lá para fora?

R: Ele não denunciava mas ele abriu Timor, ele conseguiu que o mundo internacional pudesse visitar Timor. Com todos os condicionalismos evidentemente, com todas as limitações. Mas até ele vir, Timor estava completamente fechado ao Mundo.

P: Mas D. Carlos quando é nomeado ele é muito criticado. Porque dizem que ele é lá colocado pelo indonésios. Porque retiram D. Martinho, impondo um jovem.

R: Só que lhes saiu o tiro pela culatra.

P: Mas acha que os padres reconheceram depois disso, os padres que não foram à cerimónia de ordenação dele, reconheceram isso?

R: Sim, sim. Na altura de facto fizeram essa interpretação. Como D. Martinho era duro, interpretaram como sendo uma manobra do Vaticano em pôr uma pessoa mais maleável, mais manobrável em relação à política que a Indonésia queria implantar cá. Só que todos nós sabemos o que foi D. Carlos depois.

P: Sim, mas D. Carlos não foi propriamente um D. Martinho. D. Martinho era um homem muito mais assertivo na forma como fazia a denúncia. D. Carlos parecia um homem mais diplomata.

R: Não, não. O D. Carlos era muito directo. Tanto assim que criou inimizades. No princípio julgaram que ainda o podiam manipular mas depois deram-se conta que se enganaram na rifa. Porque o D. Carlos...

P: Em relação aos indonésios?

R: Sim. D. Carlos depois começou a ser muito directo e o feitio dele é o feitio daquele feitio que dizia as coisas com todas as palavras. D. Carlos não as escondia e não estava com paninhos quentes para denunciar a situação.

P: Mas por exemplo D. Martinho era um homem mais envolvido com a resistência. D. Carlos, não.

R: D. Carlos não porque não acompanhou, não acompanhou aquele início. Setenta e cinco. Eu acho que ele veio em 74 como estagiário. Em 75 teve de retirar. Não acompanhou aqueles 3 primeiros anos de luta assanhada.

P: Mas D. Carlos dizem que... Xanana critica-o muito no seu livro, dizendo inclusivamente que ele foi-lhe propôr a rendição. E não incitava à luta. Dos livros que li sobre D. Martinho é que D. Martinho dizia que era para continuarem a luta armada

R: Eu penso que numa primeira perspectiva é verdade é que D. Carlos olhava sobretudo, para o sofrimento da população civil. Não me repugna que D. Carlos tenha proposto, tenha feito essa proposta à liderança da guerrilha porque quem sofria eram as pessoas que estavam nas cidades. Os que estavam no mato sofriam as limitações. Mas não sofriam as torturas, não sofriam estes bloqueios psicológicos que as pessoas da cidade, dos centros urbanos sofriam. Eu compreendo que a um momento dado, o senhor D. Carlos tenha feito essa proposta, exactamente porque via o sofrimento do povo.

P: A Igreja foi muitas vezes utilizada para divulgar o que se passava aqui. Aliás havia padres que eram eles que passavam as informações. Havia essa consciência? O senhor alguma vez foi utilizado para passar informação?

R: Eu nunca fui porque quando vim, fiquei um ano somente como padre. De maneira que não tive tempo digamos assim para me embrenhar nisso, porque logo a seguir fui nomeado bispo.

P: Mas ouviu contar muitas histórias? Que histórias é que ouviu contar?

R: E depois como bispo acompanhei vários sacerdotes de quem soube que eles estavam envolvidos e eram correio de muita coisa. Houve gente que transportou o Xanana no carro vestido à padre. Houve padres... toda a gente estava envolvida, uns de uma maneira, outros de outra. Uns cooperavam pura e simplesmente. Mas outros participando de uma forma activa, colaborando até nalgumas missões.

P: E tem assim alguma história que os padres lhe tenham contado de coisas curiosas além de transportarem Xanana? Não forneceram armamento?

R: Sim sei de um que foi meu vigário-geral, já está no reino dos céus.

P: Como é que se chamava?

R: Padre Mário Belo.

P: O que é que ele fez?

R: Acho que ele arranjou uma metralhadora indonésia que tirou de um polícia timorense. O polícia timorense arriscou a cabeça dele, entregou a metralhadora ao padre que por sua vez fez chegar à resistência.

P: Quem é que tiou a metralhadora?

R: O padre Mário... pediu-lhe e o outro fez de conta. E depois por exemplo a transportar, transportar os resistentes doentes, adoentados no mato para serem visitados, olhe pelos primeiro-ministro actual. Foi médico de muita gente no mato. E o canal utilizado foi sempre forem sempre os padres.

P: Isso era mais ou menos a utilização da Igreja de uma forma política. Concorde que houve uma utilização política e a própria Igreja teve uma intervenção política?

R: Sim, Não me repugna reconhecê-lo, porque a uma momento dado é verdade que isto. E Também se não fosse a Igreja a colaborar, o destino de Timor não seria este que nós temos hoje.

P: Por Exemplo D. Carlos diz sempre que é uma missão pastoral a que tiveram.

R: Sem dúvida nenhuma que ele não pode dizer outra coisa.

P: O senhor bispo está-me a dizer outra coisa.

R: Pois mas agora estamos como recuo do tempo.

P: Mas ele disse-me agora. Que foi uma missão pastoral. Acha que as missões pastorais da Igreja, a mensagem da Igreja em questões de Justiça-porque não é o primeiro caso em que os padres têm intervenção política, a América latina teve...

R: Com os jesuítas.

P: Com os jesuítas, com a Teologia da Libertação. Esses então tiveram mesmo. E o D. Romero também. Acha que há algum cruzamento entre missão pastoral e missão política?

R: Eu penso que aqui vamos ver. Vamos tentar identificar qual é o objectivo de ambas as missões. Tanto a política como a pastoral têm como objecto a pessoa humana. A política tenta resolver de uma forma material, o bem estar das pessoas. A pastoral, a missão da Igreja também tenta exactamente, resolver digamos assim, a situação da pessoa no bem estar não tanto material mas fundamentalmente no espiritual. Só que nessas condições em que, nessas condições de guerra,

evidentemente que nós não podemos ser alheios e não podemos ser estranhos ao sofrimento das pessoas. As pessoas que eram presas por tudo e por nada e eram objecto de violência exactamente para extrair informações. A população civil que não tem culpa absolutamente nenhuma. E penso que nessa altura a denúncia destas situações, chame-lhe política, chame-lhe pastoral, eu digo que na altura era fundamentalmente a dignidade da pessoa timorense que estava em causa e a Igreja decidiu entrar com as armas que tinha na altura, com os meios que tinha na altura. Não para fazer a política de exigência da independência ou coisa do género mas sobretudo da defesa da pessoa humana.

P: Já me disse que veio muito tarde, mas há dois momentos essenciais na questão de Timor. Um é menos falado: a visita do Papa. É menos falado como um momento essencial para influenciar a opinião pública. Acha ou não que foi essencial. E porquê?

R: Sem dúvida nenhuma. Sem dúvida nenhuma. Porque a visita do Papa pôs Timor no mapa. Há duas pessoas, é necessário reconhecer. Uma é o Dr. Ramos-Horta que até 83, de 78 a 83 Timor praticamente já não era falado no mundo Ocidental e o Dr. Ramos-Horta com toda a sua paciência, com toda a sua tenacidade e à custa de vários sacrifícios, ele, o Ramos-Horta conseguiu pôr outra vez a questão de Timor, sobretudo a nível das Nações Unidas, conseguiu pôr a questão no tapete rolante das Nações Unidas. Isso honra-lhe seja feita. Eu lembro-me daquele momento em que Timor deixou de ser notícia lá nos jornais portugueses, assim de uma forma contínua, sistemática. Mas depois com o protagonismo que o Dr. Ramos-Horta começou a ter, sobretudo quando ele foi residir nos Estados Unidos, lá descobriu os corredores importantes daquela instituição e soube meter-se, soube manobrar. E aqui devo prestar homenagem aquilo que o Dr. Ramos-Horta fez. Evidentemente não sozinho, mas os outros estavam muito situados. Os que estavam em Moçambique, os que estavam em Angola, os que estavam em Portugal, estavam muito limitados. O Dr. Abílio Araújo até um momento dado, quando ele não foi expulso da FRETILIN, o Dr. Abílio Araújo ainda teve também uma intervenção bastante significativa. Mas depois quando ele foi expulso do partido, ele deixou de aparecer. E nessa altura quem apareceu mais foi o Dr. Ramos-Horta exprimindo as opiniões dele mas sobretudo exprimindo as opiniões do Xanana que apesar de estar na prisão, julgo que estavam sempre em contacto e isso à sua medida foi contribuindo para que Timor aparecesse. Mas evidentemente que a visita do Papa deu outra dimensão como o massacre de 12 de Novembro. Mas a visita do Papa creio que alertou ou contribuiu para alertar as

peessoas onde é que ficava este pequenino país que ninguém sabia. Ou esta metade desta pequena ilha que estava em conflito com uma potência como a Indonésia. O Papa fez falar de Timor com aqueles órgãos de comunicação todos que cá estiveram, mais de uma centena, fizeram falar de Timor. Eu penso que isso foi um contributo enorme. E depois o massacre de 12 de Novembro.

P: Mas a visita do Papa foi um pouco criticada. Houve a questão de não beijar o solo mas havia também a questão sobre se vinha ou não ele reconhecer a integração que era o que os indonésios queriam.

R: Sim mas o Papa... a diplomacia do Vaticano não nasceu ontem. Penso que a diplomacia do Vaticano sabe muitíssimo bem lidar com estas situações e acho que o Papa naquele gesto de não beijar Timor, eu acho que foi elucidativo. Ele costuma beijar os países independentes e Timor na altura não era. De maneira que o facto de não beijar o chão do aeroporto... mas beijou na catedral, só que não beijou o chão. Beijou o cruxifixo. Os padres foram muito espertos, puseram o cruxifixo no chão e Santo Padre beijou o cruxifixo.

P: Mas a política do Vaticano foi sempre criticada. Dizia-se que tinha uma política muito ambígua.

R: Mas cá está, há certas coisas... eu depois tive de aprender às minhas custas. Também eu navegava nestas águas. Só que depois de entrar em contacto com o Vaticano, já na altura em que eu fui chamado... quando se pensava já na minha vinda para cá é que eu tive contacto com o Vaticano. E o actual secretário de Estado do Vaticano, cardeal Parolin, foi uma das pessoas que sempre acompanhou Timor desde sempre. Se calhar uma das pessoas que mais sabe sobre Timor é o cardeal Parolin.

P: Mas na altura era o Casaroli, não era?

R: Era o secretário de Estado. Mas tinha o desk... o desk de Timor estava confiado ao monsenhor Parolin que estava dependente de um outro cardeal que era Jean-Louis Tauran (?)

P: Mas portanto acha que não foi uma má actuação a do Vaticano?

R: Não.

P: Porquê?

R: Eu sei que os nossos líderes criticavam porque estavam à espera que o Vaticano fizesse um apoio a defender Timor. Só que, o Vaticano tinha que pesar também as coisas. Do outro lado estava seis milhões de católicos. E era necessário jogar ali num equilíbrio e eles nunca afirmaram uma coisa nem outra. Mas a ideia do Vaticano foi

sempre que a Igreja tem de ser respeitada. E isso do ponto de vista de presença da Igreja sempre foram muito atentos aquilo que ia acontecendo e sempre que havia alguma coisa em relação a algum religioso, por exemplo, o Vaticano fazia funcionar os seus canais.

P: Quando havia religiosos que foram presos?

R: Sim, presos ou ameaçados. O Vaticano fazia funcionar os seus canais e eram eficazes. Há muita coisa. A história será feita um dia.

P: Ainda não se pode ir ver ao Vaticano.

R: Eu ouvindo críticas dos nossos políticos...

P: Dos vossos políticos timorenses?

R: Extamente, que estavam na diáspora, sim é verdade faziam críticas as eu acho que nunca falaram directamente com as pessoas. Eu depois fiquei esclarecido. Tinha as críticas nos ouvidos mas depois quando falvava com estes actores directos que foram encarregues pelo Vaticano de tratar o assunto de Timor, a coisa não é assim tão indiferente como conta.

P: Por causa dos seis milhões?

R: Não só.

P: Então o que é que pesava mais?

R: Mas o Vaticano também não podia estar a afirmar um pró uma coisa e contra outra. A Igreja na Indonésia é a Igreja em Timor. De maneira que o ponto de vista do Vaticano era ver fundamentalmente como é que a Igreja devia intervir, como é que a Igreja devia e como é que a Igreja era tratada nestes conflitos. De maneira que penso eu que não cabia ao Vaticano que era pró independência de Timor ou contra a independência de Timor. Não era esse o papel do Vaticano.

P: E acha que o facto de nunca terem integrado a Igreja Timorene na Igreja Indonésia foi uma forma também de estar ao lado da Igreja timorene?

R: Sem dúvida nenhuma. Tanto mais que o D. Carlos e depois eu, nós nunca fizemos parte da Conferência Episcopal Indonésia.

P: Mas o D. Carlos era convidado.

R: Era convidado, era observador.

P: E o D. Martinho também lá foi.

R: Sim. Mas nós dependíamos. Nós éramos administradores apostólicos. Não éramos bispos titulares e isso significava que quem era o bispo de Timor era o Papa

directamente. De maneira que a Indonésia também sabia muitíssimo bem que do ponto de vista diplomático a que coisa se devia ater.

P: Foram administradores apostólicos até determinada altura porque depois foram mesmo bispos.

R: Sim até depois da Independência, até 2002.

P: O bispo D. Carlos foi nomeado bispo de Lorum?

R: Isso é titular. Porque na Igreja os administradores apostólicos são bs e os bispos têm de ter uma diocese. Só que ele estava a governar Díli mas ele não era bispo de Díli era bispo de uma diocese antiga, Lorum. Assim como eu bispo de Settimunícia, sendo nomeado para tomar conta da diocese de Baucau. Mas eu não era bispo de Baucau. Eu era administrador apostólico de Baucau e a minha diocese era Settimunícia.

P: Sabe que o D. Carlos não me explicou assim. Explicou-me dizendo que o bispado não é residente e então dá-se um título qualquer. Não é?

R: Não. Quando os bispos não têm dioceses. Os auxiliares de Portugal. O titular de Braga é o senhor D. Jorge. Os outros são titulares de umas outras dioceses. Podem ser titulares de dioceses de Portugal que foram dioceses e que desapareceram. Por exemplo eu acho que há um no Porto que é titular de Elvas.

P: Que já desapareceu.

R: Que já desapareceu.

P: Então acha que nesse caso de Timor, foi uma questão política?

R: Aí o Vaticano jogou a dizer nós estamos lá. Nessa nossa gente convém saber com que linhas se cosem.

P: Depois há o massacre de Santa Cruz. Ainda não está cá?

R: Não, ainda não. isso acontece em 91, eu só vim em 94.

P: Mas lá viu.

R: Aí já os meios de comunicação já tinham outras facilidades de divulgação e julgo que também o correio entre aspas entre Timor e o estrangeiro... Timor, Jacarta sobretudo e depois de Jacarta saía para fora com uma facilidade enorme. Por exemplo coisas que aconteciam em Timor de manhã, em Timor, e no noticiário das 8 da noite ou nas 24 horas sabia-se em Portugal o que aconteceu em Timor naquele dia. Já havia uma ligação mais profissionalizada e mais facilitada e uma coordenação muitíssimo eficaz entre os membros da resistência, alguns membros das Forças Armadas indonésias e depois com gente também com gente da Indonésia.

P: E da Igreja também, não?

R: Sim Claro.

P: A utilização dessa rede, era consciente da vossa parte?

R: Não, não havia decisão do ponto de vista hierárquico. Mas cada um estava ciente do risco que corria e aceitava corrê-los.

P: Mas a rede que havia pelo mundo inteiro – porque também foi utilizada pela Igreja Católica- isso falavam entre vocês que podiam utilizar essa rede?

R: Sim. Durante, o tempo da ocupação, vários gerais das congregações religiosas passavam por aqui. Portanto estes eram bons canais de passagem dos documentos.

P: E até através de ONGs? Duas em Portugal que estavam ligadas à Igreja Católica, como “A Paz é Possível para Timor-Leste” e “A Paz e Justiça”.

R: E há uma francesa que também esteve muito ligada à Igreja.

P: Qual é que é?

R: Agora não me lembro.

P: Há a “Pax Chisti” mas essa é internacional.

R: Tem outra... lembro-me da Amnistia Internacional.

P: Mas essa não era Católica.

R: Sim.

P: É a Igreja a trabalhar politicamente?

R: Sim pelo menos a nível de solidariedade.

P: As cartas do Padre Felgieras e Padre Martins não teriam saído se não fosse assim.

R: E depois cartas das outras religiosas missionários que cá estavam.

P: E quem foram?

R: A madre Idália, as carmelitas espanholas.

P: E elas estão cá ainda?

R: Eu acho que já não.

P: Também passavam cartas?

R: Escreviam. Elas estavam nas paróquias das montanhas. Estas acompanhavam de perto e no terreno aquilo que ia acontecendo e que elas próprias testemunhavam.

P: O massacre, diz-se que a sua importância foi o de ter sido filmado. Acha que foi de facto isso?

R: Sem dúvida nenhuma que uma imagem vale mais de mil palavras. E a crueza do comportamento do exército indonésio nessa altura e depois... eu não me atrevo a chamar-lhe fé mas o momento de oração que os timorenses mostraram naquele tempo

de angústia e de aperto e dificuldade, a única coisa que tinham na mão era a oração. Eu julgo que a combinação das duas coisas, chamou a atenção do mundo. Lembro-me do Dr. Mário Soares que é agnóstico, lembro-me do testemunho que ele deu. Ele emocionou-se porque as pessoas estavam a rezar em português.

P: Depois há ali um momento simbólico que se pode ligar ao martírio.

R: Sim, sim... eu na altura não sei quantos morreram. Creio que é difícil saber. Depois há outros que disseram, que ouviram.... sei de seminaristas que estiveram na manifestação, foram presos e que o reitor os veio libertar à noite. Houve muita gente que foi levada e que nunca mais apareceu, familiares. Mas assim ao certo, ao certo não se sabe quantos morreram na altura. Agora que aquela filmagem, respondendo à sua pergunta, contribuiu e muito para o despertar o mundo. A visita do Santo Padre sem dúvida nenhuma despertou, aquela... O Lusitânia Expresso não sei se veio antes se veio depois.

P: Foi depois.

R: A visita do Papa pôs Timor no mapa do mundo, mas creio que o massacre acho que serviu, não sei se estarei certo no meu pensamento, serviu para encostar a Indonésia à parede. Gente que... com a sensibilidade de hoje em relação aos direitos humanos, etc, gente que atira contra inocentes. Aquelas imagens valeram a independência de Timor. Eu penso que a partir daí, mesmo aqueles, como o Dr. Ramos-Horta dizia, pareciam insensíveis ao problema de Timor, perante esta imagem do 12 de Novembro, acho que todos eles viram, viraram a casaca, viraram de opinião.

P: Esses foram os grandes acontecimentos (o Papa e Santa Cruz) para marcar a opinião internacional. Depois o Lusitânia Expresso é mais a nível de Portugal?

R: Sim.. dizem-me que veio muito órgão de comunicação social estrangeiro lá. Mas lá só via a reportagem que a RTP dava. Mas o Dr. Rui Marques estará em melhor posição.

P: Tanto a visita do Papa como Santa Cruz revelam a utilização das celebrações religiosas para as manifestações políticas. O Papa foi a celebração da missa e a seguir houve aquela... acho que até foi a primeira vez que se manifestaram. E o massacre de Santa Cruz é a marcha a seguir à missa de 8º ou 7º dia de Sebastião Gomes. Tem ideia de quem partiu essa ideia? Dos padres?

R: Não. Sei que o senhor D. Ricardo foi acusado. O D. Ricardo foi torturado porque desconfiaram que tivesse sido D. Ricardo a movimentar as coisas.

P: Isso no dia do massacre ?

R: Sim.

P: Porque foi ele que celebrou a missa?

R: Foi ele que celebrou a missa e desconfiaram e D. Ricardo nunca quis falar disto até à morte dele, ele só falava nisto a um grupo muito reservado. Mas sabe-se que ele sofreu, ele foi torturado por causa. Não foi preso. Foi levado e durante dois dias, dois ou três dias, fizeram-lhe interrogatórios que ele depois com a diplomacia dele disse que eram coisas pesadas. Mas ele nunca revelou como é que ele foi tratado.

P: Mas ele nunca revelou se esteve ou não por detrás da manifestação?

R: Não. O Ricardo pura e simplesmente dava cobertura aos jovens que lá estavam, aos jovens que procuravam abrigo em Motael, na paróquia de Motael e quando foi daquela celebração, D. Ricardo celebrou a missa para um paroquiano dele. Agora depois no caminho os jovens, os jovens tiveram aquela manifestação mas não foi o D. Ricardo a coordenar as coisas. Aliás não vejo o D. Ricardo... O D. Ricardo podia apoiar no sentido de dar conselhos mas ser ele o instigador, não vejo.

P: Porque havia padres mais activos.

R: Sim.

P: Eu entrevistei o padre Francisco Barreto que se metia mesmo nas questões políticas.

R: Mas se puder entrevistar, não está cá, esté em Macau o padre Domingos Soares.

P: O Padre Domingos Soares fez o quê concretamente?

R: Esse era um militante anti-indonésio. Só que ele nunca se afirmou politicamente. Ele utilizava os trabalhos pastorais para contactar com as pessoas com quem ele precisava de contactar. Por exemplo com a resistência. Ele combinava as coisas, combinava as horas de encontro e ele ia. Fazia tudo a pé. Ele ia visitar todas as estações missionárias, todas as povoações ele ia visitá-las a pé e depois no caminho ele ia-se encontrar com resistentes que o consultavam, que às vezes confessavam.

P: Confessavam-se a ele, os guerrilheiros também?

R: Sim. São católicos.

P: Podiam não ser crentes.

R: Mas buscavam alimento espiritual junto dos padres e muitas vezes combinavam-se estratégias para que eles pudessem receber algum sacramento.

P: O D. Carlos criticava muito essa utilização das celebrações religiosas. Como é que vê? Acha que era legítimo ou não?

R: Não está no facto das celebrações serem utilizadas como manifestações políticas. Era necessário, era necessário celebrar. Mas aí os padres não tinham culpa nenhuma que depois essas celebrações fossem aproveitadas por vários participantes que lá estavam ou que lá estão para alcançar outros objectivos. Sobretudo manifestações, etc. Dizer que ostensivamente se utilizavam as manifestações religiosas para tal julgo que não é certo. Agora o senhor D. Carlos evidentemente por outro lado ele tem razão na medida em que em princípio estas orações não deviam ser utilizadas para isso. Mas o certo é que aconteceu. Repito não foi culpa dos padres a dizer: “vamos celebrar uma missa para fazer uma manifestação contra a Indonésia.” Se as coisas fossem assim, não teriam sentido absolutamente nenhum.

P: E o D. Carlos muitas vezes era até bastante ríspido com os jovens porque não os deixava entrar na casa dele. Acho que se passou isso inclusivamente em Santa Cruz.

R: Ele também sentia a vida em perigo. Uma coisa é quando a gente fala assim à distância. Agora na altura, na altura, D. Carlos era perseguido e eu acho que só não fizeram mal aos senhor D. Carlos porque a Indonésia sabia muitíssimo bem quem era o D. Carlos. Porque não era o D. Carlos em si. O que era que D. Carlos representava. Exactamente por ser representante do Vaticano cá. Na altura o núncio estava em Jacarta mas digamos com este estatuto de administrador apostólico, um atentado contra o senhor D. Carlos. Evidentemente que D. Carlos poderia ser morto a qualquer altura. Mas depois era a repercursão. Seria tão negativa para a Indonésia, que a Indonésia eu acho que engoliu a seco muitas coisas com as afirmações de D. Carlos. Mas eu acho que nunca se atreveriam a mexer nunca nele.

P: Depois o senhor vem para cá em 94.

R: Sim.

P: E sente essa pressão indonésia?

R: Sim, sim. Mas nessa altura, eu direi 94 para a frente, a pressão já não era tanta. Eu acho que na altura os próprios indonésios começaram a sentir as coisas a fugir um bocado das mãos. Precisamente o massacre de Novembro, penso que mesmo a nível da hierarquia indonésia, a própria hierarquia sentiu-se um bocado fragilizada porque a imagem no exterior estava a ser muito negativa. E depois com os embargos sucessivos decretados pela comunidade internacional, eles sentiram que das duas uma: ou tinham de fazer uma outra política para a conquista do coração timorense, ou se continuassem daquela maneira poderia haver uma implosão a nível da Indonésia porque Timor estava a ser um mau exemplo para as outras ilhas da Indonésia. De maneira de 94 até

99, havia ainda a presença desta gente aqui estava, mas penso que a pressão já não era tão intensa como tinha sido antes.

P: E portanto não se sentiu perseguido? Não sentiu a vida em perigo?

R: Não, eu nunca senti em perigo. Mas também as minhas intervenções eram sempre mais apagadas. Eu não era tão directo como o D. Carlos. Eu quando havia qualquer coisa, eu procurava os chefes.

P: Os chefes quê? Os chefes da polícia?

R: Indonésios. Porque na estratégia ou na organização indonésia, o de baixo obedece à ordem que vem lá de cima. E desde que aquele ali diga que não é não, que sim é sim, muita libertação das pessoas eu consegui assim com a minha comissão da Justiça e Paz. Em vez de lutar, em vez de fazer as coisas em confronto...

P: Fez uma comissão de Justiça e Paz?

R: Ah sim.

P: Que comissão era essa?

R: Comissão de Justiça e Paz exactamente.

P: Mas quem é que integrava essa comissão?

R: O presidente era um padre e depois eram vários leigos.

P: Leigos, católicos timorenses.

R: Evidentemente.

P: E era através deles que iam falar com os indonésios?

R: Exactamente. Sempre que havia uma prisão, sempre que havia uma violência. Sempre que se sabia de um caso e que chegava aos ouvidos meus e membros da comissão Justiça e Paz, os membros da comissão entravam em terreno. Exactamente nós adoptávamos essa estratégia. Ir ver os chefes e depois...às vezes há coisas que não se podiam conseguir porque havia factos evidentes. Ou foram apanhados em flagrante, não se podia fazer nada. Mas quando havia pura e simplesmente suspeitas conseguia-se libertar. E depois mais outra coisa. E sobretudo também, quando eles sabiam que nós sabíamos, o tratamento em relação a pessoas já era diferente.

P: Era na vossa zona de Baucau que faziam isso?

R: Diocese de Baucau.

P: Aqui era basicamente o bispo que intercedia?

R: Sim, sim.

P: Depois há o Nobel da Paz. Quando é que soube?

R: Eu soube na altura. Foi concomitantemente da minha comissão para bispo. Eu acho que a menção é em 96, Novembro, se não me engano.

P: Sim é por essa altura que é anunciado.

R: E eu em 30 de Novembro fui nomeado bispo. As coisas coincidiram.

P: E porque é que acha que o Vaticano nomeou dois bispos? O senhor veio para cá, veio para Díli ou foi logo para Baucau?

R: Não eu vim para Díli. Na altura só havia uma diocese que era a diocese de Díli.

P: E fica como padre onde?

R: Em Ainaro.

P: E depois é que é nomeado bispo para Baucau?

R: Não, depois ainda vim trabalhar aqui no serviços centrais da diocese como vigário episcopal para a pastoral. Em Novembro de 94, 95 estive em Ainaro. 95, 96 trabalhei aqui juntamente com D. Carlos. E depois em 30 de Novembro de 96 foi criada a diocese de Baucau e eu fui nomeado bispo.

P: E porque é que acha que o Vaticano cria essa diocese?

R: Na altura havia 3 coisas: uma era para aliviar o trabalho de um só bispo que era enorme. Eu hoje com a experiência de duas dioceses, eu vejo o que o D. Carlos não sofreu na altura. Embora as exigências do tempo em relação à pastoral, não são as mesmas. Uma é essa: aliviar o trabalho do D. Carlos. Outra é prestar assistência religiosa mais facilmente às comunidades religiosas. E depois uma terceira é possibilitar o desenvolvimento da igreja local.

P: Mas não acha que fosse para dar mais força à causa timorense? Não?

R: Eu acho que tudo estava em tudo. Não podemos também fazer a política de avestruz. Era também uma das ideias... era dar força à igreja. Em vez de ser só um, seriam dois.

P: E depois o Nobel assiste nessa altura?

R: Sim eu estava em Portugal a caminho de Roma, quando vi pela televisão.

P: E acha que foi um novo impulso?

R: Sim, acho que sim. Aí julgo que foi o reconhecimento internacional, mais do que de Timor, eu penso que D. Carlos.

P: Mas ele não ganha sozinho.

R: Pois não. Mas agora não sei se isso foi jogo de equilíbrio, se foi reconhecimento dessas duas personagens que de facto trabalharam...

Nesta parte final da entrevista, por razões técnicas, ficámos apenas limitados à notas tomadas:

Encontros de Dare: D. Basílio diz que nos encontros os representantes das partes pró-independência e pró-integração saíam com o acordo mas que uma vez cá fora eram manipulados pelos militares indonésios. O bispo diz mesmo que as milícias eram drogadas e que, alguns chegaram a matar até as próprias mulheres porque não sabiam o que fazem.

Antes de reunir com o conselho de segurança em Díli, D. Basílio diz que o general Wiranto quis falar a sós com ele e disse : “vou passar à história como o assassino de Timor. Os nossos aliados timorenses disseram-nos que íamos ganhar. Pediram-nos meios e nós demos”. Havia um erro de calculo dos pró-integracionistas que por causa do dinheiro e da campanha de terror pensaram que as pessoas não iam votar pela independência.

D. Basílio diz que a dada altura, depois do referendo, ficou sozinho como o único líder timorense. Os políticos não estavam no território e restei eu. D. Carlos depois de lhe terem queimado a casa foi passar um dia/dois a Bacau e entre nós combinámos que um tinha de sair para denunciar o que se estava a passar. Decidiu-se que seria D. Carlos por ser mais conhecido. E a recepção em Lisboa foi fantástica.

Baucau não foi incendiada porque D. Basílio diz que comprou a gasolina aos indonésios. Eles precisavam de dinheiro e nós compramos-lhe ainda o arroz. Depois eu tinha um bom “quartel-general”, padres que tinham estudado como seminaristas na Indonésia e sabiam o que cada palavra significava para cada uma das regiões e assim soubemos montar uma estratégia.

D. Basílio diz que foram eles os bispos que consultados por Portugal que estava nas negociações com a Indonésia para o referendo que propuseram que a tomar conta da segurança ficasse a polícia indonésia. Eles então vestiram os militares de polícia e fizeram a segurança e foi o que se viu. Mas era a única solução porque os indonésios não abriam mão da segurança.

Diz ainda que sem o apoio da Igreja Timor nunca teria sido independente. Realça sobretudo a ideia que D. Martinho transmitiu ao Xanana de que não teria o apoio da Igreja se se mantivesse a Ideologia comunista. D. Basílio defende que o apoio da Igreja foi fundamental para que Timor conseguisse a sua independência

Anexo 31

Entrevista a Eduardo Costa

Eduardo Costa tinha 66 anos à data da entrevista. Quando foi a invasão tinha 26 anos. Era militar do Exército português e integra as FALINTIL depois da invasão. Chegou a comandar duas companhias no centro Sul, Alas. É preso em 1979 e depois de libertado colabora com a resistência e conta com a ajuda dos padres. Em 1990 vem para Portugal.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 21 de Julho de 2015

Pergunta: Quantos anos tem?

Resposta: Eu já tenho 66 anos.

P: Esteve quanto tempo na guerrilha?

R: Eu comecei a 20 de Agosto em Aileu e fui para o mato e depois fui capturado em 1979. Eu fui militar português. Fui incorporado em 1970, 73, 74, 75 e em 20 de Agosto houve a revolução.

P: Está-se a referir ao contragolpe da FRETILIN. Estava então na FRETILIN?

R: Sim.

P: E depois foi para o mato com eles?

R: Eu fui para o mato quando todos os militares... O meu comandante principal, o capitão Horta foi ele que deixou a companhia de Aileu para José da Silva. Então a partir de 20 de Agosto o comandante já tomou conta da companhia de Aileu. Eu estava lá então nós fomos todos para o mato.

P: Foi para o mato com esse comandante? Ele era português?

R: Não o comandante José da Silva era timorense. Era um sargento. O comandante capitão Horta já é coronel. Estava em Lisboa. Foi o último comandante de companhia.

P: Depois no mato quanto tempo é que esteve?

R: De 75 a 79.

P: Onde é que esteve?

R: Eu estive em Centro Sul, Alas. Nós saímos daqui. Ainda fizemos a guerra em Fatucadé. Depois nós recuámos, chegámos a Díli em 7 de Dezembro.

P: Portanto assistiu à invasão?

R: Sim.

P: E como é que foi a invasão?

R: A invasão foi incrível porque a 7 de Dezembro a Indonésia atacou via terrestre, via aérea e via marítima. Via terrestre, vieram tantos batalhões e atacaram a cidade. Via aérea, lançaram pára-quedistas na cidade. E via marítima, atacaram 12, muitos barcos de guerra. Fizeram tiros para esta zona e até Aileu. Nós recuámos para cima. Eles atacaram, nós recuámos pouco a pouco para proteger. Depois fomos para Aileu. Todas as lideranças era o Xabier do Amaral e Nicolau Lobato. Mais os outros todos os membros. Fomos para Aileu. [...] Em 20 de Agosto, quando foi o contragolpe, os indonésios já estão na fronteira. Então nós, o comandante teve que seccionar a companhia para ir lá lutar contra eles. Depois disto até 7 de Dezembro.

P: Depois recuaram para onde?

R: Depois de 7 de Dezembro nós recuámos para Lahane, depois recuámos para Talitu. Depois os indonésios continuaram a perseguir e nós recuámos para Aileu. Depois entraram em Aileu não sei em que data, nós recuámos para [...] depois eles continuaram a perseguir e a bombardear com avião, então nós recuámos para Maubisse. Depois foi para Leussati (?).

P: Mas esteve naquelas zonas que são as chamadas libertadas?

R: A população e as famílias viveram naquelas zonas que a Indonésia ainda não invadiu. E nós pusémos as nossas fronteiras, comando avançado e formámos ali as nossas companhias para lutar contra eles.

P: Esteve naquelas zonas onde estava também o Luis Costa, como padre?

R: Naquelas zonas estava também o Luís Costa. Depois o Luis Costa fez actividade do comissariado. Ele era do comissariado.

P: Mas houve uma fase em que a Indonésia não tinha chegado ao interior. E vocês viviam como se não estivessem ocupados.

R: Nós fazíamos aqui fronteira, os indonésios vivem nesta. Agora nós e a população vivemos nesta parte. E nesta parte é uma zona libertada, onde ainda não entrou a Indonésia. Estamos nós, estamos as forças da FRETILIN e a população. Eu e todas as lideranças.

P: E nessa fase havia uma série de padres que lá estavam.

R: Sim. O padre Luis Costa, o padre Mariano. O padre Mariano é que estava connosco.

P: E como é que era essa relação com o padre na altura?

R: Naquela altura, os padres estavam bem considerados pela FRETILIN. Porque a primeira fase, o padre Mariano ainda estava em missão de guerra. As forças da FRETILIN deram escolta para o padre, deram armas para proteger a igreja e o padre.

P: Mas havia mais padres nessas zonas.

R: Que eu tenha visto lá no mato eram só dois padres. E o padre Carlos. Padre Luis Costa, padre Mariano e padre Carlos.

P: E estava também padre Leoneto e o padre Francisco Tavares.

R: Exactamente mas eles não estavam na zona em que eu estava. Estava noutra zona, na parte Leste.

P: E vocês na altura iam à missa também? Como é que era a relação com o padre?

R: Naquela altura enquanto ainda estavam lá os padres, havia missa. O padre fazia a missa. Mas depois de 76/77 então já o padre já não podia fazer a missa porque foram

atacados pela Indonésia. Então a população também está com medo já fugiram para o mato.

P: Mas o padre Luis Costa foi com vocês depois para as montanhas?

R: O padre Luis Costa foi connosco depois para as montanhas e também foi como assistente do comissariado do Vicente Reis. Estavam para a zona Leste.

P: Enquanto estive na guerrilha usavam os padres para passar informação?

R: Para passar informação o padre faz, a população também faz. O padre Ricardo não saiu daqui.

P: Ele colaborava com vocês?

R: Muito.

P: Como é que colaborava?

R: É uma história que toda a gente sabe. Primeiro ele era amigo do presidente Nicolau Lobato.

P: Porquê? Eram colegas de Seminário?

R: Sim colegas de Seminário. Quando nós vínhamos de lá passou pelo Seminário de Dare onde conversaram. Ele pediu ao padre: “o senhor faz uma missa para mim antes de nos separarmos, eu vou para o mato e você fica cá e faz uma missa.” Então o D. Ricardo fez uma missa para ele. Fez uma missa e depois da missa antes de se despedirem, o Nicolau Lobato que naquela altura era o primeiro-ministro porque ainda lá estava o presidente Xavier, disse assim: “agora você fica cá e eu vou para o mato. Se ouviu que eu fui morto, você tem de fazer uma missa para mim.” Então D. Ricardo cumpriu. Ele cumpriu, ele já era presidente quando morre. Foi autorizada uma missa.

P: Disse-me que o padre Ricardo colaborava muito com vocês. Como é que ele colaborava?

R: D. Ricardo colaborou muito comigo a partir de 80.

P: Então fazendo o ponto da situação. Você quando recua para as montanhas está como guerrilheiro.

R: Eu estou como guerrilheiro e comandeí duas companhias no centro Sul, Alas.

P: E nessa altura em que era guerrilheiro havia colaboração com os padres?

R: Em 78/79, os padres estão cá na cidade. Nós estamos no mato. Então eles daqui passam informações para lá e ali pedem informações também para saber onde estão os indonésios e onde é que eles ocuparam. O Xanana naquela altura já era [...] do Nicolau Lobato. Depois passa para o Xanana. Xanana começou a trabalhar com D.

Martinho, começou a colaborar com os outros padres. Então os padres colaboraram muito.

P: Para dizer onde é que estavam os indonésios e para vos fornecer informação.

R: Exactamente e para fornecer não só informação mas também alimentação, remédio e roupa.

P: E armas?

R: Armas, os padres não forneceram. Os padres forneceram informações e parte de saúde e parte moral da Igreja Católica.

P: E Vocês também se confessavam aos padres, pediam ajuda espiritual ou não?

R: Naquela altura enquanto os padres estavam lá, pedíamos. Mas depois disto, os padres já não estavam lá, já foram todos capturados, não havia missa para ninguém porque estávamos preocupados com a guerra.

P: Mas a mim disseram-me que havia padres que iam a pé para confessar guerrilheiros.

R: Era o padre Carlos. O padre Carlos daqui foi para o mato.

P: E você concretamente alguma vez se confessou ou pediu ajuda espiritual?

R: Eu só com o padre Mariano. Mas depois o padre Mariano foi capturado e eu não me preocupei mais com confissões. Preocupava-me com a luta contra a Indonésia. Mas nós rezávamos sempre. Nós só temos orações. Orações temos sempre. Antes de ir para a luta temos de rezar primeiro. Rezamos todos os dias. Lá na companhia também rezávamos sempre.

P: Rezavam porquê?

R: Temos de rezar para pedir a Deus para nos dar força para nós podermos combater. Para ter força e saúde.

P: Depois o senhor em 79 é capturado ou rende-se?

R: Em 79 fui capturado. Fui preso. Primeiro fui fazer como criado durante 3, 4 meses. Carregar a bagagem, carregar a alimentação de Alas até Los Palos. Depois voltar outra vez para Alas. Eu não forneci nada de informações nem sobre os guerrilheiros. Então eles puseram-me como criado, para cozinhar para eles, para lavar as coisas. Durante 3 meses. Depois levaram-me para Manatuto, entregaram-me para o comandante militar de Manatuto e fiquei lá preso um ano. Fiquei preso um ano em casa de um senhor chamado Matos, naquela altura era do pessoal da Indonésia. Fui preso em casa dele e tinha de me apresentar todas as semanas. Passado um ano, viram que eu já não fugia para o mato, então eles deixaram-me. Quando eles me deixaram

eu vim para a cidade em 80. Vim para Díli e comecei na organização clandestina. Nós recebemos a ordem do conselho superior da luta, o comandante Xanana depois com os seus colaboradores. Eu e os meus colegas recebemos a ordem do comandante Xanana.

P: Para fazer o quê?

R: Para fazer esta organização para fornecer as armas, alimentação, dinheiro e contactar com os padres, contactar com a Igreja Católica para fornecer as informações para o mato.

P: E quantas pessoas eram nessa organização?

R: Somos muitos. Somos 42 e 43 com uma rapariga.

P: E o contacto com os padres era para quê?

R: Aqui é que o padre D. Alberto e uma madre chamada madre Margarida é que são meus amigos. Quando os indonésios começaram aperseguir eu fugi para a casa dele lá na Câmara Eclesiástica. Eu escondi-me lá. Quem me fornecia informações era o padre. Dava as informações e os conselhos. Até que eles me apanharam outra vez. Foi no mês de Agosto de 81. Apanharam-me, torturaram-me, ainda tenho uma ferida. Torturaram-me e até queriam matar. Eu e um colega meu o Jerónimo que ainda está vivo. Quando eles me apanharam e fizeram o interrogatório, 3 dias depois amarraram com um pano preto aqui (faz gesto junto aos olhos) e meteram no carro para deitar lá para o mato. Então eu e o meu colega na viatura quando saímos dali e com tanta velocidade, o carro virou-se. Virou-se ali, bateu contra o autocarro frontalmente e caiu na valeta. Um sargento da Intel (espionagem) caiu e partiu o ombro e outro soldado indonésio também. E eu e o meu colega não sofremos nada. Então o padre Cunha apanhou o meu colega e levou para o hospital. E um senhor primo da minha mulher meteu-me no táxi dele e levou para o hospital. Levou para o hospital então eles meteram-me soro e fiquei lá 3 dias. Então depois de 3 dias, os gajos foram-me lá buscar outra vez. Foram lá tiraram-me o soro, disseram levante, meteram-me no carro e viémos cá para baixo. Meteram-me no avião, num avião comercial. Era eu, era o Jerónimo e o Seixas. Meteram-me algemas e prenderam-me atrás da cadeira do avião. Levaram-me para Bali. Dentro do avião estava a senhora do Chico Lopes. Ela viu que eu estava preso. E depois eu estava triste porque quando saí, deixei o meu filho ainda com 3 meses. Eu estava a pensar nisso. Então ela olhou para mim e para o meu colega Domingos Seixas, ela pediu com o sinal. Saímos do avião, encostaram o carro preto e levaram para a companhia para fazer o interrogatório. Ali eles queriam matar-nos. Era

eu, o Bonifácio que já faleceu, o Afonso que já faleceu, o Albino que ainda está lá. Éramos esses colegas todos e faziam sempre os interrogatórios à meia-noite. Depois foram 3 meses. Novembro, Dezembro regressámos para aqui. Quando chegámos ali na cadeia, na comarca de Díli, deram-nos tanta tarefa e depois meteram-nos na cela. Ficámos ali até ao julgamento. Fizeram-nos o julgamento, a 43. Nós é que somos os graduados que contactámos com o Xanana. Deram-me 7 anos, ao Seixas deram 20 anos. O David Dias que estava connosco que participou no confronto de 10 de Junho. Antes de 10 de Junho ainda estava como militar da Indonésia.

P: Foi o quê o 10 de Junho?

R: 10 de Junho foi uma organização que estava combinado, os do mato também vêm cá e naquela altura os irmãos estavam lá fora para resolver o problema no exterior. Então estas duas coisas estão combinadas. Os do mato também vieram para atacar a cidade. Mas depois não deu resultado. Foi um falhanço porque os dos exterior não apareceram. Os do mato também só vieram fazer barulho e voltaram. Então eles apanharam todas as pessoas que estavam a fazer este barulho e meteram todos na cadeia. Mataram muita gente e alguns morreram por doença.

P: Mas como é que era a colaboração com os padres na organização clandestina que fez?

R: Os padres ajudaram para fazer contactos. O Xanana naquela altura tinha os contactos através do padre Locatelli.

P: Mas nessa organização clandestina você contactava com padres? E disse que o padre Ricardo o ajudou. Como é que o ajudou?

R: Ajudou nesse sentido. Ajuda moral, ajuda em alimentação e algum dinheiro. E procurar esconder as pessoas. Por exemplo, nós que peretencemos à organização, não há outra maneira. A gente tem de fugir para a residência do padre. Com isto é que ele nos ajudava muito. A esconder, a dar de comer, deram informação, deram moral.

P: E o que é que é isso de dar moral?

R: Dar moral é dizer assim: “vocês têm que rezar muito. Rezem muito e vocês têm de fazer as coisas com a disciplina, com a ordem. Obedecer à ordem de cima.” Alguns estão nervosos, incendeiam os carros, batiam nas pessoas, até roubaram os sinais todos. Então os padres dizem assim: “vocês têm de fazer as coisas com calma, com ponderação, com disciplina. Para quê? Para que as pessoas não se pode passar limite da organização. Tem de fazer as coisas como deve ser, organizar-se bem.”

P: Portanto eles aconselhavam-vos?

R: Sim aconselhavam para não fazer muitas asneiras. Porque queimar as casas das pessoas não podem.

P: Mas quem é que queimava as casas das pessoas? As pessoas da FRETILIN também?

R: Quando os jovens estão nervosos, eles podem queimar as casas, podem queimar as viaturas. Mas o padre dizia: “não se pode queimar as casas e não se pode queimar as viaturas.”

P: E porque é que respeitavam esses conselhos do padre?

R: Nós parece que éramos 90% católicos.

P: Mas só passaram a ser quando a Idoónia invadiu.

R: Não. A Igreja Católica estava cá. Quem veio descobrir Timor. A Igreja, os timorenses começaram a acreditar. Antigamente nós tínhamos outra religião enquanto não veio a religião católica. Mas depois da entrada da religião Católica, o povo de Timor quase 80, 90% são todos católicos.

P: Mas enquanto estiveram cá os portugueses eram 30%.

R: Eu não concordo quando dizem que os indonésios é que vieram cá dar moral para a gente ser católico. Nós somos sempre católicos cá em Timor. Nós vivemos naquela altura com os portugueses. Nós, 90%, acreditamos em Deus, temos fé em Deus. O Mari (Alkatiri) era de outra religião mas ele era membro do comité central.

P: Portanto o que me está a dizer é que os padres tinham muito peso e as pessoas respeitavam. E depois Timor estava praticamente esquecido nos anos 80. Vocês através dos padres também passavam informações lá para fora?

R: Claro. Naquela altura, Portugal como país administrante esqueceu o seu dever para com Timor. Então quase disseram que Timor foi integrado. As forças dos timorenses no interior e exterior. Interior que a guerrilha quando faleceu o comandante Nicolau Lobato, em 80 foi comandada por Kay Rala Xanana Gusmão. No exterior, há um grupo chefiado pelo Abílio Araújo. Esteve sempre em Portugal. E depois colocou o Dr. Ramos-Horta nas Nações Unidas para tomar conta no exterior. Eu cheguei em Portugal a 6 de Junho de 1990.

P: Foi para Portugal depois?

R: Fui para Portugal. A minha família ainda lá está. Quando fui para lá levei tantas informações e documentos lá para fora. A minha mulher levou escondidas duas fotografias de duas pessoas a quem cortaram a cabeça. Pegaram no cabelo assim e cortaram a cabeça. Essas duas fotografias tiveram muito peso.

P: Mas não era a Igreja que passava as informações?

R: A Igreja passa as informações e nós também passamos as informações. Não é só a Igreja.

P: Quando o Papa vem cá lembra-se da visita?

R: Eu não fui até lá porque fui perseguido. Formei aqui naquela estrada.

P: E sabia-se que os jovens se iam manifestar?

R: Isso em todas as circunstâncias quando aparece o Papa e os ministros, os jovens fazem sempre essa acção.

P: E porque é que faziam sempre essa acção?

R: Fazíamos essa acção porque todos queríamos a independência.

P: E havia muito a utilização das celebrações religiosas para fazer manifestações. Isso era programado pela resistência?

R: A Igreja dava ideias mas não participava directamente.

P: Que ideias é que a Igreja dava?

R: Quando os jovens fazem as manifestações e os indonésios perseguiam para capturar, a Igreja escondia-os. Por exemplo o D. Carlos escondeu muita gente na residência dele.

P: Mas a utilização das celebrações religiosas para fins políticos. Na visita do Papa foi a primeira vez que isso aconteceu. A guerrilha dava orientações nesse sentido?

R: O líder máximo faz um apelo: a independência é para todos nós. Cabe na consciência de toda a gente de modo que nós todos, quer os religiosos quer a população, só queremos a independência. Então quem faz a manifestação para a independência, toda a gente colabora.

P: Mas porque é usavam as manifestações religiosas?

R: Nós fizemos isso para mostrar ao mundo que Timor quer a sua independência. Por isso quando veio o Papa fizemos a manifestação para mostrar ao Papa que Timor quer a independência. Mesmo quando vinha qualquer ministro do exterior para cá fizemos sempre manifestações.

P: Mas havia essa utilização.

R: Sim. O bispo que morreu fez uma missa para celebrar o dia do Sebastião que faleceu. Depois da missa os jovens fizeram uma manifestação até ao cemitério. Para quê? Para vocês jornalistas que vieram para cá focarem e levarem para o exterior. Não é só a Igreja. É a Igreja, a população, jornalistas que ajudaram.

P: E o Nobel já estava em Lisboa?

R: Já estava em Lisboa. Fui para lá em 1990. O Nobel, a Igreja ajudou e o Nobel foi para a Igreja e para a liderança exterior contribuiu para o mérito da Igreja porque a Igreja também contribuiu para a independência e deram para o Dr. Ramos-Horta porque ele era o político lá fora.

P: E acha que a Igreja contribuiu muito ou pouco para a Independência?

R: A Igreja contribuiu para a Independência e por isso é que o Estado reconheceu a Igreja e recebeu uma condecoração.

P: E se não fosse a Igreja, acha que tinham conseguido a independência à mesma?

R: Conseguia também.

P: Para si não foi fundamental?

R: Foi fundamental. O povo, a Igreja foi tudo fundamental. Mas naquela altura também eu não acredito que a Igreja e os padres timorenses não ajudaram a independência. A partir do D. Martinho. Foi a primeira pessoa que ajudou. Teve os contactos com os guerrilheiros. Depois a Indonésia mandou-o embora para Portugal. Quando ele faleceu, eu estava lá e a Igreja Católica em Portugal deixou-o.

P: Chegou a falar com ele em Lisboa?

R: Sim. Eu fui visitá-lo quando ele estava doente.

P: Acha que a Igreja o abandonou? A Igreja Portuguesa.

R: Claro. A Igreja abandonou-o.

Anexo 32

Entrevista a padre Jovito Rêgo de Jesus

O padre Jovito Rêgo de Jesus é um sacerdote timorense que tinha 13 anos à data da invasão. Decidiu ser padre já adulto e uma das razões que presidiu à sua escolha foi o facto de assim poder melhor defender o povo timorense. Vai estudar Para o Seminário de Malang, na Indonésia, e integra a RENETIL (Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste). Depois, enquanto sacerdote colabora activamente com a resistência civil e armada. É irmão da irmã Esmeralda Piedade Araújo.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 23 de Julho de 2015

Pergunta: Como é que foi na altura da invasão? Que idade tinha?

Resposta: Eu tinha 13 anos quando os indonésios invadiram.

P: Era muito jovem, estava...

R: Adolescente

P: Estava já no Seminário?

R: Não. Terminei a minha escola primária e estava de preparação para o ensino secundário. Estive a arranjar os documentos, os requisitos para frequentar o ensino secundário.

P: E depois foi para o Seminário?

R: Não, depois veio a guerra. Veio a guerra civil e pronto tudo foi cancelado. Os documentos todos foram queimados.

P: E como entra para o Seminário?

R: O Seminário só depois da fuga para o mato, toda a minha família....

P: Fugiu para o mato também? Onde estava?

R: No momento da invasão estava aqui em Díli.

P: Então o que é que se recorda da invasão?

R: A invasão... à noite já nos avisaram através da rádio de que os militares indonésios estão a aproximar-se e que a sirene tocava toda a noite para chamar os soldados, todos os soldados espalhados pela cidade para se recolherem no quartel, na companhia. E por acaso nós tivémos um vizinho que tremia e não queria voltar e então escondia bota, escondia farda e ficava ali, não queria mesmo voltar para lá. Eu acho que os militares também tiveram medo disso, alguns militares não estavam preparados para isso. E nós estivemos aí toda a noite, o bombardeamentos dos canhões aí, dos barcos de guerra da Indonésia. Toda a noite. Toda a noite a bombardear. E as sirenes... então nós pressentimos de que há qualquer coisa que não está a correr bem. Nós por acaso estivemos aí numa casa perto do actual centro de convenção. O mercado antigo. O Mercado Municipal. Estamos mesmo no centro da cidade. Tivémos aí ao redor daquele mercado e ainda naquela noite ainda preparámos alguns pastéis porque vendíamos aquele pastel para arranjar qualquer dinheiro e comprar alguma coisa. E então nós continuámos a preparar aquele pastel mas pronto o coração a palpitar de que qualquer coisa não estava a correr bem. Porque a sirene nunca soava assim tão repentinamente e depois alarmes assim muito fortes por toda a cidade e os bombardeamentos. Então dá-nos um sinal de que isto vai acontecer qualquer coisa. Mas nós estivemos aí tranquilamente. Mas pelas 3 horas da manhã, quando

começámos a levantar é que vimos que vinham foguetes que vêm do mar para a montanha. Começam a lançar foguetes e depois daqueles foguetes vêm os aviões que lançam os pára-quedistas, que lançam, eu acho que eram seis aviões consecutivos a lançar pára-quedistas daquela zona para cá. E pronto, cobria toda a cidade e passavam. Ali também ouvimos tiroteios debaixo para cima... Nós ainda saímos para ver aquele espectáculo, saímos para ver aquele espectáculo com um sentimento, eu acho que inédito, que nunca sentimos assim tão aflitos, agonizados. Porque não temos medo disto e nós obsevámos tudo aquilo. Alguns pára-quedas que vêm ao redondinho todo, o pára-quedista parece que apanha um tiro, parece que morreu e veio redondinho para terra. Alguns que vinham assim parece que o pára-quedas já estava aberto e quando apanham um tiro e depois vêm com uma velocidade tremenda para baixo.

P: Havia pessoas a combatê-los daqui?

R: Os soldados todos eu acho que já estão avisados desta invasão. E eu acho que tiroteio de toda a cidade. E a primeira fase passava. Vinha de novo às seis horas da manhã, outro avião a lançar a mesma coisa e então às 9 vinham outros aviões a lançar os pára-quedistas. E depois disto nós saímos, nós saímos da casa, arrumámos as coisas e levamos aquilo que nós podemos levar.

P: E foram para o mato?

R: E começámos a subir para a montanha. Começámos a subir para a montanha e então fomos parar em Dare porque lá toda a gente se refugiava lá. Depois nós também chegámos lá. Caminhámos e sentámos e nunca nos apercebemos de que os barcos indonésios, os navios de guerra no mar é que lançavam aí morteiradas, morteiros para aquele vale aí. E nós sentámos a ver, a observar sem conhecimento nenhum de que estamos a correr risco da morte, o perigo da morte. Nós subimos e observámos quando tiro do morteiro vem é uma faísca... e depois ouvimos iiiii, pum. Ouvimos aquele estrondo tão grande mas pronto. Subimos e com a graça Deus, nós passámos e fomos até Dare. Estivemos em Dare alguns dias.

P: No Seminário?

R: Na paróquia.

P: Portanto estiveram com os padres Ricardo, os jesuítas...

R: O padre Ricardo era o pároco de lá, o padre José Alves Martins, esses estavam no Seminário, padre Felgueiras está no Seminário. Os que estão ali em Dare, na paróquia

é praticamente o padre Ricardo que está lá. O falecido bispo. Ele estava e acolheu-nos ali. Nós estivemos ali, milhares de pessoas aí e militares, militares armados .

P: Militares que eram militares...

R: Os miliares portugueses que são timorenses que eram do Exército português e que estão armados mesmo a combater contra a invasão. E nós ficámos aí uns dias em Dare mas depois veio sempre esta ameaça de que os militares querem atingir Dare e estão a subir... o carro de assalto começa a vir e então lá de cima é que nós vimos que os tanques de guerra começam a descer do barco e vinham aí pelo mar adentro. Desciam aí de Taci-Tolu para cá e começam a entrar na cidade. E pronto, bombardeamento, a luta contra esses também. E os militares indonésios começam a matar. A matar a população, os que estiveram aqui onde... no lugar onde se encontra um pára-quedista morto, ali toda a população que está aí é assassinada. É uma reviravolta da intenção de se integrar na Indonésia do partido APODETI, até os mesmos adeptos do partido APODETI, ainda que apresentem o cartão eram mortos.

P: Eles não poupavam ninguém.

R: Não poupavam ninguém e então morriam e quando o pára-quedista se encontra morto aí eles acabam com a população. Ali na assistência social onde agora é a parte da Universidade em Caicoli. Ali havia lá muita gente, era a assistência social e toda a gente que não tinha casa vivia naquele edifício. E eles chegaram, viram que alguns pára-quedistas, tiraram fora todos os refugiados ali e uma metralhadora, todos a morrer, muitos morreram.

P: Assistiu a essas mortes?

R: Não assistimos mas os que escapavam. Contavam. Nós estivemos em Dare.

P: E assistiu ao assalto a Dare?

R: Não o assalto a Dare nós não assistimos. Eles no momento em que ... eu ainda me lembro em que quando o D. Ricardo sabia de antemão que os militares indonésios estão a avançar, mesmo próximos, entrava aí nos quartos e dava absolvição geral a toda a gente aí para se preparar para morrer porque ninguém sabia o que é que os militares indonésios viriam fazer. Porque já ouvimos falar desses massacres que fizeram aí na cidade com a população... então o D. Ricardo pensava, assim todos começam a fazer um exame de consciência, uma penitência e dá uma absolvição geral a toda a gente à espera da morte porque ninguém sabia o que viriam fazer aqueles militares. Depois disto não chegaram, não vieram naquele dia. Então nós, a minha

família, o meu pai e a minha mãe e nós escapámos, saímos de lá e começámos a caminhar. Ali começa a caminhada todos os 3 anos no mato.

P: Estiveram 3 anos no mato?

R: Três anos, sim.

P: Então estiveram naquelas zonas que são as chamadas “zonas libertadas”?

R: Não bem libertadas... nos inícios do ano da invasão em 75, 76, 77, 78, havia localidades em que os indonésios não conseguiam atingir ainda.

P: Mas é a isso que se chamam “zonas libertadas”... onde estavam seis padres, nessas regiões. Estava o padre Francisco Tavares...

R: Esses estão para uma outra zona. Nós escapámos daqui para...

P: Estava em Soibada. Vocês escaparam daqui e foram para onde?

R: Nós para Aileu. Aileu e depois... quarenta e tal dias em Aileu e depois passámos de Aileu para Ermera. De Ermera fomos para Hatolia o lugar onde eu nasci. Todo o familiar está lá e lá, aquela área praticamente ainda é uma zona livre da invasão. E só em setenta e oito, 77, 78 então eles começaram a atacar Ermera e porque também não conseguiram entrar da estrada que parte de Díli para lá. Eles não conseguem entrar. Então invadiram, atacaram Letefoho e de Letefoho vinham para Ermera porque em Ermera estava lá um comandante, Leonardo, era furriel.

P: Da FRETILIN?

R: Era do Exército português mas agora pertence às FALINTIL. Ele defendia aí, nunca deixava entrar.

P: Portanto assistiu à guerra.

R: Nós assistimos à guerra. Passámos por debaixo desses tiroteios. Já na guerra civil, nós estivemos deitados numa casa onde dois, um militar da FRETILIN, o outro da UDT que andavam a fazer tiroteio um ao outro e nós estávamos debaixo daquele tiroteio. E finalmente acertou um senhor chamado Mário, apanhou aí (aponta para a garganta) porque a bala foi para a parede.

P: Isso na guerra civil?

R: Na guerra civil. No dia 21 de Agosto. Aconteceu no dia 21 de Agosto onde os da UDT queimaram toda a casa. A nossa casa foi queimada também e nós refugiámos para aquela assistência e vimos para esta atrocidade também.

P: E depois estavam... onde foi o combate entre as FALINTIL e os indonésios?

R: Em Hatolia. Nós escapámos sim porque passava sempre por aí companhias de soldados, secções ou pelotões de soldados que passavam por aí, nós davámos de comer a essa gente toda.

P: Soldados indonésios ou das FALINTIL?

R: Soldados indonésios não, ainda não atingiram aquela região.

P: E depois quando os indonésios ocupam aquela área e as populações recuam para as montanhas, também recuaram?

R: Sim. Temos que ir. Agora ali a população está entre a espada e a parede. Vem ou morre, ou escapa de lá e também morre. Porque os guerrilheiros também querem que a população adira à sua parte e quando alguém queria entregar-se aos militares indonésios é morto. É considerado como traidor e é fuzilado. E muita gente morreu por causa disso também. Esses desaparecimentos de pessoas que foram condenadas inocentemente por causa de uma opção que eles fizeram, não poder resistir mais no mato e ter que escapar...

P: A FRETILIN matava-os?

R: Pois matava-os e considerava-os como inimigos, traidores.

P: E depois rende-se quando se decide que a população se tem que render, em 79?

R: Setenta e nove. Fevereiro de 79 quando já não havia mais espaço para correr. Porque no passado em 76, 77 nós ainda cultivámos terreno e mesmo depois do cultivo fomos atacados e deixámos isto aqui e viémos atrás, viémos de volta para buscar isto, para roubar aquilo que nós plantámos porque está na área da ocupação. Então viémos assim clandestinamente e algumas vezes as pessoas arriscam a vida de ser capturados ou de ser mortos pela FRETILIN ou pelos militares indonésios. Ali mesmo um campo de... um campo muito vulnerável em que a população entra aí, vem à procura de mantimentos para comer mas pode encontrar os militares indonésios ou pode encontrar aí que os militares dos guerrilheiros da FRETILIN que pode considerar “ah vocês querem ir render-se.” E isto põe em perigo a vida de toda a gente naquele momento. E geralmente há equipas que ajudam, nos ajudam a buscar esses mantimentos e acompanham os esforços, escoltam a população em busca dos mantimentos mas teriam que voltar. Alguns por acaso escapam.

P: Mas depois houve a decisão de que a população se poderia render?

R: Não havia. Eu acho que formalmente não havia. Eu acho que o Francisco Xavier do Amaral tinha esta ideia e por isso que o capturaram e meteram na prisão.

P: Tinha que ideia?

R: Esta ideia de mandar a população ir para a cidade e eles não aceitaram isto. Por isso que capturaram o Xavier, desarmaram.

P: Mas quem é que capturou o Xavier?

R: Os da FRETILIN...Puseram na prisão, capturaram e era o presidente. Não aceitaram a ideia e pensaram que ele era traidor e pronto.

P: Houve vários julgamentos. O padre Luis Costa também foi julgado.

R: O padre Luis Costa, o padre Mariano Soares. O falecido padre Mariano Soares.

P: Depois rende-se em 79. Já tem 17 anos. E é aí que vai para o Seminário?

R: Ainda não. Eu fui para o Seminário com vinte e tal anos. Aos 24 anos.

P: E porque é que decidiu ir para o Seminário?

R: Depois da nossa rendição, o D. Ricardo porque era primo da minha mãe, então mandou o irmão ir-nos buscar de lá para cá e nós estivemos em Dare na paróquia onde ele esteve e estivemos ali ao redor. E lá toda a população ainda não se divergia pelas regiões onde costumava viver. Ainda estão aí mesmo ao redor do Seminário. Depois disto quem sai daqui tem de levar um salvo conduto como um bilhete escrito pelos militares indonésios para dizer que esta pessoa é permitida de ir para além buscar qualquer coisa. Porque alguém que foi e veio e mataram sem salvo- conduto e diz que isto aqui são inimigos. Então as zonas que são identificadas como zonas perigosas que a população não pode ir até aquela zona. Se ir lá é arriscar a vida. Então nós ficámos aí em Dare e quando o D. Ricardo preparava aí meninas para o lar das Canossianas e rapazes para o Seminário. E havia muitos seminaristas naquele momento. Então o que me levou a querer entrar no Seminário era a maneira como, o comportamento, a maneira como os seminaristas vivem durante as férias. Vão para as férias, estão muito bem vestidos, de dia, de manhãzinha vêm à missa. Cantam bem, rezam bem e animam toda a comunidade. E depois da missa vão a casa. Mudam de roupa, vão com os familiares para a várzea ou para a horta trabalharem. E à tardinha voltam de lá, regressam a casa e vestem-se de desporto e começam, em Dare, toda a tarde desporto. É futebol, é voleibol, é ping pong. É tudo isto. Esta animação toda é que me suscitou. Eu quero ser como eles. E um dia eu acho que em 81, durante as férias em Agosto eu vim ter com o padre João Felgueiras e comecei a falar: “eu quero vir para o Seminário.” Então ele disse: “então você está a estudar?” Eu disse: “não eu praticamente agora eu não estou a estudar. Tu tens que ir à escola, tu tens que ir a estudar para poder vir.” E a partir daí comecei a ter acesso à escola indonésia. Depois como eu tirei a quarta classe antes da guerra então fui à educação- porque a educação

dava ainda oportunidade para os estudantes na era portuguesa equiparar o documento formal com o nível de estudo que actualmente se aplica no sistema de ensino. Tirei isso e fui para a Escola Secundária em Paulo VI. Comecei a estudar na escola Paulo VI o primeiro ano, o segundo ano. Mas depois frequentei dominicalmente, todos os domingos com os colegas e que alguns hoje são ministros.

P: Quem são?

R: O Bendito que é o ex-ministro da Educação e o actual ministro da Indústria e Comércio.

P: Portanto estudaram todos no Seminário?

R: Sim. Éramos aspirantes ainda não tínhamos entrado. Éramos colagas no Paulo VI e frequentávamos, todos os domingos, no Seminário como aspirantes.

P: Mas eles depois também estiveram no Seminário.

R: Depois eles também entraram no Seminário. Eles entraram antes de mim.

P: A igreja foi refúgio durante a ocupação, não é?

R: Eu acho que sim. Foi sempre.

P: E porque é que as pessoas procuraram a Igreja?

R: Segurança, segurança da vida. Ali o padre é a pessoa que pode garantir a segurança. O padre é aquele que fala inglês, aquele que fala outras línguas, aquele que pode intervir em prol da salvação da gente. E quando nós temos a convicção de que ninguém faz mal ao sacerdote porque ele não é uma pessoa de arma, uma pessoa que tem interesse, uma pessoa que serve as outras pessoas como uma doação da sua própria vida aqui. Não tem interesse nenhum. Nem interesse político, nem interesse nada. Então ele é uma pessoa respeitada e por acaso, foi sempre assim. E eu acho que isto aqui já desde o tempo dos missionários quando estiveram cá. Porque estes conflitos sangrentos não foram só depois da invasão da Indonésia mas isto aconteceu antes. Na II Guerra Mundial e depois em 49 quando havia infiltração de alguns inteligentes da Indonésia a atirar as pessoas de Uato Lari e Uato Carbau...a atirar aquela gente para se optar pela Indonésia. Muitos foram capturados e muitos foram deportados para Angola, Moçambique, Guiné. Alguns foram presos em Ataúro e alguns morreram.

P: E portanto refugiavam-se sempre nos padres. Era o hábito.

R: E ali vinha acho que o monsenhor Martinho da Costa Lopes, aquele sacerdote que faleceu em Portugal. Era administrador apostólico daqui. Depois condenaram-no como fora de si e veio o D. Ximenes Belo. Ele era o deputado enviado de Portugal

para intervir as atrocidades que os militares portugueses fizeram às pessoas de Uato Lari e Carbau. E ali sabiam que ele vinha e pôs toda a coisa em ordem. E acabava com aquela atrocidade, com aquelas matanças, aqueles fusilamentos arbitrários. E aquelas deportações. Então a Igreja foi sempre...Desde aquele tempo, Igreja, Igreja, Estado, Estado. Tinha esta definição bem clara entre o Estado e a Igreja e os padres foram sempre as pessoas que protegiam as populações das arbitrariedades também dos militares portugueses e do governo que às vezes até alguns sacerdotes que corriam com o administrador do posto ou do conselho quando escrevem uma carta ao governador. Quando lhe fazem as coisas que não estão de acordo com os direitos humanos, os padres intervieram e...

P: É histórica a confiança do povo timorense nos padres e na Igreja.

R: Nos padres. Eu acho que foi desde o início da missionação aqui. A Igreja teve sempre um papel de protecção da população e a população ganhava esta confiança. Por isso depositava desde quando... desde quando nós sentimos que estamos ameaçados, a única pessoa que vai é o sacerdote. E durante toda a ocupação eu acho que os padres fizeram um grande papel na manutenção da tranquilidade, da harmonia, da tranquilidade. E porque quando alguém é capturado, é perseguido... os militares indonésios vêm sempre à noite- às duas, três da manhã apanhar aquela gente que eles desconfiam porque sabem que aquelas horas as pessoas estão a dormir. E os familiares não vai à polícia, não vai a nada. Vai ao padre dizer: “olha o meu marido, o meu filho ou a minha filha foi levada ontem à noite ou esta manhã”. E o padre começa a ir à procura. Vai à procura perguntar aos comandantes, aos militares a esses postos que são responsáveis. Onde é que vocês tiraram isto? Até se o padre não tiver.. o padre vem ao bispo e o bispo começa a telefonar ao comandante geral: “ontem à noite vocês capturaram esta pessoa, onde está?” Foi sempre isto. É um envolvimento sem querer mas forçosamente teria que fazer. É um papel eu acho que a Igreja desempenhou assim em protecção dos desprotegidos, em protecção dos pobres, dos que não têm nada. Que fazer contra aquela força esmagadora.

P: Mas a Igreja também foi mais longe. A Igreja acabou por apoiar a própria luta.

R: Eu acho que é uma coisa que corre naturalmente, naturalmente no decorrer da História. Isto não foi uma coisa planeada. Quer dizer a Igreja está para o povo, o povo cristão de modo particular. E quando o cristão é atacado, o que é que o sacerdote pode fazer? Deve fazer qualquer coisa para proteger aqui. Porque algumas vezes são inocentes, não sabem nada mesmo. Mas a tortura, esta intimidação dos militares,

sabem de que têm familiares aí no mato. Se esses aí estão aqui e toda a gente que tem um membro.... eles sabem isso dos timorenses que trabalham junto com eles. Diz que aquele tem um familiar aí. Tem um membro aí no mato. E vêm sempre a intimidar. Esta tem o marido no mato, esta tem o filho no mato. Um familiar que está no mato, a família corre sempre o perigo de ser sempre investigada, ser sempre vigiado e não vive em paz. Então onde se refugia? Refugia-se na Igreja. Porque lá é que os militares têm receio de alcançar. Eles não vão assim capturar as pessoas.

P: Acha que os militares tinham medo dos padres?

R: Tinham, da Igreja.

P: Tinham medo ou tinham respeito?

R: Respeito não tanto.

P: Tinham medo da força da Igreja?

R: Eu não posso dizer que a Igreja tenha uma força aí. Mas que há uma autoridade que a Igreja tem que eu acho é uma forma... a influência que a Igreja tem... a Igreja tem sobre o povo e o povo é muito religioso e então eles obedecem, fazem aquilo.

P: Mas os militares na maioria até eram muçulmanos...

R: Mas praticamente nos primeiros tempos enviaram para aqui os cristãos. Até o próprio general, o Beni Moerdani era católico. Ele passava todos os natais aqui.

P: Havia um respeito pelo padre também por causa disso?

R: Um respeito eu acho que sim. Porque o padre pode divulgar as coisas e chama a atenção do mundo....

P: Depois envolveram-se mais e muita da informação do se passava em Timor, passava pelos religiosos que a colocavam lá fora.

R: Sim.

P: O senhor padre colaborou.

R: Sim muitas vezes.

P: O que fez concretamente? Agora chegamos à sua contribuição.

R: Eu não considero isso como contribuição. É mais uma aventura que um neo-ordenado, um sacerdote jovem que tem aquela... e porque um dos motivos que me levou a ser, a querer ser sacerdote é o motivo da luta. Porque o sacerdote é uma pessoa que pode fazer tudo. Uma pessoa que protege, é uma pessoa que vela pelo pobre, pelo indefeso. Eu vi que eles podem fazer muita coisa, então eu quero ser sacerdote para proteger as pessoas em vez de ter uma arma na mão e ser perseguido.

Mas ser um sacerdote que alguém receia porque os militares não conseguem atingir. É um dos motivos que me levou a ser sacerdote. Para proteger.

P: Então o que fez de colaboração com a clandestinidade e a resistência?

R: Enquanto estive ainda na universidade em Java.

P: Foi para Jacarta?

R: Não. Em Malang, Java Oriental. Ali havia um novo Seminário aberto por dez dioceses. Então o bispo de Díli enviou-nos porque nós também contribuimos para a edificação daquele novo edifício então temos lá parte e temos que ir. Então nós fomos para lá. E ali então em 86 nasceu aquela organização RENETIL. A RENETIL começou aí em 88 e nós fazemos parte dessa organização. Todos nós os estudantes timorenses estamos aí incluídos e fazemos tudo aquilo que podemos fazer. Assinamos cartas contra... o Timor Gap. Então fizemos um abaixo assinado, fazemos de activista, contribuimos para isto.

P: Pertenceu mesmo à RENETIL?

R: Sou membro da RENETIL. Nós fazemos parte desta resistência e quando o Lassama foi capturado em Denpasar e a resistência passou para Malang e um dos nossos ex-seminaristas, o José Neves que agora está aí a trabalhar na CAC (comissão Anti- corrupção). Ele liderava em vez do Lassama, do Fernando. E depois do José ser capturado veio outro ex-seminarista, o António Conceição, a ser secretário-geral desta organização. Nós participámos aí com aquilo que nós temos. Contribuímos com o que temos. Mensalmente a diocese dá-nos 5 mil rupias. Cinco mil rupias praticamente hoje são cinquenta cêntimos. Mas naquele momento ainda valia. E daquele dinheiro podemos contribuir para a viagem dos colegas que percorriam toda a Java que deixaram de estudar [...] dos colegas que vão de uma cidade a outra levar uma mensagem ou recolher dados dos colegas que estão espalhados pela Java, Java Central, Java Oriental até Jacarta. De Denpasar até lá. Então esses que vão nós contribuimos aquilo que nós temos, damos aquilo da nossa parte. Porque nós não podemos sair do Seminário então nós damos aquilo que podemos dar. Mas eles contam sempre connosco. Todas as vezes que tem algum documento, tem alguma notícia sobre uma acção qualquer que está para fazer e alguns dos colegas foram expulsos do Seminário por causa deste envolvimento também.

P: Eram vocês que passavam os documentos?

R: Também.

P: Como é que passavam os documentos?

R: Isto vai através de alguém...

P: Alguma vez passou um documento concreto? Como é que fazia?

R: Temos estafetas. Nós chamamos caixas. Pessoas que levam para um lugar determinado onde há pessoas que podem remeter aquela mensagem de um lado para o outro. E este grupo aqui não pode saber o que está acontecer aí e o documento vai assim clandestinamente e depois vai e atinge o lugar onde quer e vai à pessoa que nós queremos atingir. Alguém que sabe onde se encontra. Porque isto tem de passar por... nós não podemos ir daqueles autocarros, autocarros que percorrem toda a cidade. Nós vamos de autocarro, descemos, tomamos um outro. Nessas paragens ou nesses terminais pequenos que estão por aí, podemos fazer todo o dia um percurso de autocarro sobre autocarro só para levar um documento. E tem de ser até Jacarta porque os de Jacarta é que têm contacto com os jornalistas, os que estão em Jacarta. Então temos de enviar para lá. Ou Denpasar. Mas Denpasar é muito mais vigiado depois de 12 de Novembro e depois da captura de Lassama e companhia toda. Depois da manifestação de 19 de Novembro em Jacarta onde nós todos estivemos ali...

P: Também esteve nessa manifestação?

R: Nós seminaristas não.

P: Não podiam estar.

R: Mas os ex-seminaristas que saíram, que deixaram o seminário estiveram todos aí.

P: E o senhor padre lembra-se de ter passado algum documento em particular.

R: Já não me lembro... geralmente depois de ser ordenado quando estive no Seminário Menor, em Balide, onde as cartas de Konis Santana passavam por mim e eu fazia a caminhada para o Taur Matan Ruak na Ponta Leste.

P: E levava-as até Ponta Leste? Fazia a comunicação entre o Konis Santana e o Taur Matan Ruak?

R: Sim.

P: Era o senhor que transportava as cartas?

R: Não. Eu tenho estafetas que vêm ter comigo, que levam, que deixam a carta... a minha morada onde eu estive no Seminário aí, eles consideram como a casa central aí onde os documentos vinham e paravam e iam para lá. Porque eu tenho também um mini-satélite aí para comunicar com o exterior, com os comandantes aí. Isto tudo foi entregue depois da guerra. Foi entregue no Museu, não sei onde está

P: Diga lá. Havia um estafeta que levava ao Seminário Menor.

R: Um que vinha de Konis Santana.

P: O senhor comunicava com os comandantes pelo telefone satélite?

R: Satélite.

P: E depois vinha alguém buscar para levar.

R: Vinha sempre. Havia sempre um que vinha de ponta Leste para cá e outro que vinha de Norte para cá. Aquele Norte vinha e deixa aqui buscar. Eu comunico a ele que diz a este que venha buscar alguma coisa.

P: O Konis Santana estava no Norte e o Matan Ruak?

R: Estava em Ermera,... o Matan Ruak está lá para Baucau, zona de Baucau entre Lariguto...

P: E portanto eles comunicavam-se assim.

R: Comunicavam-se assim.

P: Através do padre.

R: Através de mim. Eles também têm satélites. Mas o satélite paga-se muito caro e às vezes não funciona bem e porque isto tem de comunicar. Isto já veio em 98 quando tivémos acesso a esses satélites. Antes não tínhamos isto. Antes tínhamos os estafetas, os elementos que traziam e levavam as cartas, as coisas também. Até munições, comida, remédios, medicamentos.

P: Mandou tudo isso.

R: Mande sim. Até dinheiro nós temos. Tudo o que nós temos... o rádio de comunicação.

P: E isso foi em que época? Em que anos?

R: Eu fui ordenado em 96. A partir de 96, 97, 98, 99.

P: Aí já as coisas estão mais abertas? 96 já é o Nobel.

R: Sim.

P: O D. Ximenes diz-me que ele não gostava muito que os padres se envolvessem

R: Ele nunca gostava.

P: Fazia à revelia dele então?

R: Eu até pensei muitas vezes eu não nasci sacerdote. Nasci como timorense. E se é para perder esta minha cidadania como timorense eu prefiro deixar o sacerdócio. Para ser timorense. Basta. Eu estou a fazer uma coisa que tenho que fazer e isto aqui está. Eu perdi toda a minha juventude aí. E ninguém pode me dar de volta, não consigo recuperar este vazio, vazio que deixou de ser preenchido como deveria ser e que eu vivi esta atitude. Eu digo: “eu prefiro ser timorense do que ser sacerdote.” Eu queria ser sacerdote para defender esta causa. É uma causa que eu já desde pequenino

envolvi-me nesta causa e toda a minha vida levei por isto e por isso muitas vezes eu digo: se para mim proibir de ser timorense. Eu prefiro ser timorense do que ser sacerdote. Se o sacerdote me proíba de envolver-me aí, eu prefiro ser timorense.

P: Chegou a ter essa discussão com D. Carlos?

R: Não, nunca. Mas tinha sempre esta convicção. Eu disse isto aos meus amigos: “eu prefiro ser timorense do que sacerdote.” Ser sacerdote para perder a minha identidade como timorense de não poder fazer nada para este povo, eu deixo de ser sacerdote. Porque eu não nasci sacerdote, eu nasci como timorense. E agora com aquilo que tenho e que posso fazer para esta terra, para este povo eu tenho que fazer alguma coisa. Não posso ficar assim com mãos cruzadas, a ver pessoas a serem torturadas, a serem perseguidas e nós a viver aí, a inglês ver. E pronto prefiro fazer isto. Fazemos aquilo que fazemos. Isso sem conhecimento da estrutura legal da Igreja. Se o bispo soubesse eu acho que nos ralhava. Mas pronto. Mas ele sabia.

P: Ele sabia. Ele disse-me que sabia e sempre foi contra. Ele dizia...

R: Nós sabemos que ele não gostava disso mas ele também fazia. Escrevia cartas para as Nações Unidas, ao secretário-geral das Nações Unidas a pedir à Cúria, ao Colégio dos consultores. Ele fez, como pessoa. E nós também queremos fazer como pessoa. Não estamos a envolver a Igreja. Ali como indivíduo, foi por graça de Deus que nos fizemos sacerdotes. Mas continuámos a ser indivíduos timorenses e que sentem e que dói. Sentem a dor daquela gente que está a adoecer. Nós não podemos nunca, não conseguimos neutralizar-nos desta situação. Ninguém pode. Eu acho que nem D. Carlos. Pode não gostar, ele não consegue neutralizar-se para ser só Igreja. Igreja é só defender, é só rezar, é só fazer aquilo que pode fazer. E não envolver aí pessoalmente. Ele não ia à procura dos jovens que perderam, no 12 de Novembro?... ele saiu com o Mário Carrascalão. O Mário Carrascalão veio buscá-lo e os dois andavam ali à procura. E os jovens que fugiam para aqui, para a sua casa ali em Lecidere. Ele nunca expulsava esses jovens e acolhia. Porque os militares não conseguem entrar aí. Então ele acolhia e de noite mandava para lá. Ele também fazia. Embora não gostava. Aquilo é um envolvimento sem querer. É uma coisa automática que você reage contra e que não há lei. Nessas situações aqui, as leis não funcionam. Essas leis convencionais que querem pôr em andamento uma ordem, aqui não funciona. Numa situação de crise, se você olha para a lei e você morre sem fazer nada, sem dizer nada. E você pode ver aí pessoas a morrer? Sem uma afeição, sem um sentimento. Ser sacerdote para quê? Para defender uma causa e esta causa infelizmente é uma causa

política mas que envolveu a população, o povo que não é consciente desta finalidade. Não está envolvido mesmo nesta situação e que foi livremente obrigatório a aceitar aquilo. Ninguém. Isto é uma obrigação que nós não conseguimos neutralizar desta situação. Ninguém é apático, ninguém é isento desta atrocidade. Ver um irmão a ser torturado aí e você fica rir... você não diz nada à outra pessoa: deixa de fazer isto. Moisés, Moisés não tolerou quando viu os egípcios torturar os judeus. Moisés aquele que encontrou com Deus, aquele que falou como senhor. Ele também não tolerou. Matou um egípcio por causa da tortura do seu irmão. Eu acho que é este sentimento de pertença que não nos imuniza da situação, da situação. Ali não serve a lei, ali não serve nada. Ali só há humanidade. É a humanidade que fala. Se você tem uma humanidade, você nunca pode ver a humanidade ser torturada. Você pertence aquela humanidade e quando a humanidade dói, você também dói. A dor atinge o âmago da vida e quando atinge o âmago da vida, você tem de dar uma reacção. Você quando não dá uma reacção, você é um robot, você é uma máquina, você é um pau seco, você não é uma pessoa humana. É isto que eu acho que aquilo que provocou este envolvimento pessoal, sem querer envolver a Igreja. Deixa a Igreja em paz. E por isso muita gente que me perguntava mas porque é que vocês... eu digo: eu me fiz sacerdote também eu não sei. Muitas vezes eu também não quero ser sacerdote, não quero ser sacerdote. Talvez Deus me queira como tal, mas eu nunca, nunca...

P: E alguma vez foi torturado?

R: No mato sim. No mato pela FRETILIN.

P: Porquê?

R: Isto eu tinha eu acho que 14, 15 anos. 15 anos. O meu tio, o primo do meu pai, ele tinha uma várzea muito extensa, tinha gado, tinha cavalos, tinha animais, tinha gente, tinha tudo. E no momento em que ele sabia que nós chegámos à nossa terra natal, então ele convidou. O meu pai não se dava bem com ele por causa da minha irmã. Eles deixaram-se de falar por tantos anos. Mas quando ele ouviu (...) e então mandou-nos buscar. Aqui tenho tudo aqui, venha aqui, não passem mal aí. Mandou-nos chamar. O meu pai não queria vir. O meu pai ficava em Fatubessi por volta de 3 meses quando nós deixámos. Nós fomos para lá, ali começámos a viver mesmo bem.

P: Com o seu tio?

R: Sim. Beber leite todos os dias. Beber leite, comer arroz, comer tudo e carne todos os dias. Ele tinha porcos, tinha galinhas e matava todo os dias. Cabritos, gados. E tinha toda a qualidade disto. Tinha várzea... fazia tudo. Então nós estivemos aí.

Também começámos aí... Ele era muito generoso para com os militares. Altas horas passavam aí companhias que ele mandava acordar toda a gente para preparar comida, para levar, matar aí animais para dar de comer.

P: Para os indonésios?

R: Não, os militares da FALINTIL. E então chegou a certo ponto... todos os sábados mandava os meus irmãos mais velhos a transportar arroz já bem pilado, com carne. Tudo isto para o comando. Oferecia tudo o que tinha. Até leite mandava para lá. E essa gente eu acho que chegou a um ponto a dizer que é feudalista. E começou a desconfiar porque nós temos os nossos parentes os que levaram os militares indonésios a entrar até Hatolia, eram os nossos parentes. Os meus tios, também primos são aqueles que comandaram ali para entrar. Então desconfiava de que nós tivémos contacto com essa gente e começaram a perseguir e pronto tiraram tudo aquilo que teve. E nos levou. Então eu e o meu irmão mais novo do que eu, nós fazíamos o turno de guarda dos gados. Então no turno em que eles foram, os das FALINTIL foram buscar, era o meu turno. Eu estive de noite a pernoitar aí porque estive no meu turno de guardar os gados. E o meu irmão estava com a minha mãe em casa e noutra casa. Então eu fui levado e o velhote já foi capturado. O meu pai também foi e o meu irmão, os dois irmãos, também já foram capturados. Eu praticamente ia com a mulher porque o meu tio tinha 3 mulheres. Eu fiquei aí com eles porque era noite, vieram-nos buscar e levaram-nos para a detenção. Ficámos detidos aí por mais de seis meses. Porque pensava que o meu tio estava na prisão e que nós podemos ter o pretexto de ir render-se aos militares indonésios. Levaram-nos para junto lá... todas as noites.... a parede era separada por um papelão aí e que o velhote e os seus companheiros de prisão ficam uma outra parte, de dia vão trabalhar... ou quando foram açoitados e pronto o velhote vinha e de noite chorava.

P: O seu tio?

R: Sim... e nós ficamos noutra parte. Nós estamos aí, quer dizer uma detenção preventiva que não é.. nós não somos livres de ir a nossa casa e vagueava por aí. Comia o cacau, cacau tenro. O cacau quando ainda é muito tenro pode-se comer. Comia cacau e os dentes ficavam como aquelas pessoas que mascam. A minha mãe quando vinha chorava, chorava muito... então tinha os dentes aqui e o cacau sujava todo o dente

P: Mas mesmo assim depois lutou por Timor?

R: Fomos torturados pelos das FALINTIL.

P: Mas depois ajudou-os?

R: Não, eu não ajudei a FRETILIN. Eu ajudei o povo timorense. Eu não ajudei a FRETILIN.

P: Mas ajudou as FALINTIL. Esteve-me a dizer que transportou cartas do Konis Santana para o Taur Matan Ruak.

R: Isto já é uma outra história, já é uma outra conotação. Já é uma outra fase histórica em que eu acho toda a gente se envolvia. Não só da FRETILIN. Por isso, hoje em dia quando oiço falar de que a FRETILIN é que fazia a guerra, a FRETILIN é que fazia isto, isto não é verdade. Eu digo sinceramente, isto não é verdade. Toda a gente envolvia. Todo o processo desde 25 de Abril de 74 até 25 de Outubro 99 é um pacote e é um processo. Em todo o processo que é uma caminhada que todos os timorenses envolveram nesta história, nesta caminhada, fizeram a caminhada e que essa caminhada por parte da Indonésia, por parte da FRETILIN, por parte da UDT, por parte de quem parte... mas que todos participaram aí. E todo este processo faz parte da história. Ninguém pode tirar uma parte deste processo para dizer que eu sou o herói. Aqui não há heróis. Todos somos heróis. Todo o povo lutou com a sua maneira, a sua participação nesta luta é uma participação querida ou não querida mas é sempre uma participação. Quer na colaboração com os indonésios para torturar os outros, é uma participação também. Faz parte daquele processo de purificação de um povo e que ninguém pode excluir esta parte da história. E se agora vamos contar só a história dos heróis, é uma mentira. Com os heróis não se faz história. É uma epopeia, talvez um mito que vamos a contar por aí. Mas com toda aquela porcaria que nós fizemos por causa da nossa ingenuidade e impreparidade política, sem preparação nenhuma para enfrentar aquela situação nova, aquela nova eu acho, metamorfose de um povo no momento crucial da sua, do seu parto. Acontece essas coisas. A dor faz parte do parto. O sangue faz parte do parto. A vida faz parte do parto... o nascer do Timor é um processo bem envolvido, bem preparado e nós é que não éramos preparados para enfrentar aquela situação.

P: Está-me aí a falar de coisas que são muito políticas. O senhor envolveu-se politicamente. Acha que é possível separar o religioso da política?

R: Na lei mas não na vida prática. Na vida prática é uma outra coisa.

P: Porquê? Acha que o religioso em si é já político?

R: Eu não sou religioso e deixo de ser homem. Continuo a ser homem. Continuo a ser cidadão. Eu não posso negar essa cidadania. Não porque isto é uma abnegação que

por vezes dá o sentido de uma revolta. Eu não posso negar a minha existência, o meu ser como timorense, a minha pertença a este povo, a esta nação. Eu nasci, cresci, vivi, assisti, experimentei, dei tudo aqui... e como pode separar essas acções, esses sentimentos de mim? Só porque sou religioso? Deus não me tira a minha humanidade. Se Deus me tirasse eu agradecia, que tirasse esta humanidade fora de mim. Mas nunca me tirou esta humanidade. Ninguém pode tirar-me esta humanidade. Eu quero ser homem. É um homem que quer dar. Como Jesus disse, dá a César o que é de César, dá a Deus o que é de Deus. Eu tenho este direito de dar ao César também. Eu tenho o direito de dar a Deus. Eu dou, eu dou aquilo que posso dar. Na medida em que estou aqui a exercer a minha função sacerdotal eu dou aquilo que pertence a Deus. Mas no momento em que não estou, dou a outra pessoa, dou a uma convicção. Fazer uma ideia dar uma opinião não significa que estou a cometer um pecado grave contra Deus. Estou a falar em nome das pessoas que não podem falar. Digo uma coisa que é injusta que os políticos estão a praticar aqui. Por causa deste discurso venho a ser condenado. Eu prefiro ser timorense. Eu prefiro ser cidadão. Eu não quero ser hipócrita a viver com grande fingimento em que a minha humanidade está a doer por causa desta realidade que provoca. E como posso ser uma pessoa isenta desta realidade. Eu não posso insentir-me disto, ausentar-me desta... eu vivi, eu cresci antes de ser sacerdote eu sofri isto. Esta é a minha vida, o ar que eu respirei, o ambiente que me fez crescer. Eu cresci neste ambiente. Ninguém dá o que não tem. Eu tenho aquilo que tenho que dar. E eu dou aquilo que dou, aquilo que vi, aquilo a que assisti, aquilo que cresci, aquele ar que respirei e que me fez crescer até então. E praticamente este sangue... muitos dizem padre venha deixa o sacerdócio e venha, vamos fazer a política. Mas eu nunca quis. Há 18 anos que fui ordenado.

P: E acha que as duas coisas se conjugam?

R: A mim sim, mesmo que os legisladores de Roma não aceitam.

P: E como é que via o Vaticano?

R: É uma outra realidade. A minha experiência e de que ir para lá é ir purificar-me. Daquilo que eu antes percebi era uma coisa muito divina, muito sacral.

P: Compreendia que o Vaticano fosse tão ambíguo em relação a Timor?

R: Eu acho que sim, no tempo do cardeal Casaroli era quando era secretário de Estado eu acho que todo o documento que entrava aí em... foi tudo para o lixo. O Papa não sabia de nada a respeito daquilo que acontecia aqui em Timor

P: Portanto a culpa não seria do Papa.

R: Não, não é do Papa. Dos que estão a trabalhar aí, dos que fazem a política do Vaticano. O Vaticano é uma instituição que também nos diz que não se faz a política mas ali há acções políticas, há actividades políticas. E esses embaixadores do Vaticano eles fazem a política. A Igreja só quer que a política só se faz a alto nível mas a realidade, a realidade é uma coisa. Então esta matemática mental. A matemática mental nunca se pode conjugar com a realidade. Quando não parte da realidade, a matemática real que é a realidade que emerge de uma situação onde vive um ambiente num contexto, numa história, numa mentalidade. É que esta realidade aqui se você é cego perante esta realidade você pode utilizar a tua matemática mental para decifrar as coisas, para calcular as coisas, para medir as coisas e para enfrentar a realidade. É como quiser mas isto não é compatível. A incompatibilidade entre a matemática mental e a matemática real é uma grande... que provoca aquela grande discrepância de opiniões de ideias. Eu digo: “os cardeais, os legisladores de Roma fazem a lei porque vivem numa realidade que não é pertinente a eles.” Mas nós pertencemos a uma outra realidade, a um outro mundo em que neste mundo é Cristo que grita no grito de alguém que sofre. E se eu vou por este grito é um pecado? Eu quero deixar de ser sacerdote. Eu vou pelo grito.

P: Timor durante a ocupação teve dois administradores apostólicos muito diferentes. Como define cada um?

R: Nós vimos sempre as coisas no plano salvífico de Deus. Deus tem o seu desígnio. Envia as pessoas exactas para os momentos exactos. [...] Deus tem sempre desde a história da salvação, aquilo que nós vemos na Bíblia, aquilo que entendemos, a intervenção de Deus na História da Humanidade vem sempre com aquele momento propício. Ele nunca falha, nunca erra, nunca atrasa. É lento. Deus é lento mas nunca atrasa na sua intervenção. O tempo dele é um tempo que é infinito e nós não podemos decifrar este tempo aqui. Por quanto tempo? Gostei imenso da expressão do padre Martins quando celebrava os 25 anos de sacerdócio e que completava 24 anos aqui no momento em que celebrava os seus 25 anos de votos. Então ele dizia quando ele saiu de Portugal para cá. Os superiores, o provincial disse para ficar aqui dois ou 3 anos. Dois ou 3 anos e depois regressaria para lá e continuar os seus estudos em Roma. E então quando chegou cá: a guerra. Quebrou-se aquilo e ele dizia a matemática divina é uma outra coisa. O superior dizia dois ou 3 anos e a matemática divina juntou aqueles dois algarismo e ficaram 23 anos que ele esteve. É uma coisa muito linda que ele dizia naquele momento, eu ainda era seminarista.

P: Mas em relação a D. Martinho e D. Carlos, como é que os define. D. Martinho?

R: É uma outra pessoa. É uma pessoa que tinha muito experiência. É uma pessoa mesmo dotada de uma autoridade superior e tinha esta convicção de que a Igreja.. ele falava, divulgava aquilo que os militares indonésios fizeram. As atrocidades em [...] quando matavam as mulheres, rasgaram o ventre tiraram os bebés, quando massacraram aquela gente toda. Ele dizia aquilo claramente. Eles tomaram isto por estar fora de si. E o Vaticano aceitou este pedido em prol do governo indonésio em prol da política. Isto é a política. Para não torturar o povo então é melhor, optam por tirar o D. Martinho daqui. Porque se ele ficasse cá talvez iria ser morto ou fazer mal à população. Seria torturada por causa... Porque se não o torturassem, torturavam a população em vez dele como refém.

P: Mas as coisas não melhoraram depois com D. Carlos.

R: Não melhoraram mas foi aquilo que eles pensavam e por isso Deus escreve direito por linhas tortas.

P: Ele não foi aquilo que eles pensavam.

R: Ele não foi por isso que o chamaram de “persona non grata”. Consideraram-no como “persona non grata”.

P: Portanto acha que ele fez as coisas de outra maneira mas que as fez à mesma?

R: Sim. Porque pensavam que era muito jovem ainda quando... ele tinha apenas 3 anos de sacerdócio ainda quando foi eleito administrador apostólico até 89 quando foi ordenado bispo. E ele vinha com aquela inexperiência ainda. Porque ele era mestre de noviços em Fatu Maka quando... e toda a gente, toda a igreja, os sacerdotes todos os mais velhos pensaram que ele ia fazer o contrário. E ninguém esperava, ninguém esperava aquilo... por isso que eu digo: “Deus tem sempre a sua gente, tem sempre o seu tempo, tem sempre como enviar. Escolhe pessoas exactas no momento exacto. Ele nunca falha.” E então envia Carlos Filipe. Toda a gente pensava que ele não podia fazer nada mas no fim quando ele fazia aquilo, escrevia aquelas cartas ao secretário Geral das Nações Unidas toda a gente ficava surpreendida por causa disto.

P: E agradada?

R: Sim. E a voz dele. Ele é um grande orador. Falava, as homilias, dizia coisas, as escritas que ele fazia. Escrevia cartas pastorais. Ele escrevia mesmo por ele. Escrevia as suas ideias, claras, concisas. Reflectem mesmo a situação e que é uma pessoa exacta naquele momento. Ele ia-se embora no momento em que Deus que a comissão acabou de terminar e vem um outro.

P: Depois Timor esteve isolado durante muito tempo e depois há 3 ou 4 acontecimentos que trazem Timor para o centro das atenções: A visita do Papa, Santa Cruz, o Prémio Nobel e depois a prisão de Xanana. O que é que acha que foi mais importante para dar a volta à questão timorense? A visita do Papa?

R: Não foi só isto. Há antecedentes que preparavam esta situação.

P: O quê por exemplo?

R: O Mário Carrascalão quando pediu à Indonésia para abrir Timor-Leste ao exterior. O Mário Carrascalão quando enviou jovens estudantes timorenses para a Indonésia com bolsas de estudo do estado.

P: Mas isso não seria numa tentativa de integrar os jovens?

R: Não, nunca. Eu acho que ele talvez fazia isto como uma coisa. Eu acho que ele tinha uma outra política para dizer aos indonésios convém educar essa gente porque educando aqui eles saem com isto. Mas eu acho que ele tinha na mente que os timorenses se fossem mais educados seriam uma força enorme. Porque isto aconteceu em 81 quando o ataque de Marabia (?) o David Ximenes, o Chico Lopes quando eles pensavam formar um outro batalhão para reforçar a resistência. E quando o Chico Lopes foi tirado para lá eternamente sem voltar mais para Timor e o David Ximenes foi preso porque eram os pensadores destas ideias. E quando os militares souberam disso desterraram o Chico Lopes e aprisionaram o David Ximenes. E a partir daí começaram a ter qualquer coisa de que esta luta. E eu acho que Mário Carrascalão tinha encontrado com Xanana uma vez em Lariguto...

P: Portanto acha que o Mário Carrascalão foi mais importante que a visita do Papa?

R: Não. Cada evento, cada acontecimento tem o seu papel principal na moldura desta fase histórica. Mas que este envolvimento, este processo de se libertar da opressão é este de educar. Porque se lutar, pessoas educadas também faz falta. E hoje em dia ainda bem que muitos foram educados lá para poder hoje fazer qualquer coisa aqui em Timor.

P: O massacre de Santa Cruz. Estava cá?

R: Estava no Seminário Maior. A visita do Papa também não estive cá. Oitanta e nove, noventa e um. Mas a visita do Papa foi mesmo um momento chave onde Timor é demonstrado publicamente. A demonstração começou aí. Aquela valentia dos jovens que durante anos e anos era assim sumergida no coração, no plano, mas foi naquele momento que eles abertamente fizeram isto e a perseguição foi endurecida durante aquele tempo até 99. Foi mesmo uma grande mudança na atitude dos

militares quando sabiam tudo o que tinham feito cá, toda a educação que davam, todo o dinheiro empregue aqui. E tudo aquilo que fazia para poder ganhar qualquer sentimento timorense era em vão. E quando soube disso tornou-se muito mais feroz.

P: E depois do referendo, como foi vivido?

R: O referendo. Foi terrível mas aí. Mas foi terrível antes.

P: Antes, durante e depois. E pela primeira vez morreram padres.

R: Antes a intimidação de não poder escolher por aqui, por acolá e toda a gente é obrigado a escolher isto aqui. Intimidação. É por isso que eu acredito neste povo. Ele é assim tão diplomático que aceitava as intimidações mas no momento da votação já pelas 3 horas da manhã até algumas pessoas vinham, dormiam aí à espera daquele momento. De manhãzinha, eu ainda estive no Seminário com os seminaristas no Seminário de Balide. Nós tínhamos o lugar da votação mesmo ao lado da escola onde está a funcionar a escola portuguesa. Nós viámos cá e toda a gente já estava aí. Velhinhos e velhinhos, pessoas que nunca vimos sair da casa e bem vestidos aí na fileira indiana. E fazia-se uma festa. Os membros da RENETIL quando sabiam que havia intimidação e falsificação, distribuição de dinheiros por aqui para comprar pessoas então faziam “door to door campaign”. Aquela porta em porta. Os jovens andavam aí a dizer... a ensinar como votar.

P: Mas depois houve aquela violência toda e pela primeira vez foram mortos padres. Como é que viveu? Também foi ameaçado nessa altura?

R: Fui, fui. Várias vezes. Mas pronto Deus é grande e quando nós fazemos essas coisas... eu costumava entregar-me a Deus. Não fiz por ganância, não fiz por interesse próprio. Eu fiz por uma causa. Uma causa que é de um povo, de muitas pessoas que morreram inocentemente por esta causa que o sangue deles ainda continua a bradar pela liberdade, pela justiça, pela verdade. E eu não estou a fazer isto... digo isto se isto aqui não te agradar, eu não sei como te agardar.

P: Diz isso a Deus?

R: A Deus. Eu falo continuamente isto. E depois comento vocês todos os que morreram eu não estou a fazer aqui em busca do meu orgulho. Estou a reclamar o sangue. O vosso sangue derramado aqui nesta terra. É aquilo que nos traz. Vocês me protegem no momento em que quero fazer alguma coisa. Das insídias dos inimigos, da malícia dessa gente toda aqui e que vocês não morram como cães mortos sem nome. Que esse sangue seja reconhecido o seu direito, que vocês não vertem o sangue aqui nesta terra em vão. Que o vosso sangue seja o grito perene de um povo pela

liberdade, pela verdade e pela justiça. Eu até andava, fui transportar coisas, esses rádios de comunicação, dinheiro, tudo de Jacarta para cá. Passava toda aquela máquina de controlo por aí. Passava sem ter medo. Mentia àquelas pessoas. Aos militares que estão aí. Isto aqui... trazia esses rádios de comunicação, trazia isto aqui que o Donaciano trouxe da Austrália e chegou a Jacarta e um outro, o Jacinto Gigoberto que era um vice-ministro da Solidariedade Social que depois deixou... nós íamos lá buscar esses satélites e trazíamos para cá com toda esta convicção de que eu não fiz por orgulho, não fiz por ganância, não fiz por interesse próprio. Eu fiz por um povo, por todos aqueles que morreram por esta causa.

P: E o facto de terem sido colegas no Seminário os políticos e os padres também ajudou o envolvimento dos padres?

R: Eu não sei dizer... é mais um chamamento. É um chamamento, uma vocação de envolver-se mesmo porque a realidade nos chama. É uma coisa que nos interpele. Você está seduzido e você deixa-se seduzir por esta realidade. É mesmo seduzido e absorvido. Você é seduzido e absorve aquela... a unicidade, a união entre o ambiente e a tua pessoa. Absorvida naquele ambiente e torna-se uma coisa inseparável. É inseparável.

P: Como define o papel dos religiosos no processo de independência? Há quem diga que sem a Igreja Timor não teria sido independente.

R: Isto é a versão das pessoas. Cada pessoa faz aquilo que deve fazer. Todo o povo timorense tem um papel para executar neste todo da história da luta. E cada papel é importante. Todo o papel é empenhado com fé, com uma moralidade. Com toda aquela humanidade integrada na causa da independência. Todo o género de papel é importante. Cada qual joga... cada jogador tem a sua função.

P: E a função da Igreja foi importante ou não?

R: Eu acho que sim. Foi importante como importante também foi o papel das FALINTIL, o papel dos diplomatas, o papel dos estudantes, o papel da população, o papel dos empregados que trabalharam com a Indonésia, o papel dos governantes que colaboraram com a Indonésia para não deixar que esta ilha, esta província seja ocupada pelos indonésios.

P: E se não tivesse havido Igreja acha que era possível a Independência à mesma?

R: Não sei dizer... talvez não porque a mudança de Marxismo-Leninismo para a CNRT foi o conselho do falecido monsenhor Martinho da Costa Lopes quando encontrou com Xanana em Mehara, Los Palos para dizer que se você quiser ganhar

simpatias, adesões dos países prepotentes você tem de mudar de rumo. Muda de ideologia. Deixa de ser comunista, leninista, deixa de ser isto. Faça outra coisa que agrade porque se não isto vai cabar. Ninguém pode dar apoio embora aquelas ONGs da extrema-esquerda continuem a apoiar. Mas não são nações que podem votar no Conselho de Segurança. Alguém que tenha voz no Conselho de Segurança. Tem de mudar de rumo. E mudou, o Xanana mudou quando transformou isto em CNRT. Provocou vítimas. Eu acho que havia fricções que não acitavam bem e teria que tomar uma decisão.

Anexo 33

Entrevista Carlos Saky

Carlos Saky ou Carlos da Silva Lopes é um timorense fundador da RENETIL (Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste). Tinha 9 anos quando foi a invasão. Depois da invasão esteve 3 anos refugiado no mato.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 24 de Julho de 2015

Pergunta: Que idade é que tem e que idade é que tinha quando foi a invasão?

Reposta: Agora tenho 50. Na altura da invasão tinha 9, 10 anos .

P: E como é que viveu a invasão?

R: Quando a Indonésia invadiu Timor, eu e a minha família nós recuámos para o mato e quando a base de apoio foi eliminada, destruída pelos militares da Indonésia em fins de 1978, em Matebian, a partir daí eu com os meus irmãos e os meus pais regressámos a Uato Lari.

P: Esteve no mato...

R: Estive no mato durante 3 anos. De 75 a fins de 78.

P: Estava onde quando foi a invasão?

R: Estava em Uato Lari, no sub-distrito de Viqueque.

P: E o que é que se lembra dessa altura?

R: Lembro-me quando os militares indonésios utilizaram aviões de guerra, bombardearam as populações, as aldeias onde viviam as populações.

P: E depois lembra-se de terem fugido?

R: Lembro.

P: E quando fugiram e estiveram no mato, estiveram nas “zonas libertadas”?

R: Sim nas “zonas libertadas” e depois recuámos para o Matebian.

P: E estavam lá padres?

R: Sim estava lá um padre que chama-se João Roque Martins. Um indiano.

P: E vocês iam à missa?

R: Sim.

P: E depois quando estavam nas montanhas como era, os padres também estavam lá?

R: Sim. Pelo menos eu conheço o padre João Martins porque ele era pade em Uato Lari. Depois reucou para o mato também.

P: E ele também estava lá?

R: Estava. Recuou até Matebian.

P: E eles celebravam?

R: Sim eles celebravam missa mesmo no mato.

P: Depois vem para cá?

R: Não. Depois quando desci de Matebian eu estudei, continuei os estudos. Porque durentes 3 anos deixei de estudar. Então quando regressei do mato estudei ensino básico da Indonésia, 4ª classe em Uato Lari. Foi em 1979. Depois vim para Díli em 80.

P: Tinha para aí 13 anos.

R: Sim.

P: Depois nessa altura começou a envolver-se politicamente?

R: Na altura não estava directamente envolvido. Mas uma irmã minha que na altura ainda estava no mato, às vezes fazíamos comunicações com a minha irmã no mato. E depois quando estudei em Díli não me envolvi directamente. Mas às vezes discutia com outros colegas a falar sobre a prática de violação de direitos humanos, nas escolas. Em 80 vim estudar para Díli e entrei para o ciclo preparatório. Depois em 86 recebi uma bolsa de estudo. Então fui continuar os estudos na Universidade Udayana em Denpasar de Bali. E foi aí que me envolvi activamente nas actividades da resistência.

P: Antes disso, como é que faziam a comunicação com a sua irmã?

R: Por exemplo, às vezes íamos às hortas (nós temos hortas nas aldeias), então às vezes íamos buscar comida então aí encontramos com as irmãs escondidas ali. Ou às vezes as minhas irmãs iam lá para encontrar com a minha irmã que estava no mato.

P: Depois vai para Bali e é lá que entra na RENETIL?

R: Não, eu sou um dos fundadores da RENETIL. Nós começámos as actividades em 86. Dois anos depois, nós fundámos a RENETIL.

P: Como foi?

R: Nós fundámos a 20 de Junho de 1988. Dez estudantes incluindo o saudoso Fernando Lassama que faleceu há pouco tempo, um dos fundadores da RENETIL. E nós de 86 a 88... então nós às vezes fazíamos reuniões clandestinas a preparar terreno e a estudar mais livros que tem a ver com movimentos de libertação. Então ao longo de dois anos nós preparámos as condições. E então em 20 de Junho de 1988, nós fundámos formalmente a organização.

P: E o que é que faziam?

R: Esta organização é uma organização estudantil que tem como objectivo fundamental lutar pela libertação de Timor-Leste.

P: Mas o que é que faziam para lutar por essa independência?

R: Nós organizámos os estudantes. Tínhamos 3 linhas gerais de orientações: primeiro é isolar pronta e rapidamente todo os estudantes timorenses de todas as influências políticas e ideológicas económicas e socio-culturais da Indonésia; o segundo: desenvolver todas as actividades de ressonância internacional para denunciar todos os crimes cometidos pelo governo indonésio em Timor-Leste (a violação dos direitos

humanos). E remover a presença do ocupante em Timor-Leste. É o segundo ponto. O terceiro é preparar profissionais com consciência revolucionária para participar na reconstrução nacional de Timor-Leste. Estas são as 3 linhas gerais.

P: Portanto faziam também a denúncia.

R: Sim. Nós contactávamos regularmente com as organizações internacionais de direitos humanos (Amnistia internacional) e mandamos também cartas para chefes de governo, chefes de estado.

P: E como é que mandavam essas mensagens. Serviam-se dos padres?

R: Alguns sim mandávamos através dos padres. Por exemplo, referi o nome do padre Jovito, padre Júlio Crispim Ximenes Belo. Porque na altura eles ainda eram estudantes seminaristas em Malang, em Java Leste. Então depois da criação da RENETIL, às vezes quando nós queremos fazer sair alguns documentos então íamos a Malang entregar-lhes e depois eles é que mandam através dos padres e das madres estrangeiras que visitam, para levar os documentos para fora.

P: E porque é que se serviam dos padres para fazer esse transporte?

R: Era o meio mais seguro porque a Indonésia não desconfiava muito que os padres estrangeiros ou madres se fossem envolver nestas actividades da política. Isso para o estrangeiros. Mas em Timor, os indonésios também temiam os padres e madres. Porque a maioria dos timorenses são católicos (95%) se eles fizessem mal aos padres isso iria ter consequências graves também. Vai aumentar a resistência. E os indonésios ponderam muito. Para fazer uma acção contra os padres eles têm de pensar duas ou três vezes. Não é tão simples fazer uma acção física do que contra um simples cidadão.

P: E portanto os padres aí tinham uma força.

R: Têm uma força. Uma força moral muito, muito forte.

P: É católico?

R: Sou.

P: Baptizou-se depois ou antes da independência?

R: Eu fui baptizado quando ainda era bebé.

P: A catolização maciça dá-se durante a ocupação. Porque é que acha que isso aconteceu?

R: Isso aconteceu porque a Indonésia tem cinco religiões oficiais. Para um indonésio, um cidadão tem de optar por uma religião porque para preencher qualquer

documento, eles sempre perguntam qual é a religião. Então todos os cidadãos têm de optar por uma religião.

P: Mas os timorenses podiam ter optado por outra religião.

R: Sim mas a questão é que o Catolicismo está muito enraizado em Timor porque ao longo de 400 anos, os católicos têm uma implantação aqui muito forte. Mesmo que não sejam católicos, eles conhecem a Igreja, eles conhecem a Igreja. E então quando a maioria dos timorenses regressavam dos matos, forçado pela situação, têm de optar por uma religião ou também por causa da pressão. Porque os indonésios levavam as pessoas para matar, então as pessoas preferem entrar na religião como um meio não só para protecção física, mas espiritual também. Porque os indonésios quando vêm um cidadão que não tem religião é acusado como um ateu que não acredita em Deus.

P: E portanto está a ferir um dos princípios básicos da pancasila?

R: Sim.

P: Voltando à utilização que fazia dos padres, lembra-se de algum documento que tenha mandado através deles?

R: Nós, às vezes, mandávamos algumas cartas para o bispo Belo também quando ele passava por Denpasar. Às vezes íamos ao aeroporto.

P: E eram cartas para quem?

R: Para o próprio bispo. Ou às vezes nós organizámos petições. Por exemplo um dos documentos que nós preparámos foi o de apoiar o bispo Belo quando ele mandou uma carta para o secretário-geral das Nações Unidas para pedir a realização de um referendo em Timor para que o povo de Timor possa decidir o seu próprio futuro. E aí nós estudantes assinámos uma petição e mandámos para o Secretário Geral das Nações Unidas para apoiar a carta do bispo Belo e mandámos a cópia para o bispo Belo também.

P: E esse abaixo-assinado, mandaram como?

R: Já não me lembro se mandámos através de um padre ou de outros meios. Porque nós temos muitos meios.

P: Portanto os padres e as freiras não eram o único meio.

R: Não os padres não eram o único meio.

P: Mas era um meio fundamental?

R: Para nós todos os meios são fundamentais porque vivemos numa situação difícil temos que aproveitar todas as facilidades que temos. Por exemplo se conseguimos arranjar uma pessoa de alta confiança a sair de Timor, aproveitamos logo. Não

precisamos de esperar que saia um padre para mandarmos. Por exemplo amanhã sai um australiano que nós conhecemos ou um timorense que temos confiança, podemos mandar sem esperar pelo padre. Mas se não temos pessoas assim, então temos que esperar para ver quando o padre ou a madre sai para mandarmos os documentos através deles.

P: E portanto porque eram pessoas de confiança. Porque é que achavam que os padres eram pessoas de confiança?

R: Primeiro porque nós não acreditamos muito que os padres nos vão trair. Por uma questão de moral e honestidade. Porque a Igreja também luta pela justiça. Embora não se identifiquem politicamente com uma força política, mas eles também lutam por uma causa também. Lutam pela justiça. Como nós também defendemos a justiça, aí comungamos o mesmo princípio, a mesma ideia para defender a justiça para o povo. Porque a Igreja é o povo e o povo é a Igreja. 95% são católicos e podemos dizer que o povo é a Igreja e a Igreja é o povo. Uma Igreja não pode viver sem o povo.

P: Mas eles podiam não ter tido um papel político

R: Depende da interpretação de cada pessoa. Às vezes não interpretamos como político. Mas eles estão a defender uma causa justa, uma justiça. Eles não podem assistir à violação de direitos humanos, acontecem à frente deles e eles têm uma autoridade moral para defender. Defender que não se podem matar as pessoas assim, sem justiça. Depende. Cada interpreta que seja política ou não.

P: Timor-Leste teve dois administradores apostólicos durante a ocupação. Como define cada um deles?

R: Os dois são grandes lutadores. Porque eu a última vez quando ouvi a homilia do D. Martinho quando ele denunciou os crimes cometidos pelos indonésios.

P: Viu a homilia em oitenta e.... quando ele falou pela primeira vez?

R: Não foi a primeira vez. A última. Daí é que os indonésios os perseguiram, então.

P: Foi quando e onde?

R: Foi cá em Díli. Foi na Igreja de Motael. Ele denunciou numa missa ele denunciou. Se não me engano era o massacre de Kraras. Ele denunciou. Utilizou palavras muito fortes contra as autoridades indonésias.

P: O que disse? Lembra-se?

R: Eu não me lembro exactamente mas aquela missa teve uma grande influência para as pessoas. E daí as pessoas começaram a ter mais confiança na Igreja de que a Igreja

está com o povo. E outra coisa. Como é o bispo D. Martinho influenciou Xanana Gusmão para mudar algumas políticas ali no mato.

P: Por exemplo?

R: Por exemplo, no mato se não me engano eles criaram o partido marxista-leninista da FRETILIN. Então houve um encontro em Los Palos entre D. Martinho e Xanana Gusmão, o D. Martinho pediu para Xanana Gusmão que todos os países da região não aceitam a existência de comunismo em Timor-Leste. Mas se a resistência mudasse essa política, pode ter apoio da região e da população e pode ter apoio da Igreja também e aí é que começou com a transformação.

P: Toda a gente me conta isso mas eu nunca tinha ouvido falar disso.

R: Falam alguns livros sobre isso. (...) Portanto D. Martinho é uma figura muito forte na altura e assim também como D. Carlos Filipe Ximenes Belo.

P: Mas eram diferentes não acha?

R: Diferentes. No início muitos padres também não tinham muita confiança no padre porque alguns desconfiaram que o D. Filipe pode ser uma pessoa indicada pelos indonésios. Então eles não têm muita confiança nele. Mas depois quando foi nomeado para bispo apostólico, então ele começou a desenvolver algumas actividades e mais tarde ganhou muita confiança da população e do povo. Porque ele faz muitas denúncias. E é a única pessoa que tem a coragem de escrever a carta para o secretário-geral das Nações Unidas para pedir o referendo para Timor. Até ele disse: são outras pessoas que falam, dizem que o povo já escolheu o seu futuro mas o próprio povo até agora não escolheu ainda o seu futuro. Isso só uma pessoa corajosa é que pode fazer isso. Enfrentar todos os militares e o regime, tudo. Portanto aí o bispo Belo mostrou a coragem e determinação para defender o direito do povo de Timor. E ele representa as pessoas que não têm voz. Ele dá voz para a própria população.

P: Mas ele foi muito criticado porque era muito diplomático.

R: Algumas pessoas às vezes não concordam com ele mas ele tem de jogar no meio da pressão. Tem de ter um balanço. Quando é que ele pode falar e quando é que ele não pode falar. Mas muitas pessoas conhecem o papel de D. Carlos Filipe Ximenes Belo. É por causa da determinação de defender a justiça, como um representante do próprio povo e aí é que foi atribuído o Prémio Nobel da Paz. Porque ele lutou mesmo pela paz, pelos direitos humanos.

P: Ele falava muito de reconciliação.

R: Mas se nós soubermos interpretar a carta que ele mandou para o secretário-geral das Nações Unidas, aí explica tudo. Ele pediu o referendo para o povo de Timor. Porque só aí tem mesmo uma grande influência na comunidade Internacional. Portanto é o que é que aconteceu em 99? O referendo que o bispo Belo pediu. E depois disso as forças políticas começam a pedir também um referendo porque antes quase a FRETILIN defendia uma independência imediata. Não defendia um referendo para Timor. Mas com a carta do bispo Belo, então a resistência timorense bateu-se muito pelo referendo. Portanto aí tem um só pensamento. Uma solução pacífica para o conflito de Timor. Porque o D. Carlos sabe muito bem se acontecer um referendo, o povo de Timor vai escolher a independência. Ele não precisa de dizer que nós queremos a independência. Porque se disser nós queremos a independência, ele vai confrontar-se directamente com os militares indonésios. Então ele só pediu o referendo porque ele sabe muito bem que se acontecer o referendo em Timor, o povo vai optar pela independência.

P: Mas dizem que ele muitas vezes... como era contra as manifestações, não os deixava entrar logo.

R: Não é verdade que ele recusou tudo. Ele aceitava mesmo muitos que ficaram na residência dele. Nalgumas situações ele recusava porque isso também pode criar problemas entre a Igreja e regime. Por isso às vezes ele tem de saber gerir para mostrar aos indonésios que ele não acomoda todos. Até ele ralha com alguns jovens mas não significa que ele não concorda com a independência.

P: A RENETIL sabia que havia padres envolvidos com a guerrilha?

R: Conhecemos. O padre Filomeno Jacob, padre Jovito, padre Júlio Crispim Ximenes, padre Domingos Maubere (Padre Domingos Soares). Muitos, muitos padres.

P: O que é que eles faziam?

R: Eles transportavam os guerrilheiros de um lado para o outro. Até alguns transportavam armas, até alguns transportavam documentos de um lado para o outro, ou mandar para estrangeiros. Portanto os padres são muito activos.

P: E já me disse que tinha sido colega de alguns. Foi no Seminário?

R: Não, não foi no Seminário. Eu por exemplo com o padre Jovito, nós estudámos juntos no ciclo preparatório.

P: Portanto esse conhecimento foi importante?

R: Nós fomos colegas ali. Depois ele foi para o Seminário e eu continuei na escola secundária de S. José. Mas depois nós sempre nos cruzamos. Mesmo estando no Seminário, eles estudavam ali também. E com o padre Júlio Crispim era colega de carteira na escola secundária.

P: Portanto isso foi importante? O terem-se conhecido para depois estabelecer laços na clandestinidade?

R: Sim porque quando nós estabelecemos a rede clandestina, primeiro foi através das pessoas conhecidas. Colegas, amigos ou familiares. Através daí é que nós espalhámos a rede. Por exemplo nós criámos a RENETIL em Bali. Para alargar a rede da RENETIL para a ilha de Java. Então primeiro através desses colegas seminaristas, para Malang. Depois expandiu para outras cidades da Indonésia até Jacarta.

P: E era consciente da vossa parte a utilização da Igreja para a luta? Era uma estratégia vossa?

R: Sim, fizémos isso com plena consciência.

P: Sabiam da utilidade.

R: Sim.

P: As celebrações religiosas eram utilizadas para difundir a luta. Isso era combinado com os padres?

R: Alguns. Falamos com os padres. Um exemplo concreto: quando o padre Filomeno Jacob foi a Java, ele passou por Denpasar e nós reunimos lá. Depois ele foi convocar um encontro em Java, a reunir todos os jovens para consolidar a resistência a nível juvenil e estudantil. O padre Filomeno Jacob era uma pessoa muito activa na altura. E ele e o padre Domingos Maubere é que facilitou aquela convenção de Peniche. São esses dois padres: padre Filomeno Jacob e padre Domingos Maubere. E os dois padres participaram na convenção de Peniche. Outro padre que já faleceu o padre Francisco Fernandes.

P: Mas estava a falar mais da utilização das celebrações religiosas...

R: Eu falei com o padre Filomeno Jacob para que na homilia em Java central ele podia falar um pouco sobre... não é um apelo directo mas apelar à unidade dos timorenses, a defender a justiça.

P: E ele fez?

R: Fez. E esses nossos colegas também fazem sempre nas homilias. O padre Jovito, o padre Crispim e outros padres.

P: Falava da utilização das celebrações religiosas para se manifestarem como aconteceu com o Papa. Isso era combinado com os padres?

R: Isso eu não sei exactamente porque eu estava em Denpasar. Mas eu penso que alguns padres têm conhecimento. O padre Locatelli se não me engano, tinha conhecimento disso. O padre Maubere e outros padres têm conhecimento disso. E como a manifestação de 12 de Novembro em 1991 que foi celebrado por D. Alberto Ricardo aí mesmo na Igreja de Motael. E aí o padre tem conhecimento o que é que os jovens vão fazer.

P: Sabiam?

R: Sabe perfeitamente.

P: Diz que o padre a seguir foi levado pelos indonésios.

R: Sim. Porque alguns dos jovens esconderam-se aí mesmo na igreja. Portanto ele sabe perfeitamente.

P: Houve padres torturados e presos?

R: Houve sim. Por exemplo aquele que eu referi, o Júlio Crispim Ximenes quando ainda era estudante seminarista, foi apanhado em Ossú e foi torturado e preso. E se não me engano o padre Domingos Maubere foi torturado também. Foi apanhado e torturado também.

P: Portanto alguns padres podiam saber.

R: Penso que não era só saber. Incentivavam e colaboravam. Até alguns que eram conselheiros para dar conselhos sobre o que deve ou não deve fazer.

P: Alguma história em concreto.

R: Testemunho directo não. Mas com algumas reuniões que fizemos com os padres. Por exemplo com o padre Filomeno Jacob que nós reunimos em Bali e em Java, aí mostra claramente o que é. Filomeno Jacob é padre jesuíta. Isto foi quando nós reunimos em Java Central foi em Agosto de 1990. Nós reunimos primeiro em Bali, depois ele foi para a residência da congregação dos jesuítas em Semarang. Depois eu fui contactá-lo ali. Depois ele fez o convite e eu é que levei o convite para convidar para uma reunião em Semarang, Java Central. E quem dirigiu a reunião foi o padre Filomeno Jacob.

P: Uma reunião da RENETIL?

R: Não era uma reunião da RENETIL. Mas é uma da resistência estudantil. Não só aparece a RENETIL mas outras organizações.

P: Que outras organizações é que havia?

R: Havia a FLECLETIL...

P: OJETIL?

R: A OJETIL estava cá em Díli. Depois alguns grupos independentes que não faziam parte de nenhuma organização. Então convocaram para aquela reunião. E o padre Filomeno Jacob deu orientações muito claras. Diz que tem de apoiar o comando da luta. Todas as políticas de mudanças que têm sido feitas pelo comando da luta, ele pediu para apoiar. Ele pediu especificamente para apoiar Xanana, apoiar Ma' Huno e Ma' Hudo. As políticas que eles fazem cá no mato.

P: E ele tinha relações com eles?

R: Tenho a certeza que ele tem contactos regulares.

P: Quando foi o massacre Santa Cruz estava cá?

R: Não, eu estava em Denpasar.

P: E como é que assistiu ao massacre?

R: Nós tínhamos contactos regulares com o responsável principal da frente clandestina cá em Timor. E quem é que deu a orientação para fazer a manifestação foi o Lassama. Na altura, planeava-se a visita da delegação parlamentar portuguesa a Timor, mas depois foi cancelada. Então os jovens estão furiosos. Mas depois veio um enviado especial das Nações Unidas, Peter Koijmans. Então o Lassama telefonou para o responsável principal do comité executivo da Frente Clandestina, Constâncio Pinto (que agora é vice-ministro do comércio e da Indústria). Ele era na altura secretário executivo da Frente Clandestina, do comité executivo da Frente Clandestina. O Lassama telefonou a alguns colegas aqui para falar com o Constâncio e deu orientações. Vai visitar Timor um enviado especial das Nações Unidas, então aproveitem para fazer manifestação para chamar a atenção da comunidade internacional. Aí é que eles aproveitaram.

P: Quando é que vem para cá depois?

R: Eu depois fui para Portugal em 94. Depois da ocupação da embaixada americana em 94. Eu era o responsável principal da ocupação. Eu regressei fins de 2004. Já depois da independência. Mas antes em 99 regressei para participar num Congresso Extraordinário da RENETIL cá em Timor, em Janeiro de 2000.

P: Não esteve nos encontros de Dare?

R: Não. Nós que saímos para Portugal, os nossos nomes estão nas listas negras da Indonésia. Então não podemos entrar.

P: Referendo?

R: Acompanhámos regularmente através de comunicações.

P: Como é que definiria o papel da Igreja? Acha que Timor seria independente sem a Igreja?

R: Ninguém pode fazer uma afirmação categoricamente se assim ou não. Timor pode conseguir a independência sem ou com a Igreja é um pouco difícil de fazer uma afirmação categoricamente porque isso é uma pergunta hipotética. Que existe um facto é que a Igreja foi muito activa no apoio à resistência. Podemos interpretar se isso é política ou não. Quer dizer como instituição se calhar não. Mas como padres e madres eles estão aí, estão a lutar também. Como instituição, como Igreja se calhar tem uma definição. Igreja tem de ser independente. Não se pode envolver na política. Mas como cidadãos, como padres e madres religiosas, eles participam activamente.

P: Disse-me que esteve no Externato S. José.

R: Eu não estudei no Externato. Mas tem uma escola indonésia que tem ligação. Porque eu estudei, o ciclo preparatório também no Paulo VI. Depois na Escola Secundária Santu Yosep.

P: Não foi no Externato do padre Leão?

R: Mais tarde depois, já no terceiro ano da Escola de S. José é que o padre Leão foi nosso director da escola.

P: E a política do Vaticano em relação a Timor?

R: Eu sou uma das pessoas muito crítica em relação ao Vaticano. Eu escrevi no meu livro. A Igreja de Timor, os padres têm um papel muito importante na luta. Mas o Vaticano às vezes tomava uma posição muito passiva ou até digamos que a favor da Indonésia. Por exemplo o núncio apostólico Canalini colocado em Jacarta, esse foi muito, muito a favor da Indonésia. E em 89 quando alguns dos nossos colegas pediram asilo político na embaixada do Vaticano em Jacarta, este núncio Canalini fez todas as pressões para os mandar dali, para o retirar da embaixada. Portanto a nossa interpretação na altura era que o Vaticano estava muito a favor da Indonésia porque eles pensavam, Timor tem uns milhares comparando com milhões católicos indonésios. É melhor juntar Timor com a Indonésia para ficar mais forte. Aí nós não concordamos muito com essa política.

P: Mas há quem diga que havia uma diferença entre o Papa e a diplomacia. Acha que havia?

R: Eu não sei exactamente mas falei com o Dr. Ramos-Horta e eles dizem que sim, que o Papa tem uma posição diferente. Por exemplo quando ele aceitou visitar Timor

isso já é positivo para Timor porque ao longo de toda a História de Timor essa foi a primeira vez que os jovens realizaram a primeira manifestação na vila. Antes nunca tinha havido uma manifestação na vila. Foi a primeira oportunidade. Portanto foi uma manifestação histórica. Aproveitou bem a visita do Papa.

P: E sobre o que o Papa disse?

R: O que nós esperávamos sempre é que ele fizesse um discurso mais forte e firme. Isso não aconteceu mas para nós isso não é importante. Importante é que o Papa visitou Timor e os jovens fizeram a manifestação e a comunidade internacional viu que houve resistência mesmo. Isto é que foi importante para nós.

P: O Papa também trouxe visibilidade...

R: Sim, visibilidade. E o Papa assistiu directamente como é que os jovens fizeram a manifestação e foram apanhados ali. Portanto o Papa tem conhecimento ali.

P: Há vários acontecimentos na viragem da questão de Timor. Qual é que acha que foi o momento mais importante?

R: Há muitos momentos. E os acontecimentos não acontecem isoladamente. Um tem ligação com os outros. Porque eu posso dizer que a visita do Papa é muito importante também. Porque pela primeira vez o Papa visitou Timor e houve manifestações. E os jornalistas internacionais acompanharam a visita e eles escreveram algumas coisas nas páginas dos jornais. Até deram nas televisões. Isso foi um momento muito importante também. Mesmo que não seja uma grande viragem, mas digamos que isso é um início muito importante. Aí é que deu a coragem para os jovens. Depois daquele acontecimento com a visita do embaixador americano John Monjo e outros, os jovens continuam a organizar manifestações. Enquanto que anteriormente não. Por isso que eu digo que aquele é uma momento muito importante. Até o comando da luta, Xanana, pede para não fazerem manifestações e os jovens continuam a fazer manifestações. Não querem ouvir o comando da luta. Depois a verdadeira viragem, isso foi com o massacre de Santa Cruz porque houve outros massacres em Timor que têm uma dimensão maior que o massacre de Santa Cruz, como o massacre de Kraras. Só que não havia jornalistas para fazer cobertura e por isso não teve impacto nenhum. Agora ao contrário do massacre de Santa Cruz porque estavam aí jornalistas, incluindo o Max Stahl. Então ele tirou as imagens que ele mandou para fora. Isso foi um grande feito mas segundo a opinião do Konis Santana, aquilo que mais deu visibilidade para a questão de Timor foi a ocupação Norte-americana em Jacarata porque estavam lá dois mil jornalistas internacionais a dar a cobertura para a

conferência da APEC. Mas com aquela ocupação da embaixada os jornalistas, em vez de cobrirem a conferência, foram dar cobertura da ocupação da embaixada. Aí chamou a atenção para o mundo porque muitos chefes de governo e de estado participaram na conferência da APEC incluindo o presidente Bill Clinton. Porque na altura a questão de Timor a questão de Timor não estava na agenda para discutir com Soeharto. Mas com aquela ocupação, Bill Clinton é forçado a falar com Soeharto

P: Mas isso já foi posterior ao massacre.

R: Isto foi em 94. Mas aquela ocupação também tem como objectivo para chamar a comunidade internacional aproveitando a APEC, com a presença de dois mil jornalistas e de chefes de estado e ao mesmo tempo para comemorar o terceiro aniversário do massacre de Santa Cruz. Porque aconteceu no mesmo dia. 12 de Novembro de 94.

P: Mas o massacre de Santa Cruz tem ainda o facto de haver gente a rezar num cemitério.

R: Foi importante. Em Portugal antes se calhar nem todos os portugueses conhecem a questão de Timor. Mas com o massacre de Santa Cruz com os jovens ali a rezar em português. Então aí despertou também a atenção da comunidade portuguesa. Porque viu como é que num país isolado, tão longe de Portugal estão a rezar em português. Depois outro momento importante é a atribuição do Prémio Nobel da Paz.

P: Estava em Portugal?

R: Estava e nós fazíamos a campanha para o Nobel também. Promovemos o bispo e o comandante Xanana Gusmão. Mas Xanana não conseguiu mas depois o Ramos-Horta conseguiu.

P: Trabalharam como para isso?

R: Por exemplo quando participamos nas conferências internacionais, falamos sobre como a Igreja e o bispo defende a justiça e uma solução pacífica para a causa de Timor. Há muitos meios. Conferências com as organizações internacionais ou nas universidades. E até com alguns diplomatas.

P: A Igreja em Portugal chegou a trabalhar com eles?

R: A partir de 1994 é o que conheço. Alguns padres como José Baptista participou activamente nas organizações do professor Barbedo de Magalhães. Trabalhei com “A Paz é Possível” com a CDPM, CIDAC. Depois com os partidos políticos, com os deputados, com as juventudes partidárias.

P: Acha que a rede da Igreja foi importante?

R: Foi muito importante. Nós temos um correspondente de um boletim da RENETIL que nós publicamos em português (a primeira edição foi em 89) e nós temos um correspondente em Washington que é o padre Reinaldo.

P: Timorense?

R: Então mandávamos o boletim para o padre. Sobre o papel da Igreja posso dizer que foi um papel muito determinante, muito destacado porque nos momentos mais difíceis em que todas as pessoas quase não conseguiam fazer nada, aí a Igreja estava a ajudar e a fazer muitas coisas que outras pessoas não conseguem fazer. Até fazer sair os documentos da resistência. Isso não é uma coisa fácil. Mas através dos padres as coisas tornam-se mais fáceis. O papel da Igreja é reconhecido na constituição da República de Timor também.

Anexo 34

Entrevista a irmã Rosa Sarmiento

A irmã Rosa Sarmiento é uma irmã canossiana. Na altura da entrevista tinha 69 anos. Tinha 30 anos quando foi a invasão e estava em Portugal. Regressa a Timor-Leste em 1977 e vai trabalhar para os serviços sociais da diocese de Díli tendo dado assistência nos campos de concentração onde era colocada a população que se rendia. A sua família cruza-se com Nicolau Lobato, um dos líderes da FRETILIN.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 24 de Julho de 2015

Pergunta: Que idade é que tinha quando foi a ocupação?

Resposta: 30.

P: E estava cá?

R: Eu não estava. Estava em Portugal. Estava em Lisboa 2 anos e 5 anos no Porto. Fomos umas das primeiras a receber lá a nossa formação depois continuámos os nossos estudos.

P: Como canossiana?

R: Sim como canossiana.

P: E assistiu de lá à invasão. O que é que se lembra?

R: Nós assistimos ao 25 de Abril. Depois veio a invasão. Foi uma coisa não esperada. Eu por acaso não tinha ninguém que tenha morrido naquele tempo. Mas temos duas irmãs que morreram os pais e os irmãos e os primos. A maioria morreram.

P: Mas como é que viveu a invasão. Lembra-se onde é que estava?

R: Eu estava em Portugal, no Porto. E nós naquele tempo érmos muito fechadas. Não tínhamos rádio. Televisão tínhamos mas foi primeiro quem nos disse foi o nosso capelão que foi para a missa. Foi rezar de manhã e depois ele contou-nos: “as irmãs sabem, Timor está em guerra.” Quando ele disse nós assustámo-nos. Então foi o Exército dos indonésios que invadiram.

P: E a mãe é de onde aqui em Timor?

R: Eu sou de Soibada, Manatuto.

P: E depois quando é que regressa a Timor?

R: Eu regressei depois de acabar os meus cursos, em fins de 77.

P: E os indonésios deixaram entrar ou teve alguma dificuldade?

R: Era difícil porque tínhamos passaporte português. Tínhamos de passar pela Austrália e dali fiquei um ano na Austrália obrigados a aprender inglês para podermos entrar outra vez aqui. Depois sempre entrámos.

P: Mas como é que entraram?

R: Entrámos via Darwin e em Darwin aproveitámos para ir para a Indonésia. E depois da Indonésia é que viémos no avião militar.

P: E então veio já como indonésia.

R: Nós, eles recolheram imediatamente os passaportes. Era obrigado a renunciar.

P: Depois chegou aqui e que país é que encontrou?

R: Eu não encontrei ninguém porque a família estava...

P: No mato?

R: Não no mato porque a minha família não foi para o mato. Os meus pais não foram para o mato, afastaram-se para uma ribeira perto de Soibada. Somos ainda da família de Nicolau Lobato. Então eles protegiam-nos. Uma parte protegiam-nos. Também da outra parte da Indonésia também temos sobrinhos, temos pessoas da família que nos protegiam...

P: E que país é que encontrou?... foi logo para as Canossianas.

R: Eu já era. Já era canossiana. As madres tinham que evacuar tudo. E depois começaram a regressar em fins de 76.

P: As madres Canossianas tinham saído , quando foi a guerra civil?

R: Porque tinham que sair todas.

P: O bispo até ajudou para que fossem evacuadas. E depois quando chegou aqui, veio para Díli?

R: Sim eu vim para cá já havia duas casas abertas. Uma de Díli outra lá de Baucau. Então eu vim nos princípios... lembro-me que cheguei 8 de Dezembro. Encontrei pouquinhos padres. Tinha um padre missionário. E depois logo duas semanas eu fui logo pedida na diocese para trabalhar numa organização de Assistência Social organizado pela diocese, Jacarta, pela Igreja para socorrer. Então o padre que era já conhecido, trabalhava já com ele. Então ele pediu já imediatamente às minhas superiores para poder colaborar. E daí é que comecei a minha vida com a população.

P: E como é que foi essa vida?

R: Todas as remessas, tudo aquilo, as ajudas que vinham da Indonésia, da Igreja, vinham para esta associação. Em Jacarta tem o seu centro. E nesta organização era para a saúde e assistência social. Todas as ajudas só os militares é que devem dar. Então dali começaram as ajudas. Porque a Igreja não tinha nada para ajudar o povinho. Então começaram dali. Eu entrei nesta organização e dali é que eu comecei a contactar com o meu povo. Sentir-me uma timorense. Encontrar-me com esqueletos humanos, doentes, crianças. Toda a espécie. Eu ia a todos os lados. Eu ia até à parte de Baucau, ia a Oriente e Ocidente. Tinha o poder de deslocar. Por causa desta organização. Porque não era tudo fácil.

P: Ia dar-lhes o quê? Comida?

R: Comida. Cada vez que eu sabia...Os padres comunicavam. Os padres comunicavam estão a regressar este grupo de 300, 200, cento e tal, 500. Então eu tenho que preparar já comida, vestuário, todos os os utensílios da cozinha, roupa, leite. Tudo aquilo para poder já socorrer nos primeiros instantes.

P: Portanto era das pessoas que vinham da montanha?

R: Da montanha.

P: Ia por Timor todo?

R: Não chegava a Oecussi porque não dava. Muito longe. Mas até Viqueque, Baucau. Estas partes aqui, elas deixavam.

P: E portanto viu pessoas completamente...

R: Completamente desumanos. No sentido em que vinham só para render velhos, crianças, velhas. Jovens muito poucos. Eram logo despachados...

P: Mortos?...

R: Sim.

P: E depois eram colocadas em campos de concentração.

R: Segundo. Vêm se tem, se são reconhecidas como famílias dos que são chefes, então são logo despachadas.

P: Mortas?

R: Mortas ou espalhadas. Lobatos como os que são cabecilhas lá no mato. Depois aqui vem o ódio, vem a vingança. Eles declaram. Então a presença de uma irmã, a presença de um padre, já... mas os padres não querem estar ali, os indonésios não os deixam.

P: Aquilo que me está a dizer é que tudo o que era familiares de guerrilheiros, eles matavam?

R: Matavam ou castigavam. Estavam prontos para mandar para Ataúro.

P: Para a prisão de Ataúro.

R: São os lugares de exilados.

P: E a madre depois esteve também em Ataúro?

R: De dois em dois meses. Levava a comida porque lá, os que estão mais desterrados são os de Los Palos que não conhecem a situação, que não sabem a língua.

P: Foi lá muitas vezes.

R: Tenho que estar. É obrigado. Porque o povo precisa.

P: E foi lá levar comida, vestimentos?...

R: Por causa disso. Eu não posso andar de barco. Fico tão mal mas tenho que ir. Quando o padre que é responsável diz esta semana temos de ir para Ataúro, eu fico logo doente. Era só a remo. E depois levas aquilo que podes. É tudo água que pinga de um lado para o outro.

P: E o que é que encontrava lá?

R: Encontrava toda esta gente, 3 mil e quantos. Depois acabaram. Eu também tinha um irmão que trabalhava no topo do governo. Então eles vinham a mim também com uma certa autoridade. Não me fazem mal. Nós temos que jogar. Queiras ou não queiras, tens de jogar para poder fazer chegar o bem à nossa gente.

P: Quando diz jogar, é jogar com os indonésios

R: É jogar.

P: E como é que fazia?

R: Eles (indonésios) dizem sempre, irmã Rosa é nossa. Aquilo ali é para dizer que eles dão possibilidades porque eles sabem que eu estou ali para fazer o bem. Eu estou ali para salvar. Estou ali para convencê-los, para dizer que a ajuda, para chamar o povo para cá... a gente fala a nossa língua, eles não percebem nada. Estamos a convencer que eles são bons. É tudo uma mentira atrás de outra. É para dizer mas a gente não diz nada ao povinho porque o povinho não aceita. No entanto tu deves dizer para ele, eu disse isto, disse aquilo.

P: Mentiras. E Deus aceita nessas alturas...

R: Às vezes.

P: E alguma vez ajudou também a guerrilha?

R: Muitas vezes.

P: Como é que ajudava?

R: Nós ajudávamos com panfletos que eles mandavam, cartas. Nós sabíamos. Há padres que são muito metidos. Então eles sabem que esta carta tem de ir imediatamente num avião e eles sabem que eu sei a quem é que posso entregar ali no avião. Então eles indicam alguém para poder fazer chegar a este tal outro. Mas não directamente. A gente diz que é uma carta tal dirigida. Esta aqui está dentro para mandar para Xanana ou para mandar para a América.

P: Portanto, dentro das cartas havia outras cartas.

R: Que vêm do mato.

P: E a madre alguma vez entregou esse tipo de cartas a alguém?

R: Sim. Nós entregávamos.

P: A madre? Lembra-se de algum caso?

R: Uma vez, o padre Mário Belo, já falecido. Era grande homem que lutou pela independência. Ele dizia: “isto é muito importante, tu já sabes que é muito importante. Eu preciso esta semana que chegue a Jacarta. Deves entregar a esta tal senhora.” Nós sabemos que temos meninas, alguém, que vão para Jacarta. A gente sabe. Dizemos à

menina para ir ao hotel onde está esta senhora e dirigimos a carta a esta senhora. Depois elas já sabem onde é que devem

P: Fazia esse transporte?

R: Sim.

P: E para além disso transportou guerrilheiros?

R: Nas nossas comunidades escondemos rapazes.

P: Jovens ou da guerrilha?

R: Às vezes são jovens perseguidos. Depois de uma manifestação já estão marcados. Então às vezes eles saltavam os muros. Os indonésios sabiam que estavam dentro do muro do convento. Tinha ali um convento mesmo em Baucau. Saltaram 3, os indonésios viram. Mas também as madres não sabiam de nada. Três jovens meninas com a cozinheira esconderam estes 3 jovens durante 3 dias nos bidons de petróleo. À noite iam fazer as suas necessidades. Até que foram libertados mas tudo às escondidas.

P: E porque é que acha que o povo vinha ter com vocês? Com a Igreja Católica?

R: Eu acho que naquele momento, eles não podiam segurar-se com mais ninguém. Os indonésios podem oferecer de tudo, podem dar tudo mas se um padre diz uma coisa, se uma madre... eu só vejo aquilo em 99. Em 99 eu não saí de Timor. Quando os indonésios deviam atacar ali, elas não podiam ir. Tinham de chamar-nos para acompanhá-los para poder ir dali para aqui. Porque o povinho vendo uma irmã, um padre, eles respeitam e eles sabem que estão com eles.

P: Eles sabiam que a igreja, os padres e as madres os protegiam?

R: Eles sabiam. Durante o referendo, aqui no nosso convento estavam duas mil pessoas. E um comandante tinha que nos expulsar da casa para o povinho ir para a Indonésia. Porque ninguém queria sair. Nós não queríamos sair mas fomos obrigados.

P: E foram para a Indonésia?

R: Eu não fui.

P: Durante a ocupação foi o momento da maior catolização. Porque é que acha que isso aconteceu?

R: Eu acho que naquele tempo tinham que ter um documento. E o documento tinha que ter a religião.

P: Mas porque é que escolheram a católica?

R: Eu acho que é a única que eles conhecem e que sabem que aquela ali. Ou gentio ou católico.

P: Durante a ocupação houve dois administradores apostólicos. Como define cada um?

R: Eu convivi com os dois. Mas o D. Martinho foi pouco tempo. Ele é que me concedeu esse trabalho. Mas ele era brutal. Com a Indonésia não quer, não quer. Não tem um bocadinho de diplomacia. ... o que é verde é verde, o que é branco é branco. Tu até tremias só de estar ao lado dele.

P: Só a falar com ele tremia?

R: Tremia. Porque o homem não brinca. Para dizer que se estás com um indonésio e com ele também, tens medo que o indonésio te dá um tiro a ti também.

P: Porque ele falava desabridamente. Sem medo. E o D. Carlos?

R: D. Carlos, os indonésios jogavam também. Queriam que eliminasse depressa o outro para depois este jovem inexperiente, para poder influenciar. Para que fosse um boneco para eles. No princípio, os padres não aceitaram. A nomeação de D. Carlos não foi muito acolhida pelo clero. Mas enfim o Senhor guiou-o por outros passos. Foi um homem de verdade, foi um homem que lutou pelo povo.

P: Mas o Xanana por exemplo era muito crítico.

R: A Igreja primeiro, nós vimos a FRETILIN assim um bocado por causa de ser marxista-leninista. Então isto a gente até estávamos assim com o pé atrás. Mas depois que soubemos que o novo comando tinha já abandonado, então a Igreja abriu-se muito mais a esta situação.

P: D. Carlos era mais diplomático é isso? Sabia fazer as coisas.

R: Sim. Como dizemos de nós também. A gente usa um pouco a diplomacia para podermos conviver e estar com o povo. Se não não podes fazer nada.

P: Muita gente critica o Vaticano por não ter tido uma posição mais firme e interventiva em relação a Timor. Como via isso?

R: Eu via que naquele tempo, é tudo o governo indonésio é que com os seus bispos, o Provincial... porque também os meus superiores como congregação, elas também não apostaram porque viam que não havia alternativa à Indonésia. E por isso para nós também, a gente fazia às escondidas.

P: Fazia às escondidas das madres superiores?

R: Sim. Elas eram contra. Não contra a nossa ajuda. Mas contra o nosso ideal.

P: A madre fala em ideal. Vocês também sentiam que a luta era vossa?

R: Nós sentíamos porque nós temos que ajudar. Eu saí daqui, 7 anos fora com toda a formação, fora e com tudo aquilo, fui educada e formada num certo ideal de justiça,

certo ideal de carácter... eu quando vejo assim.. para dizer que eu admiro o meu povo estes guerrilheiros por causa da valentia, por causa da firmeza. Jovens também. Jovens que passam de entre nós, no tempo dos indonésios, abrem as camisas, apontam o peito para serem apontados para as armas. Eu digo assim: “coitado por um ideal dão tudo e eu para uma vida religiosa, eu não tenho coragem...”

P: Admirava-os?

R: Eu admiro. Eu digo assim: “coitados”. E aquilo que eu sofro agora. Naquele tempo éramos tão unidos para vencer, para estarmos juntos e agora separamo-nos uns dos outros porque há partidos. Embora os partidos cada um tem o seu ideal. Mas para o bem comum, para construir essa terra, para o bem comum...

P: Está-me a falar de coisas políticas. Acha que a política e a religião se conjugam?

R: Eu não sei. Eu não estou a estudar tanto política como religião. Mas eu acho que a justiça, os direitos humanos, a Igreja defende. A Igreja tem de defender.

P: A justiça e os direitos humanos.

R: E vejo a injustiça que eles dão. Se é por causa de um filho que é guerreiro porque é que têm de matar a família toda, têm que castigar o pai velho como é coitado, desterrado naquele país ali sem nada. Não é filho, filho mesmo. É um crioulo ou um parente.

P: Está a dizer que a Igreja perante o que via tinha que estar do lado deles.

R: Sim.

P: A Igreja também foi atingida. Também houve ataques a freiras e a padres. Acha que a Igreja estaria do lado do povo se não tivesse sido atingida?

R: Penso que devia estar. Porque também há padres que são atingidos pela outra parte, da FRETILIN. Isto é que nos levou a diferenciar um bocadinho.

P: Mas a madre não tinha partido nessa altura?

R: Não, não temos.

P: A Igreja foi a única estrutura conhecida que ficou em Timor e que tinha uma rede lá fora. E vocês aproveitavam essa rede.

R: Sim.

P: Como é que aproveitavam?

R: Nós aproveitávamos porque vinham padres, vinham irmãs ... que trabalhavam pelos direitos humanos. Então eles vinham disfarçados. Então nós é que protegíamos nas nossas casas, às vezes depois deles terem saído.

P: Uso da rede da Igreja era consciente da vossa parte?

R : Porque sabíamos dos ouros padres. Daqueles que comunicavam mais lá fora. Eles diziam assim: “hoje tem uma conferência da ONU para falar de Timor. Para o próximo mês, arranjam os materiais possíveis.” Comunicamos com uns para lá, outros para cá.

P: Usavam a rede conscientemente. Sabiam.

R: Sabíamos.

P: Nos anos 80, Timor esteve muito isolado. Não se falava muito. E depois há o Papa que vem cá. Acha que foi importante?

R: Foi muitíssimo. Eles não queriam que o Papa viesse. Porque o Papa quando ia num sítio era reconhecer. Se beijasse o chão seria reconhecer que aquele país é independente, para dizer que tem o seu direito. Metemos um crucifixo no chão. Eu é que arranjei todo o vestuário para o Papa ... entrei também na equipa para preparação e temos ali uma cruz para que João Paulo II não beijasse o chão. Mas beijasse a cruz para pelo menos...

P: E onde foi isso?

R: Foi em Taci-Tolu

P: Portanto vocês contornaram a situação.

R: Eu estava ali quando fizeram todo aquele movimento para ... eu estava ali mesmo no altar quando houve o barulho, quando começaram a fazer a amnistiação. O Papa perguntou: “O que é isso?” Depois o bispo disse: “são rapazes, malandros.” E o Papa dizia assim numa voz: “Eu compreendo, compreendo.”

P: Dizia o Papa?

R: O Papa João Paulo II é um santo. Protector até agora. Eu encontrei por várias vezes pessoalmente. Ele diz-me: “os meus jovens.”

P: Ele lembrava-se sempre dos jovens?

R: Dos jovens timorenses.

P: Ele foi muito criticado porque o Vaticano não teve uma posição de grande defesa...

R: Para chegar até lá, nós não tínhamos voz nenhuma mas o senhor tinha os seus planos.

P: Não culpa o Papa?

R: Eu não culpo. Não chega. São os que estão embaixo que fazem estas coisas. Coitado, as declarações e tudo isto quem é que leva até o Papa?

P: E a visita do Papa acha que foi importante para transportar a causa timorense para o mundo?

R: Eu fui interrogada várias vezes. Porque eu estava perto. Estava no altar

P: E foi interrogada pelos indonésios a seguir à visita do Papa?

R: Pelos indonésios por causa da manifestação. Porque eles sabiam que eu que sabia. Eu sabia um bocado mas eu dizia que não sabia nada. Eu sabia quem é que se manifestava. Mas eu não vou dizer para eles.

P: A senhora sabia que os jovens se iam manifestar?

R: Eu sabia. Sabia pelo meio dos padres. Eu sou da rede.

P: Era da rede clandestina?

R: Aqui da cidade.

P: E como é que era essa rede clandestina?

R: Eles comunicavam-nos e nós e nós comunicávamos. Eu ajudava mais os padres.

P: Que padres é que ajudava?

R: Eu ajudava o padre Mário. Era muito próxima do padre Mário, com padre Cunha, o padre Leão. Eles têm muito medo das mulheres mas eu sei as coisas. Se não ela abre a boca.

P: Quem é que tem muito medo das mulheres?

R: Os padres. Quer dizer falam das coisas mas...

P: Mas em si confiavam?

R: Confiavam. Mas eu sei que eles transportavam Xanana. Xanana estava em Ermera no quarto onde estava... nós sabíamos.

P: Foi interrogada durante quanto tempo pelos indonésios?

R: Eu fui só, perguntaram só se eu conhecia alguém. Eu sabia alguma coisa. Depois mandaram pelos representantes para saber se eu sabia. Porque tinha pessoas também de confiança, parentes, que são do topo do governo. Eles vinham perguntar: “Olhe os indonésios, os militares desconfiam de ti. Eu não tenho nada, eu sou uma mulher.” Eu dizia assim: “Eu não tenho nada.”

P: A utilização das celebrações religiosas para manifestações era em conluio com vocês? Vocês apoiavam?

R: Às vezes nós dizíamos não é tempo. Mas os jovens quando querem, querem. Mas nós também não nos podíamos meter tanto porque queira ou não queira, eu sou uma religiosa. Eu tenho os meus superiores. Eu não sou um padre. o padre é diferente.

P: O padre é mais autónomo?

R: Autónomo sim.

P: Santa Cruz é considerado como a grande viragem. Ele é que abriu outra vez as portas. Abriu, outra vez ao mundo, Timor.

P: Estava cá?

R: Estava aqui e estava neste trabalho. Eu trabalhava no campo da diocese. Naquele tempo eu era presidente da Comissão catequética. Portanto eu trabalhava na diocese.

P: E estava na diocese.

R: Estava na diocese naquele momento. Quando veio os tiros passaram mesmo à frente. À frente de nós. E depois saí depressa para a casa. Nós temos uma casa ali e protegemos vários. Mas os nossos superiores não queriam receber os meninos. Aquilo é que nos feriu tanto.

P: Mas acabaram por receber?

R: Não naquela casa em que estava não.

P: Eram as canossianas que estavam ao lado do bispo?

R: Sim. Aqui elas não permitiram.

P: Mas o bispo acabou por receber.

R: Sim.

P: A mãe não foi ao cemitério?

R: Foi a outra irmã que foi. Eu não fui.

P: Aquilo foi mais uma vez após uma celebração religiosa. E depois o que acha que foi mais importante, as imagens ou o facto do massacre se ter dado no cemitério com cruzeiros a lembrar o martírio e com pessoas a rezarem em português?

R: Eu acho que tudo foi o grande homem, o jornalista Max Stahl. Ele esteve comigo. Eu louvei-o pelo seu acto. Vinha levantar à meia-noite para ir buscar as cassetes.

P: Foi ter consigo nesse dia?

R: Não, foi depois.

R: Nós tínhamos de fazer tudo para poder arranjar uma camisa para ele poder sair. Tinha sangue. Outra mãe é que foi lá levar-lhe. Ele seguiu imediatamente. Depois de tirar as cassetes, naquele dia, arrancou.

P: E acha que foram sobretudo as imagens?

R: Eu penso que tudo aquilo influenciou para...

P: Depois há o Nobel da Paz. Como é que soube do Nobel?

R: Foi o grande sucesso para o nosso D. Carlos. O homem merece depois de tudo aquilo que passou.

P: O que é que ele passou?

R: Tudo aquilo que ele fez para este povo. Tantas vezes que ele tinha que responder daqui e dali. Interrogado. Do Vaticano vinham algumas observações ao D. Carlos.

P: Prisão do Xanana.

R: Foi o grande choque. Nós sabíamos que Xanana todos os dias estava para ali. Tínhamos medo. O melhor era ele sair daquele buraco.

P: Ele estava onde?

R: Ali em Lahane. Para ser curado. Estava ali há muito tempo. Depois estes padres eles saíam de noite com Xanana para ver a estratégia. Eles diziam: “acompanhámos o velho.”

P: Acompanhámos o velho e o velho era o Xanana?

R: Sim. O padre Mário... Uma vez o “intel” desconfiou. Mandou parar. O Xanana estava dentro do carro. Ele só disse:” Xanana baixa a cabeça.” Xanana ia lá atrás. Ele abriu um bocadinho: “Ah é padre. Não tem nada? Não.”

P: E era o padre Mário?

R: Sim.

P: O referendo. Já me falou um bocado e disse que acolheram muita gente. Aquilo foi um momento tremendo.

R: Eu lembro-me depois da votação, Díli esvaziou-se. Os jovens votavam e arrancavam. O povinho vinha e depois dia 4 foi proclamado. Eu lembro-me a superiora desta casa, uma italiana, 9 horas para ver o anúncio na televisão. Nós a chorar .Depois ela dizia: “Mas porque chorais? Alegrai-vos.” E nós a chorar, a chorar.

P: Porquê?

R: Era uma matança, um desastre.

P: Sabiam que ia haver matança?

R: Sim. Porque toda a gente estava a fugir. Antes do anúncio já espalharam, vinham todos. As nossas já estavam cheias.

P: Como definira o papel da Igreja em todo este processo?

R: Eu acho que para mim teve um papel muito importante. Se não fosse a Igreja... Agora o que é que une este povo? Costuma D. Basílio dizer: “Nem a bandeira nem a língua.” A única que une ainda este povo é a fé.

P: Portanto acha que a Igreja foi fundamental.

R: Até os líderes reconhecem.

P: Quando diz que pertencia à rede clandestina, quer dizer que o seu nome estava entre as pessoas que trabalhavam?...

R: Eu não metia nomes por causa da congregação.

P: Mas oferecia-se para ajudar.

R: Eles sabem que é uma das vias para ajudar os nossos sacerdotes. Dar os alimentos. Dar medicamentos para a guerrilha. Os párocos pouca coisa tinham no tempo da Indonésia. Então nós é que tínhamos muito mais coisas. Porque nós temos colégios. E para os colégios nós recebíamos o social...

P: E desviam isso para...

R: Sim.

P: E era a madre e mais alguém na sua congregação?

R: As timorenses quase todas. Admiro os nossos guerrilheiros, tenho grande estima pela coragem, pelo sacrifício e pela ousadia daquilo que podem levar por diante agora. E os jovens que honrem os nossos heróis.

Anexo 35

Entrevista a padre Leão da Costa

O padre Leão da Costa foi um sacerdote timorense. À data da entrevista estava reformado já com 79 anos. Tinha 39 anos quando foi a invasão. Foi director do Externato de S. José de 1974 até 1991. No Externato foi um dos responsáveis por manter o ensino em português mesmo depois dos indonésios terem proibido o uso da língua portuguesa. Depois de deixar o Externato foi pároco na Igreja de Motael. Morre em Julho de 2016.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 24 de Julho de 2015

Pergunta: Padre Leão, tem que idade?

Resposta: 79.

P: Lembra-se de quando foi a invasão?

R: Nesse dia, estava eu a dormir muito bem de manhãzinha, com o cantar dos galos ainda atiçou mais o sono. Então o meu colega ao lado a cada passo batia à porta. “Está maluco ainda é de noite.” Disse: “venha ver os morcegos descenderem para terra. Venha ver os morcegos”. Era os pára-quedistas... ele estava a mangar comigo. “Padre deixe-me dormir. Venha, venha, isto é interessante.” Eu fui ver os morcegos mais grandes vistos, nunca vi. De modo que assistimos à descida dos senhores indonésios em pára-quedas. Fizemos os nossos comentários como ignorantes da tecnologia moderna. Ainda escuro. Na altura o nosso horário era diferente. Seis horas da manhã, era um bocadinho escuro. Assistimos à cena toda e daí a poucos minutos vieram rajadas. Rajadas, rajadas e mais rajadas. E gritos. Isto passou-se e veio o silêncio. E o silêncio trouxe-nos as companhias mais próximo de nós. Do mar vieram andando até aí perto de Balide.

P: Quem é que vinha?

R: Os indonésios. Trouxeram o terror até Balide. Então a gente já não podia fugir porque... tinha muita gente a fugir para cima mas nós já não conseguimos e ficámos à espera. Eu estava no Colégio Bispo de Medeiros.

P: Não estava no Colégio de S. José ainda?

R: Ainda não. A escola era o Externato mesmo. Mas o sítio é que não. O antigo Colégio Bispo de Medeiros em Lahane actual. Enfermeiros, vestidos de enfermeiros a correr para cima para o hospital. O Hospital na altura estava para o outro lado, não era aqui. Nós assistimos à fuga deles. Os enfermeiros estão a fugir. Mas coitados foram caçados. Eram cinco enfermeiros com as batas e levados para a esplanada que lá havia. E olhámos para lá, vimos o mar de pessoas que se sentaram no chão. Não sei o que eles dizem porque a linguagem nós não entendemos. Ouvimos só de vez em quando um tiro. E os enfermeiros estavam de joelhos. O que é que aconteceu, não sabemos. Esse primeiro dia. Segunda cena. O meu colega conseguiu fugir para Balide, para a Igreja. Eu continuei no colégio. Passado pouco tempo o meu colega tinha regressado mas a meio da manhã foi interceptado e levado para o grupo.

P: O seu colega também era padre?

R: Padre. Bom não podia fazer nada se não sujeitar-se... perguntaram-lhe sabendo que ele era padre: “Conhece esta gente?” Não conhecia praticamente a maioria. “São

comunistas? Não, são cristãos, católicos.” Um por um. “Este conheço, conheço.” Aquela malta toda desceu para a Igreja de Balide. Como o padre reconheceu que eram cristãos, eles foram. E você também. “Pode acompanhar os seus cristãos.” Eram cinco enfermeiros. Só se ouviam tiros. Nada mais. Depois soubemos que foram mortos. Esse era o primeiro dia de manhãzinha que aconteceu esta recepção de entrada solene dos nossos inimigos.

P: E o senhor na altura já era director do colégio?

R: Era.

P: Director do Colégio Bispo de Medeiros ou do Externato?

R: Do Externato.

P: Do Externato de S. José?

P: S. José. No entanto era também, tínhamos lá um lar de professores... as raparigas estavam em baixo em Lahane com as madres. Os rapazes é que estavam comigo em cima. E esses rapazes que estavam nas aulas como internos não podiam fazer nada. Mas quando os tiros começaram a redobrar com maior tiroteio, lá na cidade. Em cima ainda não. Em cima só naqueles primeiros dias, ameaças. Depois passado alguns dias, estávamos lá. Houve um contratempo. Toda a população fugiu para cima e os nossos rapazes também fugiram todos.

P: Isso eram rapazes internos?

R: Internos que estudavam para serem professores... os tiroteios aproximaram-se e todos vieram cá para a montanha. Subiram para Dare e para Aileu. Essa é uma das cenas que me impressionou bastante. E nós não fugimos.

P: Quantos eram?

R: Éramos 3. Nós dois mais um rapaz que nos fazia companhia.

P: Eram dois padres e um rapaz?

R: Eram dois padres e um rapaz.

P: E estavam no Colégio Bispo de Medeiros?

R: Bispo de Medeiros.

P: Mas o Externato já existia?

R: Existia, existia já antes.

P: E porque é que estavam no Colégio Bispo de Medeiros?

R: Era a nossa residência. E a dada altura, os dois também vemos: “o melhor é a gente regressar à paróquia. Ali estamos talvez mais seguros.” E regressamos. O rapaz:

“os senhores vão que eu fico a guardar a casa. Se decides assim, nós vamos.” Ele ficou e nós descemos a pé. Tínhamos o carro.

P: E foram até onde?

R: Até Balide, à igreja. E ali conversamos com o pároco.

P: Quem era o Pároco?

R: Eduardo Brito. A estátua dele está ali à porta da Igreja. Conversámos, conversámos. Entram alguns... os chamados indonésios. Conversaram connosco na língua deles. Inglês nós mastigávamos muito mal e eles ainda pior. E só falavam a língua deles. A gente só conversava pelos sorrisos e pronto. Isto foi no dia 13 de Dezembro este acontecimento. Quando ouvimos uns tiros lá na nossa casa. Mataram o nosso rapaz. Passou-se muita coisa que se passou.

P: O Externato de S. José esteve fechado durante esse tempo?

R: Bombardaram depois. A estátua que está ali ao lado, a estátua de Nossa Senhora ficou sem uma mão por causa do bombardeamento e ficámos em Balide até abrímos novamente a escola.

P: Quando é que abriram novamente a escola?

R: No mesmo ano. No mesmo ano quando eles começaram a guerra, nós abrimos. Estávamos em férias.

P: Logo em 76 abriram a escola?

R: Sim. Nenhuma escola abriu. Só nós abrimos.

P: O Exteranto?

R: O Externato.

P: E onde fica o Externato?

R: Na altura, onde estava o Colégio Bispo Medeiros. Ali era a escola do Externato.

P: Na actual Escola Bispo de Medeiros?

R: Exactamente. Funcionava como lar masculino dos rapazes e também ensinávamos lá o ensino pré-secundário e secundário até ao quinto ano. E nesse ano de 74 terminámos os exames com o quinto ano. Tínhamos acabado de fazer o exame como quinto ano. E além disso tínhamos essa escola especial que o senhor bispo mandou abrir para atender as necessidades dos alunos que deixavam a escola muito cedo.

P: Que bispo? O D. José?

R: O D. José. Quando o Estado dizia uma idade mais baixa, eles já não tinham onde ir. Fácil isto. O bispo disse então:” abram a escola secundária.” Na altura chamava-se

escola secundária conforme o calendário indonésio. A abertura dessa escola foi em 71, em 1971.

P: Isso foi tudo antes da invasão. Vocês abrem o Externato e o Externato funciona até 1900 e...

R: Até 91.

P: Até 91, depois do massacre.

R: Sim, do massacre. E funcionava ali a escola completa. Só não tínhamos a pré-primária.

P: E continuavam a ensinar o português.

R: Continuávamos. Nós ensinávamos tudo em português.

P: Mas já tinha sido interdito o português.

R: Isso depois. Uns dias depois.

P: Uns dias depois de que ano?

R: Do mesmo ano. Em 75 eles entraram.

P: Mas depois continuaram durante a ocupação.

R: Sim.

P: E como é que faziam?

R: Isso é que é um milagre. Não se pode contar...

P: Porquê?

R: Porque está cheio de mentiras.

P: Mas conte.

R: Claro que eles vinham fiscalizar. Todos os dias estavam ali sentados a assistir às nossas aulas, a falar-nos numa linguagem que não percebia nada. De vez em quando vinha um que mastigava o inglês. A gente entendia-se palavra por palavra. Uma das vezes perguntou-me directamente: “Isto é uma escola?” Foi assim directo: “É uma escola?” Eu disse: “Não.” Aqui está uma grande mentira.

P: E porque é que disse que não era uma escola?

R: Porque eles se dissesse que era escola, fechavam. Tinham poder para isso.

P: Então disse que era o quê?

R: Não era escola mas um curso de línguas. “Temos aqui um curso de línguas. Ah sim? Então o programa?” Outra mentira. Eu peguei... realmente tínhamos aí o curso de línguas também. Mas o curso normal era dado na obscuridade. O calendário falava em grego, em alemão, francês, italiano, espanhol, português e mais bahasa indonésio. Era tudo figurado. É línguas não é. E depois quem dá diplomas? Não damos. Aqui os

alunos sabem muito bem que quem quer vir para este ensino não espera registo nenhum, nem diploma nenhum. Não damos. Depois os senhores vêem se os alunos têm capacidade. Se não têm capacidade. Não é problema nosso. Nós só queremos abrir os olhos dos nossos meninos para saber ler, escrever, etc.

P: Mas depois como é que passavam de ano. Porque não havia reconhecimento por parte da Indonésia dessa escola. Era assim?

R: Nada, nada.

P: Não havia nada?

R: Depois nós... pedíamos informações um bocado a Portugal com o currículo. E forneciam-nos material que era necessário, o importante para podermos...

P: Mas depois muitos dos alunos foram estudar para a Indonésia. Eles faziam os exames?

R: Não. Eles vão lá como ignorantes...

P: Como independentes?

R: Como independentes. Não tem nada que ver com isto. Os que aprenderam a língua.

P: A escola não era reconhecida pelo governo indonésio?

R: Não, nada.

P: Funcionou sempre na clandestinidade?

R: Na clandestinidade. Continuou na obscuridade.

P: E tinham muitos alunos? Quantos alunos é que tinham?

R: A última vez que eu estava à frente da escola tínhamos uns 600 e tal.

P: Qual foi o último ano que lá esteve?

R: 91.

P: Os alunos aprendiam lá e depois iam fazer os exames a outro sítio para passar de ano?

R: Faziam na escola. A escola dava a notificação e aqueles que quisessem ir para a Austrália, nós dávamos com carimbo nosso. Os que iam para Portugal também recebiam o carimbo e a classificação.

P: Poratanto funcionavam sozinhos. Não funcionavam debaixo de nenhum ministério?

R: Não, não. Em Portugal eram aceites, na Austrália também eram aceites. Para a Indonésia, uns tiveram sorte porque amigos chegaram lá e foram para classes mais

altas. Não sei se... para outras nações também não tinham problemas. Acreditavam no papel que nós dávamos. Milagre ou mentira.

P: E deram sempre aulas em português.

R: Tudo em português.

P: E dizem-me que os professores lá de vez em quando iam passando algumas mensagens de era preciso resistir. Era assim?

R: Isso era o grupo forte aqui da cidade. Os professores, os alunos, eram todos espiões dos indonésios. (engana-se)

P: Eram todos espiões dos indonésios? Não eram da resistência?

R: Eram da resistência. Davam informações. Eram da resistência que fiscalizavam a cidade. Sabiam o que é que há, o que é que não há. Quem vem, quem é que não vem. E levavam tudo para o mato.

P: Eram espiões da guerrilha. Não eram espiões dos indonésios.

R: Não. Da guerrilha.

P: E os professores eram todos religiosos?

R: Não eram leigos. Tínhamos dois sacerdotes. Os jesuítas.

P: Quem eram?

R: O padre Felgueiras e o padre Martins. Depois tinha mais um outro que raras vezes aparecia lá também dava aulas. Nos últimos tempos o bispo... já era administrador o padre Martinho Lopes- foi morrer a Portugal.

P: Também era lá professor?

R: Era administrador da diocese. De maneira que supervisionava a escola. Numa das nossas festas, fazíamos festas, disse em público assim: “temos uma escola que vale a pena manter.” Três anos depois da invasão, não havia escola em parte nenhuma em todo o Timor.

P: Só a vossa.

R: Só o Externato S. José.

P: Então vocês funcionavam um bocado como uma resistência ali?

R: Era. Esta Senhora (Refere-se à dona da casa onde estamos) já era aluna e professora.

P: E os professores o que é que diziam? Vocês orientavam os alunos para a resistência?

R: Eram antigos professores.

P: E orientavam os alunos para a Resistência?

R: Sim.

P: O que é que diziam?

R: Isto é a nossa vida. Alguém pensou pertencer à Indonésia? Ninguém tinha esses sonhos. Os portugueses abandonaram-nos. Agora temos de lutar para manter a nossa posição e a nossa terra.

P: Diziam isso?

R: Claro, abertamente. Muitos foram mortos.

P: Professores da escola?

R: Sim. Alguns desapareceram simplesmente. Alunos também. Alunos mortos. Outros desaparecidos...porque também eles tinham os seus espiões. Nós os dois praticamente andávamos com um pelotão de espiões.

P: Um pelotão de espiões de quem?

R: Dos indonésios.

P: Andavam sempre atrás de vocês?

R: Sim.

P: De você e quem?

R: Do Padre Cunha que está agora na América.

P: Você e o padre Cunha que eram os responsáveis pelo colégio?

R: Sim. O que se fazia, eles sabiam. Mas se vierem perguntar sobre isto. É meu dever. Se eu ensinar alguma coisa contra a nação Indonésia é outra coisa. Se eu ensinar a cantar, a dançar, a aprender a fazer contas. E provas. Não têm provas. Eles sabem, querem vir aprender aqui. Algum mal? Não. vinham assistir às nossas aulas.

P: Mas não compreendiam nada.

R: Claro.

P: E as aulas eram em português?

R: Tudo em Português.

P: E porque é que escolhiam o português? Porque é que não escolhiam o tetum?

R: O tetum é difícil. Se o português é difícil, o tetum ainda muito mais. Talvez 50 vezes mais.

P: Mais difícil?

R: Sim. Porque falta terminologia. Livros. Não temos professores preparados para isso.

P: Mas era também porque era uma língua da resistência, porque sempre se quis que Timor fosse identificado com o português como um dos argumentos para reivindicar a autonomia?

R: O português sim. Eu nasci português. Não nasci falando o português. Mas desde que entrei na escola comecei a falar português. Eu sou português. É algum mal escolher uma nação? Eles não tinham razão. Vira pelo menos. Tinham um bocadinho de senso comum. E respeitavam as nossas opiniões. Só porque eram os padres. Respeitavam muito os padres. As outras pessoas levavam bofetadas e pontapés. Respeitavam-nos. E por isso a escola andou. Sem diplomas.

P: Quer dizer quem ia para fora levava um diploma.

R: Com carimbo branco. E esta escola continuou a existir até 91.

P: Como é que vocês se davam com os administradores apostólicos? Dizia-se que D. Ximenes queria fechar a escola.

R: Esse era um bocado mais por receio pessoal. Ele andava pelas ruas a tremer.

P: O D. Carlos?

R: D. Carlos. Carlos Filipe. Foi um gato bravo.

P: Porque é que diz isso?

R: Se nós dois estávamos a expôr a vida à espera só que eles nos empurrem para o buraco. Ele era pior. Percorria Timor de lés a lés porque só havia uma diocese. Nunca parava. Ele foi um grande apoio das escola.

P: Mas dizem que ele queria fechar a escola.

R: Sim quando se viu apertado demais. Já não podia. Então pediu para fechar mesmo.

P: Mas isso em 91 só?

R: Em 91.

P: Mas diz-se que quando ele foi substituir D. Martinho em 83, que se temeu fechar a escola nessa altura.

R: Mais ou menos. A partir daí ele começou já a tremer. Tinha um bocado de receio. Mas como bom oriental, os receios metem-se no estômago. Não vêm à boca. Carlos Filipe foi bom.

P: E o D. Martinho?

R: D. Martinho ainda pior.

P: Ainda pior? Porquê?

R: Esse é duro.

P: Porque é que diz isso?

R: Não se interessa com política. Quando tem que dizer, diz. Foi o caso... mandaram-no embora.

P: Ele não se importava...

R: Foi embora, saiu. Criticou a célebre matança na costa Sul... foi de visita e presenciou esta cena macabra. Regressou. Domingo seguinte ou dois domingos depois, ele sobe ao púlpito, lá em Lecidere, e conta a história do que é que fizeram os indonésios. O povo passado a espada. Então o ódio aos indonésios cresceu muito. Antes de fazer esta declaração, pediu que o núncio fosse lá para estar presente. Ele declarou em público na homilia o que é que os indonésios fizeram. Quando o núncio saiu ele também arrumou as malas e foi-se embora.

P: O núncio e ele davam-se bem?

R: Eu não sei se eles se davam bem.

P: Padre Leão, acha que a sua escola, o senhor era o director da escola, foi importante para a Independência de Timor?

R: Acho que sim.

P: Porquê?

R: A cultura que temos um bocado, embora a maioria aqui da cidade dá pontapés ao português, para mim não diz nada, em comparação com o valor que criámos em Timor para que o mundo aceitasse essa nossa proposta de independência.

P: Portanto o Externato contribuiu para que Timor pudesse ser independente. E de que forma?

R: Com o martírio de alguns.

P: Porque é que diz isso?

R: Os jovens das escolas eram apanhados. Isso já de antemão sabemos que serão fuzilado ou desaparecidos, simplesmente. Nunca mais se ouviu falar deles.

P: E porque é que eram particularmente os do colégio, os do Externato de S. José?

R: Precisamente porque não aceitavam as suas ideias. Primeiro vieram com a religião. “Vocês são comunistas. Quem é que é comunista? Nós somos católicos. Alguma vez falámos em comunismo aqui? Não, nós somos católicos. Então o que é que vocês querem? Independência.” Esses jovens nem nós sabemos onde é que estão. Em que lado estão enterrados, ou queimados ou atirados ao mar.

P: Porque eles manifestavam-se.

R: Manifestavam-se. Essa senhora (aponta para a dona da casa) também valente. Primeira manifestação pública, foi ao lado do Hotel Díli. Ela organizou.

P: Quando veio o embaixador.

R: Exactamente. O embaixador da América. Eu estava fora.

P: Os jovens do seu colégio organizavam as manifestações.

R: Sim.

P: Mas eram instigados pelos padres?

R: Também. Esse bispo Ricardo, Alberto Ricardo. Doze horas de interrogações seguidas.

P: No Externato?

R: Não, ali na residência dele. Era pároco de Motael. Ali é que foi entrevistado. Duas vezes à noite. A primeira vez já era tarde até 8 horas da noite. Interrogações, contínuas interrogações. Posso dizer que morreu traumatizado.

P: Mas ele era do vosso Externato?

R: Era muito ligado. Como estava um bocado longe para vir dar aulas. De vez em quando vinha aos nossos encontros e falava connosco, planeando, indicando melhores caminhos para andarmos. Era nosso amigo. Mas andar só daqui para Dare e de Dare cá para baixo era um bocado arriscado.

P: Quando é o o 12 de novembro, os manifestantes também passam ali no Externato. O padre lembra-se?

R: Eu na altura era Pároco de Motael. Era pároco. O bispo para não criar mais tensão entre a Igreja e o governo indonésio, retirou-nos a nós dois. Saiu primeiro o padre Cunha. E depois no ano seguinte eu sozinho, o que é que eu vou fazer com esta malta? Falta o professor. No ano seguinte D. Carlos disse: “padre vovês deixa este cargo, vai para Motael e entrego isto a outro. “

P: E a quem é que entregou?

R: Entregou a um casal de Los Palos. Professores.

P: Portanto o padre já não estava lá quando passaram para Santa Cruz.

R: Não.

P: E foi aí que o Externato foi encerrado.

R: Foi. Depois deu-se aquele acontecimento.

P: E com que argumento é que fecham o Externato?

R: Manifestação contra a Indonésia. Não há argumentos.

P: Mas o Externato não tinha feito a manifestação. Dizem que o colégio está lá metido na manifestação?

R: O Colégio é a alma, é a alma desta juventude. Não olhavam com bons olhos.

P: E então fecharam.

R: Sim.

P: E Depois só reabrem quando? Depois da Independência.

R: Só em 2004.

P: Aí é que se acaba o português de vez.

R: Abrimos o primeiro ano em português. Desde 74.

P: O primeiro ano foi 74?

R: 74 sim.

P: Mas quando é que foi a fundação do colégio?

R: A fundação, fundada pela diocese para atender os alunos que não tinham lugar no Liceu porque a idade ultrapassava

P: Mas fo quando? Foi em setenta e...?

R: Em 71 foi aberto. Na altura eu estava ainda em Roma estudando.

P: E veio como director do colégio, quando?

R: Setenta e quatro. Mal integrei-me na escola mandram fora.

P: E porque é que manteve o ensino em português? Porque é que desobedeceu aos indonésios?

R: Porque era esse o nosso ideário. Comunicação para os indonésios não captarem as nossas comunicações. A melhor maneira era nós falarmos uma língua que eles não sabem.

P: E era de qualquer das formas a língua que utilizavam para argumentar a favor da autonomia de Timor.

P: E depois como é que foi o referendo?

R: O referendo, aquilo não se pode dizer mais nada. Clarinho. 87 a favor. Que mais se quer. Todo o povo se levantou.

P: E acha que teve contribuição para isso, o padre?

R: Claro que eu não me posso gabar. Há outros que poderiam dizer o que é que eu fiz e que não fiz. Mas agora estão a reconhecer. Agora neste momento, repondo as coisas no seu lugar, já reconhecem afinal o Externato exerceu um papel muito importante em manter o português.

P: Que papel foi esse?

R: O português. Porque se não tivéssemos mantido o português (...) não podíamos ter a independência.

P: Porquê?

R: Que língua é que falamos? Somos todos analfabetos. Eramos todos analafabetos.

P: Portanto o português foi importante manter.

R: É a base da União. Com os do mato e entre nós. Nós não falávamos indonésio. A não ser estes novos indonésios que se fizeram aqui em Timor. Esses é que optaram pela Indonésio. Esses falavam. O resto diante do indonésio falam português. Quando muito fala tetum. E as comunicações internacionais que vinham do mato, vinham em português. A gente entregava aos oficiais, aos grandes da nação mas entregávamos tudo ao bispo. O bispo espera que o núncio passe por aqui e envia esses documentação para fora.

P: A documentação do Colégio?

R: Do colégio também... Sabia-se que cedo ou tarde a Indonésia estava a abalar. Sobretudo a função da Igreja, a missão da Igreja manifestou-se mais no tempo do D. Carlos quando ele escreveu aquela carta às Nações Unidas. Isto é que abalou a Indonésia.

P: Qual é que acha que foi o contributo da Igreja para a Independência?

R: Primeiro acho que foi o acordar do bispo Carlos Filipe em mandar essa carta digamos assim atrevida, contra a vontade dos seus superiores. Ele mandou essa carta... entrámos nos segredos.

P: Porquê?

R: A ética diz assim não se pode envergonhar o herói.

P: Não se pode envergonhar o herói?

R: Porque o herói depois... renuncia. Renuncias porquê? Só por causa daquela carta?

P: Ele esteve para renunciar foi?

R: Sim.

P: Falou consigo, foi?

R: Não.

P: Mas soube?

R: Sim, sabe-se. Estava a tremer e refugiava-se mais nos seus colegas de congregação do que em nós que somos padres diocesanos.

P: Ele era religioso.

R: Aguentou até ao fim.

P: Portanto acha que teve um papel importante a Igreja.

R: E um dos factos importantes também é a declaração oficial digamos assim porque ele era bispo, D. Martinho. A declaração dele. Isso não é guerra mas uma limpeza da

casa. Então a Santa Sé começou a torcer também. Foi a partir daí que a Santa Sé torceu em favor de Timor-Leste.

P: E o padre alguma vez colaborou com a guerrilha?

R: Tantas vezes. Conversávamos, informávamos.

P: Com os guerrilheiros?

R: Sim.

P: Mas eles vinham até ao Externato?

R: Não vinham até ao Externato. Em qualquer canto nós encontramos. E quem os conhece?

P: Com quem é que se encontrou? Tem alguma história que possa contar?

R: O Padre Mário Belo, que já morreu, como eu ia todos os domingos a Ermera. Ele estava a celebrar missa. Conversávamos muito. E na residência há um quarto para conversarmos em segredo.

P: Na residência do Bispo de Medeiros?

R: Não. Em Ermera. A coisa que me meteu mais medo foi este caso. Aquela casa era a casa de encontros com o Xanana.

P: Em Ermera.

R: Eu ia muitas vezes a Ermera com o padre Mário. Punha um chapéu. Vestia-se como um timor qualquer. Conversavam. Exploravam os terrenos indicavam os caminhos, etc, etc.

P: Mas o padre nunca se encontrou com o Xanana?

R: Eu não.

P: Encontrou-se com outros, foi?

R: Eu procurava evitar. Uma vez o Xanana veio com o senhor padre Mário de Ermera até Díli. E depois o padre Cunha convidou-me: “depois vamos conversar um bocado com o nosso amigo que está aqui. Então Cunha, tu conhece-lo conversa lá depois conta.” Não fui.

P: Entre vocês sabiam?

R: Sabíamos.

P: E sabiam quando os jovens se iam manifestar também?

R: Isto é um bocado obscuro. Desconfiávamos que fizessem alguma coisa. Mas no momento da revolução, nós não esperávamos. Em Santa Cruz eu já era pároco e estava na Câmara Eclesiástica antiga.

P: Ao pé do Hotel Timor?

R: Exactamente. E como era de manhã depois da missa eu estava aí a contemplar os alunos. A fila desde Motael até ultrapassara Câmara Eclesiástica. Até o cruzamento para cima. Cantando, rezando, dando vivas... A curva para Santa Cruz. Ao entrarem estavam em cima dos muros. Eu estava a assistir aos jovens malucos que saíam.

P: A saírem de Motael?

R: A sair de Motael.

(a finalizar conta histórias que se passaram consigo)

R: Depois das aulas tinha de voltar a casa aqui na paróquia. Era a minha vez de trazê-la. Era um bocado mais de meio-dia. Então chegámos à ponte actual. Não existia a ponte. Chegámos à ponte estavam dois indivíduos armados. Apontaram para mim, mandaram parar o carro. Eu parei o carro. O que é que quer? Leve-nos lá para aquele lado. Tenho trabalho.

P: Quem eram?

R: Indonésios armados. Meti os pés no acelerador trepei...

P: E não o levou

R: Não os levei. Três tiros no carro. Tinha crianças atrás. Quando este grupo desceu, pensei comigo: “como vou regressar? Vou apanhar os tiros dos animais.” Meti as crianças que quisessem ir. “E agora se me mandarem parar? Se eu parar de certeza que disparam sobre mim porque são animais ferozes.” Pensei comigo: “se eu morrer, morro..”. cheguei à ponte eles estavam lá com a espingarda a apontar. Mandaram parar. Quando mandou parar eu acelerei, pus o carro no máximo e fugi. Num segundo estava do outro lado da ponte. Recebeu oito tiros.

P: Ninguém ficou ferido

R: Ninguém. Não sei se foi para o ar

P: Portanto viviam sempre com o coração nas mãos?

R: Sempre. Visitavam-nos à noite. Duas horas da madrugada. Acordados para conversar para fumar o cigarro. Perguntar para trás e para a frente. Para revistar a casa. Pensando que nós podíamos ali esconder o Xanana ou alguma coisa. Revistavam tudo. Até as malas... conversámos até política e tudo e no fim, obrigado. Levantaram-se e foram-se embora. Eu disse ao meu colega padre: “vamos acompanhá-los.” E saímos acompanhados até à porta. Saímos para a varanda. E vimos o trânsito que estava ali fora a rodear a nossa casa. Tropa a rodear-nos.

P: Portanto os padres também eram alvo

R: Sim.

Anexo 36

Entrevista a irmã Esmeralda Piedade Araújo

A irmã Esmeralda Piedade Araújo é uma canossiana timorense. Tinha 13 anos à data da invasão e aquando da entrevista estava com 53. Quando adolescente pertenceu à UNETIM (União Nacional dos Estudantes Timorenses) afecta à FRETILIN. Esteve refugiada no mato com a sua família e, na altura, fez parte da Organização Popular da Mulher Timorense (OPMT). Depois de regressar do mato decide ser canossiana. Vai estudar para Roma e regressa a Timor-Leste em 1996. Em 1999 é nomeada Superiora das canossianas em Balide, Díli. Durante a sua vida de religiosa teve várias acções em colaboração com a resitência. É irmã do padre Jovito Rêgo de Jesus.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 25 de Julho de 2015

Pergunta: Como é que viveu a Invasão?

Resposta: Eu tinha 13 anos. Meu irmão era mais novo. Eu já tinha terminado o ciclo preparatório então em 75, na invasão nós estávamos aqui em Díli.

P: O que é que se recorda da invasão?

R: Eu era uma activista apesar de ser assim pequenina eu era uma activista.

P: Era uma activista por quem?

R: Activista da UNETIM.

P: Que eram os jovens da FRETILIN?

R: Sim, da FRETILIN. Eu participava dos encontros. Todas as tardes eu ia lá e um dia também quando fizemos demonstrações ali no Palácio do Governo... éramos todos estudantes do ciclo e do liceu. Tinha os nossos colegas mais crescidos e eles é que nos orientavam. E nós fazíamos manifestações. Eu participei na manifestação grande quando era contra o governo naquele momento. Não me lembro da data mas era em 75. E depois eu me lembro no dia 28 de Novembro eu e a minha família nós participámos na proclamação de independência. Eu estava com os meus pais. Toda a família.

P: E o dia da invasão?

R: Depois daí, depois do içar da bandeira deram os tiros dos canhões e nós sentimos... estávamos ali mas com uma responsabilidade sobre nós timorenses. Depois desta proclamação para o bem e o mal nós temos que assumir.

P: Já se previa a invasão, não é?

R: Eles estavam avançando de Balibó para cá.

P: Vocês já sabiam?

R: Meu pai acompanhava todos os noticiários.

P: O seu pai era da FRETILIN?

R: O meu pai nunca declarou. O meu pai acompanhava. Nós no tempo português, a nossa família éramos considerados revoltosos contra os portugueses.

P: Vocês já não gostavam da presença portuguesa cá?

R: Eram os meus avós. Mas depois com a descendência é sempre assim. Eu lembro-me que o meu irmão, eu tenho um irmão mais velho, Tonico. Nós os dois andávamos na 4ª classe. Um dia...a nossa professora era portuguesa, chamava-se Filomena Caldeira, esposa de um alferes que esteve aqui. Foi nossa professora da quarta classe e um dia quando nós entrávamos na sala, fizemos a apresentação a senhora mandou-nos embora.

P: Porquê?

R: Porque desconfiou que nós éramos descendentes de japoneses. Nós vivíamos isto... e depois mandou-nos embora. Nós os dois saímos da sala e fomos para casa. E fomos ter com nosso pai e o pai explicou-nos:” amanhã regressam à escola e dizem à professora que nós somos oriundos timorenses. Nada de japoneses.” Regressámos, falámos com a professora e ela aceitou-nos na escola com os outros colegas... meu pai sempre foi um homem que nunca falava, nunca incitava a participar nos partidos políticos. Ele ia, via as coisas, sabia mas nunca comentava isto connosco. Talvez por causa da experiência dos meus avós. E meu pai também sofreu na II Guerra Mundial, foi questionado pelos japoneses então o meu pai nunca quis que nós os filhos passássemos como ele passou, os sofrimentos como ele passou. Meu pai guardava tudo dentro... para nós os filhos ele sempre dizia: eu não vos deixo riquezas mas eu quero que todos vós sejam instruídos. Todos para a escola.

P: E andava na escola pública?

R: Sim.

P: E o dia da invasão como é que foi?

R: O dia da invasão foi a 7 de Dezembro mas no dia 6, era um sábado, e o meu pai mandava-nos a todos à igreja para a missa vespertina a um sábado. Nós fomos à missa em Balide. Nós morávamos ali em Caicoli ao lado do centro de convenções, antigamente era o Mercado Municipal... nós estávamos ali alojados por causa do golpe que aconteceu em 19 de Agosto, queimaram a nossa casa. Nós não tínhamos casa. Tudo foi queimado então nós tínhamos que alojar numa casa ali que nos deram. Atrás do comité central que é agora a polícia, era o comité central da FRETILIN. Nós estávamos ali em Caicoli e tinha o Mercado Municipal. Mas antes de ir ali, dia 19 quando fizeram o golpe e depois o contragolpe, houve muitas mortes muita coisa de sangue entre a UDT e a FRETILIN.

P: A guerra civil. Mas vocês estavam ali quando foi a invasão?

R: Depois dali... mas o meu pai todos os dias sabia as notícias. Nós não éramos ricos mas vivíamos uma vida assim de bem estar.

R: O seu pai fazia o quê?

P: O meu pai trabalhava, serviu o governo português 27 anos. Mas nunca teve direito de ser funcionário do quadro. Meu pai foi sempre assalariado por causa da conotação de revoltoso dele. Então meu pai não tinha direito durante o governo português aqui. E então o meu pai foi sempre assalariado e naquela altura o meu pai trabalhava nas

obras públicas. Antes de 59 o meu pai era escriturário nas obras públicas. Tinha bom pagamento, ganhava bem mas nunca teve acesso...

P: Vocês eram muitos irmãos?

R: Nós éramos 8. Depois um faleceu pequeno. Do meu pai éramos 11 filhos. O meu pai do primeiro casamento tinha 3 filhos mas um dos meus irmãos faleceu com 19 anos. E ficaram dois. Um rapaz e uma menina. E a minha mãe, a segunda mulher com oito filhos. Mas depois faleceu um com 9 meses e éramos 7.

P: Como é que viveu o dia da invasão?

R: Dia 6 de tarde nós fomos para a missa e tinha um casamento, nós éramos crianças e queríamos ir participar naquela festa mas o meu pai com os noticiários que escutava na rádio sabia que não podíamos sair de casa. Era prevenção para não sair porque a Indonésia avançava. O meu pai sabia disto mas nós crianças... e depois quando naquela noite ninguém jantou e cada ficou no seu quarto. Meu pai ficou sentado na varanda. Toda a noite. Quando era 4 horas da madrugada quando lançaram os foguetes dos lados de Fatuhali o meu pai gritou: “acordem levantem-se todos, a guerra começou.” Acordámos assim com um susto assim grande nem sabíamos fazer nada. Nem rezar sabíamos. Sabíamos dizer “Avé Maria” mas para continuar, tremíamos de medo. E os bombardeamentos avançavam. Os aviões descarregaram os pára-quedistas, chegaram aqui e era tiroteio por todos os lados. Nós estávamos assim desorientados. Com medo, todos a tremer, nem sabíamos rezar “Avé Maria”. Então o meu pai organizou todos em fila cada qual só com uma roupa. Trocámos o pijama, deixámos o pijama na cama, todos vestidos mas só com a roupa que cada qual trazia. Não conseguíamos pegar nas coisas. Nem caminhar conseguíamos. Mas com a paciência dos meus pais então o meu pai meteu-nos em fila e saímos de casa. Era 7 horas. Saímos, vimos abrigar-nos no Mercado Municipal porque era casa feita de cimento e cal. Para poder salvaguardar das balas perdidas. E quando saímos da casa o meu pai ia à frente, a minha mãe atrás de nós, todos os filhos no meio. Em fila indiana no caminho. Às tantas meu pai caiu por causa da bala. Não foi atingido. O meu pai caiu e todos nós parados. Pouco depois meu pai levantou e entrámos no mercado. O meu pai comandava: “abrigo!” E todos nós por terra. Mas nós com medo... e depois às 9 horas nós saímos do Mercado Municipal dirigimos para a rua central e íamos para Dare caminhando. Rezávamos o terço, o meu pai à frente e a minha mãe atrás. Nós no meio ninguém podia rezar a “Avé Maria” porque com medo e víamos os pára-quedistas pendurados em cima daqueles... aí e aumentou o nosso medo. Tinha a

minha irmã mais nova, o meu pai metia nos ombros. Ela tinha 3 anos. E nós os 6 no meio, caminhando. Para chegar até Dare, o costume era 20 minutos, mais tarde 30 minutos a pé. Sempre fazíamos isso. Mas naquela altura até em duas horas não conseguíamos chegar a Dare porque caminhava, rastejava. E os bombardeamentos vinham como relâmpagos. Conseguimos chegar em Dare e lá ficamos poucos dias. E a tropa indonésia foi até Dare, nós tínhamos que deixar Dare e íamos pelas montanhas. E chegámos até Aileu. Estivemos ali em Aileu 40 dias e depois de 40 dias- passávamos mal.

P: Mas foram sempre a pé?

R: Sim a pé pela mata fora. Então alguém à frente e todos em caravana atrás. Nós ficámos alojados em Aileu numa escola. Estávamos lá todos refugiados. O meu pai era conhecido lá, as pessoas lá nos receberam bem mas passávamos mal. E os meus pais tinham pouca roupa que nós tínhamos mandado para Dare. O bispo que faleceu é meu tio. Era primo-irmão da minha mãe. D. Ricardo. Ele estava em Dare naquela altura. Ele sempre exigiu à minha mãe e a meu pai que nós... mas nós éramos estudantes não podíamos deixar a escola. Minha mãe mandou pouca roupa. Coisas novas. E daí pegámos nestas coisas e levámos para a montanha. Foi isto que nos salvou porque a minha mãe tirava aqueles panos ali para poder trocar por mantimentos, comida. Salvar-nos da fome. Éramos pequenos. Estávamos habituados a comer pequeno almoço, tínhamos lanche, tinha almoço, tinha tudo... então daí aprendemos o sacrifício. Os meus pais ensinavam-nos sempre. Quando a gente comia na mesa caía um grão de arroz mandava apanhar e metia na boca. Agora vocês têm abundância, algumas crianças não têm nada. Mas quando chega tempo de guerra todas as pessoas que estavam connosco ninguém vai-nos ajudar. Ele vai dar o pão para o seu filho, não vai dar para vocês. Pai e mãe agora têm e ajudam todas as pessoas. Mas em tempo de guerra ninguém vos vai ajudar.

P: Esteve quanto tempo nessas zonas? São as chamadas “zonas libertadas”?

R: “Zonas libertadas”. Eram controladas pelas Forças Armadas timorenses da FRETILIN. Em Aileu 40 dias. Depois veio um primo militar de Ermera encontrou o meu pai.

P: Mas era militar...

R: Militar da FRETILIN. Veio buscar... eles tinham o paiol. Vieram fazer o levantamento das munições para levar de volta para Ermera. Era comandante da companhia que vinha buscar as munições ele viu: “tio o que está aqui a fazer? Leve as

crianças para Ermera.” Porque o meu pai é natural de Hatolia, em Ermera. Tenho lá toda a gente da minha família. Então volta já para Ermera. Então meu pai foi falar com os velhos daquela zona e pediu para ir para Ermera. Aquelas pessoas não nos deixaram. O meu pai tentou, tentou, tentou...

P: Mas os mais velhos de Aileu é que tinham de vos deixar ir para Ermera?

R: Sim. Diziam assim que nós íamos no caminho e que as pessoas nos matavam. Então o meu pai tomou uma decisão de manhã cedo, era de madrugada, mandou preparar as coisas e partimos. As pessoas ficaram danadas mas meu pai foi. O meu pai conhecia o caminho. Fazíamos a mesma fila com outros tios, primos. Quem estava connosco era da família do meu pai e da minha mãe e iam todos connosco. Uma grande Caravana. Fomos para Ermera caminhando de manhãzinha e chegámos a... as pessoas quando nos viram, tinham uma guarita, segurança estava lá. Era tarde, nós íamos debaixo de chuva molhados todos como pintainhos. Era frio mas tínhamos que caminhar e chegar até a zona de Ermera. Era tarde quando chegámos ali com nevoeiro, chuva. Então aquela gente acolheu-nos naquela casinha ali da guarda. Chamavam o meu senhor. Em 59 o meu pai foi para Hatolia. O meu pai devia ser desterrado para Angola. Mas o meu pai não foi. Quando meu pai veio para Díli... antigamente a Pide era muito perigosa.. um dia o meu pai viu que a situação estava calma, o meu pai veio para Díli caminhando e foi até às obras públicas na estrada chegou ao actual semáforo, alguém lhe bateu nos ombros: “Tu és Chico Amaro ou é a tua alma?” Meu pai caladinho sem responder nada regressou em Nova Díli onde habitava com a minha mãe com os dois irmãos mais velhos. Chegou a casa e disse à mãe: “A Pide descobriu que eu estou aqui. A minha vida está em perigo. Tu ficas aqui com as crianças e eu vou para Hatolia.” Quando foi para Hatolia retomou os seus trabalhos como escriturário do posto.

P: Mas estávamos em Ermera.

R: Os militares tinham uma casa para nós. Onde estão as forças portuguesas alojadas. Mas era um mês só... ficámos em Ermera só 30 dias e depois tínhamos de transferir para Fatubessi.

P: Íam avançando à medida que os indonésios avançavam. Até que foram para o mato.

R: Ali já era mato.

P: Mas nas montanhas mesmo? Porque depois a população foi para as motanhas

R: Toda a gente procurava salvar-se. Mas tinha as Forças Armadas que acompanhavam. Essa zona era livre, podia-se movimentar. Então nós fomos para Ermera, estávamos naquela casa. E depois saímos de lá fomos para Fatubessi. Tinha parentes de meu pai, eram uns tios. Acolheu-nos na sua casa e ficámos ali não sei quanto tempo. E depois dali nós fomos para Hatolia. Fatubessi perentecia a Hatolia. E ali quando os militares estavam a avançar já em Fatubessi, nós tínhamos que sair de Fatubessi. Fomos para... onde estavam as várzeas dos meus tios. As várzeas como antigamente tinha comida. Então mandou-nos chamar de Fatubessi para ir lá. Nós fomos até lá até acabar a colheita. O meu tio tinha um celeiro grande, tudo estava dentro daquele celeiro. Mas tinha problemas. Desconfiaram da minha família.

P: Quem é que desconfiou?

R: Os miliares da FRETILIN. Desconfiaram do meu pai e de toda a família por causa de um primo meu que era militar. Era o cabo Martinho, era muito conhecido. Mas quando ouviram que ele queria render-se aos indonésios então toda a família foi capturada e levada. Naquela altura eu já estava a trabalhar.

P: Já estava a trabalhar onde?

R: Não, eu estava na Base 4.

P: Na base 4? Como quê, como guerrilheira?

R: Não como guerrilheira. Porque todos nós que estudávamos em Díli tínhamos que colaborar. Aqueles que tinham um pouco de cultura tinham que colaborar. Então eu fui chamada, eu e uma prima fomos lá e estivemos ali naquela base. Tínhamos um adjunto que era nosso chefe e estivemos longe da família. Tivemos de deixar a família e ir naqueles lugares para trabalhar fazer o serviço ao povo.

P: Da FRETILIN?

R: Da FRETILIN.

P: Que serviços eram esses?

R: E daí eu fui como vice-secretária da OPMT.

P: O que é isso?

R: Organização Popular da Mulher Timorense.

P: E o que é que fazia? Mas ainda não era freira?

R: Não. Era adolescente. Tinha 14 para 15 anos. Nós trabalhávamos. Dávamos apoio na base e nós tínhamos que fazer esclarecimento. Socializar a população e eu trabalhava. Eu falava contra a poligamia. Antigamente a poligamia era uma... era a doutrina da FRETILIN e éramos contra isto... tínhamos que ver as mulheres, do que é

que as mulheres e deviam ocupar para poder fazer. As mulheres que faziam o tais manualmente, conversar com essas senhoras. Agrupávamos mulheres.

P: Portanto fazia trabalho comunitário com elas.

R: Sim.

P: E quanto tempo é que está nessas zonas a fugir dos indonésios?

R: Nós éramos como nómadas.

P: Mas fica até quando nessas zonas?

R: Até 79.

P: Quando é que decide ser madre?

R: Eu desde pequenina já pensei ser freira. Mas era uma coisa de pequena. Quando eu estava no mato nunca mais pensei nisso. Pensei em estudar. O meu pai desafiáva-nos: “Temos que estudar.” Eu amava muito o estudo. Daí quando regressámos em 79... quando chegámos em Dare. Porque o meu tio mandou o seu irmão buscar-nos em Ermera, em Hatolia. Mas eu estava separada.

P: Depois de 79 voltou para Dare?

R: Sim. Nós vivíamos na montanha numa situação perigosa. Nem sabíamos falar o indonesiano. Sabíamos só português e tetum. E era perigoso e eu que era activista da FRETILIN era muito perigoso. Então quando a minha mãe comunicou isto para mim, a minha mãe foi buscar-me à base. Eu vim numa noite mas só para dizer que nós tínhamos que render. Porque o meu tio fugiu.

P: O seu tio depois da FRETILIN fugiu.

R: Estava na cadeia e fugiu para o mato. E veio render-se. Então ele mandou mensageiro para dizer ao meu pai. Meu pai estava muito doente. Olha Francisco venha com as crianças. Mas se eles soubessem...

P: E o seu tio veio para Dare?

R: O irmão do bispo (refere-se a D. Ricardo que era Pároco em Dare e será bispo de Díli) foi buscar os meus pais com todos os irmãos e eu estava em Fatubessi. [...] eu estava separada, eu não estava com os meus pais com todos os irmãos. Estava sozinha com os meus colegas de trabalho. Então, quando os militares encontraram os meus pais antes de vir (havia um acampamento) os indonésios perguntaram. Porque o bispo disse a toda a gente que tinha família no mato.

P: O padre Ricardo.

R: O padre Ricardo disse aos militares que tinha família no mato, se alguém encontrar com essas pessoas fazem favor de trazer. Então os indonésios perguntaram. O tradutor

fazia tradução do tetum para o indonésio. Então os indonésios covidaram o meu pai para vir de helicóptero. Mas nós no mato tínhamos medo porque muita gente era levada de helicóptero e era lançada fora do helicóptero. Então os meus pais tinham medo. Então os militares vieram comunicar ao padre Ricardo e então mandou uma camioneta com o seu irmão a buscar-nos. Depois de um mês ali em Hatolia.

P: Em 79, depois de estarem num campo de concentração?

R: Exacto. E depois nós viemos para Dare. Eu estava mais habituada à cidade ... eu tinha blusa, usava vestidos mas ali no mato era roupas compridas. Eu tinha sempre uma roupa.

P: Mas não foi guerrilheira?

R: Eu não fui guerrilheira mas eu fiz vigilância na base, com pistola. Eu sabia utilizar estas armas. Pistola, FBP. Quando vinham os nossos governantes de noite nós fazíamos vigilância com armas... eu tinha uma pistola minha porque eu era a vice-secretária e quando caminhava, nas deslocações tinha que ter alguma coisa, tinha guarda-costas comigo. Mas eu nunca gostei porque o meu pai sempre me ensinava a respeitar as pessoas. Eu ia de cavalo, o meu guarda-costa ia a pé e eu dizia:” tu ficas eu vou sozinha.” Pegava na pistola, metia na cintura e ia embora.

P: E depois foi para Dare.

R: Chegámos a vir para Dare e em Agosto quando Padre Ricardo veio ordenar os padres. Então em Dare tinha um grupo vocacional. As meninas rezavam sempre de manhãzinha. E eu vinha com a minha avó, a mãe da minha mãe. “Avó o que é que está a acontecer? Eu oiço as pessoas a cantar, a rezar. Quem são estas pessoas? Estas pessoas querem ser madres.” Eu dizia: “eu também quero ser madre.” Minha avó dizia: “não.” De manhã acordei fui ter com o meu tio: “eu também quero ser aquilo, participar no grupo, quero rezar como elas rezam.” Meu tio: “Não, não podes. Porquê?” Eu era muito crítica. Meu tio não explicou: “não podes. Porquê?” Antigamente as pessoas que iam nas montanhas, casavam-se. O meu tio pensou que eu era assim. Depois foi consultar com minha mãe. Então meu tio aceitou participar no grupo. Participei no grupo. Em Agosto eu vim para Díli, as madres canossianas, em Balide onde está o Seminário. Em 79. O padre Ricardo trouxe- nos, ele veio para o retiro e então trouxe-nos. Era um grupo vocacional para as madres verem. Éramos 9 ou 10 vínhamos para baixo e daí as madres... nós fazíamos coisas no colégio, mandavam fazer. Eu sabia fazer tudo. Eu sabia coser, sabia ponto cruz, sabia fazer tudo. A minha mãe era costureira, era menina do colégio então ensinava-me tudo. Eu

fazia tudo. Depois de uma semana de retiro, quando o bispo regressou, a madre já comunicava ao padre Ricardo, esta, esta e esta jovem podem vir fazer uma experiência aqui no convento. Então eu era também uma daquelas 4. Só 4 é que podiam vir para baixo. Então eu vim para baixo. Vim também para Balide e lá quando cheguei, as madres mandaram-me estudar bahasa indonésio que a minha cabeça não podia com o bahasa indonésio. Mas eu tinha que ir lá. Os professores falavam parecia que falavam para um muro ali à frente. Eu não entendia nada. Mas era o que tinha de ser. Eu repeti. Éramos cinco no liceu. Eu tinha que iniciar de novo no primeiro ano, segundo e terceiro porque não sabia a língua. Mas fazia tudo em português. Eu não sei fazer em indonesiano.

P: Ainda não sabe? Nunca aprendeu?

R: Não. A minha cabeça.

P: Depois entrou para a congregação?

R: Eu estava na congregação como aspirante. Fiz a experiência de 3 anos a estudar bahasa indonésio. Depois de 3 anos eu fiz o pedido para as madres me aceitassem como postulante. De 79 a 83... 83 eu fui aceite para ser postulante das Canossianas. Daí eu fui para Ainaro preparar as minhas coisas, roupas do convento. E daí preparei 3 meses. Em Dezembro fui para Baucau com uma outra minha prima. Ela está agora em Lcidere. Fomos para Baucau para entrar lá nas irmãs canossianas.

P: Depois é que foi para Roma?

R: Sim depois do postulado. Fiz o noviciado, fiz a profissão religiosa, tomei o hábito. E depois de ser religiosa fiz os meus votos, a madre mandou-me estudar ainda mais 3 anos de bahasa indonésio. Problemas, sobre problemas. Eu tinha que ir. E fiz-me professora de religião. Daí arranjei o 4º ano dos votos perpétuos. Na quinta renovação, fiz o pedido para votos perpétuos. Não podíamos ir para Macau. A madre Teresa fez o pedido para ir até Roma para preparação dos votos perpétuos. Isto só para 3 meses. Três meses de preparação. Depois desta preparação, antes dos votos perpétuos a madre geral telefonou para mim, pediu-me para que eu continuasse os meus estudos, para professora catequista de religião. Eram os padres jesuítas que davam este curso de catequistas para ensinar nas escolas. Então a Madre Geral mandou-me continuar na Universidade até fazer dois anos. Mas depois do primeiro ano, fiz o primeiro ano, fui a Portugal. E Daí preparei todas as coisas para fazer o meu trabalho escrito. Mas quando cheguei a Roma a madre mudou o pensamento e transferiu-me da

universidade, da missiologia para o Atneu Salesiano onde eu terminei os meus estudos em 96.

P: Só regressa então em 96?

R: Sim, em Julho de 96.

P: Não assiste então a muitas das coisas que se passam cá. Não assiste à visita do Papa.

R: A visita do Papa sim. Em 89 estava cá. Eu saí em 91 antes... eu saí em Junho, em Novembro foi o massacre.

P: E acha que a visita do Papa foi importante para o conhecimento daquilo que se passava em Timor?

R: Foi uma benção. Foi uma providência de Deus. Porque o Papa não tinha programa de vir até Timor. Vinha até à ilha das Flores. Mas não sei porquê a providência permitiu que o Papa passasse por Timor-Leste.

P: E acha que foi importante para o que se passava em Timor fosse conhecido?

R: A visita do Papa foi verdadeiramente um acontecimento importantíssimo para a auto- determinação de Timor-Leste. Com esta visita muitas coisas quebraram. Quando o Papa esteve em Taci-Tolu nós que éramos participantes, depois da comunhão, nós ainda tínhamos os.. na mão e tinham um carro para poder.. todas as hóstias que sobravam metíamos naquele carro. Mas depois os padres, tinha uma manifestação, era tudo poeira. Nós podíamos apanhar cadeiras. Aquelas cadeiras vermelhas que abriam e fechavam, passavam pelo ar... era uma coisa aflita naquele momento. Então o Papa estava lá em cima a assistir.

P: Está a falar da manifestação dos jovens.

R: Sim. Porque era a missa. Foi no final da missa

P: E sabia que ia haver manifestação?

R: Não porque antigamente era muito segredo.

P: Mas viu a manifestação?

R: Eu vi, assisti e graças a Deus nós não fomos atropelados para ser mortos ali com aquelas cadeiras. As pessoas corriam de um lado para o outro. Era... o fim do mundo. Tudo poeira nem se via.

P: Muitas vezes os jovens aproveitavam as celebrações religiosas para se manifestarem. O que pensava a madre sobre isso?

R: Timor sofria sozinho. Nunca teve apoio. A comunidade internacional deixou-nos assim sofrer

P: Nos anos 80.

R: Sim. Até à visita do Papa. Até 89. Antes do massacre e daí isto foi já preparado para chegar à autodeterminação. Mas eu não estava envolvida. Quando viémos do mato, eu nunca mais... não podíamos tocar nesse assunto. Se tocávamos o pido indonésio levava-nos.

P: A madre nunca ajudou durante essa época em que depois fez o noviciado? Nunca ajudou a guerrilha?

R: Não eu nunca porque não podia.

P: Não podia? Mas o seu irmão ajudou?

R: Meu irmão era padre. Por isso ele ajudou.

P: Mas os padres podiam e as madres não?

R: Freiras nunca. Tinha a madre Zulmira, mas nós éramos jovens, formandas

P: E a madre Rosa Sarmiento também ajudou.

R: Eu não sei. A madre Zulmira conheço bem a madre Zulmira. Madre Zulmira veio de Portugal não sabia falar indonésio. Eu ia traduzir para elas. Para ir encontrar com este juntamente com o padre Locatelli. Faziam trabalhos clandestinos.

P: Você traduzia para o padre Locatelli?

R: Sim.

P: O que é que fazia? Conte lá melhor?

R: Quando as madres precisavam de alguma coisa. Eu sabia muito bem as coisas do mato. Eu ajudava eles a compreender como entrar.

P: Eles quem?

R: O padre Locatelli e a madre Zulmira. Quando tinham estes encontros a madre chamava-me para ir lá com ele e explicar as coisas.

P: Quando a madre e o padre Locatelli precisavam você ia lá e explicava.

R: No convento. Era tudo secreto.

P: Mas explicava o quê? Explicava os caminhos?

R: Os caminhos. Como é que podia fazer. Na minha cabeça estava cheia de experiência do mato. E quando vinham os... interrogar eu tinha de traduzir para eles

P: Quando vinham os indonésios?

R: Sim. Quando eles sabiam que gente fazia estas coisas porque eles desconfiavam muito dos padres e das madres. Nós tínhamos uma vida muito difícil.

P: E alguma vez chegou a ser interrogada pelos indonésios?

R: Nunca, graças a Deus. Isto eu acredito. Nós quando trabalhamos verdadeiramente para Timor ninguém nos pode tocar. Timor-Leste é terra santa. Ele nos protegerá.

P: Porque é que Timor-Leste é terra santa?

R: Nós sabemos isto porque os portugueses disseram. Timor terra de Santa Cruz. Quando os portugueses chegaram aqui em 1511 a Oecussi disseram isto. Nós aprendemos Timor terra santa.

P: E depois em 96 veio para cá.

R: Mas eu em Roma, eu recebia cartas e levava para o Vaticano.

P: Recebia cartas de quem?

R: Alguém escrevia para o Vaticano. Era um trabalho clandestino.

P: Mas quem? Padres? Guerrilheiros?

R: Não eram guerrilheiros. Activistas. Porque tinham cartas do mato que chegavam. Ninguém podia saber aquilo... tu tens só o dever de levar isto e entregar. Eu levei uma vez quando estava em Roma. Eu levei uma vez as cartas para entregar na secretaria do estado.

P: Para o cardeal Casaroli?

R: Sim.

P: E eram muitas cartas?

R: Era um embrulho, não sabia. Era um embrulho feito. Não podia abrir. Era só para entregar este volume de Timor-Leste. Eu entreguei, eu levei ao Vaticano.

P: E fez mais alguma vez isto?

R: Isto foi só uma vez. Mas apesar de nós estarmos fora de Timor, éramos sempre perseguidas pelos indonésios.

P: Como é que eram perseguidas?

R: Porque nós participávamos nas reuniões. Éramos uma província, a 27ª província da Indonésia. Então quando tinha alguma coisa, o governo indonésio tinha embaixada ali no Vaticano. Então eles organizavam, nós íamos para lá. Trimestralmente íamos encontrar ali. Mas eu nunca ia. Quando eu chegava ali naquele lugar, eles chamavam-me sempre a mim. Eu nunca falava bahasa indonésio, eu falava italiano. Eu dizia-lhes: “você podem falar indonésio mas respondo-vos em italiano.” Eu sempre respondo em italiano. Então eles consideravam-me uma pessoa estrangeira. Com a minha experiência de 94 quando eu fui a Inglaterra, eu fui de metropolitano, alguém pegou-me nos braços, interrogou-me ali na Inglaterra.

P: Um indonésio?

R: Um indonésio. Por isso eu sabia que me perseguiam. E sem saber encontrei com estes senhores. E ele era um padre indonésio. Ele interrogou-me eu fiquei chateada e tinha uma irmã italiana comigo. Essa irmã tremia quando eu respondia àquele senhor. Aquele padre ali perguntou-me porque é que estou na Inglaterra, quem me paga, o que é que eu venho fazer, aprender o quê?

P: E estava lá pelas madres?

R: Eu estava lá para aprender o inglês, porque eu vinha fazer o exame do segundo ciclo na Europa e temos que dominar duas línguas estrangeiras. O português é também língua estrangeira mas eu sabia bem português então precisava de mais uma. Eu tinha de ir para Inglaterra aperfeiçoar o meu inglês. Fui lá 3 meses encontrei esse homem.

P: E depois regressou em 96 e aí chegou a ajudar a guerrilha, a rede clandestina ou não?

R: Quando eu cheguei no aeroporto, os guerrilheiros já sabia que eu estava. Eu nem tinha comunicação com eles. Mas eles sabiam, quando eu cheguei a Baucau, recebi uma cartinha do mato. Deram-me as boas-vindas e eles estavam muito satisfeitos de uma timorense voltar do estrangeiro formada.

P: Quem é que assinava a carta?

R: Era o David Alex.

P: E tem essa carta?

R: Não tenho. Em 99... era um papelinho pequenino. Nem era carta.

P: E o que é que fez ao papelinho?

R: Escondia. Eu não queimei. Escondia mas em 99 transferi-me para aqui. Eu tinha todas as minhas coisas aqui.

P: E não sabe onde estão.

R: Não.

P: E depois?

R: Eu quando vim, eles vinham sempre ter comigo a Baucau. Os casacos que eu trazia para mim por causa do frio, eu dei tudo para eles. Eles precisavam da minha máquina fotográfica, eu dei para eles. Tinha estafetas que vinham ter comigo e que levavam as coisas para o comandante Alex. Depois eu fiquei pouco tempo em Baucau. Eu cheguei em 96, 97 tive de ir para Ainaro, depois do desastre que tive em Baucau. Era 13 de Junho. Ia para Ainaro. Fui eleita Superiora da comunidade de Ainaro. O primeiro mandato que tive como religiosa. Fui transferida para Ainaro. Mas

os do mato sabiam todos os meus movimentos. O que eu fazia. Porque quando eu cheguei em Baucau, os indonésios não acreditaram que eu era freira. Tinha uma atitude muito diferente. Também escolhiam pessoas que conheciam muito bem a Indonésia, os empresários que trabalhavam. Um dia fomos almoçar no hotel e este senhor que fez um encontro forte. Eu discuti e até chorei. Depois queria oferecer-me um aparelho para eu trazer a Timor mas eu não aceitei. Se eu trouxesse aquele aparelho eu era capturada nos aeroportos.

P: Mas que aparelho é que tinha que trazer madre?

R: Ele disse para mim com aquele aparelho eu sei todas as pessoas dos encontros. Eu disse não senhor eu faço as coisas. Eu não preciso dessas coisas. Timor está no meu coração e eu defendo Timor com aquilo que posso. Nós não precisamos dessas coisas. Vinte e quatro anos da nossa experiência. Muitos anos que eu passei. Ainda não eram 24 anos, mas todo esse tempo que passámos ninguém nos ajudava. Até 99 as coisas mudaram. Daí eu estive em Ainaro e os do mato acompanhavam-me e eu passei maus bocados em Ainaro quando já estava preparando para a auto-determinação na opção que deram nas Nações Unidas. Quem era pela Indonésia não me via assim com bons olhos, então era muito perseguida, em Ainaro. Quando saía tinha de levar o passaporte, tudo era uma coisa horrível. Depois eu ajudava os jovens perseguidos. Nós tínhamos ambulância, uma pequena carrinha. Eu esforcei-me para aprender a conduzir o carro porque nos momentos difíceis eu tinha que trazer esses jovens. De noite ia buscar nas casas. Comunicava, eu saía e ia com a ambulância e a sirene ligada. Parecia que transportávamos algum doente. Trazíamos para o convento com a ambulância toda forrada de jornais para ninguém ver, os espiões que caminhavam. Madrugada metíamos as pessoas no carro.

P: E essas pessoas quem eram? Eram guerrilheiros?

R: Não, famílias perseguidas. Jovens perseguidos. E às vezes eu trazia jovens. No meio do caminho desciam e mandávamos para as montanhas.

P: Fazia transporte de activistas, não de guerrilheiros.

R: Sim. Foi assim continuando com a minha contribuição para a Independência. E quando trazíamos até Díli, quando chegávamos lá no alto do hospital em Lahane, o palácio nobre, ia o carro da Cruz Vermelha Internacional. Ia encontrar ali e as pessoas passavam para o outro carro. Mas os indonésios tinham espiões.

P: Mas a madre nunca teve problemas com eles.

R: Eu tinha problemas mas eles nunca tiveram coragem... eles queriam matar-me em Ainaro. Tinha 20 pessoas à minha procura para me matar. Eles queriam matar-me

P: Os indonésios?

R: Indonésios. E quem me disse isto foi um indonésio. Casou com uma minha sobrinha. Ele trabalhava no tribunal. Ele trouxe a filha para baptizar para ser comadre dele para poder comunicar isto para mim. Era um indonésio. E trabalhava no tribunal.

P: Também tinha ajuda de indonésios, era isso?

R: Tinha. Tem pessoas boas em todo o lado. Então esse senhor vinha: “Madre atenção não pode sair de casa. Não pode ir sozinha.” Depois no convento eu recebia pessoas estrangeiras lá de visita. Mas quando chega uma pessoa estrangeira na nossa casa isto é muito perigoso. Mas eu tinha sangue frio. À noite, com as meninas eu mandava cantar as canções do mato. Eu protestava através destas coisas. E eu aprendi a conduzir o carro, eu levava todas as meninas. Nós fazíamos orações antes de 5 de Maio rezávamos. Convidávamos toda a gente e nós rezávamos das 3 horas até às cinco horas. Todos os dias. Mas depois da oração eu saía com o carro. Eu metia um grupo de meninas dentro do carro. Ia dar voltas por todo Ainaro. Para ver a situação. As pessoas desconfiavam. Eu ia até à frente dos militares. Eu passava, era noite e cantávamos. Tinha pessoas que tinham medo. “Madre não pode fazer assim. “

P: Mas isso eram coisas religiosas?

R: Não, nós cantávamos canções do mato. Canções revolucionárias. Eu ensinava as meninas a cantar. Gritava e as meninas no recreio cantavam. E as pessoas: “madre pára, pára”

P: Mas eram em tetum.

R: Em tetum. Cantavam protestos. Cantavam tem pessoas que se matam ali em baixo. Palavras revolucionárias. E então eu ensinava as meninas e as meninas cantavam durante o recreio. Nós somos aqui no nosso país. Eu era (faz gesto com a mão a dizer que não era boa da cabeça)

P: Portanto incitava à luta armada.

R: Eu nunca gostava dos indonésios. Em 99 eu não fui para a Indonésia. Eu era superiora aqui desta comunidade quando veio a madre provincial no dia 6 de Setembro... eu era superiora em Ainaro a situação estava assim...

P: Em 99 no Referendo. Já está no referendo.

R: Sim. Eu vim para aqui, aqui nesta comunidade eu distribuía os panfletos. As Nações Unidas preparavam, aqui era um centro. Em 3 segundos, os panfletos eram

todos distribuídos. Tinha jovens aqui. Iam fazer... por isso queimaram. Entraram posters de Xanana, das edições, tudo aqui dentro.

P: Mas aqui neste convento?

R: Naquela casa ali, foi construída pelos portugueses.

P: E portanto queimaram.

R: Queimaram. Encontraram lá todas as coisas que eu fiz. Mas em pouco tempo. Porque eu vim para aqui era já 30 de Junho. A tomada de posse como superiora deste convento foi em 30 de Junho de 99.

P: E depois do referendo é que vieram queimar?

R: Vieram queimar. A 9 de Setembro.

P: Neste processo todo já percebemos que a Igreja utilizou a sua rede. Isso era consciente da parte da Igreja aqui em Timor de que era preciso utilizar a rede da Igreja no mundo para denunciar?

R: Nós não tínhamos outro apoio do estrangeiro. Só a Igreja. A Igreja estava ao lado do povo durante o seu sofrimento para a Independência. Por isso a nação timorense, o povo timorense deve à Igreja a independência.

P: Mas por exemplo o Vaticano teve uma posição ambígua. O Vaticano nem sempre defendeu Timor.

R: Mas o Papa João Paulo II foi o nosso pioneiro.

P: Não critica o Papa João Paulo II?

R: Em relação a Timor-Leste não porque a Igreja tem as suas redes mas o Papa sempre teve um carinho para Timor-Leste. Todos nós que estivemos, passámos por Roma, o Papa: “eu rezo por vocês.” Se encontrava o Papa para cumprimentar ele abraça e diz rezo por Timor.

P: Sim ele rezava por Timor mas também disse ao bispo D. Carlos que havia 6 milhões na Indonésia.

R: Antigamente nós não tínhamos oportunidade para poder saber todas essas coisas.

P: E a esta distância continua a acreditar no Papa? Na boa Fé de João Paulo II ?

R: Nós acreditamos por causa da sua visita. O único Papa que pisou o solo timorense... a posição da Igreja mostrou ao mundo...

P: Durante a ocupação, Timor teve dois administradores apostólicos. Como era cada um deles?

R: O sangue timorense é sempre um sangue revoltoso. O bispo D. Martinho também trabalhou muito pela independência. E depois o sucessor D. Carlos também...

P: Mas eram diferentes.

R: Diferentes.

P: Como define cada um deles?

R: Antigamente as coisas da Igreja, nós como cristãos ninguém sabia disto. Víamos na televisão, quando o bispo... e quando passavam as notícias, a igreja comunicava aos conventos. Então nós podíamos saber para ir. Mas tudo era uma luta clandestina.

P: Mas D. Carlos foi muito criticado. Os padres não foram à sua cerimónia de entronização. Madre acha que ele foi um bom bispo ou não?

R: Para mim aquilo que ele fez eu não posso negar. Foi bom. Teve coragem e depois no fim da independência, da restauração, deixou e pediu a demissão. Até ao presente o povo timorense quer D. Carlos. Mas é como bispo emérito. Nós podemos fazer o nosso pedido. Nós podemos dizer mas são decisões da Igreja.

P: Como é que foi no referendo? Fugiu também?

R: Eu não quis ir para a Indonésia. Toda a congregação, as irmãs, a provincial foram para a Indonésia. A irmã Rosa Sarmento ficou. Madre Margarida falecida também ficou e eu.

P: E ficaram onde?

R: Eu fiquei com a população. Porque aqui...

P: Estava tudo queimado?

R: Não, ainda não. No dia 26 de Agosto de 99, de manhã nós tínhamos missa na capela, bem cedinho as pessoas estavam no portão. Assim cheio para entrar. Eu disse: “o que é que está a acontecer?” Eu tinha apenas chegado de Ainaro. Era madre superiora desta comunidade.

P: Foi em Junho que veio para cá.

R: Em Agosto, 26 de Agosto eu tinha que abrir as portas para que a população viesse para cá. Eram 810 pessoas, refugiados. Deixavam as casas e vinham todos para aqui.

P: Sempre foi assim. A Igreja foi o porto de abrigo das pessoas.

R: Sim.

P: E acha que foi por causa disso que Timor se catolizou maciçamente durante o tempo da Indonésia?

R: Não. No tempo da Indonésia era obrigatório cada pessoa escolher uma religião. Então as coisas mudaram. Antigamente tinha muita preparação para a pessoa tornar-se católico. Preparação aprofundada nas coisas da Igreja, para ser um bom cristão.

Mas no tempo da Indonésia com toda essa... então as pessoas baptizavam-se sem ter uma formação assim aprofundada sobre a religião católica.

P: Mas eles podiam ter escolhido outra religião e não escolheram.

R: Não. A Igreja aceitou essa...

P: A Igreja foi porto de abrigo também.

R: Sim e as pessoas vinham e o baptismo durante a ocupação indonésia. Por isso agora a consequência desses nossos irmãos que não tinham uma formação de fé cristã, esses males que acontecem é por causa disso. Não conhecem bem como ser católico. Para o católico o que é que deve fazer e o que é que não deve fazer. Porque não conhecem bem e comportam-se assim mal. Agora também continuam a comportar-se. A igreja actuou daquela maneira por causa da situação que nós...

P: Mas acabou por ser um papel muito político, não foi?

R: Sim.

P: E a madre acha que o religioso deve ter esse papel político?

R: Como apóstolo ele deve denunciar os males que fazem. Porque a doutrina social da Igreja- gostei muito dessa disciplina quando estudei.

P: E o que é que diz a doutrina social da Igreja?

R: É defender todas pessoas sem distinção. E Cristo também ama todas as pessoas sem distinção. E nós que somos, temos que dar a nossa vida para defender o que é verdadeiro. O que é justo. Então a Igreja estava ao lado dos pobres, daqueles defendiam o seu direito de ser livres e independentes. Mas de situação para situação não é igual. Então há momentos em que a Igreja teve que afrontar os indonésios. Como padre Alberto Ricardo. Foi chamado, interrogado foi... mas ele nunca falou disto. Sofreu por Timor. Na morte condecoraram-no com a medalha de Nicolau Lobato. Mas em vida não. E ele saiu de Timor-Leste para Roma dois anos por causa da sua participação activa em defender os mais pequenos, os sem voz. Isto é a Igreja. Isto é o trabalho da Igreja. O Concílio Vaticano II... é isto.

P: Acha que o papel da Igreja também pode ser um papel político?

R: Não político. Mas faz o seu dever como Igreja. E a Igreja deve denunciar o que acontece no mundo.

P: Já me disse que no referendo ficou cá.

R: Eu fiquei até 21 de Setembro.

P: E depois saiu?

R: Eu saí com os refugiados porque nós não podíamos... A INTERFET não podia entrar por causa da nossa presença aqui. Eles tinham que ver o terreno contaminado para eles poderem vir, a intervenção da ONU. Mas a intervenção da ONU eu também joguei um papel importante.

P: Mas foi para Timor Ocidental ou para a Austrália.

R: Fui para a Austrália.

P: E depois regressou?

R: Regressei em Dezembro.

P: E depois como é que colaborou com a ONU?

R: Antes. Quando estavam aqui as forças da ONU. Eu quando estava ainda em Ainaro, eu vinha aqui denunciava que eu via que não estava bem. Eu pedia ajuda às Nações Unidas. Porque a UNAMET estava ali naquele edifício. Eu fui lá ter com eles expliquei a situação de Ainaro. O povo era intimidado para votar pela Indonésia. Eu disse isto para eles e eles foram. Eu em 99 entrei novamente no palco político para defender os meus irmãos. Eu tinha isto no sangue.

P: O que é que fez em 99?

R: Em 99 quando estava em Ainaro eu ia contra todas as coisas. Todas as milícias que estavam lá, as pessoas queriam matar-me não conseguiram matar-me. Alguém queria levar-me para caça mas eu não fui. Eu rezo muito. Então o senhor me protegeu. Daí quando eu vim para Díli estive aqui, eu colaborei com as votações. E eu era da Igreja, pediram ajuda à Igreja para estar na caixa das votações, eu também participei. Pessoalmente eu estive durante as votações. Eu lutei antes. Depois fui na caixa fazer vigilância todo o tempo até contagem dos votos.

P: Aqui em Balide?

R: Em Balide. Mas eles destacaram-nos para Turiscai, eu disse assim: “Não, eu não posso ir para Turiscai. Eu sou Superiora da comunidade, tenho 8 irmãs aqui sob minha responsabilidade.” Então transferiram, mudaram. Pediram à Igreja, a Igreja destacou. Mas voluntários. A Igreja não obrigou. Fez um apelo quem quer participar nisto. E isto também é para dar a vida. Mas foi por causa de Timor. Sobrevivi até à presente data. E daí quando eu participei em 99... em Ainaro também houve problemas. Contribuí a trazer os jovens, famílias inteiras para sair de Ainaro, utilizando a nossa ambulância... pessoas com problemas dentro da ambulância...

P: Mas isso foi antes do referendo.

R: Em 99, antes de vir para Díli. Fazia isto e depois quando cheguei aqui a Díli colaborava com.. era o padre Filomeno Jacob naquela altura. Ele trazia as coisas.. aqui era o canal mais flexível e rápido. Em 3 segundos quando as caixas chegam... toda a população. Aquilo para ver como votava. Como se diz...

P: Os boletins de voto?

R: Os boletins de voto. Distribuía os boletins de voto. Tinha posteres do Xanana Grandes. O nosso quarto ali todo cheio dessas coisas. E no meu escritório tinha tudo isso, por isso queimaram.

P: E depois a madre regressa em Dezembro de 99 e também colabora com a ONU?

R: Era uma situação difícil para mim. Porque durante 99 quando eu era Superiora de cá e quando aconteceu 6 de Setembro quando entraram aqui e queriam levar-nos para a Indonésia, eu discuti com eles. Não, aqui quem manda sou eu. Eu tenho jornais, as pessoas escreveram. Eu discuti com eles quando eu... eu tinha 810 pessoas aqui refugiados. Tinha homens e mulheres, crianças, pessoas idosas. Eu tinha de todas as qualidades. Eram 810 e pessoas aqui. E no dia 6....

P: Foi quando anunciaram os resultados e depois houve a mortandade?

R: Mas nós quando saímos de cá eles queriam-nos levar para seguir para Indonésia, eu disse: “não.” Eu recusei. Eu estava ali na porta. Eu fazia vigilância ali na porta, sozinha. Toda a gente estava aqui dentro. Eu estava ali e telefonaram-me de Lisboa queriam falar comigo. Depois ninguém sabia português naquela altura. Mas meu irmão, meu irmão mais velho sabia português, ele atendeu o telefone. Então o meu irmão disse para as pessoas que telefonaram: “a madre Esmeralda está ali no portão a negociar com os indonésios, então ela não pode atender o telefone. Pode telefonar mais tarde. “Eu fiquei ali na porta até às duas horas. Então foram, obrigaram-me a vir para o almoço. Quando eu descii o portão, eu sozinha ali no portão. Mas eu tinha alguma coisa que me defendia. Então estava atrás das colunas da porta, para evitar as balas. Eu estava bem protegida no portão, nosso portão actual. Eu estava ali até às duas horas. Das seis da manhã até às duas horas. Mas ele fazia reunião e eu disse para ele: “se alguém chegar aqui e entrar, nós todos de branco saímos para que eles matem e depois eles podem matar a população.” As irmãs aceitaram. Mas quando na altura as pessoas quando entravam, eu vim lá de baixo às duas horas, eu estava na mesa, sopa no prato, eu comecei a dar ordens: “Nós temos que mudar a estratégia. Esta noite eu comunico com as FALINTIL e eles têm de vir levar-nos embora....” então eu estava falando assim na mesa: “se acontecer alguma coisa, todas nós vestidas de branco

ficamos à frente da população, eles matam-nos e depois podem fazer aquilo à população.” Mas as irmãs aceitaram. E tinha também dois seminaristas. Meu irmão, o padre Jovito estava no Seminário. Então enviou dois seminaristas aqui: “Vai ver aquelas mulheres ali o que é que têm.” Os dois quando chegaram não podiam mais regressar. Ficaram aqui connosco mas sem dormir, sem nada. Nós não tínhamos tempo e nunca tínhamos fome. Era uma situação muito horrível. Então na mesa eu estava falando isto, as milícias entraram. O portão estava trancado, subiram pelo portão e desceram. O rapaz que estava lá em baixo, o Fernando, ele veio à frente bateu na porta: “madre, madre, madre as milícias já entraram. “Então às tantas ele chegou ali naquela mangueira. Eu saí do refeitório. Eu fui lá. Ele tinha a pistola assim na mão, tinha arma branca atrás e tinha pistola na mão, com uns cigarros (faz gesto de que fumavam). Mas tinha uns olhos, era.. mas eu já esqueci do nome desse rapaz. Veio assim, ele estava à frente e todas as milícias atrás deles. E queriam levar a população. Eu disse não. Ele veio e até à varanda e eu disse: “Volta para trás.” Eu dei um berro 3 vezes. Ele veio ficar ao meu lado. Eu disse para ele: “aqui quem manda sou eu. Tu não mandas nada aqui. “Às tantas eu falei assim para eles, ele ficou assim a olhar para mim. Eu chamei , abriram as portas, as pessoas saíram. Eles ficaram todos admirados com tanta população aqui dentro. Eram 810 pessoas aqui alojadas. Todos ali naquele terraço aqui à frente e eu estava a dar ordens, tocou o telefone. Eu saí, eu fui lá. tinha militares todos com as pistolas na mão.

P: Indonésios?

R: Indonésios. Mas de manhã eles trouxeram já combustível para queimar a casa. Nós precisávamos de petróleo, eu pedi petróleo e eles troxeram gasolina. Meteram à frente das portas.

P: E foi aí que saíram?

R: Era uma longa discussão. Eu estava a organizar as pessoas para sair. Tinha uma estátua de Nossa Senhora de Fátima que eu mandei uma irmã segurar isto. As fotografias tinham isto. Eu mandei uma irmã, depois a população, outra irmã. Eu organizava, tocou o telefone. Eu entrei era um telefonema da Austrália. Eu disse à madre que telefonou. Eles queriam telefonar para Lcidere mas por coincidência telefonaram outra vez para nós. Nós precisamos de falar com a madre... Eu disse: “não eu sou a irmã Esmeralda aqui da comunidade de Balide, neste momento estamos a enfrentar uma situação muito difícil. Estão aqui todas as pessoas armadas e eu com a população não sabemos se sobrevivemos ou se eles irão matar-nos. Não sabemos. E

se quer ouvir...” eu peguei o telefone. As pessoas que gritavam, choravam. Eu peguei o telefone aquela irmã ficou chocada. “Esta é a nossa situação, reza por nós, reza por nós.” (faz gesto de quem desliga o telefone). Eu corri porque a população estava ali. Estavam a chorar aqui, eu pensei que eles estavam a matar alguém. Eu corri lá de dentro para fora. Silêncio. Eu tinha uma força quando andava aqui, parecia maluca. Silêncio. “Atenção, atenção. Nós saímos daqui, nós não vamos para... mas vamos para a UNAMET.” Vá fila. Todos os indonésios a baixar as armas assim. Eu quando gritei ficaram de armas para baixo, a população começava a sair. Saíram todos e eu fiquei e agora nem tinha comida. Nós tínhamos aqui tudo. Comida, arroz... aquela casinha ali cheia de arroz porque a madre deu dinheiro para fazer compras para seis meses. Eu gastei todo o dinheiro para comprar os mantimentos mas depois deixámos aqui. Não podemos carregar. Então toda essa população que saiu, saiu sem levar nada. Eu preocupada com a sobrevivência das pessoas, eu fiquei. Eles saíram todos em fila. Os indonésios ficaram calados e eles foram para a UNAMET. Todos em fila. Entraram ali na escola, na escola 4 de Setembro porque a UNAMET estava cheia de gente. Então entraram na escola 4 de setembro. Eu fiquei aqui. Nós tínhamos uma carrinha aqui eu arrumei arroz. Arrumei alguma coisa metendo dentro para dar para essas pessoas. Crianças que choram. Então tínhamos a dispensa toda cheia de despesas que eu fiz. Então eles foram eu fiquei, veio o meu sobrinho. Tinha uma carrinha e veio: “Tia madre, madre depressa.” Eu quando passo ali na porta, as pessoas nunca me chama de madre. Chamavam-me merdeka.

P: Que é o quê?

R: Merdeka é independentista. Merdeka, aquela merdeka que está a vir ali. Eu não me interessava. Eu saía. “Não, não, vem no carro, vem no carro. Tinham medo que as pessoas me apunhalassem. “Fui para UNAMET e depois voltei atrás. Eu voltei outra vez. Eu voltei outra vez com o nosso carro da comunidade para carregar. Eu peguei colchões. Eu peguei alguma coisa para as irmãs poderem dormir. Eu estava dentro arrumando as coisas, vieram cercar-me. Um bateu à porta. Eu estava com duas irmãs só quando um com uma catana assim garnde, queria entrar. Eu ouvi o barulho. “Quem é ? quem é? Madre, madre, madre estão a bater à porta lá debaixo.” Eu tinha voz muito forte naquela altura. Aquela força era a força de Deus. Eu gritava, aquelas pessoas fugiam. Eu continuava. “Não madre vamos embora, está a ecurecer.” Peguei as coisas deitei e dentro do carro voltei para lá. Depois passados uns dias veio a Provincial. Madre Margarida também não quis ir para a Indonésia. Então a Provincial

acompanhou-nos até. A Esmeralda está ali com a população. Veio aquela madre, velhinha. A madre entregou para mim mas eu era jovem, superiora jovem, ela nem acreditava. Ela queria ir nas ruas, eu tinha medo. Depois com o peso do corpo. Eu disse assim: “madre não. Tu, jovem como tu.” Ela começou-me a mandar bocas, eu fiquei calada.

P: Porque ela saía para a rua?

R: Procurar as pessoas, ver as pessoas que sofriam aqui. Ela queria encontrar com as pessoas. Ela queria voltar de novo para Lecidere porque Lecidere já estava queimada. Foi queimada. Então ela queria regressar para ali. Ela não podia estar ali à noite. Mas ela não quis. A madre Provincial pediu-me para ir arrumar as coisas. “Onde está o carro? O carro está na UNAMET. Vai, prepara o carro para a Indonésia. Madre desculpe para a Indonésia, não. “Eu respondi 3 vezes à provincial. A provincial ficou de cara vermelha como um tomate. Ficou chateada, foi-se embora, deixou-me ali. E madre Margarida não quis obedecer-me. Veio a madre Rosa que estava ali connosco. A madre Rosa naquela altura era vigária provincial. Ela veio, viu a situação assim, não podia falar e depois acompanhou-nos. E depois antes do dia 9, era o dia 8 de Setembro, a madre mandou buscar as irmãs para Polga, o centro da polícia ali em Comoro, levaram as irmãs todas para ali e eu fiquei. Eu decidi ficar. Depois a madre Rosa viu-me sozinha. Madre Rosa veio de Lecidere. Madre Rosa aconselhou-me para eu ir para a Indonésia. Eu disse: “não, eu prefiro ir para o mato.” Eu pedi autorização. A madre Rosa na altura era vigária geral, eu pedi autorização: “madre se eu fugisse para o mato eu queria deixar este hábito.” Eu pegava em duas calças da minha irmã e duas blusas e eu ia para o mato. Eu já tinha todas essas coisas. A minha irmã preparou um saquinho e uma pasta pequena para mim. Na UNAMET era dia 6 quando nós saímos. Nós tínhamos saído porque o meu pai estava mal. O meu pai era cardíaco, sofria do coração e estava no hospital. E como esse senhor Eurico Guterres, conhecido milícia, ele ia lá ninguém podia estar ali. Nenhum homem podia estar no hospital. Então os meus cunhados tinham medo. Tinham que deixar a minha mãe e o meu pai sozinhos no hospital. No dia 13 de Agosto telefonaram para mim. Eu fui busca-lo ao hospital. Trouxe para aqui juntamente com outras pessoas aqui. Nós saímos de cá fomos para lá. E tinha esta situação a madre mandou ir para a Indonésia eu não quis ir. Eu fiquei. E no dia 10 assaltaram a UNAMET e levaram embora o carro da madre Rosa com as suas coisas dentro do carro. Ela ficou sem nada. E as irmãs foram todas embora. Deixaram as coisas ali tudo...

P: Então e a mãe foi para a Austrália.

R: Eu fui mas já no dia 21. Eu estava a trabalhar ainda com essas pessoas. Porque dia 6 era uma reunião de decisão. Daí é que eu falei. Eu falei fortemente aos americanos. Eu disse, eu fiz um resumo de 75 a 99 em 20 minutos. Mas eu não sei o que falei tudo.

P: Ali na UNAMET?

R: Ali na UNAMET. Perguntaram-me em inglês? “Bahasa indonésio não. Eu quero falar em português.” Eu falei em português. Uma senhora que antigamente era directora aqui da UNASL, Cristina eu não sei se espanhola ou latino americana, falava espanhol. A Cristina era a pessoa que quis traduzir para inglês para os americanos, aquelas pessoas da UNAMET. Éramos 3 pessoas. Eu e mais dois homens. Aqueles dois homens nem sabiam falar. Então eu tomei a palavra e falei. Expliquei para eles. Eu disse assim: “nós somos um povo, nós já estamos nisto há 24 anos, nunca vimos apoio nenhum. De todos os países soberanos do mundo ninguém veio apoiar. Nós lutávamos com aquilo que nós tínhamos. Quando vocês entraram aqui em Timor, eu falei para vocês: eu conheço os indonésios da ponta dos cabelos até à ponta das unhas dos pés. Vocês não acreditaram. Agora vocês acreditam? O batalhão na rua é para defender ou para ou para fazer mal? Nós sem artilharias pesadas, nós conseguimos resistir até estes 24 anos. E quando vocês chegaram contámos isto para vocês mas vocês não acreditaram. Então agora também eu não acredito em vocês.” Falei na cara deles. “Eu não acredito em vocês. Por isso aqui quem manda sou eu. Quem faz negociações sou eu não vocês.” Falei na cara deles. Choravam.

P: Estava a falar de quem?

R: Eram o mister Patrick que fazia a comunicação do Ian Martin para nós. Este senhor chorou, este americano que se chamava mister Patrick. Ele chorou toda a noite. No dia 20 à noite era um encontro, um encontro de emergência para decidir. Porque a UNAMET devia sair então depois do nosso encontro quando eu falei para eles, eles pensavam que eu nem sabia utilizar o computador. Pensavam que éramos atrasadas. Eu sabia, eu estudava em Roma e fiz a minha tese em computador. Depois da reunião eu pedi para eles, à UNAMET para dar um computador para mim para registar toda a população da UNAMET pois nós sabíamos que eles vão-nos fechar, vem as milícias e matam. Eles matam, eu faço a lista agora, eu dou uma lista para vocês, uma fica para nós. Aquilo que fica para nós, eles podem matar mas aquilo que

está escrito está escrito. Para que no futuro, as famílias que vierem procurar os seus familiares encontrem a lista. Quem estava aqui, quem foi morto aqui nesta área. Eu fiz isto. Ficaram todos... então deram-me um computador onde eu estava. Com o pesadelo, eu estou a enfrentar uma situação muito difícil, o sono não me deixava. Eu olhava para o computador, caía. Eu desde 26 até...eu nunca dormi. Nunca dormi e nunca comi.

P: Quantos dias é que esteve sem dormir?

R: Desde 26 de Agosto.

P: Até quando?

R: Até 21 de... quando eu ia para a Austrália também não dormia.

P: Madre teve que dormir.

R: Garanto, eu perdi o sono. De noite eu fazia aqui vigilância. As pessoas estavam dentro, eu a ver os movimentos.

P: Isso é muito tempo sem dormir madre.

R: Não. As irmãs todas medrosas. Nenhuma tinha coragem de me apioar. Vinham ingleses, eu é que falava. Elas estudaram inglês mas não saía uma palavra.

P: São situações de stress e mete medo...

R: Mas eu inglês, que língua que vem, eu falo. Enfrento as pessoas, explico as coisas até ao último momento. Até sair, deixar Timor, deixar aqui a comunidade e ir para a UNAMET. Ali na UNAMET eu era um ponto de referência. Quando vinha com uma cara um pouco sorridente mas quando venho com uma cara séria, todos de pé. “Madre, madre, o que é que vai fazer? Silêncio.” Eu nunca penso nas coisas mas eu faço as coisas de momento justo, organizo as pessoas. De repente faço a organização. Tudo deu certo até à evacuação.

P: Neste processo todo qual acha que foi o papel da Igreja?

R: Para mim o povo não tinha voz naquela altura. A Igreja- isto diz no “Gaudium et spes”, nós temos que ser a voz dos servos... nós somos...para ser a voz dos sem voz. A Igreja ganhou a estima do povo porque estava ao lado das pessoas que sofrem. A Igreja desempenhou um papel muito importante pela independência. Estar ao lado daqueles pequenos, daqueles que ninguém recorre no mundo.

Anexo 37

Entrevista padre João de Deus Pires

O padre João de Deus é um sacerdote salesiano português. À data da entrevista estava na paróquia de Laga, distrito de Baucau. Na altura estava com 87 anos. Quando se dá a invasão tinha 44. Foi enviado para Timor-Leste em 1958 quando tinha perto de 30 anos. Foi para Díli e ficou responsável pela escola primária salesiana. Depois, em 1962, é enviado para Baucau onde é o primeiro salesiano a estabelecer-se. Em todo o distrito de Baucau abre dezenas de escolas. É ele que inicia o projecto do Colégio de Fatu Maka. Durante o tempo da ocupação indonésia nunca saiu de Timor e apoia activamente a resistência civil e armada.

A entrevista foi realizada em Laga, Timor-Leste, a 27 de Julho de 2015

Pergunta: Há quanto tempo está em Timor?

Resposta: Eu estou em Timor há 57 anos.

P: 57 anos em Timor?

R: Quer dizer, cheguei cá a 4 de Janeiro de 1958.

P: 57 anos em Timor. Chegou cá com vinte e ...

R: Com 28 anos

P: 28 anos. E o que é que o trouxe para cá?

R: Na brincadeira seria o avião é que me trouxe. Antigamente é que vínhamos de barco mas eu já vim de avião. E naqueles tempos o normal era vir por via Batávia, por Jacarta. Foi quando se deu aquela independência de Timor holandês que houve aquela guerra entre a Indonésia e a Holanda e então as nossas comunicações era Díli-Batávia. E eu ainda tive o bilhete, o passaporte... o bilhete para cá, via Batávia. Mas depois houve aquele confronto, tive de mudar via Darwin. Vim pela Austrália. E vim de barco até... Cheguei cá dia 4 de Janeiro. Saí de Lisboa no dia 27 de Dezembro de 57 e cheguei era 58. Demorei aquele tempo todo. Cinquenta e sete até dia 4 é que cheguei aqui. Parei em Roma, em Banguécoque e depois em Darwin.

P: E o que é que o fez vir para cá, padre?

R: Obediência. Como sou religioso e tinha feito voto de obediência dos meus superiores... a Deus, através dos meus superiores. O meu superior disse: “prepara-te e vais para Timor.” E pronto foi isso, não foi pedir, não foi voluntário, voluntário humanamente falando. Foi uma ordem que recebi.

P: E gostou. Para ter cá ficado este tempo todo.

R: Inicialmente não gostei mas depois, obediência é obediência. Depois talvez, só de estar cá em Timor... é que comecei a gostar de Timor. Depois tive muitas oportunidades de regressar mas dadas as circunstâncias políticas...decidi ficar, a primeira vez 10 anos sem ir a Portugal. A segunda vez fiquei 27 anos, 27 anos sem ir a Portugal, no tempo da Indonésia. Agora tenho ido. Ultimamente agora, neste novo século.

P: É de onde em Portugal, padre?

R: De uma terra muito bonita. Freguesia de Moraes, naquele tempo. Concelho de Macedo de Cavaleiros. Distrito de Bragança.

P: Trás-Os-montes.

R: É um transmontano que são um pouco diferentes. Mais fortes do que os portugueses.

P: Estava cá então na altura da invasão?

R: Sim, sim.

P: Ainda em Laga? Esteve sempre em Laga?

R: Não.

P: Então conte-me por onde é que passou?

R: Quando cá cheguei em obediência fiquei 4 anos em Díli lá numa escola primária que tínhamos. E naquela altura só havia duas escola primárias em Díli. A pública, do estado, uma, e a nossa da Igreja que era salesiana, em Díli, naqueles tempos. E eu fiquei lá encarregado da escola portuguesa durante 4 anos, em Díli. E depois lá fiz o meu trabalho ao meu jeito e , pelos vistos também ao jeito do bispo daquele tempo, D. Jaime Goulart o qual depois pediu aos meus superiores lá de Portugal – que nós dependíamos sempre de Portugal- e mandaram-me para Baucau. Antigamente não tinham presença salesiana em Baucau. Só tínhamos em Díli e Fuiloro. A partir do ano 62 então é que fui o primeiro salesiano destacado para Baucau onde comecei então a ser, naqueles tempos dizia-se superior da missão, a trabalhar. Em todo o distrito de Baucau havia só um padre quando eu vim.

P: Que era o senhor padre?

R: Era só eu, inicialmente.

P: Senhor padre, está com que idade?

R: Ainda só vou nos 87.

P: E portanto foi para Baucau e depois?

R: Depois em Baucau comecei a trabalhar. Tive bastante jeito. Eu como sacerdote digo sempre que foi a vontade de Deus e depois, D. Bosco. Eu sou salesiano e depois D.Bosco. S. João Bosco que é italiano da congregação salesiana. Nós lá em Portugal temos muitas casas (S. José, Estoril, Manique). E eu depois durante aquele tempo, Timor dependia de Portugal e mandaram-me então a mim também no ano 58 vim parar a Timor já como salesiano, mas na Igreja local. Eu vim para Baucau, abrir uma primeira presença salesiana em Baucau. Fui eu que a abri. E fiquei 6 anos, praticamente só, fazendo aquilo que podia. Como estava a dizer tive então a benção de Deus e de D. Bosco e adaptei-me muito bem ao ambiente com uma grande amizade que tinha das autoridades portuguesas inicialmente mas também das autoridades locais a quem chamam liurais. De todos os postos: Baguia, Quelicai, Vemase. Dei-me logo muitíssimo bem e então, naqueles tempos, eles ainda eram reis e verdadeiros reis que mandavam e o povo obedecia-lhes. De maneira que combinava

com eles fazia aquilo que os liurais pediam e que nos parecia que era bem. Então começámos a trabalhar somente nas escolas. Em vez de eu começar a pedir “oh liurai vamos fazer uma capela?” Não, pedia: “oh liurai vamos fazer uma escola.” Porque não havia nenhuma escola em parte nenhuma. Quando eu cheguei não havia escolas. Depois havia aquela recepção que nos faziam. E depois aquela quantidade de crianças. Eu sou salesiano, D. Bosco para a juventude. Então lembrava-me logo, tinha uma ideia: abrir uma escola. E propunha aos liurais. Ficavam admirados nunca ouviram falar de escola porque um ou outro que falava português, que tinha andado na escola de Soibada. Que houvesse um por cento naquele tempo que falava português e que tinha sido instruído. E eu explicava: “é fácil fazer uma casa grande à maneira vossa que fazeis a casa do povo, etc. Mas o prego e essas coisas?... Isso fica por minha conta.” Ao cabo um mês, dois meses estava uma escola de 16 por 8 feita. Arranjavam um professor que falasse português com a 4ª classe e já era professor. Então as crianças todos os dias já iam para a escola aprender um pouco de português e ao mesmo tempo aprendiam a religião. Rezava missa... e os filhos iam para casa, uma ou outra falava português e diziam: “oh pai eu já sei rezar a Avé Maria.” Enquanto se eu partisse do princípio de igreja, seria fazer uma capela, muito bem, eles fariam também... Ficava fechada. Só três, quatro meses, quando o padre lá pudesse ir é que se abria. Não ganhava nada, para meia-dúzia de cristãos. Enquanto que a escola não. Quando eu desse lá missa, a escola era igreja para mim. Tinha tudo: o professor que ensinava tudo, era o catequista para mim. Foi uma inspiração muito salesiana para o desenvolvimento de Timor na nossa zona que é onde agora é mais...A outra zona Oeste lá de Timor tem poucas escolas. Só tinha uma na Maliana. Quando nós aqui temos em todos os lados.

P: Tem em todos os lados?

R: Só eu fiz mais de 60 escolas. Abri mais de 60 escolas.

P: Fez mais de 60 escolas?

R: Fazia uma escola. Era um esforço para sustentar o professor. O resto não havia mais despesas. O material da casa eles é que contruíam... Um professor não tinha mais nada que fazer... fazia como podia inicialmente e precisava de viver. Depois foi o grande desenvolvimento que teve aqui, naqueles tempos e mesmo para o distrito de Baucau .

P: Sim porque os portugueses não faziam quase nada. A administração portuguesa...

R: Já começava a haver escolas municipais. Já começava a haver uma ou outra, municipais. Os portugueses já começaram tarde. Especialmente o grande impulso que Timor recebeu foi com a separação de Goa. Nesse momento é que abriu os olhos aos portugueses. Então é que vieram para cá os primeiros militares portugueses que também não havia. Havia um ou outro destacado a fazer certos postos assim como autoridade. Assim como defesa, defesa, não havia cá militares. Então vieram para cá uma companhia, etc. E desenvolveram mais. Mas agora ultimamente... a distância, as dificuldades... já aqui estavam. Mas estou a dizer-lhe uma capital, Díli, só tinham uma escola primária e tinha o liceu até ao sétimo ano. Não havia mais nada. Só o Liceu até ao sétimo ano é que havia... estava muito, muito atrasado.

P: Foram sempre os padres.

R: Sim os padres tinham já 3 colégios: Ossú, Soibada e Maliana que era colégios de internatos e então os filhos dos liurais daqui e de além é que iam para lá. Eram os senhores doutores. E os funcionários naqueles tempos com a 4ª classe mas que aprendiam a falar bem português com a 4ª classe e eles depois é que eram, a idade permitia, e eram os funcionários timorenses... nos últimos tempos que Portugal cá esteve. Era uma família portuguesa em Díli. Era muito fácil ver um funcionário timorense a beber uma cerveja no Sporting e no Benfica que já existia. Rudimentar mas vive-se conforme as circunstâncias e fica-se alegre com o que se tem, se se faz com amor. Ultimamente eu gostei do ambiente que se vivia cá em Timor.

P: Ultimamente no tempo dos portugueses?

R: Já nos últimos anos. Antes era muito isolado. Agora não. Havia um pouco de movimento que se notava, em Díli. Também agora, se continuasse agora até aqui. Em Díli, para mim agora há independência. Timor já é independente. Díli é independente, não é Timor para mim. Díli tem movimento, tem várias casas. Quem é que vê no caminho as estradas. Se for daqui a Quelicai, se for para Baguia, que horror...

P: Não há nada.

R: Não há nada. Eu por mim posso-lhe dizer para mim aqui na nossa zona ainda vivemos uma anarquia civilizada. Agora... as duas palavras para ver se podem conjugar-se: anarquia ainda... polícia já há mas não há. Prendem onde é que vão dormir, onde é que vão comer. Fiz uma inclinação de água mas um indivíduo porque tem sede pega na catana e corta o cano e bebe água e vai-se embora e água já não temos. Mas já não há soco, já há respeito, já não há... porque já estamos fartos da guerra e de tudo. Agora Díli já se nota. Mas só por dizer que a nossa presença

inicialmente de Igreja de facto, ajudou. O Estado trabalhava à sua maneira. Eram poucos os portugueses que também cá estavam. Tinha um posto qualquer de Bagueia, estava sei lá, o senhor administrador do posto e mais nada. O resto... quem é que ia lá? O doutor de Baucau ia lá a correr quando era preciso ver. E o padre uma vez por ano, ou por mês...Eu ia todos os meses. Os outros padres antes de mim iam lá de 3 em 3 meses ou isso.

P: E depois vem para Baucau e aqui fica? Quando é que vem para Baucau?

R: Eu vim para Baucau no ano de 62. Um de Janeiro de 62. Comecei a ser então, naquele tempo não seria pároco. Era superior da missão de Baucau. Como estou aqui a dizer, comecei a percorrer todos os postos e abria então escolas, fazia o que se podia. Tanto que não havia aquela ânsia que depois no tempo da Indonésia se deu dos baptismos da quantidade de cristãos. Era conforme se podia, conforme eles queriam. Grupinhos, grupinhos com todo o respeito. Eu creio que antes da invasão da Indonésia houvesse 12, 15 % de católicos não havia mais...

P: Dizem 30%, 28, 30%.

R: Para mim não chega... pela minha experiência não chegaria a isso. Eu ia a um posto, avisava. Se estivessem lá entre 200 ou 2 mil ou 3 mil pessoas naquele posto, havia 200 que eram católicos. O resto era tudo gentios. Mas tudo vinha, as autoridades, tudo vinha receber o padre porque era a única novidade que eles tinham. Quem é que lá ia? Não havia rádio, não havia televisão. Não havia isto. Na obscuridade se vivia. De maneira quando ouviam dizer: “vem cá...” Tudo querem ver. Era uma grande novidade. Quando então vim ali para Baucau comecei a girar. Naquele tempo com uns 33 anos a fazer esse trabalho todo. Boa saúde. Tinha boas pernas para andar. Sabia da minha terra, naqueles tempos que era criança, andava de cavalo onde nasci e vivi. Fiz a minha 4ª classe nunca tinha visto um carro, nem telefone nem nada. Nunca vi nada. Depois vim para o Seminário em Portugal mas só depois é que saí da minha terra e vi essas coisas todas. De maneira que aqui estava mais adiantado do que nós naqueles tempos. Estava habituado, para mim não era novidade o ter que andar a cavalo, o ter que andar a pé, essas coisas...

P: Estava habituado na sua terra.

R: Na minha terra era tudo normal. E compreendia e aceitava e procurava dar-lhe ideias para fazer esta estradazinha. Claro combinávamos muito bem com a autoridade local e desenvolvemos então, como lhe disse...

P: As escolas...

R: As escolas. Foi aquilo que distinguiu, eu pessoalmente a trabalhar em Timor. O que distinguiu na Igreja foi ter começado por escolas e não por igrejas na construção. Neste momento, nós aqui em Baucau, esta paróquia em Laga tem 42 escolas. Enquanto que ninguém mais tem. O Estado agora também já tem. Mas, por exemplo, católicos noutras missões não há igrejas católicas. Não têm. Se for a outro lugar perguntar onde é que há, é na zona de Baucau onde em primeiro lugar teve o padre João. Porque eu agora estou aqui mas... era a mesma coisa. Venilale. Por onde eu estive encontra...

P: Então e esteve onde?

R: Inicialmente ali em Baucau e naqueles tempos nós estávamos a trabalhar cá para a Igreja. Disse-nos o nosso bispo daquele tempo, Jaime Goulart: “vós os missionários portugueses que vindes para aqui, vindes a desbravar o terreno para entregar a Igreja para formar a Igreja para os indígenas.” Eu como salesiano trabalhava para a minha congregação salesiana, não. Eu trabalhava. Por isso, neste momento não está bem definido ainda, mas as casas que nós temos salesianas, ainda são da diocese. O senhor bispo pode mandar-nos embora. Nós é que fizemos tudo. Eu é que fiz esta casa. Não havia nada em Laga. Não havia assim nada de Cristianismo. Temos a Igreja, temos escolas, temos esta casa. Foi tudo no meu tempo é que fizemos isto aqui. Mas ao fazer naquele tempo estava convencido que não era como salesiano. Era Igreja. Ora a Igreja, com a independência aquele poder sobressaiu e são 3 dioceses. Já não existe como antigamente, nós dependíamos directamente de Roma. O bispo era administrador. Daqui da Igreja Católica em Timor era o Papa e tinha cá o D. José que era administrador. O D. Carlos Ximenes era administrador. Agora são bispos de locais, por isso agora estamos neste momento assim. E então eu que trabalhei nestas coisas, só igrejas que estejam habilitadas para ter o santíssimo são 16.

P: Aqui? Aqui em Baucau?

R: Sim em Baucau, na zona de Baucau que eu fiz 16 igrejas.

P: E escolas?

R: Escolas, definitivas, definitvas, são para aí umas 30, 40 ou 50. No meu tempo era com os materiais... mas agora que seja já com os materiais definitivos que nós tivémos feito já foi com ajuda do Estado. No tempo português não. Ajudou-me numa escola que me ajudou muito. Mas outras escolas, nós podíamos angariar meios pedindo ajuda lá fora, na missão. Pedíamos aqui para podermos manter o pessoal que nos ajudava a trabalhar.

P: Senhor Padre esteve em Baucau e depois?

R: Depois de Baucau. Já lhe disse que nós vínhamos para desbravar mas depois quando estivesse pronto, nós salesianos tínhamos que continuar. De maneira que pensássemos em fazer algo móvel para nós. Não fazer para a Igreja directamente. Indirectamente é para a Igreja que estamos a trabalhar, mas directamente então para a Igreja salesiana. Então aí é que nasceu a ideia de Fatu Maka. Há-de lá ir a falar com o Padre Locatelli.

P: Amanhã.

R: Há-de ver aquela obra lá feita. Ora aquele colégio é um centro. Foi feito tudo no meu tempo. O terreno fui eu. Encarregou-me o provincial daquele tempo. Fomos com o governador, Álvaro e Correia (engana-se no nome porque o governador, nesta altura seri Alberty Correia) cumprimentá-lo e falamos-lhe: “nós queremos fazer uma casa para nós. Está bem. Está bem. Eu não acredito em Deus e essas coisas mas conheço os salesianos de Macau.” Porque como militar tinha estado em Macau, conhecia os salesianos lá de Macau. Pronto a ajudar-me. “O padre João é que fica encarregado. Então padre arranje lá um lugar para amanhã falar comigo.” Então pronto vim aqui para Baucau. Onde é que hei-de arranjar o local? Caiu-me o coração sobre aquele lugar que lá há-de ir amanhã em Fatu Maka, que era deserto. Deserto. Só pedras e árvores. Não havia nada ali que nós estamos. Só havia timorenses, casas, duas casinhas, 3 casinhas pequeninas lá. O povo vendeu-me facilmente. Fizemos aquela obra que é nossa salesiana. Escola técnica que é a melhor de Timor. Vai ver mesmo os funcionários que estão lá em Díli nas repartições, são todos nossos antigos alunos. Então depois de acabar, no meu tempo que era seis anos de Superior em Baucau, fui para aquela casa que eu estava a fazer. Depois ao mesmo tempo tinha aquela força de saúde, ao mesmo tempo fazia a missão de todo o distrito de Baucau. Estava a construir a igreja de Bercoli, a igreja de Bucoli e o colégio de Fatu Maka ao mesmo tempo. E de onde é que vinha o dinheiro? Para o colégio de Fatu Maka foi assim, o governador disse-me: “veja lá, encontre o lugar e depois venha falar comigo.” Eu encontrei aquele lugar e fui ao governador: “oh senhor governador já tenho um lugar assim. Sim senhor, então 200 mil escudos. Leve lá. Comece e trabalhar.” Depois quando estava atrapalhado era a ele que recorria e ajudava-me. Agora Fatu Maka inicialmente fui com apoio do governo e ficou Escola Agrícola de Timor, oficialmente. Tanto que o comandante, grande Lere era antigo aluno daquela escola.

P: O Lere?

R: O Lere é meu antigo aluno lá na escola. E outros colegas dele também grandes, andaram lá nessa escola. E depois fiquei por ali. Como desenvolvemos o distrito de Baucau, chegamos a 1988, fizemo uma grande festa, festa dos 100 anos da morte do nosso fundador São João Bosco. Então fazer algo, a Igreja de Baucau dividiu em 3: Laga, Venilale e Baucau. De uma paróquia dividiu em 3. O movimento destas igrejas e tudo, que havia pessoal, então dividimos. E eu então vim destacado aqui para Laga e fiquei aqui.

P: Então está aqui em Laga desde quando?

R: Directamente assim fixo como residência, desde 1988.

P: Portanto não apanha a invasão indonésia em Laga. Estava onde na invasão?

R: Estava em Baucau.

P: E como é que assiste à invasão, padre? O que é que se lembra?

R: Quantas histórias... primeira coisa foram os partidos.

P: A guerra civil...

R: Os partidos. Já ouviu falar do que é a luta do galo?

P: Sim, está-se a referir à guerra civil.

R: Sim. Tudo isto eu ia dizer. A luta do galo, alguém que atíça... porquê? Porque Portugal naquela altura da independência, Portugal, no 25 de Abril, como é que ele ficou?... em Timor havia, então, os partidos. Portugal lavava as mãos... Timor nunca foi comunista. Naquele tempo era o major Jonatas e o major Mota é que vieram naquela altura é que atíçavam: UDT, FRETILIN...é que faziam baralhar tudo aquilo. Uma confusão dali primeiro. Até que no fim então começaram a dar os primeiros sinais...

P: De desentendimento.

R: De desentendimento quando vieram estes indivíduos e vieram estudantes comunistas (o Reis e etc) vieram com essas ideias comunistas. A UDT então nem pensar. Então pronto separaram-se e fizeram o golpe. Apesar de que o partido da UDT era também a favor da independência mas era lenta. Queria ficar, dez ou cinco, juntamente com Portugal a preparar... mas já maduros. Tipos de 40, 50 anos, César Mouzinho que tinha estudado na Casa Pia, o Santana era outro. Havia homens que eram os da UDT. Mas depois no fim fizeram o golpe. Infelizmente fizeram-no mal feito e sem forças porque os outros é que tinham apoio e apoderaram-se das armas todas do...

P: Do paiol.

R: Do paiol sim. E então eles tinham mais condições militares, aqueles jovens, alguns oficiais timorenses, eram oficiais do Exército português. Agora a UDT, eu estava em Baucau quando deram os primeiros sinais daquilo. Ficámos logo de parte. Não participámos naquilo nada...calava. Porque eu era amigo de todos, mas realmente sobressaía o César Mouzinho que agora irá publicar no dia 15 de Agosto, um livro aqui. A esposa virá a Timor agora.

P: O César Mouzinho?

R: Esse vale a pena perguntar quem ele era. Para mim é o número um timorense, para mim. Naquele tempo que eu vivi em Baucau é que era o chefe da UDT. Era o presidente da câmara de Díli naquele tempo. E depois no fim vinha aqui, a esposa ficava aqui em Baucau a tomar conta da pousada que era do governo. Mas ela é que tomava conta. E ele vinha muito aqui por Baucau. Tinha sido um salesiano aqui em Díli, antigamente. Ele é timorense. O pai seria goês a mãe é que era timorense. E então esse aqui em Baucau fez o golpe e, no fim, foi o contragolpe. Foi um drama muito grande ali em Baucau. Os da FRETILIN estavam presos. Até vieram aqueles comunistas de Portugal no avião e abriram as portas da prisão e então o Mouzinho nesse momento teve de se esconder. Eu é que o escondi. A verdade é que ele arranjou um avião da Austrália que vinha cá buscar muita gente. E mandou a mulher e os filhos embora. E eu: “Porque não vais? Eu? Meto o meu povo na guerra e fujo? Não, morro com o meu povo.” Foi morrer mesmo mártir. O que lhe bateram...

P: Mas a este Mouzinho.

R: A este Mouzinho. Estou a falar deste Mouzinho. César Mouzinho. Disse essa frase. Eu meto o meu povo na guerra e fujo. Porque ele é que mandava toda a gente embora, podia ir-se embora. Mas não quis. “Eu meter o meu povo na guerra e fujo. Não morro com o meu povo.”E morreu. Depois mataram-no em Aileu. Está um livro publicado. É um livro assim já grande.

P: Padre e então a invasão. Conte lá como é que viveu a invasão aqui?

R: A invasão devia-se ter dado no dia 29 de Novembro. Mas o Ford, o presidente da...

P: Estava lá...

R: Não se esqueça que existe a CIA. O presidente da América veio mandou parar. Dia 29, não avançam. Foi à China. Qual era o comunismo lá de Portugal: liga à Rússia ou liga à China? Viu que ligava ao da Rússia. Então... avançar. Então no dia 7 de Dezembro houve a invasão. Como já tinha havido os atritos, muitos fugiram para Atambua, etc. E lá esses já vinham com militares australianos (engana-se. Deve estar

a referir-se a indonésios), auxiliados, para abrir o caminho. Entraram ali em Baucau, eu fui a recebê-los. O povo todo escondido, todo cheio de medo, claro. Eu é que quando eles chegaram fui logo ter com eles: “o que é que vocês querem?” Vesti a batina para saberem que era padre. Depois então como os padres já tinham fugido para a Austrália, o bispo nomeou-me a mim também como pároco de Manatuto. Então todo os sábados ia para Manatuto.

P: Portanto a entrada dos indonésios aqui em Baucau foi simples.

R: Calma

P: Não fizeram mortos?

R: Não, nada.

P: Nada. O senhor padre foi recebê-los?

R: Recebi-os, particularmente... ali até um certo Manuel Carrascalão, vinha na luta também e éramos amigos, vinha cansado: “ai padre, dê-me licença, deixe-me ir a sua casa tomar banho. Já há não sei quanto tempo que não tomo banho...” eu fiz caridade mas então os da FRETILIN: “tu é que recebeste em tua casa.”

P: Puseram-se contra o padre os da FRETILIN?

R: Então fui prisioneiro a FRETILIN.

P: Foi? Então conte lá?

R: Eu ia a continuar. Depois de estar aqui em Díli, como era de Manatuto... eles entraram no dia 7, eu a 14 fui para Manatuto, que eu era pároco de Manatuto, fazer o Natal. Estávamos em Dezembro. Então quando ia...

P: E eles já tinham chegado a Baucau ou não?

R: Já estavam em Baucau. Chegaram aqui logo no dia 7 ou 8.

P: Chegaram pouco tempo depois da invasão.

R: Quando chegaram em Díli entraram ao mesmo tempo aqui?

P: Entraram logo.

R: E então quando eu ia pelo caminho ia um pára-quedista da Indonésia, um batalhão que desceu em Baucau, a pé para Manatuto. Foi assim que entraram em Manatuto. Porque em Manatuto só entraram no dia 31 de Dezembro. Eu a chegar ali a Vemassee, no caminho, antes de chegar a Baucau, prenderam-me ali no mato. Tiraram-me o carro prenderam-me. Quase que me bateram mas não me bateram e levaram-me prisioneiro para Manatuto. E eu fiquei lá prisioneiro na residência dos padres. Em cada porta e em cada janela uma arma. Até que depois o comandante mandou-me para o Remexio. E eu passei a noite de 25 de Dezembro, do Natal, passei a noite no

Remexio. Perto lá em cima de Díli. Fica lá em cima. E então para lá fui prisioneiro até ao dia 31 de Dezembro...

P: Mas os indonésios ainda não estavam. Aquilo eram as “zonas libertadas”?

R: Pois ainda estava a FRETILIN.

P: Ainda lá estava a FRETILIN.

R: Eles só entraram a 31, à noite, de Dezembro é que entraram...

P: A FRETILIN dominava.

R: Dominava. Prenderam-me, bateram-me, a FRETILIN. Depois a Indonésios também me bateram por duas vezes ou 3. Como um timorense. Não havia distinção.

P: Eles bateram-lhe e porquê? Qual é que era o argumento da FRETILIN?

R: Porque diziam que eu era contra a FRETILIN, que eu era a favor da UDT e da invasão, que eu era a favor da invasão. Como lhe disse, que eu recebi o Manuel Carrascalão com o indonésio, a dar banho, etc.

P: E então e depois foi libertado?

R: Depois no fim já em Manatuto todos fugiram para o mato. Depois o único que fiquei lá fui eu.

P: Preso? Mas depois não tinha sido levado para o Remexio?

R: Fui lá mas vim logo outra vez. Levado, cheguei lá no dia 24 à tarde e depois à noite os de Díli fugiram para o monte. Sabendo que estava Natal e eu celebrei a missa de Natal para muita gente lá no mato, lá numa escola.

P: Preso, celebrou a missa.

R: Estava preso mas depois. Mas a FRETILIN, estava outro comandante da FRETILIN que era o João Branco, muito meu amigo (morreu também). Esse é que me salvou a vida. E depois esse no dia 25 quando a Indonésia ia a passar por ali, ele mandou-me outra vez para Manatuto. De maneira que prisioneiro lá no Remexio só fiquei uma noite.

P: Mas a missa de Natal celebrou no Remexio?

R: No Remexio. Depois às dez horas eu estava ainda na Igreja, toda a gente se queria confessar, tudo aflito. E veio esse João Branco: “Temos de ir embora que a Indonésia estão aí. Quer ir connosco? Doente fico assim convosco no mato?! Ou quer ir para Manatuto? Quero regressar para Manatuto.” Ele ainda tinha poder, telefonou e mandou o carro que Manatuto tinha, era o jipe que eu usava e vieram-me buscar...e quando cheguei depois a Manatuto outra vez, o comandante de Manatuto é que me bateu.

P: E bateu-lhe com base, com que argumento? Que era amigo da Indonésia?

R: Sim, claro. Depois quando fiquei lá prisioneiro deles, no Natal até 31 de Dezembro. Ora mesmo no 31 de Dezembro foram lá buscar-me para me levar para o mato. E então é que eu disse aos soldados, mas olha que estamos aqui e além... Temos ordens, temos ordens. Mas eu digo: “olha lá tu não fizeste o Natal. Tu és católico, eu conheço-te. E se a gente rezasse uma Avé Maria?” Inspiração de Deus, não é? Depois de rezar a Avé Maria: “o padre quer ir ou quer ficar? Eu quero ficar. Então fica. Benção.” E fiquei e eles foram para o mato e eu fui o único que ficou em Manatuto, em 31 de Dezembro. Depois dia 1 de Janeiro, os militares indonésios entram e eu apresentei-me outra vez a eles como tinha feito em Baucau. “Ah você ainda está aqui!” Sabiam que eu estava prisioneiro. Só foram muito mal educados como eram porque se a Indonésia entrasse com luvas nas mãos e tivesse sido educado, Timor era Indonésio. Porque a FRETILIN eram cruéis, cruéis, cruéis. De maneira que todos queriam a Indonésia. Quem é que não queria? Até eu naquele momento. Com aquela tarefa que apanhei, como me trataram. Depois ao cabo de uns dias, os indonésios chegam, matam, enforcam, batem. A mim um indivíduo também me queria bater. “Quero o relógio. Não dou.” E ele pega num punhal. E eu: “também não dou.” Um transmuntano não se rende assim com duas cantigas. Rasguei logo o dicionário. Eu andava já a aprender indonésio. Logo ao fim de Janeiro já ninguém queria mais a Indonésia.

P: E o padre assistiu às barbaridades da Indonésia?

R: Então batiam-me, faziam, via o povo pendurado aqui...

P: Via, via mesmo as pessoas enforcadas?

R: Então não vi. Aqueles indivíduos quando me bateram, os soldados que estavam comigo. Lá em Manatuto bateram-me os da FRETILIN. Esses integraram-se logo numa companhia de timorenses, entregaram-se. Eu estive em Díli, fui para lá para o meio do povo para ver o que se passava. Então vai o comandante: “oh pastor” (eles não chamam padre). Lá com um intérprete: “Oiça lá, este indivíduo” (aquele que me tinha feito pior, não o que me bateu, ele é que ajudou). “Este aqui é um bom rapaz, a situação é que obrigou.” Eu é que o salvei ali a todos. Naquele momento, esse... “oh senhor comandante, desculpe, estes que estão aqui não têm. A FRETILIN obrigou a pegar nas armas”. E ele acreditou e mandou embora.

P: Mas depois assistiu a massacres.

R: Depois vim a Baucau, uma vez que vim a Baucau de barco e vi ao pé da igreja de Baucau, na ribeira a passar cadáveres. Vi 3 indivíduos enforcados, ainda a gritar. Vi amarrados pela montanha abaixo para serem mortos. Quantas não vi, quantas. Eu não podia fechar os olhos. A vantagem que nós tínhamos como sacerdote, nós éramos como sendo Deus para eles que eles são muito religiosos. Eles têm cinco religiões e não querem animistas. Porque eles deram ordem ao povo quando desciam da montanha. Bombardeavam o Matebian, o povo descia, já estavam lá os indonésios a dar as suas ordens: “ninguém pode ser animista. Todos têm que ter uma religião.” Há Islão, hindu, budista, católico e protestante. Cinco. Eles iam, já eles estavam com um camião deles. Como já me conheciam, o povo, ou por isto ou por aquilo, cheios de fome...

P: Quando o povo se estava a render?

R: Sim estava a render.

P: Mas isso já foi em 79?

R: Não foi logo em 76. Aqui na montanha foi em 76. Depois então: “quem quer escolher a religião?” Ninguém podia ser gentio. Todos tinham que ter uma religião. Eu já ia prevenido com rapazes que sabiam escrever, com cadernos. “Quem quer ser católico vai aqui para o meu grupo e dá o nome cristão.” Escreviam, assinavam e era certidão. E eu dava-lhe a primeira parte do baptismo. Fazia a cruz a todos. Só uma vez fiz a cruz a 800 timorenses. Já não podia mais. Eles vinham prestar aos indonésios, já eram católicos.

P: Conforme eles se iam rendendo, o padre ia baptizando.

R: Ia dar-lhes o bilhete, que não eram baptizados. Mas para os indonésios eles já eram católicos. Depois baptizava-os pouco a pouco conforme eles queriam e podiam. Conforme nós podíamos com o pessoal. A seguir é que se baptizavam.

P: A catolização maciça no tempo dos indonésios. Acha que era só porque os indonésios obrigavam a escolher uma religião?

R: A maior parte sim.

P: Ou era também porque a Igreja foi refúgio de muita gente?

R: Fomos. Éramos ajuda de refúgio. Era a caridade. Não era só o medo. Mas agora que fosse amor de fé ou convencidos do Deus verdadeiro, esse conhecimento não o tinham. Não era bem por isso. O que é tinham um parente que era católico, o padre sempre os tratou na escola, o nosso convívio com eles.

P: Era uma referência, era isso?

R: Na convivência eram católicos para nós. Eles com o padre era como sendo o pai deles. Gentio ou não gentio, não tínhamos distinção, naqueles tempos.

P: Portanto era como se fosse uma referência. É isso?

R: Uma referência, sim. Que muitos, a maior parte tinham medo. Vou ser católico. Alto, tens de escolher. Também o medo obrigava-os a escolher. Ir lá para o muçulmano e ter de beijar a terra, não podes comer porco e beijar a terra. Isso é que eles não queriam.

P: Dizem-me que ajudou muito a guerrilha, apesar de ter sido maltratado. Conte o que é que fazia?

R: Conforme a necessidade. Vinha um desgraçado a correr de perseguido, escondia-se aqui.

P: Aqui ou noutra sítio onde estivesse?

R: Sim, onde estivesse. Mas depois eu não ficava com eles em casa comigo. Dizia: “Não senhor. Ninguém fica na minha casa.” Ora ajudo a toda a gente. Não sei quem é. Se é FRETILIN, se é da APODETI, eu nunca pergunto. Um homem é uma fotografia de Deus que me pede auxílio. Mas depois dava-lhes de comer... e tinha aqui os meus técnicos da guerrilha e levava-os lá para o mato.

P: Tinha os seus técnicos da guerrilha? O que é isso?

R: Havia a guerrilha secreta aqui de ligação entre nós e o mato.

P: A rede clandestina.

R: Esses conheciam-me a mim. O mais engraçado é esta aqui. Que o Xanana precisava, deu-me um código de comandante que era *Liras*. *Liras* que é asas que voa. Quando estava atrapalhado mandava o bilhete para o comandante. Não punha comandante, só punha *Liras*.

P: E era o senhor?

R: Era eu. Esses intermediários é que andavam à procura. Mas ninguém sabia. Então no fim quando tinham uma dificuldade, não conheciam este, vinham ter comigo: “Oh padre quem é este? Não sei quem é este tipo, não sei quem é este. Mas queres que te ajude? Sim, sim.” Então despachava conforme pediam. Ir levar uma coisa a Díli, rapidamente. Até uma metralhadora que ninguém teve coragem de levar uma metralhadora de Baucau a Díli.

P: O senhor padre levou uma metralhadora?

R: Se for ao museu que tem lá em Díli, vê lá eu é que levei.

P: E foi o senhor padre que levou? Mas levou de Baucau a Díli para quem?

R: Para dar ao comandante que estava em Aileu que precisavam dela. Eles só tinham uma metralhadora. A FRETILIN só tinha uma metralhadora. Usaram-na aqui. Precisavam dela noutra lugar, davam ordem aos soldados para levar para lá. E eles não tinham possibilidades então pediram-me auxílio a mim.

P: E o senhor padre levou como?

R: No jipe.

P: Escondida?

R: Escondida. Embrulharam aquilo tudo.

P: E os indonésios não deram conta?

R: Bem aí é que está o engraçado, não deram. Pediram-me auxílio, eu dei o carro. Se os indonésios descobrem dão-me cabo do carro, paciência.

P: Não foi o senhor padre que conduziu?

R: Não. À terceira vez vieram-me dizer: “ninguém tem coragem, por favor padre leva lá.” Já lhe disse que eu que não tinha medo de ninguém. Então levei aquilo e sabe que de Baucau a Díli era preciso parar 14 vezes, fiscalização no caminho. Postos de vigilância da Indonésia. Era preciso parar 14 vezes.

P: E parou?

R: Parei só uma vez. Porque eu fui de manhã cedo. De maneira que até Laleia era de noite não parava. Mas quando cheguei a Laleia começou ser dia, tinha que me apresentar. Só iam dois homens comigo que eram os responsáveis daquilo.

P: Iam guerrilheiros consigo?

R: Sim, clandestinos daqui.

P: Clandestinos, da rede clandestina.

R: Então eles iam. Quando chegámos então a Laleia, entrei. Quando ia entrar, estava ali um soldado. Mandou-me parar. Vamos lá ver o que é que acontece já aqui. Diz-me ele: “eu vou para Díli, posso aproveitar o carro do padre?” eu disse: “pode, faz favor.” E ele, era carrinha, e ele sai pela carrinha atrás a sentar-se. Senta-se na metralhadora. Não havia mais lugar para sentar-se. A metralhadora ia toda desmontada, muito bem arrumada, amarrada, amarrada muito disfarçadamente. E estava no carro. Ele não tinha mais onde se sentar, sentou-se na metralhadora.

P: Levou o indonésio em cima da metralhadora?!

R: E começa a andar. Quando chegávamos a outros postos, eu ia a fazer o jeito para entrar para lá. Eles viam o militar atrás, pronto (faz gesto de deixar passar). Ia um militar comigo, não desconfiavam nada. E assim cheguei a Díli

P: E entregou a arma.

R: Depois cheguei lá onde ia bater à porta. O encarregado. Eu cheguei lá, ele pega. “Licença.” Foi-se embora. O militar que ia comigo, perguntei: “E o senhor? Eu fico também aqui já.” Pronto, respirei fundo. Mas depois ao lado da metralhadora, levei lá o primeiro transmissor.

P: Também foi você?...

R: Que levei para Díli, que levei para o mato.

P: Como é que levou o primeiro transmissor?

R: Bem levei-o pelo caminho. E depois no caminho estava já o encarregado para o receber.

P: Sabia a quem é que tinha de entregar?

R: Sabia,

P: E esse rádio era o rádio que padre José Martins tinha trazido?

R: É esse. Não, ele recebeu em Díli. E depois deu ao D. Carlos. Depois trazer para aqui era difícil. Então meteram numa mala muito grande disfarçada num rádio como aqueles rádios modernos, vá lá. disfarçado. “O sr. bispo vai a Baucau. Peça ao senhor bispo para o trazer.” Ele: “Oh senhor bispo tenho uma mala lá para o padre João, pode levar? Sim, não custa nada.” Ao bispo ninguém fiscalizava nada.

P: O senhor bispo não sabia era o que levava?

R: Nada, nunca soube.

P: E agora já sabe?

R: Talvez ainda não. Não sei.

P: Portanto veio na mala do bispo sem ele saber.

R: Sem ele saber. Depois chegou em Baucau meteu lá no quarto. O padre...era meu colega, éramos só dois em Baucau naquela altura. Ele é que recebeu. Eu abro aquilo tudo, toalhas muito bem. Até que vejo um transmissor, um rádio. Começo a ligar, não trabalha nada. Ao lado vinha uma caixa metálica, vinha uma chave de fendas, vinha um parafuso. Que confusão isto aqui. Desmancho aquilo a ver, afinal era o transmissor. Foi só metê-lo no lugar, arranjar um de confiança para levar ao mato. O mais difícil era a bateria. Depois trocar a bateria. Comia muita bateria, isso é que foi o problema. Mas como fazer para a bateria. Depois lá tive a inspiração. “Vocês não matam ninguém, nem batem em ninguém. Mas por exemplo de Baucau para Los Palos, quantos carros militares passam, não é? Vocês fazem uma emboscada à vossa maneira. Eles fogem. Vocês pegam na bateria dos carros e pronto. Com a condição de

que não fazem nada.” Então começaram a arranjar as baterias dessa maneira. Iam daqui para lá. Uns tiros para o ar, os indonésios cheios de medo, a fugir, a arranjar postos. Abandonavam ali o carro. Uma bateria às costas e pronto iam-se embora. E arranjavam a bateria. Era uma santa maneira de roubar.

P: Dizem que o senhor padre também tomou conta dos filhos dos guerrilheiros.

R: Dos guerrilheiros não. Isso já foi mais Venilale.

P: Foi em Venilale?

R: Venilale, sim.

P: Como era? Conte essa história.

R: Eu sei que alguns vivem ainda lá. Lá receberam lá num orfanato. Eu quando foi que eles desciam, não eram bem guerrilheiros, recebia-os e entregava a pessoas de família, etc, etc.

P: Quando as crianças orfãs desciam...

R: Sim. Tanto que eu numa família em que os pais morreram todos, apareceram ali, eu tomei conta de todos eles. Agora todos formados. Tanto que agora quando eu há dois anos fui para Jacarta para ser operado.. num hospital particular muito caro. Foi um desses que ajudei a formar-se que me pagou tudo. Mais de 40 mil dólares na operação e viagem para Jacarta. Eles agora estão agradecidos também. Agora eu já disse na brincadeira. Sabem que eu que quero ir de licença para o ano, já há cinco pessoas... “eu é que pago o bilhete. Não, não eu é que pago.”

P: Esses filhos?

R: Desses assim, que a gente.

P: Eles eram orfãos de pessoas que tinham fugido ou guerrilheiros?

R: Não. Vinham sem família. A gente é que tomava conta deles. Mandava, os rapazes normalmente mandava para Fatu Maka. Já existia. E ajudava a estudar. E as meninas levava para famílias conhecidas em Díli. Toma lá esta menina, vá lá. E eles tomavam conta. Mandavam para a escola e agora estão doutores. Não se esquecem. Estão agradecidos ainda.

P: Mas a mim disseram-me que eram filhos de guerrilheiros.

R: Não. Isso é Venilale.

P: Venilale é o quê?

R: É filhos de guerrilheiros...

P: Mas também foi o senhor padre?

R: Não, não era comigo. Agora não. Inicialmente era. Mas agora era uma paróquia à parte.

P: Já não era o senhor padre que estava em Venilale.

R: Não.

P: O senhor padre esteve sempre em Baucau, nesta região?

R: Não. Sempre não. Inicialmente quando entraram estava em Baucau. Foi em 75. Até 88 fiquei sempre em Baucau.

P: Depois veio para Laga?

R: Depois vim para cá em 88 é que vim para Laga. Depois estive em Quelicai a fazer uma grande obra, um grande orfanato com a ajuda de Portugal. Portugal ainda continua a ajudá-los. A cooperação...

P: A cooperação Portuguesa...

R: Ainda continua. Depois estive 3 anos em Los Palos, só. Depois estou aqui há dois anos. Aqui estive 1988, vim para aqui até 2002. Em 2002, fui para Quelicai, fiquei lá um ano. Depois é que fui para Los Palos e agora estou aqui. Quelicai é que estive muitos anos também. Mas sempre nesta zona.

P: E porque é que ajudava os guerrilheiros e a FRETILIN, quando eles o tinham maltratado?

R: É admiração para vocês. Mas para um padre, um salesiano, nós temos que perdoar a todos. Como Deus me perdoou a mim, eu tenho que perdoar a todos. Isso já passou. Às vezes aqueles indivíduos que me maltrataram e vejo-os... um caso concreto, aquele que quando eu fui prisioneiro em Manatuto, a primeira vez, foi a Vemasse prender-me. Aquele indivíduo depois foi para o mato mas ao cabo de dois anos rendeu-se lá em Vemasse e eu já tinha aberto uma escola lá em Vemasse. E aquele rapaz vem do mato, vem cumprimentar-me não aludiu nada, nem pediu desculpa nada. É como se fôssemos... “eu não tenho para viver, padre ajude-me, eu fui professor também.” E ficou logo professor. Imagine aquele que mais mal me tinha tratado pediu-me para ser professor e eu aceitei logo. Agora desses indivíduos que me trataram, a lembrança vem. Não é daquela lembrança de ódio, não quero mal para ele. Nada disso

P: Mas porque é que ajudava a FRETILIN? Porque é que ajudava a resistência?

R: Eu ajudava Timor. Eu via que era uma injustiça, que Timor merecia ser independente, ajudava. Eu não olhava a partidos. Ajudava um povo que está a sofrer muito com a Indonésia. Os indonésios eram muito maus. Vamos lá a ver, se o governo indonésio está-me a ouvir...Proíbiam português, não. Fizeram isto, não. Eram

os soldados, sargentozinhos que querem ser grandes é que fez essas asneiras. Não era ordem do governo indonésio, não era, para mim. Era falta de educação. Uma nação tão grande, com tanto selvagem que eu vi. Tadinhos. Se fosse a contar a casa de banho de um deles. Um homem, militar e faz uma coisa daquelas... agora eu via o que sofria. Sabe, vinham-me aqui: “padre ontem à noite levaram-me o meu filho. Para onde é que foi? Morreu.” De maneira que tinham de andar a dormir aqui e a dormir além. A gente ajudava como podia. Mas queríamos era a independência. Eu era lutar pela Independência.

P: Senhor padre mas isso é uma atitude política, não é?

R: Não é política directamente. Eu aos políticos ajudava. Eu não estava a dizer para matar ou fazer aquilo. Ele precisava de comer, precisava de vestir ou precisava disto, eu ajudava. Mas política não era exactamente.

P: Mas não acha que o padre também tem um papel político?

R: Não.

P: O Padre não é uma liderança ao ser uma referência?

R: O que é que entende como política? Eu não, política, política, não. O padre não deve se meter nessas coisas. Nós é livre para toda a gente. Eu não fui da UDT, nem fui da FRETILIN, não fui nada. Eu não perguntava qual é o teu partido. Nunca perguntava. Ele vinha pedir-me auxílio para isto e para aquilo. Conforme podia eu ajudava.

P: O senhor padre acha que ao ajudar a rede clandestina, estava a fazer um trabalho pastoral, é isso?

R: O que é que entende por pastoral? A pastoral são homens. Homens precisam de viver em paz. Ora eu quero é paz para o meu povo. Eu via que eles estavam a sofrer. Porquê? Por causa da guerra. Ora se eu pudesse ajudar a evitar a guerra. Evitar as causas. Não é só com as palavras. Sofre lá coitadinho. Não, ajudar, evitar que não sofra. Naquele momento para mim: a Indonésia que vá embora. Querem ajuda. Toma lá ajuda, que vá embora. Eu quero que vocês fiquem livres para, no fim, pensarem na vossa vida, neste mundo, para salvar a vossa alma. A finalidade é sempre pastoral. Querer o bem de uma pessoa. Era o meu pensamento. Ora às vezes me pergunto: “ora levar uma metralhadora...” eu se calhar hoje não faria. Mas era jovem, entusiasmado e precisava de ir a Díli para outras coisas e pedem-me um favor. Está bem, pronto. Ajuda lá.

P: E acha que a Igreja (porque o senhor padre não foi o único, houve muitos padres envolvidos, timorenses sobretudo), acha que eles fizeram isso porque a Igreja também foi um alvo?

R: Durante o tempo da Indonésia a Igreja também foi um alvo. Também saquearam. Alvo não devido ao mando do governo indonésio.

P: Mas acha que a Igreja fez isso porque também foi alvo, ou porque faria sempre?

R: Foi alvo, isso é natural que me bateram. É fora do normal. Mas não era nesse sentido. Bateram-me e eu também quero que vocês sofram. Aí não entra nada. Agora como espírito de ajudar o meu próximo a viver.

P: Durante a ocupação houve dois administradores apostólicos que foi D. Martinho. Começou com D. José mas ele depois vai-se embora. Mas depois há dois administradores que é D. Martinho e D. Carlos. Eles foram homens muito diferentes. Como é que caracteriza cada um deles?

P: D. Martinho seria mais sentimental como timorense. O D. Carlos era mais inteligência. Com mais Cristo. A formação dele também era muito diferente. A de D. Martinho, quer dizer era padre. Mas era muito emocional, um indivíduo sentido. O outro era com mais clama. Ponderado. Agora na acção depois teve de mudar um bocadinho, o D. Carlos era assim mais político na maneira de falar e de agir. E o outro era mais bruto. Era frontal. Quando é uma coisa frontal, aleija mais.

P: E por isso é que ele se foi embora, não é?

R: Foi corrido. O outro... apesar de sempre o respeitaram um bocado, porque o outro tinha o apoio lá da Santa Sé, lá de Roma. O outro não quase sozinho isolado aqui.

P: Mas vocês foram contra a nomeação de D. Carlos.

R: Sim. Eu não. Ele era salesiano.

P: Foi seu aluno?

R: Foi. Quando eu vim para Baucau ele andava na 3ª classe, elementar. Ainda o conheci sem sapatinho, nada, nada. Conheci a família toda. O pai não, já tinha morrido, quando eu cheguei cá.

P: Ele era salesiano. Mas o senhor padre não foi contra?

R: É que não fomos consultados. Aceitamos só. Foi uma coisa muito repentina a do D. Carlos. Agora não temos bispo. E está à consulta há quantos meses. Já aí há 8 meses que morreu o outro. Enquanto que do D. Martinho sim, fomos consultados. D. Martinho posso-lhe dizer, veio ca o embaixador da Santa Sé

P: O núncio?

R: O monsenhor, o núncio veio cá fazer uma certa averiguação. Não podia vir a Baucau ...e até estávamos só dois padres e ele: “aqui cá os dois. Eu venho cá por causa, o D. José está nervoso, está velhote, tem de se mudar imediatamente. Tem de ser um timorense e apresentou um, dois, três nomes.”

P: Mas o D. José não foi ele que pediu para sair?

R: Sim, pediu... e ele é que estava... e vou assim para o senhor: “destes 3 nenhum pode ser bispo. Mas tem de ser um timorense. Arranjem outro. Eu não vejo nenhum timorense para ser bispo, isto é uma pessoa que fica permanente e depois pode criar problemas. Um padre pode fazer de administrador sem ser bispo. Simples padre tem o poder de administrar e faz o mesmo trabalho que um bispo e então isto já pode, é removível, pode mudar. Escreve lá isso tu à tua maneira. Escreve lá isso tu.” Eu pus lá a minha ideia. Entre os 3 um deles era D. Martinho, de facto indiquei o seu nome. Naquele tempo, aquele trabalho que era necessário naquele momento que me parecia e pus o nome dele. Ao cabo de um mês mais ou menos quando o núncio cá vinha para nomeação chegou a Díli no aeroporto, nós passámos lá, ele viu. “Olha anda cá tu ganhaste. É o D. Martinho é mas não é bispo, só é administrador apostólico.” Depois no fim ... D. Carlos foi feito assim administrador apostólico. bispo já foi depois de cinco anos de ser padre.

P: E o D. Carlos os padres boicotaram a entronização dele, não foi?

R: Quer dizer, não apareceram.

P: E o senhor padre foi?

R: Eu não porque também estava aqui, também não fui.

P: Também não foi. Portanto também estava contra a forma como a coisa foi feita?

R: Sim, eu conhecia-o bem. Era novato, eu conhecia-o bem. Se me perguntassem eu dizia que não.

P: Mas depois acha que ele fez um bom administrador?

R Fez.

P: Porquê?

R: Porque era um homem inteligente e depois soube trabalhar politicamente, dizer as verdades aos indonésios e uma certa prudência... eu até digo agora se ele tivesse continuado em Timor. Se tivessem, depois da independência, feito primeiro-ministro o engo. Mário Carrascalão Timor seria outra coisa. Se o Mário tivesse sido primeiro-ministro.

P: E o bispo continuasse cá?

R: Se continuassem os dois, Timor seria muito, muito diferente.

P: E porque é que acha que eles se foram embora?

R: Bem, do bispo não posso dizer. Agora o outro é a inveja.

P: Porque ele foi governador?

R: Quando ele foi governador ninguém foi contra ele. Todos lhe bateram palmas. Era muito amigo de Timor. Sabia trabalhar muito. O 12, de Santa Cruz, se não fosse ele... Era proibido entrar em Timor qualquer jornalista. E ele... “Soeharto, licença de deixar entrar.” Entraram e ele não tinha medo porque ele era muito amigo do Soeharto. Não tinha medo de falar aos militares.

P: Vocês ajudavam a resistência porque também conheciam muitas das pessoas que estavam na guerrilha? Tinham sido padres...tinham

R: Antigos alunos

P: Tinham sido antigos alunos vossos

R: O Lere que era comandante aqui na minha zona, tinha sido meu aluno e tantos outros desses. O José Viegas. Mas isso era... não era bem por serem... eu não perguntava qual era a ideologia. Só via estavam a lutar pela independência.

P: Mas a relação que vocês tinham tido de professores para alunos foi importante ou não? ajudariam de qualquer das formas.

R: Não fazia distinção. Calhou a ser esses estarem cá comigo.

P: Depois houve três momentos chave para Timor. Um foi a visita do Papa, outro Santa Cruz, outro o Nobel.

R: O Papa já é santo.

P: O Papa quando veio cá também foi uma visita mais ou menos polémica.

R: Sim, um bocadinho.

P: Porque havia padres que não queriam porque achavam que ele vinha cá reconhecer a integração...

R: Padres haveria um ou outro. Assim, Igreja como Igreja não. Ora individualmente que houvesse, não sei. Na minha zona não.

P: O D. Carlos a mim disse-me que sim.

R: Sim havia. Na nossa zona aqui não. Que houvesse lá por Díli ou isso.

P: Que Balanço é que faz dessa visita?

R: Foi muito positiva.

P: Porquê?

R: Porque o nosso nome saiu um pouco para fora de vir cá naquela altura.

P: O vosso nome, o de Timor...

R: Timor, timorense pois.... foi essa que sobraiu mais. A outra foi a questão do Cristianismo também. E depois aquela oportunidade da manifestação dos jovens. Aquilo foi muito importante, lá para fora. Para verem. Afinal a igreja e tudo. Quando foi lá a manifestação também vieram lá os militares em Díli... Também estava lá. “Padre João ajude-me, vá lá ao microfone falar.”

P: Quem é que dizia isso?

R: Pediram os indonésios. Eu estava lá na assembleia com os padres.

P: Mas ia ao microfone falar para quê?

R: Para acalmar os jovens.

P: E foi?

R: Não.

P: Essa foi a primeira vez que se utilizou a celebração religiosa para uma manifestação política.

R: Directamente não se pode dizer isso para mim. Que é uma coisa política. Não. Houve oportunidade para a política. Encostou-se e aproveitou. Nós aliás como católicos...

P: Os padres sabiam que aquilo ia acontecer.

R: Alguns saberíamos, outros não.

P: Você sabia?

R: Sim, eu sabia. ... quando foi depois no referendo. “Ganhamos, não ganhamos. Eu cá dentro a rir-me de vocês. Ai se ouvissem este povo. Prometeram. Ai padre quando for isto assim, a gente vai comprar isto para aqui, fazer isto. Parabéns, é que é bonito. façam, façam”. Eu cá dentro a rir-me. “Ah coitados.”

P: Mas voltando à visita do Papa. O senhor padre já disse que sabia que eles iam fazer. Depois, várias vezes utilizou-se manifestações religiosas para manifestações desse género.

R: Não.

P: Houve, Santa Cruz depois foi a seguir a uma manifestação religiosa.

R: Fazia um mês que tinha morrido o cadáver, liturgicamente a missa não foi feita de propósito para política. Foi.. também se fazem na mesma, continuam.

P: Mas não fazem manifestações.

R: Aproveitavam. Aí eu não sabia de nada. Aí não.

P: Mas o senhor padre concordava que eles fizessem isso?

R: Ah não , não... os jovens?

P: Sim. Como é que via isso?

R: Mas os jovens o que é que faziam mais? Sim concordava. Admirava-me a fortaleza deles. Mas eu acho que eles não tinham intenção para fazer manifestação de guerra. Aconteceu. E eles mataram um colega. Até agora todo o povo vai a dar as condolências e eu sei lá e aproveitam... tanto que eu chegou o dia 12 de novembro, nesse dia.

P: Estava cá?

R: Eu estava em Baucau. Só que fui para Díli sem saber nada. Quando cheguei a Díli cheguei lá mais ou menos às 9, não vi ninguém na estrada. Estava tudo vazio. Então depois cheguei lá a casa de... nós não tínhamos casa lá da diocese. Não sabe o que aconteceu? Em Santa Cruz aconteceu aquilo assim. Eu fui logo a correr.

P: Para Santa Cruz.

R: Ainda vi... meti-me ali lá com um carro, um jipe... ainda vi o sangue, a estrada toda cheia de sangue e eles a lavarem o sangue isso tudo. Ainda vi lá isso tudo. Depois o Max encontrei-o.

P: O Max Stahl?

R: Sim. Pediu-me... ele foi lá buscar aquilo de noite. Eu tinha fotografias ali. De batina que fui lá buscar a cassete. Assim diziam os jornais lá em Portugal.

P: Foi você que foi buscar a cassete?

R: Não, não fui. Isso é mentira. Eu simplesmente ajudei. Fui lá buscar-lhe a mota e depois quando estava com o padre Renato, que era um italiano que estava a trabalhar muito bem a favor de Timor no Japão, e disse-lhe para levar a cassete para fora. E esse padre é que levou para...porque lá no caminho é que podiam revistar tudo.

P: Quem o Max Stahl?

R: Sim tinha medo de sair de Timor com a cassete. Então o outro é que a levou.

P: O padre Renato?

R: Sim

P: Mas quem é que vai buscar a cassete ao cemitério?

R: É ele. Foi ele mesmo. Ele foi de motorizada lá à noite, foi lá buscá-la. Depois no fim quando veio, deixou ficar a motorizada é que pediu a mim para ir lá buscá-la.

P: Portanto ajudou o Max Stahl a ir buscar a motorizada.

R: Sim. Esse também vinha para aqui. Era aqui que vinha parar e jantar.

P: Quem o Max Stahl?

R: Sim, quando ia para o mato. Eu é que lhe arranjava o estafeta para o levar para o mato. Ele vinha de motorizada alugada. Chegava aqui, cumprimentava e estava aqui um comandante da polícia, era um genro de Laga. Eu ia ter com ele, esta noite assim, assim, esta noite a ir para Los Palos. Pode ficar? Fica lá com o padre. E ficava. Depois de noite, ele à meia-noite já tinha gente toda preparada e levavam-no depois para o mato. No outro dia vinha cá o comandante da polícia. “Então e aquele senhor? Avariou-se-lhe a motorizada. Olhe está li avariada, olhe.” Tirava-se uma peçazinha para já não pegar. Mas ele como não tinha transporte passou aqui um camião hoje de manhã muito cedo e ele já foi para Díli. Já estava lá em cima no mato.

P: Portanto colaborava também com ele. Depois há uma coisa que se verifica também é que os padres usam a rede da Igreja católica pelo mundo para denunciarem. O senhor padre alguma vez ?

R: Eu não, nunca comuniquei nada para fora.

P: Mas sabia que essa rede era usada. Tipo os padres jesuítas escreveram muitas cartas.

R: Os jesuítas é o mérito que eles têm. Mas nunca saíram de Díli. De maneira que sofrer cá no mato, eles não sabem o que é a guerra. Em Díli sim fizeram um trabalho político, sim eram bons conselheiros.

P: De difundir o que é que se passava.

R: Sim, sim.

P: O senhor padre nunca usou isso.

R: Nunca usei não.

P: Nunca se aproveitou dos seus conhecimentos lá fora, nunca escreve cartas.

R: Nada. Olhe, eu naquela altura fiquei 27 anos sem ir a Portugal. Sabe o que é 27 anos? E os primeiros 15 anos não tive nenhuma comunicação com a família. Sabe o que é 15 anos. Nem telefonema, nem carta, nada de nada.

P: Então a sua família não sabia como é que estava?

R: Nada. 15 anos nada souberam. Se fosse não me deixavam regressar. A razão que eu não fui.

P: O padre João Felgueiras ficou 8 meses na Indonésia.

R: Se fosse eu nem regressava da Indonésia. Eu e o Locatelli.

P: Você e o Locatelli ficaram sempre cá?

R: Nunca saímos de cá nesse tempo.

P: E ajudou a preparar encontros de guerrilheiros com o bispo?

R: Eu não, na minha zona não.

P: Foi o Locatelli?

R: O Locatelli sim. Ele e o padre Luís, em Mehara, com monsenhor Martinho. Com o Mário Carrascalão foi até com o Xanana ao Mato.

P: Mas encontrava-se com guerrilheiros?

R: Sim encontrava-me. Suponhamos em Baucau a princípio. Vamos atacar Baucau. Eu disse: “Não.” daqui para Baguia há uma ponte, alta. Tem uns 7 metros para ali mas de altura também tem dez metros. E vai o Lere com um bilhete dele e do presidente Matan Ruak: “vamos deitar a ponte abaixo para os indonésios que estão lá em Baguia. Não.”

P: Você é que lhes dizia para não?

R: Para não pois.

P: Mas encontrava-se com eles onde? No mato?

R: Pois era no mato. Às vezes chegava num lado qualquer. Estava na missa e ao fim da missa vinha: “padre fulano de tal está lá” (porque eu tinha uma barraquinha lá nesses lugares, ficava a barraquinha sei lá a 20 metros de distância da igreja, mais ou menos). “Está lá a sua residência fulano de tal.”

P: E porque é que eles queriam falar com o padre?

R: Queriam informações ou ajuda material. Por exemplo, quando era no tempo das chuvas, queriam botas, queriam capas, queriam tantas dessas coisas. Outros queriam remédios. Eu remédios nunca dava porque quando vinham cá com remédios não sabia se era bom se era mau. Eu dizia aos militares: “remédio, não mando nenhum remédio. Mas comer isso sim. Se me aparecem aqui eu dou de comer.”

P: Portanto dava vestuários e comida mas não dava remédios porque não tinha a certeza do que estava a dar.

R: Sim. Dava um pouco de dinheiro e vocês vão comprar. .. e depois iam lá falar um pouco.

P: E ajuda espiritual eles procuravam também?

R: Sim. Quase todos queriam terços. Tinha que arranjar terços. Isso de dizerem que foram comunistas, não acredito em ninguém. Pode haver um ou outro que vieram. Mas o Xanana usou o sistema comunista para... quando o Nicolau Lobato morreu ficou uma confusão e ele foi o homem que conseguiu tornar-se chefe pegando naquele livro da FRETILIN. Agora como regime, eles nunca foram comunistas

P: Há quem diga que foi o D. Martinho que conveu o Xanana a mudar a política, dizendo-lhe que se eles deixassem de ser comunistas, que a Igreja os poderia ajudar

R: Eu não sei.

P: Contam-me isso várias vezes, não sabe?

R: Essas coisas não sei.

P: Santa Cruz foi importante porque com as imagens as pessoas puderam ver o que se passava.

R: Foi isso.

P: Acha que foi isso ou foi também o facto de nós estarmos ali no meio de cruzeiros que nos dizem muito e com gente a rezar a avé Maria?

R: Isso também, também ajuda. Não separo as duas coisas.

P: E depois o Nobel. Como é que viveu o Nobel?

R: Foi um pouco injustiça...

P: Porquê?

R: Quer dizer a acção que eles fizeram, depois dividiram. A meu ver não era para tanto. Para mim.

P: Acha que devia ter sido só o bispo a receber.

R: Era melhor talvez. Merecia. Talvez tivesse sido melhor.

P: Só o bispo?

R: Não. Havia mundialmente aquela razão de uma nação pequena em comparação com outros heróis do Nobel.

P: Acha que foi injusto terem dado o Nobel?

R: Injusto não.

P: Então?

R: Talvez houvesse outros que tivessem mais preparados e tivessem feito coisas mais

P: Por Timor ou noutros casos?

R: Como timorense está bem. Mas estava a dizer o prémio Nobel é mundial. Em relação a um facto mundial.

P: Portanto acha que Timor não deveria ter sido Nobel da Paz?

R: Sei lá. Eu sabia pouco naquela altura. Como agora, noticiários está sempre avariado por causa do vento, jornais não tenho. Não tenho uma ideia forte e válida... tratou-se de mais um salesiano que tinha sido meu garoto, tinha sido uma grande alegria para mim.

P: Concordou?

R: Concordei.

P: E lembra-se como é que soube do Nobel?

R: Não me recordo.

P: E o referendo como é que foi?

R: Timor fez muito bem teatro, foram bons representantes. Perante a Indonésia disfarçaram. Puseram os indonésios convencidos que iam ganhar. Se não o Chico Lopes e aquela malta que eram os intermediários... Eles convencidíssimos que o povo iria para a Indonésia. Que eles prometiam mas agora o povo como o povo, nem pensar.

P: E como foi aqui. Houve uma grande violência. Houve até padres que foram mortos.

R: Aí é que se sofreu muito. Eu também vou, não vou para o mato com o nosso povo. Porque o povo estava todo a olhar para mim. Eu fiquei aqui. Não fugi. Todos uns para aqui outros para além. Depois vinham: “Padre o senhor está? Está? Então ficamos.”

P: Ficaram todos aqui?

R: À noite iam mas durante o dia vinham ver as coisas deles.

P: Não aconteceu nada aqui?

R: Houve assim... por dois factores. Quando vinha o batalhão que vinha de Los Palos foram muito brutos, mataram muitos búfalos. Ainda tenho aqui um tiro na parede.

P: Durante o referendo ou após o referendo?

R: Depois de ter ganho. Um comandante. Agarraram naqueles, tiram a espingarda põe ali tudo. Tudo para o mar. Mergulhou com as mochilas. Castigou-os. Isso deu grande esperança. Uma outra coisa que me deu grande esperança também. O Lere que não queria deixar passar o batalhão que estava em Ossú para aqui. Tem um lugar chamado Atelari, a estrada é muito... e montanha. O Lere: “aqui não passa ninguém.” De maneira que os soldados indonésios não podiam passar. Primeiro estava a ponte eu disse-lhe que não. Então o comandante veio aqui à missa. Estava ali o comandante: “Pastor ajude, nós temos os nossos soldados estão em Ossú, assim...” Ossú não, Baguia, do outro lado da montanha de Matebian. “Mas o Lere não deixa passar. Vá lá ter com ele, ajude-nos que nós queremos ir para a nossa família. Tendes razão.” E eu fui lá ter com ele, Lere. “Não aqui não passa. Não, aqui passam. Pensa lá se fosse a tua família. Eles vieram aqui obrigados a vir como militares. São colocados ali, são obrigados. Não é voluntário. Faz aos comandantes grandes é que vais castigá-los. Não a eles. Então vamos fazer com uma condição: eles passam mas não levam povo.”

Porque às vezes levavam muito povo com eles. Obrigavam. “Ok.” Fui ao senhor comandante. Então eles vieram, eu fui para o caminho para tranquilizar os militares. E de facto o Lere estava a vê-los passar mas não lhes fizeram nada.

P: O senhor serviu de intermediário.

R: Agora a nossa acção aqui, deu coragem a todos nós a não abandonarmos Laga. Porque senão roubavam-nos tudo. Queimaram só uma casinha ou duas ali, o resto... depois até alguns deram a guardar os carros deles. Tinham medo dos carros. Eu tinha aqui atrás da igreja um que era bastante bom. Um “Land Rover” bom e pronto o dono deu-me a chave. Ao outro dia de manhã, até estava aqui o padre Locatelli, aparecem-me aqui dois indonésios: “Dá-me cá a chave do carro. Não dou a chave do carro. O dono deu-me, vai pedir ao dono. Vocês conhecem o dono? Não. Chama-se Luís.” Agora não sei onde é que ele está. E pegam na pistola. “Dá cá o carro”, pediram-me eles. Eu digo: “Não. Tira”, respondeu-me ele... o padre Locatelli escondeu um bocado. E eu: “Não. Ok” e foram-se embora... Se tivesse medo toma lá, toma lá.

P: Como é que diria que foi o papel da Igreja em todo este processo da independência?

R: Vamos lá ver se arrematamos as coisas. Timor é independente devido ao povo, ao braço armado das FALINTIL e ao porta-voz da Igreja. Aí é que está a independência. Não foi a FRETILIN. A FRETILIN, teve um momento inicial, aquela confusão. Mas tiveram aquela ideia. Depois na prática, na acção a trabalhar, o povo, o povo, o povo. Os da FRETILIN estavam no mato era um pássaro livre, podiam esconder-se. Aqui, um jovem, um indivíduo novo onde é que ia esconder-se? Matavam tanta, tanta gente, a Indonésia. De maneira... o povo conseguiu com sementes fazer a horta no próprio mato. Nas margens, havia hortinha... no mato tinham as suas hortas... se descobrissem os indonésios? E se eles descobrissem. Ah coitadinho. Mas tinham essa coragem de guardar... o povo não foi o partido.

P: E a Igreja ?

R: As Forças Armadas de um lado que combateram... e a Igreja...

P: E a igreja era o quê? A voz?

R: A voz. Então nós é que falávamos. Lá para fora ou isso quem é que... O Horta lá falava um bocadinho mas assim com força...

P: Com peso...

R: Com peso mas eles respeitavam, etc. Era a Igreja

R: Olhe que eu fiz mais de 80 mil baptizados. Sabe o que é baptizar 80 mil.

P: Nestes anos todos.

R: Sim. Não foi só num dia. Agora já deve ser 85 mil. Casamentos então...

P: E casamentos também fazia?

R: Claro, tinham que casar logo a seguir. Na parte espiritual aqui vamos a uma Igreja e encontramos a Igreja cheia de gente. Vamos a Los Palos, não tendo escolas, as igrejas vazias. Onde é que andam as nossas escolas, é diferente. Os pais e isso...

P: Mas os guerrilheiros eles eram muito espirituais ou não?

R: Eram espirituais. Era o medo também. Todos eles eram mais ou menos católicos, de origem católica. Os comandantes, tinham que ter escola. O povo simples seria.... agora os comandantes era o português e a religião. E eles não esqueceram. Lá no mato só se falava português. A língua deles era o português.

Anexo 38

Entrevista a padre Eligio Locatelli

O padre Eligio Locatelli é um salesiano italiano. À data da entrevista tinha 78 anos. Foi enviado para Timor-Leste em 1964, para construir o Colégio de Fatu Maka onde ainda se encontrava aquando da entrevista. Deu apoio logístico à guerrilha e foi ele que mediou encontros de D. Carlos Ximenes Belo e de Mário Carrascalão com Xanana Gusmão quando este era o líder da resistência. Juntamente com Aleixo Ximenes e um comandante das forças civis militarizadas, Hansip, organizou o contacto com a população refugiada no mato para que regressassem às vilas e cidades ocupadas.

A entrevista foi realizada no Colégio de Fatu Maka, Timor-Leste, a 28 de julho de 2015

Pergunta: Como é que veio cá parar, padre?

Resposta: Mandaram-me.

P: E há quuanto tempo é que lhe mandaram?

R: Os de lá de cima mandam e a gente tem de obedecer.

P: E há quanto tempo é que lhe mandaram?

R: 51 anos.

P: Portanto veio para cá há 51 naos. E veio para cá para estabelecer este colégio?

R: Para começar esta obra aqui em Fatu Maka.

P: Onde é que estava quando foi a invasão?

R: Estava aqui.

P: Aqui em Fatu Maka.

R: Sempre.

P: Nunca saiu de Fatu Maka?

R: Sempre estive em Fatu Maka.

P: Conte lá como é que foi a invasão para si.

R: Foi o que foi. Uma coisa que nos deixou a todos revoltados. Havia grandes esperanças de que eles chegassem para libertar-nos um bocadinho do jugo da FRETILIN. Mas revelaram-se imediatamente piores e então foi uma coisa que não agradou a ninguém. Só aos poucos integracionistas que eram poucos naquela altura... Eu estive sempre aqui. Estavam a avançar de Díli. Entraram em Baucau também com a aviação. Fizeram aqui, depois de dia 8 de Dezembro, fizeram aqui umas coisas de avião.... supervisões, não sei bem o quê. E depois entraram em Baucau não sei bem em que dia. Estabeleceram-se em Uailili...fixaram-se na metade da estrada entre Baucau e aqui, Uailili ... então quando ouvi dizer que eles formaram (os rapazes é que me informavam) quando ouvi dizer que eles tinham intenção no dia seguinte de vir cá para cima, ainda consegui contactar como comandante de lá, de Uailili.

P: Comandante indonésio?

R: Sim. Consegui contactar com ele e explicar um bocadinho a situação e ele já tinha a referência do Colégio, da escola aqui porque o padre que estava em Baucau, o padre Magalhães que já morreu também ele viveu toda esta aventura, ele já lhes tinha recomendado. Eu consegui falar com ele, de noite falei com ele e sabendo, era um domingo. Segunda eles avançaram, eu consegui ainda de manhã cedo juntar duas aldeias lá de baixo aqui no nosso edifício para que ninguém saísse porque eles tinham

informado que vinham com canhões e aquela porcaria aí. Gente a circular, estorvava-lhes e podia ser perigoso. Então ficámos e vieram.

P: Para começar esta obra aqui em Fatu Maka.

R: Sim. Consegui contactar com ele e explicar um bocadinho a situação e ele já tinha a referência do Colégio, da escola aqui porque o padre que estava em Baucau, o padre Magalhães que já morreu (também ele viveu toda esta aventura) ele já lhes tinha recomendado. Eu consegui falar com ele, de noite falei com ele e sabendo, era um domingo. Segunda eles avançaram, eu consegui ainda de manhã cedo juntar duas aldeias lá de baixo aqui no nosso edifício para que ninguém saísse porque eles tinham informado que vinham com canhões e aquela porcaria aí. Gente a circular, estorvava-lhes e podia ser perigoso. Então ficámos e vieram.

P: Padre e depois assistiu a atrocidades feitas pelos indonésios?

R: Eu pessoalmente não. Assistir, assistir não. Também era impossível que eu pudesse assistir a alguma atrocidade. Agora eu posso indicar quem foi “atrocidade” terrivelmente em Díli. O Eduardo ele também tem muita coisa para contar. Foi nosso aluno aqui, foi instrutor aqui...não assisti mas sei daqueles que foram... esse é um deles, até ser deitado abaixo do helicóptero.

P: Mas os padres também foram perseguidos e torturados. Foi o seu caso?

R: Torturados não sei.

P: Mas no seu caso o senhor padre chegou a estar preso, não foi?

R: Não fiquei preso. Fiquei... Quer dizer quando eles vieram aqui em baixo e acamparam ali em baixo no cruzamento e então de manhã cedo senti quase como que obrigação de falar com eles para lhes dizer que aqui estavam 300 pessoas refugiadas no Colégio para que tivessem cuidado. Só que eles apanharam-me como um espião australiano e então não valeu passaporte, declarações e tudo isso. Exigiram a presença dos outros salesianos que estavam também aqui e então eles foram lá para baixo e de facto prenderam-nos e queriam-nos executar mesmo na estrada. Só que depois a sorte, um deles que andava com eles, timorense, conseguiu convencê-los que era um erro grosso executar-nos aí na estrada. Então lá decidiu o homem de levar-nos presos, amarrados lá para Baucau. Chegando a Baucau estava lá o comandante com o qual eu falei em Uailili e eles ficaram todos enfiados. Desculpa aqui, desculpa acoli... mas foi uma questão de um dia. Depois exigi imediatamente que me trouxessem cá para cima, porque estavam 300 pessoas refugiadas aqui, sem nenhum... e os outros ali desconfiados que havia... porque alguns tiros da FRETILIN saíam daqui atrás. Então

eles desconfiavam que aqui era um centro, uma base. Naturalmente, depois pedidos e tudo isto sim. Fazia parte do dia à dia.

P: Já me disse que vocês acolheram aqui várias pessoas. E a Igreja de uma forma geral, durante o tempo de ocupação foi um lugar de refúgio para as pessoas.

R: Mais do que lugar de refúgio. Então quando eles vieram foi um lugar de refúgio autêntico. Depois quando eles avançaram, abandonaram o lugar aqui e depois eles avançaram em meados de 20 de Janeiro, avançaram para Venilale e deixaram isto descontrolado. Então depois no dia 30 de Janeiro começaram a infiltrar outra vez os da FRETILIN. Ali foi tudo um caso um pouco sério porque vinham todos acusar-nos de colaboradores indonésios tudo isso. Mas depois consegui, conversei com eles e dizer-lhes: “vocês escaparam-se e ficaram lá no mato tranquilos, nós estamos aqui a aguentá-los e mantemos o lugar. E agora vós vindes e vos recebemos. Se precisais de comida, vos damos comida...” e durante praticamente cinco meses ficámos nessa situação. Mas nem sempre porque no mês de Abril, os da FRETILIN que mandavam em todo o território porque os indonésios tinham ido para Ossú, fixados em Ossú e depois em Viqueque. Venilale também completamente vazia. E então decidiram levar toda a população para o mato. E levavam-nos também a nós para o mato. Mas eu...

P: Não ficou lá muito tempo.

R: Nem fui. “Vocês amarram-me como um chouriço e têm de levar esse peso. Mas eu com os meus pés não vou ao mato. E vocês procurem estar atentos porque eu não sou timorense, eu sou italiano e quem me meteu aqui não foi o governo português mas foi o Vaticano, portanto..”. eles pensaram. Depois também apoiei-me a um grupo daqueles que ficaram em Quelicai que era gente que eu os conhecia.

P: Mas eram da FRETILIN os de Quelicai?

R: Mais do que da FRETILIN, eram armados. Eram das Forças Armadas mas contra completamente a actuação da FRETILIN. E quando eles começaram isso assim que nós fossemos, que nós fossemos, consegui contactar com eles e eles foram ter com os comandos que ficaram daquele lado dizendo que se eles tocavam no Colégio e nos padres que eles desciam sobre eles...

P: Portanto foi ali um período de convulsão.

R: Foi tudo assim. De maneira que depois de Abril foi a população toda para fora. Ficámos aqui sozinhos cinco salesianos: três portugueses, eu, mais um italiano e um espanhol. Ficámos aqui cinco. Dois portugueses.

P: Sozinhos?

R: Sozinhos. Sem mais ninguém.

P: Porque eles obrigaram a população...

R: Tudo. Traziam para aqui as suas roupas, as suas coisas para tratá-las aqui porque não podiam levar tudo. E nós armazenámos tudo e ficámos aqui sozinhos. O que acontecia, eles voltavam do mato a pedir ajuda, a pedir as suas coisas de noite. E de dia vinham do aeroporto já com os patrões, os indonésios a patrulhar. E ficámos assim até ao mês de Agosto.

P: Numa terra de ninguém entre uns e outros.

R: Sem possibilidade de arrancar para nenhum sítio. Nem para Baucau nem para... completamente presos aqui. Mas fazíamos o nosso trabalho.

P: Mas o Colégio não funcionava. O Colégio continuou a funcionar?

R: Não. Os rapazes no Outubro de 75 recebêmo-los, começámos a dar aulas normais. Em Dezembro foram para as férias de Natal e mandámos dizer que não regressassem porque de facto aconteceu isso. Mas depois então, de Janeiro até Agosto sem possibilidade de vir aqui. Em Agosto vieram outra vez os indonésios ocupar a zona e então abriram o caminho para ir a Baucau. Fizeram também cursos aqui, no Colégio, trouxeram para aqui os cursistas para mostrar que eles promoviam... E assim foi possível no mês de Setembro, fins de Setembro recomeçar as aulas. Praticamente as aulas, a escola como escola ficou fechada nem cerca de um ano. Foi sorte nós ficarmos aqui porque ninguém tocou em nada. Tínhamos lá em baixo aquela casa comprida cheia de comida, eram as coisas para o internato todo o ano, ninguém assaltou, ninguém tirou nada. Vinham de dia os do mato a pedir, os mesmos militares vinham pedir. O mesmo irmão do José Horta que era militar, quando entrou aqui começou a cantar de galo mas depois amouchou também depressa. E ele mesmo vinha a pedir ajuda porque tinha a mãe no mato sem comida. Portanto eles vinham, aquilo que nós dávamos levavam.

P: O senhor padre depois colaborou com eles na resistência. O que é que fez?

R: Não fiz nada. Recebi quando eles vinham. Depois procurei alguns contactos porque eles pediam-me para ir encontrar com eles. Mais nada. Mas o que eles pensavam de ter de mim nunca tiveram. Tiveram do padre João, tiveram do padre Magalhães, tiveram de outros padres: material bélico. Médico eu forneci. Mas mesmo até as baterias para fazer funcionar as emissoras deles, recusei. Porque era material que era perigoso para nós. Porque nós tínhamos a escola a funcionar. E se apanhavam alguém que diziam que este material, que não era material bélico, era para as

comunicações, éramos detidos como colaboracionistas com eles. E então podiam fazer mal à escola.

P: Mas dizem-me que o senhor chegou a transportar o Xanana...

R: Não, nunca.

P: Nunca?

R: Nunca. Eu preparei o encontro do Xanana como governador atrás de Venilale. Isto sim.

P: E com o bispo Belo?

R: O bispo Belo aqui noutra ocasião. Lá, foi no mês de Março, parece-me. Fevereiro.

P: Conte cada um desses encontros como é que os preparou.

R: Contactando com eles. Ia de noite.

P: Ia de noite onde?

R: Aos lugares deles.

P: Ao mato?

R: Sim.

P: À montanha?

R: Sim. O mato é já aqui. Mas eu tinha que ir até... tinha de ir a atrás de Venilale... quem lhe pode ajudar muito para saber esta história toda é o Aleixo Ximenes. Ele está em Baucau. Que foi praticamente aquele com o qual eu trabalhei tudo... trabalhámos juntos todo o tempo praticamente.

P: Ele era guerrilheiro ou pertencia à rede clandestina?

R: Não, não. Civil. Chegou a ser aquilo que chamam DPR, o representante do povo ao nível do concelho aqui.

P: Como é que foi o encontro para o bispo Belo?

R: Ele mandou-me dizer que queria encontrar-se com o Xanana.

P: Foi em 91?

R: Não em 85.

P: Primeiro encontro.

R: Sim, sim. E o Xanana em 83.

P: Mas o encontro do bispo Belo como Xanana foi em 83?

R: 25 de Abril de 85. Revolução dos cravos.

P: O encontro do bispo Belo com o Xanana?

R: Sim, com o Xanana sim. O encontro aqui.

P: Como é que foi?

R: Portas fechadas.

P: Como é que preparou?

R: O bispo veio de carro até aqui com o seu secretário, o padre José António. Tínhamos marcado o dia e as horas. Veio à noitinha e às 9 chegaram os camaradas. Com um corpo de 30 homens armados até aos dentes e fazendo um basqueiro dos diabos. E o posto dos indonésios que estava ali ao pé da estrada não deu conta de nada, graças a Deus. E ficou aqui, ficaram, conversaram eles das nove até à meia-noite.

P: E depois o encontro com o Mário Carrascalão quando é que foi, como é que foi?

R: Lá em Venilale, em 83.

P: E sabe o que é que eles discutiram?

R: Os dois sozinhos, ninguém soube... portanto o encontro foram os dois e acabou.

P: E também foi assim. Você contactou com o Aleixo Ximenes?

R: O Aleixo Ximenes e eu estávamos sempre em contacto. Sempre em contacto. Trabalhávamos juntos. Ele estava em Venilale ou em Baucau, eu estava aqui e fazíamos sempre os dois juntos.

P: Portanto preparava através do Aleixo Ximenes?

R: Com ele juntamente com ele. Com o João Masqueritinha (?) para fixar os lugares do encontro e as horas. E íamos.

P: E ajudava a passar mensagens de um lado para o outro?

R: Nunca, nunca me meti nisso porque eu... eles queriam. Não, eu não me comprometo com essas coisas porque... “Vocês pedem-me comida, pedem-me remédios, vêm lá pedir, pronto eu dou-vos tudo o que vocês quiseram e até vou dizer aos indonésios que vos dei.” De facto...

P: Dizia?

R: Dizia, dizia-lhes: “olha esta noite passaram. Ah porque não avisa? Eu que vos aviso? Vocês é que não sabem fazer o vosso dever. Estais tantos por aí fora e não vos deis conta que eles chegam ali e levam coisas. Basta. Acabou.” Portanto, ajudas humanitárias, sim. Até whisky para o Xanana, que ele tinha frio na montanha e mandava aqui pedir whisky. Portanto ajudas humanitárias e medicinas e comida, vestuário, sim. Sempre que eles pedissem, sempre que fosse possível, através dos estafetas deles, sempre. Tudo o resto, não me metia. Se ele me apanhava com uma mensagem, o que é que sucedia aqui à escola? Eu tive sempre que medir a

responsabilidade da escola que era dos rapazes. Entre os rapazes havia um bom grupo de espiões deles.

P: Deles de quem? Dos indonésios?

R: Dos indonésios. E portanto eu tinha que andar sempre muito na linha.

P: Eu ouvi dizer que o padre chegou a ser detido durante a ocupação e que até lhe bateram?

R: Não. Uma vez só um soco aqui em baixo no primeiro dia quando me encontrei com eles e mais nada. Nunca me tocaram. Vontade não faltou.

P: Nem nunca foi preso?

R: A não ser daquela vez que me levaram amarrado como um chouriço lá para Baucau. Controlado, perseguido, vigiado, desconfiado sim, isto sim. Mas sempre consegui mexer-me.

P: Disse que a Igreja, aqui vocês foram refúgio num primeiro momento e as pessoas procuravam sempre a Igreja quando eram maltratadas....

R: Sim. Isso não houve dúvida. E também eles sabiam quando se entregavam, eles procuravam sempre este caminho aqui de Fatu Maka, porque sabiam que depois eles me respeitavam e sabiam que eu podia falar com o exterior. A nossa vantagem também era esta aqui. Sobretudo a embaixada do Canadá estava sempre muito interessada em saber notícias. E mesmo quando Timor estava fechado, eles conseguiam vir até Díli. E extraordinariamente conseguiam vir até cá de helicóptero.

P: A Fatu Maka?

R: Sim. Os da embaixada...

P: Do Canadá, em Jacarta?

P: Sim, sim, sim. E então todos sabiam que estes diplomatas das embaixadas passavam por aqui. E dormiam aqui. Portanto tinham interesse em estar atento e não fazer as coisas porque eu relatava.

P: E passava mensagens por aí para dizer o que se passava cá?

R: Falávamos. Não é preciso passar mensagens. Nós dizíamos.

P: Mas quem é que vinha cá, eram diplomatas? Não era o embaixador?

R: O embaixador, a embaixadora veio uma vez que até atrevi-me a levar de carro lá em baixo, á ribeira. Ela estava interessada em ver os trabalhos dos arrozais, porque eles tinham ajudado com um tractor, os da embaixada. Tanto que depois ficámos no meio do rio entascados. Os militares todos, ficaram todos alarmados. Portanto eles vinham. Eram muito amigos.

P: Mas eram amigos do Colégio porque forneciam o Colégio ou porque estavam interessados na situação?

R: Estavam interessados em saber também porque depois...Eles tinham interesse em ver a situação real. E os senhores tinham interesse que dissessem coisas nas Nações Unidas que fossem a favor deles. Quem vinha mais vezes era a embaixada do Canadá. Mas também outras embaixadas.

P: Aqui?

R: Sim.

P: De helicóptero?

R: Sim. Os indonésios traziam-nos. Eles queriam mostrar que a escola estava a funcionar normalmente. De que aqui em volta a vida era normal.

P: De que era um bom exemplo.

R: Sim. E que eles abriam de tudo isso. Era um jogo.

P: E depois vocês falavam daquilo que se passava.

R: Daquilo que se passava.

P: A Igreja funcionou de certa forma como uma rede. Tinha uma rede lá fora. Vocês também comunicavam com as outras igrejas lá fora?

R: Nós aqui não. Mas o nosso provincial é que comunicava. Mas nós aqui não. também porque naquela altura não havia, não havia telemóvel. Havia só o telefone que estava estragado que nunca foi concertado. E eu tinha por princípio evitar ao máximo tudo o que desse nas vistas porque de facto eu queria continuar com a escola aberta. Não queria que a escola fechasse. Como aconteceu nas outras todas escolas do interior fecharam todas. Não só fechadas mas também destruídas.

P: E isto conseguiu-se manter.

R: Não tocaram em nada. Nem o vidro partiram.

P: Esta é uma escola agrícola é isso?

R: Quando começou, começou como escola agrícola. Em 75 ainda tinha uma secção de agricultura para a formação de capatazes agrícolas. Um ano de treino na agricultura. Mas já tinham começado com artes e ofícios. Escola de Artes e Ofícios.

P: Escola profissional.

R: Profissional mas de artes e ofícios, muito prática, sem título, sem diploma. Não formal. Começámos logo em 73 e praticamente em 75, era Escola de Artes e Ofícios. E depois a escola elementar de ciclo preparatório abrimos para as pessoas de fora. Para os rapazes e raparigas enquanto a escola agrícola e de artes e ofícios era para

rapazes que vinham praticamente de todo o território. E apesar das comunicações estarem completamente destruídas, os indonésios traziam os alunos de helicóptero, tinham interesse. Tinham interesse em mostrar que eles apoiavam a escola. Se havia desordem era os do mato, não devido a eles. Eles apoiavam.

P: E vocês aproveitavam.

R: Era do nosso interesse de manter a escola aberta e formar os rapazes. Naturalmente entre eles havia quem vinha com segundas intenções mas a maior parte... tanto que agora são todos antigos alunos que trabalham nas instâncias do governo e lugares muito importantes em todos os sectores da vida social.

P: A relação entre alguns padres e guerrilheiros acontece também porque alguns tinham sido colegas no seminários e até tinham tido os padres como professores. Acha que que essa relação teve importância no apoio que a Igreja deu à resistência?

R: Acho que foi basilar. Praticamente... o Xanana não foi aluno do Seminário.

P: Passou por lá.

R: Passou por lá, sim, sim. Ao tempo do padre, do monsenhor Ricardo. Portanto a começar por ele e todos por ali abaixo tinham passado pelo seminário. Também porque fora o pouco que havia em Díli para as escolas, quem tinha um pouco de formação, era Soibada, era Fuiloro, era aqui. Enfim, Maliana também. Também com os padres Verbitas. Portanto saíam todos dali. E mesmo Lobato e companhia limitada. Tantos.

P: Portanto acha que foi fundamental o conhecimento entre eles.

R: Sim sim.

P: A catolização aqui dá-se sobretudo no tempo dos indonésios. Como é que explica?

R: Aquilo foi um desastre autêntico. Porque foi uma coisa feita muito à pressa sem ir às raízes e portanto temos o que temos. Temos o que temos: um catolicismo, muito, muito superficial. Feito de emoções e mais nada. Mas de ideias concretas só os que antes eram de família católica. O resto... porque é o seguinte, em 75 só tínhamos 30% de católicos aqui. Eram todos gentios. E mais a mais, a maior parte da população que esteve de 75 a 78 no mato era toda pela FRETILIN, com as ideias marxistas-leninistas e companhia limitada. Só quando houve a rendição de 78 que desceram em procissão das montanhas, todos esfarrapados, sem nada... Foi um problema. Os indonésios começaram logo a distribuir o bilhete de identidade que cada um devia ter e mostrar sempre. E neste bilhete de identidade tinham de declarar a sua religião. E não se podia declarar gentio ou animista. Porque segundo a Pancasila deles lá todo o cidadão tem

uma religião. Não é animista. E então davam-lhe a escolher entre o Cristianismo, não Catolicismo, o Cristianismo, protestante e tudo, todos juntos, ou Islão ou Hinduista ou Budista. O que é que sucedia? Vinham por ali abaixo maltratados e tudo isso todos diziam que eram cristãos, que eram católicos. E então para disfarçar a coisa, nestes campos de concentração imensos (quando eles desceram da montanha tinham de ficar mesmo em campos de concentração porque era perigosos afastar-se devido aos indonésios e devido também aos guerrilheiros) começou a catequese. Uma catequese muito apressada porque eles tinham a sua religião. Facilitava-os. Foi ali que se organizou a catequese muito apressada, intensa.

P: Baptismos às centenas.

R: Sim e então baptizados.

P: E o senhor padre também baptizou muita gente?

R: Sim, sobretudo esta zona aqui que ia nos vários lugares. Em Bercoli, em Lulubo (?) sobretudo nestes dois lugares, o lugar onde eles se recolheram era na Igreja que ainda ficava de pé. Sem vidros, sem janelas sem portas mas ainda ficava de pé. Era uma coisa que ainda ficava de pé porque as barracas deles já foram destruídas. E então nós íamos lá para distribuir também alimentos e tudo isso.

P: Mas as pessoas podiam ter escolhido outra religião. Escolheram o Catolicismo porquê? Porque a Igreja estava mais próxima.?

R: Sim, porque sabiam que era a única que os defendia. E antipáticos os do Islão.

P: E houve tentativa de islamização?

R: Eles continuavam a insistir e muitos caíam na rede.

P: como é que eles faziam?

R: Praticamente obrigavam-nos, solicitavam-nos ou com presentes.. . também muitos para se safarem das desconfianças e tudo isso. Portanto faziam-se Islão e ficavam logo nas boas graças dos soldados. Foi isso. Mas não foram muitos. Foi muito pouca gente. Mas sem dúvida por parte dos indonésios havia esse interesse de islamizar porque julgavam que islamizando facilitavam também o trabalho de indonização.

P: Ha quanto tempo é que existe esta escola?

R: Começámos em 64 a abrir a estrada e a limpezas dos lugares. E em 65 começámos a construir o primeiro edifício. Em Junho.

P: E quando é que começou a funcionar?

R: Funcionou imediatamente em dois barracões de palapa com os rapazes da primária. Imediatamente. E depois do primeiro e segundo ano, começámos a fazer mais um barracão para ter internos.

P: É um colégio interno ainda hoje?

R: Sim temos aqui 250 internos.

P: E tem raparigas também?

R: Externas. Para a escola técnica.

P: Durante a ocupação Timor-Leste teve dois administradores apostólicos. Como é que define cada um deles?

R: Foram sempre muito coerentes com o cargo deles. Nem sempre compreendidos. O D. Ximenes quando começou como bispo não era muito compreendido pelo clero secular porque estavam contra que fosse um religioso a ser nomeado bispo. Mas mesmo D. Martinho sempre muito coerente com os princípios da Igreja e sempre muito forte, muito corajoso para declarar e para dizer, não escondia nada. E o mesmo com D. Ximenes.

P: Já disse, ele foi contestado. O padre também o contestou?

R: Não, porque ele estava aqui. Ele estava aqui, era director aqui e maestro dos noviços. Tínhamos começado apenas com dois, três noviços... Portanto ele saiu daqui.

P: E portanto os padres aqui não contestaram.

R: Não. Procurámos apoiá-lo também por solidariedade. Também sem dúvida percebíamos que ele era muito novo, que durante o período da guerra e da resistência não esteve aqui em Timor porque em 75 ele era ainda clérigo. Estava aqui como clérigo, que nós temos 3 anos durante a preparação para o sacerdócio, três anos de tirocínio. Ele estava aqui, fez aqui esse tirocínio. E em 75 quando aconteceu o golpe, ele estava em Díli para um curso de reciclagem, para começar com a educação aqui, organizado pelos da FRETILIN, rebentou o golpe e ele meteu-se logo num barco que estava aqui e foi logo para Macau. Até 81 quando ele regressou, não viveu esta coisa toda.

P: Mas depois acha que ele teve um comportamento à altura.

R: Sempre. Apesar de no princípio ter que balancear-se. Ele tinha que estar com os pés nos dois estribos. Se não fracassava logo. Foi pena que o clero diocesano não compreendeu isso para o apoiar mais. Mas depois converteram-se também a ele.

P: Mas ele no início, tanto ele como D. José diziam que eram favoráveis à integração.

R: D. José e não só ele. Praticamente a Igreja...

P: D. Martinho também?

R: Penso que sim... o erro não foi da Igreja. O erro foi da FRETILIN. Porque começaram logo em 74 com coisas que a Igreja não podia aceitar. E aquilo que eles pregavam, os cursos de reciclagem que faziam de lavagem de cérebro para imbuí-los todos de Marxismo-leninismo, a Igreja teve que... o comandante que depois nos defendeu durante a guerra aqui e que depois ficou em Quelicai. Ele dizia: “eu sou timorense, mas não sou FRETILIN. Eu não quero ser FRETILIN...” que era do Exército português, que estava em Balibó, depois ficou em Quelicai. Ele dizia: “eu sou timorense e luto contra os indonésios mas não sou FRETILIN. E quando nós ganharmos faremos as contas com os da FRETILIN...” Eu também no tempo da FFRETILIN, pelos da FFRETILIN era muito controlado. Eu não podia circular à vontade. Foi impossível ir a Venilale... a gente teve de ir a uma aldeia no mato para dar missa para os católicos que não eram a maioria mas eram um grupo. Tanto que depois eles proibiram-me de eu ir celebrar missa. Portanto tudo isso fazia com que, enfim... Sim patriotismo. Mas com estes fulanos a mandarem, não.

P: Mas houve padres que foram com eles para o mato.

R: Foram obrigados. Foram obrigados a ir. Também eu devia ir juntamente com o padre Afonso de 70 anos e um outro português e o outro italiano que estava aqui, irmão. Tínhamos que ir. Nós é que dissémos que não. “Levai-nos amarrados mas não nos mexeis.”

P: Eu falei com o padre Francisco Tavares e não me pareceu que ele fosse obrigado. Ele foi porque os indonésios avançaram e eles foram.

R: Está bem. Devia ser na altura em que não podia recuar. Também houve um ou outro que foi que é para acompanhar os timorenses. Que iam todos.

P: Padre Luís Costa que já não é padre acabou por fazer trabalho político para eles.

R: Ele o padre Luís Costa sim estava no mato tanto que depois estava ali em Quelicai e eu consegui trocar com ele para fazer a Páscoa em 76 e ele ir a Baguia. Portanto. Sim politicamente. Ideias de libertação, como a doutrina de libertação que a Igreja defende, apesar de no princípio ter sido contra porque vinha com um vocabulário que enfim era comprometedor. Mas a substância, o núcleo daquilo foi logo apanhado, foi logo defendido, foi logo promulgado pela Igreja. O D. José esteve naquele tempo em que praticamente os da FRETILIN faziam tudo. E ele não podia. Também ele era um tipo muito nervoso. Muito emocional. Depois nas suas saídas nem sempre conseguia controlar-se. Então naturalmente os da FRETILIN apanhavam isto como anti-

timorense. Mas ele não era. Tanto que ele na altura em que eles entraram, reagiu e protestou e foi muito rígido.

P: A Igreja coloca-se ao lado da integração num primeiro momento por causa da FRETILIN?

R: Se eles tivessem vindo... Mas este grupo de jovens que estava nas universidades de Lisboa, não para estudar mas para participar nos movimentos subversivos, nos movimentos clandestinos como os de Angola, como os de Moçambique. E deixaram também infiltrar elementos comunistas de fora. Isto foi o que se passou em Portugal. E estes jovens era tudo como eles e não estudavam. Vieram aqui burros mais do que quando foram. Mas imbuídos disto de cor. Durante o tempo da FRETILIN, durante o início de 76, um analfabeto que ficou logo como comandante do posto de Venilale e tudo isso, chegou cá e declamava de cor páginas e páginas...

P: Do quê?

R: De Mao Tse Tung e tudo isto. Tanto que eu fiquei mas como ... Isto foi o erro da FRETILIN. E no mato eram todos. Os que foram levados para o mato tinham todos doutrinação disso. Como é que a gente podia aceitar? Nós aqui também... apesar de um tal Pinheiro que estava aqui como assistente social aqui de Venilale, eu tive que encará-lo, tive que discutir com ele. E ele foi o que me proibiu de ir rezar a missa. Depois eu protestei com os maiores dele que estavam detrás de Vemasse e ainda consegui ter licença de fazer a Páscoa que já estava programada. Senão, nem celebrar a Páscoa com os católicos eu podia fazer.

P: Mas não eram todos. Porque havia alguns que eram católicos.

R: Sim, mas quem mandava eram esses. Também tínhamos antigos alunos que eram firmes. Também como esse comandante por exemplo que era firme. Diziam: “Nós temos que enfrentar o inimigo e temos que ser todos juntos, mesmo os da FRETILIN. Mas assim que nós conseguirmos a liberdade, sentamos e fazemos as contas. Não queremos nada com a FRETILIN.”

P: Dizem-me que foi D. Martinho no encontro que teve com Xanana que terá dito ao Xanana para mudarem de ideologia.

R: Eu só sei que o D. Martinho em 83... na Páscoa de 83, ele ainda estava... Depois da Páscoa é que foi corrido. Acredito que durante este período tinha começado o tal período de diálogo entre os do mato e os indonésios. Portanto em 83, o D.Martinho pediu-me para ir fazer a Páscoa com os do mato.

P: E foi?

R: E Fui. Como era o período das conversas e tudo isso, foram os militares indonésios que me levaram de helicóptero ao lugar onde estava o Xanana e o Estado Maior todo e um numerosíssimo grupo de timorenses com os quais eu celebrei a Páscoa. Foi no domingo de ramos em vez de ser o domingo da Páscoa. Eles queriam que fosse D. Martinho. D. Martinho pensou porque estava nas margens... viam-no de maus olhos. Pediu-me a mim. E eu fui. Celebrei os ramos em Venilale e depois à uma da tarde levaram-me para o sítio e lá celebramos o domingo de ramos, da Páscoa com eles. E foi a primeira vez que eu me encontrei com o Xanana. A primeira vez ali.

P: E como é que foi? De que é que falou nesse domingo de Páscoa?

R: Não me lembro. Falei da celebração da Páscoa... era a primeira vez que me encontrava com eles. Havia um bom grupo de antigos alunos ali que ocupavam os lugares de chefia. Mas eu procurei não sair daquilo que era o meu campo.

P: E eles eram muito religiosos? Mostraram-se muito religiosos?

R: Eles todos participaram. Tanto que depois desde este mês de Abril até praticamente Agosto, quando se interrompeu este período de contactos, eu fui rezar as missas para eles em vários lugares.

P: No mato?

R: Sim, com licença dos indonésios. Acompanhado. Porque era o momento em que eles queriam ver se.. fui. No lugar para lá da montanha de Quelicai, fui levado de helicóptero outra vez pelos indonésios. E eles estavam todos à espera e confessavam-se e comungavam. E naturalmente, o que falávamos era muito na base de ser muito humanos. E eles não pediam outra coisa. Eles já tinham os deles que os informavam sobre a política. Não era isso que eles pediam de nós. Eles pediam de nós qualquer coisa que lhes tocasse o coração um bocadinho. Eu não tive dificuldades por causa disso. Nunca me pediram. Agora em contactos.. tive vários contactos com um tal Ologari que também é nosso antigo aluno. Tive vários contactos lá em baixo na ribeira. Que ele vinha com o seu papelito cheio, escrito e tínhamos que acender a lâmpada para ele ver e fazer as suas objecções. Naqueles momentos ali em que é um para um, então eu podia-me permitir a dizer: “sim o ideal é este mas tendes cuidado porque temos que ser realistas, temos que pôr o pé no chão.”

P: Mas isso era um papel de aconselhamento religioso. Não era de passar mensagens.

R: Como digo eu nunca passei mensagens nenhuma. Eles vinham, traziam o seu papel, perguntavam, respondia. Mas trazer comigo mensagens, não trazia.

P: Neste caso era um trabalho religioso e espiritual que fazia?

R: Sim, sim e humanitário também. Nunca ia de mãos vazias.

P: Mas neste caso quando pediam para falar consigo era mais um trabalho religioso e espiritual?

R: Sim. Também quando eles pediam para contactar, pediam para saber sobre a posição e tudo isso e eu dava os conhecimentos que tinha que eram sempre muito limitados. Portanto eu nunca me meti a ouvir este, a ouvir aquele sobre as coisas.

Porque como digo não me queria comprometer devido a esta escola que funcionava.

P: Mas estava-lhe a perguntar se tem conhecimento de que terá sido o D. Martinho no encontro que tem como Xanana a virar a ideologia da FRETILIN.

R: Pode ser muito bem que o D. Martinho nos encontros que ele teve com Xanana lhe tenha dito e lhe tenha chamado à atenção sobre isso. Tanto que depois Xanana fez a mudança. Passou completamente de uma Marxismo-leninismo para aquilo que é uma coisa mais democrática. E eles, o comité central e tudo isso, chegaram a declarar que de facto eles tinham evoluído para essa outra fase e reconheciam os erros que tinham feito.

P: A visita do Papa. Acha que foi importante para a viragem na visibilidade da causa de Timor?

R: Preparei e tudo. E sofri depois as consequências.

P: Conte lá isso?

R: Nós juntamente com o padre Magalhães, em Baucau, e o padre João preparámos para deslocar o maior número de pessoas possível para Díli. E os militares deixaram-me liberdade porque eles queriam aproveitar-se deste encontro em Taci-Tolu como uma manifestação a favor deles. Portanto havia todas as facilidades. E de facto arranjámos uma espécie de comboio. Não sei se eram 30 ou 40 camionetas carregadas e foram por ali abaixo. Participámos naquele encontro que ele fez connosco na Catedral. Ele falou com os padres ali e depois fomos todos para Taci-Tolu. E ali naturalmente, tudo aquilo que ele fez convenceu os timorenses de que... porque por parte dos timorenses havia já, eram um pouco frios como Vaticano. Porque anteriormente quando eles deviam como que decidir...

P: Eram ambíguos...

R: Pender para uma parte ou pender para outra. Eles pensavam o bem da Igreja Indonésia ou o bem da Igreja em Timor e houve quem, limitados na sua maneira de pensar, dizia que era preferível favorecer boas relações com a Indonésia que contavam milhões e milhões. Enquanto Timor eram poucas centenas de milhares.

Também foi este um erro que depois fez com que... depois quando foi a notícia da visita do Santo Padre naturalmente que os indonésios faziam a sua propaganda mas também sabia-se que o Santo Padre não se deixava levar pelos indonésios. Tanto que ele insistiu de Jacarta para vir a Timor. E isso já foi um ponto positivo porque para a Indonésia, Timor era Indonésia e então vir a Jacarta era vir à Indonésia. Não era preciso vir aqui. Mas o Vaticano insistiu e exigiu. E então lá tiveram que aceitar porque queriam fazer boa figura. E então prepararam esta concentração de gente para convencer o Santo Padre que o Catolicismo era apoiado e era vivido. Portanto foi isso que se viveu. E os gestos que ele fez ali, naturalmente, fez os indonésios todos ficar assim muito preplexos. O facto de não beijar o solo de Timor no aeroporto porque enfim diplomaticamente ele viu que não era... Mas não recusou porque ao chegar a Taci-Tolu beijou a cruz no chão e beijou o solo timorense. Então foi logo ali um sinal... E depois o facto de na missa não dizer uma palavra em bahasa. Disse algumas palavras em tetum e depois em inglês. Mas nem sequer uma palavra. Nem bom dia. E isto foi uma coisa para quem é inteligente percebia logo.

P: Portanto o Papa soube fazer?

R: Soube, soube fazer o jogo bem. E os timorenses souberam compreender. Perceberam. E naturalmente isto deu azo a pôr fora lá porque quando vai o Santo Padre é jornalistas e tudo isso. E portanto foi uma abertura. E sobretudo o acto que concluiu a missa daquela pequena revolta que nos quiseram acusar como os provocadores dessa revolta, porque o meu amigo do coração, general Prabowo, maldito, estava já muito mal connosco e queria estudar o sistema de fazer com que o governo fechasse a escola de Fatu Maka. E então deitou-nos as culpas de termos preparado esta manifestação. Ele preparou tudo. Mas os nossos alunos, com a farda e tudo isso, estavam mesmo ao pé do altar. E ele fez com que isto rebentasse mesmo ao pé, no meio dos nossos alunos todos fardados com a escola de Fatu Maka. E então foi fácil para ele dizer que foi Fatu Maka com o padre Locatelli à frente, apesar...

P: E o padre não participou?

R: Eu nem sabia disso.

P: Não sabia?

R: Como e que podia saber?

P: Havia padres que sabiam.

R: Isto é com eles. Eu não sabia disso. Nem gostaria de saber disso. Porque para mim, de facto depois do que sucedeu com prisões, torturas e tudo isso, não sei se valeu a pena. Porque o Santo Padre não precisava disso para se aperceber da situação.

P: Mas os jornalistas estrangeiros que aqui estiveram...

R: Também tiveram muitos contactos.

P: Mas foi o que consciencializou mais os jornalistas estrangeiros.

R: E que muitos padres tenham sabido do caso... que haja um ou outro talvez.

P: Havia padres que sabiam, já desconfiavam.

R: Desconfiavam.

P: E o padre desconfiava?

R: Eu não desconfiava. Não desconfiava. Até meti-me e tudo. Só que como digo, depois acusaram o Colégio.

P: E o que é que lhe fizeram a si?

R: Logo após a coisa, chamaram-me ao comando. Eu bahsa nunca falei bem, sempre mastiguei. Além daquilo que é comer e beber, nunca. Sempre fui alérgico. Mas enfim o suficiente para responder áquilo que me perguntavam, consegui cozinhar. Foi logo a acusação de que eu era o responsável de ter estragado a visita do Papa com aquelas coisas. Mas como? Depois eles chegaram ali com coisas que eu graças a Deus tive iluminação e presença de espírito para desfazer logo as acusações. A primeira acusação era esta: num tal dia, agora não me lembro bem o dia, uns 3 ou 4 dias antes do encontro... Naquele dia, eu tinha tido um comício em que tinha falado para de facto preparar esta manifestação. Um tal dia, um tal lugar, às tantas. Eu reflecti um momento. Mas como é que pode ser isso se naquele dia, naquelas horas, eu estava reunido em Baucau com o comandante militar, com o comandante da polícia, com o padre e com todos os principais para junto estudarmos como é que devíamos trazer o maior número de pessoas para a visita do Papa. Portanto eu não podia estar ali a organizar o comício. Eles aperceberam-se de que estavam errados. Mas depois outra coisa que no dia anterior, eu tinha reunido os alunos do colégio e tínhamos preparado fazer esse comício. Eu disse: “Senhor comandante, eu dois dias antes do dia do Santo Padre mandei todos os alunos de férias e pedi a eles para prepararem os lugares para os colegas e os parentes que vinham de fora para poder receber. Portanto no dia antes da visita, não havia nem sequer um aluno no colégio.” Outra coisa que eles tiveram que comer. Depois embrulharam a coisa mas eu fiquei taxado. E eles prenderam, dois ou 3 alunos. Prenderam um grupo. Depois como interviemos e tudo isso, deixaram-

nos regressar. Seguidos e desconfiados e escoltados com a polícia porque tinham medo que nós fizéssemos qualquer coisa. Mas 3 foram presos e foram detidos e foram obrigados a dizer coisas e coisas contra o Colégio. E depois quem desfez toda a coisa foi o governador Mário Carrascalão com o qual eu tive possibilidade de me encontrar e dizer de tudo e ele ficar inteirado do assunto. Só que depois um dos 3 que parecia o mais esprevidado tinha feito declarações e então, quando o governador diz a eles do meu encontro, eles disseram logo ao governador, nós temos provas. Está aqui um aluno que esteve presente, que pode dizer tudo que de facto foi o padre que fez o comício para preparar os alunos. E então o governador disse: “deixa-me sozinho com o rapaz para eu falar com o rapaz.” E eles concederam. E o governador quando se encontrou sozinho com o rapaz procurou com perguntas fazer com que não estivesse atrapalhado, desconcentrado e tudo isso. E depois perguntou assim de repente: “Quando o padre fez o comício, falou em que língua? Em bahasa. E durante quantas horas. Umas duas, três horas. Sempre em bahasa.” Então ralharam. Porque sabiam que eu bahasa indonésio mal sabia para dizer duas palavras, agora para fazer o comício com os timorenses em bahasa, aquilo era um disparate. Aquilo era maquinação dos INTEL que tinham dito a ele para declarar. O governador riu-se abertamente, depois despediu o rapaz... e disse que acabassem de cozinhar mentiras sobre mentiras para fazer acusações que não têm fundamento. Portanto eu passei ali um período muito..

P: A utilização das celebrações religiosas aconteceu pela primeira vez dessa vez. Mas depois houve outras vezes. Como via o padre esta situação?

R: Também misturar as coisas nunca gostei. Agora aconteceram e aceitamos como sinais de que de facto, também devido ao facto de que esta cristianização foi feita muito à pressa. Muito superficial. Portanto estes fulanos faziam um raciocínio a dizer não misturemos as coisas. A política é a política, a religião é a religião. Sem dúvida que a religião nos dá força para na política sermos corajosos e defendermos os direitos humanos e tudo isso. Mas enfim havia grande confusão. E nós tivemos que aceitar um bocadinho a essa confusão. Também estes elementos que faziam um pouco de confusão, recebê-los e aturá-los e ajudá-los sempre.

P: Não acha que o religioso muitas vezes tem um papel político também?

R: Sim, não se podem separar. O objectivo do religioso e o objectivo do político, patriótico, faz parte da unidade da pessoa. Tanto que os que morreram, bispos, para defender os princípios sociais e tudo isso são uma realidade ainda hoje em dia. Mas também ir assim, estupidamente, sem uma preparação... porque muitas vezes eles

iam... não sei se havia um ou outro padre por detrás deles. Também entre os padres havia um ou outro que era mais político do que religioso. Também o D. Ximenes caiu um bocadinho neste erro porque se a Santa Sé em 2000 o retirou é porque de facto pendia mais para o político do que para o religioso. Também devido a todo o stress que ele tinha por causa destes anos todos.

P: Mas a Igreja em Timor sempre teve um papel bastante político porque os padres foram os primeiros governadores...

R: Sim mas sempre nesse sentido.

P: Acha que os jovens teriam outra maneira de se manifestarem a não ser através das manifestações religiosas?

R: Mesmo que nós concordássemos com isso, porém abríamos as portas a eles. Mas o princípio é o princípio. Depois no concreto tem de se caminhar conforme as coisas e olhar para aquilo que é humano.

P: Já me disse que o Vaticano teve uma política muito ambígua. Era também crítico da política do Vaticano em relação a Timor? Acha que o Vaticano devia ter sido mais activo na defesa de Timor?

R: Deveria ter proclamado imediatamente. Uns elementos do Vaticano que são mais políticos e diplomatas do que pastores viram o problema nesse sentido. Um pode dizer: “há uma certa razão.” Mas neste caso, não há razão. Não havia razão de sair com essas declarações. Fica calado e acabou e procura defender. Mas foi um ou outro mas para a FRETILIN, foi o Vaticano. Porque naquela altura também eles estavam todos a pender para o Marxismo-leninismo. Estamos sempre neste ponto. Foi um momento histórico assim em que de facto também para nós era difícil. Tínhamos que aceitar as coisas de um lado e do outro e procurar tirar aquilo que era o melhor possível.

P: E depois Santa Cruz. Como é que viveu o massacre?

R: Eu naquele dia por acaso estava em Díli porque calhou ter de ir com o camião para ver do material do Colégio e materias de construção e tudo isso. E praticamente, eu como saía sempre de madrugada, praticamente às 6h30, 7 horas da manhã já estava em Díli. Portanto tive tempo de contactar com os fornecedores e praticamente eu pelas 9h30, 10 horas já tinha o camião carregado. Mas circulavam por um lado e para o outro. Eu estava bastante longe de Santa Cruz. Eu estava mais para a zona do litoral. Mas percebia de que havia qualquer coisa de que não andava bem. E depois antes de eu arrancar com a camioneta, chegou-me uma madre salesiana que estava no Cristal.

Agora esta madre está em Jacarta. Ela estava ali, as madres salesianas têm uma casa na zona de Balide. Mesmo, um pouco distante da estrada principal que de Balide vai ao Matadouro, vai por ali abaixo. E ela chegou-me e disse-me de repente: “Oh padre não se deu conta? Oquê? Sucedeu um pandemónio, sucedeu um desastre, mortos e tiros. Onde? Ali em Santa Cruz.” Fiquei ali. Depois consegui, sempre indo ao largo, chegar à Câmara Eclesiástica, deixar ali a camioneta (que agora a Câmara Eclesiástica está destruída), deixar ali, porque ali porque ali havia calma, com um rapaz que me acompanhava. Deixei ali a camioneta. E depois consegui ir até à casa das madres, consegui ir até lá. E elas contaram-me o que tinham visto. E com o carro das madres, apesar de serem já duas da tarde, consegui dar uma volta no lugar, no cemitério. Estava tudo morto mas ainda havia no chão, água misturada de sangue. As cisteranas com as moto-bombas para lavarem o sangue, mas tinha ficado manchas de sangue. E as madres disseram-me também que tinham visto com os seus olhos as camionetas a transportarem feridos, feridos ou mortos, a caminho do matadouro, a caminho de Comoro, para sair de Díli. Isto é o que sei.

P: Na altura as imagens tiveram um grande impacto porque foi a primeira vez que houve imagens de uma massacre...

R: Sim, conseguiram sair. Foi também tudo muito fortuito porque não nomeiam mas quem ajudou muito foi um padre que vinha do Japão. Naquela altura era um salesiano, italiano que também tinha vindo dar umas voltas por aqui, e que naquela manhã estava.. ele vinha com uma máquina para filmar e conseguiu filmar e depois meteu-se imediatamente no carro para Comoro.

P: Mas foi um padre Salesiano ou foi o Max Stahl?

R: Um padre salesiano. Ninguém fala nele.

P: Como é que se chama esse padre Salesiano?

R: O apelido não me lembro, o padre Silvério.

P: Também há imagens deste padre Salesiano?

R: Ele chegou ao aeroporto. Como foi o primeiro a chegar ao aeroporto, ninguém o revistou. E ele tinha destruído a câmara fotográfica e a câmara de filmar. Mas tinha escondido na sua bagagem, os filminhos que ele tinha produzido. E como chegou ao aeroporto, numa altura em que no aeroporto também não se davam conta das coisas, passou logo do ‘check in’ para a sala de espera e no primeiro avião raspou-se. Chegou a Bali...

P: Mas as imagens que são conhecidas, são as do Max Stahl.

R: Sim, mas ele também conseguiu imediatamente.

P: Quem é que é esse padre Salesiano?

R: Não o encontra mais porque já morreu. Ele depois de vários anos, veio a Timor e ficou como padre diocesano ao dispôr da diocese de Díli e trabalhou numa aldeia qualquer ali de Loromono (?). Mas ele também foi porta para isso. Agora quem teve mais impacto foi o Max Stahl. Isto tudo está descrito no livro do Carrascalão.

P: Padre depois há também a questão do massacre se ter dado no meio de cruzes que remete para o martírio e com pessoas a rezarem. Acha que isto foi importante para que os ocidentais, cristãos, se identificassem com os timorenses?

R: O timorense a primeira coisa que faz é fazer o sinal da cruz e rezar. Quem sabe lá o que rezam mas a postura deles é de rezar. Portanto quem naquela altura assim que abriram o tiroteio e tudo isso, ficassem logo cheio de medo e se vissem na impossibilidade de escaparem-se, é ajoelhar e rezar. É instantâneo nos timorenses. E também devido à religiosidade muito emotiva. Isso não é de estranhar. Porque viam-se sem poder escapar-se de fora do cemitério.

P: Mas a identificação para fora acha que foi importante, o ter sido num lugar com cruzes e deles estarem a rezar? Acha que foi só o facto das imagens terem saído?

R: Sim porque eles ali não tinham muito tempo de reflectir, de escolher, de filmar o quê. Filmavam aquilo que podiam. Porque tudo estava a arder. Mas também é um sinal.

P: Eu digo é para quem estava fora...

R: Eu não as vi essas imagens, eu não as vi.

P: O D. Basílio disse-me que se lembra do nosso presidente na altura, Mário Soares, que é agnóstico, ter comentado as imagens dizendo que ficou muito sentido de ouvir rezar em português.

R: Naquela altura, antes de 75, as orações eram todas em português. Só depois é que começaram a traduzir para o tetum. Poucas eram em tetum. Ave Maria e o Pai Nosso e tudo isso. Mas era muito comum rezar em português. Portanto é mais que natural que eles tenham rezado em português. Que depois tenham um impacto sentimental no antigo presidente, isto está bem, pode ser... é uma coisa que tem o seu significado também. Sim.

P: E depois há o Nobel. Como soube do Nobel?

R: Nós estávamos em Díli. Tínhamos naquela altura uma celebração, em Díli, do cinquentenário da chegada dos salesianos a Díli (46-96). Havia uma celebração solene com a participação de todas as casas salesianas e com todas as licenças civis e militares. E praticamente durante essa celebração é que não sei quem, um irmão que estava a ouvir a rádio, ouviu. E foi logo, anunciou-nos logo e naturalmente em Díli soube-se imediatamente.

P: E acha que o prémio foi bem dividido?

R: Porque não. Eu não sei dar valor em cheio mas depois lendo e conversas que tive depois poucas como senhor Horta, ele lutou e há testemunhas de que ele era... e entre esses timorenses todos que estavam ali fora, era aquele que praticamente vivia muito pobre e em lugares paupérrimos enquanto que os outros estavam em lugares... não é que eu saiba dar valor em cheio porque eu, como digo, naquilo que é a diplomacia, naquilo que é a política, nessas coisas aqui, estou muito cru. Mas enfim pelo pouco e depois vendo também como o Ramos-Horta reagiu como presidente, penso que mereceu. O D. Belo sim aqui. E ele...

P: O D. Belo foi o reconhecimento do papel da Igreja?

R: Sim. Mas também para mim o Mário Carrascalão estaria no mesmo patamar.

P: E a prisão do Xanana?

R: Praticamente foi um coisa lá e como digo, eu nunca procurei ir à procura de notícias e tudo isso. Aquilo que me chegava aos ouvidos, mantinha para mim e não comentava.

P: Dizem que a Cruz Jovem foi instituída por D. Carlos a seguir à prisão do Xanana para unir os jovens?

R: Não, foi anterior. Isto da Cruz Jovem vem da celebração da Páscoa dos jovens que é uma coisa anterior ao facto de Santa Cruz. Foi anterior à prisão do Xanana também. Durante o tempo da Indonésia, como os nossos jovens não podiam participar nas jornadas mundiais da juventude, então a Igreja fez. E era sempre o segundo domingo da Páscoa. Tanto que nós aqui era um dia num distrito, outro dia noutro distrito. Naquela altura eu organizava era um sistema de proporcionar a alguns jovens de poder sair do seu ambiente. Havia a Cruz Jovem depois ela era entregue a outro distrito. Agora esta peregrinação por todos os lugares é devido à celebração dos 500 anos da cristianização de Timor. A entrada dos missionários e da Cruz portanto em Lifau. Mas uma peregrinação de Nossa Senhora, foi por isso que meteram junto Nossa Senhora e a Cruz, porque antes era só a Cruz Jovem, porque também... foi em

88... o ano que tinha sido decretado pela Igreja o ano Mariano, em todo o Mundo havia celebrações a Nossa Senhora, congressos e estudo se tudo isso. E aqui foi possível organizar uma peregrinação de Nossa Senhora por todos os distritos. E ali foi uma ocasião em que todos os timorenses deitavam para fora tudo o que tinham no coração. Quando Nossa Senhora passava num lugar, abriam-se e diziam tudo às claras aquilo que passava no coração deles.

P: Diziam tudo, como? Mesmo a lutar pela independência?

R: Sem medo nenhum. De uma maneira mesmo...

P: Assistiu?

R: Sim. Também passou por aqui. Só que no dia em que ela entrou aqui em Fatu Maka, também tive que ir ao mato participar num encontro onde tinha recebido 8 crianças dos que vieram do mato, todos de dois anos para baixo, para levar para Venilale. Mas participei.

P: Mas os timorenses pediam o quê? A independência? Tudo?

R: Diziam tudo às claras. E então devido a isso, essa peregrinação chocou muito. Esta peregrinação de Nossa Senhora. E talvez foi devido a isso que agora, para lembrar os 500 anos, tenham juntado a Cruz com a Nossa Senhora.

P: E depois o referendo como é que viveu o referendo?

R: O referendo foi bom. Depois do referendo é que foi um problema. Eu a nível nacional não sabia dizer. Mas aquilo que pude participar aqui. A preparação com os australianos, até havia um que fazia a sua preparação aqui nos arredores que era até muito amigo e vinha aqui também. A preparação do referendo, à sombra das Nações Unidas mas com a presença sempre dos militares era sempre uma interrogação para nós. Mas de qualquer maneira, estava estipulado, estava estipulado.

P: E sofreram muito depois aqui?

R: Depois sim, foi um desastre. O referendo foi no dia 19 de Agosto (engana-se) quando começaram a saber-se os resultados lá pelo dia 3 ou 4, no dia 5 foi logo a reacção da Indonésia em Díli, entrando em Lecidere, queimando em Lecidere que depois o bispo, por um triz, conseguiu safar-se e vir até aqui a Baucau. Os dias que sucederam, comunicações cortadas, portanto não sabíamos nada. Só aquilo que diziam, aqui, acolá.

P: Vocês aqui não sofreram muito. Não houve ataques?

R: Não. Não sofremos muito. No interior, não se sofreu muito fisicamente. Destruição de casas, no interior. Foi ao longo do mar. Mesmo a estrada principal de

Baucau para Viqueque, praticamente... Só em Ossú porque ali houve um erro de um fulano que quis aramar-se em esperto. E por acaso eu estava a passar por lá. Um fulano exaltado que armou-se em esperto a provocar os militares então, pronto. Praticamente no interior, desde Los Palos até Díli (depois de Díli para lá não sei que nunca fui). Ali é que foi um desastre, tudo queimado. Em Baucau também muito não porém como Manatuto, como Laleia ou Vemasse.

P: Porque houve padres e freiras mortos.

R: Isso foi depois. Foi muito depois. Depois da retirada dos indonésios. Foi já em fim de Setembro em Los Palos. E isto foram timorenses. Pró-indonésia, mas foram timorenses, não foram os indonésios. A retirada também sai muito mal porque as forças da resistência estavam desunidas. Sem comunicações e portanto... eu vim a saber através de um nosso antigo aluno que era comandante aqui que as ordens do comando da resistência era não reagir. Não actuar. Deixar, favorecer até os indonésios saírem. Mas isto o comando, os outros cada um fazia o que queria armado em esperto, armado em herói. Por exemplo em Laleia foi devido à coluna que passava de Los Palos, de militares, para retirar, começaram aos tiros em cima da coluna militar e naturalmente os militares reagiram queimando tudo.

P: E eles queimaram também em Díli a Casa do bispo, a Câmara Eclesiástica. Porque é que acha que eles tiveram como objectivos a Igreja?

R: Porque sabiam que o bispo, prémio Nobel da Paz e tudo isso... as suas declarações contra, contra sobretudo durante o referendo, era muito claro que ele dizia para os timorenses não terem medo e tudo isso. É natural. Ao saber de facto do resultado que era tudo pela independência tomaram de ponta o bispo. E depois destruíram. A palavra de ordem que eles passaram uns para os outros era destruir tudo. Foi sorte que não chegam a destruir as pontes. Foi por um triz também. Foi por um triz que chegaram em tempo as forças das Nações Unidas e começaram a actuar, de maneira que não tiveram tempo de minar as pontes e de fazer explodir as pontes que ficaram. E também os indonésios que apanham o maior número de gente possível para levar gente para o outro lado como reacção contra.

P: Como é que considera que foi o papel da Igreja durante a ocupação e que contributo terá dado para a Independência? Acha que foi importante ou não?

R: Eu acho que foi basilar. Foi e não é preciso que eu fale muito porque mesmo os que não são padres testemunham isso. Desde todo o trabalho que se fez para manter... mesmo os padres que foram para o mato juntamente com os timorenses e que

sofreram também com a FRETILIN. Sofreram, foram castigados e tudo pela FRETILIN. Portanto escuso de falar mais. Isto é uma coisa mais que conhecida.

Anexo 39

Entrevista a padre João Felgueiras

O padre João Felgueiras é um jesuíta português que foi para Timor-Leste em 1971. À data da entrevista tinha 94 anos e quando foi a invasão estava com 54. Assiste à invasão do alto do Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Dare juntamente com o padre José Alves Martins e o então seminarista Francisco Barreto. Fica em Timor durante a ocupação apenas saindo uma vez. É um dos padres que mais correspondência envia para fora de Timor-Leste. Muitas das suas cartas vão chegar a “A Paz é Possível em Timor-Leste”.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 30 de Julho de 2015

Pergunta: Estava cá na altura da invasão?

Resposta: Estava. A invasão foi em 75.

P: E lembra-se da invasão? O padre estava nas montanhas.

R: Eu estava no Seminário. Não era nas montanhas. Só subimos para as montanhas quando começaram os distúrbios. Depois voltei para Dare. Mas 78, 75, 76 viemos para baixo. O Seminário ficou impossibilitado de ser utilizado. Ficou destruído. Nós viemos para baixo. Em Balide e também na Câmara Eclesiástica. Mas então eu cheguei aqui no dia 14 de Janeiro de 1971. E fui para Dare porque o meu destino era trabalhar no Seminário de Dare. Não aqui em Díli, porque a Companhia de Jesus nessa altura não tinha trabalho em Díli. Só em Dare, no Seminário. Estava responsável pelo Seminário. Então de 71 a 74 foi lá a minha morada e também do senhor padre Martins e do irmão Ornelas e outros jesuítas. Padre Bernardo que ficaram aqui muito tempo. O Irmão Ornelas foi o primeiro jesuíta a chegar nesta última etapa, durante a guerra e o senhor padre Bernardo veio também para aqui, o padre Bernardo.. tinha sido missionário em Xangai, talvez em Xangai. Missionário das missões na China. E então na China foram expulsos os missionários todos estrangeiros e eles dispersaram-se aqui pela vizinhança. Uns foram para as Filipinas e alguns vieram também para aqui. E então o senhor bispo pediu para eles darem assistência ao Seminário... pediu ao Superior Geral da companhia para a companhia dirigir o Seminário....

P: Mas o senhor padre assistiu à tomada do Seminário também?

R: Então a Invasão foi a 7 de Dezembro. Estava naturalmente em Dare, no Seminário. Estávamos os dois sacerdotes e o padre Ricardo numa instalação da missão mais acima. Ele era o encarregado da paróquia. Mas não era propriamente responsável pelo Seminário. Colaborávamos. Então a partir dessa altura nós sentimos uma reviravolta total da nossa presença aqui e na situação geral de Timor. Quer para a Igreja, quer para o povo, a cidade...com esses primeiros bombardeamentos e paraquedistas. Então foi no dia 7 de Dezembro de 75. De manhãzinha muito cedo começaram a descer os pára-quedistas sobre Díli. As forças militares timorenses estavam à espera deles. Tinham sabido pouco antes a data da invasão. Que a invasão seria feita, parece que já sabiam disso há bastante tempo, naquela data foi um bocadinho revelada... parece-me a mim porque ouvi. Foi revelada mais recentemente. Então na véspera, dia 6 à noite, eu consegui ligar o rádio. O rádio captava as emissões e ouvi a mensagem do senhor Xavier do Amaral que tinha sido escolhido para a implantação da República.

P: A declaração da independência.

R: Veio senhor Xavier do Amaral fazer apelos para Angola, ao Presidente da República de Angola, para um assunto em que eles iam ser invadidos e se retirariam para as montanhas e resistirem nos buracos. Foi assim essa mensagem que eu ouvi na rádio. Realmente no dia seguinte os indonésios entraram em Díli. Na baía de Díli havia 22 ou 24 barcos. Não era certamente a esquadra americana com aqueles cruzadores, aqueles barcos conforme eles tinham... até barcos particulares, que eles disseram, barcos dos padres verbitas –não por sua vontade, tiveram de entregar os barcos para o serviço militar. Então eram 24...23 ou 24 que eu contei lá de cima do Seminário de Dare. Depois foram chegando, aproximando-se. Mas havia também barcas dos militares, da força naval indonésia que começou a descarregar os tanques. E as tropas. Tinham aquelas lançadeiras, as plataformas. Descarregavam ali os tanques. E constou que algum tanque anfíbio se afundou. No entanto começaram a entrar e a disparar para as montanhas. A entrada dos pára-quedistas, voltando um bocadinho atrás, parece que foi desastrosa. Ouvi também. Não assisti. Lá em cima não vimos porque era muito cedo. Mas soubemos depois. Foi bastante desastrosa e parece que mal calculada tecnicamente, estrategicamente. Porque os pobres dos militares desciam e ainda vinham no ar, disparavam, morriam. Chegavam mortos cá abaixo... disparavam, as forças timorenses. As leis parece que é assim não se dispara para um pára-quedista que está a descer. O certo é que tinham morrido e alguns, contaram-me, terão ficado dependurados nos fios electricos. Isto teve como consequência uma reação da parte das forças quando depois a força militar indonésia foi avançado da praia para ao interior, quando encontravam um pára-quedista morto matavam no perímetro tudo o que encontravam por aqui. Verdade ou não verdade eu ouvi contar isso. Então avançaram e lá de cima então começámos a observar... Das montanhas, de Dare, com um pequeno binóculo que tínhamos. Como havia um grande movimento em Díli a entrar nas casas e nós pensámos... talvez o desejo de se fazer o bem a toda a gente... que eles entravam a começavam a tirar e a distribuir ao povo. Acho que não era bem assim... era a guerra, destruir e matar. Entretanto aconteciam coisas em Díli que soubemos mais tarde como foi a morte da esposa do Nicolau Lobato. Em Díli muitas pessoas fugiram e nós assistimos a essa fuga. Lá de cima podíamos ver as pessoas em fila a seguir.... e depois lá para as montanhas e para outros lados... fugiram conforme puderam. Então esta avançada dos militares encontrou um grupo de talvez duas ou 3 senhoras e homens. Homens corriam mais perigo. E uma senhora

levava uma criança então... quem são vocês e disseram esta é a mulher de Nicolau. Foi ali morta e não se se a atiraram depois ao mar. O menino que nasceu tenho a impressão que não o mataram e que este senhor que agora vive aí e que é filho do Nicolau. José, um senhor já formado, doutorado e que já trabalha. Por conseguinte houve ali um drama triste junto à Câmara Eclesiástica, nas imediações do Hotel Timor. Também me contam um episódio que teria acontecido no que é hoje uma parte da universidade, a UNTL. Era ali uma missão de assistência social com rés-do-chão e andar de cima e que sei também já cheio pessoas que se refugiaram ali, crianças e outras pessoas que fugiram porque as tropas ameaçavam e matavam bastante...à toa e sem investigação nenhuma. Entraram então... essa patrulha que entrou nessa assistência social perguntou àquelas pessoas que estavam ali, crianças e ...: então vós por quem sois? Se diziam que era APODETI estavam salvos. Se diziam FRETILIN estavam perdidos. Acho que foi ali uma mortandade naquela altura.

P: Depois eles chegaram até Dare?

R: Dare chegaram no dia...

P: 23?...

R: 14... bombardearam Dare... Dare foi bombardeado no dia 13 de Novembro... 13 de Dezembro com dois ou três morteiros.. e destruíram o Seminário e nós estávamos realmente lá ainda no edifício mas debaixo dos bancos, bancos fortes e ali tínhamos uma espécie de protecção, protecção psicológica. Debaixo dos bancos da Capela. O Santíssimo Sacramento já tínhamos retirado e ali ficámos à espera que terminasse aquele bombardeamento. Quando terminou, saltamos quer pelas portas quer pelas janelas e abandonámos para sempre aquela capela. Não podia ser mais habitada...que eles depois ocuparam como salão para eles. Depois foram seguidos os bombardeamentos, muito violentos. Mas nunca nos atingiram mais. Era uma chuva de morteiros e de balas ou assim... muito ligeiros... aí já não era.. depois mais tarde veio também. Mas ouvimos um tiroteio permanente e então fugimos para umas imediações e ali ficámos numa casa, sem protecção nenhuma, numa casa de palapa. E ali ficamos uns dias. Por fim nós não aguentávamos mais, começamos a dispersar um pouco. Eu fui outra vez para o Seminário mas para uma parte de cima onde estava o senhor padre Ricardo. E o padre Martins foi... distanciou-se mais para o outro lado onde estava o irmão Ornelas e lá se encontraram os dois. E eu fui ter com o padre Ricardo e ali fiquei com ele. Ali foi também uma angústia terrível. Eram estrondos espantosos que nos rebentavam com a cabeça... morteiros... de grande potência. E por milagre

não nos atingiu a nós. O padre Martins uma vez foi atingido, ainda foi atingido numa perna e depois um senhor, enfermeiro que estava lá deu-lhe assistência e foi tratado. No Seminário tinha sido atingido um rapaz, um seminarista. Foi também tratado pelo enfermeiro e depois foi levado para Díli. Foi tratado. Hoje está aí. Não é sacerdote mas é um homem bem formado. Então quando é que eles chegaram ali? Chegaram ali creio que na véspera, não no dia de Natal. Chegaram ali e nesse dia... e tivemos esta possibilidade de nos encontrarmos. Mas o encontro foi muito interessante, de certa forma foi muito interessante porque depois deles ocuparem o Seminário de Nossa Senhora de Fátima, ficava num plano mais abaixo (tem uma varanda muito bonita sobre a cidade), então subiram por ali... e o irmão Ornelas via na montanha em frente via eles a entrar e a saltar para dentro da varanda. Depois no dia, não sei se é 24 ou 25, não lhe sei dizer com precisão, nós percebemos que eles já estavam muito próximo. Não queríamos sair porque podíamos ser atingidos então ficámos dentro da casa. Então o senhor padre Ricardo estava a celebrar missa. No momento em que ele estava a celebrar missa com o muito povo que estava ali protegido. E eu não estava a concelebrar e então percebia que realmente havia militares ali junto à casa. Tive este pensamento ou Deus me deu este pensamento. Pus uma estola, uma estola que tínhamos recebido em 74, não sei quem deu nos Estados Unidos... alguém ofereceu, talvez um senhor padre amigo nos ofereceu. Uma estola branca e uma estola verde. Então pus a estola, aproximei-me de uma janela, abri a janela então em frente já estavam, não digo uma companhia inteira mas um grande grupo de militares com as armas apontadas para o edifício. E eu apercebi-me instintivamente ou por inspiração de Deus, fiz-lhes sinal que tinham ao lado uma porta para entrar. Portanto não era necessário saltar pelas janelas e disparar. Tinham uma porta ao lado. Depois eu encaminhei-me para essa porta e eles já lá estavam com as armas apontadas para o chão mas já lá estavam. Depois entraram por ali e começaram a passar depois pelos quartos, pelas salas, do pequeno edifício. E dentro- com isto não quero denegrir o Exército indonésio porque as guerras são as guerras não há educação, há violência- e então é interessante que eles coisas que lhe interessavam, uma máquina de escrever ou telemóveis ainda não tínhamos, outras coisas, máquinas de escrever ou máquinas fotográficas, tudo o que havia desse género, era passado da janela para fora que o chão é quase ao nível fora e dentro. E então fora ia um outro com mochila aberta. Então era só tirar dali e enfiar nas mochilas e assim limpavam a casa. Iam-nos dizendo que em Jacarta havia muita coisa. Vamos levar isto tudo depois em Jacarta há lá muita

coisa. E realmente deram, deram muita coisa. Só que ficámos sem nada, sem nada. Depois eu fui com este senhor, devia ser um oficial, passei para um pátio que era um pátio onde havia um rectângulo do tamanho de um campo de futebol, quase metade de um campo de futebol. E então de um lado eram salas de aula, do outro lado uma capela. E eu com esse militar ao lado apontei aqui em frente, acolá temos uma sala parece-me que está vazia e ali a capela. Vamos lá ver. Então fomos para o lado da capela. Todo o rés-do-chão. Ele com o cano da espingarda partiu os vidros, olhou lá para dentro não viu ninguém, passámos. Em frente havia um edifício também grande que era quadrilátero de uma sala de aula. Também fez a mesma coisa, abriu ou abrimos a porta já não sei o pormenor. Pensando que não via ninguém e ao canto da esquerda daquela sala um homem, uma mulher e um bebé. O homem de pé, a senhora sentada com o bebé ao colo. E era o Natal. Eu vi aquilo fiquei chocado, fiquei impressionado. O homem também parece que ficou impressionado e retirou-se sem dizer nada. Depois continuou aquele tempo a passar... o povo começou a fugir e naquele tempo foi dramático.

P: Dizem que filmou a invasão e que os indonésios levaram os filmes.

R: Não, nessa altura tínhamos uma belíssima máquina fotográfica tipo Laica que eles também levaram e mais tarde pareceu-me que a encontrei numa casa de artigos antigos na Indonésia, em Jacarta. Eu olhei para aquela é esta a máquina mas tinha medo de me equivocar que depois ainda me podiam apanhar. Naquele tempo nós andávamos todos com muito receio.

P: Depois houve a ocupação e senhor padre e o padre Martins escreveram muitas cartas?

R: Sim... já antes.

P: Mas escreviam para onde? Escreviam para quem?

R: Para a minha família. Não tinha interesse... não havia interesse em informar de coisas especiais porque nada acontecia até à invasão era tudo normal.

P: Mas depois da invasão escreviam.

R: Mas antes da invasão. Desde que cheguei aqui em 71 fui escrevendo regularmente cartas para a minha família sobretudo. Também para os superiores jesuítas quer de Lisboa, quer de Roma. E essas cartas foram conservadas cuidadosamente. Todo o tempo de 71 até 75 fui escrevendo sempre, sempre. E depois aconteceu, damos agora um salto, já no tempo da libertação eu estava em Portugal com o padre Martins. Já não sei assim data exacta. Mas já recentemente. Não sei se 85, 86. Ou 95, 96. Muito

recentemente. E começámos a recolher as nossas memórias, as nossas recordações. E eu com o padre Martins conseguimos reunir numas semanas em Soutelo porque eu sozinho talvez não chegasse ao fim daquilo. Não conseguia. Mas com a ajuda do padre Martins fizemos os dois esse livro.

P: Livro...

R: ...As memórias. Então um dia fui com ele à minha casa, em Caldas das Taipas, muito perto de Braga. E então estávamos ali a falar deste assunto e a certa altura vejo a minha irmã, era a única que já tinha, a entrar na sala com uma caixa: olha padre Joãozinho, temos aqui as tuas cartas que vieram de Timor. Desde 71 até aquela data. Até à data em que nós estávamos na guerra. Foi espantoso porque depois aquilo deu-nos elementos que nós já não iríamos recordar.

P: Mas aquelas cartas de que fala nos livros não são só para a família?

R: Considero para a família e para .. estas cartas não eram...enviámos cartas foi até à invasão. Depois também enviámos cartas, iam lá ter por meios assim...

P: Como é que enviavam?

R: E depois havia a informação para os superiores. Não era tanto... para a família também. Dizíamos o que se passava e realmente ali dizíamos coisas muito fortes. Mas para os nossos superiores, para Roma também. E eles recolheram ali uma informação. Como é que essas cartas passavam desde que começou a invasão? Passavam por amigos que vinham cá ou nós alguma vez que íamos lá. Mas iam sempre com grande risco, grande perigo. Então punhamos aqui, por exemplo, um envelope grande dirigido a sua excelência o núncio apostólico de Díli, núncio apostólico em Jacarta. Outras vezes era, Monsenhor arcebispo de Jacarta para ver se eles não tocavam... que é isto? É uma mensagem para o senhor bispo de Jacarta... respeitariam. Teriam medo de fazer uma coisa dessas. Isto é para o Vaticano, embaixador. Mas nunca nos atingiram, nunca se aperceberam disto. Desconfiavam certamente, desconfiavam mas nunca fomos prejudicados nesse aspecto. Fomos sempre muito cautelosos. Mas as cartas foram desta maneira. Depois começámos a enviar também gravações, disquetes, muitas disquetes.

P: Gravações de quê?

R: Gravações de... disquetes... falado creio que não mandámos mas disquetes escritas muitas e estão lá em Lisboa.

P: E mandavam para quem?

R: Para os nossos superiores lá de Portugal, os superiores lá da companhia.

P: A falar da situação era isso?

R: Do que interessava falar porque era uma guerra terrível. Sempre com um bocadinho de cautela por causa dos nomes. Mas fomos informando muito daquilo que se passava. E em boa parte anexo no fim daquele livrinho.

P: Sim, padre isso quer dizer que vocês usavam a rede da igreja. Porque a Igreja tem uma grande rede...

R: Certamente. Foi digamos que a Companhia de Jesus ficou aqui. Se a Companhia de Jesus tivesse saído eu creio que Timor teria perdido uma ajuda preciosa para a continuação da sua resistência. E quanto à fé, não era tanto isso. Na Indonésia há muitos católicos. Quando há esta iniciativa ou esta evolução para ir para a autonomia, autodeterminação se não fosse isto... havia alguns que também passavam mas com tanta regularidade creio que não. Pelo menos não aparece.

P: Que escrevessem...

R: Se aparecerem melhor. Não é que eu queira dizer nós é que somos, nós é que salvámos. Não quero dizer isso. Mas digo-lhe por respeito que devo à Companhia, que a Companhia de Jesus no caso de Timor foi uma ajuda preciosa. Desde o Padre Geral aos nossos superiores... até os padres, os indonésios. Os indonésios com muita...

P: Descrição?

R: ..Cautela, cautela procuraram ajudar-nos. Tinham de ser cautelosos porquê? Porque se os indonésios, os militares indonésios, e mais e os do segredo, da estratégia deles, da segurança. Se eles nos apanhassem a nós ou a eles éramos postos fora. Matar não matariam. Naquela altura, na Indonésia, que eu ouvi. Quem fosse contra Timor ou era expulso ou era preso. Então os jesuítas, os que contactaram connosco foi sempre com muita delicadeza. Nunca nos disseram: “vocês deixem-se disso.” E então o Padre Geral... o Padre Superior Geral de todos os jesuítas do mundo, está em Roma. Era então o padre Pedro Arrupe, uma pessoa muito famosa nos meios especiais, na fundação...

P: E ele passava a informação, era isso?

R: Não ele não se metia nisso. Era o Superior Geral. Ele contactava tinha-nos, digamos no coração. Na mente e no coração. Estava muito atento ao que se passava aqui. Então ele avisou várias vezes o superior vizinho, nosso. O Padre Provincial na Indonésia que queria saber notícias nossas, daqueles três jesuítas que estão em Timor. E eles tinham medo também de contactar, e não se atreviam a vir. Até que ele insistia, insistia, insistia. Por fim apareceu aqui um jesuíta indonésio. Lá conseguiram, que

eles tinham muitos amigos nos militares. Nos militares de alta patente, os jesuítas tinham muitos amigos e com isso conseguiram também ajudaram-nos a nós. Esse padre chegou e leu-nos a carta do padre Arrupe. Hoje ainda me comovo com este gesto do padre Arrupe. “Como é que estão vocês?” Foi uma coisa para nós... Ainda hoje ainda me comovo. E então a presença da Companhia, para mim, cada vez mais com o tempo passa, e das informações que vou obtendo, a Companhia foi um elemento de alto nível e de grande eficiência para a continuação do processo da resistência em Timor e da protecção lá fora.

P: Mas porque é que diz isso padre?

R: Pela continuidade que houve.

P: Pela informação que foram dando?

R:...que foi dada e pela influência que eles tinham também lá na Indonésia. E pelo que foram começando a fazer. A partir de certa altura eles vieram regularmente aqui.

P: Os indonésios.

R: Os padres indonésios, vinham trazer-nos cada mês, regularmente. Da parte da Igreja, da conferência episcopal Indonésua vinha um sacerdote mas que era jesuíta, uma senhora chinesa muito boa. Chama-se Imaculada, Ima. E o padre era Adro Portranto (?) um padre também muito dedicado e cumpriu com uma delicadeza espantosa. Nós sentíamos nele verdadeiros amigos. Então como é que isto começou? Em 77, o Padre Geral, o padre Pedro Arrupe veio à Indonésia. Em Julho, Agosto... agora a memória está-me a fugir... de 77. E então avisou o Padre Provincial que queria que nós fôssemos lá. Então fomos os dois, o padre Martins e eu. O irmão Ornelas ficou por aqui. Então lá estivemos.

P: Portanto os 3 jesuítas eram o padre, o padre Martins e o padre, irmão Ornelas?

R: Os 3 jesuítas portugueses eram os 3 que estávamos aqui.

P: E foram lá.

R: Encontrámos com o Padre Geral, com os superiores todos do Oriente. De certo modo esta oportunidade foi excelente porque eles levaram a mensagem para os seus países daquilo que se estava a passar em Timor. Do Japão à Austrália eles foram informados do que se passava com mais verdade do que se passava aqui em Timor. E depois de termos ouvido as explicações, lá as reuniões do programa, terminou a convenção..., ele chamou-nos em particular, os dois para falar com ele. No fim da conversa, contámos o que se passava e as perspectivas que havia e o futuro. E ele realmente concordava, a situação é muito difícil. Eles aqui só temem a censura

internacional, vocês realmente correm muitos riscos e o futuro de Timor muito em perigo. Depois terminou essa conversa, e disse: “agora vamos à capela rezar. Vamos a la capilla rezar por ustedes”. E fomos os três. Ele à frente lá foi, entrámos na capela lá naquela casa em que estávamos, em Jogjarkarta e ele à frente e nós os dois atrás. Em silêncio um pouco. E a certa altura ele diz assim: “ahora vamos rezar um padre nuestro por ustedes para que ustedes sean os bons samaritanos do povo de Timor.” Coisa linda, que marca também. Era uma missão da Companhia de Jesus a trabalhar com sinceridade, com lealdade. E depois nesse mesmo encontro geral com os jesuítas do Japão até à Austrália em que esteve também um padre que trouxe uma máquina fotográfica, não sei se mais alguma coisa, uma máquina fotográfica do Japão... Olympus pequenina, mas que foi preciosa que eu não tinha. Essa máquina foi preciosa também.

P: Foi preciosa porquê?

R: Ah porque depois tirei milhares de fotografias durante aquele tempo todo. Desde 77 para a frente. Nunca me disseram não pode tirar fotografias. Tirei fotografias onde queria e quando queria.

P: Das atrocidades também?

R: Isso não, não conseguimos lá chegar. Essas torturas e massacres isso nunca vimos. Vimos sair daqueles compartimentos agora massacres não vimos. E depois outro episódio muito importante que realmente marcou o futuro da acção da Companhia a favor de Timor. Havia já alguns sacerdotes muito empenhados no caso de Timor, já antes da invasão. Um deles era um australiano, um senhor chamado Mark Raper.

P: Jesuíta também?

R: Jesuíta, sim. Jovem, ainda muito jovem. Apareceu em Outubro de 75 em Dare, de repente, de surpresa. Em Outubro de 75. Ficámos muito impressionados.

P: 75?

R: 75 sim.

P: Antes da invasão.

R: Exatamente na invasão. Em Outubro de 75. Porque havia uma certa amizade entre aquele grupo trabalhista, o Partido Trabalhista e a FRETILIN. Havia qualquer assim amizade e um certo apoio e talvez que o padre por esse meio teve facilidade em ser acolhido pela FRETILIN e deixá-lo passar. Ou também na esperança de colher coisas. Então esteve connosco e ficámos amigos. Pedimos-lhe apoio. Por exemplo que ele fosse falar com os comandantes e que não batessem, não torturassem os presos que

estavam no quartel general. Este padre também estava em Jacarta em 77. Então certo dia, ele e outro chamaram-nos. Vem cá. Fomos os dois para um quarto assim como este e era este padre Mark Raper, depois o outro que foi provincial, Adano (?) e este Ardo Putranto... e depois o Distra (?) holandês. Eram os três que melhor nos podiam ajudar. Todas pessoas muito empenhadas na questão social. Tudo de alma e coração para o bem da sociedade e dos povos. Por conseguinte eles ali comprometeram-se connosco. O compromisso deles. Eles diziam: “você não pode estar só.” É uma expressão que tem um termo muito bonito que eu nunca mais esqueci em indonésio. “Você deve estar com alguém ao lado, você tem de contar que alguém está ao vosso lado”. E assim foi tempo. Depois houve mais outro episódio que mostra como foi a estratégia da Companhia. A certa altura a companhia mudou a nossa situação. Já não estávamos dependentes do Padre Provincial de Portugal, porque não tínhamos possibilidade de comunicação. Ficou o da Indonésia. Custou um bocado aquilo mas não havia realmente outra maneira de enfrentar a questão. E então eles começaram a ver que aqueles mesmos que tinham estado ali com a ligação com a Conferência Episcopal da Indonésia. Porque esse padre Adro Putranto e... trabalhavam também com o pessoal da Indonésia, então passaram a visitar-nos periodicamente, cada mês. Iam-nos trazendo dinheiro e com esse dinheiro que era distribuído... Dinheiro para nós, outro dinheiro que era para o senhor padre João de Deus que também se aproximou. Naquela altura havia muita unidade entre os sacerdotes, muito unidos. Reuníamos-nos ali onde era o Seminário. Então o padre João de Deus recebia também umas ajudas, alguma coisa para os seus orfãos. Então vinham aqui periodicamente. Então essa era a grande oportunidade para nós enviarmos coisas por mão segura.

P: E o que enviavam, além das cartas?

R: Só isso.

P: Só enviavam as cartas

R: Não, mais nada. Nem outra coisa nos trouxeram senão isso. Com essa visita manteve-se sempre uma comunicação. Depois quando íamos a Jacarta era com essas pessoas que nós nos encontrávamos. Então começou ali um canal precioso. Então a um nível assim não para passar uma porção de balas... Isso não.

P: Mas passavam por exemplo fotografias?

R: Mandar a informação, comunicação para lá.

P: Só cartas? Mas fotografias também passavam?

R: Fotografias não sei se mandavam. Já não estou...Creio que também, creio que também foram fotografias para lá. E então aconteceu mais um episódio para ver a acção da Companhia. Uma vez que a Companhia em Portugal já não podia actuar aqui porque estávamos separados pela guerra, então a Companhia entregou-nos a administração desta missão à Indonésia. Então a Companhia começou a contactar também com o bispo. E o bispo era D. Carlos Belo, começou a encontrar-se também com a Companhia e depois entenderam-se para que a Companhia ficasse encarregada de uma escola que eles chamam SMA. Escola média superior, alta, é até ao 12º ano. Eles tomaram com muito gosto e os indonésios viam isto como uma coisa preciosa. Que eles, os indonésios pudessem ter escola onde pudessem ensinar o indonésio que era a grande força em que eles confiavam. O estudo, aprendizagem desde o bebé até à universidade e realmente assim foi, conseguiram isso. Essa estratégia que me disseram a mim, quando eu estava em Dare dizia-me um oficial, comandante do batalhão: “padre porque é que o povo foge de nós?” Isto é uma pergunta muito interessante, muito histórica. “Porque é que o povo foge de nós? Oh senhores então vocês queriam que o povo vos recebesse? Da maneira como vocês entraram fez com que o povo todo fugisse. Tem razão. E se nós fizermos complexos escolares. Ah, ora aí está.” Eles vinham com um projecto que realmente foram realizando. Até ao dia de hoje isso teve efeito. Hoje grande, não digo a percentagem, falam indonésio. A quem ensinava? Aos pequerruchos que entravam no primeiro ano. E quem ensinava? Alguns professores que começavam a tentar falar, com medo, aprenderam indonésio para não serem maltratados. E depois as senhoras e os senhores professores indonésios a quem chamavam às senhoras Bu e ao senhor, ao professor Pa. Pa guru e Bu guru. A senhora professora Bu guru, o senhor professor Pa guru. Iam-se espalhando por todo o Timor. Onde iam avançado procuraram ter. Avançaram, avançaram, avançaram... puseram toda esta gente a falar indonésio.

P: Mas não os puseram do lado deles, o povo nunca esteve do lado deles.

R: Isso nunca se sabe. Não sabemos. Para onde é que se inclinou o coração das pessoas, a gente nunca sabe.

P: Mas houve sempre...

R: É a estrutura psicológica de quem tem séculos de independência. A primeira vez a pessoa sujeitava-se ao que ... ou aprendes ou morres. Apanhas um tiro se não estudas.

P: Mas sempre lutaram pela independência.

R: Isso lutavam os que estavam no mato e a inteligência, a organização...

P: Clandestina.

R: De todo o povo para a independência era muito difícil porque havia partidos muito antagónicos. Muito.... uns pediam a intervenção, outros a meia-integração e outros a independência total. Por conseguinte o povo estava muito desnorteado. Puxar por um, puxar por outro. A mim diziam que havia quem tinha cartão da FRETILIN, cartão da UDT e cartão do APODETI, conforme precisamente o que vinha apontar a arma. Diante do medo quem é o povo ia fazer. Aqui também ou crês ou morres, ou aprendes ou morres. E então o povo começou a falar todo indonésio. Até nas repartições lá estava o aviso: fale indonésio.... E eles diziam: “um país uma língua”... uma língua de unidade. Parece que a China também teve um bocado disso com o mandarim. Todos.. pode falar o cantonês mas... e o marquês e Pombal lá em Portugal fez a mesma coisa no Brasil. Por conseguinte eles tiveram uma estratégia muito exacta e conseguiram e Timor realmente ficou a saber.

P: Mas então...

R: ...uma vez que o governo indonésio quis implantar as escolas em indonésio por todo o Timor, quando, o bispo de Díli pediu ajuda para virem aqui... ficou contentíssimo. Então veio... o programa era de fazer o tal SMA e veio um sacerdote muito competente, irmão de uns grandes que faziam o grupo de reflexão... agora não me lembra... então veio esse senhor padre, fiquei eu o director da escola. Um padre de total confiança da INTEL e dos militares. Completamente, muito, de toda a confiança. E realmente procurava cumprir. E dessa maneira fez o bem que outros não podiam fazer. Por conseguinte não era um homem que não era falso. Era um homem que cumpria naquele limite que era o fio da navalha. No limite...Assim fazíamos o bem que se puder ser. Certamente não era a intenção dele fazer a integração. Talvez que pensasse porque Timor tal como estava queria ser comunista. Muita gente lá na Indonésia pensava isto. “Ah vocês querem ser comunistas?” Era o que nos perguntavam. Portanto havia muito equívoco, muita falta de informação. E as pessoas eram ingénuas e comprometiam-se sem saber porquê. Então começou esse colégio ou essa escola. E a diocese tinha uma organização escolar por todo o território, por todo o Timor. E então foi pouco a pouco entregando tudo aos padres indonésios. Então havia um director indonésio na escola e um director geral do ensino da Igreja que era o senhor padre chamado Pandoio (?). Ora isso foi uma coisa excelente porque havia uma escola antes da invasão, já muito antiga chamada Externato S. José. E naquela altura o Seminário já estava aqui em baixo. O Externato S. José estava fechado que

tinha sido todo destruído, todas as instalações e os padres dispersos e as famílias sobretudo. Então a certa altura nós viemos para baixo, os jesuítas vieram para baixo e reabrimos o Seminário noutra lugar aqui em Díli e começámos com os nossos professores. Mas víamos que não tínhamos professores suficientes. E entretanto o padre Leão e o padre... começaram também com o Externato S. José mas também não tinham...e pensámos então vamos reunir. Olhe foi uma coisa fantástica. Estratégia providencial. Estes padres são realmente marcados pela providência divina na defesa de Timor. Então para director do espectro escolar oficial da diocese, escolar veio este padre. Então o que é que acontecia? Então o que é que acontecia? Nós seguíamos o programa todo em português. Enquanto os indonésios queriam implementar a língua indonésia e com isso “indoneizar” Timor, nós podíamos ter o programa totalmente em português como em Lisboa. E então como é que se oficializava? Era o padre que se encarregava. Punha um carimbo e corresponde, corresponde à primária, ao pré-secundária.

P: Portanto funcionavam um pouco clandestinamente?

R: Não, não. Oficial, nada de clandestinos.

P: Mas quê era o padre jesuíta que dava...

R: Não, não. Não era nada clandestino. Tudo oficial porque eles nem se aperceberam que nós seguíamos um curriculum. Porque nós também ensinávamos bahasa indonésio. Também ensinávamos. Ensina indonésio, pronto não há problema. Ensinem lá o que vocês quiserem. Nós ensinávamos todo o curriculum em português mas ensinávamos também em indonésio. Está a ver o que isto foi de precioso e de garantia para a língua portuguesa. Se hoje há dificuldades porque os planos são muito débeis, o que se passa sobre este assunto são muito débeis, porque as pessoas ou têm medo ou não sabem o que hão-de fazer. E a língua, digamos não se alastra rapidamente e a todos os níveis como podia ser. Mas os programas também são...têm muitas dificuldades nesse aspecto. E então seguimos o nosso programa mas o ensino da língua indonésia era perfeito. E a certa altura estes jovens começaram a ir estudar para a Indonésia, eram os que falavam melhor indonésio, eram eles. Diziam lá os mestre: os que falam melhor indonésio são os jovens estudantes que vêm de Díli, que vêm de Timor. Por conseguinte houve esta estratégia. Se não tivesse vindo a Companhia de Jesus da Indonésia para aqui trabalhar nós não teríamos esta ocasião de estar a secção escolar da diocese entregue a um jesuíta indonésio. Era de toda a confiança do governo.

P: E era ele que oficializava então os currículos do Externato?

R: Era ele como autoridade.

P: De tudo.

R: Sim, sim. De tudo. Ele era o representante da diocese e a diocese tinha todo direito de ter as suas escolas. O governo reconhecia isso mas tinham de ser oficializadas. Então aquele que representava a diocese perante o governo era este padre, o padre Pandoio (?). Depois veio outro. Mas isso foi uma ajuda fantástica, preciosa. Se isso não tivesse existido, não teríamos feito o que se fez.

P: E ajudavam também a resistência, os padres jesuítas?

R: A parte da resistência eram mais os padres salesianos. Esses sim. Fizeram pelo povo. Nós não tínhamos tanto acesso ao povo. Ajudávamos os que estavam aqui assim. Mas a grande ajuda ao povo, em massa na zona Leste foram os padres salesianos. O padre João de Deus, o padre Magalhães, o padre Locatelli e os outros, o padre Afonso Nacher. Foi um trabalho precioso. Às vezes acho que se fala pouco disso mas foi um trabalho fantástico. Garantiram não ser exterminada aquela gente toda. A fome era terrível. Eu lembro-me do padre João de Deus nos ter dito que quando eles levavam os sacos de arroz ou de milho caía um grãozinho no chão as pessoas iam logo agarrar como fazem os passarinhos. Logo. A fome era terrível. Esses comunicavam então no mato. Nós pouco. Havia a comunicação mas mais discreta, muito mais seleccionada, com muito menos...

P: Portanto vocês era a comunicação para o exterior através das cartas?

R: Não era uma agência de comunicação, não era ... aproveitar as passagens que iam e vinham, realmente havia. Nós comunicávamos para os senhores padres. Os senhores padres tinham coisas que mandar vinha por esta via. Nós se tínhamos alguma coisa para eles, vinha por outra via. Uma delas é uma senhora que agora é ministra. Uma jovem, uma menina que nessa altura ela é que fazia.

P: Que é? Como é que se chama?

R: Não digo.

P: Não tem mal.

R: Pois não tem mal sei eu. Então essa foi uma grande ajuda presente na Companhia de Jesus. (...)Depois a formação de jesuítas timorenses. Apesar daquele ambiente de guerra, houve três jovens que terminaram o Seminário que pediram para entrar na Companhia e que entraram.

P: Quem eram?

R: O primeiro era João Inocêncio Domingos(?) Piedade que está agora nos Estados Unidos, esteve em Roma e em Nápoles. E que antes se formou em Paris e Munique e que fez a defesa da tese como é que é um filósofo alemão sobre Epistemologia.... não me lembro agora. Pessoal excepcional de grandes qualidades. Depois o padre Filomeno Jacob e depois um outro que até já morreu. E depois continuaram a seguir alguns. Ainda há alguns jesuítas aqui a trabalhar, um indonésio, muito bom, muito simpático. Por conseguinte entre nós e os jesuítas indonésios nunca houve um sentido de azedume porque eles trataram sempre com muito carinho.

P: E sempre ajudaram também

R: Eu fui lá muitas vezes, por questões médicas e tratavam-nos com o maior carinho. Nem as nossas mães fariam melhor porque eles faziam tudo o que estava ao seu alcance. Faziam... mesmo proteger-nos. “Cuidado não vá agora, não fale, não diga isto.” Eram muito cautelosos. E acompanhavam-nos até chegar aqui. Saíamos de Jacarta e eles iam saber se nós chegávamos aqui. No aeroporto se aparecer diga assim. Muito cautelosos. Protegeram-nos muito.

P: Padre um dia o senhor um dia sai, vai para Portugal e vai para Roma e depois eles não o quiseram deixar entrar.

R: Há também um episódio... quando aumentou esse grupo mas já nos últimos tempos...foram muitos estudantes timorenses para estudar na Indonésia. Muitos, milhares. Hoje ainda há também muitos milhares. Por isso é que há um ambiente parece que sem cor que não sabemos se é timorense, se é indonésio. Há qualquer coisa assim. Quem tem a escola largamente num sítio fica influenciado e filho desta escola. Se estudares em Coimbra ou estudares em Paris, ou em Oxford. E os jovens timorenses foram para a Indonésia. Alguns conseguiram como que emergir e transformar até aquilo em ajuda para a sua autovalorização, autovalor de si mesmo e saber apreciar o sentido de nacionalidade e de independência. Outros deixaram-se influenciar. Estamos bem, cá estamos e tal....

P: Os que foram estudar para a Indonésia...

R: Entretanto os que estavam, que eram já muitos. Nestes últimos tempos, nestes últimos tempos, foi efeito de um trabalho de anos, muitos anos. Foi quase 20 anos deste trabalho. Lento, muito lento, muito lento. Talvez dos trabalhos mais lentos, mais massificados do que talvez aqui a desenvolver o sentido de nacionalidade da sociedade timorense. Isso atrasou-se muito. E hoje não sei se toda a gente está empregnada, embebida desse sentido de consciência da nacionalidade, de consciência

de pátria. Mas naquele tempo havia mais. Aqueles jovens quanto muito desenvolveram o sentido de pátria. Então eram os que trabalhavam de certo modo melhor. Também tinham mais liberdade. Aqui tinham uma certa liberdade mas eram apanhados e desapareciam. Então estes estudantes foram para lá, foram aumentando, aumentando, aumentando. Foi de certo modo a invasão do invasor. Invadiram o invasor. Espalhados por todas as escolas. Nós tínhamos até uma obra de apoio em bolsa de estudos aos estudantes aqui ou noutra sítio que nos era dada pelo Padre Geral. Já não era aquele primeiro, era um outro. E então pedi-lhe ajuda para dar apoio aqui aos estudantes, porque havia esta degradação. Os rapazes, sobretudo as meninas não aprendiam nada, ficavam à margem da sociedade, sem qualidade a ser transformadas numa sociedade degradada. Eu então fiz este apelo ao Padre Geral, o padre ... padre holandês. E ele sim senhor, mandou-me 4 mil dólares. Parece pouco mas foi uma semente. Então começámos a ajudar aqui em Balide pouco a pouco. Devemos ter ajudado à volta de dois mil ou mais estudantes. Até ao fim. Alguns até ao fim. Em quase todos licenciados indonésios nós tínhamos jovens a quem pagávamos mensalmente, ia o dinheiro para o banco. Não havia problema. Era pelo banco... eu ia visitá-los lá uma vez, encontros de cem pessoas que eu fiz numa visita em

P: Denpasar, Bali?

R: Não era uma cidade onde estavam muitos. Onde estava também o reitor, um jesuíta que foi muito amigo também. Um padre que foi depois aqui também reitor da UNTL. Foram dois ou 3 jesuítas reitores da universidade.... mas os jesuítas tiveram uma influência muito grande. O governo indonésio confiou muito neles. E realmente eles cumpriram... Na sua missão de sacerdotes, cumpriram. Não pressionaram nada nessas coisas políticas. Nunca percebemos isso. Nunca disseram vocês devem. Não jamais. Foram independentes e livres o forneciam aquilo que nos era útil para levar o ideal para a frente. Assim houvesse da parte da maioria dos timorenses esta delicadeza para com o sentido de pátria. Hoje Timor não estava com os problemas que tem. Os padres jesuítas indonésios que estiveram aqui souberam acompanhar o assunto com a maior delicadeza, a maior prudência para nos ajudar, dar os meios para nós nos reconciliarmos e podermos viver o nosso ideal. Ora bem, então entretanto iam estes jovens para lá estudar. Conheciam os seus companheiros e como tal e contavam. Até crianças aqui contam entre si o que se passa na sua vida de um e de outro. “O meu pai abandonou a minha mãe.” Contam estas coisas entre si. Os jovens

timorenses estavam ali, naturalmente eram interrogados: “afinal o que é que se passou? Conta-me lá...Afinal o que fazem lá os militares?” Uma pergunta muito estratégica deles: o que é que fizeram lá os militares? Claro alguns não queriam acreditar. Mas outros acreditavam. Foram passando anos da invasão. 77 creio que foi o ano que começaram a ir para lá estudantes timorenses. Depois o caso de Timor começou a ser conhecido na verdade. Não pelos jornais, pelos jovens que iam para lá.

P: Oh senhor padre...

R: Espere aí. Quando chegou já os tempos últimos, os jesuítas indonésios também já tinham e ainda continuam agora com a seu apostolado, evangelização, tinham um ou dois sacerdotes que trabalhavam muito para a apastorar com os universitários, como lá em Portugal nós também temos isso, essas coisa. E os nossos estudantes ambientavam com eles, acompanhavam muito e eram católicos e tudo. E estes estudantes como já eram inteligentes e bem formados e tinham estudado, alguns pelos menos, no Externato de S. José, foram lançando as suas ideias. E entretanto, lá fora também se trabalhava. Também estava a acompanhar o assunto de Timor. Mas aí eu não vou falar que vocês sabem. E então a certa altura o padre que estava aqui, o director do Seminário. O provincial, o padre disse-me: “Olhe, disse-me o padre, o tal encarregado dos estudantes universitários indonésios que o estudantes indonésios estão unidos com os timorenses.” Ah para mim aquilo foi o abrir uma janela, ver o horizonte onde estava o porto a que nós nos destinávamos. Quer dizer a classe intelectual indonésia começou-se a aperceber da injustiça que se estava aqui... que isto era uma vergonha para a Indonésia. Entretanto havia um que tinha muito contacto e até eram amigos com o senhor Abílio, um jesuíta indonésio... isso são pormenores que eu já não posso. Veja o percurso que teve em tudo isto a Companhia de Jesus. Teve nos momentos, nos pontos da decisão. A cultura, aqui a escola, o acompanhamento... o interesse e até apoio à escola, económico. E depois informar correctamente o que se passava. Lá em Portugal também se fazia isso... por exemplo aquele referência do Barbedo de Magalhães que iniciou aquelas jornadas. Foi precioso e levou o caso de Timor não a apresentar-nos como bandoleiros que andam a tiroteio. Não, como gente que está na luta pelos seus direitos. Mas a nível intelectual. Os intelectuais puderam acompanhar aquilo. As classes não só intelectual mas outros que acompanhavam através das nossas universidades o caso de Timor. E depois havia muitas outras maneiras. Havia aquelas imagens grandes que eles faziam, cartões, fotografias... houve um trabalho muito, que era feito muito delicadamente mas foram dando informação. E depois já

nos últimos tempos a TSF, emissora também trabalhou muito durante os últimos tempos.

P: A TSF?

R: E em Fátima também. Também rezavam. A Companhia foi maravilhosa.

P: Dizem-me também que no Externato, os padres iam passando a mensagem aos jovens timorenses.

R: Isso era por conta própria, não era preciso. Estando naquele currículo e estando nós à vontade a ensinar, com as crianças jovens era tudo, não eram filhos de polícias indonésios, secreta.

P: E o que é que diziam?

R: Totalmente à vontade.

P: Mas diziam que era preciso lutar por Timor?

R: Não de maneira nenhuma.

P: Então o que é que diziam?

R: Isso era de uma insensatez...

P: Mas é que me dizem que vocês passavam a mensagem.

R: Davamos instruções. Dizíamos a verdade das coisas.

P: E o que é que era a verdade das coisas?

R: Jamais passou pela cabeça de alguém dizer a alguém lutem pela independência. Isso era uma imbecilidade que matavam-nos logo. Ensinavam-se as matérias, a matemática, a física, a geografia e a história e depois dizíamos a verdade e mantinham-se aquele ambiente. Aquele caldeamento na unidade. E os pais, que era um dos valores, um dos segredos da amizade entre os padres, os docentes da escola e o povo, a família. As famílias tinham ali os filhos. Era uma unidade. Por conseguinte ali ninguém dizia vocês lutem, isso é uma igenuidade. Mas alguma vez se dizia: se vocês querem ser independentes este é o percurso. Um povo para ser independente deve ter isto, isto, isto e isto.

P: A educação...

R: Mas isso é irrelevante. O que foi, foi o conjunto. O português e a filosofia também dávamos. Mas estar a fazer propaganda ou de um partido ou.. nem se podia fazer. Era uma insensatez. Fazíamos e no outro dia mandávam-nos embora. Foi tudo feito com muita delicadeza, sem amargura de ninguém. Por fim fecharam o externato quase quando já não era preciso.

P: Sim fecharam o externato por causa da manifestação do 12 de Novembro.

R: O bispo já não aguentava com as pressões.

P: Na manifestação de 12 de Novembro. Esteve lá o Max Stahl e ele escondeu as cassetes no cemitério.

R: Sim muito interessante.

P: Quem é que o ajudou a tirar as cassetes de lá?

R: Foi ele lá buscá-las.

P: Foi ele?

R: Ele mesmo. Ele é que foi lá.

P: Não foi o padre que ajudou? Vocês no vosso livro dizem que houve alguém que foi lá com ele.

R: Foi ele, foi ele que foi lá buscá-las. Contou ele. Foi lá à tardinha ou à noitinha. Uma pessoa muito simples e tem um carisma e tem qualidades que Deus lhe deu. E realmente foi outro ponto estratégico. Sempre aquela imagem. Eu estava lá perto e vi –o passar do lado do cemitério para o centro levado por dois militares. Mas passado pouco tempo voltou cá. E continuou.

P: Mas o senhor padre não teve nenhuma influência. Porque eu ouvi contar que o senhor teria levado as cassetes para fora, não houve nada disso?

R: Não, não. Mandámos muitas disquetes para fora. Não filmes. Ah creio que também mandámos alguma coisa. Agora já não estou recordado e passavam-nas lá em Lisboa. Mas isso já nem me lembro. Agora as disquetes isso foram lá recebidas em Lisboa.

P: E quando o senhor padre esteve retido na Indonésia, lembra-se?

R: Isso é outro episódio com uma acção providencial maravilhosa, porque eu entrei na Indonésia mas foi já como que por engano. Eu estava lá, já quando fui daqui me diziam: “você não pode mais entrar, você não volta.” Eu tinha imensa pena, amargura terrível mas sentia que devia ir, que devia ir. Então quando depois fui a tempo... eu devia renovar o meu visto e ajudou-me um dos padres jesuítas que nessa altura estava a estudar em Roma. Um jesuíta timorense. Estava em Roma. Tudo isto estava a providência de Deus colocou as pessoas no seu devido lugar para nos ajudarmos. O testemunho seguiu regularmente até chegar aos seus respectivos destinos. Então eu fui a Roma uma primeira vez. Não consegui e fui desiludido de Timor, como temia, não podia voltar. No entanto com uma esperança. Mas por fim recebi a carta do Padre Geral a dizer: “olhe padre compreendo mas não pode, a Indonésia, o governo não o deixa entrar. “E depois creio as razões. As razões que eu... aqui em Timor falava-se

indonésio. A grande razão primeiro era esta e eu não falava indonésio. Eu falava mas eu não era promotor da língua indonésia. Embora falasse tão bem quase como alguns. Não muito bem mas falava... melhor o padre Martins. Depois foi assim um pouco com o bispo. Ora eu não tinha nada nem contra o bispo, nem... assim como não fui enviado para promover a língua portuguesa também não tinha vocação para estar a promover a língua indonésia. Trabalhávamos usando mais ou menos as línguas que fazem falta. Mas de facto era na questão da língua que eles me queriam apanhar. Já houve também problemas... agora o tempo está a terminar...apanhava-se.. pela língua podiam expulsar daqui. “Padre é incompetente porque em que língua é que você ensina, o senhor? Na que ensinei até agora: português. Ah cá está...” de maneira que era um bocado isso. Tudo influenciado e submetido numa campanha infeliz. O bispo fazia o que podia. Tinha de andar naquele balanço e eu compreendia tudo aquilo e lá fiquei uns meses. Por fim tinha de ir a Roma para renovar o visto e fui com o padre Jacob ainda era estudante, não era padre. Tinha de ir à embaixada. Mas antes de ir passamos diante da Basílica de S. Pedro e estivémos ali a rezar, o momento difícil... lá fomos com um medo, uma coisa, uma pressão terrível. Entrámos na embaixada Indonésia. “Ah meu Deus que vai ser de mim?” Depois entramos numa salinha como esta, pequena, e estavam duas religiosas... um bocado de italiano. Então mães? estamos a fazer o visto para ir para Timor. E eu cala-te boca. E elas disseram eram salesianas. Estavam ali também... eu não disse, nem elas me disseram quem eu era. Eu sou padre... e elas então. Foi engraçado aquele encontro. Duas irmãs indonésias que se encontram com o padre que está em Timor... não eram indonésias, italianas. Então iam para...

P: Para Timor...

R: Depois lá tratámos, fomos... por fim lá o secretário do consulado. “Viemos aqui ver se é possível renovar o passaporte. Claro que sim, ah, ah, claro que sim. Nós somos como tantas outras organizações estrangeiras. Renovamos, vai renovar só vai demorar é muito tempo e o padre já devia ter vindo cá para isso não demorar tanto tempo.” Então entregámos. “Só que vai demorar bastante tempo porque temos de mandar para Díli e não pode ir por via diplomática, vai demorar bastante tempo.” Já foi um alívio deles aceitarem. Pronto voltei para casa. Entretanto caí doente ali. Fui para o hospital por causa daquele cansaço, fiquei muito abatido, fiquei deprimido. E enquanto passa por Roma uma religiosa das irmãs carmelitas que estão aqui em Motael que vinha para Timor. Já tinha estado aqui já tinha ido de férias, agora voltava

e passava. Ora o padre Jacob e eu entregámos à madre. “Oh madre entregue estes... as fotocópias... entregue diretamente ao senhor Mário Carrascalão... ao padre Martins, o padre Martins fará depois...” então o padre Martins teve imediatamente, ao receber os papéis, de tratar com o senhor Mário Carrascalão, o governador e o comandante da polícia, o comandante da INTEL que já eram até amigos. Mais algum tempo já estava em Roma. Isso soube mais tarde. Por conseguinte entreguei os papéis e depois o melhor é eu voltar a Portugal. Esperei, esperei, esperei. 14 de setembro de 77 telefona-me o tal padre, o padre Filomeno Jacob: “padre sabe que dia é hoje? Eh não sei. Dia 14, dia de Santa Cruz.” Santa Cruz em que nós tínhamos, anos antes, feito uma cerimónia muito linda da benção de uma cruz que pode ir lá ver, vale a pena ir lá ver no Seminário. E fizemos uma procissão muito linda. “Olhe chegou a licença de você voltar a Timor.” Oh passaram-me as doenças todas que eu tinha. Tinha muitas doenças naquela altura. Mas com aquilo melhorei por completo. Então o que tinha era, o Padre Provincial estava sempre a dizer para voltar para Roma. Então estava o senhor padre jesuíta muito amigo, muito conhecido ainda é (estive aqui há pouco tempo): Padre Manuel Morojão. Muito bom e veio aqui já várias vezes. E então preparei as coisas e segui para Roma. Despedi-me dos timorenses que estavam em Lisboa. Para aí 100, na casa dos jesuítas. E fui para Lisboa à espera para depois encontrar-me com os superiores. Não o Geral que esse é muito amigo e queria apoiar-me verdadeiramente depois de eu voltar... quis sempre ajudar-me para eu voltar. Mas outros havia que não era muito assim, estavam mais a tender para é melhor não voltar, é melhor não voltar. Então cheguei a Roma em Setembro, Outubro creio eu. Outubro de 77. Em Setembro de 77 e fui falar com o Padre Geral. O Padre Geral: “olhe eu estou muito contente mas ainda vamos ver se há aqui... está aqui o bispo de Jacarta”- veja estes pontos muito interessante- “está aqui o bispo de Jacarta vou também falar com ele. Depois vamos ver. Vamos ver o que é que ele diz porque em Díli, não o querem. Deixe. Eu vou falar com o bispo- que era um jesuíta, o senhor bispo, padre Sukoto...” eu rezava, rezava, rezava. Passava o dia a rezar. Um dia chama-me, um superior da Companhia: “Olhe padre afinal é muito difícil você ir para Timor, muito difícil.” (Esse foi sempre contra a minha vinda...) “nós queremos que o padre fique cá. Um padre jesuíta que já morreu. Era um homem de muito valor, missionário no Japão, italiano mas missionário no Japão. Bom ele fez o que pôde que julgava ser bom...E a certa altura comunicou da casa Geral para a casa onde eu estava que era uma residência junto da universidade... Estava com um padre jesuíta português. E a

comunicação era esta: “venha à portaria que o Padre Geral vai ter consigo. O que é que irá ele dizer? Que posso, não posso.” Então fui para portaria e a certa altura vinha o Padre Geral (ainda é vivo), a pé, com uma pasta na mão.

Então padre Felgueiras vamos aqui à sala de visitas. Depois trago aqui duas cartas. O padre vai para Timor, vai. Mas ainda vai para a Indonésia. Ainda vai submeter-se aquela prova. E leva aqui duas cartas. Uma para o Provincial indonésio, outra para o senhor bispo. E depois faz o que eles lhe disserem. Se eles lhe pedirem para o padre ficar na Indonésia um tempo para aprender a língua, faça isso. O resto...E outra carta para mim. Uma delicadeza. A companhia acompanhou-me a mim e ao padre Martins com toda a delicadeza. E depois despedimo-nos. E fui para o aeroporto e ouvi dizer que o bispo também ia para, voltava de Roma para Jacarta. Nunca mais pensei até nele. Estou no aeroporto vejo o bispo chegar acompanhado, de indivíduos de preto. Bom, são todos “intéis”, a acompanhar o bispo. Depois passaram, olharam assim para mim um bocadinho desconfiados. “Ali está o perigo, ali está o perigoso. Ali está o criminoso. “E fiquei à espera ali sozinho, sozinho. E dali fiz a viagem toda sem mais. O bispo ia lá à frente e eu cá atrás. Chegámos a Jacarta problema outra vez. E arrumei as minhas coisas e fomos para a alfândega e aquelas coisas, documentos, passaportes. E levava a minha mala. Cheguei a um ponto fiquei à espera para se ver os vistos e os passaportes. Depois mandavam, a gente avançava. Enquanto eu ia a caminho apareceu-me ali na janela um timorense, um jovem timorense com quem eu tinha mantido muita comunicação com ele. Agora é o embaixador na Malásia. José Amorim. Nós dissemos adeus. Já vinha mais à vontade. Timor à vista. Ainda faltava muita coisa. Depois os polícias mandaram-me avançar, apresentei o meu passaporte, carimbou. Peguei na mala levei a mala para a inspecção, sem abrir. “O que é que você leva aqui? É roupa.” Vá-se embora. Passei, sem nada, problema nenhum. Enquanto íamos saindo do avião para a alfândega, encontrei o bispo: “Oh senhor bispo agora vai ser o meu anjo da guarda, vai ser o meu anjo da guarda.” Silencioso... talvez...depois aconteceu isto. Entretanto o senhor bispo também foi chamado, pela via dos nacionais, à parte. Foi para o estrangeiro. Eles começaram a ver o pasaporte dele e a dar voltas e a dar voltas e a dar voltas. Depois a mala dele puseram em cima daquele balcão, abriram, revistaram, revolveram. E era o bispo de Jacarta. E fecharam tudo. Eu estava ali com ele ao pé dele. Vai ser o meu anjo da guarda. Chega um polícia: “você em que avião veio? Vim neste. Veio neste? Enfim olhe com o senhor bispo.” Vai para dentro lá à procura dos documentos da polícia e assim ficou. Depois soube,

se eu não estava como bispo eles mandavam-me outra vez para trás. A minha sorte... “a sua sorte foi estar com o bispo. Eles não quiseram armar um problema. A sua sorte foi estar com o bispo.” E depois fiquei oito meses em Jacarta. O Provincial recebeu-me: “então você fica aqui neste colégio tanto tempo depois vai para outra casa em Jacarata. Vai ficar a estudar bahasa indonésio. Sim senhor.” Fiquei descansado, descontraído.

P: Porque é que era tão importante regressar a Timor, para si?

R: A evangelização e depois ficava sozinho aqui o padre Martins que também não aguentaria, ele e o irmão Ornelas. Isso influenciou muito em mim. A paciência do padre Martins. Também ficou na mesma. Quando ele esteve lá eu estava aqui sozinho, eu também senti a mesma coisa: vou deixar o padre sozinho. Mas a evangelização de Timor. A minha missão era esta. Depois não havia razão nenhuma para eu não voltar. A minha missão é Timor. Senti um apelo para Timor. Então fiquei ali 8 meses lá na casa dos jesuítas. Tinha muitos amigos com quem falava, jesuítas como padre... teve muita influência nos meios do governo e depois falava com os jesuítas todos. Transmítia muitas mensagens. Mas havia outro efeito- a providência aqui estava. Como eu passava todos os dias, 8 meses, metido em casa, os estudantes timorenses de Jacarta e de outras cidades acudiam ali e falávamos, falávamos, falávamos.... Claro, não dizíamos vamos agora adorar a bandeira indonésia, não podíamos dizer isso, nem dar pontapés. Vamos cumprir os nossos deveres. Vinham de Jacarta de Jogjakarta....ali todos os dias. A certa altura algum lá na casa diziam: “então estes são activistas?” Eram muitos. Enchíamos a capela para a missa com eles. “Não, não, isto é evangelização.” A minha intenção era a imagem que dava a esta gente que estava ali.

P: Mas depois acabou por ter também um trabalho político. O jesuítas acabaram por ter também um trabalho político.

R: Político, não digo. Era um trabalho de honestidade.

P: Mas se ajudaram a denunciar padre?

R: Isso é uma das consequências. Dizer a verdade pode ter várias consequências. Foi o que eles fizeram. Os jesuítas não tomaram qualquer partido, qualquer lado, preferência. Sempre a verdade.

P: Mas quando fala do ideal. O padre tem estado a falar do ideal, não acha que fez também um trabalho político e que o trabalho pastoral muitas vezes se confunde...

R: Não, não. Vejo isso como pode ter consequências políticas. Mas um trabalho de objectivo político não tem. Ser honesto e verdadeiro não tem. E depois se a consequência é a independência, pronto. Muito bem. Mas a verdade é esta se eles estivessem aqui.... Se os timorenses tivessem invadido uma ilha ali o Alôr para massacrar aquela gente, não podíamos dizer eu estou consigo. Agora a Indonésia invade isto. Tem direito? Não tem. Então nós estamos com os timorenses Isto não é fazer política, é dizer a verdade e o direito das pessoas. Foi o que nós fizemos, foi o que a Companhia de Jesus fez. Reconhecer o direito das pessoas. Respeitar.

Quer outra parte preciosa. Em 88 (engana-se), em Maio voltei. E durante estes meses todos passaram ali centenas de estudantes e dezenas e centenas de vezes que nos encontramos. E a mentalidade era são cristãos. Até nem falámos muito em política. A mentalidade cristã. Nunca tivémos muito: “vocês lutem...” Isso é uma simplicidade nem era o nosso campo isso. Por conseguinte seria peguem nas armas e vão matar. Não, nunca dissémos tal coisa. Mas o que eu vejo nisso foi o fio da providência a seguir tudo isto para que a verdade fosse transmitida e os jovens fossem apoiados e o povo chegasse ao seu destino o melhor possível. E a igreja, isto é o serviço da Companhia da igreja.

P: E a Igreja foi muito importante no processo de Independência?

R: Sim, porque nós somos Igreja. Se a Companhia não existisse, se a Igreja não existisse nós não estaríamos aqui. Nós somos igreja.

P: E houve momentos muito importantes...

R: A Igreja como instituição não vai dar apoio a um qualquer, a um partido que tem mais votos. Depois dele tomar o poder, pode dizer: “devemos respeitar este governo.” Naturalmente. Agora fazer campanha não fazemos. Até agora nem há partidos católicos, antigamente havia o centro católico... isso agora, aquela Democracia Cristã. Agora tudo isto está... Porque o que se pede é a verdade e a justiça e a lealdade.

P: Mas a Igreja foi muito importante aqui em Timor no processo de independência

R: Eu acho que sim.. veja o que uniu este povo e outros povos. O que é que fez dos hebreus uma nação? Foram os dez mandamentos. Quando começaram a ter uma lei que todos cumpriam e todos uniam e uma terra que habitassem. Aqui Timor, se querem abrir os olhos vejam isto. O que é que une o povo de Timor? Os dez mandamentos. O povo de Timor. Aqui não houve nem partidos, nem influências de nada nem de ninguém. A Igreja... estamos nos 500 anos. O que é que fizeram os portugueses? Trouxeram o Evangelho. Os timorenses foram guardando, guardando,

guardando. Agora o que pode haver é confundir evangelização e o colonialismo. Que também é outra originalidade que se fala. O anti-colonialismo que é uma ingenuidade muito grande porque devíamos ter o anti-colonialismo de todo o mundo. Desde o Japão até ao Chile. Todos. Não faz sentido. Todos os povos foram invadidos, ocupados e comunicando entre si uns e outros. Veja o que aconteceu com os árabes que invadiram a Península Ibérica, quanto nós recebemos dos árabes. Os romanos, quanto nós recebemos dos romanos. Se não fossem os romanos que invadiram Portugal nós estávamos ainda com o Viriato.

Nota: a partir daqui a entrevista não foi gravada. Apenas nos limitamos a transcrever as notas realizadas

Visita do Papa:

Conta que assistiu aos jovens a manifestarem-se e reconhece o direito deles usarem as celebrações religiosas para a sua manifestação política.

Refere que o Papa ao visitar Timor foi uma forma de querer estar com os timorenses. Diz que se ele não tivesse dito que queria estar com os timorenses que os indonésios não o teriam deixado entrar.

Administradores apostólicos:

Entre os dois administradores apostólicos refere que D. Martinho sentia mais, era mais emotivo a expressar-se e que D. Carlos era mais calmo. Diz que os dois tiveram um papel importante na defesa de Timor. Diz que viu o cardeal Casaroli. Mas elogia a intervenção do Papa,

Massacre de Santa Cruz:

Sublinha sobretudo a existência de imagens e diz que Max Stahl foi buscar as imagens sozinho ao cemitério. Que o viu passar preso pelos indonésios a seguir ao massacre. Diz que não estava em Santa Cruz que ouviu os tiros e foi à janela perguntar o que se passava.

Lusitânia expresso:

Destaca o Lusitânia Expresso e diz que não se deu ainda o devido valor a essa jornada que permitiu também pôr Timor na mapa. Refere até uma entrevista de um

comandante indonésio que viu em que aquele dizia que não podia deixar entrar o navio porque depois o que faria aos 120 mil que estavam em Díli? Seria uma perturbação, convulsão...

Diz que também foi bom os deputados portugueses não terem vindo porque teria havido mais uma vez tumultos e levantamentos populares.

Por fim refere que era importante refletir porque é que os timorenses quando tudo parece estar bem de repente pode haver uma perturbação e haver um levantamento e começarem a matar e a chacinar. Não expressa a sua opinião sobre isto

Referendo:

Fala do que se passou no referendo e refere a morte do padre jesuíta que estava na residência. Um padre alemão que saiu para ver o que se estava a passar e foi morto.

Anexo 40

Entrevista a Aleixo Ximenes

Aleixo Ximenes é um timorense com 69 anos à data da entrevista. Foi líder da UDT em Venilale e, durante a ocupação indonésia, foi deputado na Assembleia Regional. Juntamente com o padre Eligio Locatelli e um comandante dos Hansip (civis timorenses militarizados) ajudou os indonésios no contacto com a população refugiada no mato para que se rendessem. Foi também ele que, com o padre Locatelli, organizou encontros de Xanana Gusmão com D. Carlos Ximenes Belo e o governador do território, Mário Carrascalão. Foi também catequista.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 30 de Julho de 2015

Pergunta: Vou-lhe pedir a sua idade.

Resposta: Eu sou Aleixo Ximenes, nasci em 21 de Setembro de 1945 no momento em que o meu pai foi à festa da despedida dos japoneses em Ossú, há mais de 69 anos. Em Venilale. Eu nasci no momento da paz.

P: Nasceu no momento da paz e depois viveu a guerra.

R: Sim, vivi a guerra mas fui sempre um elemento da paz. Sempre me esforcei a trabalhar pela paz.

P: Onde é que estava quando foi a invasão?

R: Voltando um pouco atrás porque antes da invasão, nós os timorenses estivemos envolvidos em partidos políticos. E eu sou do partido político da União Democrática Timorense (UDT) que defendia a responsabilidade dos portugueses para o processo da descolonização, enquanto a FRETILIN queria que Portugal entregasse de imediato o poder de Timor-Leste para a FRETILIN. E a APODETI queria uma autonomia com a Indonésia mas por meio de um referendo. Toda a gente queria a liberdade para o povo de Timor mas em caminhos diferentes. E naquele tempo quando começou o golpe da UDT, eu era líder da UDT em Venilale e movimentava muitas pessoas a cumprir o mandato do chefe do movimento anti-comunista da UDT que era o João Carrascalão contra a FRETILIN que, naquele momento, fazia muita asneira em Timor-Leste. Eu sei que o povo timorense não é comunista mas esses universitários que vieram de Lisboa sob as orientações de Álvaro Cunhal, eu sei que vieram com ideologias comunistas. E por isso mesmo é que Nicolau Lobato que era líder da FRETILIN também passou uns maus bocados sob a pressão desses universitários que vieram de Lisboa. E também Xanana Gusmão. Foi por isso que a UDT provocou o golpe em 11 de Agosto de 1975 contra esses movimentos brutais dos líderes da FRETILIN, principalmente na área de Bucoli, Baucau, e na área de Aileu. Fizeram muita asneira.

P: E aqui em Díli?

R: Em Díli também. Até colocaram cobras na imagem de Nossa Senhora em Lecidere. Com esses comportamentos de alguns líderes da FRETILIN é que a UDT resolveu fazer o golpe, para apanhar os comunistas que eram estes de Lisboa. E por isso mesmo, dentro dessa confusão, a Indonésia aproveitou para entrar com receio de Timor-Leste implementar o comunismo.

P: E o senhor esteve em Balibó na assinatura?

R: Não. Eu sempre estive em Venilale, a uns 13 km de Fatu Maka. Eu sou líder da UDT daquele sub-distrito. A 2 de Setembro de 75 quando a FRETILIN já começou a dominar todo o Timor e a entrar em Baucau, eu entreguei-me pessoalmente aos líderes da FRETILIN juntamente com toda a população que estava a participar no golpe, quase mil pessoas. Entreguei-me à liderança da FRETILIN e entreguei mais duas armas. Uma arma G3 e outra arma mauzer. Eu disse ao líder da FRETILIN que era muito meu amigo, já falecido em 75...

P: Quem era?

R: Cância Boavida Ximenes.

P: Era da sua família?

R: Sim. Era líder da FRETILIN. Eu entreguei duas armas. Entreguei toda a responsabilidade a ele. E disse: “se houve algum falhanço durante o tempo da UDT, a responsabilidade é minha e não das autoridades locais porque as autoridades locais estavam sob a ordem do movimento e quem liderava o movimento naquela área, era eu.” Portanto eu assumi a responsabilidade daquela situação durante 20 e tal dias. Depois daquilo a FRETILIN começou a governar. Deteu-nos todos. Líderes da UDT e APODETI éramos 25 pessoas, ficámos todos detidos sem poder ir para casa. Eles diziam que era para nossa segurança. Ficámos ali presos até dia 7 de Dezembro quando começou a invasão. Fomos presos durante 100 dias. No entanto quando a UDT fez o golpe, a UDT de Venilale nunca prendeu nenhum elemento da FRETILIN. A tropa indonésia entrou em Díli. No entanto vieram via terrestre de Balibó para cá.

P: Eles chegaram a Baucau via Balibó?

R: Não. Via aérea e via marítima. Primeiro no dia 7 em Díli. Dia 9 ou 10 em Baucau por via aérea, pára-quedistas e força naval. Entraram pelo sub-distrito de Laga. E ali permaneceram em Baucau e para entrarem em Venilale tiveram que lutar quase um mês naquela área de Fatu Maka. Ali há um regato que tem curvas perigosas e os indonésios não conseguiam passar. Eu estava com os da frente em Venilale. Já não estou castigado

P: Já não era prisioneiro.

R: Já não era prisioneiro e vivi com eles. Preparávamos a comida para os que vinham combater os indonésios. Alguns dias depois é que, com a ajuda de uns timorenses, viajaram por Fatu Maka acima e lá em cima deram a volta a Bercoli, conseguiram para Venilale e de Venilale para Ossú. Ossú, Viqueque.

P: Essas eram as “zonas libertadas”, ainda não ocupadas.

R: Sim. Não ocupadas. Passaram já. Depois do Natal passara para Viqueque. Venilale e Ossú ainda ficou vazio. E depois só em Junho de 76 é que - eu escapei-me de Venilale para Baucau em Janeiro de 76 porque se se estivesse em Venilale estaria morto.

P: Pelos indonésios?

R: Não, pela FRETILIN porque naquele tempo a UDT e a FRETILIN não se davam bem.

P: Fugiu depois de ser preso.

R: Depois da Indonésia passar. Eu vim com o líder da APODETI e mais cinco pessoas. Éramos 7 pessoas que viámos a Baucau. Ficámos prisioneiros em Baucau durante 6 meses. Só em Junho é que retomámos a viagem lá para Venilale e lá permanecemos. Permanecemos em Venilale e na primeira semana, num domingo o padre Locatelli foi rezar missa para nós em Venilale.

P: Nunca estive nas “zonas libertadas” em que a FRETILIN vivia com a população?

R: Nessas zonas, a FRETILIN viveu de Setembro de 75 até Junho de 76. Quando a FRETILIN dominava em Setembro, Outubro, Novembro eu estive com eles. Ajudei os da FRETILIN a viajar, a dar segurança segundo as ordens da FRETILIN. Mas em Janeiro escapei-me para Baucau e só em Junho é que retomei.

P: Mas não estava preso? Esteve 100 dias preso e depois libertaram-no...

R: Sim, quando a Indonésia entrou em Baucau, nós fomos libertados.

P: Então quando é que se escapou de Venilale?

R: No dia 27 de Janeiro de 1976 é que me escapei para Baucau. Quando os indonésios entraram em Venilale, seguiram logo para Ossú, Viqueque.

P: Então e tinha medo que a FRETILIN o matasse porquê?

R: Porque a tropa indonésia assim que entrou lá, abandonou imediatamente a vila de Venilale.

P: Mas se ajudou a FRETILIN antes...

R: Mas a FRETILIN naquele tempo não queria ver os líderes da UDT e APODETI. Até os próprios da FRETILIN com algumas palavras que pronunciam mal, podem matar quanto mais os da UDT. Eu posso dizer que a FRETILIN matou mais gente que a Indonésia.

P: Como assim?

R: A FRETILIN no mato não perdoava ninguém. A FRETILIN obrigava toda a população para ir para o mato. Como agora eles estão a dizer que a Indonésia obrigou o pessoal a recuar para a Indonésia em 99. Tal e qual como a FRETILIN obrigou a população a ir para o mato. Quem naquele tempo queria ir ao mato? Ninguém queria ir. Foi forçado a ir. E lá com o doutrinação diário, semanal, mensal é que o povo aderiu à FRETILIN. É uma verdade. Não tenho medo de dizer isto.

P: Mas daí até ter matado mais gente do que a Indonésia...

R: Depois da Indonésia aqui entrar quem é que ajudou mais a Indonésia a matar dos timorenses? A FRETILIN. Nós da UDT e APODETI, alguns. Não éramos todos bons mas também ajudámos a Indonésia a matar. Mas também os da FRETILIN que foram capturados do mato para cá, foram ameaçados para poder declarar quem é que ajudou o pessoal do mato, quem é que sempre foi contactado com o pessoal do mato. Esses que vieram do mato é que indicaram fulano e sicrano ajudou o pessoal do mato. É por isso que eu digo, no mato mataram muita gente, vieram à vila também acusaram mais gente.

P: Já estava livre quando foi a invasão.

R: Sim. No dia 7 de Dezembro quando os indonésios chegaram a Díli, nós fomos libertados.

P: E estava em Venilale quando eles entraram?

R: Sim, sim.

P: E como foi essa entrada?

R: Vi muitos militares indonésios com forças armadas, forças de artilharia, tudo. Muita gente mesmo mas depois uma noite ficaram aí dois ou 3 dias, mas depois seguiram logo para Ossú e a vila ficou vazia. Então houve já vozes a dizer que nós devíamos entregar aos indonésios. Então procuraram todo o pessoal que veio apresentar-se aos indonésios naqueles dois dias e liquidaram. Liquidaram muita gente.

P: Os da FRETILIN?

R: Um casal de um primo meu, o pai, a mãe, 3 filhos, um avô. Foram todos mortos. Foram todos mortos em Venilale. Mesmo dentro da vila. Mataram à pancada.

P: O padre João de Deus diz que lhe bateram.

R: A FRETILIN bateu o padre João de Deus foi em Manatuto. Foi em Dezembro de 75.

P: E depois bateram-lhe também os indonésios.

R: Os indonésios bateram no padre João, no padre Locatelli também. Os indonésios prenderam e disseram que era comunistas. Por serem padres brancos europeus.

P: Mas o senhor depois participou na rede clandestina.

R: Sim, sim.

P: Porquê? E a partir de quando é que participou?

R: Em 76 quando regressei a Venilale era já como membro deputado. Deputado do distrito de Baucau.

P: Era aqui na Assembleia Nacional era deputado.

R: Não, deputado em Baucau. Nos distritos havia também Assembleia Regional. Eu era um representante de Venilale na Assembleia Regional de Baucau. Éramos 20 elementos. Como deputado, a minha obrigação é salvar toda a pessoa que puder. Portanto eu mandava pessoal... não era eu sozinho.

P: Deputado regional era dos organismos da Indonésia.

R: Sim. Como era líder da UDT, os indonésios aproveitavam para eu colaborar com eles e assim depois de 5 meses nomearam-nos como deputados na região. Então como deputado em Junho voltei para Venilale...

P: Em Junho de 76?

R: Sim. Fazia o trabalho de poder salvar o mais gente possível. A gente também não conhecia os indonésios. Em 77, 78 começámos a organizar a rede clandestina juntamente com o comandante dos hansips timorenses, civis militarizados em Venilale. Eram dois pelotões com o senhor Joaquim de Sousa e o padre...

P: Civis militarizados da Indonésia?

R: Da Indonésia. Esses é que andavam sempre na linha da frente com guias.

P: Dos indonésios.

R: Sim. Mas no entanto ajudava os indonésios a dar segurança na vila. Portanto nós trabalhámos com esses militarizados e com apoio do padre Eligio Locatelli, nós os 3 trabalhámos e sempre juntos, a partir de 77, encontrando muita gente que veio do mato, pessoas doentes, pessoas aleijadas, crianças ou pessoas que não aguentam mais a viver no mato que vêm à vila. Nós mandamos pessoal ao mato à procura de comida. Iam fazer a caça de veados e porcos bravos e vão apanhar o sândalo para poder vender e poder comprar alguma coisa. E com a ida deles, muitas vezes encontram-se pessoas do mato, contactam e depois, uma vez, duas vezes, os do mato vêm à vila e assim vai aumentando a população da vila.

P: Era você, o padre Locatelli e mais quem?

R: E o comandante Joaquim de Sousa.

P: E quem é que era este comandante?

R: Era o comandante dos civis militarizados, chamados hansips.

P: Dos indonésios?

R: Sim.

P: Trabalhava com eles para que as populações descessem do mato para as cidades? Se rendessem?

R: Sim. Não obrigávamos ninguém para vir à vila mas nos encontros incentivava para que, se não pudessem aguentar mais no mato, podiam vir para a vila.

P: E depois essa rendição maciça dá-se em 79, não é?

R: Sim. 78 e 79. Setenta e oito da parte do centro e 79 da parte de Leste, Matebian.

P: É aí que começa a colaborar com as pessoas da resistência?

R: Nós antes disso já colaborávamos.

P: Portanto colaborava com estes comandantes que eram indonésios e colaborava com a resistência?

R: Sim. A gente mandava o povo para ir ao mato para apanhar alguma comida nas hortas abandonadas, apanhar tubérculos no mato que servia de comida para a gente, ia à caça deveados para apanhar carne. Por essas viagens, de vez em quando encontra-se com pessoal do mato...

P: Mas isso era um trabalho que fazia para os indonésios. Não para a resistência.

R: Não trabalhamos para os indonésios mas para salvar timorenses.

P: Mas depois colaborou com a guerrilha que estava no mato?

R: Sim. A partir de 80, de 1980, nós os 3 começámos a trabalhar desde 77, 78.

P: Este Joaquim de Sousa também?

R: O Joaquim de Sousa, eu e o padre Locatelli. Sempre trabalhámos juntos.

P: Com a guerrilha?

R: Nós ajudávamos também a guerrilha.

P: Como assim se trabalhava para os indonésios?

R: Sim de facto nós estivémos a trabalhar com a Indonésia. Como Cristo disse: “dá a César o que é de César, dá a Deus o que é de Deus.” Portanto nós colaborávamos com a Indonésia no que os indonésios precisavam da nossa colaboração. Mas também colaborámos com a resistência com informações, algumas ajudas humanitárias. E isto ajudávamos a resistência quando mandavam pessoas clandestinamente à vila. E tivémos esses contactos e muitos desses elementos agora recebem aquele subsídio de veteranos.

P: Portanto faziam jogo duplo?

R: Sim fazíamos jogo de dois bicos. Nós colaborámos com a Indonésia mas também colaborámos com a guerrilha. Dávamos muitas informações...

P: E porque é que começou a colaborar com a guerrilha?

R: Porque a Indonésia começou a maltratar o pessoal. Começou a matar muita gente. Por isso que nós sentimos que é nosso dever ajudar a guerrilha para salvar o pessoal. Em princípio como uma acção humanitária. Mas com o andar do tempo vimos que a Indonésia não estava mesmo a favor dos timorenses. Não vieram com boas intenções.

P: O que é que eles faziam? O que é que viu ?

R: Castigava as pessoas. Matavam as pessoas sem justiça.

P: Viu matarem?

R: Sim. Na minha área não houve. Mas em Quelicai houve muitos mortos. Em Laga, em Ossú morreu muita gente.

P: Mas o que é que eles faziam?

R: Matavam.

P: Chegavam e matavam. Porquê?

R: Porque são os líderes da FRETILIN, por isso matavam.

P: E o senhor nunca viu nada.

R: Na minha área de Venilale quase não houve matanças porque em 1980 eu vim com o coordenador com o comandante indonésio em Timor, o número um dos militares. Eu informei um caso do casamento de uma rapariga, uma professora do posto escolar com um ex-comandante da FRETILIN. Vieram render-se em fins de 78, alguns em 79. Esse casal já com uma criança, os pais queriam que eles se casassem pela igreja. Mas um tio que é um líder comunitário rejeitou. Eu quando fui falar com o tio da professora, o velhote disse-me assim: “Oh mestre porque estás a forçar o casamento deles? O Ernesto, o homem, qualquer dia vai ser morto porque é um líder da FRETILIN.” Porque toda a gente já sabe que os líderes da FRETILIN vão ser todos mortos. Então um dia vim a Díli encontrei-me com um comandante militar, um coronel, um supremo daqui em 1980. Falei com ele. Ele perguntou-me: “Mas para obter autorização do assunto? Sim para obter autorização. O bispo? O bispo D. Martinho também sabe do assunto.” Antes disso bebemos vinho e whisky e às tantas ele disse-me: “Oh Aleixo viémos para Timor, viémos para a guerra. Na guerra é para matar não é para perdoar. Mas matar na linha de fogo e não pessoal que já está na vila. O pessoal que já está na vila às vezes estão desaparecidos, às vezes são mortos não é por nossa culpa. Vós na terra é que nos pedem

para matar ou fazer desaparecer, vós os naturais timorenses.” Porque ele ficou muito chateado ao ouvir esta notícia. Pensavam que eles faziam aquilo sem o povo saber. No entanto, os padres sabiam.

P: Os padres sabiam o quê?

R: Sabiam que eles tinham o programa de matar todos do Exército da FRETILIN. O comandante perguntou-me, eu disse que sim. Os padres sabiam. O padre Locatelli sabe. O D. Martinho também sabe. Então ele ficou a respirar e depois disse-me: “Nós viámos à guerra para matar, não para perdoar. Mas se já está na vila, nós não vamos matar ninguém sem ser indicado pelos timorenses.” Repito: muita gente da FRETILIN que veio do mato para colaborar com os indonésios e mandar matar o irmão para ele poder estar são e salvo. Nós não, nós não vamos acusar ninguém porque nós nunca fomos ao mato.

P: O padre Locatelli diz que o senhor foi a via através da qual ele conseguiu colaborar com a guerrilha. Como é que isso era feito?

R: Como já contei, nós mandámos pessoal para o mato com autorização dos militares indonésios que vão à caça, vão à procura de comida. Mas se encontrar com alguém do mato, se tiver informações para qualquer encontro com as lideranças da FRETILIN no mato, eles avisavam-nos e nós íamos clandestinamente ao mato para contactar com essa liderança da guerrilha. E íamos muitas vezes. Quando já temos acordo com a liderança da guerrilha, a guerrilha quer encontrar-se com militares indonésios então vamos informar os indonésios que um líder da guerrilha de nome tal quer encontrar-se.

P: E o senhor fazia esse papel.

R: Eu e o padre Locatelli e o comandante Joaquim. Eu e o padre Locatelli íamos conversar. O comandante Joaquim mandava a sua força controlar a área onde queríamos ir. Se não estiver lá nenhum batalhão indonésio, nós vamos à vontade. Se estiver batalhão indonésio, nós temos que adiar o encontro ou procurar outro lugar para encontrar. Foi assim desde 80. Desde 1980 e o cúmulo foi em 1983.

P: E o que é que aconteceu em 1983?

R: Em 83 Xanana Gusmão pediu-nos para ser intermediários das conversações entre o comandante militar indonésio, com o governador e Xanana Gusmão. Eu e padre Locatelli fomos passar uma noite no acampamento da FRETILIN, com um major

indonésio e alguns militares indonésios. Fomos dormir no mato com o Xanana Gusmão. Encontramo-nos mais com o Xanana Gusmão, com o governador Mário e comandante militar, o coronel Purwanto em Lariguto, Ossú.

P: Quando eles fizeram o acordo de paz?

R: Sim o acordo de paz. Mas éramos nós os três os intermediários. Eu, o padre Locatelli e o comandante Joaquim. Mas quem estava sempre presente a olhos vistos sou eu e o padre Locatelli. O comandante Joaquim por ser força dos civis militarizados estava sempre atrás. Mas colaborava connosco. Nós somos de Venilale. Nós sempre trabalhamos juntos.

P: A Igreja foi sempre o refúgio dos timorenses...

R: Foi sempre. No tempo do golpe da UDT, alguns dirigentes da FRETILIN foram aos padres, pedir apoio aos padres. No contragolpe, muitos da UDT e FRETILIN foram encostar-se aos padres. Muito mais quando foi no tempo indonésio. Quase toda a gente ia aos padres.

P: E porque é que acha que faziam isso?

R: Porque o padre era uma pessoa que não adere a um partido político. Portanto os padres só defendem a verdade e toda a gente ia lá. E os indonésios tinham receio dos missionários porque naquele tempo eram missionários. Não são padres diocesanos da Igreja local. Naquele tempo era uma Igreja lá do Vaticano.

P: E porque é que eles tinham medo deles?

R: Tinham medo porque os padres tinham contacto com o exterior.

P: E eles tinham medo do exterior?

R: Sim, sim. Posso dizer que em 1979, o meu professor padre Leoneto que era pároco de Soibada e esteve 3 anos no mato a colaborar com os da FRETILIN... foi meu professor em 60, 63, em Dare. Foi preso pelos indonésios. Ficou lá num acampamento dos militares indonésios. Então o padre João de Deus e o padre Manuel Magalhães convidaram os deputados de Baucau para irem falar com os militares para libertarem o padre. Mas os velhos não tiveram coragem disseram: “nós vamos chamar o mister Aleixo e amanhã aparecemos aqui.” Então mandou um condutor com carro ao meu encontro em Venilale e vim a Baucau e fomos à paróquia, os padres falaram sobre o

assunto. A minha obrigação porque o padre Leoneto foi meu professor, portanto é minha obrigação. Sou deputado, agora vamos. Depois os padres rezam por nós. E o chefe militar naquele tempo também era meu amigo. Eles pedem ideias e observações e eu sempre ajudava a dar informações. Assim que chegámos: “senhor Aleixo o que é que precisa de mim?” Eu com uns 7 ou 8 liurais antigos. Então eu apresentei os liurais todos. Eu não sou liurai, só sou deputado. “Nós ouvimos dizer pelos padres salesianos que o padre Leoneto do Rêgo está aqui preso. O pároco de Soibada? Sim o pároco de Soibada. Mas em 60 e 63 foi meu professor em Dare e está preso aqui. Não, não está preso. Está aqui por causa das informações, porque queremos pedir informações sobre a guerrilha da FRETILIN. Portanto precisamos do padre.” Eu disse: “Comandante quando o exterior ouvir que o padre está preso, o exterior vai levantar a voz portanto o senhor depois fica mal. Então eu e os liurais podemos ir ao encontro do padre? Pode ser, pode ser. E o senhor comandante autoriza que o padre possa ficar na paróquia? Quando precisarem de alguma informação vão lá. Não é deixarem o padre aqui. Está bem, logo á tarde já mandamos o padre.” E à tarde mandaram o padre. Quer dizer, eles têm medo dos padres.

P: E foi o senhor que organizou os encontros do bispo com o Xanana e com o governador?

R: Com o Mário Carrascalão e com o comandante militar fui eu. Mas com o bispo D. Carlos foi o padre Locatelli. Eu também meti-me dentro desse grupo quando o Xanana mandou um porta-voz dele chamado Venâncio Okan. Trouxe documentos para entregar ao núncio apostólico que veio de Jacarta. E o núncio esteve aqui, esteve em Baucau com padre João de Deus e padre Manuel Magalhães estiveram ali em Baucau com o núncio de Jacarta. Então eu e o padre Locatelli trouxemos o Okan com documentos do mato para Baucau. E depois do encontro regressámos. Mas o encontro do bispo com o Xanana em Fatu Maka foi o padre que organizou.

P: Mas foi você que serviu de intermediário entre o Xanana e o padre Locatelli?

R: Eu e o padre locatelli fomos todos juntos falar com o Xanana.

P: Eu perguntei-lhe se ele tinha transportado o Xanana, ele disse que não.

R: Não, não. Mas fomos ao encontro. Quando a resistência em 1983, em Março de 83, foi num domingo de ramos...quando um mês, dois meses antes tinham convidado o

bispo Martinho Lopes para ir rezar a missa em Uai Mori, a tropa indonésia não autorizou porque sabiam que o bispo apoiava a resistência. Não deu autorização mas com o motivo de que tinham receio sobre a segurança pessoal do bispo. Se acontecesse alguma coisa no mato quem responsabilizava pela segurança do bispo era a tropa indonésia e não a resistência. Com esta razão é que não autorizaram o bispo. Então mandaram avisar o Xanana Gusmão para indicar um padre. Então os do mato indicaram o padre Locatelli e a tropa indonésia também aceitaram o padre Locatelli. E no domingo de ramos, em Março de 1983, eu, o padre Locatelli e mais dois catequistas e mais um, nós fomos de helicóptero e o padre celebrou missa em Uai Mori.

P: Uai Mori nas montanhas? Para os guerrilheiros.

R: Sim nas montanhas para os guerrilheiros.

P: E os guerrilheiros eram muito religiosos?

R: Eu conto a história. Naquele dia os da resistência... geralmente um bom cristão tinha que confessar para ir à comunhão. Durante 8 anos nunca confessaram, fizeram tanta asneira no mato. Xanana, éramos colegas da primária em Ossú e depois estudámos juntos também em Dare, no Seminário. “Vocês nunca confessaram e foram comungar. Oh Aleixo 8 anos nunca tivémos missa, primeira vez que tivémos missa portanto Deus perdoa-nos.” À noite, depois do jantar fomos a um teatro. Músicas e danças.

P: Com o Xanana?

R: Sim. No mato.

P: Teatro, no mato?

R: Os da resistência apresentaram. Mas os militares indonésios foram montar a luz eléctrica.

P: Era o período de conversações do Benny Moerdani.

R: Com a autorização do Benny Moerdani. Lá para as nove e meia, quase dez horas Xanana mandou embora o padre Locatelli para descansar porque íamos bailar. Então nós ficámos ali para bailar. E Xanana estava no meio e um militar indonésio chamado Gatto, católico, ficava ao lado do Xanana e eu do outro lado. Às tantas veio uma rapariga pedir licença para dançar...Eu disse: “Oh Xanana, oh irmão, hoje estamos no domingo de ramos, só devemos dançar depois do domingo de ressurreição.” O Xanana

disse-me assim: “oh mestre vai atender a rapariga, para nós, depois de 8 anos, só agora é que há missa, para nós já é domingo de ressurreição.” Aquela missa também foi por causa da política, para mostrar ao mundo que a FRETILIN não é comunista.

P: Dizem que foi o D. Martinho a convencer o Xanana a mudar a direcção ?

R: Foi. Porque primeiro o comportamento dos elementos da FRETILIN que mandavam na resistência que vieram mesmo com ideologias comunistas. Obrigavam mesmo os padres para casar. Esses padres que iam para o mato.. até o padre Luís Costa. O padre Luis Costa estava preso com o meu pai no mato. E obrigavam para casar. E segundo, o bispo sabe de antemão que a FRETILIN sozinha a lutar não conseguiria nada. Eles tinham de mudar de estratégia para que o pessoal da vila, como o pessoal do partido da UDT, o pessoal do partido da APODETI, a Igreja Católica, podia também colaborar com a luta. E por isso que o Xanana mudou a estratégia.

P: Mas como é que sabe que o bispo lhe disse isso?

R: Nós sabemos porque foi organizado pelo padre Luís de Preto em Los Palos, num suco chamado Mehara em 1982, deve ser no mês de Setembro, Outubro... É o padre Luís de Preto e o padre Afonso Nacher, italiano. Convidaram o bispo para ir falar com um liurai que tem duas esposas, que os padres não conseguem convencer o homem para abandonar uma mulher e casar com outra. Foi uma estratégia. Quem estava ali dentro da casa do liurai era Xanana. Escondido lá. O bispo entrou ficou admirado. “Oh filho...” porque o D. Martinho considera Xanana como sobrinho. “O que é que estás a fazer aqui?” O Xanana entregou muitos documentos ao D. Martinho e D. Martinho pediu a ele para mudar de ideologia.

P: Mas você não assistiu à conversa?

R: Nós não assistimos mas...

P: Então como é que sabe que foi ele que pediu para mudar de ideologia?

R: No dia 27 de Maio de 1983 eu estive com o padre Locatelli com o Xanana Gusmão e Ologari, no mato de Uai-Oli. Fomos lá preparar o encontro com o governador Mário. E naquela noite o padre Locatelli estava a falar: “oh Xanana Gusmão eu sei que tu és esperto, foi em 83,... és jovem muito esperto. Se aguentares muito tempo no mato, vão morrer muitos jovens e não vais pensar que os indonésios vão sair daqui. É impossível...”

P: Disse o padre Locatelli...

R: Ao Xanana no encontro antecedente ao do governador. Um dia antes. Dia 27 à noite. Das 10 horas até às duas horas da madrugada. Depois do padre parar, o Xanana começou a explicar. Começou a explicar sobre a guerrilha no mato e no fim berrou com o padre Locatelli: “Oh padre no mundo não é impossível. Tudo é possível, leva tempo. Padre não sabe que nós os guerrilheiros temos as nossas estratégias. Oh padre se este ano cultivarmos milho em Uai-Oli”- aquela área chama-se Uai-Oli, um suco- “se este ano cultivamos milho em Uai-Oli, se o milho não produzir ou se cresce e não dá espiga, não tem semente, não vamos cultivar milho em Uai-Oli. Se quisermos cultivar milho, vamos cultivar noutra terra menos em Uai-Oli. Se queremos cultivar em Uai-Oli vamos cultivar arroz, batata, feijão.”

P: E isso era uma metáfora para dizer o quê?

R: Para dizer que a ideologia política daquele tempo, não estava em concordância com a situação actual. Portanto queria mudar de ideologia. E isto informei aos militares indonésios. E antes de nos despedirmos, eu disse ao Xanana Gusmão: “Oh irmão eu posso dizer o assunto do cultivo do milho? Diga tudo, diga tudo. Xanana disse isso e eu vim informar aos indonésios.”

P: Sim mas isso pode não ter sido o bispo a fazer mudar o entendimento.

R: Mas em Timor a ligação é dos padres salesianos. Portanto nós sabemos que a conversa foi feita assim. Nós sabemos porque de Los Palos para Baucau são 90 quilómetros e os padres...

P: Porque o Xanana nunca lhe disse que foi o bispo que lhe disse...

R: Não disse. Mas falou aquilo... à noite quando regressámos do mato, eu fui informar ao comando dos militares indonésios para informar ali que Xanana está pronto para o encontro para amanhã de 28. E a palavra mais forte da conversa foi a do cultivo do milho. Isto informei os militares indonésios e eles mandaram para Díli. E nós passámos toda a noite em bailarinos e filmes. Mas no dia 28 de manhã, às 7 horas, o major convidou-me: “Oh senhor Aleixo qual é o sentido do cultivo do milho. Díli mandou perguntar para eu poder explicar qual o significado daquela conversa do sentido do milho. Oh senhor comandante eu instruí simplesmente a primária, como é que posso compreender isso? Eu também não compreendo.” Mas eu perguntei ao Xanana, Xanana

disse: “pode fazer chegar?” Eu fiz chegar. “Eu não sei o sentido. Se quiser saber pode perguntar ao padre Locatelli. Eu não sou político. Eu tenho a 4ª classe.” O major disse: “oh com o padre é que não. Então o Mário Carrascalão mande perguntar ao Xanana qual é o sentido do milho. Muito menos com o Mário Carrascalão.” Mas eu sei mais ou menos o significado da conversa. Era a mudança da ideologia política. Mas não queria dizer. Por isso mesmo quando o helicóptero chegou às 8 horas com o governador Mário Carrascalão e o comandante militar, o coronel Purwanto, de Díli... desceram do helicóptero, o coronel Purwanto disse-me logo: “Oh Aleixo explica o resultado da conversa de ontem à noite ao governador Mário Carrascalão.” E eu espontaneamente respondi: “Senhor comandante eu não posso explicar aqui porque é um lugar muito aberto. Logo num local fechado eu posso explicar ao engº Mário Carrascalão...” chegámos ao mato, nós os 3, nós conversámos e expliquei o caso e o engº Mário disse-me assim: “oh senhor Aleixo, ele ouviu aquilo que o seu tio, D. Martinho, lhe disse em Mehara...” parece que o bispo teve conversa com o Mário Carrascalão

P: A contar o que tinha dito em Mehara.

R: Portanto, engº Mário Carrascalão, ainda faltava um quilómetro para chegar ao local do encontro, nós parámos, conversámos sobre o assunto... ele ficou a pensar. “Ah é verdade o Xanana ouviu as orientações do tio dele, o bispo D. Martinho.”

P: O bispo era considerado tio.

R: Sim.

P: E o senhor só colaborava com o padre Locatelli ou colaborava com mais padres?

R: Só com o padre Locatelli.

P: Transmitiu a mensagem para o encontro com o bispo e esteve no encontro com o Mário Carrascalão.

R: Sim.

P: E nesse encontro com o Mário Carrascalão, esteve também o padre Locatelli?

R: No segundo encontro de 28 de Maio...

P: Houve dois encontros com o Mário Carrascalão?

R: Xanana e o Mário, dois encontros. Primeiro encontro foi em Abril de 83 em Lariguto, preparado pelos comandos militares indonésios.

P: Não foi o padre Locatelli?

R: Não, não fomos nós que preparámos. Nós preparámos só no dia 28 em Venilale. 28 de Maio de 83. Um mês depois mas durante 8 horas. Só os dois e mais ninguém.

P: E aí já foram vocês a preparar. E foi quando dormiram no mato para preparar esse encontro?

R: Sim.

P: E a missa?

R: A missa foi antes. Depois eu e o padre Locatelli fomos rezar missa ao actual presidente Taur Matan Ruak... em Uato Lari, pertence ao distrito de Viqueque, nos arredores da montanha de Matebian.

P: Foi uma missa a seguir à outra.

R: Sim.

P: E lembra-se da homilia?

R: Falou sobre a paz. Porque estava já na véspera da Páscoa. O padre falou sobre a reconciliação da paz.

P: Foi durante o tempo dos indonésios que houve uma catolização maciça. O senhor era catequista.

R: Desde 63 era professor catequista. Ensinava os alunos e também dava catequese nas horas extras.

P: Porque é que acha que houve essa catequização maciça?

R: Porque Timor estava a viver debaixo de uma pressão indonésia. Como avós, bisavós católicos, todo o timorense mesmo que não soubesse religião apanhava uma cruz na testa, princípio da sua entrada para o catolicismo. Porque antes da vinda dos indonésios não chegava a 30% dos timorenses católicos. Mas até 99 havia 90% de católicos.

P: E porque é que acha que os timorenses aderiram à igreja católica?

R: Aderiram por causa da religião dos avós, dos antepassados.

P: Durante esse tempo houve dois administradores apostólicos. Como é que define cada um deles?

R: Todos cumpriram com a sua missão e todos colaboraram com a resistência. Foram o porta-voz do povo que não tem voz.

P: E porque é que acha que foram os bispos os porta-voz?

R: A Igreja Católica. Os indonésios têm medo da Igreja Católica. A Igreja quando fala, os militares engolem como um sapo vivo. Mas se é qualquer um de nós a falar, um leigo a falar, amanhã desaparece.

P: E houve vários padres a colaborarem com a guerrilha.

R: Sim.

P: E porque é que acha que eles faziam isso?

R: Faziam porque como timorense tinham que defender a sua terra natal e tinham que colaborar. Com o tempo com o andar do tempo, depois da mudança de estratégia feita pelo Xanana, os padres apoiaram totalmente a guerrilha.

P: E acha que foi uma actuação política por parte deles?

R: Eu não sei explicar porque sou leigo. Só os padres é que podem dizer se colaboraram politicamente ou humanitariamente.

P: Depois eles usaram também a rede da Igreja. Vocês usavam a rede da Igreja pelo mundo? Alguma vez transportou cartas e documentos para fora de Timor?

R: Eu já disse que em Mehara, o Xanana entregou muitos documentos a D. Martinho Lopes e eu também disse que nos fins de 83, quando estava a acabar o cessar-fogo, o Xanana mandava cartas, documentos para entregar ao bispo para entregar ao núncio apostólico.

P: O bispo na altura já era D. Carlos.

R: D. Carlos. Foi com o núncio apostólico a Baucau uma noite e eu e o padre Locatelli trouxemos o porta-voz do Xanana Gusmão até Baucau. E depois era engraçado os militares indonésios nos postos de vigilância gritavam: “oh padre para onde vão?” Eu

respondia: “vamos a Baucau. Não vão com FRETILIN. Não, somos nós sozinhos. FRETILIN não vai aqui.” No entanto a gente levava a FRETILIN dentro do carro. Levei o pessoal do Xanana com os documentos.

P: De Díli para Baucau ou de Baucau para Díli?

R: Não de Venilale para Baucau.

P: Vocês transportavam para depois ele dar ao bispo os documentos.

R: Dar ao núncio apostólico. Eu fui com o padre Locatelli a guiar o carro.... o padre Locatelli coisas dessas nunca quer declarar.

P: Era consciente da vossa parte a utilização da rede da Igreja para transmitir as notícias lá para fora?

R: O que eu sei acabei de explicar. Da mão dos padres e dos bispos para ir lá para fora, já não sei explicar. Mas no entanto é para dizer que um governador do partido da APODETI também levou muitos documentos de Timor lá para fora. Guilherme Maria Gonçalves. Levou para Jacarta documentos.

P: Documentos para quem?

R: Do mato para o exterior. Porque o governador não é revistado na sua mala. O bispo e o núncio também quando sai não pode passar revista às malas.

P: Depois houve a utilização de celebrações religiosas para as manifestações políticas dos jovens. Isso era combinado com os padres?

R: Não, os jovens é que tiveram a iniciativa.

P: De quem é que foi essa ideia?

R: A ideia veio do mato. É sempre Xanana. Depois da liderança de Xanana Gusmão é que começou a haver isso. Em 91 com um carro do governo que eu usava, eu facilitei a um líder da resistência clandestina, levou o carro para Viqueque, para Los Palos. Deu voltas durante quase duas semanas para transportar documentos e mandei transportar o homem com documentos até Kupang. De Kupang foi de avião. Porque se apanhasse o avião aqui em Díli era revistado e não podia sair.

P: Portanto foi para Timor Ocidental.

R: Para aproveitar o avião em Kupang.

P: E depois assistiu à visita do Papa?

R: Eu estava em Jacarta. O meu filho estava no colégio de Fatu Maka e participou.

P: E depois no massacre de Santa Cruz?

R: Eu naquela manhã de 12 de Novembro vim de Baucau a caminho de Díli para tratar de um terreno que empenhei ao governo para obter dinheiro para levar a minha esposa para a Austrália. Então vim naquela manhã para ver se o dinheiro já estava no banco. Quando cheguei no caminho uns 40 e tal quilómetros encontrei com um autocarro que vai daqui a Los Palos, mandou parar. Eu parei. Perguntou-me: “irmão vai a Díli. Sim vou a Díli. Cuidado porque há tiroteios em Santa Cruz. Por parte de quem? Indonésios.” Cheguei aqui a descer em Becora, estavam ali freiras ali com carros parados. Tinham medo de entrar. Eu vim à frente, as freiras vieram atrás de mim até ao Palácio do Governo e como já não havia tiroteios as freiras foram lá para o bairro e eu fiquei no Palácio do Governo para ver os documentos. E um amigo meu um pouco acima de Fatu Maka pediu-me ajuda para levar um rapaz que estava ferido. Para levar para os pais que ficam lá em cima de Fatu Maka. A bala ficou dentro e não saiu sangue. Depois de dois dias, os militares indonésios foram apanhar o rapaz. E foram fazer interrogatórios.

P: Portanto ainda ajudou pessoas feridas.

R: Sim. E eu fui interrogado durante muitas horas sobre os acontecimentos porque estava a ajudar os jovens feridos.

P: Foi interrogado por quem?

R: Pelos militares indonésios. Era já líder do parlamento regional.

P: O que é que acha que foi mais importante na reviravolta de Timor? A visita do Papa, Santa Cruz, o Nobel...

R: Foi tudo isso porque o sentimento da resistência estava cada vez mais forte com o andar do tempo. E depois com a mudança do sistema governamental em Jacarta ajudou muito mais ainda. Mas no entanto quem influenciou mais foi a visita do Papa em 89 e o prémio Nobel em 96. Depois da visita do Santo Padre foi Santa Cruz porque os militares indonésios mataram muita gente ali. E a sorte do jornalista Max Stahl. Passou

uma noite em minha casa em Baucau antes de vir a Díli. Antes do 12 de Novembro estive uma vez em minha casa em Baucau.

P: E depois o referendo como é que foi?

R: Estava aqui... eu estive em Portugal durante 4 meses. Eu estava incluído no grupo do senado dos liurais que fez um congresso em Macau, pela iniciativa do governo português. Senado dos liurais e em Macau éramos 33 pessoas do interior e exterior. Mais gente do exterior. E lá fizemos propostas, cartas abertas ao governo português. E no dia 22 de Fevereiro estivemos na Assembleia da República em S. Bento, estivemos no Palácio das Necessidades com o ministro Jaime Gama e contámos a história do referendo e um colega meu..

P: Mas antes do referendo

R: Antes. Foi em Fevereiro de 99. O referendo foi em Agosto. E o meu colega perguntou ao ministro: “senhor ministro em breve a Indonésia vai conceder uma autonomia alargada ao povo de Timor por um referendo. Se o povo de Timor recusar essa autonomia alargada que a Indonésia quer oferecer ao povo timorense, se o povo rejeitar, qual a posição do governo de Portugal em relação a esse caso?” Eu estava presente. O ministro Jaime Gama disse: “o problema está aí. Nós não sabemos qual a vossa posição.” Então o meu colega continuou: “senhor ministro posso declarar que 80% do povo de Timor vai rejeitar a autonomia.” Então o ministro perguntou-nos (éramos 17): “então é verdade o que o vosso colega está a dizer?” Eu levantei a mão e disse: “é verdade porque nós viémos da base. Nós não vivemos na cidade de Díli. Nós vivemos na base e nós sabemos de antemão que o povo rejeita a autonomia alargada oferecida pelo governo indonésio.” Então o ministro Jaime Gama ficou ciente, ficou com coragem para poder enfrentar com Ali Alatas porque sabe de antemão que o povo timorense rejeita a autonomia. Naquele tempo o governo português estava com receio que o povo timorenses aceitasse a autonomia, era um pancada para Portugal porque este era uma ex-colónia de Portugal. Foi por isso que Jaime Gama disse que para a próxima já vamos resolver. “Só agora é a primeira vez que oiço directamente dos líderes tradicionais de Timor. Primeira vez.” Isto também foi a pedido do bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo. Disse-me a mim que vai dizer aos seus colegas em Maucau que não vão ficar só em Macau. “Têm de ir a Portugal porque quem vai resolver o problema de Timor não é o governo de Macau mas sim o governo de Portugal. Portanto vocês vão

fazer o esforço de ir a Portugal porque é a primeira vez que saem muitos líderes com iniciativa própria.” Fomos a Portugal.

P: E depois o referendo votou onde?

R: Eu votei em Loilubo, acima de Fatu Maka

P: Lá tudo foi calmo?

R: Calma sim.

P: Sabe porquê?

R: Houve poucos incêndios. Os militares que vieram de Los Palos e passaram por lá é que incendiaram. Primeiro porque o bispo fez uma boa aproximação com os miliares indonésios. Segundo porque o pessoal que estava pró-indonésio, de Baucau, não queriam fazer mais asneiras em Baucau, queriam retirar-se e seguir para a outra parte, para o Timor Ocidental. E terceiro, o pessoal que ficava também tanto da FRETILIN como da APODETI ou da UDT já se davam bem um com o outro.

P: E o bispo aí era D. Basílio. Qual é que acha que foi o papel da Igreja neste processo de independência de Timor?

R: Sem a presença da Igreja Católica de Timor, Timor não tem esperança para uma independência.

P: Porquê?

R: A identidade. A identidade. Timor foi sempre governado pelos portugueses. Nunca foi governado pela Indonésia. Portanto segundo a lei internacional também...

P: Mas onde é que entra a Igreja aí...

R: A presença de Portugal está presente na Igreja Católica porque quem trouxe a religião católica para Timor foram os portugueses, os missionários portugueses. Em breve vamos comemorar os 500 anos dos missionários portugueses. Portanto a Igreja Católica era a instituição que representava a presença portuguesa aqui em Timor.

P: E acha que eles tiveram um papel importante ou não na luta?

R: Muito relevante.

P: Porquê?

R: Porque a Igreja Católica era neutra. Ajudava os indonésios...

P: Era um bom intermediário, era isso?

R: Sim. Ajudava a resistência. Também ajudava os indonésios. E de facto naquele tempo o Santo Padre também pôs a Igreja não subordinada à Igreja Católica de Jacarta.

P: Mas houve muitos padres que colaboraram vivamente na resistência para que Timor fosse independente.

R: Sim. O padre Locatelli, o padre João de Deus, o padre Magalhães, o padre Luis de Preto, o padre Afonso Nacher. São os salesianos. Outros...

P: Eram sobretudo os Salesianos?

R: Não. para o outro lado o padre Sancho, o padre Chico Barreto, o padre Mário Belo, o padre Rafael, o padre Tavares, muitos padres que colaboraram. Menos os padres indonésios.

P: E porque é que acha que os padres faziam isso? Porque eram timorenses?

R: Não só porque eram timorenses mas para a defesa de uma identidade. A religião Católica. Uma história viva. Em 1982, em Dezembro, eu com dois colegas fomos... Em Dezembro de 1982 fomos cumprimentar o Panglima, comandante militar que veio de Bali que governava militarmente também o estado de Timor. Fomos dar as boas festas do Natal. E às tantas apareceram dois padres indonésios informaram: “oh senhor general, os timorenses são católicos mas não sabem nada da doutrina, não sabem nada da religião. Nós mandamos escrever orações Pai Nosso e Avé Maria e entre 4, 5 rapazes nunca acertam. Escrevem de formas diferentes. Estava a falar da Igreja Católica. E então eu não aguentava ,depois de rezar 3 Avé Marias eu informei o general: “senhor general desculpe, eu queria responder só às lamentações dos padres indonésios. Eu aprendi a religião Católica em 1953, com orações muito compridas. Em 1968, 69 as orações foram reduzidas em menor escala. Em 74, 75 reduziu-se mais. Portanto eu também não sei rezar as orações de 75.” O general disse assim aos padres: “estão a ver um líder da terra está a explicar. Estão a compreender? Sim compreendo.” Fui logo informar ao bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo e a partir dali o bispo não via bem os padres indonésios.

P: Acha que toda a Igreja foi importante à excepção dos padres indonésios

R: Sim.

Anexo 41

Entrevista a padre Júlio Crispim Ximenes Belo

O padre Júlio Crispim é um sacerdote timorense que tinha 50 anos à data da entrevista. Quando foi a invasão era uma criança de 10 anos. Na altura pertencia à UNETIM, a União Nacional do Estudantes Timorenses, pró-FRETILIN. Sempre fez trabalho como resistente. Quando jovem era estafeta do padre Manuel Magalhães, em Baucau, fazendo a ligação com os guerrilheiros no mato. Decide ir para padre para melhor servir a causa timorense. Vai estudar para a Indonésia, para o Seminário em Malang e é então que integra a RENETIL (Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste). Será expulso do Seminário. Já em Timor é preso e torturado. Além do Seminário fez também Direito. Actualmente é professor de Filosofia do Direito e de Direito Constitucional, no Instituto de Filosofia e de Direito Comparado e de Introdução ao Direito, na Universidade de Timor-Leste.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 31 de julho de 2015

Pergunta: O que é que se lembra da invasão?

Resposta: No momento da invasão estava em Baucau. Participei na cerimónia da proclamação da independência unilateral.

P: Aqui?

R: Não, em Baucau. Em Baucau também teve uma cerimónia de içar bandeira em relação à proclamação da independência. E depois disso não voltei para a minha aldeia e fiquei lá em Baucau até à invasão. E em Díli, nós vimos lá em Baucau, a invasão começou. Começou a entrada dos indonésios após algumas semanas da independência, da proclamação da Independência. E praticamente os militares da Indonésia chegaram em Baucau após o ano novo... no mês de Janeiro chegaram lá em Baucau e Portanto chegaram em Baucau com barcos de guerra e principalmente com os militares da Marinha. Embarcaram lá em Baucau e eles avançaram com os tanques de guerra e equipamentos da guerra até Baucau. Depois lá, chegando até Baucau não há qualquer contra ataque por parte das FALINTIL. Mas só depois disso, antes da Páscoa, eles fizeram as suas marchas até à montanha e lá numa zona entre Fatu Maka- o padre Locatelli penso contou essa história- e lá é que travaram a batalha durante mais de um mês.

P: Com as FALINTIL? Já eram FALINTIL?

R: Já eram Forças Armadas da Libertação... FALINTIL nasceram em 20 de Agosto antes da proclamação da independência e foi declarado FALINTIL em 20 de Agosto. Portanto FALINTIL já existia antes da invasão e travaram um combate antes da Páscoa. Travaram o combate lá naquela zona. Em Baucau começou mesmo. E depois antes disso, antes da entrada dos marines lá em Baucau, também a entrada com um grupo de pára-quedistas no aeroporto. Portanto eles entraram em duas áreas: aérea com pára-quedistas...

P: Mas entraram mais tarde em Baucau?

R: Sim mais tarde.. em Janeiro. Em duas áreas. Em Baucau mesmo lá em cima, lá no planalto começando com os militares, as forças aéreas, com pára-quedistas e lá na costa marítima as forças marítimas é que entraram.

P: O senhor era uma criança na altura!

R: Sim na altura: mas eu já terminara a 4ª classe na altura.

P: Quando diz que participou na cerimónia da independência, participou porque estava lá, não fazia parte de nenhuma organização política?

R: Não, não. Na altura eu fiz parte do movimento dos estudantes. A chamada UNETIM. Fiz parte desse grupo. Portanto participei por essa razão.

P: Que quer dizer?

R: União Nacional dos Estudantes Timorenses.

P: E o senhor recuou para a montanha?

R: Eu fiquei lá em Baucau com os meus pais. Na altura porque o meu pai estava doente lá no hospital e eu fiquei a guardar com a minha mãe. Nós ficámos em Baucau e observámos todas essas cenas da entrada dos militares por via aérea e por via marítima. E depois não conseguimos ir para o mato. Saímos um pouco, saímos um pouco mas não durou muito tempo. Por volta de três meses porque o meu pai estava muito doente, ele ficava sozinho no hospital e eu voltei com a minha mãe para poder..

P: Era sozinho com a sua mãe ou tinha irmãos?

R: Os meus irmãos estavam na montanha e foram para o mato. Assim ficámos na cidade até... depois na altura o padre Magalhães começou a abrir as escolas, então continuei os meus estudos em 77. Em 76, após a entrada, o mês de Agosto, Setembro começámos.

P: Em Fatu Maka?

R: Não em Baucau.

P: Era o padre Magalhães mas não era em Fatu Maka. Como é que resolve ir para padre?

R: É uma pergunta muito interessante. Depois eu fiz o meu curso de pré- secundário. Tenho de ir para Baucau porque só em Díli é que tem secundário ou ir para Fatu Maka. Isso foi em 83... em 83. Agora ir para Fatu Maka está muito perto não vou concentrar muito nos estudos porque está perto. Então eu decidi vir a a Díli. Estudei cá em Díli

P: Na escola Pública?

R: Não na escola católica.

P: No Externato de S. José?

R: Em princípio no Externato S. José mas na escola da língua Indonésia, não da língua portuguesa. Mas depois com influência dos meus pais e do irmão que estava aqui em Díl: “olha filho o melhor é ir estudar a língua portuguesa”. Então eu da parte da manhã estudava a língua indonésia na escola secundária e na parte da tarde aproveitava para estudar a língua portuguesa. E terminei também no Externato S. José depois de 3 anos terminei a Escola Secundária em língua indonésia. Depois continuando com dois anos mais no Externato S. José a fazer o curso em língua portuguesa. Mas isso foi já uma parte quando já eestava no Seminário.

P: Qual Seminário?

R: Seminário de Nossa senhora de Fátima, em Lahane.

P: Depois da destruição construíram o de Lahane

R: Sim.

P: Onde é?

R: É o actual Instituto das Ciências religiosas.

P: E o senhor depois vai estudar para a Indonésia?

R: Sim.

P: E estuda com quem? Estuda com o padre Jovito?

R: Padre Jovito, o senhor Benedito Freitas que é ex-ministro da Educação, o senhor António Conceição que agora é o ministro do Comércio e da Indústria. No nosso grupo tivemos 15, 15 seminaristas que foram estudar na Indonésia.

P: Porque os padres tinham de ir para lá estudar!

R: Sim, sim. E entre estes 15 conseguiram chegar a ser ordenadoa 4: eu, o padre Jovito, o padre Adriano e o padre Dionísio

P: E porque é que foi para padre?

R: Quando acabei a secundária, como tive boas notas, o governo da Indonésia, da província queria enviar-me para estudar medicina. Mas eu disse: “pode ser bom mas não é ideal.” Porquê? Na nossa experiência... porque eu já trabalhei muito com FRETILIN e também FALINTIL.

P: Continuava sempre a trabalhar. Continuou sempre enquanto estudante?

R: Sim, sim. Inicei desde 1978, 79, 80, 83... até em Díli nós continuámos a ter essas ligações com FRETILIN. Então se for para Medicina, é bom também. Mas para ter uma visão mais segura não é este o caminho. Então eu decidi entrar no Seminário e estudar a Filosofia e se Deus quiser eu posso ser sacerdote e com isso melhor ajudar os meus irmãos que estão mesmo na pressão.

P: Porque é que achava que como padre ajudava melhor?

R: Na altura o que é que eu penso? É que como padre tenho mais segurança para fazer trabalhos para os irmãos que estão na clandestinidade. É mais seguro para o trabalho que os nossos irmãos necessitam. Porque não há outra instituição que pode assegurar o trabalho, a defesa dos direitos humanos, a defesa, a protecção da violações das pessoas, dos timorenses.

P: Porque é que diz isso? Porque é que diz que só a Igreja é que era a melhor instituição para assegurar isso?

R: Porque quando eu trabalhei em Baucau não havia qualquer outra pessoa, nem instituição que podia ajudar as pessoas. E portanto... por exemplo eu tenho uma experiência muito concreta com o padre Magalhães que tantas pessoas, tantas pessoas que sofreram no mato, quem é que pode ajudar na altura? A Igreja. Não há outra. Quem? Por exemplo o CRS que é a Cáritas Americana, mas também com uma limitação muito forte. E então uma vez eu pensava se queria ajudar os meus irmãos no sentido de ajudar a proteger os irmãos que estão a sofrer por esta terra, pela independência, uma das vias mais seguras é a Igreja e eu quero fazer parte desse trabalho e então decidi ser padre

P: Portanto vai para a Igreja numa atitude de resistência?

R: Sim, sim.

P: Disse-me que enquanto estudante aqui em Díli já fazia trabalho de resistência. Que trabalho era esse que fazia?

R: O trabalho mais importante que eu fiz no início era ser estafeta.

P: Que é iso?

R: Ser estafeta é fazer a ligação entre os irmãos que estão no mato, FALINTIL e etc... que estão no mato a ligar com o padre Magalhães.

P: Com o padre Magalhães? O que é que o padre Magalhães fazia?

R: Por exemplo oferecer medicamentos, algumas comidas. Essencialmente medicamentos que eles precisam. Ou até cartas. Então para entregar aos amigos lá no mato eu é que levo as cartas, medicamentos. Depois se eles quisessem enviar uma carta eu é que trazia para o padre Magalhães.

P: E as cartas eram para quem? Para familiares?

R: Para familiares e até para alguns para o estrangeiro.

P: E era para o estrangeiro para onde?

R: Para Portugal, etc. Depois para Díli, para o bispo.

P: Dos guerrilheiros?

R: Dos guerrilheiros sim.

P: Que mandavam para o bispo e para Portugal? Portanto era pela via dos padres que se fazia esse. E o senhor era estafeta?

R: Era o estafeta que levava isso.

P: Ia às montanhas, voltava. Ia a pé? Ia a cavalo?

R: Sim, ia a pé. E depois disso acabei o curso da pré-secundária e vim para Díli. O campo já está mais aberto. Tenho muitos colegas que tem o mesmo ideal. Mas não têm coragem de expressar. E encontro o Carlos Saky e mais outros e então conversámos sobre as questões da política. Eles também têm interesse e então formámos um grupo cá em Díli e falámos ligando com Externato. Alguns colegas que lá no Externato têm o mesmo sentimento, a mesma ideia então nós formámos redes clandestinas para poder...

desde o secundário para poder influenciar ou cultivar na nssa relação a ideia da independência, a luta pela independência.

P: E o que é que fazia essa rede clandestina?

R: Normalmente o que nós fizemos é quando nós estamos cá na cidade, quando nós encontramos algumas pessoas que querem contactar com amigos lá no mato, nós tentamos indicar ... em 80, 83 é muito difícil. É muito, muito difícil. Então o nosso movimento é mais a sensibilização dos jovens estudantes na nossa escola ou na nossa área. Isso é o nosso trabalho em 83 e 84. E quando ouvimos por exemplo o nome de Xanana já temos motivação para estudar, para falar com os colegas, alguns que já perdem a sua esperança de que não vai haver independência. A nossa luta ainda não terminou, vamos contribuir para...

P: Faziam acções de sensibilização clandestinas.

P: E depois o Padre vai então para a Indonésia. Onde é que esteve?

R: Em Malang.

P: Com o padre Jovito.

R: Jovito, sim e lá ...

P: Formaram a RENETIL.

R: Eu e António Conceição numa época de férias... nós sabemos que Carlos Saky, os outros colegas que estudaram comigo têm a mesma ideia. Eles estão em Bali. E quando nós chegámos a Bali eles já tinham formado a RENETIL... nós viémos de Malang para Bali em princípio a pensar em férias. Mas nós sabemos que os nossos colegas estão lá então fomos contactar com eles para saber qual é o meio ideal para poder continuar o nosso espírito timorense, espírito de nacionalismo que nós trazemos de Timor para a Indonésia. E quando chegámos, eu e António Conceição, quando chegámos a Bali, os colegas lá em Bali, Saky e Fernando Lassama já tinham criado a RENETIL. Então convocámos, encontrámo-nos e o Saky e o Fernando Lassama eles delegaram-nos para poder levar a ideia da defesa da independência. E nós começamos a levar a RENETIL para Indonésia e lá...

P: Mas os padres não faziam parte da RENETIL ou faziam?

R: Da criação, não. Mas nos trabalhos sim.

P: E o que é que faziam concretamente?

R: A sensibilização dos estudantes. Isso era um grande trabalho para poder manter aqueles que têm a ideia da independência e cultivar os colegas, os colegas que já não têm mais experiência vamos contribuir para poder...

P: Também passavam mensagens?

R: Sim passávamos mensagens. Essencialmente a sensibilização.

P: E passavam cartas que vinham de Díli? Continuavam a passar ou não?

R: De Díli não. De Díli normalmente as cartas que saem de Díli é em Bali. Chegando em Bali e lá em Bali já podem distribuir para o seu destino. Mas em Malang, como está fora, então as cartas nunca passaram por lá. Só em situações muito... Por exemplo se nós recebemos algumas mensagens das FALINTIL para poder dar, chegar aos colegas, então as cartas desse tipo chegavam-nos e nós informamos os colegas sobre a ideia, a ideia da luta.

P: Portanto as FALINTIL comunicavam através de vocês seminaristas?

R: Sim, sim, na altura. Não pelos seminaristas, era como timorense que tem vontade de fazer parte da luta.

P: Sim mas vocês eram seminaristas!

R: Mas na altura quer se queira ou não, esse motivo da luta implanta-se em todas as pessoas incluindo seminaristas. No nosso grupo, no Seminário de Malang, também todos os seminaristas que estão lá têm a mesma ideia. Então a partilha das mensagens da luta seguem-se para todos e até nós podemos partilhar para os outros colegas que não são seminaristas.

P: Faz o Seminário Maior lá. Vem para cá quando?

R: Eu estive lá em Malang apenas dois anos. Por razão da minha participação, o reitor mandou-me voltar para Timor.

P: O reitor descobriu...

R: Descobriu e depois mandou-me para Timor

P: E como é que o reitor descobriu?

R: Alguns colegas... o Carlos Saky, Fernando Lassama quando eles vão para Malang, dormem no meu quarto e descobriram que esses são alguns que colaboravam na luta. Então pronto descobriu e depois mandou-me voltar para Timor. E quando cheguei cá o bispo disse-me: “tu não tens problemas do estudos e espiritual não tem nada. Mas eles descobriram que tu estás a fazer parte do serviço político. Então é melhor regressar.” Então o bispo disse: “se queres continuar a tua vocação então vais fazer um estágio lá na montanha.”

P: Vocação?

R: Sacerdotal.

P: Vai fazer um estágio na montanha?

R: Numa paróquia. E então o bispo mandou-me para Ossú. Cheguei lá descobriram-me, então... Os militares apanharam-me, depois pronto. Torturaram-me.

P: Torturam-no?!

R: Sim. Na altura ainda sou seminarista... em 89.

P: Portanto foi com o bispo Belo essa conversa.

R: Sim. Depois pronto o bispo Belo mandou-me para Ossú, a paróquia de Ossú. E lá em apenas um mês e eles descobriram-me, os militares apanharam-me e torturaram-me na escola. E depois vieram fazer investigações até em Díli. Depois de alguns dias, algumas semanas, talvez, mandou-me para a diocese, fiquei na diocese. Após a visita do Papa, o D. Carlos mandou-me outra vez para uma outra paróquia em Maubisse que é lá no centro...

P: A que torturas é que foi sujeito? Quer contar?

R: Muita coisa, muita coisa... pancada, pancadas com arma, com fósforo, com cigarro

P: Queimaram-no?

R: Queimaram com cigarro. Depois numa investigação em Díli meteram-me dentro da fossa da sentina durante noites para poder dizer o que eles querem. Manteve-se a minha posição de que... argumentei com eles em relação com a política, etc. Depois de uma

semana da investigação não conseguiram o que queriam, mandaram-me embora e depois voltei para a diocese.

P: O bispo não intercedeu por si? Ou o bispo não sabia?

R: O bispo sabia. Depois mandou o padre vigário-geral e o pároco de Ossú na altura acompanhou-me durante a minha estadia em Díli. Mesmo que eles não saibam onde estou, eles procuraram e conseguiram encontrar-se comigo e...

P: E o padre vigário-geral, era o padre José António?

R: Não, na altura era o padre Alberto Ricardo.

P: Padre então não era assim tão seguro ser-se padre e fazer trabalho da resistência?

R: Muito, muito. Até depois de ser padre, logo depois de ser ordenado padre, entrei já com um contacto mais sério com os colegas, essencialmente das Forças Armadas e da clandestina. Tive uma participação mais intensa...

P: E quando é que foi padre?

R: Em 95.

P: Em 95 é pároco. Já depois do massacre?

R: Sim, sim, depois do massacre.

P: Então é padre e depois entra mais em contacto...

R: Eu voltei... acabei os meus estudos de Teologia, voltei para Díli. Fiz o meu estágio em Letefoho com o padre Domingos Maubere e pronto, abriu-me muitas redes da clandestinidade.

P: Abriu redes da clandestinidade? Onde?

R: Em Letefoho... e descobriu onde estão os comandantes, os responsáveis da clandestina, então pronto.

P: Isso foi em que época?

R: 95. O senhor padre Domingos tem muitos contactos da rede clandestina e também das FALINTIL. Então descobri que o senhor comandante x está aqui, o outro está ali. Descobriu as redes o que permite-me entrar em contacto com eles.

P: O que é que fazia?

R: Depois o bispo mandou-me para o Seminário e no Seminário, em Díli, entrei em contacto com vários colegas da rede da clandestina. Uns jovens e etc. Entrei em contacto com todas as regiões. Menos a região um. Há documentos que pode entregar à região um, nós passamos apenas para estafeta. Mas em relação à região dois, região três e região 4..

P: Estava tudo dividido por regiões?

R: Sim. Região três na altura quem estava como comandante era o David Alex. E esse quase semanalmente eu tive contacto com ele. Encontrava-me com ele. A levar jornalistas, a levar medicamentos, instrumentos que eles precisam, comida, lá no mato.

P: Levou jornalistas? Que jornalistas é que levou?

R: Portugueses.

P: Quem é que levou?

R: Saiu na Visão em 96. Jornalista que passou pelo David. Esqueci o nome dela. E quando ela voltou para Portugal, a notícia saiu na Visão. Eu acho que em 96. O contacto dela com David Alex saiu na Visão. E também da Austrália, Japão.

P: Portanto levava os jornalistas aos guerrilheiros.

R: Em 96 teve um combate na celebração de 20 de Agosto das FALINTIL... no combate vem um jornalista a gravar o combate. A gravação não conseguiu sair após o combate. O jornalista deixou a gravação, ele saiu e não conseguiu gravar os documentos todos. Então o comandante David Alex chamou-me para entregar todas as gravações e disse: “essa é a nossa história. Se perder essas cassetes, perdemos a nossa história, uma peça da nossa história. Então padre podes assegurar isso e pode entregar à pessoa certa para não perder.” E esse é um documento muito, muito..

P: Muito importante. É o filme que aparece no Museu da Resistência com o David Alex?

R: Exacto. Esse.

P: Foi você que transportou as cassetes?

R: Eu é que transportei as cassetes lá... recebi na mão do David Alex, levei para Díli e depois mudei as fitas de cassete, de cassete normal da música e enrolei essas fitas em cassetes de música.

P: Portanto fez como se aquilo parecessem cassetes de música.

R: Cassetes de música. Durante a noite enrolei tudo isso. Por volta de 12 cassetes. Enrolei tudo isso para cassetes de músicas com as imagens, fotografias das artistas indonésias. Então trouxe isso para fora com mais facilidade

P: Foi o padre que trouxe?

R: Sim. O David Alex disse... eu cheguei lá numa segunda-feira e ele disse: “sexta-feira essa cassete deve já estar em Bali para ser entregue à mão da pessoa certa.” E ele deu alguns códigos. Eu não conheço ainda quem é que vai receber. Eu recebi com tanta..

P: Foi uma senhora?

R: Ele disse: “sexta-feira vai num restaurante x, deve entregar essa cassete a uma pessoa com sapatos brancos, camisas, chapéu e etc. Vestidos de branco. E vai esperar lá para receber essa imagem. E uma dificuldade quando cheguei cá em Díli... agora tenho de comprar o bilhete de avião. Então eu pedi ao actual ministro António Conceição, ele trabalhou numa organização não governamental... eu pedi-lhe e ele arranjou um bilhete daqui para Bali. E eu na quinta-feira à tarde saí de Díli já com as coisas feitas e fui para Bali. Lá encontrei uma pessoa vestida e tal mas tem um código da conversa...

P: Qual é que era o código da conversa?

R: O código da conversa é “Kelimutu”.

P: Quer dizer o quê?

R: “Kelimutu” é o nome de um barco na Indonésia e também o nome de uma lagoa nas Flores. Originalmente é o nome de uma lagoa, depois esse nome passou para um barco... então o senhor.. a palavra-chave como se fosse a password para entrar em contacto é “Kelimutu”. Então nós sentámos frente a frente eu disse “Kelimutu”. Mas a senhora, o senhor não entende nada. Vinham duas pessoas. Mas não entenderam nada. Eu tentei para... eu saí de “Kelimutu”, etc. Passei pela ilha de Flores e fui à Lagoa de Kelimutu. A senhora não entendeu nada. Então eu levantei e saí.

P: O que é que lhe tinham que dizer?

R: Nós conversámos mas não entendeu nada sobre...

P: Mas o que é que da outra parte lhe tinham que dizer para você perceber que o estavam a entender?

R: E ele falou sobre a sua viagem da Malásia.

P: Portanto não era a pessoa certa.

R: Ele não entendeu a palavra-chave, a password da nossa conversa. Se ele entende essa password então vamos mudar a conversa. Mas como ele não entendeu, não mudei a conversa.

P: Insistiu?

R: Então eu tentei utilizar esse várias vezes, mas ele não deu resposta clara sobre.

P: O que é que ele tinha que dizer? Sim estou aqui para vir buscar as cassetes?

R: Exacto. Então eu não deixei lá. Então eu deixei as cassetes lá em Bali, voltei para Timor. Deixei numa senhora, agora ela está a trabalhar na rádio RTTL...E depois entreguei lá e disse-lhe: “Essa cassette tu guardas e não podes perder. Só podes entregar a uma pessoa que eu permita.” Voltei para cá e depois eu disse ao senhor comandante: “a cassette não encontrou a pessoa certa. Eu deixei lá, mas ela também faz parte do grupo da RENETIL, eu deixei lá com toda a segurança. Eu deixei a uma pessoa certa portanto não se vai perder ou entrar na mão da inteligência da Indonésia. Não vai. Agora eu só espero a sua... decisão a quem entregar.” No entanto ele ainda não disse nada. Vieram muitas pessoas à procura dessa coisa em Bali. Eu até disse: “mesmo que já com a ordem do Xanana, sem a ordem de Dai Tula, David Alex...Mesmo que Xanana diga que tem de entregar à pessoa que ele manda, mas...”

P: O Xanana estava preso?

R: Sim, na altura o Xanana estava preso. Mas se no caso o David Alex não dissesse nada essa cassette não pode sair. Se Dai Tula diz que pode sair, só pode através de mim. Mesmo que Xanana me peça eu não vou deixar. .. só depois de algumas conversas que levaram muito tempo é que David Alex permitiu entregar a cassette para uma pessoa enviada pelo Xanana. Depois é que levou para Portugal e saiu lá...

P: Essa cassete de combate que se vê ali..

R: Sim, sim.

P: Portanto o senhor padre andou aqui a fazer trabalho político?

R: Mais político.

P: Mais político que religioso, ou acha que as duas coisas não se podem separar?

R: É assim, nós estamos numa circunstância que exige a nossa contribuição, maior contribuição. Se eu sou formado eu tenho que dar mais... eu tenho mais possibilidade para dar, devo dar mais. Essa é a minha ideia. E depois, isso continuando até 99. Noventa e nove quando Díli está mesmo... na altura eu estava em Soibada com o padre residencial em Soibada.... assegurando para não ter violência, violência grave. E conseguimos. Todos os timorenses mesmo que militares da Indonésia, ou polícias eles não conseguiram sair de lá por minha...

P: Mas não foi onde houve mortes?

R: Não, não...

P: Foi em Suai que houve padres mortos?

R: Foi em Suai. Em Soibada não porque os militares ficaram convencidos com as minhas palavras, eles não saem. Saíram com as armas integrados com as FALINTIL. Então eles é que asseguraram que Soibada e mais algumas zonas vizinhas não teriam..

P: Eles quem? Os militares timorenses?

R: Os militares timorenses da Indonésia. Tinha convencido todo o grupo para não sair para a Indonésia. Eles todos ficam com a mesma arma. Ficaram lá em Soibada e mais outras zonas

P: Mas eu estava a perguntar se acha que o trabalho pastoral é também um trabalho político.

R: A área política também é uma área que merece o serviço pastoral do padre para diminuir... ou seja na defesa dos direitos humanos e do bem estar que os políticos têm a obrigação, o dever de fazer, se eles não fazem esse dever, o serviço pastoral deve intervir para poder ajudar melhor. Agora, se no caso o padre intervir na área política para poder ganhar uma cadeira, o poder, aí é que não pode. Para ajudar o povo, a vida

do povo, proteger o povo, a segurança do povo, eu acho que isso é um trabalho pastoral importante.

P: Acha que na altura os políticos não podiam fazer o seu trabalho e os padres tinham que o fazer?

R: Fazer parte para poder assegurar o máximo possível ou proteger para não ser violado o direito do povo.

P: A Igreja Católica foi muitas vezes o refúgio- o senhor padre até me disse que quando criança até se refugiou com o padre Magalhães. Acha que foi por causa disso que houve uma catolização maciça durante a ocupação indonésia aqui?

R: Foi apenas uma das razões. Há muitas razões

P: Que outras razões aponta?

R: A presença da Indonésia... e a religião muçulmana também contribuiu para a religião católica.

P: Porquê? Acha que eles tentaram islamizar, obrigar ?

R: Pois, pois.

P: Como fizeram?

R: Por vários meios. Levaram crianças, jovens timorenses para a Indonésia. Depois entraram nas escolas muçulmanas, depois regressaram para poder islamizar. Há muitos meios. Então essa também foi uma das razões da catolização em Timor-Leste. E da parte da Igreja quem está dentro... ou seja, ser baptizado vai entrar numa comunidade que vai ser protegido pela própria Igreja. Se alguém que for capturado, o padre vai tentar saber onde é que está e ajudar.

P: Como sentido de identidade e de protecção?

R: Exacto, exacto.

P: Timor teve dois administradores apostólicos durante o período de ocupação. Como define cada um deles?

R: O primeiro que é o D. Martinho está numa situação diferente do D. Carlos. Diferente no sentido, na altura a intervenção da Igreja é mesmo inicial que exige, precisa ter com

mais atenção e também uma posição que não está muito bem segura. E portanto a intervenção do D. Martinho é com muito cuidado com os militares da Indonésia. E a área política em si ainda não está bem clara, com muito cuidado. E descobriu-se que teve contacto do bispo D. Martinho com as FALINTIL. Não gostaram disso e deve escolher: ou ficar cá em Timor ou sair... quando os militares souberam que ele falou com o Xanana...

P: Expulsaram-no.

R: Expulsaram.

P: E depois veio D. Carlos. O que é que achou de D. Carlos?

R: O D. Carlos no início, depois de terem expulso D. Martinho, eles pensaram que com D. Carlos que é tão novo, não conhece a realidade, eles podem manejar a posição do D. Carlos. Mas enfim, essencialmente... ou seja nasce aquele sentimento timorense de estar ao lado do povo com o acontecimento de Kraras. O bispo viu com os olhos.

P: Que foi...

R: O massacre de Kraras aí é que o D. Carlos tomou a sua posição.

P: Em que eles usaram as pessoas para combater no mato? É a isso que se está a referir.

R: Exacto. Foi isso. Isso é que o bispo Carlos tomou mesmo a sua posição clara para estar ao lado do povo a defender o direito do povo. Cada um deles tem a sua própria história na luta.

P: Acha que os dois defenderam bem Timor?

R: Sim.

P: Mas houve boicote à ordenação de D. Carlos.

R: Pois, sim.

P: Estava cá?

R: Na ordenação eu não estava cá. Eu já estava na Indonésia.

P: Depois dizem que houve uma reunião de solidariedade com D. Carlos quando ele escreve a carta ao secretário-geral da Nações Unidas.

R: A carta saiu ainda estava em Malang ou nas Flores.

P: A Igreja usou muitas vezes a rede que tinha lá fora para denunciar o que se passava. Também fez isso?

R: Fiz também.

P: Como ?

R: Muitos colegas padres. Essencialmente, em Macau, o padre Francisco Fernandes que estava lá... eu nunca conheci mas como padre nós fizemos contactos em relação com os nossos trabalhos e lá é que ele utilizou as redes da Igreja para poder divulgar .

P: Como é que fazia? Contactava-os como?

R: Com cartas

P: Escrevia para ele?

R: Escrevia para Macau e depois quando já temos fax e e-mail já contactamos por fax e e-mail. Fax no início, mas por e-mail já tinha feito contacto via e-mail em 97/98.

P: E escrevia-lhes a dizer o quê?

R: Quando há qualquer acontecimento cá, contamos os acontecimentos e lá é que eles divulgam.... por exemplo não só as redes da Igreja. Nós também usamos redes clandestinas que vêm da Austrália, de Portugal. Na altura o senhor Filipe que é da Rádio da Renascença. Nós contactamos com ele, por via telefone.

P: A Renascença é uma rádio católica, padre.

R: O José Filipe está a trabalhar lá. tinha sempre contacto com ele.

P: A utilização da rede da Igreja para poder divulgar o que se passava em Timor, era consciente?

R: Na altura eu não sabia que a Rádio Renascença era Católica. Eu conheço o Filipe pessoalmente para poder ajudar a divulgar a situação.

P: Não era muito consciente. Mas através dos padres era. Não havia era uma combinação entre vocês. Depois verifica-se a utilização das celebrações religiosas para manifestações políticas. Vocês incentivavam enquanto padres?

R: Todas as manifestações sempre têm duas caras. Porque não há outra manifestação da vontade do povo enquanto nós estamos sobre a pressão militar. O que é que nós podemos fazer? É fazer as manifestações por via religiosa. Procissões e etc. Mas nas procissões o povo o que é que espera? Espera que os padres o bispo falem um pouco sobre os direitos humanos, a situação real ou que critiquem um pouco os militares, a atitude, os comportamentos.

P: Os bispos começaram a fazer isso. Começou D. Martinho, depois D. Carlos.

R: Então o nosso povo participa, essencialmente os que estão na rede clandestina. Esperam que naquela procissão o bispo ou o padre que celebra aquela actividade religiosa fale um pouco sobre a situação real.

P: Mas o que eu estou a dizer é que por exemplo quando cá veio o Papa depois houve uma manifestação.

R: Isso acontece sempre.

P: Isso era combinado como os padres?

R: Alguns sim.

P: Você combinava com eles?

R: Essencialmente a visita do Papa eu estive com o grupo que se manifestou. Na iniciativa eu estive como seminarista.

P: Estava como seminarista e manifestou-se com eles?

R: Eu estava em Maubisse.

P: Já estava castigado?

R: Depois do castigo. Então eu entrei em contacto com os jovens que vão fazer a manifestação.

P: Mas de quem é que partiu a ideia? Foi sua?

R: Não a ideia não é minha. A ideia é uma orientação do comando da luta para poder mostrar...

P: Das FALINTIL?

R: Sim.

P: Portanto do Xanana.

R: Sim na altura era Xanana. Então devem manifestar algo da nossa luta para que o mundo entenda que nós continuamos a nossa luta. E não há outro meio que possa ser melhor. É por via da presença do Papa. Na altura eu também contribui algumas ideias.

P: Que ideias é que deu na altura?

R: Essencialmente a estratégia. Eles pensaram que antes da missa já podiam começar. Então a ideia que eu disse foi: “só depois da missa, depois da bênção final vocês já podem começar a manifestar-se.” Então essa ideia foi bem recebida por eles.

P: E porque é que achou que depois da missa é que era a melhor estratégia.

R: Porque a celebração eucarística e bênção final já terminou. Portanto...

P: Porque havia que respeitar a presença do Papa?

R: Exacto.

P: E como é que viu a vinda do Papa cá? Foi importante ou não para Timor.

R: Foi determinante. Não é importante, é determinante.

P: Porquê?

R: Primeiro o Papa visitou directamente os católicos em Timor-Leste. Não só os católicos, o povo em Timor-Leste. E depois ele pôde ver directamente o sentimento e a vontade do povo timorense na luta pela independência. E depois a partir daí a posição da Santa Sé ficou clara sobre a questão timorense.

P: Porquê? Acha que sempre foi ambígua?

R: Pois na altura... há ou não vontade de ser independente. É sempre uma dúvida para toda a gente. Não só a Igreja, não só o mundo. O próprio timorense também tem a dúvida de um dia obter a independência. Como todas as manifestações pro, há várias vias para se manter a ideia da independência em todas as pessoas.

P: Acha que a visita do Papa foi determinante também porque difundiu lá fora?

R: Exactamente. Com isto, com a visita do Papa vai ser visto pelo mundo inteiro e com essa pequenina acção feita pela parte dos jovens da clandestina. Claro que isso vai dar uma atenção a toda a gente do mundo sobre a nossa questão.

P: Depois foi preso na altura, o padre?

R: Eu não.

P: Depois dá-se Santa Cruz em 91. Estava cá?

R: Não, eu saí de 89 a 91. Eu saí daqui no mês de Julho para continuar os meus estudos nas Flores. Cheguei lá e depois é que aconteceu. Eu saí em Julho, aconteceu em Novembro. Mas e já sabia que isso ia acontecer.

P: Porque é que já sabia?

R: Porque eu tenho muitas ligações com os jovens da cidade de Díli. Com os jovens da montanha eu também tenho muitas ligações. Sei quais são as motivações deles. E praticamente quando ouvi que ia haver uma visita da delegação portuguesa para Timor e na altura através de uma carta deu-me sinal que nós vamos manifestar. Mas como não conseguiu..

P: A visita não aconteceu.

R: ...a visita não aconteceu. Então os jovens ficaram um pouco zangados, e não conseguiram manifestar a sua vontade perante a delegação portuguesa, a delegação da Europa. Então mesmo que não venha a delegação vamos fazer algumas acções para que eles saibam que nós estamos preparados para receber de uma ou de outra forma.

P: Sabia que ia acontecer qualquer coisa. Não sabia o dia nem as circunstâncias.

R: Sim, não.

P: Não sabia que a seguir à missado 14º dia...

R: Depois a morte, a morte...

P: Do Sebastião Gomes

R: Os jovens em Motael, após a sua morte já têm uma preparação forte para esta cerimónia

P: Também sabia disso.

R: Eu sei disso porque eu tenho muitos contactos com os jovens.

P: Eles disseram que iam preparar uma...

R: Iam preparar uma grande manifestação.

P: Iam provocara a matança? Não era para provocar a matança?

R: Não, não. Era só para a manifestação.

P: Mas eles sabiam por exemplo que havia jornalistas cá?

R: Sim eles sabem.

P: Portanto fazem isso para mostrar aos jornalistas.

R: Sim, sim.

P: E qual é que foi a importância do massacre de Santa Cruz?

R: É uma outra oportunidade de mostrar ao mundo a luta do povo timorense. Por essa via, reforçamos o que tinha feito em Taci-Tolu.

P: Aí vê-se o que se está a passar em Timor?

R: É isso.

P: Há quem diga que é por o masscare ter sido filmado que as coisas viram em Timor-Leste. E há quem diga também que é porque aquilo se dá num cemitério cheio de cruzeiros e também pelo facto de estarem a rezar em português. O que acha?

R: A oração em português já vem antes disso. Isso faz parte da cultura religiosa e da cultura timorense, a oração em português. E não só isso, nós também em muitas famílias falamos ainda a língua portuguesa...

P: Mas aquilo vai lá para fora, para o mundo cristão. E o mundo cristão identifica-se.

R: Isso também é importante. Aquela cor da religiosidade na luta. A aspiração da luta passa sempre nas cerimónias rituais religiosas ou que nós temos cá. Enquanto as pessoas juntam-se para uma cerimónia religiosa, há sempre conversas da política ou da luta.

P: Depois há a prisão do Xanana. A mim disseram-me que a procissão da Cruz Jovem é feita depois da prisão de Xanana para unir os jovens. Tem essa ideia?

R: Antes essa Cruz Jovem é mesmo ideia que nasce por causa do sofrimento dos jovens para poder unir.

P: Mas quem é que teve essa ideia?

R: Da diocese de Díli. Essa mesma cruz que vem logo da ideia da diocese dirigida pelo D. Carlos. E a ideia é para... porque os jovens na altura, alguns jovens nós não sabemos que estão mesmo fortes na luta pela independência. Alguns defendiam a Indonésia. Então com a diferença que nós temos... então qual era a ideia que pode juntar todos os jovens. É fazer uma actividade religiosa como sinal. Páscoa Juventude. A cruz é o centro da Páscoa dos jovens. Depois é que foi mudado como Cruz Jovem, depois de alguns anos. Mas no início foi a ideia da Páscoa jovem que o centro era a cruz. A cruz mostra o sacrifício dos jovens.

P: E é feito depois da prisão de Xanana?

R: Não me lembro.

P: Depois há o Prémio Nobel. Onde estava? Estava já cá? Como viveu?

R: É muito emocionante. Eu estava no Seminário com seminaristas. É uma história também muito, muito interessante. Então na altura, na hora da cerimónia quem pode ver a transmissão directa, quem tem a parabólica? Na altura o Seminário tem antena parabólica mas o reitor não permitiu para poder abrir...

P: Quem era o reitor do Seminário?

R: O reitor era o padre jesuíta. O padre alemão.

P: O padre alemão que morreu.

R: Que morreu sim.

R: E eu era o perfeito do Seminário. Então eu arranjei maneira para, primeiro para mim, para poder ver a transmissão directa. Mas se fosse apenas do meu interesse eu podia ir ver numa casa de um amiliar. Mas como estava com seminaristas, todos timorenses, eu fui comparar uma nova antena parabólica própria, para poder montar e dar oportunidade aos seminaristas. O reitor disse: “padre pode ver mas não os seminaristas.” Eu disse: “Não, alguém que pensa em política pode. Mas é o bispo que está lá. Os seminaristas podem ver o seu bispo a receber o prémio Nobel.” Então montei isto, depois pronto,

todo os seminaristas... na altura eles já não tinham esperança para ver, mas eu montei tudo isto fora. Ligaram no seminário. Os seminaristas puderam ver a transmissão. E depois com a chegada do bispo em Díli é uma confusão.

P: Como é que foi essa chegada?

R: Todas as pessoas de Díli saem para receber o bispo que voltou de Oslo. Chegando lá à missa, há conflito e ali morreu um polícia. Então os jovens que mataram, o jovem levou a pistola do militar e eu tomei essa pistola pus no bolso. E com essa pistola fui rezar missa em Letefoho, os militares estavam à procura dessa pistola e eles sabiam que estava comigo. Então eles tentam ir à minha procura em Letefoho para eu a devolver. E eu desviei de Letefoho, depois Maubisse. Depois dei uma volta até Baucau e aí é que eu voltei para Díli. Quando cheguei o padre José António, pároco da Catedral, disse: “onde tu vais, os militares estão à sua procura.” E depois eu disse: “é por causa disso que eu venho falar com..”- na altura era vigário-geral, então eu venho para falar com o senhor vigário-geral: “qual é o meio? Não agora vamos para a polícia para poder entregar. E eu vou com ele à polícia.” E a polícia disse: “então senhor padre está a segurar o que não pode ser. Essa é a arma que só os polícias é que podem segurar. O senhor está a praticar um crime. Independente de ser crime ou não, eu estou a segurar a arma que podia causar mais mortes na altura. Mas o senhor levou. Eu levei mas com razão de a segurar. Por isso é que eu voltei cá com o meu superior, o meu vigário-geral para devolver o que é vosso.” Então pronto, ele deixou de falar só dos crimes, então devolvi.

P: No referendo estava em Soibada?

R: Sim.

P: Era pároco de Soibada?

R: Sim padre coadjutor.

P: Quem é que era o padre?

R: O padre Filomeno Barreto. Agora é pároco de Vemasse.

P: Como é que foi o referendo lá? Participou?

R: Sim participei.

P: Activamente?

R: Activamente sim.

P: O que é que fez?

R: Eu formei um grupo de jovens para ensinar o povo como é que podem votar. E depois incluindo no grupo, que são grupos formais, o grupo clandestino. Ensinam como é que votam e onde eles devem votar. É a actividade.

P: Portanto a Igreja colaborou?

R: Pelo menos da minha parte, colaborou.

P: E os bispos também fizeram os encontros de Dare...

R: Depois divulgámos também o acordo de 5 de Maio às comunidades para saber quais são as consequências se optamos por um ou optamos por outro... fizemos debates com os jovens com a comunidade para saber quais são as consequências se se optar por um ou se se optar por outro.

P: E já me contou que a violência no seu caso não houve porque o senhor padre serviu de intermediário e negociou com os indonésios?

R: E por isso é que os militares, eu falei um por um com eles. “Se nós ficamos cá nós vamos ser mortos pelas FALINTIL.” Os militares timorenses que são militares da Indonésia. “Se nós ficamos cá, um dia nós vamos ser mortos pelas FALINTIL porque nós perdemos o referendo.” Eu disse: “perder ou ganhar é uma coisa. Mas um de vós se morrer, eu morro da vossa parte. Se no caso ganharmos o referendo. Se não ganhar, vocês é que me protegem. Se ganham eu é que vos protejo.” E com esas conversa então ficaram.. logo no momento do aviso do referendo eles tomaram arma e saíram para o mato.

P: Saíram para o mato?

R: Saíram para o mato e seguraram a paróquia para não ter violência.

P: Da parte da milícias.

R: Sim da parte das milicias. E eles receberam a ordem da parte do comando militar de Manatuto para poder sair para ir para a Indonésias e eles disseram: “nós somos timorenses, nós vamos ficar cá e não vamos sair. E se vem FALINTIL a matar-vos?

Isso é outra conversa mas nós não queremos deixar a nossa terra, a nossa família e a nossa vida cá em Timor.”

P: Mas os militares indonésios saíram?

R: Ainda estavam lá. Depois de saberem que eles ficavam. Na altura nós falávamos da revolta daquele grupo militar timorense que não deixam os outros militares... depois eu disse: “a nossa revolta é para salvar a nossa vida e a vida dos irmãos e não podem desobedecer às ordens das FALINTIL.”

P: Portanto não houve distúrbios em Soibada porque esses militares timorenses que pertenciam à Indonésia garantiram?

R: Sim.

P: E porque o senhor padre intermediou?

R: Sim.

P: E eles ainda estão vivos?

R: Ainda, ainda.... depois eles com armas...Setenta e tal armas que estão com eles. Então eu contactei com o actual presidente, na altura era comandante das FALINTIL. Eu contactei com ele: “os militares de Soibada estão cá comigo, com armas e eles estão a nosso favor.” Então o comandante disse: “senhor padre fique com eles, assegurem que não vão perturbar.” Então eu falei com eles. Depois da retirada dos militares de Uai Mori para Remexio, e mandaram também retirar os militares que estavam comigo lá em Soibada para vir para Remexio. Então saímos lá de Soibada e encontrámos cá em Remexio e eles integraram-se nas FALINTIL. Na altura.

P: E hoje em dia estão integrados nas Forças?

R: Não, depois da formação das FDTL eles desistiram, voltaram para Soibada.

P: E hoje em dia o senhor faz parte da Comissão Justiça e Paz? O que é essa comissão?

R: É uma Comissão da Igreja Católica.. é uma organização da Igreja Católica, uma comissão que trata os assuntos da justiça, de direitos e etc. Então a diocese de Baucau tem uma Comissão Justiça e Paz.

P: Mas trata destas questões que se passaram anteriormente?

R: Tinha feito essa participação. Mas agora muitos assuntos que têm a ver com justiça, com direitos, a comissão intervem.

P: E dá aulas aqui na Universidade. O que é que faz concretamente?

R: No Instituto da Filosofia estou a dar a Filosofia de Direito e o Direito Constitucional. E na UNTL, na Faculdade de Direito estou a dar Direito Comparado, Filosofia de Direito e Introdução ao Direito.

P: Estudou isso no Seminário?

R: Eu estudei Direito, fiz o curso de Direito em Macau em noventa..

P: Depois de padre?

R: Sim.

P: Mas continua a ser padre?

R: Sim.

P: É padre onde?

R: Neste momento estou a ajudar na paróquia de Vila Nova de Baucau. Todos os domingos ajudo lá. Estudei Direito em Macau, Faculdade de Direito de Macau.

P: O que é que diria que foi o papel da Igreja Católica no processo de Independência?

R: Eu digo mais do que importante, é determinante. É também uma luta de várias vertentes. Vertente cultural a Igreja católica é determinante.

P: Porque?

R: Porque mantendo por exemplo a cultura da fé, a tradição dos direitos humanos faz parte da luta da Igreja. Essencialmente por exemplo nas escolas, a única escola católica defendeu a cultura portuguesa até noventa e tal: Externato S. José. É uma vertente cultural que tinha defendido ao longo da presença da Indonésia. E também a questão cultural. Desenvolver a língua tetum que unifica todos

P: As missas passaram a ser em tetum e foi a Igreja...

R: Sim foi a Igreja que fez isso. Uma contribuição para o elemento unificador dos timorenses.

P: E depois a colaboração com a resistência acha que foi essencial?

R: É importante.

P: E a denúncia?

R: É importante.

P: Mas não foi determinante. Poderia-se ter feito sem a Igreja, é isso?

R: Sim, sem a Igreja. A vertente cultural é determinante. Se nós optamos pela língua tetum, a língua portuguesa, os valores humanos. Até por exemplo a educação. Nós estamos agora, como agora somos porque foi feito pela Igreja

P: O campo da luta também teve pessoas importantes como o padre?

R: Sim, sim.

Anexo 42

Entrevista a Eduardo Belo Soares

Eduardo Belo Soares é um timorense que tinha 50 anos aquando da entrevista. Quando foi a invasão era uma criança de 10 anos. Vivia ao lado do Colégio de Fatu Maka. Foi aluno e instrutor no Colégio. Esteve ligado à resistência clandestina e foi várias vezes preso. Acabou junto dos guerrilheiros, perto do então comandante Taur Matan Ruak. Tinha vários nomes de código: Lahakfodak, Stakoda, Camelão e Gattot eram apenas alguns.

A entrevista foi realizada em Díli, Timor-Leste, a 3 de Agosto de 2015

Pergunta: Porque é que tinha tantos nomes de guerra?

Resposta: Depois da primeira captura em 1984, eu mudei logo o nome para Camaleão. Dantes era Lahakfodak. Depois mudei para Camaleão. Camaleão toda a gente sabe que é muito fácil de mudar a cor. Se eu estiver com os indonésios com certeza que tenho que falar a favor dos indonésios.

P: O senhor foi da rede clandestina?

R: Eu fui da rede clandestina.

P: Era guerrilheiro?

R: A partir de 90, às vezes o meu tempo era estar 60% no mato, 40% na cidade.

P: Não era guerrilheiro mesmo.

R: Não.

P: O que é que fazia concretamente?

R: Eu só fui guerrilheiro nos últimos 3 ou 4 anos. Então naquela altura como a minha situação piorou porque em Fatu Maka fizemos aquela arma silenciosa.

P: Que é isso a arma silenciosa?

R: Fizemos aquela silenciosa e adaptámos na arma ou na pistola para depois dar tiros sem som.

P: Foram vocês que fizeram em Fatu Maka? Você e quem?

R: Eu mais dois companheiros. Um outro é João da Silva de Fatu Maka também.

P: Mas os padres não estavam metidos nisso.

R: Não, não. Isso fizemos de fora, com o conhecimento que temos fizemos na escola sem conhecimento dos padres. Depois escrevemos “Made in Taiwan, Made in China” mas isso foi fabricado em Fatu Maka. Fabricado em Fatu Maka mas com a marca malaia ou uma marca taiwanesa. Era muito difícil para outras pessoas identificarem que vinha de Fatu Maka.

P: Tinha que idade quando foi a invasão?

R: Eu tinha 10 anos de idade naquela altura.

P: Tem 50 agora.

R: Sim.

P: E lembra-se da invasão? Estava em Fatu Maka?

R: Estava na 3ª ou 4ª classe naquela altura.

P: Estava em Fatu Maka?

R: Estudava em Fatu Maka naquela altura, no Colégio. Eu morava mesmo ao lado do Colégio. O terreno do Colégio foi oferta dos meus avós.

P: E portanto estava lá a estudar no Colégio. Não era era aluno interno.

R: Sim só externo.

P: E o que é que se lembra da invasão?

R: Em Timor é muito difícil de procurar água. Não temos água potável em casa. Todas as manhãs eu tinha de ir à várzea à procura de água para tomar banho, para ir à escola. Numa manhã naquela altura ainda, me lembro, quando saí de casa, já estava na várzea, eu vi cinco pára-quedas a saírem do avião. Então quando eu vi aqueles pára-quedas eu fugi. Virei logo e voltei para casa. Fugi logo para casa e quando lá cheguei os militares indonésios também já começavam a aproximar-se. Mas naquela altura era muito difícil para eles atravessarem a ribeira para Fatu Maka porque as Forças das FALINTIL também já estão a preparar-se há quase cinco meses. Está lá uma companhia então eles não conseguiram passar e alguns foram a Fatu Maka um dia depois. Nós todos naquela altura, o padre Locatelli e os padres avisaram-nos para ficar na Igreja durante alguns meses.

P: No Colégio?

R: No Colégio. E ficámos no Colégio por volta de 3, 4 meses.

P: A sua família toda?

R: Com toda a família.

P: Não fugiram para o mato?

R: Depois disso, 3 ou 4 meses depois disso tivemos de sair para o mato porque tínhamos medo. Então fomos para o mato. Com os pais, todos.

P: E depois quando é que regressaram?

R: Regressámos em 1978. Em fins de 78.

P: E foram ajudados pelos padres nessa altura?

R: Sim fomos ajudados e quando regressámos da montanha, nós todos naquela zona ficámos no Colégio durante alguns meses porque as nossas casas estavam todas queimadas. Queimadas todas pelos indonésios.

P: E depois quando é que entra para a resistência?

R: Depois naquela altura tenho alguns amigos que conheço bem, um deles é o Filomeno, o falecido. Falou comigo, instruiu-me para trabalhar e fazer algumas coisas para apoiar a independência. Então eu aceitei e começámos a trabalhar. Depois de eu voltar do mato, 4 ou 5 anos depois eu fui preso porque ajudei um colega meu a fazer um cartão falso de residência da indonésia. Uma ou duas semanas depois, os indonésios capturaram esse primo. E eles perguntaram quem é que fazia o cartão e o

primo citou-me. Então os indonésios capturaram-me e levaram-me para Bacau. E depois os indonésios libertaram-me e o meu sentimento anti-indonésio ficou mais forte. Já não gostava dos indonésios antes, mas depois de ser preso, como fui torturado na prisão, o sentimento anti-indonésio aumentou.

P: E foi aí que o tentaram lançar de um helicóptero?

R: Lançaram-me do helicóptero em 89. Lançaram-me do helicóptero porque me perguntaram muita coisa mas eu nunca quis ajudar. Porque eu sempre disse: “não sei, não conheço o David Alex e outros comandantes, nem conheço um dos guerrilheiros.”

P: Mas estava a contar que a resistência reforçou-se quando foi preso pela primeira vez.

R: Sem dúvida. E depois a segunda vez foi em 89. Fui apanhado pelo Prabowo Subianto, um dos candidatos a presidente da República da Indonésia.

P: E o que é que eles lhe fizeram dessa vez?

R: Dessa vez puseram-me no acampamento deles em Venilale. Há lá uma valeta com uma profundidade de 20 e tal metros. Puseram-me lá dentro. E depois eles ficaram em cima. Fizeram uma casa tradicional e os militares ficaram lá em cima e eu embaixo na valeta.

P: Mas a valeta estava com mais gente.

R: Estávamos 7 ou 8 pessoas. Era uma valeta criada já na natureza.

P: E eram pessoas que estavam ligadas à resistência?

R: Sem dúvida. E durante o tempo dos interrogatórios, faziam sempre os interrogatórios durante a noite ou dependia. Sempre que precisavam vinham pedir informações mas com os choques eléctricos. Temos que tirar a roupa toda.

P: Foi torturado. É isso que me está a dizer.

R: Fui torturado. Depois com uma cadeira de ferro, sentamo-nos e depois eles colocam a tomada de electricidade.

P: E foi queimado também?

R: Eu não. Mas um amigo meu foi queimado à nossa frente. Isso também foi em 89. Puseram-nos num quarto. Depois eles transferiram-nos de Venilale para Baucau. Para o hotel Flamboyant (Pousada de Baucau onde ficaram os militares indonésios e onde funcionou uma prisão) em Baucau. Em Baucau encontrei-me com outros 16 colegas e destes só conhecia um. Os outros não conhecia. Puseram-nos lá dentro do quarto. Um

quarto de dois por dois e meio com 16 pessoas lá, durante 6 meses. Nenhum de nós consegui dormir porque...

P: Comiam lá e faziam as necessidades lá?

R: Tudo lá. Dentro do balde.

P: Num primeiro tempo não era guerrilheiro. Era só da rede clandestina. E o que é que fazia nessa rede clandestina?

R: Fui preso mais de dez vezes, treze ou 14 vezes. Quando fui preso pela primeira vez, aumentou o sentimento anti-Indonésia. Aumentou pouco. Mas depois da segunda prisão, em 89...

P: Mas o que é que fazia na rede clandestina?

R: Na rede clandestina passávamos informações aos guerrilheiros. Depois de 88, 89, eu comecei a escrever e a mandar informações para fora. Através dos turistas que visitavam Timor-Leste. Porque em Fatu Maka foram lá sempre os brancos. E nós os timorenses sempre pensámos que os brancos eram todos a favor dos timorenses.

P: E não era bem assim.

R: Mas não era assim. Então todos os brancos que visitavam a escola de Fatu Maka- porque eu tenho sempre algumas cartas preparadas e algumas informações preparadas.

P: E era para mandar para quem?

R: Mande para o Dr. Ramos-Horta e para grupos de solidariedade no exterior do país.

P: E eram grupos católicos ou não?

R: Grupos católicos como Tapol e Comissão para os Direitos do Povo Maubere em Portugal.

P: Utilizava os padres para passar informação?

R: Eu estava em Fatu Maka naquela altura e os brancos, os turistas visitavam Fatu Maka. Então eu não dava através do padre mas sempre falávamos com os brancos lá. Somos livres para entregar e receber qualquer coisa deles. Na Igreja e no colégio em Fatu Maka eu sinto-me bem porque conheço bem os padres porque o envolvimento dos padres é muito importante naquela altura porque mesmo o padre tem contactos com o comandante Xanana e com outros guerrilheiros também com o David Alex e outros.

P: Mas você, na rede clandestina, passava informações através dos padres?

R: Utilizávamos o Colégio. Utilizávamos o Colégio e a Igreja para a nossa actividade.

P: Enquanto estudava lá ou mesmo quando já lá não estudava?

R: Mesmo quando já não estudávamos lá conversamos sempre com os padres acerca disso. Conhecemos muito bem, especialmente os padres de Fatu Maka porque eu estudei lá, e os padres nos apoiam.

P: E os padres sabiam que vocês funcionavam ali? O que é que vocês faziam ali no Colégio?

R: Os padres sabiam isso. Mas chamaram-me sempre a atenção: “tem de tomar muito cuidado, tem de tomar muito cuidado.” Isso já é um apoio que tem peso.

P: Mas o que é que vocês faziam no Colégio além da arma que fizeram? Faziam reuniões?

R: Fazíamos reuniões lá e alguns padres lá, também ajudavam-me sempre a fazer algumas traduções de bahasa para inglês...alguns noviços.

P: Eram noviços timorenses?

R: Eram noviços timorenses. Mas posso dizer que tudo isto está na sombra do Colégio, dos padres. Portanto são os padres porque esta acção é supervisionada pelos padres. A contribuição e o papel da Igreja naquela altura é muito importante porque só no Colégio, só nas igrejas é que podíamos falar livremente. Mas os padres chamavam à atenção: “Sim pode fazer tudo mas tem de ter muito cuidado.”

P: Mas quem é que dizia isso? O padre Locatelli?

R: O padre Locatelli.

P: Portanto ele sabia que vocês faziam essas coisas.

R: Ele sabia. E depois os indonésios descobriram que fizemos em Fatu Maka o silenciador para adaptar na arma e alguns meses depois os indonésios foram a Fatu Maka.

P: Isso já em 89?

R: Não, isto foi em 95. E o padre Locatelli sabe muito bem que eu fui a pessoa que esteve envolvida nisso. Então uma manhã, o padre Locatelli avisou o padre Baltazar para me avisar para procurar um lugar mais seguro porque em Fatu Maka os indonésios podem ir a qualquer momento capturar-me. Então o padre Locatelli disse-me: “Você tem de sair já daqui e procurar um sítio seguro.” Porque os indonésios já sabiam que estavam a fazer essas coisas.

P: Como é que eles sabiam?

R: Eles capturaram alguns guerrilheiros e alguém talvez tenha dito que foi na escola do padre Locatelli.

P: Mas estava-me a dizer que o senhor depois foi guerrilheiro também?

R: Sim.

P: Como é que vai para a guerrilha?

R: Isto porque primeiro gosto.

P: Mas porque é que decide?

R: Eu depois de 90, eu estive em Fatu Maka como um dos instrutores em Fatu Maka. No tempo da ocupação ganhávamos só 50 mil rupias naquela altura que na equivalência com o dólar, agora, é cinco dólares. É 4 dólares, 3 dólares e qualquer coisa por mês. Mas eu não penso nisso. Porque em Fatu Maka é seguro. Como eu já fui ex-prisioneiro, então um prisioneiro nunca circula livremente em Timor. Então primeiro eu sinto que Fatu Maka é um lugar seguro... os guerrilheiros, alguns comandantes como o actual presidente da República, o comandante David Alex, eles também se escondem ao largo do Colégio. E os indonésios nunca desconfiaram daquela zona porque primeiro não há comida, segundo não tem água. Então os indonésios não pensava que lá pudesse haver guerrilheiros. E nós sempre ajudámos e de onde vinha o arroz? O arroz vinha do armazém dos salesianos. E assim também água. Eu organizei os meus irmãos para levarem água aos guerrilheiros.

P: Quantos irmãos tinha?

R: Eu tenho cinco irmãos mas dois irmãos é que estavam organizados para isso. Os dois pequenos. O meu irmão mais velho tinha muito medo. Ele tem medo porque tem família. Eu era jovem naquela altura então, eu não me importava. Por vezes de manhã eu tenho de ir à escola dar aulas. Mas de noite sempre fui visitar os guerrilheiros. Passava as noites com os guerrilheiros e de manhã, volto para a escola. Depois das 4 vou ter com os guerrilheiros e passo lá a noite.

P: E foi por isso que passou a ser guerrilheiro?

R: Não.

P: Em que período é que foi guerrilheiro?

R: Fui guerrilheiro em fins de 96. Noventa e seis, 97.

P: E porque é que decidiu ir para a guerrilha?

R: Decidi isso porque os indonésios descobriram que eu estava envolvido na resistência e foram à minha procura. Então eu decidi ficar no mato e não na vila. Então em fins de 96 fui para guerrilheiro. Mas ao mesmo tempo que era guerrilheiro andava na Politécnica.

P: Como é que era guerrilheiro e andava na Politécnica?

R: Eu tinha dois nomes. Eu tenho 12 ou 14 falsas identidades. Eu estudei na Politécnica como Eduardo Belo Soares, com o meu nome próprio. E o nome que os indonésios sabem., eu gostava de ouvir a rádio de África, então ouvi o nome do presidente de Angola é parecido: José Eduardo dos Santos. Então um dos meus nomes é José Eduardo dos Santos, José Eduardo Belo dos Santos, o segundo nome. O terceiro nome é Sabino Ornai. Quando eles me capturavam eu dei sempre um nome falso.

P: O seu nome verdadeiro estava sempre protegido.

R: Não, nunca. Mas na Cruz Vermelha sim, eu dei o nome verdadeiro.

P: Portanto era guerrilheiro e vinha aqui estudar.

R: Sim. Mas às vezes, numa semana, vou à escola uma ou duas vezes por semana. Às vezes 3 vezes por semana. Isso foi fins de 96 e 97. Em meados de 97 estive a 100% com os guerrilheiros.

P: Agarrou em armas?

R: Não eu era o colaborador do Estado Maior das FALINTIL. Era guerrilheiro mas guerrilheiro civil.

P: E vivia no mato com eles?

R: Vivia no mato com o actual Presidente da República.

P: E eles eram muito religiosos? Havia muita religiosidade entre os guerrilheiros?

R: Havia. Todos nós temos um terço e algumas imagens.

P: E porque é que acha que havia essa religiosidade?

R: Porque sempre depositámos a nossa confiança máxima na Igreja. Porque só com a Igreja, com os padres é que podem facilitar tudo. Se eu e a senhora temos de nos encontrar na cidade, onde é que nos vamos encontrar? Se é na cidade é melhor na Igreja ou num colégio.

P: Eram sítios protegidos?

R: Sim. Sem dúvida.

P: E essa relação com os padres. Porque é que tinham tanta confiança neles? Eles podiam denunciar-vos.

R: Os padres falam a verdade. Os padres falam sempre a verdade. E o que estamos a fazer, estamos a lutar pela justiça.

P: Não é primeira pessoa que me diz isso: os padres falam a verdade. Porque é que vocês acham isso?

R: Acredite ou não, isso foi o que aconteceu. Sempre falam a verdade. Falam a verdade porque se os guerrilheiros não gostam dos indonésios, os padres não podem lá aconselhar para virem porque gostam da Indonésia.

P: Os padres sempre estiveram do vosso lado.

R: Sim, sempre.

P: E acha que os padres estiveram do vosso lado porquê?

R: Por causa da violação dos direitos humanos em todo o território. Isso não aconteceu só com um padre mas com todos os padres. Mesmo os padres indonésios.

P: E acha que foi por causa disso que se deu uma catolização maciça no tempo da Indonésia?

R: Os padres não nos obrigavam a escolher uma religião mas os próprios timorenses até os anos de 74 e 75, reconhecíamos que só com a cruz é que conhecemos o amor. Falam sempre de ajudar e de amor. Mesmo os que não crêem em Deus naquela altura procuravam saber.

P: E acha que eles vos protegiam?

R: Sem dúvida. E depois naquela altura quando fomos para a Igreja não foram só os cristãos. Mesmo os que aqui em Timor costumamos chamar os gentios, os gentios também foram para a Igreja e foram protegidos pela igreja. Como foram protegidos pela Igreja isso já é uma consciência moral de cada indivíduo.

P: Nunca passou mensagens através dos padres?

R: Muitas mensagens passavam através dos padres.

P: Para quem?

R: Por exemplo para a Cruz Vermelha Internacional às vezes entregamos. Porque quando entregamos aos padres, eles sempre fazem chegar. Temos a certeza porque confiamos que aquilo que entregamos aos padres sempre fazem chegar.

P: E que padres é que usavam?

R: O padre Locatelli. Em Fatu Maka só o padre Locatelli é que vem a Díli. Às vezes entregávamos aos padres mas os padres em si não sabem o que é o conteúdo da carta. Mas confiamos que o que entregamos ao padre será entregue.

P: Portanto ele não sabe que está a fazer um serviço para a rede clandestina?

R: O padre sabe. O padre sabe o que é o conteúdo.

P: Tem ideia de um caso concreto?

R: Por exemplo uma pessoa que foi capturada pelos indonésios e eu fiz algumas informações para a Cruz Vermelha.

P: E mandou pelo padre Locatelli?

R: Sim mandei pelo padre Locatelli. E às vezes eu próprio digo: “senhor padre isto é informação sobre a pessoa que foi capturada, faça chegar esta informação à Cruz Vermelha.” E o padre faz isso.

P: Portanto vocês faziam as informações, os relatórios daquilo que sabiam e através dos padres mandavam para a Cruz Vermelha que depois mandava lá para fora.

R: Sim. Para a Cruz Vermelha e o padre também tem de saber porque também mandávamos para o bispo. Damos a informação aos padres do conteúdo das mensagens e pedimos para fazer chegar ao bispo. E às vezes os padres fazem também informações para fora acerca dos direitos humanos em Timor-Leste.

P: Eram informações sobre pessoas que eram presas, mortas, torturadas. Era isso?

R: Sim. E muitos padres procuram saber também por nosso meio. E confiamos nos padres que todas as informações que lhes confiamos... os padres eram pessoas seguras. Nunca temos medo de falar com os padres.

P: Era só o padre Locatelli? Ou também usava o padre João de Deus Pires?

R: Eu nunca entreguei ao senhor padre João de Deus Pires mas eu conheço bem e sei que o Padre João de Deus Pires trabalhou muito porque tenho colegas meus que falam sempre do padre João de Deus Pires. E mesmo o comandante David Alex , um dos comandants que foi morto em 97, também falou muito do padre Locatelli e do padre João de Deus Pires. Eu fui um dos timorenses que trabalhou muito próximo do David Alex.

P: E o que é que o David Alex dizia destes dois padres?

R: Disse que os padres ajudavam com medicamentos. Era muito difícil encontrar medicamentos. Agora já há clínicas em todo o lado mas naquela altura só por meio dos padres e madres é que podiam...

P: Das madres também?

R: Das madres também.

P: E alguma vez utilizou as freiras também?

R: Nunca tive com as madres mas eu confio 100% que passaram pelas madres também, nos colégios das madres também. Como entregaram muitos filhos dos guerrilheiros que entregaram às madres pelo meio do padre Locatelli, eu sei muito bem que muitos guerrilheiros têm muitos contactos com madres. Só que essa informação não foi divulgada porque era muito decisiva naquela altura.

P: O padre João de Deus disse-me que no caso dos filhos dos guerrilheiros iam para um colégio que construíram em Venilale.

R: Sim.

P: E esse colégio era de padres também?

R: Esse colégio é dos padres.

P: Como se chama?

R: É um colégio salesiano.

P: Como é que vê cada um dos dois administradores apostólicos que Timor teve durante a ocupação?

R: Eu conheço bem D. Martinho mas nunca contactei com ele. Mas com D. Carlos Filipe Ximenes Belo, sim. Falei com D. Carlos porque o D. Carlos também foi um dos meus professores em Fatu Maka nos anos de 82/83.

P: E o que é que falou com ele?

R: Numa noite quando fugi de Baucau, naquela altura já foi em 89. Eu fui preso por Prabowo Subianto e os seus lacaios. Quando fui preso, depois de 3 ou 4 meses com um dos elementos do Prabowo... numa noite eu fugi da prisão.

P: Foi aquele caso em que estiveram todos no mesmo quarto?

R: Depois eles colocaram-me noutra quarto. Então numa noite eu fugi da prisão. Quando fugi da prisão vim a pé para Díli.

P: Quantos dias demorou?

R: De Baucau a Vemasse vim a pé. Depois de Vemasse a Laleia vim de camioneta. Mas antes de chegar a Laleia eu tenho de ir a pé para passar o controlo. Depois de passar pelo *check point* eu apanhei outra camioneta e fui para Manatuto. Levei dois dias. Depois passei a noite em Manatuto. Depois em Manatuto apanhei outra vez outra camioneta e viajei para Díli. Quando cheguei a Metinaro, desci e vim a pé de Metinaro para Díli. Eu cheguei a Díli já quase por voltas da 7 horas, 7 e meia da noite. Então quando cheguei a Díli fui à residência do monsenhor Belo. Fui falar com o D. Carlos e D. Carlos perguntou-me: “Eduardo, onde é que estás agora? Reverendo ainda estou com os indonésios. Fui preso mas agora eu fugi, fugi da prisão há dois dias atrás. Agora eu queria ficar aqui na residência do monsenhor, o que é que o monsenhor pensa? Nos outros sítios é perigoso e eu não me sinto muito seguro. Aqui sinto-me seguro.” Então o bispo disse-me: “Aí atrás estão alguns colegas teus talvez conheça alguns deles.” Então falei com o bispo e o bispo falou com a cozinheira para que me possa também ajudar.

P: Quanto tempo é que lá esteve?

R: Quase 3 ou 4 horas com o bispo. Depois passei uma noite lá. depois o bispo disse-me: “aqui é seguro mas tem de informar esse caso à Cruz Vermelha Internacional também.” Depois pode voltar e ficar aqui. Então no dia seguinte fui informar a Cruz Vermelha que eu fugi da prisão.

P: E depois voltou para a casa do bispo?

R: Eu fui falar com a Cruz Vermelha e depois atrás... primeiro está a casa do bispo, no outro lado estão os escritórios a Cruz Vermelha Internacional. E depois nos arredores da Cruz Vermelha, o chefe da delegação disse-me: “Aqui é a Cruz Vermelha mas tu não podes ficar aqui porque aqui não aceitamos nenhum timorense. Porque a nossa posição aqui é de neutralidade, não podemos aceitar que o senhor Eduardo fique aqui.” Mas como eu conheço bem o cozinheiro da Cruz Vermelha então optei por ficar lá mas sem a Cruz Vermelha saber. Então eu fiquei durante 3 anos sem eles saberem. Porque atrás tem outra casa mas está vazia. Há 3 ou 4 casas mas sem portas. E eu fiquei lá.

P: Foi nesse período que estudava?

R: Foi nesse período que eu tentei visitar muitos colegas meus em Díli e comecei a trabalhar mais.

P: Esse período é quê, 89?

R: Esse período foi depois de 89.

P: Portanto começa a trabalhar mais na resistência.

R: Na resistência e depois comecei a conhecer mais amigos que trabalham para a resistência

P: Foi nesse período que desenvolveu o espírito da resistência, na segunda vez que foi preso e fugiu. É assim?

R: Sim sem dúvida.

P: Vocês tinham consciência da rede que a igreja tinha no mundo quando passavam informações aos padres ou só passavam porque tinham confiança neles?

R: Sim, sem dúvida e com certeza que os padres salesianos e de outras congregações... os salesianos eu conheço bem e eu com os salesianos e tudo o que se passa em Timor-Leste, noutras casas salesianas também sabem e acompanham a situação em Timor-Leste naquela altura. Os salesianos sabem as informações que passam noutras casas salesianas.

P: Essa rede era importante?

R: Essa rede importante.

P: Mesmo no mundo?

R: Mesmo no mundo. Porque nós em Fatu Maka tínhamos sempre visitas de outros padres salesianos que vêm das Filipinas, vêm da Tailândia, vêm de Roma, vêm de Portugal. E através desses padres espalham-se as informações.

P: Acabou por não me dizer o que é que achou de D. Martinho.

R: D. Martinho também foi um homem lutador. Tenho boa ideia.

P: E de D. Carlos também.

R: De D. Carlos também.

P: Porque D. Carlos foi muito criticado...

R: Foi muito criticado. Mas ele é um homem corajoso comparando com os outros políticos. Um homem muito corajoso em Timor-Leste naquela altura. Porque diz-se sempre que se capturam alguém, se ele tiver a informação, ele vai logo ter com os indonésios. E mesmo o padre Locatelli também fez o mesmo.

P: Eram intermediários não é?

R: Sim.

P: Acha que os padres tiveram uma actuação política em Timor?

R: Sim, no coração sim. Há muitas pessoas que matam. Com um padre e mesmo um timorense normal também não gostamos.

P: Quando é que o tentaram atirar do helicóptero?

R: Isso foi em 89 na segunda prisão. Foi em fins de 89.

P: E lançaram-no mesmo ou não?

R: Sim. O helicóptero 3, 4 ou 5 metros antes do helicóptero aterrar lançaram-me do helicóptero. Só para ameaçar. Agora ainda estou cá mas isso foi uma ameaça para recolher informações.

P: Foi dessa segunda prisão de que fugiu.

R: Sim.

P: Levaram-no porquê?

R: Era para capturar o padre Locatelli naquela altura. Mas como não tinham provas escritas então procuraram alguém que conhecesse bem o padre Locatelli e o Colégio de Fatu Maka para se pronunciar.

P: Não havia motivo nenhum para o prenderem?

R: Sem dúvida. Essa foi uma das vezes para tirar o padre Locatelli de Timor.

P: O padre Locatelli disse-me que só colaborou dando remédios e comida e diz que nunca transportou guerrilheiros... mas está-me a dizer que ele transportou mensagens...

R: Como é que eles podem bloquear os passos do padre Locatelli. É muito difícil. Então em vez de pensarem em bloquear os passos do padre Locatelli, é melhor tirar o padre de Timor. Eu fui a pessoa que gravou um filme contra o padre Locatelli naquela altura.

P: Gravou um filme como?

R: Fiz um filme contra o padre Locatelli. O texto foi preparado por um dos generais da indonésia. Contra o padre Locatelli e o bispo Belo.

P: Fez um filme, isto é gravou um depoimento...

R: Gravei. E eu falei em frente da câmara.

P: E o que é que disse?

R: Eu disse que... as palavras não são minhas

P: Obrigaram-no.

R: Obrigaram-me. Não é fácil lembrar todas as palavras, então eles prepararam um texto de 23 páginas... e esse filme querem-no levar para Jacarta para os governantes da Indonésia para reforçar a ideia de retirar o padre do país. Eu disse: “o padre Locatelli é um dos padres que está a trabalhar muito para a independência.” Isso é verdade mas obrigam-me a dizer isso. “O padre está a trabalhar muito para os guerrilheiros no mato. Está sempre a ajudar com os medicamentos, a fazer contactos com os de fora, a dar informações para fora do país, recebe informações de fora do país para Timor-Leste e ajuda com medicamentos e comida.” E isso eu disse no filme... e depois de gravar o filme, convidaram o padre Locatelli e o senhor padre Carbonero (?) para ver o filme. E quando padre Locatelli vê isto (eu estava a ler mas eles mandaram-me baixar papel para não aparecer no video) quando o padre Locatelli vê isso eu a ler em frente da câmara, o padre Locatelli diz aos indonésios: “traga cá o Eduardo e manda-o ler à minha frente.” E eles não autorizaram isso.

P: Quer dizer que era mentira.

R: “Em princípio eu aceito isto mas gostaria mais se ele pudesse fazer à minha frente...” e depois um dos generais que foi o chefe das Forças Armadas, O Benny Moerdani, depois de eu gravar o filme, depois disso falou comigo: “Eduardo você tem de falar a nosso favor. E de agora em diante quero pagar para o Eduardo estudar em Jacarta.” Então eu disse ao general: “eu gosto muito e agradeço.” Depois de fazer o

filme, os indonésios passaram a confiar em mim. “Você pode dar algumas voltas aqui não há problema.” Então naquela altura... foi naquela altura que eu planeei para fugir. Depois do filme feito, eu planeei fugir porque já confiavam. Então eu planeei como é que posso fugir da prisão.

P: E como é que fugiu?

R: Isso foi numa sexta-feira. Depois no sábado, falei com um dos comandantes. Pedi licença a um dos comandantes para ir à missa. E num domingo eu fui à igreja de Baucau. Quando lá fui o senhor padre Rolando Fernandes que foi um dos meus directores também na casa salesiana de Fatu Maka, o senhor padre Rolando estava sentado no confessionário. Então fui ajoelhar ao lado para confessar. Não era para confessar mas era para falar com o padre. Então falei como padre no confessionário.

P: E o que é que disse ao padre?

R: Assim que eu ajoelhei o padre disse-me: “Eduardo eu já sei que tu estás ao meu lado. Eu quero que saias o mais urgente de Baucau”. Porque se estava a passar muita coisa... porque mataram muito timorenses naquela altura. “Eu queria que procurasse sair de Flamboyant.” Então eu disse ao padre: “senhor padre como é que eu posso sair? Tu vais lá, coordenas-te com os teus colegas como é que tu podes fugir. Mas mais cedo ou mais tarde tu tens de fugir da prisão.” Então não fui à missa. Saí e voltei para a prisão porque eu fui acompanhado por 4 ou 5 militares. Então voltei e os militares perguntaram-me: “porque é que não vais...” então eu menti ao militar. “Baba” (baba é senhor em bahasa) “os católicos para irem à igreja, como já não ia à igreja há mais de 7 ou 8 meses, então para ir à missa tenho de me confessar mais 3 vezes. Portanto esta manhã fui só confessar-me mas tenho de voltar a confessar-me mais duas vezes. E assim posso participar na missa.” (ri-se) “É assim a regra da Igreja em Timor.” Eles acreditaram nisso.

P: E levaram-no mais duas vezes.

R: Mas fui só uma vez porque antes das duas vezes eu fugi. 3 ou 4 dias depois disso eu fugi.

P: E foi quando veio para cá.

R: Sim.

P: Os timorenses usaram muito as celebrações religiosas para se manifestarem como por exemplo quando o Papa cá esteve. Isso era ideia de quem?

R: Os padres deixaram naquela altura os jovens fazer. Mas os jovens naquela altura também prepararam algumas coisas...

P: Foram os padres que vos deram a ideia?

R: Eu também fui um dos que...

P: Dos que se manifestou com o Papa?

R: Sim, sim.

P: Como é que vocês decidiram fazer aquela manifestação? Você já estava aqui em Díli. Tinha fugido em 89, estava aqui em Díli na Cruz Vermelha.

R: Não, eu tenho outra história naquela altura. Naquela altura, os indonésios deixaram-me vir a Díli.

P: Quando foi o Papa não estava preso?

R: Estava preso mas libertaram-me quase duas semanas. Aquelas duas semanas eu usei para vir a Díli.

P: Nessa sua segunda prisão, de vez em quando libertavam-no?

R: Libertaram-me dessa vez. Para procurar informações. Mas de mim nunca conseguiram. Deixavam-me uma ou duas semanas fora.

P: Então foi depois do Papa que o prenderam de novo?

R: Sim.

P: E como é que foi a organização da manifestação do Papa?

R: Essa manifestação do Papa foi um grupo de jovens que com certeza falaram com alguns padres. Manifestaram-se e com certeza que os padres também sabiam o que vai acontecer.

P: Mas estava a dizer que também estive nessa manifestação.

R: Sim eu estive. Mas como eu fui sempre vigiado...

P: Mas não se manifestou?

R: Manifestei-me. Como muitos gritaram então começámos a gritar.

P: Mas não foi você que estive na organização daquilo?

R: Eu sabia que esses colegas iam fazer. Mas também estive dentro.

P: E quem é que pensou fazer aquilo? Foi a resistência ou foram os padres?

R: Organizaram isso alguns meses antes.

P: A mando de quem? Foi o Xanana que teve a ideia ou...

R: Isso foi... eu não quero falar contra os outros. Eu fui preso naquela altura. Mas antes já tínhamos falado.

P: Antes disso já tinham falado de que se tinha de fazer qualquer coisa.

R: Sim. Na casa do senhor José Manuel Fernandes. Depois disso é que eu fui preso. Apanharam-me em Fatu Maka. Nós tínhamos a reunião na casa do senhor José Manuel Fernandes.

P: E os padres sabiam que aquilo ia passar-se?

R: Os padres sabiam que isso ia acontecer.

P: O Padre Locatelli diz que o prenderam porque quem fez aquilo foram alunos de Fatu Maka que estavam ali.

R: Sem dúvida. Foram cinco estudantes de Fatu Maka que pensaram naquilo. E alguns de Díli também pensaram naquilo. Mas não nos conhecemos uns aos outros. Alguns grupos iniciaram isso em Díli. Nós em Fatu Maka iniciámos isso, pensaram nisso. Só que o nosso grupo não conhecia o grupo deles. E fizemos aquilo espontaneamente. Não nos conhecíamos uns aos outros. Outro grupo era do Externato do S. José.

P: O Padre Crispim disse que foi ele que disse que deveriam manifestar-se no final. Porque havia quem quisesse fazer logo no início.

R: Isso não posso confirmar são de outro grupo. Porque eu sou de Fatu Maka. Eu vim de Fatu Maka e os meus irmãos também vieram e antes disso também lá sempre falámos e começámos sempre a falar.

P: E como é que viram a vista do Papa? Estavam entusiasmados? Porque a visita do Papa dividiu muito porque uns achavam que ele vinha reconhecer a integração. E outros achavam que o Papa vinha defender os direitos humanos em Timor-Leste.

R: A visita do Papa, seguimos as transmissões da rádio naquela altura. Na rádio ouvimos assim: “se na chegada do Papa beijar o solo significa que Timor está separado da Indonésia. Se não beijar o solo significa que Timor é parte da Indonésia. Porque beijou na Indonésia. “

P: E o Papa não beijou.

R: O Papa beijou.

P: Não. Só beijou a cruz em Taci-Tolu.

R: Quer dizer que beijou o solo através da cruz. Os padres sabem bem.

P: Acha que foi importante o Papa ter vindo cá?

R: Foi muito importante. Primeiro somos católicos. Segundo a visita papal encorajou-nos. Vocês sois o sal do mundo. Então podemos encorajar os nossos próprios para lutar pela independência.

P: E acha que também foi importante para a divulgação no mundo daquilo que se passava em Timor?

R: É muito importante porque o Papa veio com a media do Papa, a media, os jornalistas de fora. E então divulgaram a manifestação do que se passou em Tacitulu.

P: Depois houve Santa Cruz. Estava em liberdade? Esteve em Santa Cruz?

R: Sim. Estive em Santa Cruz. Eu apanhei aqui uma ferida. Não fui preso porque voltei para a Cruz Vermelha. Porque estive na Cruz Vermelha lá 3 anos.

P: Estava na Cruz Vermelha nessa altura.

R: Eu também fui um dos autores, reunindo com alguns colegas antes de fazer a manifestação.

P: Porque é que fizeram essa manifestação? O Sebastião foi morto. Depois houve a missa do 14º dia.

R: Naquela altura quando o Sebastião foi morto, 4 ou cinco dias, eu e o Max Stahl fomos a Baucau.

P: O Max Stahl já cá estava?

R: O Max Stahl já estava. O Max Stahl e o Steve Cox, um fotógrafo britânico. E fomos a Fatu Maka

P: Fazer o quê?

R: Fomos a Fatu Maka entrevistar alguns alunos lá acerca da independência. Então muitos lá fizeram uma demonstração num quarto... reunimos num quarto e mostrámos alguns panos no quarto. Não foi fora mas no quarto. Então o Max Stahl também ficou e no fim ficou a saber que havia muitos jovens a apoiar a independência em todo o lado.

P: Depois vocês sabendo que estavam cá os jornalistas quiseram aproveitar?

R: Sim, sem dúvida. Eu também era um dos jovens que conhecia o Max Stahl naquela altura e o Steve Cox e então eu fiz também alguns entrevistas com o Max Stahl naquela altura.

P: Eu agora queria que me contasse como foi em Santa Cruz.

R: Naquela altura nós, temos diversos grupos em Díli. Então organizámos a realização de alguns panos e panfletos para preparar a manifestação.

P: Do 14º dia...

R: Do 14º dia da morte do Sebastião. Então preparámos tudo isso com alguns escritos. “Morrer sim, integração não.” “Viva a Independência”. “Viva Timor-Leste”.

“Abaixo os indonésios”. E uma das palavras de um pano era: “United States you saved Koweit, save us from Indonesia.” Foi um dos meus panos naquela altura: “US you saved Koweit, save us from Indonesia”.

P: Mas já sabiam que eles iam disparar?

R: Nós já sabíamos. E na entrevista que eu dei no video eu já dizia: “eu confio que nós vamos morrer, que os indonésios...”

P: Portanto vocês sabiam que ao fazer a manifestação, eles iam disparar.

R: Nós sabíamos bem que os indonésios iam disparar com tiros. E isto já tinha dito um dia antes na minha entrevista com o Max Stahl.

P: E foi o que aconteceu. Então provocaram?

R: Porque nós sabemos que vamos fazer a manifestação, vamos gritar com todas as palavras pro-independência e contra os indonésios. E nós sabemos que eles vão disparar com tiros.

P: E qual era a vossa intenção?

R: A nossa intenção era para mostrar ao Pieter Kooijmans, um dos chefes da delegação dos direitos humanos, que estava cá naquela altura. Naquela altura era para irmos primeiro ao Hotel Turismo e depois é que íamos para Santa Cruz.

P: Não foram porquê?

R: Não fomos porque quando saímos da igreja, atrás da agora Casa Europa.... ao pé do Palácio do Governador, a estrada estava bloqueada.

P: Não puderam passar para o Hotel Turismo.

R: Então como não pudémos passar então escolheram ir directamente para Santa Cruz e depois do cemitério é que íamos para o Hotel Turismo para nos encontrarmos com o Peter Kooijmans. Mas como não fomos lá, não conseguimos...

P: Porque já houve o tiroteio. E depois fugiu com o do tiroteio?

R: Eu usava calças naquela altura e tinha uma camisola branca a dizer “Viva Timor – Leste”. E tenho outra camisola dentro. Porque uso um calção e uma camisola dentro? Porque se acontece qualquer coisa, eu posso tirar fora e fugir com o calção.

P: E foi o que fez.

R: Depois eles dispararam, não conseguíamos sair do cemitério porque foi logo rodeado pelos militares. Eu e outro colega, nós dois caímos logo no chão. Depois em cima de mim foi mais dois ou 3 colegas. Porque foi assim, foi muita gente. Mais de dois mil e tal manifestantes. Então eu mergulhei quase 30 e tal metros para sair fora.

P: Rastejou?

R: Rastejei quase 30 e tal metros para sair fora do cemitério.

P: E saiu pela porta da frente?

R: Não, saí por detrás. E depois fui para casa de um colega que não conheço. Ele estava lá a reparar o carro. Então tirei a camisola de fora, tirei a calça e com o calção fui para baixo do carro para desapertar e apertar os parafusos.

P: Para fingir que era mecânico.

R: Sim para fingir que era mecânico. Eu comecei a apertar e a desapertar os parafusos. Mas daqui (aponta par o local onde foi baleado no braço) saiu sangue, muito sangue. Mas com um pano eu amarrei. Os indonésios vieram com armas: “você viram alguns manifestantes a passarem por aqui, ou estão a esconder alguns aqui?” E eu a dizer que não vi. “Eu não vi”. Então passaram.

P: Tinha-me dito que vocês prepararam a manifestação porque sabiam que eles iam disparar contra vocês. Porque estava cá aquele representante da ONU para os direitos humanos. Mas estavam cá também jornalistas. E vocês estavam a ver que aquilo ia ser filmado e que era importante?

R: Sim era importante porque naquela noite, antes de sair também estive com o Max Stahl na mesma casa.

P: Onde? Aqui em Díli?

R: Em Mascarenhas, na residência do senhor Arsénio Horta, o irmão mais novo do dr. Ramos-Horta.

P: E o que é que lhe disse?

R: Ele disse: “amanhã eu vou filmar.” Porque no dia do enterro do Sebastião, o Max Stahl filmou. Ele mostrou-me o filme.

P: Mas no dia do enterro não aconteceu nada.

R: No enterro não aconteceu nada. Mas ele filmou. Ele fez o filme. Então como ele mostrou o filme eu disse-lhe que também gostaria que ele estivesse lá a filmar.

P: Na manifestação.

R: Como ele me mostrou isso, então eu avisei os colegas que ele filmou: “então amanhã ele vai estar lá?” então eu disse que amanhã esse colega nosso vai estar lá.

P: No dia 12 de Novembro.

R: No dia 12 de Novembro nós saímos da mesma residência para Igreja de Motael. No filme vê alguns a porem panos aqui dentro das calças antes de sair. Um deles fui eu.

P: São os panos que vocês vão abrir.

R: Sim. Então entrámos dentro da igreja com os panos dentro da roupa.

P: Vocês no fundo o que queriam era mostrar ao mundo o que se estava a passar.

R: Sem dúvida.

P: Portanto propositadamente organizaram aquilo, já sabiam que os indonésios iam disparar.

R: Isso foi muito organizado, foi muito organizado naquela altura. Era para mostrar mesmo ao mundo o que se estava a passar em Timor naquela altura.

P: E as cassetes saem como depois?

R: O Max disse que escondeu num túmulo e depois foi lá buscar.

P: Com o envolvimento de padres ou não?

R: Não, mas depois entregou a alguns padres. Acho que sim.

P: Acha que Santa Cruz foi mais importante do que a visita do Papa para dar conta do que se passava em Timor?

R: A visita do Papa e Santa Cruz são importantes porque estão interligados. Mas Santa cruz foi muito importante porque muito timorenses foram mortos.

P: E foi visto.

R: Sem dúvida. A visita do Papa foi muito divulgada mas muito limitada. Mas a manifestação de Santa Cruz isso foi espalhado.

P: Depois houve o Nobel.

R: Fui um dos organizadores naquela altura...

P: Como é que é isso?

R: Eu estava na Politécnica naquela altura. Fui um dos organizadores para organizar os estudantes da Politécnica para fazer outra manifestação para receber o bispo, à sua chegada. E assim quando ele chegou ao aeroporto já estávamos organizados para a manifestação.

P: Antes disso tinha sido a prisão do Xanana. Como é que viram isso?

R: Os indonésios pensaram que com a prisão do Xanana já é uma derrota para os timorenses. Mas não foi assim. Foi o contrário porque depois da captura do Xanana mesmo no mato sempre reconheceram que o Xanana é sempre o comandante chefe das FALINTIL e o comandante Taur é o sub-chefe.

P: Depois no referendo onde é que estava?

R: Quando foi o referendo eu estava em Uai Mori naquela altura com o comandante Taur.

P: Estava lá refugiado nas montanhas?

R: Estive mesmo lá como guerrilheiro.

P: Portanto não votou?

R: Não votei.

P: Não viveu a onda de violência

R: Não. Mas eu já no dia 31 regresssei mas depois tive de subir outra vez para Dare com toda a população... Naquela altura já temos o telefone satélite e eu fugi para Dare com um telefone satélite com que podemos fazer a comunicação entre Xanana na prisão e entre comandante Taur e outras regiões.

P: O Xanana já estava em prisão domiciliária.

R: Sim.

P: Quando é lançado do helicóptero eles apanham-no em Fatu Maka para denunciar o padre Locatelli. E depois levam-no de helicóptero?

R: Levam-me de helicóptero da prisão para Díli.

P: E quando chegam a Díli é que o lançam?

R: Sim. Só 3 ou 4 metros antes de aterrar. É só para ameaçar.

P: Não se magoou?

R: Não porque estava dentro do caixote. Como se fosse um porco no caixote. Não é no caixote, numa saca de arroz amarrado.

P: Como é que diria que foi o papel da Igreja em todo este processo de independência?

R: O papel da igreja durante o tempo da resistência, não sei se sem a Igreja se podíamos estar como um país independente ou não. É muito difícil de dizer isso. Mas graças a Deus com a presença da Igreja em Timor-Leste foi muito bom porque conseguimos organizar por meio da Igreja

P: Mas foi sobretudo a Igreja de Timor-Leste porque o Vaticano era muito criticado.

R: O nosso bispo D. Carlos também foi muito criticado naquela altura mas também o bispo não pode calar naquela altura porque está a acontecer aos seus cristãos. Como um pastor das ovelhas.

P: O que me está a dizer é que o Vaticano não devia ter criticado o bispo. Mas o Vaticano teve sempre um papel ambíguo.

R: Mas com essas matanças todas da Indonésia, obrigaram também os padres a fazer qualquer coisa.

P: Mesmo o Vaticano?

R: Mesmo o Vaticano. Se a Igreja ficasse calada naquela altura, hoje não estávamos assim.

P: Só mais uma precisão. Quando foge chega a ir confessar-se ao padre. Vai ao padre confessa-se e depois vai-se embora.

R: Sim. Só com um padre. Não confessei no confessionário mas fui falar com o padre no confessionário... depois de 3 ou 4 dias fugi.

P: Como é que fugiu da prisão?

R: Tomávamos sempre banho na casa de banho do capitão... Eu ficava com ele no quarto, dormia sempre com ele. Depois de gravar o filme eles começaram a ter confiança em mim. Então eu dormia sempre com o capitão. Tomávamos sempre banho na casa de banho dele. Numa tarde eu pensei: “como é que posso fugir daqui?” Então um dia eu peguei em papéis e plásticos para fechar a torneira. Se não houver água então temos que tomar banho fora. Então encontrei pedaços de plástico, fui lá tapar a torneira. Então o comandante foi lá e diz assim- o meu nome naquela altura é José Eduardo. Ele chamou-me José: “José porque é que não tem água? Agora temos de tomar banho lá fora.”

P: Quando foi para tomar banho lá fora...

R: Sim. O comandante disse a um soldado para me acompanhar a tomar banho lá fora. Era por volta das 7h30, 8 horas. Eu dentro da toalha embrulhada já tenho os sapatos desportivos. Assim quando ele puser o sabão na cara eu vou fugir.

P: E fugiu.

R: Depois ele: “José não tomaste banho. Já vou começar comandante.” Comecei a tomar banho e depois tomei muita atenção. Assim que ele pôs o sabão na cara, eu fugi. Saí muito devagarinho e depois de 3, 4 metros fugi. Aumentei o volume da minha corrida. Então fugi. Talvez depois de 4 ou 5 minutos de estar limpo, procurou-me mas já fugi. Fugi logo para casa de um colega. Esse colega eu tenho responsabilidade moral para com ele, então ele também está a trabalhar aqui como segurança.

P: Agora tem esta empresa de móveis?

R: Sim.

R: A Igreja é a única que está sempre ao nosso lado a lutar pela independência. Depois outra coisa. Eu fugi duas vezes. Eu em 97 saí para a Indonésia para alguns trabalhos. Mas, naquela altura, saí como padre. Tenho a batina na pasta, tenho uma Bíblia e alguns terços. Saí para a fronteira como padre.

P: E porque é que precisava de sair em 97?

R: Porque tenho de falar com o comandante Xanana na prisão.

P: Em Cipinang?

R: Em Cipinang. Eu fui mandado pelo comandante Taur.

P: E quem é que lhe deu a batina, a Bíblia e essas coisas?

R: Essa batina comprei na Indonésia, 3 ou 4 anos antes. Comprei em Kupang com a Bíblia, terços e tudo. Daqui para Kupang fui normal e de Kupang para Flores fui como padre. Depois é que fui para Jacarta.

Anexo 43

Entrevista a padre José Alves Martins

O padre José Alves Martins é um sacerdote jesuíta que chega a Timor-Leste em 1974, um ano antes da invasão. Deveria ficar apenas dois anos. Ficou durante todo o tempo da ocupação indonésia e ainda hoje continua no território. Assiste à invasão a partir do Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Dare, juntamente com o padre João Felgueiras e o então seminarista Francisco Barreto. Durante os bombardeamentos a Dare é ferido. Em conjunto com o Padre João Felgueiras, foi dos sacerdotes que mais informação enviou para fora do território.

A entrevista foi realizada em Lisboa, a 31 de Agosto de 2015.

Pergunta: Assiste à invasão?

Resposta: Assisti a tudo. Desde 75, Dezembro, dia 7. Assisti a tudo.

P: Estava no Seminário de Dare. Pode contar como assistiram à invasão.

R: Nós estávamos no Seminário de Dare e já corriam boatos que a Indonésia estava para entrar e estava para invadir Timor, mas estávamos assim à espera. Entretanto no dia 6 de Dezembro, começámos a ouvir grandes bombardeamentos para os lados de Liquiçá. Para a parte Oeste da ilha e em Hera, mais ou menos, Metinaro, parte Ocidental. E aquilo nos dava um sinal de que a invasão estava a começar. Assistimos até mais ou menos à meia-noite e depois de madrugada, no dia 7 de Dezembro aí pelas 5 da noite começaram a passar aviões, aqueles tipo Hércules, e desceram talvez dois mil pára-quedistas sobre Díli. Aqui há um ponto em que talvez não tenham reflectido bem. Que tipo de estratégia militar é que os indonésios usaram para às cinco horas da manhã lançarem cerca de dois mil pára-quedistas sobre Díli, quando Díli ainda estava debaixo da FRETILIN. E portanto sujeitos a serem mortos no ar ou ficarem encalhados em fios eléctricos, em árvores, etc. E assim aconteceu realmente. Muitos foram mortos, muitos ficaram pendurados. Mas a maior parte não. E então começou propriamente a invasão mas através desta técnica de pára-quedistas às cinco da manhã, ainda escuro um bocado, serem lançados. Isto aconteceu e depois aí pelas 6, 7 horas da manhã, nós vimos na baía de Díli, eu pelo menos contei e vi cerca de 24 barcos. Alguns barcos de guerra, outros barcos comerciais para apoio logístico. E sobretudo tipo barcaças gigantes das quais saíam tanques anfíbios. Esses tanques anfíbios saíam, iam pelo mar dentro até à praia e já começavam a bombardear. Mesmo do mar, à medida que entravam, bombardeavam. E bombardeavam a zona precisamente onde nós estávamos em Dare. Mas graças a Deus não fomos atingidos naquela altura. Depois houve a invasão através de marines e as forças de terra. E começou a grande invasão e os indonésios realmente cometeram barbaridades naquela altura porque todas as pessoas do sexo masculino que eram tidas como cúmplices ou colaboradores das forças da resistência timorenses foram mortas. Mortas assim à queima roupa. No entanto, houve um pormenor que também acho que é digno que seja relatado que eles foram à cadeia de Díli, chamada comarca para libertar o Presidente da APODETI.... e então libertaram-no. No entanto, o secretário-geral da APODETI não estava ali. Estava no quartel general em Taibessi juntamente com outros prisioneiros... chamava-se senhor Osório e então os militares não foram ali actuar, nem libertar aqueles prisioneiros entre os quais estava aquele célebre

Magiolo Gouveia que aderiu ao movimento parece-me de uma maneira muito imprudente. Não devia ter aderido. Devia ter ficado neutro porque ele era português embora fosse comandante da polícia. Entretanto foi uma confusão imensa ali em Díli. Nós estávamos em Dare e começavam a chegar refugiados, pessoas que fugiam de bombardeamentos. Algumas já feridas e tínhamos ali um irmão leigo que era enfermeiro e que tratou muitos que chegavam com muitos ferimentos.

P: Que era o irmão Ornelas.

R: O irmão Ornelas, sim. É claro que aquilo estava tudo cheio de sangue ali na enfermaria e nós tivemos o cuidado de limpar aquilo tudo, de lavar para não dar sinal que tinha havido ali atendimento aos feridos. Depois a invasão começou. No entanto, eles demoraram. Controlaram Díli e depois começaram a subir para Dare e depois dali para Aileu, Maubisse e o interior. Eles entraram no dia 7 de Dezembro e só no dia 24 de Dezembro é que chegaram a Dare. Uma distância de 7 quilómetros. Portanto bombardearam toda aquela zona. Entretanto, no dia 13 de Dezembro o Seminário foi bombardeado, parte foi destruído. Nós estávamos na capela a rezar porque não tínhamos mais nada que fazer senão rezar. Ficou ferido um seminarista gravemente. Outros pouco. Então nós à cautela refugiámo-nos, fomos para uma localidade um bocadinho afastada do Seminário onde havia bastante floresta e ali refugiámo-nos. Abrimos abrigos numa ribeira seca, para ali nos abrigarmos.

P: E ficaram lá quanto tempo?

R: Eu fiquei ali até ao dia 28 de Dezembro. Portanto eles entraram no dia 7 de Dezembro. Eu fiquei em Dare até ao dia 27 ou 28 de Dezembro. Só no dia 27 de Dezembro é que me rendi. Rendi neste sentido, regressei ao Seminário.

P: Não assistiu à entrada dos indonésios no Seminário.

R: Não, não. O padre Felgueiras sim. Eu não assisti porque estava no refúgio mais longe. Entretanto soube da notícia, um jovem mandou-me uma mensagem a dizer: “padre esteja aí porque o padre Felgueiras está retido pelos militares e o padre fica aí até novas ordens.” No entanto, eu não obedeci e desci um pouco mais para baixo. Eu refugiei-me na casa de um timorense e ali esperei até ao dia seguinte. No dia seguinte, eu passei para o chamado Seminário de São Francisco Xavier que era o primeiro e o segundo ano do Seminário.

P: Mas esse era onde?

R: Era em Dare. Tudo em Dare. Havia o Seminário de Nossa Senhora de Fátima que foi bombardeado. O Seminário de São Francisco Xavier que era o primeiro e o

segundo ano que não foi bombardeado. Eu então regresssei e passei por centenas de pára-quedistas que estavam ali. Eu ia de batina, porque andava sempre de batina, pelo menos sabiam quem eu era. Nunca me fizeram nenhuma pergunta, eu passei, passei, passei e cheguei ao Seminário.

P: Esse seminário que me diz é onde. É aquele que já está reconstruído?

R: Aí é o seminário de Nossa Senhora de Fátima. Onde agora é uma casa de retiros. Antes era ali o Seminário.

P: E o de São Francisco Xavier?

R: O de S. Francisco Xavier era antes onde está a Igreja paroquial de Dare.

P: E era aí que estava o padre Ricardo?

R: Exacto. O padre Ricardo, o padre Felgueiras, o irmão Ornelas. Ali no Seminário de S. Francisco. Depois como o seminarista estava gravemente ferido e os militares chegaram ali e viram a situação e levaram o seminarista ferido mais o padre Felgueiras e o irmão Ornelas para Díli para o jovem ser atendido. Entretanto, eu estava naquele refúgio um bocadinho mais distante. Eles comunicaram-me isto e eu comecei a descer, a descer e depois entreguei-me, rendi-me. Passei por entre os militares, não me disseram nada.

P: O padre nessas peripécias todas acabou por ser atingido.

R: Eu fui atingido no dia 13 de Dezembro porque vim ao Seminário, este pequeno, Seminário de São Francisco Xavier e um morteiro caiu a 200 metros e um estilhaço feriu-me aqui na coxa, aí mais ou menos uns 6, 7 centímetros. Foi no músculo. Se fosse no ventre morria. O Senhor não quis que fosse a minha última hora. Entretanto, o padre Felgueiras e o irmão Ornelas e os seminaristas vieram para Díli. Entretanto não regressavam. Vinte e oito, 29... aí pelo dia 29 ou 30 resolvi ir a Díli e pedi a um jovem pára-quedista indonésio no meu inglês pedi-lhe se ele me levava a Díli porque queria falar com o bispo e tal. Não lhe falei do padre Felgueiras. “Ah sim leve. Mas eu queria que depois o senhor me trouxesse à tarde, traz? Ah sim eu trago.” E descí. Encontrei o senhor bispo José Joaquim Ribeiro, o Irmão Ornelas, o padre Felgueiras. E o D. José Joaquim Ribeiro disse-me assim: “o que é que o senhor veio aqui fazer. Oh senhor bispo vim saber do padre Felgueiras e do irmão Ornelas. Eu vi com um militar que me trouxe e disse que me levava à tarde.” E o bispo disse-me assim: “E o senhor acredita neles? Olhe estes estão aqui há duas semanas e ainda não regressaram.” O facto é que o jovem foi fiel e à tarde veio buscar-me e levou-me a

mim, ao padre Felgueiras e ao irmão Ornelas para Dare. Esta foi uma prepécia da invasão.

P: Contam-me que nesse processo, a confusão que foi 74 e 75, que a FRETILIN era horrível.

R: Era e não era. Realmente a FRETILIN temos que reconhecer que a FRETILIN cometeu muitos erros. Mas houve a chamada guerra civil entre a FRETILIN e a UDT. No entanto a FRETILIN tinha o apoio das Forças Armadas timorenses porque havia um exército timorense e uma vez que tinha o apoio do exército, as forças da UDT foram desmanteladas e fugiram para a fronteira. A FRETILIN entretanto prendeu bastantes líderes, UDT e outros partidos e foi realmente um bocado imprudente. Depois foram mortos em Aileu. Levados para Aileu quando os indonésios vinham chegando a Dare, eles fugiram para Aileu e ali os mataram. Ao coronel também, o Magiolo Gouveia. A FRETILIN cometeu erros, cometeu. Mas temos de compreender a situação em que eles estavam ali é de vida ou morte.

P: Mas por exemplo o padre João de Deus disse-me que foi espancado por elementos da FRETILIN.

R: Foi espancado. Foi maltratado, assim como outro sacerdote. Havia na FRETILIN um ramo extremista, mesmo Marxista-leninista de jovens que tinham estudado aqui em Lisboa e depois não acabaram o curso, regressaram a Timor, eram realmente muito fanáticos. E entre eles havia quem fazia desacatos mesmo em relação a padres. Acho que foi mais o padre João de Deus mais um ou outro sacerdote. A mim nunca me fizeram mal. Antes pelo contrário. Há um episódio que lhe digo que é o seguinte. Nós estávamos em Dare e o Nicolau Lobato mais os seus companheiros vieram a Dare, falaram com o padre Ricardo e disseram assim: “padre diga àqueles dois padres que venham connosco, que nós os protegemos, eles estão seguros.” E o padre Ricardo disse: “não Nicolau, eles não saem daqui, eles se quiserem morrem aqui.” Realmente nós ficámos ali e o Nicolau Lobato apreciou muito a nossa atitude e os outros também, da FRETILIN. Eles ali em Timor, os timorenses, o povo tem-nos muito apreço. E o apreço é isto porque dizem assim: “estes dois nunca nos deixaram. Ficaram sempre connosco.”

P: E há também a relação. Muitos deles tinham sido vossos alunos, não é? Tinham andado no Seminário.

R: A maioria. O Nicolau Lobato tinha sido companheiro do Xanana. E outros. Quer dizer havia aqueles jovens que tinham vindo para Portugal e estudavam como um

Vicente Reis mais outros dois que eram realmente um bocadinho radicais. E deram uma coloração, um colorido à FRETILIN de Marxista-leninista. E foi isso em parte que motivou a invasão da Indonésia. Porque a Indonésia temia mas foi mal informada... que ali em Timor se podia formar uma pequena Cuba. Portanto uma pequena república Marxista-leninista ligada à Rússia, ligada a Cuba, etc., etc. Mas eu creio que se enganaram porque o povo não estava preparado para isso nem o povo queria.

P: E não seria uma desculpa? Porque Timor era rico em petróleo e já se sabia. Portanto era apetecível...

R: Sim. Mas eu creio que no início quando a Indonésia invadiu Timor, no início era este temor que Timor se transformasse numa pequena república Marxista-leninista. Este foi o motivo oficial. Porque por exemplo lembro-me que alguns dos comandantes com quem a gente contactava dizia: “não, isto todos os timorenses até à quinta geração têm de ser exterminados. Aqueles que se diziam marxista-leninistas.”

P: Os comandantes indonésios diziam isso?

R: Sim, sim, que a até a quinta geração deviam ser exterminados.

P: Então eles vinham mesmo com a ideia de fazer uma limpeza...

R: De 75 a 80. De 75 a 80 morreram 200 mil timorenses. Foi o maior genocídio depois da II Guerra Mundial.

P: Mas foi por causa dos bombardeamentos nas montanhas também?

R: De tudo. Bombardeamentos, fome, doenças, falta de tudo. Porque eles andavam nas montanhas de um lado para o outro com as forças que os protegiam. Iam morrendo, também com bombardeamentos. Chegaram a estar até creio aos anos 80, 75, 80 cerca de 60 mil homens dos 3 ramos das Forças Armadas. Ora 60 mil homens para uma terra tão pequenina, imagina o que era. Isso das Forças Armadas. Mas depois da polícia havia para aí cinco ou dez mil. E depois começaram a vir os funcionários para instalar a governação, o sistema indonésio. Depois os professores, depois os padres e as madres. E tudo isto vinha com uma intenção. De tornar Timor uma integração.

P: Indoneizar Timor.

R: Sim. De maneira que foi uma coisa enorme, enorme. Uma coisa brutal. E depois a tortura que faziam aos prisioneiros políticos qualquer coisa de abominável. Eu tenho ainda um sonho que é de fazer, na medida do possível, uma pequena história da verdadeira realidade da resistência timorense no mato. Claro tenho que ouvir o

Xanana, tenho que ouvir o Taur Matan Ruak. Tenho que ouvir o Lere, o comandante das Forças Armadas.

P: O reconhecimento em relação aos padres e à Igreja terá sido porque num primeiro momento a Igreja foi o refúgio?

R: Até certo ponto sim. Porque há um fenómeno quando a Indonésia entrou havia 600 mil timorenses. E em 80 estavam reduzidos a 400 mil porque 200 mil foram eliminados. Mas segundo a legislação indonésia todo o cidadão tem de ter uma religião: Católica, Protestante, Muçulmana, Hindu, Budista, etc. E os timorenses tinham de escolher ou ser muçulmanos ou ser católicos e então a maioria preferia ou queria ser católicos. E então foram baptizados em massa, muita gente mas que não estava preparada para ser cristão. No entanto começaram a fazer parte...

P: O senhor padre fez esses baptismos em massa?

R: Eu não. O padre João de Deus sim. O padre João de Deus fez e outros que estavam mais ligados, no interior. Eu estive sempre em Díli. Nunca saí de Díli. Foi de ouvir dizer. No entanto então como tinham que ter todos uma religião, os timorenses optaram pela religião Católica. Porque no bilhete de identidade tinham que ter a religião. Qual? Católica, Protestante...

P: E acha que foi porque viram sempre a Igreja como refúgio? Porque de facto nem todos eram católicos.

R: Sim. No fundo é isso. E depois também... o timorense tem uma fé e uma crença no “Maromak”, em Deus. E portanto o “Maromak”, o “lulik”, o sagrado para eles é algo de muito importante. Então eles viam também na Igreja que lhes anunciava e lhes falava do “Maromak”, do “lulik”, do sagrado, eles refugiavam-se na Igreja. A igreja desde 75 a 80 esteve um bocadinho renitente. Não é bem renitente mas não actuou muito. Só começou a actuar a partir de 80.

P: Quando diz actuar, é actuar na denúncia do que se passava.

R: Sim, actuar e colaborar com a resistência armada no mato. Eu e o padre Felgueiras tivemos sempre comunicação com a resistência.

P: Conte lá como era isso, porque o Padre Felgueiras a mim nega-me. Diz-me quem fazia mais era o padre João de Deus, os salesianos.

R: Não.

P: Então o que é que vocês faziam concretamente?

R: Nós fazíamos, depois da morte do Nicolau Lobato, portanto a partir dos anos 80 é que começamos a ter contactos muito directos com o Xanana. Mas eu não conhecia o

Xanana. Eu nunca o conheci. Conheci-o só em 2000 quando ele regressou da prisão domiciliária em Jacarta então é que eu conheci o Xanana. Antes não conhecia. No entanto, eu tinha uma relação muito íntima com ele.

P: Mas o que é que faziam? Como era essa colaboração?

R: Era mais a documentação que eles mandavam do mato para ser mandada para fora.

P: E mandavam como?

R: Nós mandávamos só através de pessoas fidelíssimas. Algum sacerdote que vinha visitar-nos mas que não era indonésio, que era de outra nação ou que vinha de Roma. Então nós entregávamos a documentação. Às vezes demorava seis meses, essa documentação a sair.

P: E quem é que vos entregava a vocês?

R: Havia no mato estafetas, estafetas que vinham do mato. Cada um de nós tinha o seu nome de código.

P: Qual é que era o seu nome de código?

R: “Kaer Metin”... “Kaer Metin” significa: “kaer” é agarrar, “metin” é seguro. Portanto eu era uma pessoa segura, fiel, que não atraía. Acho que é isso o sentido que me deram.

P: Que tipo de documentos é que mandavam para vocês por cá fora?

R: Era mais factos, acontecimentos. Muitos cadernos escritos que eles mandavam e que nós na medida do possível mandávamos para fora.

P: Mandavam para onde?

R: Para a Amnistia Internacional, para os Direitos Humanos e aqui para Lisboa para um instituto que se chamava “Paz é Possível em Timor-Leste” com aquela senhora, Luísa Teotónio Pereira.

P: Do CIDAC e a “Paz é Possível em Timor-Leste” é do Jean-Pierre Catry. Mandavam para eles também as coisas.

R: Exacto.

P: E mandavam por exemplo fotografias?

R: Mandávamos. Muitas. Milhares. E temos ainda milhares de fotografias que ainda não foram mandadas. Ainda estão em Timor.

P: Porque não conseguiram mandar?

R: Até agora ainda não. Depois aí pelos anos 84, 85 vem um senhor inglês que instalou no meu “laptop” um programa para eu comunicar com a Amnistia Internacional, com os direitos humanos mas criptado. Portanto eu enviava encriptada

a mensagem. Eles respondiam-me encriptada. Eu decodificava e tal. E assim comunicámos durante muito tempo. Com a Amnistia Internacional, com os Direitos Humanos, com “A Paz é Possível em Timor-Leste”.

P: Não conta nada disso no seu livro?

R: Não conto? Não me lembro. Bom conto aquele episódio da rádio. Foi aí pelos anos 82. Já o Xanana era o comandante da guerrilha e eu uma vez fui a Jacarta. Ia com frequência a Jacarta mas uma vez que fui, havia lá uma senhora timorense que estava casada com um senhor chileno, a Céu Lopes. Então a Céu telefonou-me e disse-me: “oh padre queria que o padre viesse aqui jantar connosco.” Eu disse: “está bem vou. Nós vamos lá buscá-lo.” Então a Céu mandou alguém buscar-me, jantámos e depois a Céu disse-me assim: “padre não se importa de levar uma rádio de transmissões para Timor.” Eu disse: “oh Céu tu és doida. Eu levar uma rádio? Eu arrisco a minha vida. O mínimo que podem fazer é expulsar-me ou então matam-me. Se apanham. Não, o padre leva as peças soltas, embrulhadas em roupa e depois a carcaça da rádio, vai por outra pessoa.” Eu pensei, pensei, eu disse: “vou arriscar.” Realmente em Jacarta não me abriram as malas. Cheguei a Díli não me abriram as malas. Cheguei ao Seminário, escondi aquilo tudo e passado dois dias chega-me um jovem. Um jovem para aí a dois metros de mim e entrega-me uma mochila. “Padre isto é para si.” Fiquei assim. Alguma coisa se passa. Levei a mochila e era a carcaça da rádio de transmissões. E agora como é que eu ia mandar aquilo para Baucau? Que eu tinha de mandar aquilo para Baucau, para o padre João de Deus. Porque tínhamos combinado isso. Agora eu não podia levar porque entre Díli e Baucau havia 15 *check points*. Quinze *check points* e tenho de parar, eles assinavam a guia de marcha e revistavam a bagagem. Mas depois disse: “Não Talvez o senhor bispo me possa levar.” Fui ter com o bispo, D. Carlos Filipe Ximenes Belo e disse: “oh senhor bispo, o senhor bispo vai por estes dias a Baucau? Ah vou, vou amanhã. É que eu tenho ali uma mala de livros para o padre João de Deus, livros religiosos que ele me está a pedir há tanto tempo, eu não tenho portador. O senhor bispo pode levar? Ah sim, posso.” Então no meio daqueles livros todos meti todas as peças de rádio de transmissões. E assim o bispo levou, não sabia o que era. Não sei se ainda agora sabe o que é que lhe aconteceu. Levou. Chegou a Baucau, o padre João de Deus arromba a mala, porque a mala ia fechada e depois vem alguém do mato buscar a rádio, monta a rádio e durante cinco anos, o Xanana comunicou como exterior.

P: A partir dessa rádio.

R: Sim, sim através dessa rádio. Mas depois num belo dia em que foram atacados e para se salvarem, deixaram tudo e só levaram as armas.

P: Está-me a dizer que durante 75 e 80, foram os padres jesuítas que permitiram...

R: Eu creio que sim. Eu creio que não... eu creio que essa é a realidade.

P: E diz que a Igreja nessa altura não fazia grande coisa. Porque é que diz isso?

R: Porque tinham medo.

P: Mas quando fala da Igreja, fala de quem? Dos bispos?

R: Dos padres. O bispo foi D. José Joaquim Ribeiro até 77, 76. Depois foi nomeado um administrador apostólico timorense, D. Martinho da Costa Lopes que era um bocadinho mais audaz e falava bastante contra as injustiças. Mas depois aquilo tornou-se bastante notório e o Vaticano obrigou-o a resignar. Politicamente é isto. Quer o Vaticano goste quer não goste mas foi o Vaticano que obrigou o D. Martinho a resignar. E depois foi nomeado o D. Carlos Filipe Ximenes Belo que era um jovenzito que eles talvez pensassem que o podiam manobrar. Ao princípio de facto manobraram. Mas depois o D. Carlos começou a jogar. Começou a jogar com os indonésios, com os timorenses, etc.

P: Gostava que me fizesse uma avaliação desses dois administradores apostólicos. O que é que acha que foi D. Martinho e o que foi D. Carlos?

R: O D. Martinho foi um homem que falava frontalmente contra as injustiças, contra as muitas barbaridades que eles cometiam e era um nacionalista explícito 100%. E foi isso que valeu o ter que resignar, imposto pelo Vaticano. O D. Carlos Filipe Ximenes Belo, ao princípio era um pouco mais moderado. E parece às vezes que era mais pró-indonésio mas no fundo, no fundo, era nacionalista. Então jogava. O D. Carlos Filipe jogou entre parecer ser pró-indonésio e ser nacionalista. Mas era um jogo muito perigoso e às vezes não era claro e alguém ficava um bocadinho desorientado.

P: Mas na sua análise acha que ele foi um bom administrador apostólico ou não para a causa de Timor?

R: Acho que sim, acho que foi e mereceu o prémio Nobel da Paz juntamente com Ramos-Horta.

P: Quando me diz que eram vocês basicamente que faziam essa ligação com a guerrilha. E os padres salesianos, porque o Padre João de Deus...

R: Os padres salesianos era na zona da Ponta Leste, de Baucau, Fatu Maka.

P: Quando diz então é os padres jesuítas era ali na zona de Díli que faziam mais...

R: Sim na zona da Díli, o centro, Ainaro, Maubisse e Maliana. Era aquela zona, Ermera, Liquiçá. Os padres Salesianos era mais na zona de Baucau, Viqueque, Los Palos.

P: Então quando me está a dizer que de 75 a 80, foram os padres Salesianos que fizeram e é aos padres Salesianos que se deve é um pouco nesse sentido. Naquela zona?

R: Sim, sim, naquela zona. Cá na parte central e Ocidental, não se metiam. E fizeram muito os padres salesianos. Expuseram-se bastante. Havia muitas reuniões nocturnas com elementos da guerrilha que vinham do mato de noite e que se encontravam.

P: E vocês também tinham esses encontros com a guerrilha?

R: Não.

P: Faziam sempre através de estafetas.

R: Era sempre através de estafetas.

P: E acha que essa passagem foi importante para que se pudesse conhecer o que se passava em em Timor?

R: Ah sim, sim. Depois, aí pelos anos 80 , 82, 83 é que começou a haver os primeiros grupos da resistência clandestina. Leigos empenhados em colaborar com a guerrilha e começou a haver também já estafetas que iam e vinham. Por exemplo num caso muito simpático que é, havia um grupo de senhoras que se quotizavam para arranjar dinheiro e mandar para o mato para comprar munições. Os indonésios vendiam munições à guerrilha.

P: Vendiam?

R: Vendiam e armas. Contanto que houvesse disto (faz sinal de dinheiro).

P: Eles portanto compravam aos soldados indonésios.

R: Compravam e saía em parte de algumas senhoras que se quotizavam e arranjavam dinheiro e mandavam para o mato.

P: O que me está a dizer trata-se de uma actuação política dos padres. Isso de ajudar a transportar as mensagens...

R: Não. Absolutamente nada.

P: Então o que é?

R: Era uma ajuda pela justiça na independência do povo de Timor. E aí a Igreja é pela justiça e pela liberdade. Claro não tem partido a Igreja. E a Igreja não optava pela FRETILIN mas optava pela liberdade e pela justiça e contra a tortura, etc. Isso sim.

P: E isso não é uma intervenção política?

R: Não. Quer dizer, eu chamo a isto... entre fé e política em Timor durante muitos anos não havia distinção. Fé e política era a mesma coisa.

P: Porque é que diz isso?

R: A fé, a fé em Deus, a fé na Igreja. Mas a política era a libertação do povo. Não eram actos propriamente de guerra, de guerrilha mas eram actos que significavam o sentido político da liberdade e da libertação do povo.

P: Vocês faziam isso porquê, então?

R: Eu fazia isso porque queria libertar o povo de Timor. Eu fiquei em Timor por causa disso. Eu fui para Timor em 74, só por dois anos. Depois resolvi ficar, e fiquei até agora. Mas era só por dois anos. Mas depois eu vi: “não eu sair agora é uma cobardia. Deixo o povo sozinho. Não, não posso sair”. E decidi ficar e foi andando, andando, os anos foram-se se sucedendo até ao momento actual. E não estou arrependido de ter ficado.

P: Mas queriam libertar Timor porquê? Porque inicialmente até se diz que a Igreja era favorável à entrada dos indonésios. Diz-e que o bispo D. José via com bons olhos porque era anti-comunista.

R: O D. José Joaquim Ribeiro era um homem que não podemos tomá-lo como um modelo ou um exemplo de... da distinção entre política e justiça, etc. Ele estava obcecado pelo Marxismo-leninismo, isto é pelo partido da FRETILIN e como estava obcecado via que a invasão da Indonésia era uma libertação para o povo. Estava errado, não era verdade isso.

P: Ele não seria um exemplo do que era a Igreja e daquilo que os padres defendiam?

R: Não, não. Ele estava completamente obcecado pela FRETILIN que era comunista e como era comunista era um perigo para a Igreja. Mas para mim digo-te, eu nunca via FRETILIN como um perigo para a Igreja. Porque aqueles elementos que eram comunistas ou pseudo-comunistas não influenciavam o povo. Porque o povo não sabia o que era o comunismo. O que é que o povo sabia que era o Comunismo? Não sabia nada. Eram simples analfabetos, muitos. Outros sim tinham formação. Professores, catequistas, enfermeiros.

P: Considera que o D. José não representa a Igreja?

R: Neste sentido de Igreja pela liberdade, pela libertação do povo, não. Ele estava obcecado pela FRETILIN que era comunista. Vinham os indonésios libertar Timor do Comunismo.

P: E o D. Martinho? Porque o D. Carlos diz-me que o D. Martinho também era favorável à integração.

R: Não nunca. O D. Martinho foi sempre favorável à independência de Timor. O D. Carlos Filipe é que jogava mas por um motivo. Ele tinha de jogar.

P: Ele inicialmente diz que chegou a ser favorável.

R: Sim, eu às vezes ficava um bocadinho preplexo e perguntava ao padre João de Deus que é muito meu amigo: “oh padre o que é que significa esta atitude de D. Carlos Filipe?” Ele disse: “coitado ele tem de jogar. Mas ele é 100% nacionalista. Ele é 100% nacionalista.” Eram tempos que realmente agora, não podemos vê-los com os olhos actuais. Mas enfim...

P: Gostaria de clarificar. A vossa acção não teve só a ver com os direitos humanos? Isto é, vocês seriam sempre contra aquela invasão?

R: Ah sim. Eu 100%, eu 100%.

P: Mesmo que não tivesse havido violação dos direitos humanos?

R: Sim, sim. Porque eu acho que o povo timorense tinha direito à sua libertação como as antigas colónias portuguesas no Ultramar. Timor era uma antiga colónia portuguesa tinha direito a decidir sobre o que é queria. Queria ser independente? Queria ficar integrada na Indonésia? Queria ficar ligada a Portugal? Ao princípio a UDT, por exemplo, preconizava uma ligação com Portugal coisa que começou mais a ser claro que era melhor uma independência. Portanto, a independência de Timor foi sempre o objectivo de todos os partidos políticos, tirando a APODETI. Mas a APODETI era um grupito insignificante e comprados pelos indonésios.

P: Padre fale-me um pouco mais daquela história de lhe terem encriptado o computador. Como é que isso funcionava?

R: Esse senhor veio, esteve a trabalhar no meu quarto com o “laptop”. Instalou esse programa. Depois explicou-me, você manda para aqui, para ali e para acolá. Mas antes de mandar... escreve e antes de enviar, envia criptado. O texto mesmo que fosse apanhado pelos indonésios eles não tinham a chave.

P: Era um e-mail?

R: Sim era por e-mail.

P: E portanto, o padre escrevia em que língua?

R: Em português.

P: Em português e depois aquilo encriptava e seguia encriptado.

R: E depois seguia para o destino aqui em Lisboa, ou Londres e lá recebiam criptado. E depois tinham o código para descriptar.

P: E mandava para onde?

R: Eu mandava para a Amnistia Internacional, para os direitos Humanos e muito aqui para este grupo “A Paz é Possível em Timor-Leste”- Luísa Teotónio Pereira.

P: E para o Jean- Pierre Catry.

R: Sim, sim. Era o grupo dele.

P: Aquilo que se verifica é que há uma utilização da rede da Igreja pelo mundo para essa denúncia. Isso era consciente da vossa parte?

R: Estávamos conscientes. Eu por duas vezes estive para ser expulso de Timor.

P: Conte lá.

R: Foi em 92. Eu queria que me dessem o visa antes, em Timor. Negaram-me e o motivo é que eu organizava o grupo de jovens para as manifestações contra a Indonésia, etc. Eu tive que lutar sozinho porque os jesuítas indonésios não me ajudaram absolutamente em nada. Ajudaram-me os leigos timorenses. Isso sim. E alguns sacerdotes timorenses. Mas os jesuítas indonésios nada, absolutamente. Mas eu consegui lutar e consegui... eu tinha de sair no dia 31 de Maio de 92. E depois queria ser recebido pelo chefe da INTEL, a polícia secreta. Ele não me recebia mas depois finalmente recebeu e disse: “está bem, está bem. Eu vou colaborar com o padre, o padre vai ter a licença de poder ficar aqui em Timor.” E deu-me a licença até 95. Em 95 tive uma nova denúncia falsa que não tinha motivo nenhum e também com o perigo de ser expulso. E também lutei na mesma praticamente sozinho. Ajudou-me muito, muito o que era governador de Timor o Mário Carrascalão. Ajudou-me muito o Mário Carrascalão. Muitos outros timorenses que estavam no governo me ajudaram. Diziam padre não se preocupe, padre não sai. E pronto consegui realmente ficar.

P: O Mário Carrascalão teve um papel importante?

R: Muito.

P: Como é que definiria o papel dele?

R: O papel do Mário é o seguinte. Ele jogava como o D. Carlos Filipe Ximenes Belo e jogava no sentido que era bom, tinha que mostrar ser indonésio e colaborar com a Indonésia, etc, etc. Mas também era um nacionalista e ajudou muitos jovens que estavam empenhados na luta. Foi sempre o homem.

P: E dizem que foi ele que abriu Timor ao exterior.

R: Foi no tempo dele. Foi no tempo dele. Isso já foi uma grande..

P: Padre o senhor e o padre Felgueiras escrevem um livro de cartas. Que cartas são essas? O padre Felgueiras diz que são cartas para a família e para o Padre Geral.

R: Não é bem cartas. Nós escrevemos um livro eu e ele que é de memórias. Isso não são cartas. São episódios que fomos vivendo.

P: Mas há aqui cartas.

R: Sim. Sim. A maior parte são para o Padre Geral ou Provincial. Não são para a família, pode haver uma ou outra que seja para a família. Para a minha família não há aí nenhuma.

P: Mas para a família dele sim.

R: Sim, algumas.

P: Então eram para quem mais?

R: Eram para o Provincial, para o Geral e para pessoas amigas que estavam implicadas na causa.

P: E depois eles também passavam informação?

R: Eram cartas que eram mandadas que estavam arquivadas , nunca usaram isso.. eu agora, para o ano será lançado... são as reflexões sobre as experiências pessoais mas profundas, um bocadinho difíceis.

P: Mas é um livro sobre Timor e a Igreja?

R: Não, o livro chama-se “O mistério da realidade” que vai ser lançado em Fátima para o ano e depois em Dezembro em Singapura em inglês. Está a ser traduzido para inglês.

P: Depois há o ensino em Timor. O padre Felgueiras contou-me uma coisa e o Padre Leão outra. O padre Felgueiras diz que foi muito importante a presença da Companhia em Timor porque foi mandado um padre jesuíta para tomar conta do ensino da diocese.

R: Ensino de uma escola que o bispo queria que fosse um indonésio o director da escola.

P: Que era?

R: Que era a Escola de S. José.

P: O Externato de S. José.

R: Não era bem externato. O Externato foi uma escola que depois se foi transformando em que deu o Colégio de S. José. E no Colégio de S. José é que foi um jesuíta indonésio pedido pelo bispo para vir como director da escola.

P: Mas era só essa escola? Porque o padre Felgueiras diz-me que era do ensino todo da diocese que havia em Timor.

R: Não, não.

P: Era só do chamado Externato S. José.

R: Mas do Externato que se transformou no Colégio de S. José

P: Mas o Externato de S. José. Porque agora há o Externato de S. José e o Colégio de S. José.

R: Sim.

P: Então na época o Externato de S. José era a escola que existia dos padres.

R: Era dos padres escolares. O Externato de S. José começou em 78 e foi uma iniciativa de dois padres diocesanos, o padre Leão e o padre Domingos Cunha, que começaram com o Externato que antes já havia, antes da invasão e que começou a leccionar o curriculum em português que aqui havia do primeiro ao sétimo ano.

P: A partir de 78?

R: Sim por aí.

P: E depois diz que se transforma em Colégio quando?

R: Colégio em 92, 93. Portanto o Externato de S. José que foi extinto, deixou de funcionar e começou ou continuou no Colégio S. José orientado pelo jesuíta que foi pedido pelo bispo.

P: Mas o padre Leão diz-me que ele era o director e que aquilo funcionava sem os indonésios saberem e sem supervisão da Indonésia.

R: Sim até certo ponto. Mas depois o padre Leão e o padre Cunha deixaram de orientar o Externato de S. José porque passou para um grupo de leigos. Mas isso foi uma jogada.

P: Então conte lá a história toda.

R: Não, a história verdadeira é esta: havia o Externato de S. José que foi iniciado, continuado pelo padre Leão e o padre Domingos Cunha e que aí 72, 79, 80 já estava aquilo bastante desenvolvido. E o Seminário tinha começado em 78 porque estive 3 anos fechado e nós não tínhamos possibilidade de dar o ensino aos seminaristas. Então os seminaristas iam ao Externato de S. José. Frequentar as aulas, com meninos e meninas. Foi assim uma novidade por os seminaristas estarem a estudar juntamente com meninas. Nunca houve nenhum caso. Elas respeitavam muito os seminaristas. Depois isto continua até 90, 91. Entretanto o senhor bispo D. Carlos Ximenes Belo havia ali qualquer coisa misteriosa que não te sei explicar, de uma certa antipatia em

relação ao senhor padre Domingos Cunha. E então tirou o padre Domingos Cunha do Externato S. José e mandou-o para Macau. Depois de Macau, o padre Domingos Cunha foi para os Estados Unidos onde está agora em East Province. Ficou só o senhor padre Leão. Entretanto padre Leão sozinho não podia. Então forma-se uma equipa de leigos e a equipa é que leva por diante o Externato. Essa equipa funcionou durante um ano, ao fim de um ano “pluf”, o Externato foi ao ar. E os jovens que estudavam no 12º ano e 11º ano no Externato S. José e que já estudavam em bahasa indonésia, é que começou o chamado Colégio S. José dirigido por um jesuíta. A história é esta.

P: Só em 90, 91 é que aparece esse tal jesuíta?

R: Sim.

P: Podemos dizer que aquilo funcionou clandestinamente e funcionava autonomamente sem a supervisão dos indonésios?

R: Exacto. Os indonésios não tinham nada absolutamente nada a ver com Externato de S. José. Começou a ter quando o Externato de S. José passou a chamar-se colégio de S. José e dirigido por um jesuíta indonésio.

P: Mas depois isto fecha em 92, depois do massacre de Santa Cruz.

R: Sim, sim, depois do massacre de Santa Cruz. Isto é a verdadeira história. Às vezes o padre Felgueiras há certas coisas que ele não quer tocar ou deixa um bocadinho assim nublado porque não quer ser contra a igreja, não quer ser contra o bispo e deixa tudo assim um bocado vago. Mas não é verdade. Por exemplo o Padre Felgueiras veio a Portugal em 96 e esteve 8 meses prisioneiro em Jacarta quem foi a causa de tudo isto foi D. Carlos Filipe Ximenes Belo que escreveu uma carta ao Provincial da Indonésia a dizer: “o padre Felgueiras não é necessário regressar porque faz coisas que levam o clero a não obedecer ao bispo.” Mas o padre Felgueiras isto nunca o conta. Mas a verdade é esta. E tem de se contar e tem de se dizer a verdade. A verdade é esta pura e simplesmente.

P: E onde é que está essa carta?

R: Essa carta eu estive com ela na mão

P: E tem?

R: Não. Depois dei tantos tombos e andei de seca para Meca e depois em 99 perdi tudo. Fiquei só com a roupa vestida. Perdi tudo, toda a documentação. Mas essa carta deve estar aqui na provincial portuguesa.

P: Ele escreveu ao Provincial português ou ao indonésio?

R: Ele escreveu ao Provincial indonésio e ao Provincial português a dizer assim: “O Padre Felgueiras não é necessário regressar a Timor porque ele influi no clero não diocesano de não obedecerem ao bispo.” O que é mentira. Mas ele nunca diz isto, o padre Felgueiras. Nunca, nunca, nunca diz isto. Eu também o digo agora para que tu saibas porque a verdade acho que tem de se dizer e saber. [...] E depois o padre Felgueiras esteve na iminência de nunca mais poder voltar a Timor. Depois conseguiu regressar a Jacarta e esteve 8 meses em Jacarta sem poder entrar em Timor. E depois foi um vai vem de pedidos, de pedidos, de pedidos em que era necessário uma carta do bispo Carlos Filipe a dizer que precisava do padre Felgueiras em Timor.

P: E ele fez?

R: E ele fez. Porque só na base disso é que os indonésios o deixaram entrar. Mas o padre Felgueiras conta só que foram os indonésios os causadores desta sua experiência. Mas não foi. Foi o D. Carlos Filipe.

P: Depois há também a utilização das celebrações religiosas para as manifestações políticas por parte da juventude. Isso acontece pela primeira vez..

R: Quando o Santo Padre foi a Timor, João Paulo II. Isso foi realmente a primeira manifestação assim frontal dos jovens contra o sistema e a ocupação indonésia. Eu lembro perfeitamente, eu estava lá. Estavam para aí 200 mil pessoas e lá ao fundo antes do Santo Padre dar a benção e regressar, começou-se a ouvir um barulho imenso, e o Santo Padre a olhar lá para ao fundo e perguntou ao D. Carlos Filipe do que é que se trata e o D. Carlos Filipe disse-lhe: “ah são jovens que não concordam com a integração.” O Santo Padre ouviu. O ministro da Defesa que era o Benny Moerdani estava fora de si porque nunca esperou isto, estava louco. Não sabia o que havia de fazer. Claro que depois prenderam a maior parte destes jovens. Outros que fugiram também foram presos. Começou toda uma série de manifestações. Inclusive nas embaixadas em Jacarta, assaltos a esta embaixada, aquela embaixada. E foi todo um processo até ao referendo de 99.

P: Portanto acha que a visita do Papa foi importante para a divulgação da questão de Timor?

R: Foi porque foi a partir daí que houve manifestações de jovens contra a ocupação indonésia. Nunca tinha havido. E o Santo Padre acho que percebeu. Claro que não disse nada, nem podia dizer mas percebeu. Olha um que percebia muito bem toda a situação de Timor foi o nosso Geral, Pedro Arrupe. Pedro Arrupe era 100% pró-

integração (engana-se quer dizer pró-independência). Ele depois esteve doente, teve um AVC ...

P: Mas ele ajudava de alguma maneira?

R: Dava-nos força para continuarmos. E eu uma vez fui a Roma, passei em Roma, fui visitá-lo. Já ele estava na cama. Falei em espanhol com ele, que ele era Basco. “Padre eu sou o padre Martins que está em Timor. Ah Timor. Olha lá quantos é que são ainda os guerrilheiros que estão lá nas montanhas?” Eu fiquei parvo com esta pergunta. O homem realizou que havia uma guerrilha e quantos guerrilheiros é que ainda havia nas montanhas. Eu disse: “padre é para aí un quatro, 5 mil que estão nas montanhas a lutar.”

P: Em relação à visita do Papa o D. Carlos diz-me que havia padres que eram contra. Porque a visita do Papa foi muito discutida porque não se sabia... Os indonésios queriam aquela visita para que houvesse um reconhecimento da integração e outros que ele fosse lá denunciar...

R: Claro que da parte dos indonésios a começar pelas reverendas madres e reverendos padres eram todos pró-integração. Todos pró- integração. Os sacerdotes timorenses, diocesanos e não diocesanos e as religiosas eram nacionalistas. E houve um episódio não sei se te contou o padre Felgueiras? Era costume o Santo Padre quando vai de visita a uma terra, beja o chão. Aqui chegando a Timor, beijava ou não beijava? Os indonésios sabiam disto e não, proibiram. E nós já sabíamos disto que eles que não queriam que ele beijasse o solo timorense. Então o que é que nós fizemos? Havia lá um grande espaço, um altar enorme que fizeram. E depois em frente do altar sabes o que é que estava? Estava uma almofada em frente e uma cruz. O Santo Padre chegou, ajoelhou-se, beijou a cruz.

P: Mas isso não foi só na reunião com os padres na catedral?

R: Não, já foi antes preparado.

P: Mas isso acontece na cerimónia?

R: Na cerimónia quando o Santo Padre chega ao local onde ia celebrar a missa. Do aeroporto foi para a Catedral, da Catedral veio para o lugar onde celebrou a eucaristia e ali é que se deu este episódio. E ali deu-se aquilo que nós todos queríamos. Ele beijou solo timorense. Só que estavam uma almofada e uma cruz.

P: Mas por outro lado o Santo Padre não defende a independência.

R: Não. Isso ele não podia também fazer. Ele foi lá foi um gesto simpático de ir visitar aquele território, aquele povo. Mas não fez qualquer referência política. Fez

uma homilia muito bela, belíssima mas não fez qualquer referência política. Agora quando foi no dia 15 de Agosto, passado, foi a celebração dos 500 anos da evangelização de Timor e foi o secretário de Estado do Vaticano, o cardeal Peroni, que foi lá presidir. E o D. Basílio fez a apresentação, disse umas palavras, o significado e disse assim: “realmente a presença dos portugueses aqui foi sempre contínua, mesmo durante a ocupação indonésia dois padres portugueses estiveram sempre aqui.”

P: Quem disse?

R: O D. Basílio e então nomeou-me a mim e ao padre Felgueiras. Isso foi a introdução. Depois o cardeal celebrou a santa missa. Acho que também foi bem. Eu creio que o Santo Padre, o Francisco, há-de ir a Timor.

P: Mas o João Paulo II era acusado de ter uma grande ambiguidade. A política do Vaticano teve sempre uma grande ambiguidade. Não reconheceu a integração mas depois aceitou a mudança...

R: Aceitou. Obrigou o monsenhor Martinho da Costa Lopes a resignar, obrigou o Carlos Filipe Ximenes Belo a resignar...

P: Mas no caso do D. Martinho foi por razões políticas.

R: Foi por razões políticas

P: Porque ele intervinha muito.

R: Porque ele intervinha muito.

P: E vocês foram contra a nomeação do bispo D. Carlos? O padre foi à entronização dele?

R: Sim, fui. Fui porque eu tinha que ir porque sou jesuíta e não podia ali tomar uma atitude.

P: Porque a maioria dos padres boicotou.

R: Não tenho presente.

P: O que acontece e que me contaram é que a maioria dos padres depois solidariza-se com o D. Carlos depois dele ter escrito a carta ao secretário-geral da ONU.

R: Sim. E sabes que eu fui acusado a segunda vez para ser expulso de Timor que eu é que tinha sugerido ao bispo e que tinha ajudado o bispo a escrever a carta para as Nações Unidas. Quando eu não sabia de nada. Oito dias depois é que eu soube. E sabes quem é que levou essa carta para as Nações Unidas? E que aqui criou uma antipatia muito grande no episcopado?

P: Foi o D. Manuel Martins?

R: Foi D. Manuel Martins que a levou para as Nações Unidas.

P: O bispo diz-me que mandou para ele a carta.

R: Sim e depois o D. Manuel é que a levou para as Nações Unidas... A carta, o pedido de referendo, foi ele que a mandou para as Nações Unidas. E aqui entre os bispos de Portugal houve quem não gostasse.

P: Estávamos a falar da ambiguidade do Vaticano que existia.

R: Realmente temos que reconhecer que no Vaticano havia uma ambiguidade, porque o Santo Padre João Paulo II nunca recebia a verdadeira informação do que acontecia em Timor. Porquê? Porque havia toda aquela burocracia que tu sabes que existe no Vaticano, através dos cardeais, monsenhores, etc, que boicotavam a chegada da documentação ao próprio Papa, ao Santo Padre, que existiu sempre através da Igreja. Agora com este um bocado menos porque ele foge aos protocolos, etc. Portanto havia. E havia uma simpatia, uma parte do Vaticano como para proteger os cinco milhões ou 6 milhões de católicos que tem a Indonésia de não criar problemas com o Vaticano para que esses católicos tivessem paz e tranquilidade e não houvesse problemas com eles. Portanto foi um jogo feito entre o Vaticano e ...

P: Compreende esse jogo?

R: Eu compreendo mas não estou de acordo.

P: E desculpa o Papa?

R: Sim desculpa na medida em que ele não sabia. Ele não estava informado devidamente do que se estava a passar em Timor.

P: Porque é que diz que o Santo Padre não sabia?

R: Porque lhe boicotavam, os documentos não lhe chegavam, como nunca chegam lá no Vaticano. Os documentos nunca chegam directamente ao Papa.

P: Mas o D. Carlos diz que num encontro que teve com ele, ele dizia: “eu sofro por Timor mas também penso nos católicos indonésios.”

R: Quem é que dizia?

P: O João Paulo II.

R: Sim pois havia esse jogo. Porque naquela altura a Indonésia tinha bons políticos. O ministro dos Negócios Estrangeiros era muito competente e jogava com o Vaticano pelos interesses da Indonésia.

P: Depois há o massacre de Santa Cruz. Como é que viveu esse momento?

R: Eu estava numa casa que temos ali em Lahane, não longe do cemitério de Santa Cruz e resolvi sair. Peguei no carrito e ia para a Câmara Eclesiástica que fica em

frente ao porto que agora está ainda por restaurar. Quando saí, comecei a ouvir tiroteios, rajadas de metralhadoras para os lados do cemitério. Entretanto telefonei ao padre Felgueiras e disse: “Oh padre há aqui qualquer coisa que está, que é estranha. Há um tiroteio aqui.” E o padre Felgueiras pegou no seu carrito e também foi para lá. Entretanto eu quando dali fui para a Câmara Eclesiástica, ao passar lá no cruzamento havia polícia militar que estava lá em pé de guerra com as metralhadoras apontadas. Eu passei não me fizeram mal. Perguntei a algumas pessoas o que se passava, não me disseram. Cheguei à Câmara Eclesiástica. “Vocês sabem o que é que se passou? Ah sim sabemos”. E contaram-me. Entretanto eu pedi a um padre amigo para me levar ao hospital porque queria ver no hospital o que é que tinha acontecido. Ele levou-me ao hospital. Mas antes de chegar ao hospital passei pela casa do bispo e na casa do bispo vi um jornalista americano que falava bastante bem espanhol e vi-o e estava todo cheio de sangue. Eu disse: “ah o que é isso? Tu ficaste ferido? Não padre isso foi sangue das vítimas. Padre não me pode emprestar um milhão de rupias?” Um milhão de rupias eram para aí, não chegavam a 50 mil dólares naquela altura. E eu disse: “sim posso mas aqui não tenho dinheiro tenho de ir buscar a casa. Então veja lá porque quero partir hoje para Guam.” Eu fui buscar o dinheiro. Entretanto pedi a outro padre para lhe levar o dinheiro a este senhor porque eu estava com medo que houvesse interferências. E ele deu o dinheiro ao jornalista e o jornalista naquele dia saiu para Guam. Entretanto eu fui para o hospital com esse padre e vi a sala de urgências repletas de gente e o chão estava tudo cheio de sangue, sangue, sangue. Eu fiquei parvo ao ver aquilo. Estava ali uma menina chamada Gorete que era minha aluna no externato S. José. Eu disse: “olá Gorete como estás? Padre estou muito ferida. Coragem.” Entretanto saí do hospital e disse ao padre vamos passar pelo Cemitério de Santa Cruz e quando chegámos ao Cemitério de Santa Cruz já estavam os bombeiros a lavar o chão que estava completamente cheio de sangue em frente... entretanto eu telefonei ao padre Felgueiras e o padre Felgueiras pegou no carrito, na sua batina, na estola e foi para o local onde estava a dar-se esse episódio. Mas a polícia não o deixou passar. Ainda avançou um bocadinho mas não deixou. Ficou ali a observar e observou tudo. Foi para aí 4 ou 5 camiões daqueles grandes a carregarem corpos de mortos para os camiões e o padre ainda foi dando bençãos. Alguns que ainda estavam meio vivos, meio mortos e alguns, depois, ainda se lembram do padre dando bençãos... e quando eu passei por lá, já aquilo está tudo mais ou menos deserto. Estavam a lavar o chão e tinha-se dado o que aconteceu. Mais de 200 jovens foram

mortos e atirados para as camionetas e enterrados em valas comuns. Em dois locais, ainda não está bem certo mas acho que também é um bocado falta de clarividência dos nossos políticos. O episódio deu-se assim, o padre Felgueiras assistiu, eu só assisti de longe. Vi a sala das urgências completamente cheia de sangue.

P: E acha que foi importante as filmagens ou acha que foi o estarem ali pessoas a rezar em português para que a causa fosse...

R: As filmagens foram absolutamente necessárias. O Max Stahl foi um herói e ele filmou aquilo mas tinha muito mais material o que é que não o pôde esconder. Ele aquele material que tinha filmado na máquina, quando percebeu que os militares estavam a vir e que lhe iam tirar tudo, ele tirou a cassete e escondeu-a numa tumba fresca e escondeu-a ali. Depois foi preso e à tarde foi libertado. E à noite, de noite foi com o padre João de Deus buscar a cassete.

P: O padre João de Deus diz que não. Diz que foi só lá buscar a mota dele.

R: Haverá várias versões mas o padre João de Deus estava implicado.

P: O Padre João de Deus a mim disse-me que não. Eu julgava que tinha sido o padre Felgueiras.

R: Não, foi o João de Deus.

P: O padre João de Deus contou-me outra história que eu não consigo verificar com o Max Stahl que é que para fora quem tinha ajudado era um tal de padre Renato.

R: O Max Stahl foi buscar a cassete que estava lá no cemitério. Regressou e no dia seguinte havia um padre salesiano italiano que tinha vindo a Timor e regressava ao Japão e foi por meio dele que a cassete saiu e depois começou a ser divulgada.

P: O Max Stahl também já o ouvi contar que foi uma jornalista holandesa a quem ele deu a cassete.

R: Eu a versão que sei é que foi este padre salesiano.

P: Foi o que me contou o padre João de Deus.

P: Depois há a prisão de Xanana. Como é que isso foi sentido?

R: A prisão eu estava aqui em Portugal quando isso se deu. Eu não assisti. Sabia que existia um “bunker” na casa de uma senhora chamada Aliança, irmã deste senhor que era da FRETILIN, o Abílio. Era irmã deste Abílio mas era uma senhora muito pró-independência e era através dela que eu mandava tudo e recebia. E era na casa dela que havia um *bunker* onde estava o Xanana escondido e passou praticamente ali um ano. Saía, ia lá para as montanhas tornava a vir e tornava –se ali a refugiar. Eu não sei se foi traição de alguém que acusou que o Xanana estava ali e foi o genro do Soeharto

que foi prender o Xanana a este *bunker*. E prendeu o Xanana, prendeu a Aliança, prendeu a família toda e foi tudo preso. Depois houve aqueles episódios em Díli. Entretanto ele depois apelou em Jacarta. Esteve em Cipinang lá na prisão de Jacarta. Depois mudou para uma prisão domiciliária. Mas ali no *bunker* há um elemento que eu nunca cheguei a perceber bem se foi verdadeiramente traição ou descoberta dos indonésios. Os indonésios chegaram a descobrir onde estava o Xanana ou então foi traição. Alguém atraiçooou o Xanana dizendo aos indonésios que ali estava o Xanana. Toda a família foi presa. Entretanto houve um pequeno episódio que não interessa. É uma coisa secundaríssima. Eles levaram tudo o que tinha ali. O Xanana há 3, 4 anos atrás tinha-me pedido uma radio para ouvir as notícias. Eu arranjei-lhe uma rádio o melhor que pude com duas bandas. Uma *Sony* daquelas pequenas e mandei-a para o mato e ele usou aquilo e escreveu no rádio “Kaer Metin”, o nome do meu código. Então quando foi preso, levaram tudo e levaram também a rádio. Eu disse: “agora estou lixado porque os gajos se descobrem quem é o “Kaer Metin””. Fui aguentando, aguentando. Isto passou um mês. Entretanto passado um mês a Aliança veio ter comigo e eu disse: “então como está? Fizeram muito mal? Fisicamente não mas humilharam-me muito. Olha lá tu nunca disseste quem era o “Kaer Metin”. Não padre preferia morrer.”

P: Contou-me o padre José António da Costa que a Cruz Jovem, foi criada na altura da prisão do Xanana para unir a juventude. Tem ideia?

R: Não, não tenho. Acho que isso que foi muito depois da libertação de Xanana porque foi agora nestes últimos anos. O Xanana foi libertado em 2000 ou 2001. Em 2000 é que veio para Timor e houve uma grande recepção, há lá um grande pavilhão. E houve ali uma grande concentração de pessoas em que estava o Xanana, estava o Ramos-Horta, estava o Alkatiri, estava enfim toda aquela gente importante. E eu também fui com o padre Felgueiras. Claro que naquela altura andava sempre de batina porque era o cartão de visitas. Como ia de batina levaram-nos um bocado mais para a frente, ali estivemos. Antes de iniciar- eu já tinha dito que nunca tinha estado com o Xanana, nem conhecia o Xanana- e antes de começar assim a sessão, o Xanana levanta-se vem ter comigo e dá-me um abraço.

P: E depois como é que foi o referendo?

R: Aquilo é uma história muito complicada. Primeiro houve muito pessoal das Nações Unidas que esteve em Timor a preparar o povo para o referendo. Entretanto já havia rumores que as milícias estavam formadas em cada distrito, que havia milícias

formadas. E alguém me disse, uma pessoa muito amiga e muito influente, timorense: “o padre veja lá nas homilias diga que é melhor para Timor a integração. Oh senhor eu não posso dizer isso nas homilias. Isso é política. Isso não faço.” Entretanto estavam as milícias formadas em cada distrito e foram treinadas pelos militares indonésios e pela polícia indonésia. E o referendo foi no dia 30 de Agosto e foi o referendo, depois o dia 3 ou 4 de Setembro. Cinco ou 4 de Setembro foi os resultados do referendo. Dizem alguns que cerca de 70% era favorável à independência mas como era um número muito exagerado que reduziram para 60%. E então a rádio publica o resultado do referendo e imediatamente começa um tiroteio doido em Díli e por todo o Timor. As milícias que destruíram tudo, queimaram tudo.... então começou essa acção das milícias por todo o Timor em que destruíram tudo, todas as infra-estruturas tudo, tudo, tudo. Entretanto as Nações Unidas tinham estado lá a elucidar o povo sobre a votação. Havia uma senhora que foi duas vezes lá a nossa casa e eu perguntei à senhora (não sei se era suíça ou belga), perguntei à senhora: “oh senhora tudo isto vai correr bem?” (porque eu já sabia o que iria acontecer). “Ah sim., sim, isto está tudo pensado, está tudo controlado. A sério?”

P: Era das Nações Unidas?

R: Era das Nações Unidas. “Mas está mesmo convencida a senhora? Sim está tudo controlado, não vai haver nada.” Sabia, não sabia, não sei. Mas talvez não soubesse. Era ingénua.

P: E depois como é que viveram aquela violência toda? Depois foram mais uma vez refúgio?

R: Pois, nós estivemos dois dias na casa onde estávamos em Lahane... depois dali retirámo-nos para outra casa onde agora é a casa mãe em Taibessi e depois aí pelo dia 8 de Setembro nós não podíamos estar ali mais e o que era superior da casa que era um jesuíta indonésio, disse-nos: “ah vocês o melhor é irem para o Timor indonésio. Aqui não estão seguros. Vocês vão para Timor indonésio que aí não estão seguros.” Depois decidimos, um dia à tarde em que as coisas estavam um bocado mais calmas, fugir para Dare. Eu, o padre Felgueiras mais umas duas ou 3 famílias fugimos para Dare em 3 carritos. Mas também foi uma peripécia do caneco para chegar a Dare. E ali estivemos refugiados em Dare no meio daquela florestazita até à chegada do “peace keeping force” no dia 20 de Setembro. E nós só regressámos para Díli no dia 24. Eu fiquei 4 dias ainda lá depois da chegada dos australianos. Mas aqui há uma história que ainda não foi contada. Os primeiros a chegar a Timor foram os

australianos, um batalhão ou dois. Mas no momento em que eles chegaram ainda estavam militares indonésios lá. E que quando no dia 25 cheguei a Díli, ainda vi indonésios a passear e os australianos a passear nos tanques e a vigiar a situação e os indonésios ali tranquilos. Eu disse: “mau o que é que se passa? o que é que significa isto?” Ora bom só significa que a Austrália estava entendiada com a Indonésia. Nós vimos, nós procuramos pôr isto em paz e vocês saíam tranquilamente.

P: Estavam a fazer a transição.

R: Era, era.

P: E no referendo, a Igreja foi mais uma vez atingida. Houve padres mortos inclusivamente jesuítas.

R: Houve dois jesuítas que foram mortos. Eu e o padre Felgueiras também seríamos mortos se não fugissemos para Dare. Isso de certeza éramos mortos ali em Taibessi. Mas fugimos a tempo. Depois um belo dia, lá pelo dia 13 ou 14 vieram as milícias de Díli até Dare e deram para lá muitos tiros, tiros, tiros. E depois é que eu vim a saber que eles vinham à minha procura e do padre Felgueiras para nos liquidar. Mas não nos apanharam porque estávamos escondidos.

P: E acha que o envolvimento da Igreja na causa de Timor teve a ver com o facto da Igreja também ter sido atingida?

R: Eu creio que sim, eu creio que sim.

P: Se a Igreja não tivesse sido atingida, vocês não teriam defendido?

R: Eu acho que sim que teria denunciado porque naquela altura já havia muitos sacerdotes conscientes com uma posição política e de justiça social e que se envolveriam.

P: Como é que definia o papel da Igreja na Independência? Foi fundamental ou não?

R: Se não fosse a presença da Igreja em Timor desde 74 e 75, 75 a invasão e todo o processo até 99, Timor jamais seria independente. Não era. Se a Igreja tivesse manifestado uma maior simpatia...

P: A Igreja timorense.

R: Sim, sim. Se se encostasse ao governo indonésio e colaborasse, Timor jamais seria independente.

Anexo 44

Entrevista a Rui Marques

Rui Marques foi organizador da missão “Paz em Timor” com o Lusitânia Expresso que teve como objectivo prestar homenagem às vítimas do massacre de Santa Cruz. A bordo do navio seguiam 150 pessoas de 29 países. A ideia era chegar a Díli para recordar as vítimas. Mas já com Díli à vista, as autoridades indonésias impediram o avanço do navio. Foi lançada um coroa de flores às águas. Durante o processo de organização, Rui Marques consultou vários padres timorenses na diáspora.

A entrevista foi realizada em Lisboa, a 15 de Dezembro de 2015.

Pergunta: Que idade que tinha quando foi a invasão? Como chega ao contacto com a questão de Timor?

Resposta: Quando foi a invasão tinha 12 anos. Era muito novo. portanto, a realidade com certeza que passou por mim com a atenção própria de uma criança de 12 anos. Mais tarde, já adolescente e jovem comecei a dar mais atenção ao tema e a ligar-me á questão de Timor progressivamente. E sobretudo quando comecei a trabalhar na Renascença, isto já na universidade, é que me liguei muito ao tema e organizei uma primeira campanha de apoio a Timor através da Renascença e concretamente à Cáritas timorense aí estabelecendo uma maior ligação com a questão de Timor.

P: Portanto foi via Igreja Católica?

R: Sim, esse primeiro primeiro contacto sim, através da rádio Renascença onde eu trabalhava.

P: Trabalhava como jornalista?

R: Trabalhava num departamento de produção de programas, na área de programas e aí desenvolvi uma primeira campanha grande para Timor. E depois mais tarde com a “Forum Estudante” com a missão “Paz em Timor”. Mas o primeiro contacto é na fase universitária porque quando foi a invasão eu tinha 12 anos.

P: Estava a falar da missão “Paz em Timor”, quer falar um bocadinho?

R: Em 91 dá-se o massacre de Santa Cruz e nós tínhamos acabado de criar a “Form Estudante”, nascida exactamente nesse mês de Novembro de 1991. E como revista que era de estudantes e muito vocacionada para causas e para as questões de solidariedade, decidimos que não podíamos ficar indiferentes ao que se estava a passar em Timor-Leste e que deveríamos fazer alguma coisa, tal como em geral a sociedade portuguesa se começou a mobilizar na altura. Porque antes de 91 a atenção era bastante baixa. E o que acontece é da reflexão interna da equipa “Forum Estudante” o que é que se podia fazer, tanto mais que se estava a falar de um massacre de jovens em Timor, nasce a ideia de poder fazer algo que tivesse impacto mediático que pudesse ajudar a fazer falar de Timor. Colocar Timor na agenda mediática. Porque a questão que até aí se colocava para Timor-Leste, era o silêncio mediático. Não se sabia sequer o que é estava a acontecer em Timor. Tinha estado fechado a jornalistas, não tinha possibilidade de através das visitas externas, ter relatos do que se estava a acontecer e era necessário fazer falar de Timor. E então muito inspirados pelo modelo do Greenpeace, a missão “Paz em Timor” nasce com raízes no Greenpeace (não em torno de questões de direitos ambientais mas de

questões de direitos humanos) nasceu a ideia de organizar uma missão chamada “Paz em Timor” em que um navio com estudantes do maior número de países (acabaram por ser 29) fosse até Timor e que os estudantes pudessem colocar uma coroa de flores no cemitério de Santa Cruz. Claro que esta narrativa era essencialmente um argumento para criar aquilo que hoje se estuda como os “pseudo eventos”, criar algo que pudesse ter um impacto mediático e que obrigasse a falar de Timor. Estavam reunidos um conjunto de condições desde o simbolismo dos jovens, massa pacífica, com a defesa dos direitos humanos, de ser uma acção mundial. E isso poderia resultar bem.

P: E como é que vocês elaboraram essa ideia?

R: Partiu como sempre de uma ideia inicial que depois se foi construindo. Realmente o ponto de inspiração inicial era o Greenpeace porque o Greenpeace tinha toda a capacidade de intervenção no mar e o mar é um território internacional onde é fácil agir enquanto um território terrestre é muito mais difícil. O mar tinha uma dimensão simbólica era fortíssima para os portugueses e a sua relação com Timor. E havia todo o histórico do Greenpeace e das acções do Greenpeace que as pessoas conheciam. E isso foi apresentado à redacção do “Forum Estudante”, toda esta operação da “Paz em Timor” é pensada da cabeça de gente da comunicação, jornalistas. E foi apresentada à equipa da Forum e a Forum disse então vamos a isso. Vamos então montar essa operação.

P: Não partiu da “Forum Estudante”?

R: Partiu. Partiu concretamente de quem era na altura o director da “Forum Estudante”.

P: Que era você?

R: Era. E a reacção inicial foi uma gragalhada, achar que era uma ideia louca, que não fazia sentido nenhum, que não seria realizável. Mas depois conforme se foram estudando os argumentos, começou-se a perceber que podia fazer algum sentido. Sobretudo porque permitia realmente ter um impacto mediático muito grande. E começaram a juntar-se as peças e a decisão de avançar. Isto em início de Dezembro de 91. Isto coincide também com uma destas viagens, aqui em Lisboa, a passar pela Rocha Conde de Óbidos e estar lá um navio chamado Lusitânia Expresso, estar lá parado. Fazia todo o sentido que fosse aquele navio e começámos os contactos para chegar aquele navio. Fomos falar com o armador a dizer o que queríamos e por razões

que ele lá saberia, o armador entendeu aceitar a nossa proposta e fez connosco um contrato de aluguer do navio para este efeito.

P: E quanto é custou isso?

R: Na altura, correspondente à moeda actual estamos a falar de 500 mil euros, 100 mil contos. Era imenso dinheiro e sobretudo nós que estávamos a assinar o contrato éramos um grupo de jovens que não tínhamos dinheiro nenhum.

P: E como é que arranjaram?

R: Depois da assinatura do contracto começou a ser feito um trabalho de *fundraising*, de procurar apoios financeiros junto de empresas portuguesas, de bancos, de recolhas de fundos, imensas recolhas de fundos nas várias cidades universitárias. Depois há toda a mobilização das universidades portuguesas para este tema recordando a componente portuguesa que estava no Lusitânia Expresso, eram os presidentes das Associações Académicas de todo o país e portanto fizeram-se imensas recolhas de fundos, concertos, etc. E foi-se reunindo o dinheiro suficiente para as várias etapas e depois renegociando também com o armador na fase final global do contracto.

P: Houve alguma ligação à Igreja Católica? E de que forma?

R: Houve boa e má. Eu partilho da sua tese e até vou mais longe. Timor não seria independente se não existisse a Igreja Católica. Eu tenho profunda convicção disso e tenho provas disso, no sentido de evidências disso. Porque na verdade o que garante, protege a existência da resistência é a Igreja Católica que constitui um ambiente num contexto onde a resistência tem condições de sobreviver nos anos mais difíceis à ocupação e permite que depois mais à frente floresça. Fiz isso também na minha tese sobre o agendamento mediático para Timor-Leste e um dos pontos tem a ver com a religião, com a questão do catolicismo. Mas dizia eu, o Lusitânia Expresso... nós no momento inicial de decidir fazer o Lusitânia consultámos vários padres timorenses que estão espalhados fora de Timor em vários locais do mundo nomeadamente Macau e Bruxelas.

P: Consultaram quem? Quer dar exemplos?

R: Prefiro não dar. Não tendo autorização deles prefiro não dar. Perguntei-lhes o que é que lhes parecia porque era importante perceber a opinião dos timorenses e particularmente da Igreja Timorense. E portanto essa posição foi sempre muito favorável e muito entusiástica que fizéssemos porque nós tínhamos muito apoio por parte da resistência, particularmente do Dr. Ramos-Horta que era o representante oficial de Xanana Gusmão e da resistência na altura. Mas era importante também

ouvirmos a Igreja e esses vários padres. E depois há um episódio que é público que mesmo já na fase muito avançada do Lusitânia, já o Lusitânia estava a caminho, houve declarações do bispo de Díli na altura, D. Carlos Ximenes Belo, dizendo para o Lusitânia não ir. Portanto a Igreja, através do bispo de Díli, depois de termos recebido indicações de pessoas muito próximas dele para avançar, a certa altura faz essa declaração.

P: Mas as pessoas muito próximas eram quem? O vigário-geral?

R: Eram padres timorenses. O que aconteceu para nós foi muito claro. Na altura evidentemente não era fácil para D. Carlos Ximenes Belo e para a Igreja Timorense colocados perante a questão do que dizer. Estavam em permanente pressão da Indonésia e mais tinham receio, e isso eu percebia, que pudesse haver um 12 de Novembro e pudesse haver um novo massacre e que mais jovens timorenses morressem. Hoje essa questão está completamente ultrapassada.

P: É assim que interpreta a reacção de D. Carlos?

R: Sim. Eu acho que D. Carlos Ximenes Belo que foi muito fundamental em todo o processo e foi muito importante para a independência de Timor, teve um papel muito importante mas nem sempre em linha recta. D. Carlos Ximenes Belo era muito hábil, era um homem, um intelectual muito inteligente e muito hábil. Como em geral, é traço da Igreja Timorense e da resistência timorense, souberam sempre adaptar-se dizendo coisas inesperadas. Basta ver o que é que Xanana Gusmão disse depois de ser capturado e depois o que é que disse no julgamento. Esses dois momentos de Xanana Gusmão explica bem o padrão de avanço e em zigue zag típico dos timorenses no tempo da ocupação. E creio que é a interpretação que eu faço do tempo de D. Ximenes Belo na altura em que foram muito hostis. Nós na altura ponderíamos mesmo parar a missão. E foi de novo a consultar padres timorenses, os quais que eu não quero citar o nome, que perguntámos a esses padres mas expliquem-nos lá o que é que isto quer dizer, estas declarações.

P: E o que é que eles disseram?

R: E foram eles exactamente que nos deram esta explicação. D. Carlos Ximenes Belo evidentemente não pode dizer outra coisa se não isso. Com a pressão toda do 12 de Novembro que tinha acabado de acontecer. Com a pressão dos indonésios em cima. Com medo do que pudesse acontecer de novo um massacre, não esperariam que ele fosse dizer força, venham, fantástico. Obviamente ele teria que ter uma posição distinta dessa. Isso fez-nos continuar mesmo contra essa afirmação de D. Carlos

Ximenes Belo. Mas portanto a Igreja teve um papel muito importante em todo esse processo no Lusitânia embora evidentemente fosse uma iniciativa de jovens estudantes. Não era uma iniciativa de nenhuma instituição ligada à Igreja.

P: Mas vocês tinham ligações à Igreja. Você concretamente tem?

R: Ligações neste sentido de consulta, de audição, de escuta.

P: Mas todas as pessoas que compõem esse “Forum Estudante” não tinham?

R: Não.

P: Mas você tem.

R: Sou católico e sempre tive. A minha ligação aos jesuítas é muito forte. Apesar de ser leigo, eu fui secretário-geral do Centro Universitário Padre António Vieira em Lisboa. Fiz parte da equipa de fundação desse projecto com o padre António Vaz Pinto. E a ideia, o conceito do “Forum Estudante” nasceu no CUPAV. Depois eu mais tarde vim a desenvolvê-lo autonomamente com a revista Forum Estudante, como uma empresa já fora do registo do CUPAV. A minha ligação à Igreja era e é e vai até tornar-se mais evidente. Mas na altura enquanto missão “Paz em Timor” não era uma iniciativa relacionada com a Igreja, nem teve qualquer ligação institucional.

P: Mas esteve lá o padre José Baptista.

R: Estamos a falar da Igreja Timorense. Em relação à Igreja Portuguesa também não explicitamente. O padre José Alves Baptista estava por via de uma ONG com o professor Barbedo. O padre Baptista não esteve enquanto Igreja, esteve enquanto uma ONG. Mas evidentemente até nessa altura da parte da Igreja Católica, e bem, por exemplo dos jesuítas isso era muito evidente, havia alguma distância em relação... os jesuítas não tiveram nada a ver com a missão “Paz em Timor”. Não porque não achavam que não seria uma boa ideia mas porque estavam preocupados com os jesuítas que lá estavam em Timor. Os jesuítas com quem eu tinha uma óptima relação mantiveram-se sempre completamente afastados desta iniciativa porque estavam jesuítas portugueses em Timor-Leste que eram pessoas chave em todo o processo de resistência. Quando se escrever a História completa desta independência de Timor-Leste, três nomes portugueses que lá estavam de uma forma clara (dois jesuítas e um salesiano) são fundamentais em todo o processo. Estou a falar do Padre João Felgueiras e do Padre José Martins, por um lado, o irmão Ornelas (menos) e o padre João de Deus. Estes 3 foram os únicos que fizeram os 24 anos da ocupação.

P: Passavam muita informação.

R: E formavam o clero todo. O padre João Felgueiras e o padre José Martins quando estavam no Externato eram chave. O padre João de Deus tem um papel muito importante no terreno, que está muito ligado á resistência, que funciona como um canal fundamental. Mas o padre Felgueiras e o padre Martins, são quem forma as elites timorenses e particularmente o clero timorense autóctene, a nova geração.

P: Mas eles tinham outros a começar no D. Martinho.

R: Mas o D. Martinho sai cedo, é pressionado a sair. E depois há uma grande razia nos padres mais antigos, que aliás inicialmente estavam todos pela ocupação, eram contra os comunistas basicamente. Mas há depois toda uma formação de uma nova geração já sob a égide quer de Dare ,quer depois do Externato S. José, quer do seminário de Díli que o padre João Felgueiras e o padre José Martins têm um papel fundamental. Com esta coisa extraordinária ainda por cima de serem estrangeiros e de se manterem sempre a navegar ali com uma habilidade fantástica. Mas para voltar ao ponto inicial, a Igreja Católica não teve nada a ver como Lusitânia, teve até uma distância crítica por parte dos jesuítas e quando o D. Ximenes Belo tomou esta posição algumas estruturas da Igreja seguiram-no. Por exemplo a Rádio Renascença que foi sempre muito hostil em relação ao “Lusitânia Expresso” seguiu muito aquilo que eram as indicações do D. Carlos Ximenes Belo.

P: Mas quando falo da estrutura considero nela os padres que também pertencem à estrutura da Igreja, porque a Igreja Católica em Portugal até nem se envolvia muito. Mas envolviam-se pontualmente alguns padres.

R: Exactamente. E concretamente alguns até de forma indirecta por via de ONGs como o padre Baptista. Eu acho que a Igreja Católica Portuguesa não sei se diferia muito do padrão geral dos decisores em Portugal. Não acreditavam que algum dia Timor pudesse ser independente e tinham dúvidas se não era mais sensato um acordo, um bom acordo de autonomia integrado na Indonésia, do que uma luta por uma causa impossível. A sensação que tive de muitos interlocutores religiosos e políticos é que achavam que era uma causa impossível e achavam que era muito pouco sensato lutar por uma utopia. Seria muito mais realista tentar um bom acordo de um estatuto de autonomia para Timor-Leste.

P: O Lusitânia parte em Março daqui ou chega lá em Março?

R: Chega lá em Março. Parte cerca de um mês antes. O Lusitânia era um ferry, nem sequer tinha camarotes para dormir. O Lusitânia era um cacelheiro melhorado com

transporte também de viaturas no seu interior. Vai sozinho com a tripulação e o grupo só entra em Darwin.

P: Eram cento e tal.

R: Cento e vinte e nove. Havia jornalistas que eram uma peça fundamental. Se os estudantes eram muito importantes, os jornalistas eram ainda mais. Se não estivessem, nada daquilo fazia sentido. Aliás uma das fragilidades do Lusitânia com boa capacidade de acção do indonésios e dos seus aliados australiados foi o bloqueio à capacidade de ter transmissão video satélite a partir do Lusitânia. Nenhuma empresa australiana alugou o equipamento. As televisões todas tentaram alugar equipamento de transmissão por satélite a partir do navio e todas as empresas australianas... e nem era a questão de custos porque todas as televisões estavam dispostas a pagar o que fosse preciso. A Austrália tinha uma posição na altura completamente pró-Indonésia, muito hostil face ao Lusitânia. Tentaram por todos os meios possíveis que o Lusitânia não acontecesse. E nesse sentido os estudantes, jornalistas e alguns convidados especiais. Não só o general Ramalho Eanes mas também alguns internacionais muito importantes. Entre os quais em termos simbólicos a viúva do Greg Shekleton, um dos jornalistas assassinados em Balibó, o James Dunn que era um dos combatentes que tinha estado como um dos combatentes que tinha estado no comando australiano em Timor e que tinha toda a experiência do contributo de Timor para defender a Austrália no apoio aos comandos australianos para combater os japoneses. Estava o senhor Chopra, um indiano muito importante que presidia a uma rede de advogados. Estava o vice-reitor de uma Universidade Americana. Estavam várias personalidades que eram importantes para várias redes públicas.

P: E da Igreja estava só o padre José Baptista?

R: Estava um outro padre português também mas que estava no Japão. O padre Jaime Coelho também jesuíta e que foi via Japão, via uma ONG japonesa que participou na missão. Eram os dois únicos religiosos que estavam na missão “Paz em Timor”. E esta composição: os estudantes que eram os protagonistas, os jornalistas que eram quem dava visibilidade e os convidados especiais que reforçavam o peso específico da missão foi a composição escolhida para ter impacto mediático.

P: E depois como é que tudo se passou?

R: Ainda enquanto esperávamos na Austrália porque o Lusitânia atrasou-se porque a viagem foi difícil até lá, ainda hoje estamos para perceber como é que chegou lá e como é que regressou inteiro. Apanhou muito mau tempo pelo caminho, a viagem foi

bastante complicada. Nós chegámos e acabámos por ter de esperar uma semana já com o navio em Darwin. E foi uma experiência de grande stress porque primeiro os participantes na missão não se conheciam e estavam sujeitos a um ambiente tal de stress e de alta pressão externa com as embaixadas todas a enviarem os seus representantes para obrigarem os estudantes a desistirem. Não se sabia o que é que ia acontecer. E com a pressão para que desistissem, com os jornais australianos todos os dias a publicarem notícias alarmantes que a missão era comandada por um grupo de suicidas que se fariam explodir o navio à frente dos indonésios para os culpar de novo do incidente. Tudo isso foram coisas que foram passando e que foram criando uma inquietação tremenda nos participantes que estavam à espera. Com todo o stress de estar à espera. Com toda a pressão externa dos media australianos, das embaixadas e consulados, dos próprios serviços secretos indonésios que também estavam por perto. A missão esteve para acabar antes de partir. Houve o risco de desistir, os estrangeiros todos... e se isso acontecesse era um fracasso completo. Os portugueses estavam muito firmes e criou-se uma relação fortíssima dos portugueses e criaram um espírito de corpo muito forte. E há todo um processo muito bonito, muito interessante em termos de dinâmica de grupo, de grupo multinacional, estamos a falar de 29 países, de pessoas que não se conheciam, com culturas diferentes, com desconfianças e preconceitos uns em relação a outros. E há todo um processo de discussão, de participação e de liberdade no exercício da decisão, um grande momento que a missão tem. Foi a discussão dos vários cenários, o que é que se faria em cada caso. Se o navio fosse bloqueado, se o navio fosse preso, se houvesse um ataque, se o navio chegasse a Díli.

P: Já sabiam o que é que iam fazer.

R: Em todos os cenários estava definido o que é que se faria. E é a partir dessa definição de cenários que depois há um momento que é fundamental e que eu, que era o coordenador da missão, digo a todos os participantes: estão desobrigados de ir. Agora quem quiser ir assina um papel a dizer que quer ir, consciente de ir livremente, aceita a direcção da coordenação da missão e que cumprirá as indicações que forem dadas. E há ali 24 horas de decisão das pessoas. E quando se reúne é uma sessão muito bonita. Primeiro a ver os portugueses logo mas depois os outros progressivamente a levantarem-se e a virem entregar o seu papel. E acabarmos por ficar fora seis, sete pessoas, não mais.

P: Vocês punham mesmo a hipótese de chegar a Díli?

R: Podia acontecer. Não era muito provável. O que era mais provável era obviamente este cenário de bloqueio. Era o que era óbvio que faria sentido que acontecesse porque era para a Indonésia o que teria menores custos. Mas os indonésios tinham cometido tantos erros antes que nós admitíamos tudo como possível. É bom lembrarmos que os indonésios tinham cometido o erro do 12 de Novembro.

P: Vocês não iam correr o risco de matar não sei quantos estrangeiros.

R: Quando me dizem não havia risco nenhum eu conto duas histórias. Foi o que o Greenpeace nos disse. Foi a primeira instituição que contactámos para nos emprestar o navio e o Greenpeace disse: “que ideia fantástica, gostamos imenso mas nós só fazemos acções com marinhas Ocidentais. França, Inglaterra, Estados Unidos. Com a Indonésia não porque achamos que eles são muito imprevisíveis.” O Greenpeace tem essa característica.

P: Mas o objectivo também é mediático.

R: É mediático medindo o risco no sentido que sabem como aconteceu. Quando a Marinha francesa meteu um navio do Greenpeace ao fundo caiu o governo francês. Mas se a Indonésia meter um navio do Greenpeace ao fundo não acontecia nada na Indonésia na altura com um regime ditatorial. E depois mais à frente uma das pessoas que esteve para ir era a filha do Dr. Mário Soares, na altura Presidente da República, a Dr^a Isabel Soares. E por informações que nós não sabemos quais são, à última hora desistiu. A indicação que tínhamos era por questões de segurança. Finalmente os jornais todos diziam que o navio se ia fazer explodir portanto criando todo o clima para se acontecesse alguma coisa já tinham dito que era um grupo suicida. Estava criado o “frame” de enquadramento do que ia acontecer. Não sabia eu na altura que realmente se tivesse existido algum problema, um tiro no Lusitânia Expresso, demoraria 3 minutos a afundar. Como era um ferry completamente oco por dentro, não tinha câmaras de contenção de enchimento de inundação, iria ao fundo num instante. Felizmente eu não sabia. Mas nós todos tínhamos consciência. Por exemplo o general Ramalho Eanes que eu não conhecia e que ganhei uma enorme admiração por ele pela forma como ele esteve e se comportou no Lusitânia, fez o seu testamento antes de ir. As pessoas ponderavam que pudesse acontecer tudo. E portanto sabe que prognósticos depois do jogo são sempre fáceis. Era óbvio que o que faria sentido era que eles bloqueassem porque quereria dizer menor dano. Poderiam ter a tentação de uma atitude hostil. Uma das coisas que nós tínhamos dos democratas indonésios com quem estavam em ligação e que eram muito importantes para nós como fonte de

informação do que estava a acontecer na Indonésia (eram os que estavam exilados na Holanda), diziam-nos: “cuidado porque há uma facção dura, ainda mais dura que o Soeharto, dentro do exército, dentro das Forças Armadas, que tentará encravar o Soeharto ao máximo para o mandar abaixo. Cuidado, eles podem perfeitamente fazer um novo 12 de Novembro só para encravar o Soeharto.” E por outro lado, havia também o cenário possível do navio ser preso e ser levado para uma das ilhas indonésias. Isso seria o *jackpot*. Seria fantástico, era o que todos queríamos que acontecesse porque com seis ou sete americanos a bordo só isso seria uma festa em termos de causa. E havia a hipótese de deixar passar. Porque os indonésios poderiam ter uma qualquer demonstração de força à chegada a dizer que controlavam a situação. Mas eu acho que eles rapidamente desistiram desta situação porque perceberam..

P: Porque estava muita gente à vossa espera...

R: Perceberam que se chegássemos era um levantamento popular. Hoje nós sabemos esses detalhes todos. Na altura não sabíamos. A resistência estava toda preparada para um levantamento que provavelmente seria uma coisa incontronável. E neste sentido, nós quando avançámos tínhamos os cenários todos em cima da mesa. Há declarações minhas nos dias anteriores que o mais provável é que existisse um bloqueio e foi o que aconteceu.

P: E depois conte-me a viagem.

R: O desfecho é dia 11. Talvez tenhamos partido a 9. Estamos a falar de um dia e meio de viagem. Nós partimos ao final de um dia. Navegámos essa primeira noite, o dia seguinte todo e depois nessa noite e na madrugada é que surgem os navio indonésios. Estamos a falar de um grupo de mais de 150 pessoas num navio que não tem condições para viagens longas, onde as pessoas dormiam espalhadas pelo deck, pela sala de estar, etc. Os banhos eram a partir sobretudo da água do mar. Onde havia condições muito desagradáveis, difíceis, às quais se somava o calor. O calor era muito desagradável. Há uma série de premissas iniciais, dos australianos para não nos deixarem partir, preocupações nossas de que eles tentassem bloquear a saída do navio de Darwin. Depois lá conseguimos acabar por partir e na segunda noite, ao início da noite surgiram os primeiros sinais no radar. E o que alguns acharam que eram navios mercantes que iam para Darwin, os pontos de radar foram-se aproximando, começámos a ver as luzes até que vimos as luzes passarem ao nosso lado. E dizia o imediato do Lusitânia, com muita graça: “estas luzes são estranhas, são muito baixas

para o habitual.” Sem nenhuma comunicação, evidentemente. Só tínhamos o radar e as luzes. Ele dizia: “são luzes muito baixas para um navio mercante. Não parece ser um navio mercante.”

P: Era a Marinha indonésia?

R: A primeira fragata chega, passa por detrás de nós, coloca-se ao nosso lado direito e navega toda a noite em silêncio. Mais tarde uma segunda do lado esquerdo. E portanto eles navegam toda a noite junto a nós, sem nenhuma comunicação, só procurando intimidar. Nós tínhamos programado tudo para chegar às águas territoriais de Timor na manhã do dia seguinte para ter luz. Estava tudo pensado ao detalhe para jornalistas e para as televisões. Porque estava connosco a CNN. Um dos factos mais importantes, talvez o facto mais importante foi a primeira vez que passou Timor na CNN.

P: Nem o massacre?

R: Nem o massacre. A CNN estava a nascer nessa altura e tinham uma coisa que era uma regra chave. Cobriam o que dizia respeito aos Estados Unidos. E cobriram isto porque estavam lá americanos. E os americanos que estavam conseguiram mobilizar eles próprios a CNN e a CNN foi. Foi a primeira vez que a CNN cobriu a questão de Timor. Nem com o massacre. E isso foi muito importante. Porque a CNN estava a bordo e nós procurámos chegar à zona de contacto com os indonésios. E portanto quando chegámos há todo o aparato que é conhecido. As fragatas à nossa volta, à nossa frente, os helicópteros, os aviões e mais algumas coisas que não pudésemos ver, debaixo de água, onde há uma operação que quando entramos nas águas de Timor, que os indonésios desenvolvem para bloquear o navio. E fazendo isto (há imagens quer de fotografias quer de video), as fragatas que iam ao nosso lado, quando entramos dentro das águas territoriais, ficam à nossa frente. Ficam à nossa frente e isso, por exemplo, em termos de lei do mar, se um navio civil mete proa a um navio militar quer dizer atitude hostil. Daria legitimidade ao navio militar para se defender. Estes fazem isso claramente para bloquear e estavam os canhões apontados para o Lusitânia. Fazem vários avisos. Obviamente o cenário que nós tínhamos definido é: se for bloqueado esta missão não é uma missão suicida, o objectivo máximo é não colocar vidas em perigo. É fazer toda esta operação com o menor dano possível de vidas humanas, quer dos timorenses que estão em Timor quer dos que aqui estão. E nós não forçaremos a passagem até porque não tínhamos como, um cacilheiro contra uma esquadra de navios de guerra.

P: Mas estava ganho o vosso objectivo.

R: Obviamente. O que não foi completamente ganho (é um detalhe mas é muito importante para perceber missão) é que nós tínhamos pensado ficar mais tempo ali, junto aos indonésios. Mas havia dois pequenos detalhes que se conjugaram. Um é que estávamos em mar alto, não podíamos lançar ferro, o navio não podia ficar fixo, o que quer dizer que estávamos sempre a perder as comunicações. Cada vez que o navio rodava um bocadinho perdia o satélite. Para todo o impacto mediático que se queria ter, precisava de ter comunicação satélite veloz, e sobretudo para os contactos com as Nações Unidas, etc. Começámos sempre a ficar sem comunicações. Depois colocámos bem a hora de luz para chegar mas calculámos mal a hora das Nações Unidas em Nova Iorque. Estava a chegar ao fim do dia e portanto metia-se a noite e o impacto junto das Nações Unidas tinha de esperar mais 12 horas. E depois sobretudo o que foi decisivo, foi as equipas de televisão virem ter comigo dizerem: “Oiça está a ver estes helicópteros aqui por cima, está a ver estes navios. Estão cheios de equipas de televisão. Que história é que quer ver contada nas redes internacionais de televisão? As imagens que os indonésios fazem ou as nossas. Porque nós daqui não temos forma de fazer chegar as imagens. Não temos comunicação de satélite video e portanto para fazer chegar as imagens que temos aos circuitos internacionais, temos que chegar a um sítio suficientemente próximo da Austrália para que um helicóptero venha buscar as imagens.” E eu reflecti, conversei com as pessoas da missão e passado 3 horas decidi regressar. Porque o que para nós era importante era obviamente as imagens, era obviamente a forma como se ia contar a história e o impacto mediático. E é muito interessante perceber como isso foi tão importante porque as primeiras imagens não mostram nada do aparato à nossa volta. Só mostram o Lusitânia e o Lusitânia a voltar para trás. As imagens que as agências internacionais tinham eram dos indonésios a contar a história de que o Lusitânia tinha chegado e voltado para trás. Só as nossas é que mostravam o aparato todo que estava à nossa volta. E portanto algumas horas depois veio o helicóptero ter connosco e apanhar as imagens nomeadamente as da CNN para pôr depois na CNN.

P: Mas ainda fizeram uma cerimónia religiosa.

R: Há um momento de lançamento da coroa de flores no mar de Timor e a leitura das bem-aventuras que foi o texto que foi escolhido e portanto uma marca religiosa, aí explícita, com o padre Baptista. Mas depois com a leitura de cada uma das bem-aventuras por uma pessoa de cada nacionalidade dos países presentes. É realmente

uma cerimónia muito bonita. Muito emotiva, muito frustrada com todos os participantes muito tristes. Nós estávamos a ver Timor e não conseguir passar. Mas por outro lado conscientes que a missão estava cumprida mas que não terminava ali. Ia continuar. Como nós dissémos para vidas que se cruzaram ali no Lusitânia, depois nunca mais Timor saiu da nossa vida. E há um momento muito bonito que é 20 anos depois, estarmos em Díli no 12 de Novembro numa homenagem prestada pelo governo timorense, com uma exposição grande, uma conferência internacional, com uma romagem ao cemitério, mesmo no dia 12 de Novembro, dos que estiveram o Lusitânia Expresso. Em Dezembro de 2012.

P: Desse grupo que esteve no Lusitânia, eram pessoas ligadas à Igreja?

R: Não. Eram essencialmente de Associações Académicas na sua esmagadora maioria. Nacionais e internacionais. O que tinha de outros temas de ligação à Igreja só talvez que sejam interessantes é que realmente, depois com o conhecimento progressivo, no contacto cada vez mais próximo com Timor, eu fui conhecendo cada vez melhor a realidade e depois mesmo em 2000, eu fui viver para Timor um ano, construí o Centro Juvenil onde tive oportunidade de viver e estar muito próximo do padre João Felgueiras e do padre José Martins, da Rosalina Dias da Costa. A hipótese de conhecer a realidade de Timor e depois a tese de mestrado em Ciências da Comunicação porque me permitiu estudar a fundo o que é que também tinha acontecido do lado de Timor. E permitiu perceber a importância da Igreja. Talvez deixasse 3 ou 4 ideias que talvez possam ser úteis. Eu tenho a convicção foi absolutamente decisivo para o futuro de Timor a presença da Igreja Católica. Não só como identidade de resistência, aquela primeira decisão quando os indonésios obrigam a que no novo bilhete de identidade esteja a religião e a afirmação dos timorenses que não era nem por sombras maioritariamente católicos, de se afirmarem católicos por identidade de resistência e de oposição face aos muçulmanos indonésios. Foi muito importante e depois todo o trabalho das estruturas da Igreja e dos catequistas, foi chave em todo o processo. De muitos padres que foram fundamentais no apoio à resistência. Alguns deles chegando a alojar líderes da resistência, caso do padre Mário Belo que já morreu. As histórias do padre Mário Belo com o Xanana são de morrer a rir porque além de tudo ele era divertidíssimo. Eu conheci-o. Os padres timorenses foram completamente fundamentais. Mas depois há um momento em que a determinada altura ninguém percebeu a importância mas que foi completamente decisivo que foi a ida do Papa. A ida do Papa é absolutamente fundamental. É a ida

do Papa que faz abrir nas redacções de todos os meios de comunicação internacional, o dossier de Timor porque os jornalistas têm de se preparar para a visita, têm de abrir o dossier. E isso é muito bem retratado hoje em dia. O Papa só pelo facto de ter ido colocou Timor-Leste na agenda.

P: E leva jornalistas, é importante. E depois a manifestação.

R: É fundamental. Portanto é chave esse ponto. Aliás o facto da existência da estátua perto de Taci-Tolu reflecte muito a leitura que os timorenses fazem da importância dessa visita de 89. Para além de todos os gestos muito bonitos que o Papa teve nessa altura que as pessoas não decodificaram do qual os timorenses falam muito e o padre João Felgueiras concretamente que relata isto com grande emotividade e o padre Martins, do gesto do Papa que fez uma coisa que nunca tinha feito antes e que nunca voltou a fazer depois. A diplomacia vaticana é sempre muito rigorosa em tudo o que se faz. Com aquele tema beija ou não beija o chão à chegada a Timor.

P: Contornaram a situação e beijou a cruz.

R: Esse gesto é de uma beleza e de um significado extraordinário. Naquela terra, naquele solo onde tinha desaparecido e sido morta tanta gente. Do significado do Cristo crucificado. Portanto a ida do Papa é muito importante. E depois a questão da identidade religiosa não pela identidade religiosa em si mesmo mas como um fenómeno identitário. É sempre muito descrita a importância de ouvir as orações no massacre de Santa Cruz como som de fundo e como referência e ainda por cima em português e a ponte que isso criou connosco. Eu tenho essa convicção sobre a importância da Igreja. Timor é profundamente asiático no sentido de Timor é muito mais complexo e sofisticado do que se pensa. Nós ocidentais somos muito lineares em muita coisa, somos muito básicos. E os timorenses não são. E então no tempo da resistência... quando se veio a descobrir mais tarde o papel de Mário Carrascalão como um elemento fundamental da resistência quando na altura era o governador ao serviço dos indonésios, é realmente muito timorense.

P: É a forma deles actuaem. Muito dissimulada.

R: E muito competente e muito capaz na forma como faziam.

P: E o bispo também.

R: É. E os padres também o sabiam ser muito bem. E portanto ninguém esquece como os indonésios estavam completamente convencidos que iam ganhar o referendo. Os indonésios foram muitas vezes muito ingénuos. Os timorenses deram-lhes a volta de uma forma fantástica. Isso quer dizer que é preciso saber interpretar os timorenses.

É preciso saber o que é quer dizer exactamente quando dizem isto ou aquilo e perceber como é que foram conseguindo de uma forma extraordinária resistir.

P: Na rede que criou a partir do Lusitânia Expresso, a Igreja comunicava a partir de si?

R: Nem por isso. Não. só mais tarde. Com a ida para Timor em 2000, aí é que a relação com a Igreja Timorense fica muito mais forte. Antes é muito a resistência. A seguir ao Lusitânia, nós criámos duas redes muito fortes: com a resistência nomeadamente com o Dr Ramos-Horta que é sempre o nosso interlocutor, o Dr. Roque Rodrigues. São os nossos dois interlocutores. E depois a partir de 94 começamos a criar uma rede muito importante que tinha indirectamente a ver com a Igreja que era a rede conhecida como a RENETIL, os jovens que iam fazendo os assaltos às embaixadas tinham o nosso apoio e que hoje constituem a geração que está, que tem muito peso como o Fernando Lassama que já morreu. Essa é depois a nossa rede de grande proximidade.